



Galera

Castelo
Animado



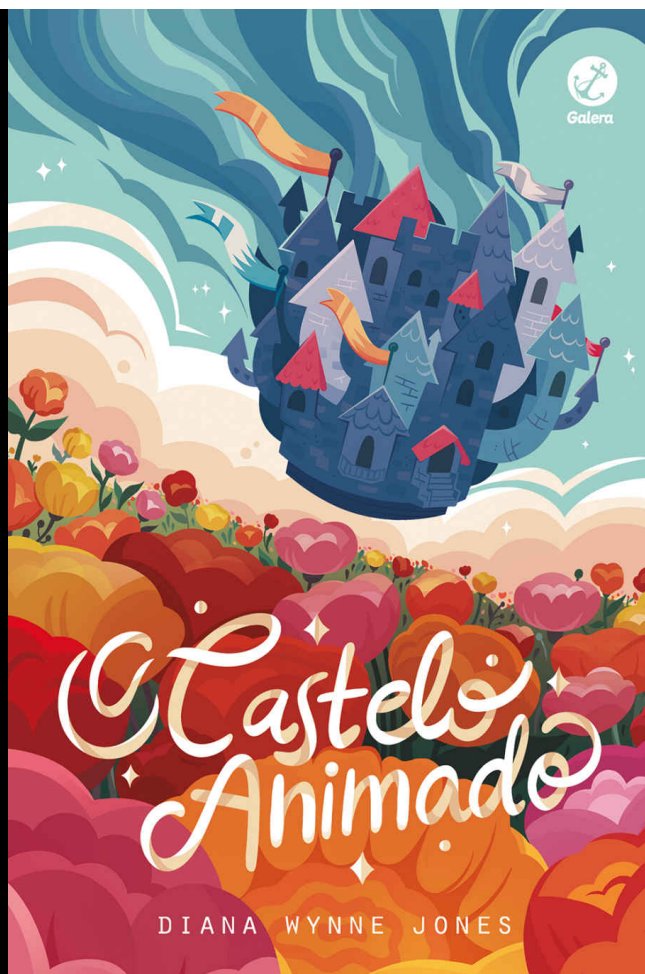
Castelo
no AR



A Casa
dos muitos
Caminhos

DIANA
WYNNE
JONES





O Castelo Animado

D I A N A W Y N N E J O N E S

Tradução
Raquel Zampil

9ª edição

— **Galera** —
RIO DE JANEIRO
2021

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

Jones, Diana Wynne, 1934-2011

J67c O castelo animado [recurso eletrônico] / Diana Wynne Jones; tradução Raquel Zampil. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2021.
recurso digital

Tradução de: Howl's moving castle

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-021-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil inglesa. 3. Livros eletrônicos. I. Zampil, Raquel. II. Título.

21-71091

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(410.1)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Título original:

Howl's Moving Castle

Copyright © Diana Wynne Jones, 1986

Publicado primeiramente por Methuen Children's Books Ltd, 1986.

Publicado primeiramente por Collins, 2000.

Leitura sensível: Wlance Keindé

Projeto gráfico: Renan Salgado e João Carneiro

Ilustrações: Isadora Zeferino

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a
propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-021-5

Seja um leitor preferencial Record

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br



Este é para Stephen

A ideia para este livro me foi sugerida, numa escola que eu visitava, por um menino que me pediu que escrevesse um livro chamado *O castelo animado*.

Anotei o nome do menino e o guardei num lugar tão seguro que até hoje não consegui encontrá-lo.

Gostaria de agradecer muito a ele.

SUMÁRIO

Capítulo um	
Capítulo dois	
Capítulo três	
Capítulo quatro	
Capítulo cinco	
Capítulo seis	
Capítulo sete	
Capítulo oito	
Capítulo nove	
Capítulo dez	
Capítulo onze	
Capítulo doze	
Capítulo treze	
Capítulo catorze	
Capítulo quinze	
Capítulo dezesseis	
Capítulo dezessete	
Capítulo dezoito	
Capítulo dezenove	
Capítulo vinte	
Capítulo vinte e um	





CAPÍTULO UM

No qual Sophie fala com chapéus

Na terra de Ingary, onde coisas como botas de sete léguas e mantos de invisibilidade existem, é um verdadeiro infortúnio ser a mais velha de três irmãs. Todos sabem que é você quem vai sofrer o primeiro, e maior, fracasso se as três saírem em busca da sorte.

Sophie Hatter era a mais velha das três irmãs. E não era nem mesmo a filha de um pobre lenhador, o que poderia ter lhe dado alguma chance de sucesso. Seus pais eram abastados, donos de uma chapelaria feminina na próspera cidade de Market Chipping. Bem verdade que a mãe morrera quando Sophie tinha 2 anos e a irmã, Lettie, 1, e o pai se casara com a vendedora mais nova da loja, uma jovem linda e loura chamada Fanny — que logo deu à luz a terceira irmã, Martha. Isso deveria ter feito de Sophie e Lettie as Irmãs Feias, mas, na realidade, as três garotas cresceram muito bonitas, embora Lettie fosse considerada por todos a mais bonita. Fanny tratava as três garotas com a mesma bondade e de modo nenhum favorecia Martha.

O sr. Hatter tinha orgulho das três filhas e colocou todas na melhor escola da cidade. Sophie era a mais estudiosa. Lia muito e logo se deu conta de que tinha pouca chance de um futuro interessante. Para ela isso foi uma decepção, mas mesmo assim continuou feliz, cuidando das irmãs e preparando Martha para buscar sua sorte quando chegasse a hora. Como Fanny estava sempre ocupada na chapelaria, era Sophie quem cuidava das duas mais novas, que volta e meia se engalfinhavam, em meio a gritos e puxões de cabelo. Lettie não se sentia nem um pouco resignada em ser aquela que, depois de Sophie, estava destinada a ter menos sucesso.

— Não é justo! — gritava Lettie. — Por que Martha deve ficar com o melhor só porque nasceu caçula? Eu vou me casar com um príncipe, vou, sim!

Ao que Martha sempre replicava que *ela* seria muitíssimo rica sem ter de se casar com ninguém.

Então Sophie tinha de separá-las e consertar-lhes as roupas. Era muito hábil com a agulha. Com o passar do tempo, começou a fazer roupas para as irmãs. Havia um traje de um rosa vivo que fizera para Lettie usar no feriado de Primeiro de Maio antes do início desta história, que, segundo Fanny, parecia ter saído da loja mais cara de Kingsbury.

Nessa época todos recomeçaram a falar sobre a Bruxa das Terras Desoladas. Diziam que a Bruxa havia ameaçado a vida da filha do Rei e que este ordenara a seu mágico pessoal, o Mago Suliman, que fosse às

Terras Desoladas enfrentar a Bruxa. E parecia que o Mago Suliman havia não só falhado ao enfrentar a Bruxa, como acabara morto por ela.

Assim, quando, alguns meses depois, um castelo alto e preto surgiu de repente nas colinas acima de Market Chipping, lançando nuvens escuras de fumaça de suas quatro torres altas e esguias, todos estavam quase certos de que a Bruxa saíra das Terras Desoladas outra vez e estava prestes a aterrorizar o país, como costumava fazer cinquenta anos antes. Todo mundo ficou muito assustado. Ninguém saía sozinho, principalmente à noite. Mais aterrorizante ainda era que o castelo não ficava sempre no mesmo lugar. Às vezes era uma mancha comprida e escura no pântano a noroeste, outras vezes se erguia acima dos rochedos ao leste, e às vezes descia e se assentava no urzal, pouco além da última fazenda ao norte. Em certas ocasiões dava para vê-lo se movendo, a fumaça saindo das torres em rolos cinzentos e sujos. Por algum tempo, todo mundo tinha certeza de que o castelo logo desceria até o vale, e o Prefeito falava em pedir ajuda ao Rei.

No entanto, o castelo continuou perambulando pelas colinas, e soube-se que ele não pertencia à Bruxa, mas sim ao Mago Howl, que já era mau o bastante. Embora não parecesse querer deixar as colinas, sabia-se que se divertia colecionando garotas e sugando-lhes a alma. Algumas pessoas diziam que ele devorava o coração delas. Era um mago cruel e desalmado, e nenhuma garota estava a salvo dele se fosse apanhada sozinha. Sophie, Lettie e Martha, assim como todas as outras jovens de Market Chipping, eram advertidas de que nunca saíssem sozinhas, o que era uma grande contrariedade para todas. Elas se perguntavam que fim o Mago Howl dava a todas as almas que colecionava.

Logo, porém, elas se viram com outras preocupações, pois o sr. Hatter morreu subitamente, assim que Sophie tinha idade suficiente para deixar a escola. Ficou evidente, então, que o sr. Hatter tinha mesmo muito orgulho das filhas. As mensalidades escolares que ele vinha pagando haviam deixado a chapelaria com dívidas bem pesadas. Logo após o enterro, Fanny sentou-se na sala de visitas da casa adjacente à chapelaria e explicou a situação.

— Infelizmente, vocês todas vão ter de deixar a escola — disse. — Estou fazendo todas as contas possíveis, e a única maneira que vejo de manter a loja e cuidar de vocês três é colocá-las como aprendizes em

algum lugar. Não é prático mantê-las todas aqui na loja. Não podemos nos dar a esse luxo. Então, eis o que decidi: Lettie, primeiro...

Lettie ergueu o rosto, tão resplandecente de saúde e beleza que nem o sofrimento nem as roupas pretas conseguiam ocultar.

— Eu quero continuar estudando — disse ela.

— E você vai, querida — disse Fanny. — Arranjei para que você seja aprendiz no Cesari's, o café na Praça do Mercado. Eles são conhecidos por tratarem seus aprendizes como reis e rainhas, e você deve ser muito feliz lá, além de aprender uma profissão útil. A sra. Cesari é uma boa cliente e amiga, e concordou em aceitá-la, como um favor.

Lettie riu de uma forma que demonstrava que não estava nem um pouco satisfeita.

— Bem, obrigada — disse ela. — Não é uma sorte eu gostar de cozinhar?

Fanny pareceu aliviada. Lettie podia ser embaraçosamente determinada às vezes.

— Agora, Martha — disse ela. — Sei que você é jovem demais para trabalhar fora, então pensei em algo que lhe oferecesse um aprendizado longo e tranquilo e continuasse sendo útil a você, seja lá o que decidir fazer depois. Conhece minha velha amiga de escola Annabel Fairfax?

Martha, que era esguia e loura, fixou os olhos grandes e cinzentos em Fanny de maneira quase tão determinada quanto Lettie.

— Aquela que fala muito? — perguntou. — Ela não é uma feiticeira?

— É, com uma linda casa e clientes por todo o Folding Valley — disse Fanny, ansiosa. — Ela é uma boa mulher, Martha. Vai lhe ensinar tudo o que sabe e muito provavelmente a apresentará às pessoas importantes que conhece em Kingsbury. Você estará bem estabelecida quando tiver concluído o aprendizado com ela.

— É uma mulher simpática — admitiu Martha. — Tudo bem.

Sophie, ao ouvir, sentiu que Fanny havia resolvido tudo exatamente como deveria ser. Lettie, como a segunda filha, não tinha grandes chances de conquistar muito, então Fanny a colocou num local onde pudesse encontrar um jovem e belo aprendiz e viver feliz para sempre. Martha, destinada a se dar bem e fazer fortuna, teria a feitiçaria e amigos ricos para ajudá-la. Quanto a si própria, Sophie não tinha dúvidas do que estava por vir. Portanto, não ficou surpresa quando Fanny disse:

— Agora, Sophie querida, parece certo e justo que você, sendo a mais velha, herde a chapelaria quando eu me aposentar. Portanto, resolvi tomá-la eu mesma como aprendiz, para lhe dar a oportunidade de dominar o negócio. O que acha?

Sophie não podia dizer que simplesmente se sentia resignada à chapelaria. Agradeceu a Fanny.

— Então está resolvido! — afirmou Fanny.

No dia seguinte, Sophie ajudou Martha a arrumar suas roupas numa caixa, e na manhã do outro dia todas a ajudaram a embarcar numa carroça, parecendo pequena, empertigada e nervosa. O caminho para Upper Folding, onde morava a sra. Fairfax, ficava além das colinas, depois do castelo animado do Mago Howl. Martha estava assustada, o que era compreensível.

— Vai dar tudo certo para ela — disse Lettie, que recusou qualquer ajuda para fazer as malas. Quando a carroça estava fora do campo de visão, Lettie enfiou todos os seus pertences numa fronha e pagou ao criado do vizinho seis *pence* para levá-los num carrinho de mão até o Cesari's, na Praça do Mercado.

Lettie marchou atrás do carrinho de mão parecendo muito mais alegre do que Sophie esperava. De fato, ela teve a presença de espírito de limpar a poeira da chapelaria de seus pés.

O criado retornou com um bilhete rabiscado por Lettie, dizendo que ela havia colocado suas coisas no dormitório feminino e que o Cesari's parecia muito divertido. Uma semana depois, o carroceiro trouxe uma carta de Martha, dizendo que ela chegara em segurança e que a sra. Fairfax era “muito querida e usa mel em tudo. Ela cria abelhas”. Isso foi tudo que Sophie soube de suas irmãs durante algum tempo, pois começou seu próprio aprendizado no dia em que Martha e Lettie partiram.

Sophie, naturalmente, já conhecia muito bem o negócio de chapéus. Desde garotinha entrava e saía correndo do grande galpão no pátio, onde os chapéus eram umedecidos e moldados em blocos, e flores e frutas e outras ornamentações eram feitas de cera e seda. Sophie conhecia as pessoas que trabalhavam na chapelaria. A maior parte já estava ali quando o pai dela era um garoto. Conhecia Bessie, a única balconista que restava. Conhecia os clientes que compravam os chapéus e o carroceiro que trazia chapéus de palha crua do interior para serem preparados no galpão. Conhecia os outros fornecedores e sabia como fazer feltro para chapéus de

inverno. Não havia muito o que Fanny pudesse lhe ensinar, exceto, talvez, a melhor forma de fazer um cliente comprar um chapéu.

— Você conduz o cliente ao chapéu certo, querida — orientou Fanny. — Mostre primeiro os que não vão servir, de modo que eles vejam a diferença tão logo coloquem o certo.

Na verdade, Sophie não vendia muitos chapéus. Após um dia ou dois observando no galpão, e outro dia visitando o vendedor de tecido e o negociante de seda com Fanny, esta a pôs para aprender a decorar chapéus. Sophie ficava numa pequena alcova nos fundos da loja, costurando rosas em gorros e véus em chapéus, debruando-os todos com seda e decorando-os elegantemente com frutas de cera e fitas. Era boa nisso. E gostava desse trabalho. Mas sentia-se isolada e um pouco entediada. O pessoal da oficina era muito velho para ser divertido e, além disso, tratava-a como alguém à parte, a futura herdeira do negócio. Bessie a tratava da mesma forma. De qualquer maneira, o único assunto de Bessie era o fazendeiro com quem se casaria na semana seguinte ao Primeiro de Maio. Sophie quase invejava Fanny, que podia sair para negociar com o vendedor de seda sempre que quisesse.

A coisa mais interessante era a conversa dos fregueses. Ninguém compra um chapéu sem fofocar. Sophie ficava sentada em seu quartinho, costurando e ouvindo que o Prefeito não comia verduras, e que o castelo do Mago Howl havia se deslocado para os penhascos novamente, e aquele homem, sussurro, sussurro, sussurro... As vozes sempre baixavam quando falavam do Mago Howl, mas Sophie deduzia que ele havia capturado uma garota mais abaixo no vale no mês passado. “Barba-Azul!”, diziam os sussurros, e então as vozes voltavam a se tornar audíveis para observar que Jane Farrier estava uma verdadeira desgraça com o cabelo daquele jeito. *Aquela* era uma que nunca atrairia nem mesmo o Mago Howl, muito menos um homem respeitável. Então se ouvia um fugaz e temeroso sussurro sobre a Bruxa das Terras Desoladas. Sophie começou a achar que o Mago Howl e a Bruxa das Terras Desoladas deviam era ficar juntos.

— Eles parecem feitos um para o outro. Alguém devia arranjar esse casamento — disse ela ao chapéu que costurava naquele momento.

No entanto, no fim do mês, as fofocas na loja pareciam, de repente, ser todas sobre Lettie. O Cesari's, aparentemente, estava repleto de cavalheiros, da manhã até a noite, comprando grandes quantidades de bolo e exigindo que fossem servidos por Lettie. Ela já recebera dez propostas

de casamento – do filho do Prefeito ao rapaz que varria as ruas – e tinha recusado todas, dizendo que era muito jovem para se decidir.

— Eu diria que é muito sensato da parte dela — afirmou Sophie a um gorro em que prendia a seda.

Fanny ficou satisfeita com as notícias.

— Eu sabia que ela ia ficar bem! — disse, contente. Ocorreu a Sophie que Fanny estava feliz por Lettie não estar mais por perto.

— Lettie é ruim para a clientela — disse ela ao gorro, plissando a seda cor de cogumelo. — Ela faria até você parecer glamuroso, sua coisinha velha. Outras mulheres olham para Lettie e se desesperam.

À medida que as semanas se passavam, Sophie falava cada vez mais com os chapéus. Não havia muita gente com quem conversar. Fanny estava fora, negociando ou tentando atrair fregueses grande parte do dia, e Bessie estava ocupada servindo e contando a todos seus planos de casamento. Sophie adquirira o hábito de pôr, conforme ia terminando, cada chapéu em seu suporte, onde eles ficavam parecendo com uma cabeça sem corpo. Ela fazia uma pausa para dizer a cada um como o corpo dele deveria ser. Adulava os chapéus um pouco como o lojista devia adular os clientes.

— Você tem um encanto misterioso — disse ela a um que era todo de véus com brilhos ocultos.

A um de abas largas e cor creme, com rosas debaixo da aba, ela disse:

— Você vai ter de se casar por dinheiro!

E a um de palha cor de lagarta, com uma pena anelada e verde, falou:

— Você parece novo como uma folhinha da primavera.

Aos gorros cor-de-rosa, ela dizia que tinham charme e covinhas, e aos chapéus da moda, ornamentados com veludo, que eram espirituosos. Disse ao gorro plissado cor de cogumelo:

— Você tem um coração de ouro e alguém, de posição alta, verá isso e se apaixonará por você. — Isso porque ela sentia pena daquele gorro. Ele parecia tão exigente e feioso.

Jane Farrier foi à chapelaria no dia seguinte e o comprou. De fato, o cabelo dela parecia um pouco estranho, pensou Sophie, espiando de seu quartinho, como se Jane o houvesse enrolado em torno de uma série de atizadores de brasa. Parecia uma pena que ela tivesse escolhido aquele gorro. Mas aparentemente todo mundo estava comprando chapéus e gorros naqueles dias. Talvez fosse a conversa de vendedora de Fanny ou quem

sabe a chegada da primavera, mas a chapelaria estava, sem sombra de dúvida, se recuperando. Fanny começou a dizer, com um pouco de culpa:

— Acho que eu não deveria ter tido tanta pressa em arranjar um lugar para Martha e Lettie. Nesse ritmo, provavelmente conseguiríamos nos manter.

Havia tantos clientes à medida que abril chegava ao fim e o Primeiro de Maio se aproximava que Sophie teve de pôr um vestido cinza recatado e ajudar na loja também. No entanto, tamanha era a demanda que ela mal tinha tempo de costurar os chapéus entre um cliente e outro, e todas as noites os levava para a casa ao lado, onde trabalhava à luz da lamparina noite adentro para que tivessem chapéus à venda no dia seguinte. Chapéus verde-lagarta como o da mulher do Prefeito eram muito procurados, assim como os gorros cor-de-rosa. Então, na semana que antecedeu o Primeiro de Maio, uma pessoa entrou na loja e pediu um cor de cogumelo com pregas, igual ao que Jane Farrier estava usando quando fugiu com o Conde de Catterack.

Naquela noite, enquanto costurava, Sophie admitiu para si mesma que sua vida era bastante sem graça. Em vez de conversar com os chapéus, ela experimentou cada um deles ao finalizá-los e olhou-se no espelho. Foi um erro. O vestido cinza muito sério não combinava com Sophie, principalmente quando seus olhos estavam avermelhados pelo esforço de costurar, e, como seu cabelo era cor de palha avermelhada, tampouco ficavam bem nela o verde-lagarta ou o cor-de-rosa. O de pregas cor de cogumelo a deixava com uma aparência simplesmente enfadonha.

— Como uma velha criada! — disse Sophie.

Não que ela quisesse fugir com algum conde, como Jane Farrier, ou mesmo sonhasse com toda a cidade lhe pedindo a mão, como Lettie. Mas queria fazer algo — não sabia bem o quê — um pouco mais interessante do que costurar chapéus. Ela pensou em encontrar tempo no dia seguinte para ir falar com Lettie.

Mas não foi. Ou não encontrou tempo ou não encontrou disposição, ou pareceu-lhe uma grande distância até a Praça do Mercado, ou ela se lembrou de que, sozinha, corria perigo com o Mago Howl — de qualquer forma, a cada dia parecia mais difícil sair para ver a irmã. Era muito estranho. Sophie sempre acreditara que era tão determinada quanto Lettie. Agora descobria que havia algumas coisas que ela só podia fazer quando não houvesse mais desculpas.

— Isso é um absurdo! — disse Sophie. — A Praça do Mercado fica a apenas duas ruas daqui. Se eu correr...

E jurou para si mesma que iria até o Cesari's quando a chapelaria fechasse para o Primeiro de Maio.

Nesse meio-tempo, um novo boato chegou à loja. Diziam que o Rei havia brigado com o irmão, Príncipe Justin, que então fora para o exílio. Ninguém sabia qual fora o motivo da briga, mas o Príncipe de fato passara por Market Chipping disfarçado alguns meses antes, e ninguém soubera. O Conde de Catterack fora enviado pelo Rei à procura do Príncipe, quando, por acaso, conheceu Jane Farrier. Sophie ouviu e ficou triste. Parecia que coisas interessantes aconteciam mesmo, mas sempre com outras pessoas. Ainda assim, seria bom ver Lettie.

Chegou o Primeiro de Maio. Os folguedos enchiam as ruas desde o amanhecer. Fanny saiu cedo, mas Sophie tinha alguns chapéus para terminar. Ela cantava enquanto trabalhava. Afinal, Lettie estava trabalhando também. O Cesari's ficava aberto até a meia-noite nos feriados. “Vou comprar um daqueles bolinhos com creme”, decidiu Sophie. “Há séculos que não como um.” Ela via as pessoas passarem pela janela com roupas coloridas, outras em pernas de pau, vendedores de suvenires, e sentiu-se muito animada.

Mas quando finalmente pôs um xale cinza sobre o vestido da mesma cor e saiu à rua, não estava mais animada. Sentia-se sufocada. Havia gente demais indo e vindo, rindo e gritando, barulho e agitação em excesso. Para Sophie, era como se os últimos meses que passara sentada costurando a tivessem transformado numa velha ou numa semi-inválida. Ela apertou o xale em torno do corpo e seguiu em frente, mantendo-se perto das casas, evitando ser pisoteada pelas pessoas com seus melhores sapatos ou empurrada por cotovelos em fartas mangas de seda. Quando veio uma saraivada de estrondos de algum lugar acima deles, Sophie pensou que fosse desmaiar. Ergueu os olhos e viu o castelo do Mago Howl logo ali na colina acima da cidade, tão perto que parecia estar pousado sobre as chaminés. Chamas azuis eram lançadas de todas as quatro torres do castelo, trazendo consigo bolas de fogo azul que explodiam no céu, de forma medonha. O Mago Howl parecia ofendido pelo Primeiro de Maio. Ou talvez fosse uma tentativa de participar, à sua moda. Sophie estava aterrorizada demais para se importar com isso. Ela teria voltado para casa se a essa altura não estivesse a meio caminho do Cesari's. Então, correu.

— O que me fez pensar que eu queria uma vida interessante? — perguntou-se enquanto corria. — Eu teria muito medo. É o que dá ser a mais velha de três.

Quando alcançou a Praça do Mercado, estava pior, se isso fosse possível. A maior parte das pousadas ficava na praça. Turbas de jovens andavam para lá e para cá, pavoneando-se sob o efeito da cerveja, arrastando casacos e mangas longas e batendo botas afiveladas que jamais sonhariam usar num dia de trabalho, falando alto e abordando as garotas. Estas passeavam aos pares, prontas para serem abordadas. Era perfeitamente normal para o Primeiro de Maio, mas Sophie sentia medo disso também. E, quando um jovem num fantástico traje azul e prata avistou Sophie e resolveu abordá-la, ela se encolheu no vão da porta de uma loja e tentou se esconder.

O jovem a olhou, surpreso.

— Está tudo bem, meu ratinho cinzento — disse ele, rindo, com certa compaixão. — Só quero lhe oferecer uma bebida. Não fique tão assustada.

O olhar de pena fez Sophie sentir-se extremamente envergonhada. Ele era um tipo muito vistoso, com o rosto sofisticado e anguloso — um tanto velho, já passado dos 20 anos — e cabelo louro penteado de forma rebuscada. Suas mangas esvoaçavam mais que as de qualquer outro na praça, debruadas e com detalhes em prata.

— Ah, não, obrigada, senhor — gaguejou Sophie. — Eu... eu estou indo ver minha irmã.

— Então, por favor, faça isso — riu o ousado rapaz. — Quem sou eu para separar uma jovem tão bonita de sua irmã? Gostaria que eu a acompanhasse, já que parece tão assustada?

Ele falou com gentileza, o que deixou Sophie ainda mais envergonhada.

— Não. Não, obrigada, senhor! — arquejou ela e passou rapidamente por ele, que estava perfumado. O aroma de jacintos seguiu-a enquanto ela corria. Que homem refinado!, pensou Sophie, abrindo caminho entre as mesinhas do lado de fora do Cesari's.

As mesas estavam lotadas. O interior do estabelecimento também estava cheio e tão barulhento quanto a praça. Sophie localizou Lettie na fila de balconistas por causa do grupo de inequívocos filhos de fazendeiros debruçados no balcão, gritando comentários para ela. Lettie, ainda mais bonita e talvez um pouco mais magra, colocava bolos em sacolas o mais

rápido que podia, torcendo cada sacola habilmente e olhando para trás, sob o cotovelo, com um sorriso e uma resposta para cada sacola que torcia. Ouviam-se muitas risadas. Sophie teve de lutar para conseguir chegar ao balcão.

Lettie a viu. Pareceu abalada por um momento. Então seus olhos e seu sorriso se abriram e ela gritou:

— Sophie!

— Posso falar com você? — berrou Sophie. — Em algum lugar — continuou, um tanto indefesa, enquanto um enorme e bem-vestido cotovelo a afastava do balcão.

— Só um momento! — respondeu Lettie. Virou-se para a garota ao seu lado e sussurrou algo. A garota assentiu, deu um sorriso e veio para o lugar de Lettie.

— Vocês terão de se contentar comigo — disse à multidão. — Quem é o próximo?

— Mas eu quero falar com você, Lettie! — disse um dos filhos de fazendeiros.

— Fale com Carrie — respondeu ela. — Eu quero conversar com minha irmã. — Ninguém pareceu de fato se importar. Empurraram Sophie até a extremidade do balcão, onde Lettie erguia uma aba e lhe um fazia sinal, e disseram-lhe que não retivesse Lettie o dia todo. Quando Sophie passou para o outro lado do balcão, a irmã a agarrou pelo pulso e a arrastou para os fundos da loja, até uma sala cercada por estantes de madeira, todas repletas por fileiras de bolos. Lettie puxou dois bancos.

— Sente-se — disse ela. Olhou na estante mais próxima, distraída, e entregou a Sophie um bolinho com creme tirado de lá. — Talvez precise disto.

Sophie afundou-se no banco, aspirando o cheiro delicioso do bolo e sentindo-se um pouco chorosa.

— Ah, Lettie! — disse. — Estou tão feliz em ver você!

— É, e eu estou feliz por você estar sentada — disse Lettie. — Olhe, eu não sou a Lettie. Sou a Martha.



CAPÍTULO DOIS

No qual Sophie é compelida a ir em busca do seu destino

— O quê? — Sophie fitava a garota no banco diante dela. Parecia Lettie. Estava usando o segundo melhor vestido azul de Lettie, um azul maravilhoso que combinava perfeitamente com ela. Tinha o cabelo escuro e os olhos azuis de Lettie.

— Eu sou Martha — disse a irmã. — Quem você pegou cortando as calcinhas de seda de Lettie? *Eu* nunca contei isso a ela. Você contou?

— Não — disse Sophie, perplexa. Agora ela podia ver que era Martha. Era o jeito de Martha inclinar a cabeça e segurar os joelhos com as mãos, girando os polegares. — Por quê?

— Eu estava apavorada com a possibilidade de você vir me ver — disse Martha —, porque sabia que teria de contar. Agora que contei, me sinto aliviada. Prometa que não vai dizer a ninguém. Sei que não dirá se prometer. Você é tão correta...

— Eu prometo — concordou Sophie. — Mas por quê? Como?

— Lettie e eu planejamos tudo — contou Martha, girando os polegares —, porque ela queria aprender feitiçaria e eu, não. Lettie tem cérebro, e quer um futuro em que possa usá-lo... Mas tente dizer isso à mamãe! Ela tem tanto ciúme de Lettie que não admite nem que ela tem cérebro!

Sophie não podia acreditar que Fanny fosse daquele jeito, mas não fez nenhum comentário.

— Mas e você?

— Coma o bolinho — disse Martha. — É gostoso. Ah, sim, eu posso ser esperta também. Só precisei de duas semanas com a sra. Fairfax para descobrir o feitiço que estamos usando. Eu me levantava à noite e lia os livros dela em segredo, e foi fácil, de verdade. Então perguntei se podia visitar minha família e a sra. Fairfax concordou. Ela é um amor. Pensou que eu estivesse com saudades de casa. Peguei o feitiço e vim para cá, e Lettie voltou para a casa da sra. Fairfax fingindo ser eu. O difícil foi a primeira semana, quando eu não sabia todas as coisas que deveria saber. Foi horrível. Mas descobri que as pessoas gostam de mim... elas gostam de você, sabe, se *você* gostar delas... E deu tudo certo. E a sra. Fairfax não expulsou Lettie de lá, portanto, acho que ela também conseguiu se virar.

Sophie mastigava o bolo sem sentir o sabor.

— Mas o que a levou a querer fazer isso?

Martha balançou-se no banco, mostrando um largo sorriso no rosto de Lettie e girando os polegares num alegre rodopio cor-de-rosa.

— Quero me casar e ter dez filhos.

— Você não tem idade suficiente! — disse Sophie.

— Ainda não — concordou Martha. — Mas, veja, eu preciso começar cedo para ter tempo de ter dez filhos. Além disso, dessa forma posso esperar e ver se a pessoa que eu quero gosta de mim como *eu mesma*. O feitiço vai diminuir gradualmente, e eu vou ficar cada vez mais parecida comigo, sabe?

Sophie estava tão atônita que terminou o bolinho sem ter percebido de que tipo era.

— Por que dez filhos?

— Porque esse é o número que eu quero — replicou Martha.

— Eu nunca soube disso!

— Bem, não seria bom falar sobre isso com você tão ocupada apoiando mamãe quando o assunto era eu fazer uma fortuna — disse Martha. — Você acreditava que a intenção de mamãe era boa. Eu também acreditei, até que papai morreu e vi que ela só estava tentando se livrar de nós, colocando Lettie onde ela encontraria um monte de homens e acabaria se casando, e me mandando para o lugar mais longe possível! Eu estava tão furiosa que pensei: por que não? E falei com Lettie, que estava tão furiosa quanto eu, e planejamos tudo. Agora estamos bem. Mas nós duas nos sentimos mal por sua causa. Você é inteligente e boa demais para ficar enfiada naquela loja o resto da vida. Conversamos sobre isso, mas não conseguimos pensar no que podíamos fazer.

— Eu estou bem — protestou Sophie. — Só é um pouco chato.

— Está bem? — exclamou Martha. — É, você provou que está bem não vindo aqui por meses e então aparecendo com esse vestido e esse xale cinza horrorosos, parecendo ter medo até mesmo de *mim*! O que mamãe está *fazendo* com você?

— Nada — disse Sophie, constrangida. — Estamos bastante ocupadas. Você não devia falar sobre Fanny desse jeito, Martha. Ela é sua mãe.

— É, e eu sou parecida com ela o bastante para entendê-la — replicou Martha. — Foi por isso que ela me mandou para tão longe, ou pelo menos tentou. Mamãe sabe que não é preciso ser cruel com uma pessoa para explorá-la. Ela sabe o quanto você é dedicada. Sabe que tem essa coisa de ser um fracasso por ser a mais velha. Ela manipula você perfeitamente e faz com que trabalhe para ela feito uma escrava. Aposto que não paga você.

— Ainda sou aprendiz — protestou Sophie.

— Eu também, mas recebo salário. Os Cesari sabem que mereço — disse Martha. — Aquela chapelaria está ganhando uma *fortuna* agora, e tudo por sua causa! Você criou aquele chapéu verde que faz a mulher do Prefeito parecer uma colegial estonteante, não foi?

— Verde-lagarta. Eu o enfeitei — disse Sophie.

— E o gorro que Jane Farrier estava usando quando encontrou aquele nobre — prosseguiu Martha. — Você é um gênio com chapéus e roupas, e mamãe sabe disso! Você selou a sua sorte ao fazer aquela roupa para Lettie no Primeiro de Maio do ano passado. Agora ganha o dinheiro enquanto mamãe sai por aí passeando...

— Ela sai para fazer as compras — disse Sophie.

— Fazer as compras! — gritou Martha. Os polegares giraram. — Isso ela faz na metade de uma manhã. Eu já a vi, Sophie, e ouvi os comentários. Ela sai por aí numa carruagem alugada e de roupa nova à sua custa, visitando todas as mansões pelo vale! Dizem que ela vai comprar aquela propriedade grande no Fim do Vale e estabelecer-se lá com estilo. E onde você está?

— Bem, Fanny tem direito a algum prazer após todo o trabalho que teve em nos criar — disse Sophie. — Suponho que eu vá herdar a loja.

— Que destino! — exclamou Martha. — Ouça...

Mas, naquele momento, duas estantes vazias de bolo foram puxadas na outra extremidade do cômodo, e um aprendiz meteu a cabeça ali.

— Pensei ter ouvido sua voz, Lettie — disse ele, sorrindo de forma amistosa e sedutora. — Saiu a nova fornada. Avise a eles.

A cabeça de cabelos cacheados e com um pouco de farinha tornou a desaparecer. Sophie pensou que ele parecia um bom rapaz. Queria perguntar se era ele o rapaz de quem Martha gostava, mas não teve chance. A irmã levantou-se rapidamente, ainda falando.

— Preciso buscar as garotas para levar todas essas estantes para a confeitaria — disse ela. — Me ajude com a extremidade desta. — Arrastou a estante mais próxima e Sophie a ajudou a passá-la pela porta, entrando na loja cheia e barulhenta. — Você precisa fazer alguma coisa em relação a si mesma, Sophie — ofegou Martha enquanto prosseguiram. — Lettie vivia dizendo que não sabia o que aconteceria com você quando não estivéssemos por perto para lhe dar alguma autoestima. Ela estava certa em se preocupar.

Na confeitaria, a sra. Cesari segurou nos braços volumosos a estante que traziam, gritando instruções, e uma fila de pessoas passou por Martha, apressadas, indo buscar mais. Sophie gritou um até-logo e escapuliu no meio do alvoroço. Não parecia direito tomar mais tempo de Martha. Além disso, queria ficar sozinha para pensar. Correu para casa. Agora havia fogos de artifício sendo lançados do campo à margem do rio, onde acontecia a Feira, competindo com os disparos azuis do castelo de Howl. Mais do que nunca, Sophie sentiu-se como uma inválida.

Ela pensou e pensou durante quase toda a semana que se seguiu, e tudo que conseguiu foi ficar mais confusa e descontente. As coisas simplesmente não pareciam ser do jeito como ela havia acreditado que eram. Estava pasma com Lettie e Martha. Enganara-se com elas durante anos. Mas não podia acreditar que Fanny fosse o tipo de mulher que Martha descrevera.

Tinha muito tempo para pensar, pois Bessie se afastara para se casar e Sophie estava quase o tempo todo sozinha na loja. Fanny parecia mesmo estar muito ausente, passeando ou não, e os negócios ganharam um ritmo mais lento depois do Primeiro de Maio. Passados três dias, Sophie criou coragem para perguntar a Fanny:

— Eu não devia ganhar um salário?

— Com certeza, meu amor, com tudo o que você faz! — respondeu Fanny afetuosamente, ajeitando um chapéu adornado com rosas diante do espelho da loja. — Vamos ver isso assim que eu tiver acabado a contabilidade esta noite. — Então ela saiu e só voltou depois que Sophie já havia fechado a loja e levado os chapéus daquele dia para casa a fim de finalizá-los.

Sophie, a princípio, sentiu-se mesquinha por ter dado ouvidos a Martha, mas, quando Fanny não fez menção ao salário nem naquela noite nem em nenhum momento daquela semana, Sophie começou a pensar que Martha tinha razão.

— Talvez eu esteja mesmo sendo explorada — disse a um chapéu que estava enfeitando com seda vermelha e um cacho de cerejas de cera —, mas alguém tem de fazer isso. Caso contrário, não haverá nenhum chapéu para vender. — Ela terminou aquele e começou outro, preto e branco, muito elegante, e um pensamento novo lhe ocorreu: — O que importa se não tiver chapéu para vender? — Ela olhou para os chapéus reunidos, em suportes ou numa pilha, à espera de acabamento. — Para que servem todos

vocês? — indagou-lhes. — A mim, certamente, não estão fazendo nenhum bem.

E viu-se a um triz de sair de casa e ir em busca de seu destino, até que se lembrou de que era a primogênita, e, portanto, isso de nada serviria. Ela apanhou o chapéu novamente, suspirando.

Ainda estava descontente, sozinha na loja na manhã seguinte, quando uma jovem feiosa entrou intempestivamente, girando um gorro plissado cor de cogumelo pelas fitas.

— Olhe para isto! — guinchou ela. — Você me disse que este era o mesmo gorro que Jane Farrier estava usando quando encontrou o conde. Você mentiu. Nada aconteceu comigo!

— Não é de surpreender — disse Sophie, antes que pudesse se controlar. — Se você é tola o bastante para usar este gorro com um rosto desses, não teria sabedoria para reconhecer o próprio Rei se ele lhe pedisse algo... Isso se ele não tivesse se transformado em pedra antes, ao olhar para você.

A freguesa fuzilou-a com os olhos. Então atirou o gorro em Sophie e saiu pisando duro da loja. Sophie cuidadosamente colocou o gorro no cesto de lixo, ofegante. A regra era: perca a paciência, perca um freguês. Ela acabara de confirmar a regra. E a perturbava saber o quanto fora divertido fazê-lo.

Mas Sophie não teve tempo para se recuperar. Ouviu-se o ruído de rodas e cascos de cavalo e uma carruagem escureceu a vitrine. A campainha da chapelaria soou e a freguesa mais ativa que ela já vira entrou, com uma estola de zibelina pendendo dos braços e diamantes piscando por todo o vestido preto. Os olhos de Sophie dirigiram-se primeiro ao amplo chapéu da senhora — plumas verdadeiras de avestruz tingidas para refletir os tons de rosa, verde e azul cintilando nos diamantes e ainda parecer negras. Esse era um chapéu de gente rica. O rosto da senhora era esmeradamente bonito. O cabelo castanho lhe dava uma aparência jovem, mas... Os olhos de Sophie alcançaram o jovem que seguia a senhora, o rosto ligeiramente sem forma, os cabelos avermelhados, bem-vestido, mas pálido e visivelmente preocupado. Ele fitou Sophie com uma espécie de horror suplicante. Era visivelmente mais novo do que a mulher. Sophie estava confusa.

— Srta. Hatter? — perguntou a mulher com voz musical porém autoritária.

— Sim — disse Sophie.

O homem pareceu ainda mais transtornado. Talvez a mulher fosse sua mãe.

— Ouvi dizer que vocês vendem os chapéus mais magníficos — disse a mulher. — Quero vê-los.

Sophie não confiava em si mesma, em seu atual humor, para responder. Foi buscar os chapéus. Nenhum deles condizia com a classe dessa senhora, mas Sophie podia sentir os olhos do homem a seguindo e isso a deixou constrangida. Quanto mais cedo a mulher descobrisse que os chapéus não lhe serviam, mais cedo o estranho casal iria embora. Ela seguiu o conselho de Fanny e mostrou os mais inadequados primeiro.

A mulher começou a rejeitar os chapéus imediatamente. “Covinhas”, disse ela em relação ao gorro cor-de-rosa, e “Juventude”, ao verde-lagarta. Para o que tinha brilho e véus, ela disse:

— Encanto misterioso. Que coisa mais óbvia. O que mais você tem?

Sophie apanhou o elegante preto e branco, que era o único chapéu com uma remota chance de interessar àquela senhora.

Ela o olhou com desprezo.

— Este não faz nada por ninguém. Está desperdiçando o meu tempo, srta. Hatter.

— Só porque a senhora entrou e pediu para ver chapéus — replicou Sophie. — Esta é só uma lojinha numa cidade pequena, madame. Por que a senhora... — Atrás da mulher, o homem arquejou. Ele gesticulava, parecendo tentar adverti-la de algo. — ...se deu o trabalho de entrar? — finalizou Sophie, perguntando-se o que estava acontecendo.

— Eu sempre me dou esse trabalho quando alguém tenta se posicionar contra a Bruxa das Terras Desoladas — respondeu a mulher. — Ouvi falar de você, srta. Hatter, e não dou a mínima para a sua competição ou sua atitude. Vim aqui para detê-la. Pronto. — Ela estendeu a mão, como se lançasse algo em direção ao rosto de Sophie.

— A senhora quer dizer que é a Bruxa das Terras Desoladas? — A voz de Sophie tremeu, parecendo ter se tornado outra por causa do medo e da perplexidade.

— Eu mesma — disse a mulher. — E que isso a ensine a não se meter com assuntos que me dizem respeito.

— Não creio que eu tenha feito isso. Deve haver algum engano — grasnou Sophie.

O homem agora a olhava totalmente horrorizado, embora ela não pudesse ver o porquê.

— Engano nenhum, srta. Hatter — disse a Bruxa. — Venha, Gaston. — Ela deu meia-volta e dirigiu-se à porta da loja. Enquanto o homem humildemente a abria para ela, a mulher voltou-se para Sophie. — Por falar nisso, você não vai conseguir dizer a ninguém que está sob o poder de um feitiço — disse ela.

A porta da chapelaria soou como um sino fúnebre quando ela saiu.

Sophie levou as mãos ao rosto, perguntando-se o que o homem tinha olhado com tanto horror. Então sentiu as rugas macias e profundas. Olhou para as mãos. Também estavam enrugadas e esqueléticas, com veias grossas no dorso e nós dos dedos salientes. Ela levantou a saia cinza e olhou os tornozelos e pés magricelas e decrepitos, o que deixara frouxos seus sapatos. Aquelas eram as pernas de alguém com uns 90 anos, e pareciam bem reais.

Sophie dirigiu-se ao espelho e percebeu que caminhava com dificuldade. O rosto no espelho refletia calma, pois ali estava o que ela esperava ver. Era o rosto de uma velha macilenta, murcho e encardido, emoldurado por cabelos brancos ralos. Seus olhos, amarelados e lacrimosos, fitavam-na do espelho, parecendo um tanto trágicos.

— Não se preocupe, sua velha — disse Sophie para o rosto. — Você parece ter bastante saúde. Além disso, essa aparência está bem mais próxima do que você é de verdade.

Ela pensou em sua situação com muita tranquilidade. Tudo parecia ter ficado calmo e distante. Não estava nem mesmo zangada com a Bruxa das Terras Desoladas.

— Bem, certamente vou cuidar dela quando tiver oportunidade — disse a si mesma —, mas, enquanto isso, se Lettie e Martha podem suportar ser uma a outra, eu posso suportar ser assim. Mas não posso ficar aqui. Fanny teria um ataque. Vamos ver. Este vestido cinza é bastante adequado, mas vou precisar do xale e de um pouco de comida.

Ela mancou até a porta da loja e cuidadosamente pendurou a placa de FECHADO. Suas articulações estalavam à medida que se movimentava. Tinha de andar curvada e devagar. Mas sentiu-se aliviada ao descobrir que era uma velha bem saudável. Não se sentia fraca ou doente, apenas rígida. Apanhou o xale e com ele envolveu a cabeça e os ombros, como fazem as mulheres idosas. Então arrastou os pés até a casa, onde pegou sua bolsa

com algumas moedas e um pedaço de pão e de queijo. Deixou a casa, escondendo a chave cuidadosamente no lugar de hábito, e começou a descer a rua, surpresa com a tranquilidade que sentia.

Ainda se perguntou se devia dizer adeus a Martha, mas não gostava da ideia de a irmã não a reconhecer. Era melhor simplesmente partir. Sophie resolveu que escreveria às duas irmãs quando chegasse ao lugar a que estava indo, e atravessou mancando a área onde tivera lugar a Feira, cruzou a ponte e seguiu pelas estradinhas campestres mais além. Era um agradável dia de primavera. Sophie descobriu que ser uma velha não a impedia de desfrutar a visão e o aroma das flores nas cercas vivas, embora a visão estivesse um pouco embaçada. Suas costas começaram a doer. Ela caminhava ainda com firmeza, mas precisava de uma bengala. Enquanto prosseguia, examinava as sebes em busca de uma vara solta.

Evidentemente, seus olhos não eram tão bons quanto antes. Ela pensou ter visto um galho, uns dois quilômetros adiante, mas, quando o puxou, viu que era a extremidade de um velho espantalho que alguém havia jogado ali. Sophie suspendeu a coisa, que tinha um nabo murcho como rosto. Ela percebeu que sentia certa afinidade com ele. Em vez de desmontá-lo e pegar a vara, ela o prendeu entre dois galhos da sebe, de modo que ele se erguia despreocupadamente com as mangas esfarrapadas nos braços de gravetos esvoaçando sobre a cerca.

— Aí está — disse ela, e sua voz dissonante a surpreendeu dando um cacarejo como risada. — Nenhum de nós dois está em situação muito boa, não é, meu amigo? Talvez você consiga voltar para o seu campo se eu o deixar onde as pessoas possam vê-lo. — Ela recomeçou a andar pela estrada, mas um pensamento ocorreu-lhe e ela voltou. — Se eu não estivesse condenada ao fracasso por minha posição na família — disse ela ao espantalho —, você podia ganhar vida e me oferecer ajuda para eu fazer fortuna. Mas eu lhe desejo sorte, de qualquer forma.

Ela riu novamente, voltando a caminhar. Talvez fosse um pouco louca, mas, afinal, as velhas sempre são.

Encontrou uma vara cerca de uma hora depois, quando se sentou na beira da estrada para descansar e comer seu pão com queijo. Ouviu ruído nos arbustos atrás dela: pequenos guinchos estrangulados, seguidos por movimentos que arrancavam pétalas de flores da sebe. Sophie rastejou com os joelhos ossudos para espiar o interior da sebe, em meio a folhas, flores e espinhos, e descobriu um cão magro e cinzento ali. Ele estava

aprisionado por uma sólida vara que, de alguma forma, se prendera numa corda amarrada no pescoço do animal. A vara havia se enfiado entre dois galhos do arbusto de forma que o cão mal podia se mover. Ele revirou os olhos selvagememente diante do rosto curioso de Sophie.

Jovem, Sophie tinha medo de cães. Mesmo como anciã, sentiu-se alarmada com as duas fileiras de dentes brancos visíveis na boca aberta do animal. No entanto, disse a si mesma: “Da maneira como estou agora, não vale muito a pena me preocupar com isso”, e procurou a tesoura no bolso de costura. Com ela, começou a serrar a corda em torno do pescoço do cão.

Ele estava muito arisco. Encolheu-se, afastando-se dela, e rosnou. Mas Sophie continuou cortando bravamente.

— Você vai morrer de fome ou sufocar até a morte, meu amigo — disse ela ao cão, em sua voz desafinada —, a menos que me deixe soltá-lo. Na verdade, acho que alguém já tentou estrangular você. Talvez isso explique sua ferocidade.

A corda tinha sido amarrada bem apertada no pescoço do animal, e a vara fora enroscada perversamente nela. Foi preciso serrar bastante antes que a corda se partisse e o cão pudesse se ver livre da vara.

— Você quer pão com queijo? — perguntou-lhe Sophie então.

Mas o cão limitou-se a rosnar para ela, arrastando-se para o outro lado da sebe, e escapuliu.

— Assim é que você agradece? — perguntou Sophie, esfregando os braços, que formigavam. — Pelo menos me deixou um presente, mesmo sem querer.

Ela puxou a vara que havia prendido o cachorro e descobriu que era uma bengala bem razoável, bem aparada e arrematada com ferro. Sophie terminou seu pão com queijo e recomeçou a andar. A estrada foi se tornando cada vez mais íngreme e ela viu na bengala um grande auxílio. Também era algo com que falar. Sophie marchou adiante com vontade, tagarelando com sua bengala. Afinal, gente velha frequentemente fala sozinha.

— Já tive dois encontros — disse ela — e nem sequer uma migalha de gratidão da parte de nenhum deles. No entanto, você é uma boa bengala. Não estou me queixando. Mas com certeza vou ter um terceiro encontro, mágico ou não. Na verdade, faço questão. E me pergunto como vai ser.

O terceiro encontro aconteceu mais para o fim da tarde, quando Sophie já estava quase no topo da colina. Um camponês descia a estrada

assoviando em sua direção. Um pastor, pensou ela, a caminho de casa depois de cuidar de suas ovelhas. Era um jovem bem forte, de uns 40 anos. “Santo Deus!”, disse Sophie a si mesma. “Esta manhã eu o teria visto como um velho. Como o ponto de vista pode mudar rápido!”

Quando o pastor viu Sophie murmurando consigo mesma, passou cuidadosamente para o outro lado da estrada e gritou com grande entusiasmo.

— Boa noite para a senhora, tia! Para onde está indo?

— Tia? — replicou Sophie. — Eu não sou sua tia, meu jovem!

— É um modo de falar — explicou o pastor, avançando junto da sebe oposta. — Eu só estava tentando fazer uma pergunta educada, vendo a senhora andando na direção das colinas no fim do dia. Não vai chegar a Upper Folding antes de anoitecer, não é?

Sophie não havia pensado nisso. Ela parou ali na estrada e refletiu.

— Na verdade, isso não tem importância — disse, quase para si mesma. — Não se pode ser exigente quando se está em busca da própria sorte.

— Verdade, tia? — perguntou o pastor. Ele agora havia se afastado de Sophie, descendo o morro, e parecia sentir-se melhor com isso. — Então eu lhe desejo mesmo boa sorte, tia, desde que seu destino não tenha nada a ver com enfeitiçar o rebanho das pessoas. — E partiu estrada abaixo com grandes passadas, quase correndo, mas sem chegar a tanto.

Sophie ficou olhando-o, indignada.

— Ele pensou que eu fosse uma bruxa! — disse ela à bengala.

Teve vontade de assustar o pastor gritando-lhe coisas horríveis, mas isso lhe pareceu um pouco cruel. Então seguiu morro acima, resmungando. Pouco depois, as sebes deram lugar a encostas nuas e as terras à frente tornaram-se uma região montanhosa coberta por urzes, as encostas íngremes além dela revestidas por uma grama amarela e crepitante. Sophie seguiu adiante. A essa altura, seus velhos pés calejados doíam, assim como as costas e os joelhos. Ela ficou cansada demais para resmungar e continuou andando, ofegante, até o sol estar bem baixo. E, de repente, Sophie percebeu que não podia dar mais nem um passo sequer.

Ela desabou sobre uma pedra na beira da estrada, perguntando-se o que faria agora.

— A única sorte que me ocorre agora é uma cadeira confortável! — arquejou.

A pedra estava numa espécie de promontório, o que dava a Sophie uma visão magnífica do caminho por onde viera. Lá estava quase todo o vale estendendo-se abaixo dela à luz do sol poente, todos os campos, muros e sebes, as curvas do rio e as lindas e ricas mansões brilhando entre arvoredos, até as montanhas azuis a distância. Logo abaixo dela estava Market Chipping. Sophie podia ver as ruas bem conhecidas. E a Praça do Mercado e o Cesari's. Ela poderia ter atirado uma pedra na chaminé da casa ao lado da chapelaria.

— Estou ainda tão perto! — disse Sophie à bengala, desalentada. — Toda essa caminhada e cheguei pouco acima do meu telhado!

Foi ficando frio na pedra à medida que o sol se punha. Um vento desagradável soprava em qualquer direção para a qual Sophie se voltasse a fim de evitá-lo. Agora já não lhe parecia sem importância que ela estivesse nas colinas durante a noite. Ela se viu pensando cada vez mais numa cadeira confortável e numa lareira, e também na escuridão e em animais selvagens. Mas, se voltasse para Market Chipping, só chegaria no meio da noite. Era melhor ir adiante. Suspirou e se pôs de pé, as articulações estalando. Era horrível. Todo o seu corpo doía.

— Eu nunca tinha me dado conta do que as pessoas idosas têm de suportar! — ofegou, subindo a estrada com dificuldade. — Mas não acredito que um lobo vá me comer. Eu devo estar muito seca e dura. Isso já é um conforto.

A noite caía agora com rapidez e as montanhas cobertas de urzes estavam cinza-azuladas. O vento se tornava mais cortante. Os arquejos de Sophie e os rangidos de suas articulações eram tão altos em seus ouvidos que demorou algum tempo para ela perceber que parte do ruído não vinha dela. E levantou os olhos embaçados.

O castelo do Mago Howl vinha ribombando aos solavancos em sua direção através do pântano. Uma fumaça escura saía em nuvens de trás de suas ameias pretas. O castelo parecia alto e estreito, opressivo e feio, e muito sinistro de fato. Sophie apoiou-se na bengala e ficou observando. Não estava particularmente assustada. Perguntava-se como ele se movia. Mas o principal pensamento em sua mente era que toda aquela fumaça devia significar que havia uma grande lareira em algum lugar por trás daqueles muros altos e escuros.

— Ora, por que não? — perguntou à bengala. — É pouco provável que o Mago Howl vá querer a minha alma para sua coleção. Ele só gosta de

moças jovens.

Ergueu a bengala e acenou com ela imperiosamente na direção do castelo.

— *Pare!* — gritou.

O castelo, obediente, parou ruidosamente a cerca de 15 metros acima do ponto onde ela estava. Sophie sentia certa satisfação enquanto mancava em sua direção.



CAPÍTULO TRÊS

No qual Sophie entra num castelo e num pacto

Havia uma imensa porta preta na parede também preta diante de Sophie, e ela foi até lá, mancando, animada. O castelo era ainda mais feio visto de perto. Era alto demais para a altitude em que se encontrava e seu formato não era muito regular. Tanto quanto Sophie podia ver na crescente escuridão era construído de enormes blocos pretos como carvão, e, assim como os de carvão, esses blocos tinham formatos e tamanhos diferentes. À medida que se aproximava, sentia a friagem que emanava deles, mas isso não a assustou. Ela só pensava em cadeiras e lareiras, e estendeu a mão ansiosamente para a porta.

Sua mão, porém, não conseguiu aproximar-se. Uma espécie de muro invisível a deteve a uns 30 centímetros da porta. Sophie tateou com um dedo irritado. Depois, o cutucou com a bengala. O muro parecia cobrir totalmente a porta, da altura onde a bengala alcançava até a urze que aparecia sob a soleira.

— Abra! — gritou Sophie.

Isso não teve nenhum efeito sobre o muro.

— Muito bem — disse Sophie. — Vou encontrar a porta dos fundos.

Ela foi cambaleando para o canto esquerdo do castelo, pois era ao mesmo tempo mais perto e se encontrava num declive. Mas Sophie não conseguiu dar a volta. O muro invisível a deteve novamente assim que ela alcançou as pedras angulares pretas e assimétricas. Nesse momento, Sophie proferiu uma palavra que aprendera com Martha, que nem senhoras nem jovens devem saber, e pôs-se a subir o morro, no sentido anti-horário, em direção ao canto direito do castelo. Ali não havia barreira. Ela dobrou a esquina e seguiu mancando impacientemente para a segunda grande porta preta no meio daquele lado do castelo.

Havia outra barreira ali.

Sophie fuzilou-a com o olhar.

— Acho isso muito inconveniente! — exclamou.

A fumaça preta soprou em nuvens vindas das ameias. Sophie tossiu. Agora ela estava zangada. Era velha, frágil, estava com frio e com dores pelo corpo todo. A noite estava chegando e aquele castelo ficava ali soprando fumaça nela.

— Vou falar com Howl sobre isso! — disse ela e dirigiu-se, furiosa, para o canto seguinte do castelo.

Ali não havia barreira — evidentemente era preciso dar a volta ao castelo no sentido anti-horário —, mas, um pouco mais para um lado na

parede seguinte, havia uma terceira porta — esta muito menor e em pior estado.

— A porta dos fundos, finalmente! — disse Sophie.

O castelo começou a mover-se quando Sophie se aproximou da porta dos fundos. O chão tremeu. A parede estremeceu e estalou, e a porta começou a deslizar para longe dela.

— Ah, não, você não vai fazer isso! — gritou Sophie. Correu atrás da porta e bateu violentamente nela com a bengala. — Abra! — berrou.

A porta abriu-se para dentro, ainda deslizando e afastando-se dela. Sophie, mancando furiosamente, conseguiu colocar um dos pés na soleira. Então saltou e agarrou-se, lutando para não cair, e tornou a saltar, enquanto os grandes blocos escuros em torno da porta sacolejavam e rangiam à medida que o castelo ganhava velocidade sobre a encosta irregular. Sophie não se surpreendeu que o castelo tivesse a aparência torta. O admirável era ele não cair aos pedaços de imediato.

— Que forma estúpida de tratar uma construção! — disse ela, ofegante, enquanto se atirava em seu interior.

Ela precisou largar a bengala e agarrar-se à porta aberta a fim de não ser atirada lá fora novamente.

Quando começou a recuperar o fôlego, percebeu que havia uma pessoa de pé diante dela, segurando a porta. Era uma cabeça mais alto que Sophie, mas dava para ver que era pouco mais do que uma criança, um pouquinho só mais velho do que Martha. E parecia estar tentando fechar a porta na cara dela e empurrá-la de volta para a noite, expulsando-a do cômodo aquecido e iluminado atrás dela.

— Não ouse fechar esta porta para mim, garoto! — disse ela.

— Eu não ia fazer isso, mas a senhora está mantendo a porta aberta — protestou ele. — O que deseja?

Sophie olhou à sua volta, para o que podia ver além do garoto. Havia várias coisas provavelmente próprias de magia pendendo das vigas — réstias de cebolas, molhos de ervas e feixes de estranhas raízes. Havia também outras, estas com certeza próprias de magia, como livros de couro, garrafas tortas e um velho e sorridente crânio humano de cor marrom. Do outro lado do garoto, via-se uma lareira com um fogo modesto queimando. Tratava-se de uma lareira muito menor do que toda a fumaça lá fora sugeria, mas, obviamente, essa era apenas uma salinha nos fundos do castelo. Muito mais importante para Sophie era que o fogo

havia atingido o estágio rosa brilhante, com pequenas chamas azuis dançando nos troncos, e, ao lado, no local mais quente, havia uma cadeira baixa com uma almofada.

Sophie empurrou o garoto para o lado e atirou-se na cadeira.

— Ah! Que sorte! — disse, acomodando-se confortavelmente ali. Era uma bênção. O fogo aqueceu suas dores e a cadeira forneceu apoio para suas costas, e ela sabia que, se alguém quisesse expulsá-la agora, teria de usar uma magia extrema e violenta.

O garoto fechou a porta. Então apanhou a bengala de Sophie e educadamente a encostou à cadeira para ela. Sophie percebeu que não havia indício de que o castelo estivesse se movendo pela encosta: nem mesmo o fantasma de um ruído ou o menor dos tremores. Que estranho!

— Avise ao Mago Howl — disse ela ao menino — que este castelo vai desmoronar na cabeça dele se for muito mais adiante.

— O castelo tem um feitiço que não o deixa desmoronar — afirmou o garoto. — Além disso, infelizmente Howl não está aqui neste momento.

Essa era uma boa notícia para Sophie.

— Quando ele volta? — perguntou ela, um pouco nervosa.

— Provavelmente não antes de amanhã — respondeu o garoto. — O que a senhora deseja? Eu posso ajudá-la? Sou Michael, o aprendiz de Howl.

Essa notícia era melhor ainda.

— É uma pena, mas só o Mago pode me ajudar — disse Sophie rápida e com firmeza. E era provável que fosse verdade. — Vou esperar, se não se importa.

Era óbvio que Michael se importava. Ele ficou rondando-a, impotente. Para demonstrar que ela não tinha intenção de ser dispensada por um mero aprendiz, Sophie fechou os olhos e fingiu que dormia.

— Diga-lhe que meu nome é Sophie — murmurou ela. — A *velha* Sophie — acrescentou, por via das dúvidas.

— Isso provavelmente vai significar esperar a noite toda — disse Michael.

Como era exatamente isso que Sophie queria, ela fingiu não ouvir. Na verdade, logo em seguida, caiu no sono. Estava muito cansada por conta de toda aquela caminhada. Depois de um momento, Michael desistiu e voltou ao trabalho que fazia na bancada onde se encontrava o abajur.

Assim, ela teria abrigo por toda a noite, mesmo que fosse por razões ligeiramente falsas, pensou Sophie, sonolenta. Como Howl era um homem perverso, era bem-feito que abusassem dele. Mas Sophie pretendia estar bem longe dali quando ele voltasse e fizesse objeções.

Ela olhou sonolenta e sorrateiramente para o aprendiz. Ficou bastante ssurpresa com a bondade e educação do garoto. Afinal, ela entrara ali de forma um tanto descortês, e Michael nem se queixara. Talvez Howl o mantivesse em abjeta servidão. Michael, porém, não parecia servil. Era um rapaz alto e negro, com um rosto agradável e franco, e estava vestido de maneira bastante respeitável. Na verdade, se Sophie não o houvesse visto naquele momento cuidadosamente despejando um fluido verde de um frasco torto sobre um pó escuro num jarro de vidro, ela o tomaria como filho de um próspero fazendeiro. Que estranho!

No entanto, era esperado que as coisas fossem mesmo estranhas no que dizia respeito aos magos, pensou Sophie. E essa cozinha, ou oficina, era deliciosamente confortável e tranquila. Sophie caiu de verdade no sono e começou a roncar. E não acordou nem quando vieram um lampejo e uma pancada abafada da bancada, seguidos de um palavrão logo reprimido por Michael. Tampouco acordou quando Michael, lambendo os dedos queimados, deixou o feitiço de lado por aquele dia e apanhou pão e queijo no armário. Ela nem se moveu quando Michael derrubou a bengala com estardalhaço ao passar por ela para alimentar o fogo com um tronco, ou quando, examinando a boca aberta de Sophie, o rapaz comentou para a lareira:

— Tem todos os dentes. Ela não é a Bruxa das Terras Desoladas, não é?

— Eu não a teria deixado entrar se fosse — replicou a lareira.

Michael deu de ombros e tornou a apanhar a bengala de Sophie, cortês. Então pôs um tronco no fogo com a mesma polidez e foi para a cama em algum lugar no andar de cima.

No meio da noite, Sophie foi acordada por alguém roncando. Ela deu um pulo, empertigando-se, bastante irritada ao descobrir que era ela quem estava roncando. Parecia-lhe ter cochilado por alguns instantes, mas Michael havia aparentemente desaparecido naqueles poucos segundos, levando com ele a luz. Não restava dúvida de que um aprendiz de mago aprendia esse tipo de coisa em sua primeira semana. Ele tinha deixado o fogo muito baixo, e este emitia silvos e estalidos irritantes. Um vento frio bateu nas costas de Sophie. Ela lembrou-se de que estava no castelo de um

mago, e, ainda, com desagradável nitidez, de que havia um crânio humano numa bancada de trabalho em algum lugar atrás dela.

Estremeceu e girou o pescoço rígido à sua volta, mas só havia escuridão.

— Que tal um pouquinho mais de luz, hein? — disse ela.

A vizinha esganiçada parecia não fazer mais barulho do que o crepitar do fogo. Sophie estava surpresa. Contava que a voz ecoasse pelas abóbadas do castelo. E ainda havia uma cesta de lenha ao lado dela. Ela estendeu o braço e atirou um pedaço de madeira ao fogo, o que lançou um jato de fagulhas verdes e azuis em direção à chaminé. Ela ergueu um segundo pedaço de lenha e recostou-se, não sem lançar um olhar nervoso atrás dela, onde a luz azul violácea do fogo dançava acima dos ossos marrons do crânio. O cômodo era bastante pequeno. Não havia ninguém ali, exceto Sophie e o crânio.

— Ele tem os dois pés no túmulo e eu só tenho um — consolou-se, tornando a voltar-se para o fogo, que agora se inflamava em chamas azuis e verdes. — Deve ter sal nessa madeira — murmurou Sophie.

Acomodou-se de maneira mais confortável, colocando os pés nodosos no guarda-fogo e a cabeça num canto da cadeira, de onde podia observar as chamas coloridas, e começou a considerar, sonhadora, o que devia fazer de manhã. Mas sua atenção desviou-se um pouco ao imaginar um rosto nas chamas.

— Seria um rosto azul e magro — murmurou ela —, muito comprido e fino, com um nariz azul. Mas aquelas chamas vermelhas aneladas no alto são, sem sombra de dúvida, os cabelos. E se eu não for embora antes de Howl chegar? Os magos podem suspender feitiços, eu suponho. E aquelas chamas púrpura perto do fundo formam a boca. Você tem dentes ferozes, meu amigo. E tem dois tufo de chamas verdes por sobranceiras... — Curiosamente, as únicas chamas alaranjadas no fogo se encontravam debaixo das sobranceiras verdes, como olhos, e ambas tinham um brilho púrpura no meio, que Sophie podia quase imaginar que estivesse olhando para ela, como a pupila de um olho. — Por outro lado — continuou Sophie, examinando as chamas laranja —, se o feitiço fosse desfeito, eu teria o coração devorado antes mesmo de conseguir dar meia-volta.

— Você não quer que devorem seu coração? — perguntou o fogo.

Seguramente, era o fogo quem falava. Sophie viu-lhe a boca púrpura mover-se à medida que as palavras saíam. A voz era quase tão esganiçada quanto a dela, cheia de chuviscos e gemidos de madeira queimando.

— Naturalmente que não — respondeu Sophie. — O que você é?

— Um demônio do fogo — replicou a boca púrpura. Sua voz era mais um gemido quando disse: — Estou preso a essa lareira por contrato. Não posso sair daqui. — Então a voz se tornou enérgica. — E o que você é? — perguntou ele. — Posso ver que está sob o efeito de um feitiço.

Isso arrancou Sophie de seu estado sonolento.

— Você pode ver! — exclamou ela. — Pode tirar o feitiço?

Fez-se um silêncio espasmódico, intenso, enquanto os olhos laranja no rosto azul tremeluzente do demônio subiam e desciam por Sophie.

— Trata-se de um feitiço forte — disse ele, por fim. — Parece-me um da Bruxa das Terras Desoladas.

— E é — disse Sophie.

— Mas parece mais do que isso — crepitou o demônio. — Eu detecto duas camadas. E, naturalmente, você não poderá contar a ninguém sobre ele, a menos que já saibam. — Ele fitou Sophie um momento mais. — Vou ter de estudá-lo — disse.

— Quanto tempo isso vai levar? — perguntou Sophie.

— Pode levar algum tempo — respondeu o demônio. E acrescentou, num bruxuleio suave e persuasivo: — Que tal fazer um pacto comigo? Eu quebro o seu feitiço se você romper esse contrato a que estou preso.

Sophie olhou cautelosa para o fino rosto azul do demônio. Ele exibia uma expressão nitidamente ardilosa ao fazer essa proposta. Tudo o que ela havia lido falava do extremo perigo de se fazer um pacto com um demônio. E não havia dúvida de que esse parecia extraordinariamente maligno, com aqueles longos dentes de cor púrpura.

— Está sendo sincero? — indagou ela.

— Não completamente — admitiu o demônio. — Mas você quer ficar assim até morrer? Esse feitiço encurtou sua vida em uns sessenta anos, se é que posso julgar essas coisas.

Esse foi um pensamento desagradável, que Sophie tentara evitar até ali. Isso fazia uma diferença e tanto.

— Esse contrato a que está preso — começou ela —, é com o Mago Howl, não é?

— Evidente — disse o demônio. Sua voz tornou a ganhar um tom de lamento. — Estou amarrado a esta lareira e não posso arredar pé daqui. Sou obrigado a fazer a maior parte da magia por aqui. Tenho de manter o castelo e fazê-lo mover-se e executar todos os efeitos especiais que assustam as pessoas, afugentando-as, assim como qualquer outra coisa que Howl queira. Howl é bastante impiedoso, você sabe.

Sophie não precisava que lhe dissessem que Howl era impiedoso. Por outro lado, provavelmente o demônio era tão perverso quanto ele.

— E você não ganha nada com esse contrato? — perguntou ela.

— Eu não teria entrado nele se não ganhasse — disse o demônio, bruxuleando tristemente. — Mas não o teria feito se soubesse como seria. Estou sendo explorado.

Apesar de sua cautela, Sophie sentiu compaixão pelo demônio. Pensou em si mesma fazendo chapéus para Fanny, enquanto ela passeava por aí.

— Tudo bem — disse ela. — Quais são os termos do contrato? Como posso quebrá-lo?

Um ávido sorriso púrpura espalhou-se pelo rosto azul do demônio.

— Você concorda com o pacto?

— Se você concordar em quebrar o feitiço que está sobre mim — respondeu ela, com a forte sensação de que dizia algo fatal.

— Feito! — gritou o demônio, o rosto comprido saltando alegremente em direção à chaminé. — Vou quebrar seu feitiço na hora em que você romper meu contrato!

— Então me diga como quebrar seu contrato! — replicou Sophie.

Os olhos laranja cintilaram e se desviaram.

— Não posso. Parte do contrato é que nem o Mago nem eu podemos dizer qual é a cláusula principal.

Sophie viu que fora enganada. Abriu a boca para dizer ao demônio que, nesse caso, podia ficar ali naquela lareira até o dia do Juízo Final.

O demônio percebeu o que ela diria.

— Não seja precipitada! — estalou ele. — Você pode descobrir o que é, se observar e ouvir com atenção. Eu lhe imploro que tente. O contrato não vai fazer bem a nenhum de nós dois a longo prazo. E eu mantenho a palavra. O fato de estar preso aqui *mostra* que mantenho mesmo!

Ele estava de fato saltando sobre a lenha de uma forma agitada. Novamente Sophie sentiu uma onda de compaixão.

— Mas, se devo observar e ouvir, isso significa que tenho de ficar aqui no castelo de Howl — objetou ela.

— Somente cerca de um mês. Lembre-se de que tenho de estudar seu feitiço também — alegou o demônio.

— Mas que desculpa posso dar para ficar aqui?

— Vamos pensar em uma. Howl é inútil em várias coisas. Na verdade — começou o demônio, sibilando malevolamente —, ele está tão voltado para o próprio umbigo que, na metade das vezes, não enxerga adiante do nariz. Podemos enganá-lo... desde que você concorde.

— Muito bem — disse Sophie. — Vou ficar. Agora encontre a desculpa.

Ela acomodou-se confortavelmente na cadeira enquanto o demônio pensava. Ele pensava em voz alta, num murmúrio crepitante, que fazia Sophie lembrar-se da forma como falara com sua bengala no caminho, e ardia enquanto pensava com um estrondo tão alegre e poderoso que ela tornou a dormir. Pensou ouvir o demônio fazer de fato algumas sugestões. Lembrava-se de sacudir a cabeça negativamente para a ideia de que devia fingir que era a tia-avó de Howl, havia muito desaparecida, e mais uma ou duas ainda mais absurdas. No entanto, não se lembrava com detalhes. Por fim, o demônio começou a cantar uma canção suave e bruxuleante. Não era em nenhuma língua que Sophie conhecesse — pelo menos assim ela imaginara até ouvir nitidamente a palavra “caçarola” cantada várias vezes —, e ela a puxava para o sono. Sophie caiu num sono profundo, com a leve suspeita de que agora estava sendo enfeitiçada, assim como enganada, mas isso não a aborrecia. Logo ela se livraria do feitiço...



CAPÍTULO QUATRO

No qual Sophie descobre vários fatos estranhos

Quando Sophie acordou, a luz do dia escoava à sua frente. Como não se lembrava de ter visto nenhuma janela no castelo, o primeiro pensamento de Sophie foi de que adormecera costurando os chapéus e que sonhara que estava indo embora de casa. O fogo à sua frente havia se reduzido a carvão rosado e cinza branca, o que a convenceu de que ela certamente sonhara que havia um demônio do fogo ali. Mas seus primeiros movimentos lhe disseram que algumas coisas ela não sonhara. Todo o seu corpo estalava.

— Ai! — exclamou ela. — Meu corpo todo está doendo! — A voz era um ruído agudo e fraco. Ela levou as mãos ossudas ao rosto e sentiu as rugas. Com isso, percebeu que estivera em estado de choque todo o dia de ontem. Estava muito zangada com a Bruxa das Terras Desoladas por ter feito isso com ela, muito, muito zangada. — Entrando em lojas e transformando as pessoas em velhos! — exclamou ela. — Ah, ela vai ver só!

Sua raiva a fez levantar-se numa salva de estalos e rangidos e dirigir-se mancando até a janela inesperada, que ficava acima da bancada de trabalho. Para sua perplexidade, a vista dali era a de uma cidade litorânea. Podia ver uma rua sem pavimentação que subia, ladeada por casinhas de aparência pobre, e mastros se projetando além dos telhados. Além dos mastros, ela divisava o brilho do mar, algo que nunca vira antes na vida.

— Onde estou? — perguntou Sophie ao crânio de pé na bancada. — Não espero que me responda isso, meu amigo — acrescentou, apressada, lembrando-se de que esta era a casa de um mago, e fez meia-volta para dar uma olhada na sala.

Era um cômodo bastante pequeno, com pesadas vigas pretas no teto. À luz do dia dava para ver que estava incrivelmente sujo. As pedras do chão encontravam-se manchadas e engorduradas, a cinza empilhada junto ao guarda-fogo da lareira, teias de aranha pendendo das vigas. Havia uma camada de poeira no crânio. Distraída, Sophie a limpou quando foi espiar a pia ao lado da bancada de trabalho. Ela estremeceu com o lodo rosa e cinza ali dentro e o lodo branco que pingava da bomba acima dela. Howl obviamente não se importava com as péssimas condições em que seus criados viviam.

O restante do castelo tinha de estar além de uma das quatro portas pretas baixas que se viam ali. Sophie abriu a mais próxima, na parede oposta, depois da bancada. Atrás dela havia um grande banheiro. Em certos aspectos, era um banheiro que normalmente você só encontraria

num palácio, cheio de luxos, como um vaso sanitário reservado, um boxe de chuveiro, uma banheira enorme com pés em forma de garras e espelho em todas as paredes. Mas estava ainda mais sujo do que o outro cômodo. Sophie estremeceu diante do vaso sanitário, encolheu-se com a cor da banheira, recuou diante do musgo que crescia no chuveiro e, com facilidade, evitou olhar sua figura enrugada refletida nos espelhos, pois o vidro estava coberto com borrões e fios de substâncias não identificadas. As substâncias não identificadas, propriamente ditas, amontoavam-se numa grande prateleira acima da banheira. Estavam em potes, caixas, tubos e centenas de pacotes e bolsas de papel pardo rasgados. O pote maior trazia um nome, anunciando em letras tortas: PODER SECANTE. Apanhou um pacote aleatoriamente. Leu PELE rabiscado nele e mais que depressa o colocou de volta no lugar. Em outro pote se lia OLHOS, escrito com a mesma garatuja. Um tubo exibia PARA DECOMPOSIÇÃO.

— Parece funcionar mesmo — murmurou Sophie, olhando para a pia com um estremecimento. A água jorrou quando ela virou uma torneira azul-esverdeada que devia ser de cobre e Sophie deixou a água levar um pouco daquela decomposição. Depois lavou as mãos e o rosto na água sem tocar a pia, mas não teve coragem de usar o PODER SECANTE. Secou as mãos na saia e foi em busca da próxima porta preta.

Esta se abriu para um lance de degraus de madeira frouxos. Sophie ouviu alguém mover-se lá em cima e fechou a porta, apressada. Parecia só levar a uma espécie de sótão, de qualquer forma. Então mancou até a porta seguinte. A essa altura, já caminhava com facilidade. Era uma velha em ótima forma, como havia descoberto ontem.

A terceira porta se abria para um quintal minúsculo com muros altos de tijolos. Ali havia uma grande pilha de toras e montes desordenados do que parecia uma mistura de ferro-velho, rodas, baldes, lâminas de metal e arame acumulados até quase o topo do muro. Sophie fechou também aquela porta, bastante confusa, porque aquilo não parecia ter nada a ver com o castelo. Não se via nenhuma parte do castelo acima dos muros de tijolos. Estes acabavam no céu. Sophie só podia pensar que essa parte era o que vinha logo depois do lado onde o muro invisível a havia detido na noite passada.

Ela abriu a quarta porta e era apenas um armário de vassouras, com dois mantos de veludo em bom estado, porém empoeirados, pendurados nas vassouras. Sophie tornou a fechar a porta, devagar. A única outra que

restava era aquela na parede com a janela, e fora por ali que entrara ontem à noite. Ela foi mancando até lá e, com cuidado, a abriu.

Ficou um momento ali parada, olhando as colinas que se moviam lentamente, observando a vegetação passar debaixo da porta, sentindo o vento soprar seus cabelos ralos e ouvindo os estrondos e rangidos das grandes pedras pretas à medida que o castelo se deslocava. Então fechou a porta e foi para a janela. E lá estava a cidade portuária novamente. Não era um quadro. Uma mulher havia aberto uma porta oposta e varria, jogando a poeira na rua. Atrás da casa, uma vela de lona cinza subia pelo mastro em movimentos bruscos, fazendo um bando de gaivotas levantar voo em círculos sobre o mar trêmulo.

— Não compreendo — disse Sophie ao crânio humano. Em seguida, como o fogo parecia quase extinto, ela foi até lá e colocou alguns pedaços de madeira nele, remexendo as cinzas.

Chamas verdes subiram entre a madeira, pequenas e aneladas, e formaram um rosto comprido azul com cabelos verdes chamejantes.

— Bom dia — disse o demônio do fogo. — Não se esqueça de que temos um pacto.

Então nada daquilo fora sonho. Sophie não era muito dada a chorar, mas sentou-se na cadeira por um tempo, fitando um demônio indefinido e esquivo, e não prestou muita atenção aos ruídos de Michael se levantando, até que o viu de pé ao seu lado, parecendo constrangido e um pouco exasperado.

— Ainda está aqui — disse ele. — Algum problema?

Sophie fungou.

— Estou velha — começou ela.

Mas era exatamente como a Bruxa dissera e o demônio do fogo adivinhara. Michael disse com alegria:

— Bem, um dia acontece com todos nós. Quer tomar café?

Sophie descobriu que era mesmo uma velha muito saudável. Depois de comer apenas pão e queijo no almoço de ontem, ela estava faminta.

— Quero! — disse ela, e, quando Michael se dirigiu ao armário na parede, ela se pôs de pé e espiou sobre o ombro dele para ver o que havia para comer.

— Sinto muito, mas temos apenas pão e queijo — disse Michael com certa frieza.

— Mas tem uma cesta cheia de ovos aí dentro! — exclamou Sophie.
— E aquilo ali não é bacon? E que tal algo quente para beber? Cadê sua chaleira?

— Não tem — disse Michael. — Howl é o único que pode cozinhar.

— Eu também posso — afirmou Sophie. — Pegue aquela frigideira que vou lhe mostrar.

Ela estendeu a mão para a grande frigideira preta pendurada na parede do armário, apesar de Michael tentar impedi-la.

— Você não entende — disse ele. — É Calcifer, o demônio do fogo. Ele não vai baixar a cabeça para cozinhar para ninguém, a não ser para Howl.

Sophie se virou e olhou para o demônio do fogo. Ele tremeluziu, olhando-a de forma malévola.

— Recuso-me a ser explorado — disse ele.

— Você quer dizer — Sophie falou a Michael — que tem de ficar sem nem mesmo uma bebida quente, a menos que Howl esteja aqui?

Michael concordou, constrangido.

— Então é *você* que está sendo explorado! — exclamou Sophie. — Me dê isto aqui.

Ela arrancou a frigideira dos dedos resistentes de Michael, jogou o bacon ali dentro, enfiou uma colher de pau na cesta de ovos e marchou com tudo aquilo para a lareira.

— Agora, Calcifer — disse ela —, chega de bobagens. Abaixar a cabeça.

— Você não pode me obrigar! — crepitou o demônio do fogo.

— Ah, posso, sim! — gritou Sophie de volta, com a ferocidade que muitas vezes havia detido suas duas irmãs no meio de uma briga. — Se não fizer, vou jogar água em você. Ou então vou tirar sua lenha — acrescentou ela, enquanto se ajoelhava diante da lareira. Ali, ela sussurrou: — Ou posso desistir de nosso pacto e contar a Howl sobre ele, não é?

— Ah, maldição! — cuspiu Calcifer. — Por que a deixou entrar aqui, Michael? — Amuado, ele baixou o rosto azulado até que tudo que pôde ser visto dele foi um anel de chamas verdes ondulantes dançando sobre a madeira.

— Obrigada — disse Sophie, e deixou cair a frigideira pesada sobre o anel verde para ter certeza de que Calcifer não se levantaria de repente.

— Espero que o seu bacon queime — disse Calcifer, abafado sob a frigideira.

Sophie jogou fatias de bacon na frigideira, que já estava quente. O bacon chiou e ela precisou enrolar a mão na saia para conseguir segurar o cabo da panela. A porta se abriu, mas Sophie não notou por causa do barulho da fritura.

— Não seja tolo — disse a Calcifer. — E fique firme porque quero quebrar os ovos.

— Ah, olá, Howl — disse Michael, impotente.

Nesse momento Sophie virou-se rapidamente. Ela fitou o jovem alto num vistoso traje azul e prata que acabara de entrar e fora detido no gesto de encostar o violão no canto da parede. Ele tirou os cabelos claros dos olhos verdes vítreos e curiosos e a fitou também. Seu rosto longo e anguloso estava perplexo.

— Quem diabos é você? — perguntou Howl. — De onde eu a conheço?

— Sou uma completa estranha — mentiu Sophie com firmeza. Afinal, Howl só estivera com ela por tempo suficiente para chamá-la de rato, portanto, isso era quase verdade. Ela devia agradecer às suas estrelas a feliz escapada que tivera, supunha, mas, na verdade, seu principal pensamento era: Santo Deus! O Mago Howl é só um garoto de 20 e poucos anos, apesar de toda a sua perversidade! Fazia tanta diferença ser velha, pensou ela, enquanto virava as fatias de bacon na frigideira. E ela teria morrido antes de permitir que esse garoto vestido com exagero soubesse que ela era a garota de quem ele sentira pena no Primeiro de Maio. Corações e almas não entravam nessa história. Howl não iria saber.

— Ela diz que o nome dela é Sophie — disse Michael. — Chegou na noite passada.

— Como é que fez Calcifer se submeter? — perguntou Howl.

— Ela me intimidou! — disse Calcifer numa voz patética e abafada, vinda de baixo da frigideira que chiava.

— Não são muitos os que podem fazer isso — disse Howl, pensativo.

Ele apoiou o violão num canto e aproximou-se da lareira. O aroma de jacintos misturou-se ao cheiro do bacon quando ele empurrou Sophie para um lado.

— Calcifer não gosta que nenhuma outra pessoa, a não ser eu, cozinhe nele — disse ele, ajoelhando-se e envolvendo uma das mãos com a manga

esvoaçante a fim de segurar a panela. — Passe-me mais duas fatias de bacon e seis ovos, por favor, e me diga por que veio até aqui.

Sophie fitou a joia azul que pendia da orelha de Howl e passou-lhe os ovos um a um.

— Por que vim, rapaz? — disse ela. Era óbvio depois do que ela vira do castelo. — Vim porque sou sua nova faxineira, óbvio.

— É mesmo? — disse Howl, quebrando os ovos com uma só mão e atirando as cascas no meio da lenha, onde Calcifer parecia comê-las com sofreguidão. — Quem disse que é?

— *Eu* disse — respondeu Sophie, acrescentando, submissa: — Posso limpar a sujeira deste lugar mesmo que não possa limpá-lo de sua perversidade, rapaz.

— Howl não é perverso — disse Michael.

— Sou, sim — contradisse-o Howl. — Você esquece o quanto estou sendo perverso neste momento, Michael. — Fez um gesto com o queixo na direção de Sophie. — Se está tão ansiosa para ser prestativa, minha boa senhora, ache algumas facas e garfos e limpe a bancada.

Havia bancos altos debaixo da bancada. Michael os puxou para que todos se sentassem e empurrou para um lado todas as coisas sobre ela para criar espaço para as facas e garfos que havia tirado de uma gaveta ao lado. Sophie foi até lá para ajudá-lo. Ela não tinha esperança de que Howl a recebesse bem, naturalmente, mas até agora ele nem mesmo concordara em deixá-la ficar além do café da manhã. Como Michael não parecesse precisar de ajuda, Sophie encaminhou-se para sua bengala e a colocou lenta e ostentadamente no armário das vassouras. Como isso não pareceu atrair a atenção de Howl, ela disse:

— Você pode ficar comigo por um mês como experiência, se quiser.

O Mago Howl não disse mais do que “Pratos, por favor, Michael”, ficando lá parado, segurando a frigideira fumegante. Calcifer se ergueu com um rugido de alívio e inflamou-se chaminé adentro.

Sophie fez outra tentativa de encostar o mago na parede.

— Se vou ficar aqui limpando pelo próximo mês — disse ela —, gostaria de saber onde o restante do castelo está. Só consigo encontrar esta sala e o banheiro.

Para sua surpresa, tanto Michael quanto o mago deram uma gargalhada.

Foi só quando já quase terminavam o café da manhã que Sophie descobriu o que os fizera rir. Howl não só era difícil de encostar na parede; ele parecia não gostar de responder a nenhuma pergunta. Sophie desistiu de dirigir-lhe as perguntas e passou a fazê-las a Michael.

— Diga-lhe — disse Howl. — Vai fazê-la parar de importunar.

— Não existe mais nada no castelo — informou Michael —, exceto o que você viu e dois quartos lá em cima.

— O quê?! — exclamou Sophie.

Howl e Michael riram novamente.

— Howl e Calcifer inventaram o castelo — explicou Michael —, e Calcifer o mantém em movimento. O interior dele, na verdade, é só a velha casa de Howl em Porthaven, que é a única parte real.

— Mas Porthaven fica a quilômetros daqui! — disse Sophie. — Acho que isso é muita maldade! O que vocês querem fazendo este castelo enorme e feio ir de um lado para o outro pelas colinas quase matando todo mundo em Market Chipping de medo?

Howl deu de ombros.

— Que velha mais sem papas na língua! Cheguei àquela fase em minha carreira em que preciso impressionar todos com meu poder e minha maldade. Não posso deixar que o Rei pense bem de mim. E no ano passado ofendi alguém muito poderoso e preciso me manter fora do caminho dele.

Parecia uma maneira estranha de evitar alguém, mas Sophie supunha que os magos tivessem padrões diferentes das pessoas comuns. E não demorou para que descobrisse que o castelo tinha outras peculiaridades. Eles haviam acabado de comer e Michael estava empilhando os pratos na pia cheia de lodo ao lado da bancada quando se ouviu uma batida forte e oca na porta.

Calcifer inflamou-se.

— Porta de Kingsbury!

Howl, que estava a caminho do banheiro, dirigiu-se para a porta. Havia uma maçaneta quadrada de madeira acima da porta, engastada no lintel, com uma pincelada de tinta em cada um dos quatro lados. Naquele momento, via-se um borrão verde no lado voltado para baixo, mas Howl girou a maçaneta de modo que o borrão vermelho estivesse no lado de baixo antes de abrir a porta.

Do lado de fora estava um personagem usando uma peruca branca engomada e um amplo chapéu sobre ela. A roupa dele era escarlate,

púrpura e dourada, e em suas mãos havia um pequeno bastão decorado com fitas. Ele curvou-se. Aromas de cravo e flor de laranjeira invadiram a sala.

— Sua Majestade, o Rei, apresenta seus cumprimentos e envia o pagamento por dois mil pares de botas de sete léguas — disse a pessoa.

Atrás dele, Sophie vislumbrava uma carruagem à espera numa rua cheia de casas suntuosas cobertas com entalhes pintados, e torres, espirais e domos além desta, de um esplendor que ela mal havia imaginado existir. Lamentou que a pessoa à porta levasse tão pouco tempo para entregar uma bolsa comprida de seda, tilintante, e para que Howl a apanhasse, se curvasse em resposta e fechasse a porta. Howl girou a maçaneta quadrada de volta, de modo que o borrão verde estivesse voltado para o chão novamente, e enfiou a bolsa comprida no bolso. Sophie viu os olhos de Michael seguirem a bolsa com urgência e preocupação.

Howl então se encaminhou diretamente para o banheiro, gritando:

— Preciso de água quente aqui, Calcifer! — e lá ficou por muito, muito tempo.

Sophie não conseguiu conter a curiosidade.

— Quem é que estava à porta? — perguntou a Michael. — Ou é melhor perguntar *onde* ele estava?

— Aquela porta dá para Kingsbury — disse Michael —, onde vive o Rei. Acho que aquele homem era o ajudante do Chanceler. E — acrescentou, preocupado, para Calcifer — eu gostaria que ele não tivesse dado a Howl todo aquele dinheiro.

— Howl vai me deixar ficar aqui? — perguntou Sophie.

— Se deixar, você nunca vai pressioná-lo a falar nada — respondeu Michael. — Ele odeia ser encostado na parede.



CAPÍTULO CINCO
O qual é muito cheio de limpeza

A única coisa a fazer, Sophie concluiu, era mostrar a Howl que ela era uma excelente faxineira, um verdadeiro tesouro. Amarrou um pano velho nos cabelos brancos e ralos, arregaçou as mangas, mostrando os braços velhos e magricelas, e enrolou uma toalha de mesa velha, apanhada no armário de vassouras, na cintura, como um avental. Era um alívio e tanto pensar que havia apenas quatro cômodos para limpar em vez de todo o castelo. Apanhou um balde e uma vassoura e se lançou ao trabalho.

— O que você está fazendo? — gritaram Michael e Calcifer num coro horrorizado.

— Uma faxina — replicou Sophie com firmeza. — Este lugar está uma vergonha.

— Não precisa — disse Calcifer.

— Howl vai pôr você daqui para fora! — murmurou Michael.

Mas Sophie os ignorou e a poeira começou a subir em nuvens. No meio do trabalho, ouviram-se novas batidas à porta.

Calcifer inflamou-se, anunciando:

— Porta de Porthaven! — e deu um grande espirro crepitante que lançou centelhas púrpura em meio às nuvens de poeira.

Michael saiu da bancada e encaminhou-se para a porta. Sophie espiou através da poeira que estava levantando e viu que dessa vez Michael girou a maçaneta quadrada acima da porta de modo que o lado com o borrão de tinta azul ficasse para baixo. Então abriu a porta para a rua que se via pela janela.

Lá estava uma garotinha.

— Por favor, sr. Fisher — disse ela —, vim buscar aquele feitiço para minha mãe.

— O feitiço de segurança para o barco do seu pai, não é? — perguntou Michael. — Não vai levar um minuto.

Ele voltou até a bancada e tirou um jarro da prateleira, medindo o pó que havia em seu interior num pedaço de papel. Enquanto fazia isso, a garotinha espiou Sophie com a mesma curiosidade com que Sophie a espiava. Michael torceu o papel em torno do pó e foi até ela, dizendo:

— Diga a ela que o espalhe ao longo do barco. Ele vai ficar lá mesmo que haja uma tempestade.

A garotinha pegou o papel e entregou uma moeda a ele.

— O Feiticeiro agora tem uma bruxa trabalhando para ele também? — perguntou ela.

— Não — respondeu Michael.

— Você se refere a mim? — perguntou Sophie. — Ah, sim, minha criança. Sou a melhor e mais limpa bruxa em Ingary.

Michael fechou a porta com uma expressão exasperada.

— Isso agora vai correr toda a Porthaven. Howl pode não gostar.

Ele girou a maçaneta verde para baixo novamente.

Sophie riu consigo mesma, sem remorso. Provavelmente deixara a vassoura que usava pôr ideias em sua cabeça. Mas talvez isso convencesse Howl a deixá-la ficar, se todos pensassem que ela estava trabalhando para ele. Era estranho. Como jovem, Sophie teria se encolhido de vergonha pela maneira como estava agindo. Como velha, não se importava com o que fazia ou dizia. E achou isso um grande alívio.

Ela se aproximou, bisbilhotando, quando Michael ergueu uma pedra na lareira e escondeu a moeda da menina debaixo dela.

— O que você está fazendo?

— Calcifer e eu tentamos manter uma reserva de dinheiro — disse Michael com ar de culpa. — Howl gasta todo o dinheiro que ganhamos, se não fizermos isso.

— Esbanjador irresponsável! — crepitou Calcifer. — Ele seria capaz de gastar o dinheiro do Rei em menos tempo do que eu levaria para queimar uma tora. Não tem juízo.

Sophie borrifou água da pia para abaixar a poeira, o que fez Calcifer se encolher contra a chaminé. Então varreu novamente o chão. Varreu na direção da porta a fim de dar uma olhada na maçaneta quadrada acima dela. O quarto lado, que ela ainda não vira ser usado, tinha um borrão de tinta preta. Perguntando-se onde aquele daria, Sophie começou a varrer energeticamente as teias de aranha das vigas. Michael gemeu e Calcifer tornou a espirrar.

Nesse momento, Howl saiu do banheiro, envolto numa nuvem de perfume. Tinha um aspecto maravilhosamente elegante. Até os bordados de prata em seu traje pareciam ter se tornado mais brilhantes. Ele deu uma olhada e voltou para o banheiro com uma manga azul e prata protegendo-lhe a cabeça.

— Pare com isso, mulher! — disse ele. — Deixe essas pobres aranhas em paz!

— Essas teias são uma vergonha! — declarou Sophie, juntando-as em bolos.

— Então tire-as, mas deixe as aranhas — disse Howl.

Provavelmente ele tinha uma afinidade maléfica com aranhas, pensou Sophie.

— Elas só vão fazer mais teias — disse ela.

— E matar moscas, o que é muito útil — replicou Howl. — Fique com essa vassoura parada enquanto atravesso minha própria sala, por favor.

Sophie apoiou-se na vassoura e observou Howl atravessar a sala e pegar seu violão. Quando ele pôs a mão no trinco da porta, ela disse:

— Se o borrão vermelho leva a Kingsbury e o borrão azul dá em Porthaven, aonde leva o borrão preto?

— Que mulher bisbilhoteira você é! — exclamou Howl. — Esse leva ao meu refúgio particular e você não vai saber onde é.

Ele abriu a porta para a ampla e móvel paisagem do pântano e as colinas.

— Quando vai voltar, Howl? — perguntou Michael, um tanto desesperado.

Howl fingiu não ouvir. Ele disse a Sophie:

— Você não vai matar uma só aranha durante minha ausência. — E a porta bateu atrás dele. Michael lançou um olhar significativo para Calcifer e suspirou. Calcifer crepitou com uma risada maliciosa.

Como ninguém explicou aonde Howl havia ido, Sophie concluiu que ele tinha partido para caçar juvenzinhas novamente e se lançou ao trabalho com vigor mais justificado do que antes. Ela não ousou machucar nenhuma aranha depois do que Howl dissera. Então, batia nas vigas com a vassoura, gritando: “Fora, aranhas! Fora do meu caminho!” As aranhas saíam correndo para todos os lados, para se salvar, e as teias caíam em feixes. Depois, naturalmente, ela teve de varrer o chão novamente. Em seguida, ajoelhou-se e esfregou o piso.

— Queria que parasse com isso! — disse Michael, sentando-se na escada, fora do caminho dela.

Calcifer, agachando-se no fundo da lareira, murmurou:

— Gostaria de não ter feito aquele acordo com você!

Sophie continuou esfregando com vigor.

— Vocês vão ficar muito mais felizes quando estiver tudo limpo e bonito — disse ela.

— Mas estou infeliz *agora*! — protestou Michael.

Howl só voltou tarde da noite. A essa altura, Sophie tinha varrido e esfregado até o ponto em que mal podia se mexer. Estava sentada encurvada na cadeira, o corpo todo dolorido. Michael agarrou Howl pela manga esvoaçante e o arrastou para o banheiro, onde Sophie podia ouvi-lo despejando queixas num murmúrio acalorado. Expressões como “velha terrível” e “não ouve uma única *palavra!*” eram fáceis de se ouvir, embora Calcifer estivesse rugindo.

— Howl, detenha-a! Ela está matando a nós dois!

Mas tudo o que Howl disse, quando Michael o largou, foi:

— Você matou alguma aranha?

— É óbvio que não! — respondeu Sophie rispidamente. Suas dores a deixavam irritada. — Elas me olham e saem correndo. O que elas são? Todas as garotas cujo coração você devorou?

Howl riu.

— Não, apenas aranhas — disse ele, e subiu a escada com ar sonhador.

Michael suspirou. Então encaminhou-se para o armário de vassouras e procurou até encontrar uma velha cama de armar, um colchão de palha e alguns tapetes, que colocou no espaço sob a escada.

— É melhor você dormir aqui esta noite — disse ele a Sophie.

— Isso significa que Howl vai me deixar ficar? — perguntou ela.

— Eu não sei! — respondeu Michael, irritado. — Howl nunca se compromete com nada. Eu já estava aqui há seis meses quando ele pareceu perceber que eu estava morando aqui e fez de mim seu aprendiz. Eu só pensei que uma cama seria melhor do que a cadeira.

— Então, muito obrigada — disse Sophie, agradecida.

A cama era de fato mais confortável que a cadeira, e quando Calcifer se queixou de que estava com fome naquela noite, foi tarefa fácil para Sophie se levantar e lhe oferecer outro tronco.

Nos dias que se seguiram, Sophie limpou sem piedade o castelo. Ela se divertiu, de verdade. Dizendo a si mesma que estava procurando pistas, lavou as janelas, limpou a pia cheia de limo e fez Michael recolher tudo que estava sobre a bancada e nas prateleiras, para que pudesse esfregá-los bem. Ela tirou tudo do armário e das vigas e limpou estes também. O crânio humano, Sophie imaginou, começou a parecer tão resignado quanto Michael. Já mudara de lugar tantas vezes! Então ela prendeu um velho lençol às vigas mais próximas ao fogo e forçou Calcifer a abaixar a cabeça, enquanto varria a chaminé. Calcifer detestou isso. Ele crepitou

com uma risada maligna quando Sophie descobriu que a fuligem se espalhara por toda a sala e que precisaria limpar tudo de novo. Esse era o problema de Sophie. Era impiedosa, mas lhe faltava método. No entanto, havia esse método em sua falta de piedade: calculou que não podia limpar o lugar completamente sem mais cedo ou mais tarde deparar com o tesouro oculto de Howl — almas de garotas, corações mastigados ou alguma outra coisa que explicasse o contrato de Calcifer. O interior da chaminé, guardada por Calcifer, parecia-lhe um bom esconderijo. Mas ali nada havia a não ser quilos de fuligem, o que Sophie guardou em sacos no quintal, que estava no topo de sua lista de esconderijos.

Todas as vezes que Howl chegava, Michael e Calcifer se queixavam de Sophie. Mas Howl não parecia lhes dar ouvidos. Também não parecia perceber a limpeza. Tampouco notou que a despensa estava muito bem abastecida com bolos e geleia e, ocasionalmente, alface.

Como Michael havia profetizado, a notícia havia se espalhado por Porthaven. As pessoas vinham até a porta olhar Sophie. Eles a chamavam de sra. Bruxa, em Porthaven, e Madame Feiticeira, em Kingsbury. A notícia se espalhara pela capital também. Embora as pessoas que vinham para a porta de Kingsbury fossem mais bem-vestidas do que as de Porthaven, ninguém em nenhum dos dois lugares gostava de ir à casa de alguém tão poderoso sem uma desculpa. Assim, Sophie estava sempre tendo de fazer uma pausa em seu trabalho para assentir e sorrir e receber um presente, ou buscar Michael para preparar um feitiço rápido para alguém. Alguns dos presentes eram bacanas — quadros, cordões de conchas e aventais úteis. Sophie usava os aventais diariamente e pendurava os cordões e os quadros em seu cubículo sob a escada, que logo começou a ter uma aparência de casa de fato.

Sophie sabia que sentiria saudades dali quando Howl a expulsasse. Temia cada vez mais que ele o fizesse. Sabia que ele não poderia continuar ignorando-a para sempre.

Ela limpou o banheiro em seguida. Isso lhe tomou dias, porque Howl passava muito tempo ali todos os dias antes de sair. Assim que ele saía, deixando-o cheio de vapor e feitiços perfumados, Sophie entrava.

— Agora vamos descobrir sobre aquele contrato! — murmurou ela no banheiro, mas seu principal alvo era, naturalmente, a prateleira de pacotes, jarros e tubos. Ela os tirou um a um, com o pretexto de esfregar a prateleira, e passou a maior parte do dia examinando-os cuidadosamente

para ver se aqueles rotulados de PELE, OLHOS e CABELO eram, na verdade, pedaços de garotas. Até onde ela podia ver, eram apenas cremes, pós e tintas. Se algum dia foram garotas, então, pensou Sophie, Howl havia usado o tubo PARA DECOMPOSIÇÃO nelas e as mandado ralo abaixo para sempre. No entanto, Sophie esperava que fossem apenas cosméticos.

Ela recolocou as coisas na prateleira e continuou limpando. Naquela noite, sentada dolorida na cadeira, Calcifer rosnou que havia escoado uma fonte de águas termais para ela.

— Onde ficam as águas termais? — perguntou Sophie. Ultimamente sentia curiosidade em relação a tudo.

— Debaixo dos Pântanos de Porthaven, principalmente — respondeu Calcifer. — Mas, se continuar desse jeito, vou ter de buscar água quente nas Terras Desoladas. Quando é que você vai parar de limpar e descobrir como romper meu contrato?

— No momento oportuno — disse Sophie. — Como é que posso tirar os termos de Howl se ele nunca para em casa? Ele sempre fica tanto tempo assim fora?

— Só quando está atrás de alguma mulher — disse Calcifer.

Quando o banheiro estava limpo e brilhando, Sophie esfregou os degraus e o patamar no topo da escada. Em seguida, passou para o pequeno quarto de Michael, que ficava na frente do castelo. Ele, que a essa altura parecia aceitar Sophie melancolicamente como uma espécie de desastre natural, deu um grito de aflição e disparou escada acima para resgatar seus mais prezados pertences. Estes estavam dentro de uma caixa velha debaixo da cama comida por cupins. Enquanto ele, protetor, levava a caixa para longe dela, Sophie vislumbrou uma fita azul e uma rosa de algodão-doce ali dentro, sobre o que pareciam ser cartas.

— Então Michael tem uma namorada! — disse ela a si mesma enquanto abria a janela, que também dava para a rua de Porthaven, e estendia a roupa de cama no peitoril para tomar ar.

Considerando-se o quanto ela havia se tornado bisbilhoteira ultimamente, Sophie ficou bastante surpresa consigo mesma por não perguntar a Michael quem era sua namorada e como ele a mantinha a salvo de Howl.

Ela varreu tamanha quantidade de poeira e lixo do quarto de Michael que quase afogou Calcifer tentando queimar aquilo tudo.

— Você vai ser a minha morte! É tão sem coração quanto Howl! — engasgou Calcifer. Somente o cabelo verde e um pedaço azul de sua longa testa estavam visíveis.

Michael pôs sua preciosa caixa na gaveta da bancada e trancou a gaveta.

— Queria que Howl nos ouvisse! — disse ele. — Por que essa garota está tomando tanto o tempo dele?

No dia seguinte, Sophie tentou começar a trabalhar no quintal dos fundos. Mas estava chovendo em Porthaven naquele dia e a água escorria pela janela e tamborilava na chaminé, fazendo Calcifer sibilar, contrariado. O quintal era parte da casa de Porthaven também, portanto, a água caía quando Sophie abriu a porta. Ela colocou o avental sobre a cabeça e remexeu um pouco o lugar, e, antes de ficar encharcada, encontrou um balde de cal e um pincel grande. Levou-os para dentro e pôs-se a trabalhar nas paredes. Encontrou uma velha escada no armário de vassouras e caiu o teto entre as vigas também. Choveu nos dois dias seguintes em Porthaven; no entanto, quando Howl abriu a porta com o borrão verde da maçaneta para baixo e saiu para a colina, o tempo lá estava ensolarado, com as sombras de grandes nuvens correndo sobre a urze mais rápido do que o castelo conseguia se mover. Sophie caiu seu cubículo, a escada, o patamar e o quarto de Michael.

— O que aconteceu por aqui? — perguntou Howl quando entrou, no terceiro dia. — Parece muito mais claro.

— Sophie — disse Michael num tom de fatalidade.

— Eu deveria ter imaginado — disse Howl enquanto desaparecia no banheiro.

— Ele percebeu! — sussurrou Michael para Calcifer. — A garota deve estar se rendendo finalmente!

Ainda chuviscava em Porthaven no dia seguinte. Sophie amarrou seu lenço de cabeça, enrolou as mangas e prendeu o avental na cintura. Apanhou a vassoura, o balde e o sabão e, assim que Howl saiu pela porta, ela partiu como um anjo vingativo idoso para limpar o quarto dele.

Ela deixara aquele cômodo por último com medo do que encontraria ali. Nem mesmo ousara espiar o lugar. E isso era uma tolice, pensou ela, enquanto subia os degraus, mancando. A essa altura já estava evidente que Calcifer fazia toda a magia pesada no castelo e que Michael fazia o trabalho braçal, enquanto Howl caçava garotas e explorava os outros dois

da mesma forma que Fanny a havia explorado. Sophie nunca achara Howl particularmente amedrontador. Agora não sentia por ele nada a não ser desprezo.

Ela chegou ao patamar e encontrou Howl de pé no vão da porta do quarto. Ele se apoiava preguiçosamente numa das mãos, bloqueando-lhe completamente a passagem.

— Aqui, não — disse ele, de modo afável. — Quero que fique sujo, obrigado.

Sophie olhou-o, perplexa.

— De onde você veio? Eu o vi sair.

— Era o que eu queria — disse Howl. — Você foi inclemente com Calcifer e o pobre Michael. Era de se esperar que hoje seria a minha vez. E, seja lá o que for que Calcifer tenha lhe dito, eu *sou* um mago, você sabe. Não achou que eu pudesse fazer mágica?

Isso acabava com todas as suposições de Sophie. Mas ela preferia morrer a admiti-lo.

— Todos sabem que você é um mago, rapaz — disse ela com severidade. — Mas isso não altera o fato de que seu castelo é o lugar mais sujo em que já estive.

Ela olhou para o quarto além da manga azul e prata pendente de Howl. O tapete no chão estava cheio de lixo, como um ninho de pássaro. Ela avistou paredes descascando e uma prateleira cheia de livros, alguns de aparência bastante extravagante. Não havia nenhum sinal de uma pilha de corações mordidos, mas estes provavelmente estavam atrás ou debaixo da imensa cama de colunas. O dossel da cama era branco-acinzentado pela poeira e impedia Sophie de ver para que local dava a janela.

Howl sacudiu a manga diante de seu rosto.

— Hã-hã. Não seja bisbilhoteira.

— Não estou sendo bisbilhoteira! — protestou Sophie. — Este quarto...

— Sim, *é* bisbilhoteira, sim — disse Howl. — É uma velha terrivelmente bisbilhoteira, horrivelmente mandona, com uma espantosa mania de limpeza. Controle-se. Está sacrificando a todos.

— Mas isto aqui é um chiqueiro — disse Sophie. — Não posso deixar de ser o que sou!

— Sim, pode sim — disse Howl. — E eu gosto do meu quarto do jeito que está. Você tem de admitir que tenho o direito de viver num chiqueiro

se quiser. Agora desça e arrume outra coisa para fazer. Por favor. Detesto discutir com as pessoas.

Não havia nada que Sophie pudesse fazer a não ser se afastar mancando, com o balde tilintando ao seu lado. Estava um pouco abalada, e muito surpresa por Howl não a ter expulsado do castelo imediatamente. Mas já que ele não o fizera, ela pensou na próxima tarefa que precisava ser feita de imediato. Abriu a porta ao lado da escada, viu que a chuva havia quase cessado e saiu para o quintal, onde começou a pôr em ordem pilhas de lixo gotejante.

Houve então um ruído metálico e Howl tornou a aparecer, tropeçando levemente na folha grande de ferro oxidado que Sophie se preparava para mover.

— Aqui também não — disse ele. — Você é um terror, não é mesmo? Deixe o quintal em paz. Eu sei exatamente onde está tudo aqui, e não vou conseguir encontrar as coisas de que preciso para meus feitiços de transporte se você arrumar tudo.

Então havia provavelmente um feixe de almas ou uma caixa de corações mordidos em algum lugar aqui fora, pensou Sophie. Sentiu-se frustrada de verdade.

— É para arrumar que eu estou *aqui*! — gritou ela para Howl.

— Então precisa pensar num novo sentido para sua vida — disse ele. Por um momento pareceu que ia perder a paciência também. Seus olhos estranhos e pálidos quase fuzilavam Sophie. Mas ele se controlou e disse: — Agora volte para dentro imediatamente, sua velha hiperativa, e encontre outro brinquedo antes que eu me aborreça. Detesto me aborrecer.

Sophie cruzou os braços esqueléticos. Não gostara de ser fuzilada por olhos que pareciam bolas de gude.

— É óbvio que detesta se aborrecer! — retorquiu ela. — Você não gosta de nada desagradável, não é? Escorregadio, é isso que você é! Escorrega e foge de tudo de que não gosta!

Howl deu uma espécie de sorriso forçado.

— Ora, ora — disse ele. — Agora nós dois conhecemos os defeitos um do outro. Então volte para dentro. Volte. Ande. — Ele avançou na direção de Sophie, gesticulando para ela na direção da porta. A manga do braço que agitava prendeu-se na ponta do metal enferrujado e se rasgou. — Maldição! — praguejou Howl, erguendo as pontas pendentes azuis e prata. — Olhe o que me fez fazer!

— Posso consertar — disse Sophie.

Howl lançou-lhe outro olhar vítreo.

— Lá vem você de novo — disse ele. — Como deve amar a servidão!

— Ele segurou a manga rasgada delicadamente entre os dedos da mão direita e puxou-a por eles. No momento em que o tecido azul e prata deixava seus dedos, não havia mais nenhum rasgo. — Aí está — disse ele. — Entendeu?

Sophie voltou mancando para dentro, sentindo-se repreendida. Os magos não tinham nenhuma necessidade de trabalhar da maneira comum. Howl havia lhe mostrado que ele era de fato um mago para ser levado em conta.

— Por que ele não me botou para fora? — perguntou ela, meio para si mesma, meio para Michael.

— Não entendo — disse Michael. — Mas acho que ele se guia por Calcifer. A maior parte das pessoas que vêm aqui não percebe a presença de Calcifer ou morre de medo dele.



CAPÍTULO SEIS

No qual Howl expressa seus sentimentos com limo verde

Howl não saiu naquele dia, nem nos que se seguiram. Sophie ficava sentada calada na cadeira perto da lareira, mantendo-se fora do caminho dele e pensando. Ela viu que, por mais que Howl merecesse, ela estivera descontando no castelo, quando estava zangada, na verdade, era com a Bruxa das Terras Desoladas. E se sentia um pouco aborrecida com a ideia de que estava ali sob um falso pretexto. Howl podia pensar que Calcifer gostava dela, mas Sophie sabia que Calcifer havia simplesmente agarrado a chance de fazer um pacto com ela. Sophie achava que havia decepcionado Calcifer.

Esse estado de espírito não durou. Ela descobriu uma pilha de roupas de Michael que precisavam de conserto. Então pegou dedal, tesoura e linha em seu bolso de costura e pôs-se a trabalhar. Naquela noite estava alegre o bastante para juntar-se a eles na tola canção de Calcifer sobre caçarolas.

— Feliz no seu trabalho? — perguntou Howl, sarcástico.

— Preciso de mais coisas para fazer — disse Sophie.

— Meu traje antigo precisa de conserto, se você quer se sentir ocupada — disse Howl.

Isso parecia significar que Howl não estava mais aborrecido. Sophie se sentiu aliviada. Naquela manhã ela quase ficara com medo.

Era óbvio que Howl ainda não havia conseguido a garota que estava perseguindo. Sophie ouviu Michael fazer perguntas bastante óbvias sobre o caso, e Howl esquivou-se sistematicamente de responder a qualquer uma delas.

— Ele é escorregadio — murmurou Sophie para um par de meias de Michael. — Não consegue enfrentar sua própria maldade.

Ela observou Howl ocupando-se, agitado, a fim de esconder seu descontentamento. Isso era algo que Sophie compreendia muito bem.

Na bancada, Howl trabalhava com mais afinco e rapidez do que Michael, preparando feitiços com perícia, porém de forma descuidada. Pela expressão de Michael, a maior parte dos feitiços eram incomuns e difíceis de fazer. Mas Howl parava um feitiço no meio e corria para o quarto a fim de cuidar de algo oculto e, sem dúvida, sinistro, que acontecia lá em cima, e então rapidamente corria para o quintal a fim de ocupar-se de um grande feitiço lá fora. Sophie abriu uma fresta na porta e ficou perplexa ao ver o elegante mago ajoelhado na lama com as mangas longas amarradas atrás do pescoço, na intenção de mantê-las fora do caminho,

enquanto ele cuidadosamente erguia numa espécie de armação um emaranhado de metal cheio de graxa.

Aquele feitiço era para o Rei. Outro mensageiro muito arrumado e perfumado chegou com uma carta e um discurso muito longo, no qual perguntava se Howl poderia ceder seu tempo, sem dúvida valiosamente empregado em outras coisas, para submeter sua poderosa e engenhosa mente a um pequeno problema vivido por Sua Majestade Real — a saber, como um exército poderia atravessar seus pesados carroções por terrenos pantanosos e acidentados. Howl foi admiravelmente cortês e prolixo na resposta. Ele disse não. O mensageiro, porém, falou por mais meia hora, ao fim da qual ele e Howl se curvaram um para o outro e Howl concordou em preparar o feitiço.

— Isso parece um agouro — disse Howl a Michael depois que o mensageiro se foi. — Por que Suliman tinha de se perder nas Terras Desoladas? O Rei parece pensar que eu vou substituí-lo.

— Ele não era tão criativo quanto você, sob todos os pontos de vista — disse Michael.

— Sou paciente e educado demais — replicou Howl, sombrio. — Eu deveria ter cobrado ainda mais.

Howl era igualmente paciente e educado com clientes de Porthaven, mas, como Michael ressaltou com irritação, o problema era que Howl não cobrava dessa gente o suficiente. Isso depois de Howl ouvir por uma hora as razões por que a mulher de um marinheiro não podia lhe pagar um centavo e ainda prometer a um capitão do mar um feitiço de vento por quase nada. Howl fugiu dos argumentos de Michael dando-lhe uma aula de magia.

Sophie pregava botões nas camisas de Michael e ouvia Howl repassando um feitiço com Michael.

— Eu sei que *sou* descuidado — dizia ele —, mas não tem necessidade de você me copiar. Em primeiro lugar, leia sempre tudo com atenção. A forma deve lhe dizer muito, quer seja para autorrealização ou autodescoberta ou simples encantamento, ou um misto de ação e discurso. Quando decidir isso, reveja tudo e defina que partes significam o que dizem e que partes são incluídas como enigma. Você está chegando aos tipos mais poderosos. Vai descobrir que todo feitiço de poder tem nele pelo menos um erro ou mistério deliberado para evitar acidentes. Você precisa identificá-los. Agora, pegue este feitiço...

Ao ouvir as respostas hesitantes de Michael às perguntas de Howl e vendo Howl fazer anotações no papel com uma estranha e imemorial pena, Sophie percebeu que podia aprender muito também. Ocorreu-lhe que, se Martha pôde descobrir o feitiço para trocar de lugar com Lettie na casa da sra. Fairfax, então ela também devia ser capaz de fazer o mesmo aqui. Com um pouco de sorte, talvez não precisasse depender de Calcifer.

Quando se convenceu de que Michael havia esquecido o assunto de como ele cobrava das pessoas de Porthaven, Howl o levou para o quintal para ajudá-lo no feitiço do Rei. Sophie pôs-se de pé, estalando as juntas, e foi mancando até a bancada. O feitiço era simples, mas as observações nas garatujas de Howl a derrotaram.

— Nunca vi uma letra assim! — resmungou ela para o crânio humano. — Ele usa uma pena ou um atizador de brasas? — Ela passou os olhos, ávida, por todos os pedaços de papel na bancada e examinou os pós e líquidos nos frascos. — Sim, vamos admitir — disse ao crânio. — Eu bisbilhoto. E tenho minha recompensa apropriada. Posso descobrir como curar a peste das aves e aliviar a coqueluche, criar um vento e remover pelos do rosto. Se Martha houvesse encontrado esses papéis, ainda estaria na casa da sra. Fairfax.

Howl, pareceu a Sophie, examinou todas as coisas em que ela mexera quando ele voltou do quintal. Mas aquilo parecia apenas inquietação. Pelo jeito, ele não sabia o que fazer consigo mesmo depois disso. Sophie ouviu-o perambulando para cima e para baixo durante a noite. Na manhã seguinte, ficou apenas uma hora no banheiro. Não parecia capaz de se conter, enquanto Michael vestia seu melhor traje de veludo roxo, pronto para ir ao Palácio de Kingsbury, e os dois embrulhavam o volumoso feitiço em papel dourado. O feitiço devia ser surpreendentemente leve para seu tamanho. Michael conseguia carregá-lo sozinho com facilidade, envolvendo-o com os dois braços. Howl posicionou a maçaneta acima da porta com o borrão vermelho para baixo e o despachou pela rua entre as casas pintadas.

— Eles estão aguardando o feitiço — disse Howl. — Você só deve ter de esperar uma boa parte da manhã. Diga-lhes que até uma criança pode operá-lo. Mostre a eles. E, quando voltar, terei um feitiço de poder para você trabalhar. Até logo.

Ele fechou a porta e se pôs a andar pela sala novamente.

— Meus pés estão comichando — disse de súbito. — Vou fazer uma caminhada nas colinas. Diga a Michael que o feitiço que prometi a ele está na bancada. E isso aqui é para você se ocupar.

Sophie viu um traje cinza e escarlate, tão extravagante quanto o azul e prata, cair em seu colo vindo de lugar nenhum. Enquanto isso, Howl apanhou o violão no canto, girou a maçaneta com o borrão verde para baixo e saiu para a urze que corria acima de Market Chipping.

— Os pés *dele* comicham! — resmungou Calcifer. Havia um nevoeiro sobre Porthaven. Calcifer estava encolhido em meio a suas achas, movendo-se inquieto de um lado para o outro a fim de escapar às goteiras na chaminé. — Como ele acha que *eu* me sinto, preso num caixote úmido como este?

— Então você vai ter de me dar pelo menos uma pista sobre como romper seu contrato — disse Sophie, sacudindo o traje cinza e escarlate. — Meu Deus, você é uma ótima roupa, mesmo que esteja um pouco batida! Feita para atrair as garotas, não é?

— Eu *já* lhe dei uma pista! — chiou Calcifer.

— Então vai ter de me dar de novo. Eu não a captei — disse Sophie, deixando o traje de lado e dirigindo-se, mancando, para a porta.

— Se eu lhe der uma pista e disser que é uma pista, vai ser informação, e eu não tenho permissão para isso — disse Calcifer. — Aonde você vai?

— Fazer algo que eu não ousaria fazer sem que os dois estivessem fora — disse Sophie. Ela girou a maçaneta quadrada da porta, deixando o borrão preto voltado para baixo. Então abriu a porta.

Não havia nada lá fora. Não era nem preto nem cinza nem branco. Não era espesso nem transparente. Não se movia. Não tinha cheiro nem tato. Quando Sophie esticou um dedo muito cauteloso no ar, não estava nem frio nem quente. Não tinha sensação. Parecia o completo e absoluto nada.

— O que *é* isto? — perguntou ela a Calcifer.

Este estava tão interessado quanto Sophie. Seu rosto azul se inclinava para fora da lareira, querendo ver a porta. Ele até se esqueceu do nevoeiro.

— Eu não sei — sussurrou. — Eu só o mantenho. Tudo o que sei é que fica do lado do castelo em que ninguém pode andar. Parece muito longe.

— Parece além da lua! — disse Sophie. Ela fechou a porta e virou o verde para baixo. Hesitou um minuto e então começou a mancar na direção da escada.

— Ele o trancou — avisou Calcifer. — Me pediu para lhe dizer, caso você tentasse bisbilhotar de novo.

— Ah — disse Sophie. — O que ele tem lá em cima?

— Não tenho a menor ideia — respondeu Calcifer. — Não sei nada lá de cima. Se você soubesse como isso é frustrante! Não consigo nem mesmo ver do lado de fora do castelo. Só o suficiente para saber em que direção estou indo.

Sophie, sentindo-se igualmente frustrada, sentou-se e começou a consertar o traje cinza e escarlate. Michael chegou logo depois.

— O Rei me atendeu imediatamente — disse. — Ele... — Ele olhou à sua volta. Seus olhos dirigiram-se ao canto vazio em que o violão costumava ficar. — Ah, não! — exclamou. — De novo a tal moça, não! Pensei que ela se apaixonara por ele e que tudo tivesse acabado há dias. O que a está impedindo?

Calcifer sibilou maliciosamente.

— Você está interpretando mal os sinais. O insensível Howl acha essa dama bastante difícil. Ele resolveu deixá-la de lado alguns dias para ver se isso ajudava. Isso é tudo!

— Que amolação! — disse Michael. — Isso certamente vai dar problema. E eu aqui esperando que Howl tivesse recuperado a sensatez!

Sophie bateu o traje em seus joelhos.

— Sinceramente! — disse ela. — Como é que vocês dois podem falar assim sobre tamanha maldade? Acho que não posso culpar Calcifer, visto que ele é um demônio maligno. Mas você, Michael...!

— Eu não acho que eu seja maligno — protestou Calcifer.

— Mas eu não estou tranquilo em relação a isso, se é o que você está pensando! — disse Michael. — Se soubesse os problemas que tivemos por Howl viver se apaixonando assim! Já tivemos ações judiciais, pretendentes armados com espadas, mães com rolos de pastel e pais e tios com porretes. E tias. As tias são terríveis. Elas caem em cima de você armadas com alfinetes de chapéu. Mas o pior é quando a própria garota descobre onde Howl mora e aparece aqui na porta, chorando, desgostosa. Howl sai pela porta dos fundos e Calcifer e eu temos de cuidar de todos eles.

— Odeio as infelizes — disse Calcifer. — Elas pingam em mim. Prefiro as furiosas.

— Bem, vamos explicar isso — disse Sophie, fechando os punhos ossudos na seda vermelha. — O que Howl faz a essas pobres mulheres?

Disseram-me que ele devora seus corações e lhes rouba a alma.

Michael riu, constrangido.

— Então você deve vir de Market Chipping. Howl me enviou lá para sujar seu nome quando nos estabelecemos no castelo. Eu... hã... eu disse essas coisas. É o que as tias costumam dizer. É só um modo de falar.

— Howl é muito volúvel — disse Calcifer. — Ele só tem interesse até a garota se apaixonar por ele. Então não se preocupa mais com ela.

— Mas não sossega até fazê-la se apaixonar por ele — afirmou Michael, impaciente. — Não se consegue colocar bom senso naquela cabeça até ele conseguir isso. Eu sempre espero ansioso a hora em que a garota se apaixona por ele. As coisas melhoram então.

— Até o localizarem — disse Calcifer.

— Era de esperar que ele tivesse o bom senso de lhes dar um nome falso — observou Sophie, desdenhosa. O desdém era para esconder o fato de que ela estava se sentindo um tanto tola.

— Ah, ele sempre faz isso — disse Michael. — Ele adora dar nomes falsos e se fazer passar por coisas. Ele faz isso mesmo quando não está cortejando as garotas. Você não percebeu que ele é o Feiticeiro Jenkin em Porthaven, o Mago Pendragon em Kingsbury, assim como o Horrível Howl no castelo?

Sophie não percebera, o que a fez sentir-se ainda mais tola. E sentir-se tola a deixava furiosa.

— Bem, eu ainda acho que é cruel sair por aí fazendo a infelicidade de pobres moças — disse ela. — É insensível e insensato.

— Ele é assim — disse Calcifer.

Michael puxou um banco de três pernas até o fogo e sentou-se nele enquanto Sophie costurava, e contou a ela sobre as conquistas de Howl e alguns dos problemas que tiveram por causa delas. Sophie resmungava para o traje fino. Ela ainda se sentia tola.

— Então você devorava corações, não é, seu traje? Por que as tias falam de uma forma tão *estranha* quando se referem às sobrinhas? Provavelmente elas mesmas gostavam de você, meu bom traje. Como você se sentiria com uma tia furiosa atrás de você, hein?

Quando Michael lhe contava a história de uma determinada tia, ocorreu a Sophie que era uma boa coisa que os rumores sobre Howl houvessem chegado a Market Chipping. Ela podia imaginar uma garota

decidida como Lettie interessando-se por Howl e terminando muito infeliz.

Michael acabara de sugerir que almoçassem, ao que Calcifer, como sempre, respondeu com um gemido quando Howl abriu a porta e entrou, mais descontente do que nunca.

— Quer comer alguma coisa? — perguntou Sophie.

— Não — disse ele. — Água quente no banheiro, Calcifer. — Ele parou, mal-humorado, na porta do banheiro por um momento. — Sophie, você arrumou esta prateleira de feitiços aqui, por acaso?

Sophie sentiu-se mais tola que nunca. Nada a teria feito admitir que havia examinado todos aqueles pacotes e jarros em busca de pedaços de garotas.

— Não toquei em nada — replicou ela, virtuosa, indo buscar a frigideira.

— Espero que não — disse Michael, inquieto, enquanto a porta do banheiro se fechava com um estrondo.

O ruído de água jorrando vinha do banheiro enquanto Sophie preparava o almoço.

— Ele está usando muita água quente — disse Calcifer debaixo da frigideira. — Acho que está tingindo o cabelo. Espero que você não tenha mexido nos feitiços de cabelo. Para um homem comum com cabelo cor de lama, ele é terrivelmente vaidoso.

— Ah, cale a boca! — retrucou Sophie. — Botei tudo de volta exatamente onde encontrei! — Ela estava com tanta raiva que despejou a frigideira de ovos e bacon em cima de Calcifer.

Calcifer, naturalmente, comeu com enorme entusiasmo e muito fulgor. Sophie fritou mais sobre as chamas que subiam. Ela e Michael comeram. Estavam limpando tudo, e Calcifer passava a língua azul pelos lábios púrpura quando a porta do banheiro se abriu bruscamente e Howl saiu de supetão, chorando de desespero.

— Olhe para isto! — gritou ele. — *Olhe* para isto! O que essa força do caos em forma de mulher fez com esses feitiços?

Sophie e Michael deram meia-volta e olharam para Howl. O cabelo dele estava molhado, mas, afora isso, nenhum deles podia ver que estivesse diferente.

— Se está se referindo a mim... — começou Sophie.

— É óbvio que estou me referindo a você! Olhe! — berrou Howl. Ele desabou sobre o banco de três pernas e enfiou o dedo nos cabelos molhados. — Olhe. Examine. Inspecione. Meu cabelo está arruinado! Estou parecendo uma frigideira de bacon e ovos.

Michael e Sophie debruçaram-se nervosamente sobre a cabeça de Howl. Parecia a mesma cor alourada de sempre até a raiz. A única diferença talvez fosse um traço leve, muito leve, de vermelho. Sophie achou que estava bom. Lembrava-lhe um pouco a cor que seu próprio cabelo deveria ter.

— Acho que está muito bonito — disse ela.

— *Bonito!* — gritou Howl. — Como ousa? Você fez de propósito. Não pôde descansar até me fazer infeliz também. Olhe para isto! É cor de *gingibre!* Vou ter de me *esconder* até ele crescer! — Ele abriu os braços com veemência. — Desespero! — berrou ele. — Aflição! Horror!

A sala tornou-se sombria. Formas humanas enormes e nebulosas formaram-se em todos os quatro cantos e avançaram uivando sobre Sophie e Michael. Os uivos começaram como gemidos de horror e se transformaram em urros de desespero, e em seguida novamente em gritos de dor e terror. Sophie tapou os ouvidos com as mãos, mas os gritos faziam pressão contra elas, cada vez mais altos, mais horrendos a cada segundo. Calcifer encolheu-se rapidamente na lareira e enfiou-se debaixo de sua tora mais escondida. Michael agarrou Sophie pelo cotovelo e a arrastou para a porta. Ele girou a maçaneta, virando o azul para baixo, abriu a porta com um chute e saiu o mais rápido que pôde para a rua em Porthaven, levando Sophie com ele.

O barulho do lado de fora era quase tão horrível quanto lá dentro. As portas se abriam ao longo de toda a rua e as pessoas saíam correndo com as mãos cobrindo os ouvidos.

— Devemos deixá-lo sozinho nesse estado? — perguntou, trêmula, Sophie.

— Sim — disse Michael. — Se ele acha que a culpa é sua, com certeza sim.

Eles atravessaram a cidade correndo, perseguidos por gritos palpitantes. Uma multidão considerável os acompanhava. Apesar de o nevoeiro ter se tornado agora uma chuva fina vinda do mar, todos se dirigiram para o porto ou a praia, onde o ruído parecia mais suportável. A vastidão cinzenta do mar o abafava um pouco. As pessoas formavam

grupos molhados, olhando o horizonte branco enevado e as cordas gotejantes nos navios atracados, enquanto o ruído se transformava num soluço gigantesco, desesperado. Sophie refletiu que estava vendo o mar de perto pela primeira vez em sua vida. Era uma pena que não pudesse desfrutar mais o momento.

Os soluços diminuíram, tornando-se suspiros intensos e sofridos, e então veio o silêncio. Muitas pessoas começaram a voltar com cautela para a cidade. Algumas delas se aproximaram timidamente de Sophie.

— Tem alguma coisa errada com o pobre Feiticeiro, sra. Bruxa?

— Ele está um pouco infeliz hoje — disse Michael. — Venham. Acho que podemos arriscar voltar agora.

Quando seguiam ao longo do cais de pedra, vários marinheiros chamaram ansiosos dos navios atracados, querendo saber se o barulho significava tempestades ou má sorte.

— Nada disso — gritou Sophie de volta. — Já acabou.

Mas não tinha acabado. Eles voltaram à casa do mago, que por fora era uma construçãozinha torta comum e que Sophie não teria reconhecido se Michael não estivesse com ela. Michael abriu a porta pequena e velha com cuidado. Lá dentro, Howl ainda estava sentado no banquinho, numa atitude de extremo desespero. E estava todo coberto por um limo verde e espesso.

Havia uma quantidade horrenda, impressionante, violenta de limo verde — montanhas dele. E cobria Howl completamente. Pendia de sua cabeça e de seus ombros em gotas pegajosas, amontoando-se nos joelhos e nas mãos, escorrendo pelas pernas e pingando do banco em fios grudentos. Formava poças de lama que se espalhavam por quase todo o piso. Longos filetes dessa matéria haviam se insinuado na lareira. E o cheiro era horrível.

— Socorro! — gritava Calcifer numa voz rouca. Ele havia se reduzido a duas pequenas chamas que bruxuleavam desesperadas. — Essa coisa vai me apagar!

Sophie ergueu a saia e se aproximou o máximo que pôde — o que não era muito — de Howl.

— Pare com isso! — disse ela. — Pare imediatamente! Você está se comportando como um *bebê*!

Howl não se mexeu nem respondeu. Seu rosto a fitava por trás do lodo, branco, trágico e de olhos arregalados.

— O que vamos fazer? Ele está morto? — perguntou Michael, nervoso, ao lado da porta.

Michael era um bom garoto, pensou Sophie, só que um tanto inútil num momento de crise.

— Não, é óbvio que não — disse ela. — E, se não fosse por Calcifer, ele podia se comportar como uma enguia de gelatina o dia todo que eu não me importaria! Abra a porta do banheiro.

Enquanto Michael atravessava, entre poças de limo, até o banheiro, Sophie atirou seu avental na lareira, para evitar que uma quantidade maior da substância se aproximasse de Calcifer, e pegou a pá. Ela apanhou montes de cinza e jogou nas poças de limo maiores, que chiaram violentamente. A sala se encheu de vapor e o cheiro ficou pior do que nunca. Sophie dobrou as mangas, curvou-se para segurar bem os joelhos pegajosos do mago e empurrou Howl, com banco e tudo, na direção do banheiro. Seus pés escorregavam e deslizavam no lodo, mas a viscosidade também ajudava o banco a se mover. Michael veio e puxou Howl pelas mangas escorregadias. Juntos, rolaram-no até o banheiro. Lá, como Howl se recusava a se mover, empurraram o banco até o boxe do chuveiro.

— Água quente, Calcifer! — arfou Sophie, implacável. — Bem quente.

Levou uma hora para que lavassem todo o lodo de Howl. E mais uma hora para que Michael o persuadissem a descer do banquinho e vestir roupas secas. Felizmente, o traje cinza e escarlate que Sophie acabara de consertar estava dobrado no encosto da cadeira, fora do alcance do limo. O azul e prata estava arruinado. Sophie disse a Michael que o deixasse de molho na banheira. Enquanto isso, resmungando e grunhindo, ela foi buscar mais água quente. Virou o borrão verde da maçaneta para baixo e varreu todo o lodo para o pântano. O castelo deixou uma trilha como uma lesma na vegetação, mas aquela era uma maneira fácil de se livrar do lodo. Havia algumas vantagens em se morar num castelo móvel, pensou Sophie enquanto lavava o chão. Ela se perguntou se os ruídos de Howl também tinham sido emitidos do castelo. Nesse caso, teve pena dos moradores de Market Chipping.

A essa altura, Sophie estava cansada e mal-humorada. Sabia que o lodo verde era a vingança de Howl contra ela, e não estava nem um pouco preparada para ser simpática quando Michael finalmente trouxe Howl do

banheiro, vestido em cinza e escarlate, e com doçura o fez sentar-se na cadeira perto da lareira.

— Isso foi pura estupidez! — crepitou Calcifer. — Você estava tentando se livrar da melhor parte de sua magia, ou algo parecido?

Howl não lhe deu atenção. Ficou ali sentado, dramático e trêmulo.

— Não consigo fazê-lo *falar*! — sussurrou Michael, infeliz.

— É só uma pirraça — disse Sophie. Martha e Lettie também eram boas nisso e ela sabia como lidar com a situação. Por outro lado, é bastante arriscado espancar um mago por ficar histérico por causa do cabelo. De qualquer forma, a experiência de Sophie dizia-lhe que pirraças raramente se devem à causa aparente. Ela fez Calcifer se mover para que pudesse equilibrar uma panela de leite na lenha. Quando estava quente, pôs uma caneca nas mãos de Howl.

— Beba — disse. — Agora, por que esse estardalhaço todo? É por causa dessa jovem que você sempre vai ver?

Howl bebericou o leite, desconsolado.

— É — disse ele. — Deixei-a em paz para ver se isso a faria lembrar-se de mim com carinho, e não deu certo. Ela estava em dúvida da última vez que a vi. Agora me diz que existe outro sujeito.

Ele parecia tão infeliz que Sophie teve pena dele. Agora que o cabelo estava seco, ela notou, com culpa, que estava mesmo quase cor-de-rosa.

— Ela é a garota mais linda que já existiu nessas bandas — prosseguiu Howl, choroso. — Eu a amo tanto, mas ela despreza minha profunda devoção e se lamenta por outro homem. Como *pode* se interessar por outro depois de toda a atenção que lhe dei? Em geral elas se livram dos outros homens quando eu apareço.

A compaixão de Sophie encolheu-se bruscamente. Ocorreu-lhe que se Howl podia cobrir-se de limo verde tão facilmente, então podia, com a mesma facilidade, dar ao seu cabelo a cor adequada.

— Então por que você não dá à garota uma poção do amor e acaba com isso? — perguntou ela.

— Ah, não — disse Howl. — O jogo não é assim. Isso acabaria com toda a diversão.

A compaixão de Sophie tornou a encolher. Um jogo, então era isso?

— Você não pensa nunca na pobre garota? — retrucou ela.

Howl terminou de beber o leite e fitou a caneca com um sorriso sentimental.

— Eu penso nela o tempo todo — disse ele. — Ah, linda, linda Lettie Hatter.

A compaixão de Sophie desapareceu completamente, de supetão, substituída por uma boa dose de ansiedade. Ah, Martha!, pensou ela. Você tem *mesmo* andado ocupada! Então não era de ninguém do Cesari's que você estava falando!



CAPÍTULO SETE

No qual um espantalho impede que Sophie deixe o castelo

Foi apenas uma crise de dor particularmente intensa que impediu que Sophie fosse para Market Chipping naquela noite. A chuva fina de Porthaven havia penetrado em seus ossos. Ela ficou deitada em seu cubículo, cheia de dores e preocupada com Martha. Talvez não fosse tão ruim, pensou. Só precisava dizer a Martha que o pretendente sobre o qual não tinha muita certeza não era ninguém menos do que o Mago Howl. Isso deixaria Martha apavorada. E ela diria a Martha que a maneira de afastar Howl era anunciar que estava apaixonada por ele, e então talvez ameaçá-lo com algumas tias.

Sophie ainda estava se espreguiçando quando se levantou na manhã seguinte.

— *Maldita* Bruxa das Terras Desoladas! — murmurou para a bengala quando a apanhou, pronta para sair. Podia ouvir Howl cantando no banheiro, como se nunca tivesse feito uma pirraça na vida. Ela andou na ponta dos pés até a porta o mais rápido que conseguia, mancando.

Howl, naturalmente, saiu do banheiro antes que ela chegasse lá. Sophie olhou para ele, azeda. Estava todo elegante, com um leve aroma de flor de maçã. A luz do sol que vinha da janela faiscava em seu traje cinza e escarlate e formava uma auréola levemente cor-de-rosa em seu cabelo.

— Acho que meu cabelo ficou muito bom nessa cor — disse ele.

— Acha mesmo? — resmungou Sophie.

— Combina com a roupa — disse Howl. — Você é bastante hábil com a agulha, não é? Deu mais estilo ao traje.

— Hum! — disse Sophie.

Howl parou com a mão na maçaneta acima da porta.

— As dores estão incomodando você? — perguntou ele. — Ou alguma coisa a deixou aborrecida?

— Aborrecida? — repetiu Sophie. — Por que eu estaria aborrecida? Alguém simplesmente encheu o castelo de geleia podre e ensurdeceu a todos em Porthaven, quase transformou Calcifer em cinzas e partiu algumas centenas de corações. Por que isso me aborreceria?

Howl riu.

— Peço desculpas — disse ele, virando a maçaneta com o vermelho para baixo. — O Rei quer me ver hoje. Provavelmente vou me divertir a valer no palácio até a noite, mas posso fazer algo para o seu reumatismo quando voltar. Não se esqueça de dizer a Michael que deixei aquele feitiço

para ele na bancada. — Ele dirigiu a Sophie um sorriso luminoso e saiu para as torres de Kingsbury.

— E você acha que isso resolve tudo! — grunhiu Sophie enquanto a porta fechava. Mas o sorriso a abrandara. — Se aquele sorriso funciona *comigo*, então não é de admirar que a pobre Martha tenha perdido a cabeça! — murmurou ela.

— Preciso de mais lenha antes de você ir — lembrou-lhe Calcifer.

Sophie foi mancando colocar mais lenha na lareira. Então começou a dirigir-se para a porta novamente. Mas nesse momento Michael veio correndo escada abaixo e apanhou os restos de um pão na bancada, enquanto corria para a porta.

— Não se importa, não é? — perguntou, agitado. — Trago um pão fresco quando voltar. Tenho algo muito urgente para fazer hoje, mas estarei de volta no fim da tarde. Se o capitão do mar vier buscar seu feitiço, está na ponta da bancada, com um rótulo bem explicado. — Girou a maçaneta com o verde para baixo e saltou para a colina, onde ventava bastante, o pão apertado junto ao corpo. — Até mais! — gritou, enquanto o castelo passava por ele e a porta se fechava com força.

— Que amolação! — exclamou Sophie. — Calcifer, como a pessoa abre a porta quando não tem ninguém no castelo?

— Eu abro para você ou para Michael. Howl abre sozinho — disse Calcifer.

Então ninguém ficaria trancado do lado de fora quando Sophie saísse. Não estava muito certa de que voltaria, mas não tinha intenção de dizer isso a Calcifer. Deu a Michael tempo de se adiantar no caminho, aonde quer que estivesse indo, e se dirigiu à porta outra vez. Dessa vez Calcifer a deteve.

— Se você vai ficar fora por muito tempo — disse —, é melhor deixar algumas toras onde eu possa alcançá-las.

— Você *pode* pegar toras? — perguntou Sophie, intrigada, apesar de sua impaciência.

Como resposta, Calcifer estendeu uma chama azul em forma de braço dividida em chamas verdes semelhantes a dedos na extremidade. Não era muito longa nem parecia forte.

— Vê? Eu quase alcanço o chão da lareira — disse ele, orgulhoso.

Sophie fez uma pilha de toras na frente da lareira, de modo que Calcifer pudesse pelo menos alcançar a do topo.

— Você não deve queimá-las até que estejam na grelha — advertiu-o, e então se pôs a caminho da porta novamente.

Dessa vez alguém bateu antes que ela chegasse lá.

Esse era um daqueles dias, pensou Sophie. Deve ser o capitão do mar. Levantou a mão para girar o azul da maçaneta para baixo.

— Não, é a porta do castelo — disse Calcifer. — Mas eu não tenho certeza...

Então era Michael de volta por alguma razão, pensou Sophie enquanto abria a porta.

Um rosto de nabo olhou-a de soslaio. Ela sentiu o cheiro de bolor. Contra o amplo céu azul, um braço maltrapilho terminando no coto de um galho girou e tentou alcançá-la. Era um espantalho. Feito apenas de galhos e panos velhos, mas estava vivo e tentava entrar.

— Calcifer! — gritou Sophie. — Faça o castelo andar mais rápido!

Os blocos de pedra em torno da porta rangiam. A vegetação verde-amarronzada de repente passava velozmente por eles. O braço de galho do espantalho bateu na porta, e então foi raspando ao longo da parede do castelo, enquanto este o deixava para trás. Ele girou o outro braço e pareceu tentar agarrar as pedras na alvenaria. Estava determinado a entrar no castelo.

Sophie fechou a porta violentamente. Isso, ela pensou, só mostra o quanto é estúpido uma primogênita tentar buscar seu destino! Aquele era o espantalho que ela havia escorado na cerca quando ia para o castelo. Ela fizera piadas com ele. Agora, como se suas piadas o tivessem trazido para a vida perversa, ele a seguira até aqui e tentou bater no rosto dela. Sophie correu até a janela para ver se aquela coisa ainda estava tentando entrar no castelo.

Naturalmente, tudo o que pôde ver foi um dia ensolarado em Porthaven, com dúzias de velas subindo por dúzias de mastros além dos telhados diante da casa, e uma nuvem de gaivotas voando em círculos no céu azul.

— Esse é o problema de estar em vários lugares ao mesmo tempo! — disse Sophie ao crânio humano sobre a bancada.

Então, de repente, ela descobriu o verdadeiro inconveniente de ser velha. Seu coração deu um salto, falhou uma batida e então pareceu tentar encontrar o caminho de saída do peito. Doía. Todo o corpo dela estremecia e seus joelhos tremiam. Chegou a pensar que estivesse morrendo. A única

coisa que pôde fazer foi alcançar a cadeira diante da lareira. Ficou ali sentada, arquejando, apertando o peito.

— Algum problema? — perguntou Calcifer.

— Sim. Meu coração. Havia um espantalho na porta! — arfou Sophie.

— O que um espantalho tem a ver com o seu coração? — quis saber Calcifer.

— Ele estava tentando entrar aqui. Me deu um susto medonho. E meu coração... Mas você não entenderia, seu demônio jovem e tolo! — arquejou Sophie. — Você não tem coração.

— Tenho, sim — disse Calcifer, com o mesmo orgulho com que havia exibido o braço. — Aí nas brasas que ardem sob a madeira. E não me chame de jovem. Sou uns bons milhões de anos mais velho do que você! Posso reduzir a velocidade do castelo agora?

— Apenas se o espantalho já tiver desaparecido — disse Sophie. — Ele já foi?

— Não sei dizer — respondeu Calcifer. — Não é de carne e osso, você sabe. Eu disse a você que não conseguia ver lá fora.

Sophie levantou-se e se arrastou outra vez até a porta, sentindo-se mal. Ela a abriu lenta e cuidadosamente. Aclives verdes, pedras e encostas púrpura passavam velozmente, deixando-a tonta, mas Sophie agarrou-se ao umbral da porta e inclinou-se para fora a fim de olhar ao longo do muro o pântano que estavam deixando para trás. O espantalho estava a cerca de 50 metros do castelo. Pulava de arbusto em arbusto, com uma sinistra espécie de valentia, mantendo os agitados braços de pau num determinado ângulo para equilibrar-se na encosta. Enquanto Sophie observava, o castelo afastou-se ainda mais. Embora fosse lento, o espantalho ainda os seguia. Ela fechou a porta.

— Ainda está lá — disse ela. — Pulando atrás da gente. Vá mais rápido.

— Mas isso atrapalha todos os meus cálculos — explicou Calcifer. — Eu pretendia circular as colinas e voltar para o ponto em que Michael nos deixou em tempo de apanhá-lo hoje à noite.

— Então vá duas vezes mais rápido e circule duas vezes as colinas. Contanto que deixe essa criatura horrível para trás! — disse Sophie.

— Que confusão! — resmungou Calcifer. No entanto, aumentou a velocidade do castelo. Sophie podia, pela primeira vez, senti-lo ribombando à volta dela enquanto se sentava encolhida na cadeira,

perguntando-se se estaria morrendo. Não queria morrer ainda, antes de ter falado com Martha.

À medida que o dia avançava, tudo no castelo começou a sacudir-se com a velocidade. As garrafas tilintavam. O crânio batia ruidosamente na bancada. Sophie podia ouvir os objetos caindo da prateleira do banheiro e o ruído do choque com a água da banheira, onde o traje azul e prata ainda estava de molho. Começou a se sentir um pouco melhor. Arrastou-se novamente até a porta e espiou lá fora, o cabelo voando ao vento. O solo corria debaixo do castelo. As colinas pareciam rodopiar lentamente à medida que o castelo passava correndo. O rangido e os estrondos quase a ensurdeciam, e a fumaça vinha de trás em rajadas. O espantalho, porém, a essa altura, era um pontinho preto numa encosta distante. Quando voltou a olhar, ele estava inteiramente fora do seu campo de visão.

— Ótimo. Então vou parar para a noite — disse Calcifer. — Isso foi um estresse e tanto.

O ruído foi cessando. Os objetos pararam de sacudir. Calcifer adormeceu, da maneira como os fogos fazem, mergulhando entre a madeira até se tornarem cilindros cor-de-rosa cobertos por cinza branca, apenas com um leve sinal de azul e verde por baixo.

Sophie sentia-se novamente ágil. Ela foi para o banheiro e pescou seis pacotinhos e um frasco na água lodosa na banheira. Os pacotes estavam encharcados. Não ousaria deixá-los daquele jeito, depois de ontem, assim, os esticou no chão e, com muito cuidado, polvilhou-os com a substância rotulada PODER DE SECAGEM. Secaram quase instantaneamente. Isso era animador. Sophie escoou a água da banheira e experimentou o PODER no terno de Howl. Este também secou. Ainda estava manchado de verde e um pouco menor do que antes, mas descobrir que podia fazer alguma coisa certa encheu Sophie de alegria.

Sentia-se jovial o bastante para se ocupar do preparo da ceia. Reuniu tudo que estava na bancada numa pilha em torno do crânio e começou a picar cebolas.

— Pelo menos *seus* olhos não lacrimejam, meu amigo — disse ela ao crânio. — Olhe o lado positivo.

A porta se abriu repentinamente.

Sophie quase se cortou, de susto, achando que fosse o espantalho de novo. Mas era Michael. Ele entrou de supetão, todo contente. Colocou um pão, uma torta salgada e uma caixa de listras brancas e rosa em cima das

cebolas. Então agarrou Sophie pela cintura fina e dançou com ela pela sala.

— Está tudo bem! Está tudo bem! — gritou ele, alegre.

Sophie pulava e tropeçava, esquivando-se das botas de Michael.

— Calma! Calma! — arfava, tonta, tentando segurar a faca de modo que não ferisse nenhum dos dois. — O *que* está bem?

— Lettie me ama! — gritou Michael, dançando com ela até quase o banheiro e depois à lareira. — Ela nunca nem mesmo viu Howl! Foi tudo um engano! — Ele rodopiou com ela no meio da sala.

— Você pode me soltar antes que esta faca corte um de nós? — berrou Sophie. — E quem sabe explicar um pouquinho o que está acontecendo.

— Iuuupi! — gritou Michael. Ele girou Sophie até a cadeira e deixou-a cair sobre ela, arquejante. — Na noite passada, desejei que você tivesse pintado o cabelo dele de azul! Agora não me importo. Quando Howl disse “Lettie Hatter” pensei em pintá-lo de azul eu mesmo. Você pode ver pelo jeito como ele fala. Eu sabia que ele ia se cansar dessa garota, assim como das outras, assim que a fizesse se apaixonar por ele. E, quando pensava que era a minha Lettie, eu... Bem, você sabe que ele disse que havia outro homem, e eu achei que fosse eu! Então corri para Market Chipping hoje. E estava tudo bem! Howl deve estar atrás de outra garota com o mesmo nome. Lettie nunca o viu.

— Vamos explicar isso — disse Sophie, tonta. — Estamos falando sobre a Lettie Hatter que trabalha no café Cesari’s, não é?

— Certamente que estamos! — disse Michael, jovial. — Eu a amo desde que ela começou a trabalhar lá, e quase não pude acreditar quando ela disse que *me* amava. Ela tem centenas de admiradores. Eu não ficaria surpreso se Howl fosse um deles. Estou tão *aliviado*! Trouxe para você um bolo do Cesari’s para comemorar. Onde foi que o coloquei? Ah, aqui está.

Ele empurrou a caixa rosa e branca na direção de Sophie. Pedacos de cebola caíram no colo dela.

— Quantos anos você tem, meu filho? — perguntou Sophie.

— Fiz quinze no dia Primeiro de Maio — disse Michael. — Calcifer soltou fogos de artifício aqui do castelo. Não foi, Calcifer? Ah, ele está dormindo. Você deve estar pensando que sou muito jovem para ficar noivo... Ainda tenho três anos como aprendiz pela frente, e Lettie tem ainda mais tempo... Mas nos comprometemos um com o outro e não nos importamos de esperar.

Então Michael tinha a idade certa para Martha, pensou Sophie. E ela sabia que ele era um bom rapaz, leal, com uma carreira como mago à frente. Que Deus abençoe Martha! Quando ela pensou naquele assustador Primeiro de Maio, percebeu que Michael tinha sido um dos que gritavam no balcão diante de Martha. Mas Howl estava lá fora, na praça.

— Tem certeza de que sua Lettie estava falando a verdade em relação a Howl? — indagou ela, ansiosa.

— Absoluta — afirmou Michael. — Eu sei quando ela está mentindo. Ela para de girar os polegares.

— Ela para, mesmo! — disse Sophie, rindo.

— Como é que *você* sabe? — perguntou Michael, surpreso.

— Porque ela é minha ir... hã... neta da minha irmã — disse Sophie —, e, quando garotinha, nem sempre era muito fiel à verdade. Mas ela é muito jovem e... hã... Bem, suponha que ela mude enquanto cresce. Ela... hã... pode não ser a mesma daqui a um ano.

— Nem eu serei — disse Michael. — As pessoas na nossa idade mudam o tempo todo. Isso não vai ser problema. Ela ainda vai ser a Lettie.

De certa maneira, pensou Sophie.

— Mas suponha que ela estivesse falando a verdade — prosseguiu ela, ansiosa —, só que conhece Howl com um nome falso?

— Não se preocupe, eu pensei nisso! — disse Michael. — Descrevi Howl para ela... e você tem de admitir que ele é bastante marcante... E ela nunca viu nem ele nem seu violão. Nem precisei dizer a ela que ele não sabe tocar aquilo. Ela nunca pôs os olhos nele, e girou os dedos todo o tempo enquanto dizia que nunca o viu.

— Isso é um alívio! — disse Sophie, recostando-se, rígida, na cadeira. E era certamente um alívio em relação a Martha. Mas não chegava a ser um grande alívio, pois Sophie sabia que a única outra Lettie Hatter na cidade era a verdadeira. Se houvesse outra, alguém teria fofocado sobre isso na chapelaria. Parecia mesmo Lettie: resoluta, não cedendo a Howl. O que preocupava Sophie era que Lettie tinha dito a Howl seu nome verdadeiro. Podia não estar segura em relação a ele, mas gostava dele o bastante para lhe confiar um segredo importante como esse.

— Não fique tão ansiosa! — riu Michael, recostando-se na cadeira. — Dê uma olhada no bolo que eu trouxe.

Quando Sophie começou a abrir a caixa, ocorreu-lhe que Michael deixara de vê-la como um desastre natural e passara a gostar dela de

verdade. Sentiu-se tão contente e agradecida que decidiu contar a ele toda a verdade sobre Lettie e Martha, e também sobre si mesma. Era justo deixá-lo saber o tipo de família na qual pretendia entrar. A caixa se abriu. Era o bolo mais sofisticado do Cesari's, coberto de creme, cerejas e lascas de chocolate.

— Oh! — exclamou Sophie.

A maçaneta quadrada na porta girou, deixando o borrão vermelho para baixo, e Howl entrou.

— Que bolo maravilhoso! O meu favorito! — disse ele. — Onde o conseguiu?

— Eu... hã... fui até o Cesari's — disse Michael, acanhado. Sophie olhou para Howl. Algo sempre iria interrompê-la quando ela decidisse contar que estava sob o efeito de um feitiço. Até mesmo um mago, ao que parecia.

— Parece ter valido a pena andar até lá — observou Howl, examinando o bolo. — Ouvi dizer que o Cesari's é melhor do que qualquer confeitaria de Kingsbury. Que estúpido eu sou de nunca ter ido até lá. E isso que vejo na bancada é uma torta salgada? — Ele foi até lá olhar. — Torta num leito de cebolas cruas. Crânio humano sendo abusado. — Ele apanhou a caveira e tirou um anel de cebola de seu globo ocular. — Estou vendo que Sophie andou se ocupando de novo. Você não poderia tê-la contido, meu amigo?

A caveira batia os dentes para ele. Howl pareceu surpreso e a pôs de lado rapidamente.

— Alguma coisa errada? — perguntou Michael. Ele parecia conhecer os sinais.

— Há, sim — disse Howl. — Preciso encontrar alguém que fale mal de mim para o Rei.

— Alguma coisa deu errado com o feitiço do vagão? — indagou Michael.

— Não. Ele funcionou perfeitamente. É esse o problema — disse Howl, girando, inquieto, um anel de cebola num dos dedos. — O Rei está tentando me pressionar a fazer outra coisa agora. Calcifer, se não tomarmos muito cuidado, ele vai me nomear Mago Real.

Como Calcifer não respondeu, Howl foi até a lareira e percebeu que ele estava dormindo.

— Acorde-o, Michael. Preciso consultá-lo.

Michael atirou duas achas em Calcifer e o chamou. Nada aconteceu, afora uma fina espiral de fumaça.

— Calcifer! — gritou Howl. Isso também não funcionou. Howl lançou um olhar perplexo a Michael e apanhou o atizador de brasas, algo que Sophie nunca o vira fazer.

— Desculpe, Calcifer — disse, revolvendo a madeira não queimada. — *Acorde!*

Uma densa nuvem de fumaça preta se ergueu e parou.

— Vá embora — grunhiu Calcifer. — Estou cansado.

Com isso, a expressão de Howl era de total alarme.

— O que há de errado com ele? Eu nunca o vi assim!

— Acho que foi o espantalho — disse Sophie.

Howl, de joelhos, girou o corpo e dirigiu os olhos de bola de gude para ela.

— O que foi que você fez *desta vez*? — Ele continuou a fitá-la, enquanto Sophie explicava. — Um espantalho? Calcifer concordou em mover o castelo mais velozmente por causa de um *espantalho*? Querida Sophie, por favor, me diga como você força um demônio do fogo a ser tão prestativo. Eu adoraria saber!

— Não o forcei — disse Sophie. — O espantalho me deu um susto e Calcifer ficou com pena de mim.

— Ele lhe deu um susto e Calcifer ficou com pena — repetiu Howl. — Minha boa Sophie, Calcifer nunca tem pena de ninguém. De qualquer forma, espero que goste de cebolas cruas e torta fria para o jantar, pois quase apagou Calcifer.

— Ainda tem o bolo — disse Michael, tentando apaziguar os ânimos.

A comida pareceu melhorar o humor de Howl, embora ele continuasse lançando olhares ansiosos à lenha não queimada na lareira o tempo todo em que comiam. Mesmo fria, a torta estava boa e a cebola bastante saborosa, pois Sophie a mergulhara no vinagre. O bolo estava sensacional. Enquanto o comiam, Michael arriscou perguntar a Howl o que o Rei queria.

— Nada definitivo ainda — respondeu Howl, desanimado. — Mas ele estava me sondando em relação a seu irmão. Pelo jeito, tiveram uma bela discussão antes de o Príncipe Justin sair furioso, e as pessoas estão comentando. O Rei obviamente queria que eu me oferecesse para procurar

seu irmão. E, como um tolo, eu fui dizer que não acreditava que o Mago Suliman estivesse morto, e isso piorou mais ainda as coisas.

— Por que você não quer procurar o Príncipe? — perguntou Sophie. — Não acha que pode encontrá-lo?

— Rude e desafiadora você, não? — retrucou Howl. Ele ainda não a havia perdoado por Calcifer. — Quero sair dessa porque sei que *posso* encontrá-lo, se quer saber. Justin era amigo de Suliman, e a causa da discussão foi ele ter dito ao Rei que ia procurar o mago. Achava que o Rei não devia ter mandado Suliman para as Terras Desoladas. Até mesmo você deve saber que existe uma certa senhora nas Terras Desoladas que é sinônimo de problema. Ela prometeu me fritar vivo ano passado e me lançou uma praga que só consegui evitar até agora porque tive o bom senso de dar a ela um nome falso.

Sophie estava quase estupefata.

— Está querendo dizer que rejeitou a Bruxa das Terras Desoladas?

Howl serviu-se de outro pedaço de bolo, parecendo triste e digno.

— Essa não é a melhor forma de expressar a situação. Admito que pensei que estivesse apaixonado por ela durante algum tempo. Ela é, de certa forma, uma mulher muito triste, pouco amada. Todos os homens em Ingary morrem de medo dela. *Você* devia saber como é isso, Sophie, querida.

A boca de Sophie se abriu em absoluta indignação. Michael apressou-se em intervir:

— Acha que devemos mover o castelo? Foi para isso que o inventou, não foi?

— Isso depende de Calcifer. — Howl olhou por cima do ombro novamente a madeira que mal lançava um fiapo de fumaça. — Tenho de dizer que, quando penso que tanto o Rei quanto a Bruxa estão atrás de mim, sinto um forte anseio de plantar o castelo numa bela pedra a mais de mil quilômetros daqui.

Michael obviamente se arrependeu de ter falado. Sophie podia ver que ele estava pensando que mil quilômetros eram uma distância terrivelmente longa, separando-o de Martha.

— Mas o que acontece com sua Lettie Hatter — perguntou ela a Howl —, se você for embora?

— Espero que a essa altura tudo isso já tenha acabado — disse Howl, distraído. — Mas se eu conseguisse uma forma de tirar o Rei das minhas

costas... Já sei! — Ele ergueu o garfo, com um pedaço de creme e bolo derretendo, e o apontou para Sophie. — *Você* pode sujar meu nome com o Rei. Pode fingir ser minha velha mãe e pedir por seu garoto de olhos azuis. — Ele ofereceu a Sophie o sorriso que sem dúvida havia encantado a Bruxa das Terras Desoladas e possivelmente também Lettie, disparando-o, deslumbrante, ao longo do garfo, atravessando o creme, e indo direto aos olhos de Sophie. — Se pode obrigar Calcifer, o Rei não deve representar nenhum problema para você.

Sophie olhou-o, em meio ao deslumbramento, e não disse nada. Aqui, pensou ela, era onde *ela* escapulia. Ia dar o fora. Sentia muito pelo acordo com Calcifer. Já tivera o bastante de Howl. Primeiro, o limo verde, depois, o olhar de reprovação por algo que Calcifer fizera espontaneamente, e agora isso! Amanhã ela escaparia para Upper Folding e contaria tudo a Lettie.



CAPÍTULO OITO

No qual Sophie deixa o castelo e toma várias direções ao mesmo tempo

Para alívio de Sophie, Calcifer reacendeu-se cheio de vigor na manhã seguinte. Se ela já não estivesse farta de Howl, teria ficado quase emocionada por sua alegria ao ver Calcifer.

— Achei que ela tivesse acabado com você, sua velha bola de gás — disse Howl, ajoelhando-se na lareira com as mangas se arrastando nas cinzas.

— Eu só estava cansado — disse Calcifer. — Parece que alguma coisa estava segurando o castelo. Eu nunca o tinha conduzido tão rápido assim.

— Bem, não deixe que ela o force a fazer isso de novo — disse Howl, pondo-se de pé e limpando delicadamente as cinzas do traje cinza e escarlate. — Comece aquele feitiço hoje, Michael. E, se vier alguém da parte do Rei, estarei fora resolvendo assuntos particulares urgentes até amanhã. Vou ver Lettie, mas não precisa dizer isso a ele. — Apanhou o violão e abriu a porta com o verde para baixo, saindo para as vastas e enevoadas colinas.

O espantalho estava lá outra vez. Quando Howl abriu a porta, ele se lançou de lado contra Howl, com o rosto de nabo em seu peito. O violão emitiu um terrível *tóiiim*. Sophie deu um débil grito de terror e agarrou-se à cadeira. Um dos braços de madeira do espantalho tentava obstinadamente agarrar a porta. Pela forma como os pés de Howl se posicionavam, era evidente que ele estava sendo empurrado com muita força. Não havia dúvida de que aquela coisa estava determinada a entrar no castelo.

O rosto azul de Calcifer inclinou-se para fora da lareira. Michael deteve-se imóvel mais adiante.

— O espantalho existe mesmo! — gritaram ambos.

— Ah, existe? Não me diga! — arquejou Howl. Ele conseguiu apoiar um pé no umbral da porta e ergueu o corpo. O espantalho foi lançado para trás, aterrissando, desajeitado, com um leve farfalhar da urze alguns metros adiante. Mas levantou-se instantaneamente e veio saltitando outra vez em direção ao castelo. Howl deixou o violão na soleira da porta e correu ao seu encontro.

— Você não, meu amigo — disse, com uma das mãos estendida. — Volte para o lugar de onde veio.

Caminhava adiante lentamente, ainda com a mão à frente. O espantalho recuou um pouco, saltando devagar e com cuidado para trás. Quando Howl parou, o espantalho fez o mesmo, com sua única perna

plantada na urze e os braços maltrapilhos inclinando-se para um lado e para o outro, como uma pessoa lutando. Os farrapos esvoaçando em seus braços pareciam uma louca imitação das mangas de Howl.

— Não vai, não é? — perguntou Howl.

E a cabeça de nabo lentamente se moveu de um lado para o outro. Não.

— Sinto muito, mas vai ter de ir — disse Howl. — Você assusta Sophie e não dá para saber o que ela é capaz de fazer quando está assustada. Pensando bem, você me assusta também.

Os braços de Howl moveram-se pesadamente, como se estivessem erguendo um grande peso, até se encontrarem acima da cabeça. Ele gritou uma palavra estranha, que foi parcialmente abafada por um súbito trovão. E lá se foi o espantalho voando pelos ares. Para cima e para trás, os farrapos esvoaçando, os braços girando em protesto, sem parar, até que nada mais fosse do que uma mancha voando no céu, depois um ponto desaparecendo em meio às nuvens, até que, finalmente, tornou-se invisível.

Howl baixou os braços e voltou à soleira da porta, enxugando o rosto com o dorso da mão.

— Retiro minhas palavras duras, Sophie — disse ele, arfando. — Aquela coisa era assustadora. Deve ter puxado o castelo para trás o dia todo ontem. Tinha uma das magias mais fortes que já vi. O que quer que fosse... foi o que restou da última pessoa para quem você trabalhou?

Sophie deixou escapar uma risadinha fraca. Seu coração não estava funcionando bem novamente.

Howl percebeu que havia algo errado com ela. Entrou novamente, saltando sobre o violão, segurou-a pelo cotovelo e fez com que se sentasse na cadeira.

— Agora, calma!

Algo aconteceu entre Howl e Calcifer naquele momento. Sophie sentiu, pois estava segura por Howl e Calcifer ainda se inclinava para fora da lareira. O que quer que fosse, seu coração voltou a funcionar adequadamente quase de imediato. Howl olhou para Calcifer, deu de ombros e afastou-se para dar a Michael várias instruções para que ele fizesse Sophie ficar quieta pelo resto do dia. Então ele apanhou o violão e partiu, por fim.

Sophie permaneceu na cadeira, fingindo que se sentia duas vezes pior do que se sentia na verdade. Ela precisava deixar Howl sumir de vista. Era

um inconveniente que ele estivesse indo para Upper Folding também, mas ela andaria tão mais devagar que chegaria na hora em que ele estivesse dando início à volta. O importante era não encontrá-lo no caminho. Ela espiou Michael enquanto ele desenrolava o feitiço e coçava a cabeça, pensativo. Esperou até ele arrastar grandes livros de capa de couro das prateleiras e começar a tomar notas de modo frenético.

Quando ele parecia devidamente absorto, Sophie murmurou várias vezes:

— Está abafado aqui.

Michael não percebeu.

— Abafado demais — insistiu Sophie, levantando-se e andando, trôpega, na direção da porta. — Ar fresco.

Ela abriu a porta e saiu. Calcifer, prestativo, deteve o castelo enquanto ela saía. Sophie aterrissou na urze e olhou ao redor, orientando-se. A estrada acima das colinas, que levava até Upper Folding, era uma linha arenosa que cortava a urze, um pouco abaixo de onde se encontrava o castelo. Naturalmente, Calcifer não dificultaria nada para Howl. Sophie partiu em direção à estrada. Sentia-se um pouco triste. Ia sentir saudades de Michael e de Calcifer.

Estava quase na estrada quando ouviu gritos atrás dela. Michael saltava morro abaixo em sua direção, e o castelo alto e preto vinha atrás dele, lançando baforadas ansiosas de fumaça das quatro torres.

— O que está *fazendo*? — perguntou Michael quando a alcançou. Pela maneira como a olhava, Sophie viu que ele estava pensando que o espantalho a havia deixado desnorreada.

— Estou perfeitamente bem — disse Sophie, indignada. — Eu vou só ver minha... a outra neta da minha irmã. Ela também se chama Lettie Hatter. Agora você entende?

— Onde ela mora? — perguntou Michael, como se pensasse que Sophie pudesse não saber.

— Em Upper Folding — respondeu Sophie.

— Mas isso fica a mais de quinze quilômetros daqui! — disse Michael. — Prometi a Howl que a faria descansar. Não posso deixá-la ir. Disse a ele que não permitiria que saísse das minhas vistas.

Sophie não ficou muito satisfeita com isso. Howl achava que ela era útil agora porque pretendia que ela falasse com o Rei. É óbvio que não queria que ela saísse do castelo.

— Hum! — disse ela.

— Além disso — prosseguiu Michael, compreendendo lentamente a situação —, Howl também deve ter ido para Upper Folding.

— Tenho quase certeza de que foi — disse Sophie.

— Então você está ansiosa por causa dessa garota, se ela é sua sobrinha-neta — deduziu Michael, finalmente chegando ao ponto. — Entendo! Mas não posso deixá-la ir.

— Eu vou — disse Sophie.

— Mas, se Howl a vir lá, vai ficar furioso — prosseguiu Michael, elaborando o argumento. — Como eu prometi a ele, vai ficar uma fera com nós dois. Você devia descansar. — Então, quando Sophie estava quase pronta para bater nele, Michael exclamou: — Espere! Tem um par de botas de sete léguas no armário das vassouras!

Ele pegou Sophie pelo punho magricela e a puxou morro acima até o castelo, que aguardava. Ela foi forçada a dar pulinhos a fim de não prender os pés na urze.

— Mas... — arfou ela — ...sete léguas são mais de 33 quilômetros! Eu estaria a meio caminho de Porthaven em dois passos!

— Não, são 16 quilômetros por passo — disse Michael. — Essa é quase a distância exata até Upper Folding. Se cada um de nós calçar uma bota e dermos um passo juntos, então não estarei deixando você sair das minhas vistas nem você estará fazendo algo muito cansativo, e vamos chegar lá antes de Howl, e assim ele nem vai saber que estivemos lá. Isso resolve os nossos problemas divinamente!

Michael estava tão contente consigo mesmo que Sophie não teve coragem de protestar. Ela deu de ombros e supôs que era melhor Michael descobrir sobre as duas Letties antes de elas trocarem de aparência novamente. Era mais honesto assim. Mas, quando Michael apanhou as botas no armário das vassouras, Sophie começou a ter dúvidas. Até ali ela pensara que aqueles eram dois baldes de couro que haviam de alguma forma perdido a alça e ficado um pouco amassados.

— Você deve pôr o pé em um deles, com sapato e tudo — explicou Michael enquanto levava aquelas duas coisas pesadas, em formato de balde, até a porta. — Estes são os protótipos das botas que Howl fez para o exército do Rei. Conseguimos fabricar os últimos um pouco mais leves e mais semelhantes a uma bota. — Ele e Sophie sentaram-se na soleira da porta e cada um pôs o pé numa das botas. — Volte-se para Upper Folding

antes de pisar com a bota no chão — advertiu-a Michael. Ele e Sophie apoiaram o pé com o sapato comum e giraram cuidadosamente o corpo, ficando de frente para Upper Folding. — Agora caminhe — disse Michael.

Zip! A paisagem passou por eles tão rápido que era somente um borrão, um borrão verde-acinzentado para a terra e cinza-azulado para o céu.

O vento provocado por eles fustigava os cabelos de Sophie e empurrava cada ruga em seu rosto para trás, até ela pensar que chegaria com metade do rosto atrás das orelhas.

A corrida parou tão de repente quanto havia começado. Tudo estava calmo e ensolarado. Eles se encontravam mergulhados até os joelhos em um canteiro de botões-de-ouro, no povoado de Upper Folding. Uma vaca nas proximidades encarou-os. Além dela, cabanas cobertas com sapê cochilavam sob árvores. Infelizmente, a bota semelhante a um balde era tão pesada que Sophie tropeçou ao aterrissar.

— Não apoie esse pé no chão! — gritou Michael, tarde demais.

Houve mais um borrão sibilante e mais ventos velozes. Quando estes pararam, Sophie se viu no fundo de Folding Valley, quase em Marsh Folding.

— Ah, droga! — disse ela, e fez meia-volta pulando com cuidado com o pé do sapato. Então tentou de novo.

Zip! Borrão. E ela estava de volta aos campos de Upper Folding, cambaleando para a frente com o peso da bota. Vislumbrou Michael mergulhando para pegá-la...

Zip! Borrão.

— Ah, droga! — gemeu Sophie. Lá estava ela no alto da colina. A forma escura e retorcida do castelo deslizava pacificamente ali perto. Calcifer se divertia soprando anéis de fumaça preta de uma torre. Sophie viu tudo isso antes de seu sapato prender-se na urze e ela tropeçar novamente.

Zip! Zip! Dessa vez Sophie visitou em rápida sucessão a Praça do Mercado de Market Chipping e o gramado diante de uma mansão imponente.

— Maldição! — gritou ela. — Droga! — Uma palavra para cada lugar. E lá foi ela de novo com seu próprio impulso e mais um Zip! até o fundo do vale, em algum campo.

Um grande touro vermelho que pastava ergueu o nariz com a argola e, pensativo, baixou os chifres.

— Já estou indo embora, sua fera! — gritou Sophie, pulando freneticamente.

Zip! De volta à mansão. Zip! Para a Praça do Mercado. Zip! E lá estava o castelo outra vez. Ela estava pegando o jeito da coisa. Zip! Aqui estava Upper Folding — mas como se parava aquilo? Zip!

— Ah, *que droga!* — gritou Sophie, quase em Marsh Folding novamente.

Dessa vez ela girou num pé só com muito cuidado e caminhou com grande cautela. Zip! E felizmente a bota aterrissou num monte de estrume de boi e ela sentou-se com um baque. Michael adiantou-se antes que Sophie pudesse se mexer e arrancou a bota do pé dela.

— Obrigada! — Sophie gritou sem fôlego. — Parecia que eu nunca ia parar!

O coração de Sophie palpitava um pouco enquanto caminhavam até a casa da sra. Fairfax, da maneira como acontece com os corações quando a gente faz muita coisa com rapidez. Ela se sentia muito grata pelo que Howl e Calcifer tinham feito.

— Belo lugar — observou Michael, escondendo as botas na cerca viva da sra. Fairfax.

Sophie concordou. A casa era a maior da vila. Tinha telhado de colmo, com paredes brancas entre vigas pretas e, como Sophie se lembrava das visitas na infância, chegava-se à varanda atravessando um jardim cheio de flores e zumbido de abelhas. Acima da varanda, uma madressilva e uma rosa trepadeira branca competiam para saber quem poderia dar mais trabalho às abelhas. Era uma manhã de verão quente e perfeita em Upper Folding.

A própria sra. Fairfax atendeu à porta. Ela era uma daquelas senhoras gordas e tranquilas, com mechas de cabelos cor de manteiga enroscadas em torno da cabeça, que faziam você se sentir de bem com a vida só de olhar para ela. Sophie sentiu uma pontinha de inveja de Lettie. A sra. Fairfax olhou de Sophie para Michael. A última vez que vira Sophie fora um ano antes, como uma garota de dezessete anos, e não havia razão para que a reconhecesse como uma senhora de noventa.

— Bom dia para vocês — disse ela, educadamente.

Sophie suspirou.

— Esta é a tia-avó de Lettie Hatter — disse Michael. — Eu a trouxe aqui para ver Lettie.

— Ah, *pensei* mesmo que o rosto parecia familiar! — exclamou a sra. Fairfax. — É nítida a semelhança. Entrem. Lettie está um pouquinho ocupada agora, mas comam alguns biscoitos com mel enquanto esperam.

Ela abriu mais a porta. De imediato um grande cão *collie* espremeu-se pelas saias da sra. Fairfax, passou entre Sophie e Michael e atravessou correndo o canteiro mais próximo, quebrando flores de um lado e de outro.

— Ah, detenham-no! — arquejou a sra. Fairfax, indo no encalço do cão. — Não quero que ele saia justamente agora!

Seguiu-se uma perseguição tresloucada de um minuto mais ou menos, durante a qual o cão correu de um lado para o outro, ganindo de forma perturbada, e a sra. Fairfax e Sophie correram atrás dele, saltando canteiros de flores e pondo-se uma no caminho da outra enquanto Michael corria atrás de Sophie, gritando:

— Pare! Você vai passar mal!

Então o cão começou a dobrar uma das esquinas da casa. Michael percebeu que a maneira de parar Sophie era deter o cão. Ele disparou numa linha transversal em meio aos canteiros, lançando-se atrás do animal, e agarrou seu pelo espesso no momento em que o animal alcançava o pomar nos fundos.

Sophie mancou até lá, e encontrou Michael puxando o cachorro de volta e fazendo umas caras tão estranhas para ela que, a princípio, ela achou que ele estivesse doente. Mas ele sacudia a cabeça com tanta insistência na direção do pomar que ela se deu conta de que ele estava tentando lhe dizer algo. Ela esticou o pescoço, olhando do outro lado da casa, esperando ver um enxame de abelhas.

Lá estava Howl com Lettie. Eles se encontravam num pequeno bosque de macieiras em flor, com uma fileira de colmeias a distância. Lettie sentava-se num banco de jardim branco. Howl estava ajoelhado, com um dos joelhos apoiado na grama aos pés dela, segurando-lhe uma das mãos, com ar nobre e ardente. Lettie sorria amorosamente para ele. Mas o pior, para Sophie, era que Lettie não parecia Martha em absoluto. Era sua própria pessoa, extremamente bela. Usava um vestido nos mesmos tons de rosa e branco que as macieiras em floração acima deles. O cabelo escuro cascadeava em sedosos cachos sobre um dos ombros e os olhos brilhavam de devoção a Howl.

Sophie recuou, ocultando-se na quina da casa, e olhou consternada para Michael, que segurava o cão ganindo.

— Ele devia ter um feitiço de velocidade com ele — sussurrou Michael, igualmente aflito.

A sra. Fairfax os alcançou, arfando e tentando prender um cacho que se soltara de seu cabelo cor de manteiga.

— Cachorro malvado! — disse ela num sussurro feroz para o *collie*. — Vou lançar um feitiço sobre você se fizer isso mais uma vez!

O cão piscou e se abaixou. A sra. Fairfax apontou-lhe um dedo severo.

— Para dentro! Fique dentro de casa! — O *collie* libertou-se das mãos de Michael e tornou a escapular para a frente da casa. — Muito obrigada — disse a sra. Fairfax a Michael, enquanto todos seguiam o cão. — Ele fica tentando morder o visitante de Lettie. *Para dentro!* — gritou ela com dureza no jardim diante da casa, quando o animal parecia pensar em dar a volta e chegar ao pomar pelo outro lado. Ele lhe lançou um olhar pesaroso e arrastou-se, melancólico, para dentro de casa, passando pela varanda.

— Esse cachorro pode estar certo — disse Sophie. — Sra. Fairfax, a senhora sabe quem é o visitante de Lettie?

A sra. Fairfax deu uma risadinha.

— O Mago Pendragon, ou Howl, ou seja lá que nome ele esteja usando — disse ela. — Mas Lettie e eu não admitimos que sabemos. Achei divertido a primeira vez que ele apareceu aqui, apresentando-se como Sylvester Oak, porque eu podia ver que ele tinha se esquecido de mim, embora eu não o tivesse esquecido, apesar de seus cabelos serem pretos nos tempos de estudante.

A sra. Fairfax, a essa altura, tinha as mãos cruzadas diante de si e encontrava-se de pé, empertigada, preparada para falar o dia todo, como Sophie a vira fazer com frequência antes.

— Ele foi o último aluno da minha velha professora, sabe, antes de ela se aposentar. Quando o sr. Fairfax estava vivo, ele gostava que eu nos transportasse para Kingsbury para ver uma exibição de tempos em tempos. Dou conta muito bem de dois, se fizer devagar. E eu costumava ir visitar a velha sra. Pentstemmon enquanto estava lá. Ela gosta que os alunos antigos mantenham contato. E uma vez ela me apresentou esse jovem Howl. Ah, ela tinha muito orgulho dele. Ela ensinou o Mago Suliman também, sabe, e disse que Howl era duas vezes melhor...

— Mas a senhora não sabe a reputação que Howl tem? — interrompeu-a Michael.

Entrar na conversa da sra. Fairfax era como entrar numa brincadeira de pular corda. Era preciso escolher o momento exato, mas uma vez que tivesse passado pela corda, era difícil sair. A sra. Fairfax virou-se ligeiramente para encarar Michael.

— A maior parte é só conversa, na minha opinião — disse ela. Michael abriu a boca para discordar, mas era a sua vez na corda. — E eu disse a Lettie: “Eis aqui a sua grande chance, meu amor.” Eu sabia que Howl podia lhe ensinar vinte vezes mais do que eu... pois eu não me importo de lhes dizer: o cérebro de Lettie vai além do meu, e ela pode acabar na mesma liga da Bruxa das Terras Desoladas, só que para o *bem*. Lettie é uma boa garota e eu me afeiçoei a ela. Se a sra. Pentstemmon ainda estivesse ensinando, eu levaria Lettie para ela amanhã mesmo. Mas não está mais. Então eu disse: “Lettie, eis aqui o Mago Howl a cortejando e não seria de todo mau se você também se apaixonasse por ele e o tomasse como professor. Vocês dois vão longe.” Não creio que Lettie tenha gostado muito da ideia a princípio, mas vem amolecendo ultimamente, e hoje parece que está tudo indo às mil maravilhas.

A sra. Fairfax fez uma pausa para sorrir benevolmente para Michael, e foi a vez de Sophie correr para a corda em movimento.

— Mas alguém me disse que Lettie estava gostando de outra pessoa — disse ela.

— Tem pena dele, você quer dizer — disse a sra. Fairfax. Então abaixou a voz. — Ele tem um terrível problema — ela suspirou sugestivamente —, e isso é pedir muito de qualquer garota. Eu disse isso a ele. Lamento muito...

Sophie conseguiu emitir um perplexo:

— Hã?

— ...mas se trata de um feitiço terrivelmente forte. É muito triste — a sra. Fairfax prosseguiu. — Eu tive de lhe dizer que não há como alguém de minhas habilidades quebrar qualquer feitiço que tenha sido lançado pela Bruxa das Terras Desoladas. Howl talvez consiga, mas naturalmente ele não pode pedir a Howl, não é?

Michael, que olhava nervoso para a esquina da casa, temendo que Howl aparecesse e os descobrisse, conseguiu pisar na corda em movimento e a deteve, dizendo:

— Acho que é melhor irmos embora.

— Tem certeza de que não querem entrar e provar o meu mel? — convidou a sra. Fairfax. — Eu o uso em praticamente todos os meus feitiços, sabem? — E lá foi ela de novo, dessa vez discorrendo sobre as propriedades mágicas do mel. Michael e Sophie percorreram, decididos, o caminho que levava ao portão e a sra. Fairfax os seguiu, falando sem parar e, pesarosa, endireitando as plantas que o cachorro havia pisoteado, ao mesmo tempo que falava. Enquanto isso, Sophie dava tratos à bola em busca de uma forma de descobrir como a sra. Fairfax sabia que Lettie era Lettie, sem aborrecer Michael. A sra. Fairfax fez uma pausa para respirar, ao arrumar um grande lupino.

Sophie arriscou:

— Sra. Fairfax, não era minha sobrinha Martha que devia ter vindo para a senhora?

— Meninas levadas! — disse a sra. Fairfax, sorrindo e sacudindo a cabeça ao erguer o rosto da planta. — Como se eu não fosse reconhecer um de meus feitiços à base de mel! Mas, como eu disse a ela na ocasião: “Não sou eu que vou manter alguém aqui contra a vontade. E vou sempre preferir ensinar quem queira aprender. Mas não quero fingimentos. Você fica como você mesma ou nada feito”, disse a ela. E tem dado tudo muito certo, como vocês podem ver. Têm certeza de que não querem ficar e perguntar diretamente a ela?

— Acho que temos de ir — disse Sophie.

— Precisamos voltar — acrescentou Michael, lançando outro olhar nervoso em direção ao pomar. Ele apanhou as botas de sete léguas na cerca viva e pôs uma no chão, do outro lado do portão, para Sophie. — Dessa vez vou segurar você — disse ele.

A sra. Fairfax debruçou-se sobre o portão enquanto Sophie enfiava o pé na bota.

— Bota de sete léguas — disse ela. — Vocês acreditam que faz anos que não vejo uma dessas? Algo muito útil para alguém da sua idade, senhora. Hã... eu não me incomodaria de ter um par delas atualmente. Então é da senhora que Lettie herdou o talento para a feitiçaria, é? Não que isso seja necessariamente de família, mas com muita frequência...

Michael segurou o braço de Sophie e a puxou. Ambas as botas se firmaram no chão e o resto da conversa da sra. Fairfax desapareceu no Zip! e no movimento do ar. No momento seguinte, Michael teve de firmar

os pés para não colidir com o castelo. A porta estava aberta. Lá dentro, Calcifer rugia:

— Porta de Porthaven! Alguém está batendo insistentemente ali desde que vocês saíram.



CAPÍTULO NOVE

No qual Michael tem problemas com um feitiço

Era o capitão do mar à porta, que vinha em busca do seu feitiço do vento, por fim, e não estava nem um pouco satisfeito por ter precisado esperar.

— Se eu perder minha maré, garoto — disse ele a Michael —, vou dar uma palavrinha com o Feiticeiro sobre você. Não gosto de garotos preguiçosos.

Michael, na opinião de Sophie, foi excessivamente educado com ele, mas ela estava se sentindo muito desalentada para interferir. Depois que o capitão se foi, Michael voltou para a bancada para debruçar-se novamente sobre seu feitiço e Sophie ficou sentada em silêncio, remendando suas meias. Tinha apenas aquele par e os pés ossudos haviam aberto imensos buracos nelas. O vestido cinza, a essa altura, estava puído e sujo. Ela se perguntou se teria coragem de cortar as partes menos manchadas do traje azul e prata arruinado de Howl para fazer para si mesma uma saia. Mas não ousou.

— Sophie — disse Michael, erguendo os olhos de sua décima primeira página de notas —, quantas sobrinhas você tem?

Sophie receara que Michael começasse a fazer perguntas.

— Quando se chega à minha idade, meu rapaz — disse ela —, você perde as contas. Elas todas parecem tão iguais. Aquelas duas Letties podiam ser gêmeas, na minha opinião.

— Ah, não, não mesmo — disse Michael, para surpresa dela. — A sobrinha em Upper Folding não é tão bonita quanto a *minha* Lettie. — Ele rasgou a décima primeira página e fez uma décima segunda. — Fico feliz que Howl não tenha encontrado a *minha* Lettie — disse ele. Começou a escrever na décima terceira página e rasgou essa também. — Tive vontade de rir quando aquela sra. Fairfax disse que sabia quem era Howl, você não?

— Não — disse Sophie. Não fizera a menor diferença para os sentimentos de Lettie. Ela pensou no rosto vivaz e adorável da irmã sob as macieiras. — Será que não existe a menor chance de Howl estar apaixonado de verdade dessa vez? — perguntou ela, sem esperança.

Calcifer bufou fagulhas verdes chaminé acima.

— Temia que você começasse a pensar assim — disse Michael. — Mas você estaria se iludindo, exatamente como a sra. Fairfax.

— Como sabe? — perguntou Sophie.

Calcifer e Michael trocaram olhares.

— Ele esqueceu de passar pelo menos uma hora no banheiro esta manhã? — indagou Michael.

— Ficou lá duas horas — disse Calcifer —, colocando feitiços no rosto. Tolo vaidoso!

— Aí está, então — disse Michael. — O dia em que Howl se esquecer de fazer isso vai ser o dia em que acreditarei que ele está apaixonado de verdade, não antes disso.

Sophie pensou em Howl ajoelhado no pomar, fazendo pose para parecer o mais bonito possível, e soube que eles tinham razão. Ela pensou em ir ao banheiro e jogar todos os feitiços de beleza de Howl ralo abaixo. Mas não ousaria. Em vez disso, mancando, pegou o traje azul e prata e passou o resto do dia cortando pequenos triângulos azuis a fim de fazer uma saia de retalhos.

Michael deu tapinhas em seu ombro gentilmente quando veio jogar as 17 páginas de suas notas para Calcifer.

— Todo mundo supera as coisas no fim, você sabe — disse ele.

A essa altura, já tinha ficado evidente que Michael estava tendo problemas com seu feitiço. Ele desistiu das notas e raspou um pouco de fuligem da chaminé. Calcifer esticou o pescoço para observá-lo, perplexo. Michael pegou uma raiz murcha em uma das bolsas penduradas nas vigas e a colocou sobre a fuligem. Em seguida, após muito pensar, girou a maçaneta com o azul para baixo e desapareceu por vinte minutos em Porthaven. Voltou com uma grande concha do mar espiralada e a colocou junto à raiz e à fuligem. Depois disso, rasgou páginas e mais páginas e as juntou aos outros itens. Colocou tudo diante do crânio humano e começou a soprar, de forma que a fuligem e pedaços de papel rodopiassem por toda a bancada.

— O que ele está fazendo? O que você acha? — perguntou Calcifer a Sophie.

Michael desistiu de soprar e começou a amassar tudo, inclusive o papel, com um soquete e um pilão, olhando, de tempos em tempos, para o crânio, em expectativa. Nada aconteceu, então ele tentou ingredientes diferentes, retirados de sacolas e potes.

— Eu me sinto mal em espionar Howl — anunciou, enquanto triturava vigorosamente um terceiro grupo de ingredientes numa tigela. — Ele pode ser volúvel com as mulheres, mas tem sido muitíssimo bom para mim. Ele

me acolheu quando eu era apenas um órfão indesejado sentado na soleira de sua porta em Porthaven.

— Como foi que isso aconteceu? — perguntou Sophie, enquanto recortava mais um triângulo azul.

— Minha mãe morreu e meu pai se afogou numa tempestade — disse Michael. — E ninguém quer você quando isso acontece. Tive de deixar a nossa casa porque não podia pagar aluguel, e tentei viver nas ruas, mas as pessoas me expulsavam das soleiras de suas portas e dos barcos até que o único lugar aonde podia pensar em ir era um do qual todos tivessem muito medo e com que não ousassem se meter. Howl estava começando modestamente como Feiticeiro Jenkin. Mas todos diziam que a casa dele tinha demônios, e então eu dormi em sua porta durante algumas noites até que Howl a abriu um dia de manhã, quando saía para comprar pão, e eu caí lá dentro. Ele disse que eu podia esperar ali dentro enquanto ele ia comprar algo para comer. Entrei e lá estava Calcifer, e comecei a conversar com ele, pois nunca antes havia encontrado um demônio.

— Sobre o que vocês conversaram? — perguntou Sophie, imaginando se Calcifer tinha pedido também a Michael que quebrasse seu contrato.

— Ele me contou seus problemas e chorou em cima de mim. Não foi? — disse Calcifer. — Não pareceu ocorrer a ele que eu também tivesse problemas.

— E acho que não tem. Você só resmunga muito — disse Michael. — Você foi bem legal comigo naquele dia, e acho que Howl ficou impressionado. Mas você sabe como ele é. Não me disse que eu podia ficar. Só não me mandou embora. Assim, comecei a me fazer útil sempre que podia, como, por exemplo, cuidando do dinheiro para que ele não gastasse tudo assim que ganhasse, e assim por diante.

O feitiço fez uma espécie de *uuuufff* numa pequena explosão. Michael limpou a fuligem do crânio, suspirando, e tentou novos ingredientes. Sophie começou a confeccionar uma colcha de retalhos com triângulos azuis em torno de seus pés, no chão.

— Eu cometi muitos erros estúpidos quando comecei — continuou Michael. — Howl sempre foi muitíssimo amável. Pensei que já tivesse passado dessa fase agora. E acho que ajudo de verdade com o dinheiro. Howl compra roupas muito caras. Ele diz que ninguém vai contratar um mago que tenha a aparência de alguém que não consegue ganhar dinheiro com a profissão.

— Isso é só porque ele gosta de roupas — disse Calcifer. Seus olhos laranja fitaram Sophie trabalhando de modo significativo.

— Este traje estava estragado — disse Sophie.

— Não são só roupas — observou Michael. — Lembra-se do inverno passado, quando estávamos no seu último pedaço de lenha e Howl saiu e comprou o crânio e aquele violão estúpido? Fiquei muito aborrecido com ele, que disse que *pareciam* bons.

— O que vocês fizeram em relação à lenha? — perguntou Sophie.

— Howl conjurou um pouco, por meio de magia, de alguém que lhe devia dinheiro — disse Michael. — Pelo menos, foi isso o que ele disse, e eu torci para que estivesse dizendo a verdade. E comemos alga. Howl diz que é bom para a saúde.

— Muito bom — murmurou Calcifer. — Seco e crocante.

— Eu detesto — replicou Michael, olhando distraidamente sua tigela com os ingredientes triturados. — Eu não sei... deviam ser sete ingredientes... a menos que se trate de sete processos... mas vamos tentar como um pentáculo. — Ele pôs a tigela no chão e riscou com giz uma espécie de estrela de cinco pontas em torno dela.

O pó explodiu com uma força que atirou os triângulos de Sophie na lareira. Michael xingou e mais que depressa apagou as linhas de giz.

— Sophie — disse ele —, estou empacado com esse feitiço. Será que você poderia me ajudar?

Assim como alguém levando dever de casa para a avó, pensou Sophie, catando os triângulos e pacientemente posicionando-os no chão novamente.

— Vamos dar uma olhada — disse ela, com cuidado. — Não conheço nada sobre magia, você sabe.

Michael apressou-se a enfiar um papel estranho, levemente brilhante, na mão dela. Parecia pouco comum, mesmo para um feitiço. Estava impresso em letras em negrito, mas estas eram ligeiramente acinzentadas e borradas, e havia manchas cinza, como nuvens de tempestade se recolhendo, em torno de todas as bordas.

— Veja o que acha — disse Michael.

Sophie leu:

*“Vá e apanhe uma estrela cadente,
Pegue, com uma criança, da mandrágora a raiz,*

*Diga-me onde estão todos os anos precedentes,
Ou, da fenda no pé do Diabo, de quem era a matriz.
Ensine-me a ouvir as sereias cantando,
Ou a ignorar a inveja ferroando,
E descubra
Qual vento na Terra
Pode impelir uma mente sincera.*

Decida do que se trata aqui
E escreva você uma segunda estrofe.”

Aquilo deixou Sophie muito intrigada. Não era como nenhum dos outros feitiços que ela havia bisbilhotado antes. Ela o examinou duas vezes, apesar das explicações ansiosas de Michael enquanto ela tentava ler.

— Sabe que Howl me disse que os feitiços avançados trazem um enigma próprio? Bem, a princípio cheguei à conclusão de que cada linha se destinava a ser um enigma. Usei fuligem com centelhas para a estrela cadente, e uma concha do mar para o canto das sereias. E pensei que *eu* podia contar como a criança, então peguei uma raiz de mandrágora, e escrevi listas de anos precedentes tiradas de almanaques, mas eu não tinha certeza sobre isso... talvez aí eu tenha errado... E será que a coisa que cessa a dor de uma ferroadada é a folha da erva-do-amor? Eu não tinha pensado nisso antes... De qualquer forma, nada *funciona*!

— O que não me surpreende — disse Sophie. — Para mim, parece um conjunto de coisas impossíveis de fazer.

Michael, porém, não ia aceitar isso. Se as coisas fossem impossíveis, observou com sensatez, ninguém jamais seria capaz de preparar o feitiço.

— E estou tão envergonhado de ter espionado Howl — acrescentou — que quero compensar fazendo esse trabalho bem-feito.

— Muito bem — disse Sophie. — Vamos começar por “Decida do que se trata aqui”. Isso deve ser o começo, já que decidir é parte do feitiço.

Michael, porém, não ia aceitar isso também.

— Não — disse ele. — Esse é o tipo de feitiço que se revela à medida que você o prepara. É isso que significa a última linha. Quando você escreve a segunda metade, dizendo o que significa o feitiço, isso o faz funcionar. Os desse tipo são muito avançados. Precisamos decifrar a primeira parte antes.

Sophie tornou a recolher seus triângulos azuis, formando uma pilha.

— Vamos perguntar a Calcifer — sugeriu ela. — Calcifer, quem...?

Mas essa foi outra coisa que Michael não a deixou fazer.

— Não, fique quieta. Acho que Calcifer é parte do feitiço. Olhe como diz “Diga-me” e “Ensine-me”. A princípio, pensei que isso significasse ensinar o crânio, mas não funcionou, então deve ser Calcifer.

— Você pode fazer sozinho, se vai rejeitar todas as minhas sugestões!

— disse Sophie. — De qualquer forma, certamente Calcifer deve saber quem fez a fenda em seu próprio pé!

Calcifer flamejou um pouco nesse momento.

— Eu não tenho pés. Sou um demônio, não um diabo.

Com isso, ele se retirou para baixo de sua lenha, onde podiam ouvi-lo tinindo e murmurando “Quanta bobagem!” durante todo o restante do tempo em que Sophie e Michael ficaram discutindo o feitiço.

A essa altura o enigma já havia prendido a atenção de Sophie. Ela guardou os triângulos azuis, pegou pena e papel e começou a tomar notas no mesmo ritmo de Michael antes. Pelo resto do dia ela e Michael ficaram ali sentados fitando a distância, mordiscando as penas e lançando sugestões um para o outro.

Numa página de notas de Sophie se lia:

Alho afasta inveja? Eu poderia cortar uma estrela de papel e deixá-la cair. Podíamos contar a Howl? Howl ia gostar mais de sereias do que Calcifer. Não acho que a mente de Howl seja sincera. E a de Calcifer? Em todo caso, onde estão os anos precedentes? Isso significa que uma daquelas raízes secas deve dar frutos? Plantá-la? Perto de uma folha de erva-do-amor? Numa concha? Casco fendido exclui os cavalos? Vento? Cheiro? Vento de botas de sete léguas? Howl é o diabo? Dedos fendidos em botas de sete léguas? Sereias de botas?

Enquanto Sophie escrevia isso, Michael pensava, igualmente desesperado:

— Será que o “vento” é algum tipo de roldana? Um homem sincero sendo enforcado? Mas isso é magia *das trevas*.

— Vamos comer — disse Sophie.

Eles comeram pão e queijo, ainda fitando a distância. Por fim, Sophie disse:

— Michael, pelo amor de Deus, vamos desistir de tentar adivinhar e fazer exatamente o que diz. Qual o melhor lugar para pegar uma estrela cadente? Nas colinas?

— Os pântanos de Porthaven são planos — disse Michael. — Acha que conseguimos? As estrelas cadentes são rápidas demais.

— E nós também, com as botas de sete léguas — lembrou Sophie.

Michael ergueu-se de um salto, cheio de alívio e satisfação.

— Acho que você resolveu! — disse ele, correndo para ir buscar as botas. — Vamos tentar.

Dessa vez, Sophie, prudentemente, apanhou a bengala e o xale, pois já estava bem escuro. Michael ia virando a maçaneta com o azul para baixo quando duas coisas estranhas aconteceram. Sobre a bancada, os dentes do crânio começaram a bater. E Calcifer inflamou-se, subindo pela chaminé.

— Não quero que vocês saiam! — disse ele.

— Vamos voltar logo — tranquilizou-o Michael.

Eles saíram para a rua em Porthaven. Era uma noite clara e refrescante. Assim que alcançaram o fim da rua, porém, Michael lembrou-se de que Sophie estivera doente naquela manhã e começou a se preocupar com o efeito do ar noturno sobre a saúde dela. Sophie lhe disse que não fosse tolo. Ela seguiu corajosamente adiante com sua bengala até terem deixado as janelas iluminadas para trás e a noite ter se tornado vasta, úmida e fria. O pântano cheirava a sal e terra. O mar brilhava e sibilava suavemente atrás deles. Sophie podia sentir, mais do que ver, os quilômetros e quilômetros de planície estendendo-se à sua frente. O que ela conseguia ver eram faixas de uma neblina baixa e azulada e o brilho fraco das poças pantanosas, milhares de vezes, até formarem uma linha pálida onde o céu começava. O céu estava por toda parte, cada vez mais imenso. A Via Láctea parecia uma faixa de névoa que se erguera do pântano, e as estrelas, nítidas, cintilavam através dela.

Michael e Sophie ficaram ali parados, cada um com uma bota pronta no chão diante deles, esperando que uma das estrelas se movesse.

Depois de cerca de uma hora, Sophie precisou fingir que não estava tremendo, com medo de preocupar Michael.

Passada mais meia hora, Michael disse:

— Maio não é a época certa do ano. Agosto ou novembro é melhor.

Outra meia hora depois, ele disse, preocupado:

— O que fazemos em relação à raiz de mandrágora?

— Vamos cuidar desta parte antes de nos preocuparmos com isso — disse Sophie, trincando os dentes enquanto falava, com medo de que batessem.

Algun tempo depois, Michael disse:

— Você vai para casa, Sophie. Afinal, o feitiço é meu.

Sophie abriu a boca para dizer que era uma ideia muito boa, quando uma das estrelas se descolou do firmamento e lançou-se num rastro branco pelo céu.

— Lá vai uma! — gritou então Sophie.

Michael enfiou o pé na bota e partiu. Sophie preparou-se com a bengala e partiu um segundo depois. *Zip! Splash.* No meio do pântano, com a névoa, o vazio e as poças de brilho embaciado espalhando-se em todas as direções, Sophie cravou a bengala no chão e conseguiu parar.

A bota de Michael era uma mancha escura parada ao lado da sua. E Michael era um som de pés correndo loucamente em algum ponto à frente.

E lá estava a estrela cadente. Sophie podia vê-la, uma pequena forma branca descendente, parecendo uma chama, alguns metros à frente dos movimentos escuros que eram Michael. A forma brilhante agora descia lentamente e parecia que Michael ia conseguir pegá-la.

Sophie conseguiu tirar o sapato de dentro da bota.

— Vamos, bengala! — gritou ela. — Leve-me até lá!

E lá se foi ela, tropegamente, o mais rápido que conseguia, saltando entre moitas e cambaleando em meio às poças, com os olhos naquela pequenina luz branca.

Quando ela o alcançou, Michael espreitava a estrela com passos leves, ambos os braços estendidos para agarrá-la. Sophie podia ver-lhe a silhueta contra a luz da estrela, que estava no nível das mãos de Michael e apenas um passo à sua frente, virando-se para trás e olhando-o nervosamente. Que estranho!, pensou Sophie. Era feita de luz, iluminava um anel claro de grama, junco e poças escuras em torno de Michael e, no entanto, tinha grandes olhos ansiosos que o espiavam, e um rosto pequeno e pontudo.

A chegada de Sophie a assustou. Ela deu uma volta súbita e gritou numa voz aguda e quebradiça:

— O que foi? O que vocês querem?

Sophie tentou dizer a Michael: Pare — ela está aterrorizada! Mas não tinha fôlego para falar.

— Eu só quero pegar você — explicou Michael. — Não vou machucá-la.

— Não! Não! — gritou a estrela desesperada. — Isso é errado! Eu vou morrer!

— Mas eu posso salvá-la se você me deixar pegá-la — disse Michael gentilmente.

— Não! — gritou a estrela. — Prefiro morrer!

E despencou, afastando-se dos dedos de Michael, que mergulhou atrás dela. A estrela, porém, era rápida demais para ele. Ela se lançou na poça mais próxima e a água escura tornou-se uma labareda de alvura por um único instante. Então ouviu-se um chiado leve, agonizante. Quando Sophie chegou mancando, Michael observava a última luz desaparecer numa pequena protuberância arredondada na água escura.

— Que tristeza — disse Sophie.

Michael suspirou.

— É. Senti um aperto no coração. Vamos para casa. Estou cansado desse feitiço.

Eles levaram vinte minutos para encontrar as botas. Sophie pensou que era um milagre que as encontrassem.

— Sabe — disse Michael, enquanto percorriam, desanimados, as ruas escuras de Porthaven —, posso ver que nunca conseguirei fazer esse feitiço. É muito avançado para mim. Vou ter de perguntar a Howl. Detesto desistir, mas pelo menos vou conseguir tirar alguma sensatez de Howl agora que essa Lettie Hatter está se rendendo a ele.

Isso não animou Sophie em nada.



CAPÍTULO DEZ

No qual Calcifer promete a Sophie uma pista

Howl devia ter voltado enquanto Sophie e Michael estavam fora. Ele saiu do banheiro quando Sophie preparava o café da manhã sobre Calcifer e sentou-se elegantemente na cadeira, arrumado, animado e cheirando a madressilva.

— Querida Sophie — disse ele. — Sempre ocupada. Você trabalhou muito ontem, apesar do meu conselho, não foi? Por que fez um quebra-cabeça da minha melhor roupa? É só uma perguntinha amistosa, sabe?

— Você a transformou em gelatina no outro dia — respondeu Sophie. — Eu a estou reformando.

— Eu posso fazer isso — disse Howl. — Pensei que tivesse lhe mostrado. Também posso fazer um par de botas de sete léguas para você, se me disser o tamanho. Algo prático, em couro de bezerro marrom, talvez. É impressionante como alguém pode dar um passo de 16 quilômetros e ainda pisar num monte de estrume de vaca.

— Pode ter sido estrume de boi — replicou Sophie. — Suponho que tenha encontrado lama dos pântanos nelas também. Uma pessoa da minha idade precisa de muito exercício.

— Então você esteve ainda mais ocupada do que pensei — disse Howl. — Porque, quando desviei meus olhos do rosto adorável de Lettie por um instante ontem, eu posso jurar que vi seu nariz comprido bisbilhotando na esquina da casa.

— A sra. Fairfax é uma amiga da família — disse Sophie. — Como eu ia adivinhar que você também estaria lá?

— Você tem instinto, Sophie, é isso — disse Howl. — Nada está a salvo de você. Se eu fosse cortejar uma garota que vivesse num *iceberg* no meio do oceano, mais cedo ou mais tarde... provavelmente mais cedo... eu depararia com você voando acima da minha cabeça numa vassoura. Na verdade, agora eu ficaria decepcionado com você se isso *não* acontecesse.

— Você está de partida para o *iceberg* hoje? — retorquiu Sophie. — Pela expressão no rosto de Lettie ontem, não há nada que precise mantê-lo lá!

— Você não está sendo justa comigo, Sophie — disse Howl. Ele parecia profundamente magoado. Sophie olhou-o de lado, desconfiada. Além da joia vermelha balançando na orelha de Howl, seu perfil parecia triste e nobre. — Longos anos vão se passar antes que eu deixe Lettie — disse ele. — E, na verdade, vou ver o Rei novamente hoje. Satisfeita, sra. Bisbilhoteira?

Sophie não estava convicta de acreditar numa única palavra dele, embora certamente tenha sido para Kingsbury, com o vermelho da maçaneta voltado para baixo, que Howl partiu depois do café da manhã, desvencilhando-se de Michael quando este tentou consultá-lo acerca do intrigante feitiço. Michael, como não tinha nada para fazer, também saiu. Disse que então poderia ir para o Cesari's.

Sophie ficou sozinha. Ainda não acreditava totalmente no que Howl dissera sobre Lettie, mas já havia se enganado com ele antes, e tinha apenas a palavra de Michael e Calcifer como testemunho do comportamento de Howl, afinal. Ela recolheu todos os triangulozinhos azuis de tecido e, sentindo-se culpada, começou a costurá-los de volta à rede de pesca prateada que era tudo o que sobrara do terno. Quando alguém bateu à porta, ela se assustou violentamente, pensando que era o espantalho de novo.

— Porta de Porthaven — disse Calcifer, bruxuleando um sorriso púrpura para ela.

Deve estar tudo bem, então. Sophie mancou até lá e a abriu, o azul para baixo. Havia um cavalo de tração do lado de fora. O camarada de 50 anos que o conduzia perguntou se a sra. Bruxa teria algo para fazê-lo parar de perder as ferraduras o tempo todo.

— Vamos ver — disse Sophie. Ela mancou até a lareira. — O que eu *devo* fazer? — sussurrou ela.

— Pó amarelo, quarto frasco na segunda prateleira — sussurrou Calcifer de volta. — Esses feitiços são crença, na maior parte. Não pareça insegura quando o der a ele.

Assim, Sophie despejou o pó amarelo num quadrado de papel, como vira Michael fazer, torceu-o com destreza e mancou até a porta com ele.

— Aí está, meu filho — disse ela. — Isso vai colar as ferraduras com mais força do que uma centena de cravos. Está me ouvindo, cavalinho? Você não vai precisar de ferreiro pelo próximo ano. Custa um *penny*, obrigada.

Foi um dia bastante movimentado. Sophie teve de deixar de lado sua costura e vender, com a ajuda de Calcifer, um feitiço para desentupir ralos, outro para recolher cabras e algo para fabricar cerveja boa. O único que lhe deu trabalho foi o cliente que bateu à porta em Kingsbury. Sophie a abriu, com o vermelho para baixo, e deparou com um rapaz ricamente

vestido, não muito mais velho do que Michael, de rosto branco, suando e torcendo as mãos na soleira da porta.

— Sra. Feiticeira, por piedade! — pediu ele. — Tenho de travar um duelo amanhã ao alvorecer. Dê-me alguma coisa que me garanta a vitória. Eu pago qualquer quantia que pedir!

Sophie olhou sobre o ombro para Calcifer, e este lhe devolveu caretas, o que significava que não havia tal coisa pronta.

— Isso não seria certo, em absoluto — disse Sophie com severidade ao rapaz. — Duelar já é errado.

— Então me dê algo que me deixe ter uma chance justa! — disse o jovem, desesperado.

Sophie olhou para ele, que era de pequena estatura e estava visivelmente com muito medo. Ele tinha o olhar desesperançado de alguém que sempre perde.

— Vou ver o que posso fazer — disse Sophie.

Ela mancou até as prateleiras e vasculhou os potes. O vermelho, rotulado PIMENTA-DE-CAIENA, parecia o mais adequado. Sophie despejou uma generosa pilha do pó num quadrado de papel e colocou o crânio humano ao lado.

— Porque você deve saber mais disso do que eu — murmurou para ele.

O juvenzinho enfiava a cabeça ansiosamente pela porta para espiar. Sophie pegou uma faca e fez o que esperava que fosse parecer passes místicos sobre o monte de pimenta.

— Você vai fazer com que a luta seja justa — murmurou ela. — Uma luta justa. Entende? — Ela torceu o papel e mancou até a porta com ele. — Atire isto no ar quando o duelo começar — disse ela ao pequeno rapaz — e terá a mesma chance do outro homem. Depois disso, ganhar ou perder vai depender de você.

O pequeno rapaz ficou tão grato que tentou lhe dar uma moeda de ouro. Sophie recusou e então ele lhe deu uma de dois *pence* e se foi, assoviando, feliz.

— Sinto-me uma impostora — disse Sophie, enquanto guardava o dinheiro debaixo da pedra da lareira. — Mas gostaria de assistir a essa luta!

— Eu também! — crepitou Calcifer. — Quando é que você vai me libertar para que eu possa ir ver coisas desse tipo?

— Quando eu tiver ao menos uma pista sobre o contrato — respondeu Sophie.

— Talvez você tenha uma ainda hoje, mais tarde — disse Calcifer.

Michael retornou animado no fim da tarde. Lançou um olhar ansioso à sua volta, para se certificar de que Howl não chegara primeiro, e dirigiu-se à bancada, onde arranjou as coisas de modo a parecer que estivera ocupado, cantando alegremente ao fazê-lo.

— Invejo sua capacidade de andar tanto com tamanha facilidade — disse Sophie, cosendo um pequeno triângulo num debrum prata. — Como é que está Ma... minha sobrinha?

De bom grado, Michael deixou a bancada e sentou-se no banquinho diante da lareira para lhe contar tudo sobre seu dia. Então perguntou como foi o de Sophie. O resultado foi que, quando Howl abriu a porta, empurrando-a com o ombro, os braços carregados de pacotes, Michael não parecia nada ocupado. Ele estava girando no banquinho, rindo do feitiço do duelo.

Howl deu um passo para trás, fechando a porta com as costas, e recostou-se nela, numa atitude trágica.

— Olhem vocês todos! — disse ele. — A ruína me espreita, eu trabalho intensamente o dia todo por vocês e ninguém, nem mesmo Calcifer, se dá ao trabalho de me dizer olá!

Michael levantou-se, culpado, e Calcifer disse:

— Eu nunca digo olá!

— Algum problema? — perguntou Sophie.

— Assim está melhor — disse Howl. — Alguns de vocês estão fingindo me notar, finalmente. Que gentileza sua perguntar, Sophie. Sim, *temos* um problema. O Rei me pediu oficialmente que encontrasse o irmão dele... com uma forte insinuação de que destruir a Bruxa das Terras Desoladas também viria a calhar... E vocês todos aí sentados rindo!

A essa altura já estava evidente que Howl estava com um humor capaz de produzir limo verde a qualquer segundo. Mais que depressa Sophie deixou a costura de lado.

— Vou fazer torradas com manteiga — disse ela.

— Isso é tudo que você pode fazer diante da tragédia? — perguntou Howl. — Torradas! Não, não se levante. Eu me arrastei até aqui carregado de coisas para você, portanto, o mínimo que pode fazer é mostrar um

interesse cortês. Aqui está. — Ele despejou uma chuva de pacotes no colo de Sophie e entregou um a Michael.

Curiosa, Sophie desfez os embrulhos: vários pares de meias de seda; dois pacotes com as mais finas anáguas de cambraia, com detalhes de babados, renda e cetim; um par de botas com elástico lateral em camurça cinza; um xale de renda; e um vestido de seda cinza adornado com renda, que combinava com o xale. Sophie examinou cada um deles com um olhar profissional e arquejou. Só a renda valia uma fortuna. Ela alisou a seda do vestido, admirada.

Michael desembalhou um belo traje novo de veludo.

— Você deve ter gastado cada centavo que estava na bolsa de seda! — disse ele, mal-agradecido. — Eu não preciso disso. É você quem precisa de roupa nova.

Howl enganchou a bota no que restava do traje azul e prata e o ergueu, pesaroso. Sophie estava trabalhando arduamente, mas ainda havia mais buraco do que roupa.

— Quanta generosidade da minha parte! — disse ele. — Mas não posso mandar você e Sophie sujarem meu nome junto ao Rei vestidos com farrapos. O Rei pensaria que não cuido bem de minha velha mãezinha. Então, Sophie? As botas são do tamanho certo?

Sophie ergueu os olhos do tecido que ela afagava, admirada.

— Você está sendo generoso — perguntou ela — ou covarde? Muito obrigada, mas não, eu não vou.

— Que ingratidão! — exclamou Howl, abrindo ambos os braços. — Vamos ter limo verde de novo! E depois vou ser obrigado a mover o castelo uns dois mil quilômetros daqui e nunca mais vou ver minha adorável Lettie!

Michael olhou para Sophie, suplicante. Sophie fechou a cara. Sabia muito bem que a felicidade de suas duas irmãs dependia de ela concordar em ver o Rei. Com o limo verde, de quebra.

— Você ainda não me pediu para fazer nada — afirmou ela. — Apenas disse que eu vou fazer.

Howl sorriu.

— E você vai, não vai?

— Está bem. Quando quer que eu vá? — perguntou Sophie.

— Amanhã à tarde — disse Howl. — Michael pode ir como seu pajem. O Rei estará à sua espera.

Ele sentou-se no banquinho e começou a explicar com gravidade exatamente o que Sophie deveria dizer. Não havia o menor vestígio do humor de limo verde agora que as coisas corriam à maneira de Howl, Sophie percebeu. Teve vontade de bater nele.

— Quero que você cumpra uma missão muito delicada — explicou Howl —, de forma que o Rei continue a me dar trabalhos como os feitiços de transporte, mas não me confie nada do tipo encontrar o irmão. Você deve dizer a ele como eu enfureci a Bruxa das Terras Desoladas e explicar que filho bom eu sou para você, mas quero que faça de tal forma que ele entenda que sou, na verdade, um imprestável.

Howl explicou tudo em detalhes. Sophie, as mãos segurando com força os pacotes, tentava absorver tudo, embora não pudesse evitar pensar: se eu fosse o Rei, não entenderia uma só palavra do que a velha estava querendo dizer!

Enquanto isso, Michael rondava Howl, tentando perguntar sobre o intrigante feitiço. Howl prosseguia pensando em novos e sutis detalhes para dizer ao Rei, repelindo Michael.

— Agora não, Michael. E me ocorreu, Sophie, que você pode querer um pouco de prática para não achar o Palácio opressivo. Não queremos que você se sinta tonta no meio da entrevista. Ainda não, Michael. Então, providenciei para que você faça uma visita à minha antiga professora, a sra. Pentstemmon. Ela é uma senhora formidável. Em alguns aspectos é mais magnífica do que o Rei. Assim, você vai estar bastante acostumada a esse tipo de coisa quando chegar ao Palácio.

A essa altura, Sophie já desejava nunca ter concordado em ir. Ficou aliviada quando Howl finalmente se voltou para Michael.

— Certo, Michael. Sua vez. O que foi?

Michael agitou o brilhante papel cinza no ar e explicou, num ímpeto infeliz, como o feitiço parecia impossível.

Howl pareceu levemente admirado ao ouvir isso, mas pegou o papel, dizendo:

— Ora, onde está o problema? — E abriu o papel, fitando-o. Uma de suas sobrancelhas se ergueu.

— Tentei como um enigma e tentei fazer exatamente o que diz — explicou Michael. — Mas Sophie e eu não conseguimos pegar a estrela cadente...

— Santo Deus! — exclamou Howl. Começou a rir e mordeu o lábio para se conter. — Mas, Michael, este não é o feitiço que lhe deixei. Onde você encontrou isto?

— Na bancada, naquela pilha de coisas que Sophie juntou perto do crânio — disse Michael. — Era o único feitiço novo ali, assim pensei...

Howl se ergueu de um pulo e examinou as coisas sobre a bancada.

— Sophie ataca outra vez — disse ele. As folhas deslizavam para a direita e para a esquerda, à medida que ele procurava. — Eu devia ter adivinhado! Não, o feitiço certo não está aqui. — Pensativo, ele deu um tapinha no domo marrom e brilhante do crânio. — Obra sua, amigo? Tenho a impressão de que você veio de lá. O violão eu tenho certeza de que veio. Hã... Sophie, querida...

— O quê? — respondeu Sophie.

— A velha, tola, intrometida e indisciplinada Sophie — disse Howl. — Estou certo ao pensar que você virou minha maçaneta com o preto para baixo e meteu ali seu nariz comprido?

— Só o dedo — respondeu Sophie, com dignidade.

— Mas você abriu a porta — disse Howl —, e isso que Michael acha que é um feitiço deve ter entrado. Não ocorreu a nenhum de vocês dois que isso não tem nada a ver com a forma que os feitiços em geral têm?

— Os feitiços muitas vezes parecem estranhos — respondeu Michael. — O que é isso, então?

Howl deu uma gargalhada.

— Verifique do que se trata. E escreva você uma segunda estrofe! Meu Deus! — disse ele e saiu correndo para a escada. — Vou lhes mostrar — gritou, enquanto seus pés ecoavam acima deles.

— Acho que perdemos nosso tempo correndo de um lado para o outro nos pântanos ontem à noite — disse Sophie.

Michael assentiu, abatido. Sophie podia ver que ele estava se sentindo um tolo.

— Foi minha culpa — disse ela. — Eu abri a porta.

— O que havia lá fora? — perguntou Michael com grande interesse.

Mas Howl desceu correndo exatamente naquele momento.

— Eu não tenho o livro, afinal — disse ele, que agora parecia aborrecido. — Michael, ouvi você dizer que saiu e tentou pegar uma estrela cadente?

— Sim, mas ela estava morta de medo, caiu numa poça e se afogou — disse Michael.

— Graças a Deus por isso! — afirmou Howl.

— Foi muito triste — disse Sophie.

— Triste, é? — replicou Howl, mais aborrecido do que nunca. — Foi *sua* ideia, não foi? Tinha de ser! Eu posso bem imaginar você pulando pelos pântanos, encorajando-o! Pois vou lhe dizer: essa foi a coisa mais estúpida que ele já fez na vida. Estaria mais do que triste se tivesse conseguido pegar aquela coisa! E você...

Calcifer bruxuleou, sonolento, chaminé acima.

— Qual o motivo de toda essa confusão? — perguntou. — Você mesmo pegou uma, não foi?

— Sim, e eu...! — começou Howl, voltando seu olhar feroz de bola de gude para Calcifer. Mas recuperou a compostura e voltou-se para Michael. — Prometa que nunca mais vai tentar pegar uma.

— Eu prometo — disse Michael, de bom grado. — E o que é aquilo, se não é um feitiço?

Howl olhou o papel cinza em sua mão.

— O título é “Canção”... e é isso que é, eu suponho. Mas não está completo, e eu não me lembro do restante. — Ele ficou de pé e pensou, como se uma nova ideia lhe tivesse ocorrido, ideia que obviamente o preocupava. — Acho que a estrofe seguinte era importante — disse ele. — É melhor eu ficar com ele e ver... — Encaminhou-se para a porta e virou a maçaneta com o preto para baixo. Então parou. Olhou para Michael e Sophie, que, mais do que naturalmente, fitavam a maçaneta. — Muito bem — disse ele. — Sei que Sophie vai ficar se contorcendo se eu deixá-la para trás, e isso não é justo com Michael. Venham os dois, para que eu possa ficar de olho em vocês.

Ele abriu a porta para o vazio e entrou nele. Michael caiu do banquinho em sua pressa de seguir. Sophie derrubou pacotes à direita e à esquerda da lareira quando saiu correndo também.

— Não deixe nenhuma fagulha cair nesses pacotes! — disse, apressada, para Calcifer.

— Se prometer me contar o que tem lá fora — disse ele. — A propósito, você já teve a sua pista.

— Tive? — perguntou Sophie.

Mas estava com muita pressa para ouvir.



CAPÍTULO ONZE

No qual Howl vai a um estranho país à procura de um feitiço

O vazio tinha apenas alguns centímetros, no fim das contas. Além dele, numa noite cinzenta e de chuva fina, havia um caminho de cimento que levava ao portão do jardim. Howl e Michael esperavam no portão. Além deste, via-se uma estrada plana, precária, ladeada por casas nos dois lados. Sophie olhou para trás, para o ponto de onde viera, tremendo bastante no chuveiro, e viu que o castelo havia se transformado numa casa de tijolos amarelos e janelas amplas. Como todas as outras casas, era quadrada e nova, com a porta da frente de vidro ondulado. Não parecia ter ninguém entre as casas. Talvez isso se devesse à chuva, mas Sophie tinha a sensação de que, na verdade, era porque, apesar de haver tantas casas, estavam na periferia de alguma cidade.

— Quando você tiver acabado de bisbilhotar — chamou Howl.

Sua roupa cinza e escarlate estava molhada da chuva fina. De sua mão pendia um molho de estranhas chaves, a maior parte das quais era achatada e amarela, e parecia combinar com as casas. Quando Sophie percorreu o caminho, ele disse:

— Precisamos estar vestidos de acordo com este lugar. — Suas roupas tornaram-se embaçadas, como se a chuva ao seu redor houvesse repentinamente se transformado em neblina. Quando ganharam foco novamente, ainda eram escarlate e cinza, mas tinham uma forma bem diferente. As mangas pendentes haviam desaparecido e toda a roupa era larga. Parecia velha e surrada.

O casaco de Michael virara uma coisa acolchoada até a cintura. Ele ergueu o pé, com um sapato de lona, e observou as coisas azuis apertadas que envolviam suas pernas.

— Mal posso dobrar o joelho — disse ele.

— Vai se acostumar — afirmou Howl. — Vamos, Sophie.

Para surpresa de Sophie, Howl os guiou de volta pelo caminho no jardim na direção da casa amarela. As costas da jaqueta folgada, ela viu, exibiam palavras misteriosas: RÚGBI GALÊS. Michael seguiu Howl, o andar tenso por conta daquelas coisas em suas pernas.

Sophie olhou para si mesma e viu um pedaço duas vezes maior das pernas finas aparecendo acima dos sapatos arredondados. Afora isso, não havia muitas mudanças nela.

Howl destrancou a porta de vidro ondulado com uma de suas chaves. Ao lado dela pendia de correntes uma placa de madeira. *Rivendell*, leu Sophie, enquanto Howl a puxava para um saguão limpo e arrumado.

Parecia haver pessoas na casa. Vozes altas vinham de trás da porta mais próxima. Quando Howl abriu aquela porta, Sophie percebeu que as vozes vinham de imagens coloridas e mágicas que se moviam na parte da frente de uma caixa grande e quadrada.

— Howell! — exclamou uma mulher que estava ali sentada fazendo tricô.

Ela deixou de lado o trabalho, parecendo um tanto aborrecida, mas, antes que pudesse se levantar, uma garotinha, que estivera observando muito séria, com o queixo nas mãos, a caixa mágica, deu um salto e se lançou para Howl.

— Tio Howell! — gritou ela e pulou no colo de Howl, envolvendo-o com as pernas.

— Mari! — gritou Howl em resposta. — Como você está, *cariad*? Tem sido uma boa menina? — Ele e a garotinha começaram, então, a falar numa língua estrangeira, rápido e alto. Sophie podia ver que eram muito especiais um para o outro. Ela se perguntou que língua seria aquela. Parecia a mesma da tola canção da caçarola de Calcifer, mas era difícil ter certeza. Entre explosões daquela tagarelice estranha, Howl conseguiu dizer, como se fosse um ventríloquo:

— Estas são minha sobrinha, Mari, e minha irmã, Megan Parry. Megan, estes são Michael Fisher e Sophie... hã...

— Hatter — completou Sophie.

Megan apertou as mãos de ambos de uma forma contida, desaprovadora. Era mais velha do que Howl, mas bastante parecida com ele, com o mesmo rosto comprido e anguloso; os olhos dela, porém, eram azuis e cheios de inquietudes, e o cabelo era mais escuro.

— Quieta agora, Mari! — disse numa voz que interrompeu a conversa em língua estrangeira. — Howell, você vai ficar por muito tempo?

— Só passei por um instante — disse Howl, colocando Mari no chão.

— Gareth ainda não chegou — disse Megan de um modo que queria dizer algo mais.

— Que pena! Não podemos ficar — afirmou Howl, oferecendo-lhe um sorriso afetuoso e falso. — Só pensei em apresentar você aos meus amigos aqui. E queria lhe fazer uma pergunta que pode parecer boba. Por acaso Neil perdeu um pedaço do dever de casa dele recentemente?

— Que *engraçado* você perguntar isso! — exclamou Megan. — Ele procurou o dever por toda parte na quinta-feira passada! Ele tem essa

professora nova, veja você, e ela é muito rígida, e não se preocupa apenas com a ortografia. Ela os aterroriza com a história de entregar os trabalhos no prazo. E isso não faz mal nenhum a Neil, aquele preguiçoso! Então quinta-feira, lá estava ele, procurando em todos os cantos, e tudo que encontrou foi um texto velho e engraçado...

— Ah — disse Howl. — O que ele fez com esse texto?

— Eu lhe disse que o entregasse a essa srta. Angorian — disse Megan. — Poderia mostrar a ela que, pelo menos uma vez, ele tentou.

— E ele fez isso? — perguntou Howl.

— Não sei. É melhor perguntar a Neil. Ele está lá no quarto da frente, com aquela sua máquina — respondeu Megan. — Mas você não vai conseguir arrancar dele nada que faça sentido.

— Venham — disse Howl a Michael e a Sophie, que estavam observando a reluzente sala marrom e laranja.

Ele pegou a mão de Mari e conduziu todos escada acima. Mesmo os degraus eram cobertos por tapete, um rosa e verde. Assim, o cortejo liderado por Howl mal fazia barulho à medida que seguia pela passagem rosa e verde que levava ao segundo andar, a um quarto com tapete azul e amarelo. Sophie, porém, não estava muito certa de que os dois garotos debruçados sobre as várias caixas mágicas numa mesa grande perto da janela teriam levantado os olhos mesmo para um exército com uma banda de metais. A principal caixa mágica tinha uma frente de vidro, como a do primeiro andar, mas parecia mostrar texto e diagramas mais do que imagens. Todas as caixas cresciam em caules brancos compridos e moles que pareciam enraizados em uma das paredes do quarto.

— Neil! — chamou Howl.

— Não interrompa — disse um dos garotos. — Ele vai perder a vida.

Vendo que era uma questão de vida ou morte, Sophie e Michael recuaram em direção à porta. Mas Howl, imperturbável diante da possibilidade de matar o sobrinho, caminhou até a parede e arrancou as caixas pelas raízes. A imagem na caixa desapareceu. Os dois garotos disseram palavras que Sophie acreditava que nem Martha conhecia. O segundo menino girou na cadeira, gritando:

— Mari, vou pegar você por essa!

— Não fui eu desta vez! — gritou Mari em resposta.

Neil girou ainda mais e olhou acusadoramente para Howl.

— Como vai, Neil? — perguntou Howl, divertido.

— Quem é ele? — indagou o outro garoto.

— Meu tio imprestável — disse Neil, olhando, furioso, para Howl. Ele era negro, com sobrancelhas espessas, e seu olhar furioso era impressionante. — O que você quer? Ponha essa tomada de volta no lugar.

— É assim que se dá as boas-vindas por aqui? — disse Howl. — Eu a ponho de volta depois que tiver feito uma pergunta e você respondido.

Neil suspirou.

— Tio Howell, eu estou no meio de um jogo de computador.

— Novo? — perguntou Howl.

Os dois garotos pareciam aborrecidos.

— Não, é um que ganhei no Natal — disse Neil. — Você devia saber o que falam sobre perder tempo e dinheiro com coisas inúteis. Não vão me dar outro até meu aniversário.

— Então isso é fácil — disse Howl. — Você não vai se importar de parar se já fez isso antes, e eu posso suborná-lo com um novo...

— Verdade? — disseram os dois garotos com entusiasmo, e Neil acrescentou: — Pode ser um daqueles que ninguém mais tem?

— Pode. Mas dê uma olhada nisto aqui antes e me diga o que é — disse Howl, e segurou o brilhante papel cinza diante de Neil.

Os dois garotos o olharam.

— É um poema — disse Neil, da maneira como diria a maior parte das pessoas. — É um rato morto.

— É o dever de casa que a srta. Angorian passou na semana passada — disse o outro garoto.

Enquanto Sophie e Michael piscavam diante dessa informação, Neil exclamou:

— Ei! É o dever de casa que perdi. Onde você o encontrou? E aquele texto engraçado que apareceu é *seu*? A srta. Angorian disse que era interessante... para minha sorte... e o levou para casa com ela.

— Obrigado — disse Howl. — Onde ela mora?

— No apartamento em cima da casa de chá da sra. Phillips. Em Cardiff Road — disse Neil. — Quando é que você vai me dar o jogo novo?

— Quando você se lembrar de como é o resto do poema — respondeu Howl.

— Isso não é justo! — objetou Neil. — Eu não me lembro nem da parte que foi escrita agora. Isso é brincar com os sentimentos de uma pessoa! — Ele parou quando Howl riu, enfiou a mão num bolso largo e

entregou-lhe um pacote plano. — *Obrigado!* — disse Neil com sinceridade e, sem mais cerimônias, virou-se novamente para suas caixas mágicas. Howl plantou o feixe de raízes outra vez na parede, rindo, e acenou para que Michael e Sophie deixassem o quarto com ele. Os dois garotos deram início a uma onda de misteriosa atividade, na qual Mari de alguma forma conseguiu entrar, assistindo com o polegar na boca.

Howl correu para a escada rosa e verde, mas Michael e Sophie hesitaram junto à porta do quarto, perguntando-se o que significava aquilo tudo. Lá dentro, Neil lia alto:

— Você está em um castelo encantado com quatro portas. Cada uma delas abre em uma dimensão diferente. Na Dimensão Um, o castelo se move constantemente e pode deparar com um perigo a qualquer momento...

Sophie admirou-se com a familiaridade daquilo enquanto mancava em direção à escada. Encontrou Michael de pé no meio dos degraus, parecendo constrangido. Howl, na base da escada, discutia com a irmã.

— O que quer dizer com vendeu todos os meus livros? — ela ouviu Howl dizer. — Eu precisava de um deles. Não eram seus; você não podia vendê-los.

— Não me interrompa! — respondeu Megan numa voz baixa e feroz. — *Ouça* agora! Eu já lhe disse antes que não sou um depósito para os seus pertences. Você é uma vergonha para mim e Gareth, perambulando por aí com essas roupas, em vez de comprar um traje adequado e parecer respeitável pelo menos uma vez... andando por aí com a escória, trazendo-a para esta casa! Está tentando me rebaixar ao seu nível? Você recebeu toda aquela educação e não tem nem um emprego decente, vive por aí à toa, desperdiçou todo aquele tempo na faculdade, todos os sacrifícios que outras pessoas fizeram, jogando fora o seu dinheiro...

Megan teria sido um bom páreo para a sra. Fairfax. Sua voz prosseguiu indefinidamente. Sophie começou a entender como Howl havia adquirido o hábito de sorrateiramente escapar. Megan era o tipo de pessoa que fazia você querer sair pela porta mais próxima. Infelizmente, Howl estava encurralado na escada, e Sophie e Michael se viram presos atrás dele.

— ...nunca teve um dia honesto de trabalho, nunca teve um emprego do qual eu pudesse me orgulhar, trazendo vergonha para mim e Gareth, vindo aqui e estragando Mari — desfiava Megan sem piedade.

Sophie empurrou Michael para um lado e desceu os degraus desafiadoramente, parecendo tão altiva quanto lhe era possível.

— Vamos, Howl — disse ela, solene. — Precisamos ir. Enquanto estamos aqui, o dinheiro está se esgotando com o tempo, e seus criados provavelmente estão vendendo a baixela de ouro. *Muito* prazer em conhecê-la — disse ela a Megan ao chegar ao pé da escada —, mas temos de nos apressar. Howl é um homem muito ocupado.

Megan engoliu em seco e fitou Sophie, que lhe dirigiu um gesto altivo de cabeça e empurrou Howl na direção da porta de entrada de vidro ondulado. O rosto de Michael tinha uma coloração vermelho vivo. Sophie viu porque Howl se virou para trás para perguntar a Megan:

— Meu velho carro ainda está na garagem ou você o vendeu também?

— Você tem a única chave — respondeu Megan, ríspida.

Esse aparentemente foi o único até logo. A porta da frente bateu e Howl os levou para uma construção branca quadrada no fim da estrada escura e plana. Ele nada falou sobre Megan. Mas quando destrancava uma porta larga da construção, disse:

— Suponho que a rígida professora tenha uma cópia daquele livro.

Sophie desejou esquecer o que veio a seguir. Eles andaram numa carruagem sem cavalos que se deslocava sacudindo a uma velocidade aterradora enquanto deixava para trás algumas das estradas mais íngremes que Sophie já vira — estradas tão íngremes que ela se admirava pelas casas que as ladeavam não escorregarem, formando uma pilha na base. Sophie fechou os olhos e agarrou-se a algumas das peças que haviam se soltado dos assentos, e simplesmente esperou que aquilo logo chegasse ao fim.

Felizmente, chegou. Eles alcançaram uma estrada mais plana, entulhada de casas de ambos os lados, e pararam ao lado de uma grande janela com cortina branca e um aviso que dizia: CHÁ FECHADO. Mas, apesar disso, quando Howl apertou um botão na pequena porta ao lado da janela, a srta. Angorian abriu a porta.

Todos a fitaram. Para uma professora rígida, a srta. Angorian era surpreendentemente jovem, esguia e bonita. Tinha longos cabelos pretos azulados emoldurando-lhe o rosto em formato de coração, pele acetinada e enormes olhos escuros. A única coisa que sugeria severidade nela era a forma direta e inteligente com que aqueles olhos fitavam e pareciam avaliá-los.

— Tenho o ligeiro palpite de que o senhor deve ser Howell Jenkins — disse a srta. Angorian a Howl. Sua voz era baixa e melodiosa e, não obstante, soava bastante divertida e segura de si.

Howl pareceu confuso por um instante. Então seu sorriso apareceu. E isso, pensou Sophie, era o adeus aos lindos sonhos de Lettie e da sra. Fairfax. Pois a srta. Angorian era exatamente o tipo de mulher por quem se podia contar que alguém como Howl se apaixonaria de imediato. E não só Howl. Michael a olhava com admiração também. Embora todas as casas em volta estivessem aparentemente desertas, Sophie não tinha dúvida de que estavam cheias de gente que conhecia tanto Howl quanto a srta. Angorian e os observava com interesse para ver o que aconteceria. Ela podia sentir seus olhos invisíveis. Market Chipping era assim também.

— E você deve ser a srta. Angorian — disse Howl. — Lamento incomodá-la, mas cometi um erro estúpido na semana passada e peguei o dever de casa do meu sobrinho em vez de um papel importante que eu tinha comigo. Imagino que Neil o tenha dado à senhorita como prova de que ele não estava inventando uma desculpa.

— Deu, mesmo — disse a srta. Angorian. — É melhor entrar e pegá-lo.

Sophie tinha certeza de que os olhos invisíveis em todas as casas se arregalaram e os pescoços invisíveis se esticaram quando Howl, Michael e ela marcharam pela porta da srta. Angorian, subindo um lance de escada para a minúscula e austera sala de estar.

— A senhora não quer se sentar? — perguntou a srta. Angorian, atenciosa, a Sophie.

Sophie ainda estava tremendo da viagem naquela carruagem sem cavalos. Sentou-se de bom grado numa das duas cadeiras, que não era muito confortável. A sala da srta. Angorian não era projetada pensando em conforto, mas em estudo. Embora muitos dos objetos ali fossem estranhos, Sophie compreendia as paredes de livros, as pilhas de papel sobre a mesa e as pastas empilhadas no chão. Ela sentou-se e observou Michael olhando-os, acanhado, e Howl colocando o seu charme em ação.

— Como sabe quem eu sou? — indagou Howl, divertido.

— Parece que o senhor foi motivo de muita fofoca nesta cidade — disse a srta. Angorian, ocupada examinando alguns papéis na mesa.

— E o que foi que esses fofoqueiros lhe disseram? — perguntou Howl. Ele inclinou-se languidamente sobre a extremidade da mesa e tentou atrair

o olhar da srta. Angorian.

— Que o senhor desaparece e aparece de forma bastante imprevista, por exemplo — respondeu ela.

— E o que mais? — Howl seguia os movimentos da srta. Angorian com um olhar que dizia a Sophie que a única chance de Lettie era a srta. Angorian também se apaixonar instantaneamente por Howl.

A srta. Angorian, porém, não era esse tipo de mulher. Ela disse:

— Muitas outras coisas, poucas em seu favor. — E fez com que Michael enrubescesse ao olhar para ele e, em seguida, para Sophie, de um modo que sugeria que essas coisas não eram apropriadas para os ouvidos deles. Então ela ergueu um papel amarelado, de bordas onduladas, para Howl. — Aqui está — disse, severa. — Sabe o que é?

— Certamente — disse Howl.

— Então, por favor, me diga — replicou a srta. Angorian.

Howl apanhou o papel. Houve um certo entrevero quando ele tentou segurar a mão da srta. Angorian com a folha. Ela venceu e colocou as mãos atrás das costas. Howl sorriu, sedutor, e entregou o papel a Michael.

— Diga *você* a ela — determinou Howl.

O rosto enrubescido de Michael se iluminou assim que ele olhou o papel.

— É o feitiço! Ah, este eu posso fazer... é de aumento, não é?

— Foi o que pensei — disse a srta. Angorian, num tom acusador. — Gostaria de saber o que o senhor estava fazendo com isso.

— Srta. Angorian — começou Howl —, se ouviu todas essas coisas sobre mim, deve saber que escrevi minha tese de doutorado sobre feitiços e sortilégios. A senhorita me olha como se suspeitasse que pratico magia sombria! Eu lhe asseguro que nunca preparei nenhum tipo de feitiço em minha vida.

Sophie não pôde evitar bufar ligeiramente com aquela mentira deslavada.

— Eu juro — acrescentou Howl, lançando um olhar irritado a Sophie — que este feitiço é para propósito de estudo apenas. É muito antigo e raro. Era por isso que eu o queria de volta.

— Bem, o senhor o tem de volta — disse a srta. Angorian energicamente. — Antes de ir, se importaria de me devolver minha folha de dever de casa? As fotocópias custam dinheiro.

Howl pegou o papel cinzento e o segurou fora do alcance dela.

— Agora, sobre este poema... — disse ele. — Algo está me incomodando. É uma bobagem, eu sei... mas não consigo me lembrar do restante dele. É de Walter Raleigh, não é?

A srta. Angorian dirigiu-lhe um olhar fulminante.

— Certamente que não. É de John Donne e é muito conhecido. Tenho o livro aqui, se quiser refrescar a memória.

— Por favor — disse Howl, e pelo modo como seus olhos seguiam a srta. Angorian enquanto ela ia até a parede de livros, Sophie percebeu que esse era o verdadeiro motivo por que Howl fora até essa estranha terra em que sua família morava.

Mas ele não estava livre de querer matar dois coelhos com uma só cajadada.

— Srta. Angorian — pediu Howl, suplicante, seguindo-lhe os contornos quando ela se esticou para pegar o livro —, aceitaria jantar comigo hoje à noite?

A srta. Angorian deu meia-volta segurando um livro grande, parecendo mais séria do que antes.

— Não — disse ela. — Sr. Jenkins, não sei o que ouviu sobre mim, mas deve ter escutado que ainda me considero comprometida com Ben Sullivan.

— Nunca ouvi falar dele — disse Howl.

— Meu noivo — informou ela. — Ele desapareceu há alguns anos. Agora, quer que eu leia o poema em voz alta para o senhor?

— Por favor — disse Howl, insistente. — A senhorita tem uma voz adorável.

— Então vou começar com a segunda estrofe — disse ela —, já que tem a primeira em suas mãos.

Ela lia muito bem, não só melodiosamente, mas de uma forma que fazia a segunda estrofe ajustar-se ao ritmo da primeira, o que, na opinião de Sophie, não acontecia absolutamente:

*Se nasceste para ter visões estranhas,
Coisas que são invisíveis ao olhar,
Desejo que vivas dez mil dias, noites e manhãs
Até a vida teus cabelos branquear.
Então, quando retornares, irás me falar
De todos os estranhos prodígios que te coube passar,*

*E jurar que não há
Nenhum lugar
Em que uma mulher sincera, e bela, viva lá.
Se tu...*

Howl empalidecera terrivelmente. Sophie podia ver o suor aparecendo em seu rosto.

— Obrigado — disse ele. — Pare aí. Não vou importuná-la com o restante. Mesmo a boa mulher é infiel na última estrofe, não é? Agora eu me lembro. Que tolo eu fui. John Donne, é óbvio. — A srta. Angorian baixou o livro e o fitou. Ele forçou um sorriso. — Precisamos ir agora. Tem certeza de que não vai mudar de ideia em relação ao jantar?

— Não vou — disse a srta. Angorian. — O senhor está bem, sr. Jenkins?

— Com ótima saúde — respondeu Howl, e apressou Michael e Sophie, conduzindo-os escada abaixo, em direção à horrível carruagem sem cavalos. Os observadores invisíveis nas casas devem ter pensado que a srta. Angorian estava perseguindo os três com um sabre, a julgar pela velocidade com a qual Howl os fez subir na carruagem e partiu.

— Qual é o problema? — perguntou Michael enquanto a carruagem rugia e rangia colina acima e Sophie se agarrava, desesperada, a pedaços do assento. Howl fingiu não ouvir. Então Michael esperou até que ele a estivesse trancando em seu galpão e tornou a perguntar.

— Ah, nada — disse Howl, despreocupadamente, conduzindo-os de volta à casa amarela chamada *Rivendell*. — A Bruxa das Terras Desoladas me alcançou com sua maldição, é só isso. Ia mesmo acontecer, mais cedo ou mais tarde. — Ele parecia estar calculando ou fazendo contas na cabeça enquanto abria o portão do jardim. — Dez mil — Sophie ouviu-o murmurar. — Isso dá mais ou menos o dia do solstício de verão.

— O que dá no dia do solstício de verão? — perguntou Sophie.

— O dia em que completarei dez mil dias de vida — respondeu Howl. — E esse, sra. Bisbilhoteira — disse ele, saltando para o jardim de *Rivendell* —, é o dia em que terei de voltar para a Bruxa das Terras Desoladas. — Sophie e Michael detiveram-se no caminho, fitando as costas de Howl, tão misteriosamente rotulada RÚGBI GALÊS. — Se eu me mantiver longe de sereias — eles o ouviram murmurar — e não tocar numa raiz de mandrágora...

Michael gritou:

— Temos de entrar nessa casa?

Seguido por Sophie:

— O que a Bruxa vai fazer?

— Estremeço só de pensar — disse Howl. — Você não precisa entrar, Michael.

Ele abriu a porta de vidro ondulado. Lá dentro estava a familiar sala do castelo. As chamas sonolentas de Calcifer coloriam as paredes levemente de verde-azulado no cair da noite. Howl puxou as longas mangas para trás e deu a Calcifer uma acha de lenha.

— Ela nos pegou, velho cara azul — disse ele.

— Eu sei — replicou Calcifer. — Eu senti.



CAPÍTULO DOZE

No qual Sophie se torna a velha mãe de Howl

Sophie não via muito sentido em sujar o nome de Howl com o Rei, agora que a Bruxa o alcançara. Mas Howl disse que agora isso era mais importante do que nunca.

— Vou precisar de todas as minhas forças para escapar dela — disse ele. — Não posso ter também o Rei atrás de mim.

Assim, na tarde seguinte, Sophie vestiu as roupas novas e sentou-se, sentindo-se bem, ainda que um tanto rígida, esperando que Michael se aprontasse e que Howl terminasse no banheiro. Enquanto esperava, ela contou a Calcifer sobre o estranho país onde vivia a família de Howl. Isso desviou seus pensamentos do Rei.

Calcifer ficou muito interessado.

— Eu sabia que ele vinha de terras estrangeiras — disse ele. — Mas, pelo que você fala, parece um outro mundo. Inteligente da parte da Bruxa lançar a maldição de lá. Muito inteligente mesmo. É essa mágica que eu admiro, usar algo que já existe e transformá-lo numa maldição. Eu cheguei a cogitar isso quando você e Michael estavam lendo o poema no outro dia. Aquele tolo do Howl contou coisas demais a ela sobre si mesmo.

Sophie olhou para o rosto fino e azul de Calcifer. Não a surpreendia descobrir que o demônio do fogo gostava do feitiço, assim como não a surpreendeu quando ele chamou Howl de tolo. Ele vivia insultando Howl. Mas Sophie nunca chegava à conclusão se Calcifer de fato odiava Howl. Calcifer parecia tão maligno, de qualquer forma, que era difícil dizer.

Calcifer dirigiu os olhos laranja para os de Sophie.

— Também estou com medo — disse ele. — Vou sofrer com Howl se a Bruxa o apanhar. Se você não quebrar o contrato antes dela, não poderei ajudá-la em nada.

Antes que Sophie pudesse fazer mais perguntas, Howl surgiu apressado do banheiro, em sua melhor forma, perfumando o ambiente com rosas e chamando Michael aos gritos. Michael desceu ruidosamente na roupa nova de veludo azul. Sophie se levantou e apanhou a bengala de confiança. Era hora de ir.

— Você parece maravilhosamente rica e imponente! — disse Michael a Sophie.

— Ela me faz justiça — disse Howl —, afora essa bengala horrível e velha.

— Algumas pessoas — disse Sophie — são completamente egocêntricas. Esta bengala vai comigo. Preciso dela como apoio moral.

Howl olhou para o teto, mas não discutiu.

Tomaram seu nobre caminho para as ruas de Kingsbury. Sophie, naturalmente, olhou para trás para ver como o castelo era, visto dali. Ela viu uma entrada grande e arqueada, circundando uma portinha preta. O resto do castelo parecia um trecho vazio de parede de reboco entre duas casas esculpidas nas pedras.

— Antes que você pergunte — disse Howl —, é mesmo apenas um estábulo desativado. Por aqui.

Percorreram ruas, parecendo tão normais quanto qualquer outro passageiro. Não que houvesse muitas pessoas por ali. Kingsbury ficava a uma distância muito grande ao sul e aquele era um dia extremamente quente por lá. As calçadas tremiam. Sophie descobriu outra desvantagem em ser velha: sentia-se indisposta no calor. Os elaborados edifícios oscilavam diante de seus olhos. Ela estava aborrecida, porque queria observar o lugar, mas tudo que tinha era uma impressão indistinta de domos dourados e casas altas.

— Por falar nisso — disse Howl —, a sra. Pentstemmon irá chamá-la de sra. Pendragon, que é o nome que uso aqui.

— Por quê? — perguntou Sophie.

— Como disfarce — disse Howl. — Pendragon é um nome lindo, muito melhor do que Jenkins.

— Eu vivo muito bem com um nome simples — disse Sophie quando dobraram numa rua abençoadamente estreita e fresca.

— Não podemos ser todos Chapeleiros Malucos — retrucou Howl.

A casa da sra. Pentstemmon era graciosa e alta, próxima ao fim da rua estreita. Havia laranjeiras em tinas ladeando a bela porta da frente, que foi aberta por um lacaios idoso vestido em veludo preto. Ele os conduziu a um hall de mármore xadrez branco e preto deliciosamente fresco, onde Michael tentou em segredo secar o suor do rosto. Howl, que parecia estar sempre refrescado, tratou o lacaios como um velho amigo e fez piadas com ele.

O lacaios os passou para um pajem vestido em veludo vermelho. Enquanto o garoto os guiava cerimoniosamente, subindo pela lustrosa escada, Sophie começou a ver por que essa era uma boa forma de praticar a visita ao Rei. Ela já se sentia num palácio. Quando o menino os conduziu a uma sala de visitas sombreada, Sophie tinha certeza de que nem um palácio poderia ser assim tão elegante. Tudo na sala era azul, dourado e

branco, pequeno e belo. A sra. Pentstemmon era o mais belo de tudo. Alta e magra, sentava-se ereta numa cadeira azul e dourada coberta de bordados, apoiando-se rigidamente com uma das mãos, de luva de malha de rede dourada, numa bengala com a ponta de ouro. Ela usava seda cor de ouro velho, num estilo muito formal e antigo, rematado com uma touca cor de ouro velho, não muito diferente de uma coroa, amarrada num grande laço cor de ouro velho sob o macilento rosto de águia. Era a mulher mais bela e assustadora que Sophie já vira.

— Ah, meu querido Howell — disse ela, estendendo a luva de malha de rede dourada.

Howl curvou-se e beijou a luva, como obviamente deveria ser. E o fez com movimentos muito graciosos, mas, por trás, a visão da cena foi prejudicada por Howl agitando a outra mão furiosamente às suas costas na direção de Michael. Este, um pouco lento demais, percebeu que deveria ficar de pé junto à porta, ao lado do pajem. Ele recuou até lá, apressado, feliz em afastar-se o máximo possível da sra. Pentstemmon.

— Sra. Pentstemmon, permita-me apresentar minha velha mãe — disse Howl, acenando para Sophie.

Como Sophie se sentia exatamente como Michael, Howl teve de gesticular para ela também.

— Encantada — disse a sra. Pentstemmon, e estendeu a luva dourada para Sophie.

Esta não estava certa de que a mulher esperava que ela beijasse a luva também, mas não conseguiu se forçar a tentar. Em vez disso, pousou sua própria mão sobre a luva. A mão sob a sua dava a sensação de ser uma garra velha e fria. Depois de tocá-la, Sophie sentia-se bastante surpresa de a sra. Pentstemmon estar viva.

— Perdoe-me por não me levantar, sra. Pendragon — desculpou-se a sra. Pentstemmon. — Minha saúde não está boa. Ela me forçou a me aposentar da função de professora há três anos. Sentem-se, por favor, os dois.

Tentando não tremer com o nervosismo, Sophie sentou-se solenemente na cadeira bordada diante da sra. Pentstemmon, apoiando-se na bengala, esperando ser do mesmo modo elegante.

Howl estirou-se com naturalidade numa cadeira perto dela. Parecia bastante à vontade, e Sophie o invejou.

— Tenho oitenta e seis anos — anunciou a sra. Pentstemmon. — Qual é a sua idade, minha cara sra. Pendragon?

— Noventa — disse Sophie, sendo este o primeiro número alto que lhe veio à cabeça.

— Tanto assim? — perguntou a sra. Pentstemmon, com o que talvez fosse uma leve e nobre inveja. — Que sorte a sua ser tão ágil ainda.

— Ah, é, sim. Ela é tão incrivelmente ágil — concordou Howl — que às vezes não se pode detê-la.

A sra. Pentstemmon lançou a ele um olhar que disse a Sophie que fora uma professora no mínimo tão severa quanto a srta. Angorian.

— Estou falando com sua mãe — disse ela. — Suponho que ela tenha tanto orgulho de você quanto eu. Somos duas senhoras que participaram da sua formação. Você é, pode-se dizer, nossa cocriação.

— Então vocês não acham que fiz uma parte sozinho? — perguntou Howl. — Que dei alguns toques meus?

— Alguns, e estes não são de todo meu agrado — replicou a sra. Pentstemmon. — Mas você não vai querer ficar aqui sentado, nos ouvindo falar de você. Desça e sente-se na varanda, e leve seu pajem com você. Lá, Hunch vai lhes servir uma bebida refrescante. Ande.

Se Sophie não estivesse tão nervosa, poderia ter rido da expressão no rosto de Howl. Ele obviamente não esperara que isso acontecesse. Mas levantou-se, com um leve dar de ombros, dirigiu uma ligeira expressão de aviso para Sophie, e enxotou Michael da sala, à sua frente. A sra. Pentstemmon virou o corpo rígido muito levemente para vê-los sair. Então fez um gesto de cabeça para o pajem, que também deixou a sala, apressado. Em seguida, a sra. Pentstemmon voltou-se de novo para Sophie, que se sentiu mais nervosa do que nunca.

— Eu o prefiro com os cabelos pretos — anunciou a sra. Pentstemmon. — Esse garoto está indo para o lado errado.

— Quem? Michael? — perguntou Sophie, confusa.

— O criado não — respondeu a sra. Pentstemmon. — Não creio que ele seja inteligente o bastante para me causar preocupação. Estou falando de Howell, sra. Pendragon.

— Ah — disse Sophie, perguntando-se por que a sra. Pentstemmon disse apenas “está indo”. Howl certamente já estava do lado errado havia muito tempo.

— Observe a aparência dele — disse a sra. Pentstemmon. — Olhe suas roupas.

— Ele é muito metódico com a aparência — concordou Sophie, e se perguntou por que estava sendo tão branda.

— E sempre foi. Eu também sou cuidadosa com a minha aparência, e não vejo nenhum mal nisso — disse a sra. Pentstemmon. — Mas que necessidade ele tem de andar por aí num traje enfeitado? É um feitiço de atração estonteante, dirigido às senhoras... Muito bem-feito, eu admito, e que mal pode ser detectado até mesmo pelo meu olho treinado, pois parece ter sido cerzido nas costuras. Um feitiço que o torna quase irresistível às mulheres. Isso representa uma tendência descendente em direção às artes das trevas que certamente deve lhe causar certa preocupação materna, sra. Pendragon.

Sophie pensou apreensiva no traje cinza e escarlate. Ela havia desfeito as costuras sem notar nada de particular ali. Mas a sra. Pentstemmon era uma perita em magia, e Sophie era apenas uma perita em roupas.

A sra. Pentstemmon pôs ambas as luvas de ouro no topo da bengala e inclinou o corpo rijo de forma que seus olhos treinados e penetrantes fitaram os de Sophie, que se sentia cada vez mais nervosa e constrangida.

— Minha vida está quase acabada — anunciou a sra. Pentstemmon. — Faz algum tempo que venho sentindo a morte se aproximando, na ponta dos pés.

— Ah, tenho certeza de que não é assim — disse Sophie, tentando parecer tranquilizadora. Era difícil parecer qualquer coisa com a sra. Pentstemmon fitando-a daquele jeito.

— Asseguro-lhe de que é assim — disse a sra. Pentstemmon. — É por isso que eu estava ansiosa por vê-la, sra. Pendragon. Howell, veja bem, foi meu último aluno, e de longe o melhor. Eu estava prestes a me aposentar quando ele chegou até mim, vindo de um país estrangeiro. Pensei que meu trabalho estivesse acabado quando treinei Benjamin Sullivan, a quem a senhora provavelmente conhece como Mago Suliman... que sua alma descanse em paz! E consegui para ele o posto de Mago Real. Por mais estranho que pareça, ele veio do mesmo país que seu filho. E então apareceu Howell, e eu vi num relance que ele tinha duas vezes a imaginação e duas vezes as habilidades e, embora admita que ele tivesse algumas falhas de caráter, eu sabia que era uma força do bem. *Bem*, sra. Pendragon. Mas agora ele é o quê?

— O quê? — perguntou Sophie.

— Alguma coisa aconteceu com ele — disse a sra. Pentstemmon, ainda olhando de modo penetrante para Sophie. — E eu estou determinada a descobrir isso antes de morrer.

— O que a senhora acha que aconteceu? — perguntou, constrangida, Sophie.

— Preciso que a senhora me diga isso — respondeu a sra. Pentstemmon. — Meu pressentimento é de que ele tenha seguido o mesmo caminho da Bruxa das Terras Desoladas. Disseram-me que no passado ela não era má... embora eu só saiba disso por ouvir dizer, pois ela é mais velha do que qualquer uma de nós e se mantém jovem por meio de suas artes. Howell tem dons da mesma ordem dos dela. É como se aqueles de grande habilidade não pudessem resistir a um toque extra e perigoso de inteligência, o que resulta numa falha fatal e dá início a um lento declínio para o mal. A senhora, por acaso, tem alguma ideia do que possa ser?

A voz de Calcifer veio à mente de Sophie, dizendo: “O contrato não vai fazer bem a nenhum de nós dois a longo prazo.” Ela sentiu um pouco de frio, apesar do calor que entrava pelas janelas abertas da sala elegante e sombreada.

— Sim — disse ela. — Ele fez um tipo de contrato com seu demônio do fogo.

As mãos da sra. Pentstemmon tremeram um pouco na bengala.

— Há de ser isso. A senhora precisa quebrar esse contrato, sra. Pendragon.

— Eu o faria se soubesse como — replicou Sophie.

— Certamente seus instintos maternos e seu forte dom para a magia lhe dirão como — disse a sra. Pentstemmon. — Eu a estive observando, sra. Pendragon, embora possa não ter percebido...

— Ah, percebi sim, sra. Pentstemmon — disse Sophie.

— ...e gosto do seu dom — continuou a sra. Pentstemmon. — Ele dá vida às coisas, como a essa bengala em sua mão, com a qual a senhora evidentemente conversou, tornando-a o que o leigo chama de varinha mágica. Acho que não seria muito difícil para a senhora quebrar esse contrato.

— Sim, mas eu preciso saber quais são os termos dele — disse Sophie. — Por acaso Howl lhe disse que sou uma bruxa? Porque se ele disse...

— Ele não disse. Não precisa ficar reticente. A senhora pode confiar em minha experiência para saber essas coisas — afirmou a sra. Pentstemmon. Então, para alívio de Sophie, ela fechou os olhos. Foi como se uma luz forte houvesse sido apagada. — Eu não sei, nem quero saber, sobre tais contratos — disse ela. Sua bengala tornou a oscilar, como se ela tivesse estremecido. A boca tornou-se de repente uma linha, sugerindo que ela havia, inesperadamente, mordido um grão de pimenta. — Mas eu agora vejo — prosseguiu ela — o que aconteceu com a Bruxa. Ela fez um contrato com um demônio do fogo e, com o passar dos anos, esse demônio assumiu o controle sobre ela. Os demônios não compreendem o bem e o mal. Mas eles podem ser subornados a aceitar um contrato, desde que a pessoa lhes ofereça algo valioso, algo que só os seres humanos têm. Isso prolonga a vida tanto do humano quanto do demônio, e o humano obtém o poder mágico do demônio para acrescentar aos seus. — A sra. Pentstemmon voltou a abrir os olhos. — Isso é tudo que posso dizer sobre o assunto, além de aconselhá-la a descobrir o que esse demônio obteve. Agora devo me despedir da senhora. Preciso descansar um pouco.

E, como mágica, o que provavelmente era mesmo, a porta se abriu e o pajem entrou para acompanhar Sophie na saída da sala. Ela se sentia extremamente feliz em ir. A essa altura, se contorcia de constrangimento. Enquanto a porta se fechava, ela olhou para trás, para a forma rígida e reta da sra. Pentstemmon, e perguntou-se se ela a teria feito sentir-se assim tão mal caso fosse ela a verdadeira mãe de Howl. Sophie pensou que sim.

— Tiro meu chapéu para Howl por aturá-la como professora por mais de um dia! — murmurou para si mesma.

— Senhora? — perguntou o pajem, pensando que Sophie falava com ele.

— Eu disse: desça devagar as escadas ou não poderei acompanhar — disse-lhe Sophie. Seus joelhos bamboleavam. — Os jovens andam correndo — acrescentou ela.

O pajem conduziu-a lenta e atenciosamente pelos degraus lustrosos. No meio da escada, Sophie recuperou-se da personalidade da sra. Pentstemmon o suficiente para pensar em algumas das coisas que a mulher lhe dissera. Ela havia afirmado que Sophie era uma bruxa. Por mais estranho que fosse, Sophie aceitou o fato sem nenhum problema. Isso explicava a popularidade de certos chapéus, pensou ela. Explicava o Conde Não-Sei-das-Quantas de Jane Farrier. Possivelmente explicava o ciúme da

Bruxa das Terras Desoladas. Era como se Sophie tivesse sempre sabido disso. Mas pensara que não era adequado ter um dom de magia porque era a mais velha das três irmãs. Lettie fora muito mais sensata em relação a essas coisas.

Então Sophie se lembrou do traje cinza e escarlate e quase rolou escada abaixo, consternada. Fora ela quem pusera o feitiço nele. Podia ouvir a si mesma agora, murmurando para a roupa: “Feita para atrair as garotas!” E é óbvio que fora isso que acontecera. Ele enfeitiçara Lettie naquele dia no pomar. Ontem, embora um tanto disfarçado, deve ter tido seu efeito secreto sobre a srta. Angorian também.

Oh, meu Deus!, pensou Sophie. Acabei aumentando o número de corações que ele partiu! Preciso tirar aquela roupa dele de alguma maneira!

Howl, naquele mesmo traje, estava esperando no fresco hall preto e branco com Michael. Este o cutucou, preocupado, enquanto Sophie descia lentamente os degraus atrás do pajem.

Howl parecia triste.

— Você parece esgotada — disse ele. — Acho que é melhor desistir da visita ao Rei. Eu irei até lá e sujarei meu próprio nome quando oferecer suas desculpas. Posso dizer que meus maus modos deixaram você doente. O que talvez seja verdade, pela sua aparência.

Sophie certamente não desejava ver o Rei. Mas pensou no que Calcifer dissera. Se o Rei ordenasse que Howl fosse para as Terras Desoladas e a Bruxa o pegasse, a chance de Sophie tornar-se jovem outra vez também estaria perdida.

Ela sacudiu a cabeça.

— Depois da sra. Pentstemmon — disse ela —, o Rei de Ingary vai parecer apenas uma pessoa comum.



CAPÍTULO TREZE

No qual Sophie suja o nome de Howl

Sophie estava se sentindo estranha outra vez quando chegou ao Palácio. Os muitos domos dourados a ofuscavam. O caminho para a entrada principal era um imenso lance de escadas, com um soldado de uniforme escarlate montando guarda a cada seis degraus. Os pobres rapazes deviam estar quase desmaiando no calor, pensou Sophie, tonta, enquanto ofegava escada acima, passando por eles.

No topo dos degraus viam-se arcadas, salões, corredores, saguões, um após o outro. Sophie perdeu a conta de quantos eram. A cada arcada uma pessoa esplendidamente vestida, usando luvas brancas — de alguma forma ainda brancas, apesar do calor —, indagava o assunto que vinham tratar e então os guiava até a próxima figura, na próxima arcada.

— A sra. Pendragon para ver o Rei! — a voz de cada uma delas ecoava pelos corredores.

Mais ou menos no meio do caminho, Howl foi educadamente convidado a aguardar. Michael e Sophie continuaram a ser conduzidos de posto em posto. Foram levados ao andar de cima, onde as esplêndidas pessoas estavam vestidas em azul, em vez de vermelho, e passados adiante novamente até que chegaram a uma antessala revestida com madeira de uma centena de diferentes tonalidades. Ali também a Michael foi pedido que aguardasse. Sophie, que a essa altura não estava totalmente certa de que não se encontrava num sonho estranho, se viu conduzida através de imensas portas duplas, e dessa vez a voz que ecoou disse:

— Vossa Majestade, a sra. Pendragon está aqui para vê-lo.

E lá estava o Rei, não num trono, mas sentado numa cadeira bastante comum na qual se via apenas uma pequena folha de ouro, quase no meio de uma sala imensa, vestido de forma muito mais modesta do que as pessoas que o serviam. Ele estava inteiramente só, como uma pessoa comum. Verdade que se sentava com uma perna esticada, à maneira de um rei, e que era bonito, de um modo rechonchudo e ligeiramente vago, mas para Sophie ele parecia bem jovem e só um pouquinho orgulhoso demais de ser um rei. Ela pensou que ele devia, com aquele rosto, ser menos seguro de si.

— Bem — disse ele —, por que a mãe do Mago Howl quer me ver?

E de repente Sophie se viu perplexa pelo fato de estar ali falando com o Rei. Era, pensou ela, tonta, como se o homem ali sentado e a coisa imensa e importante que era a realeza fossem duas entidades separadas, que por acaso ocupavam a mesma cadeira. E ela descobriu que havia

esquecido cada palavra sutil e meticulosa que Howl havia pedido que dissesse. No entanto, precisava falar alguma coisa.

— Ele me mandou para lhe dizer que não vai procurar o seu irmão — disse ela. — Vossa Majestade.

Ela encarou o Rei, que a encarou de volta. Foi um desastre.

— Tem certeza? — perguntou ele. — O Mago parecia bastante disposto quando conversei com ele.

A única coisa que restou na cabeça de Sophie foi que ela estava ali para sujar o nome de Howl, então disse:

— Ele mentiu por não querer aborrecê-lo. Ele é escorregadio, se entende o que quero dizer, Vossa Majestade.

— E espera escapar de procurar meu irmão Justin — disse o Rei. — Entendo. Não quer se sentar, pois vejo que já não é jovem, e me dizer as razões do Mago?

Havia outra cadeira simples a uma boa distância do Rei. Sophie sentou-se nela com um rangido e apoiou as mãos na bengala, como a sra. Pentstemmon, esperando que aquilo a fizesse sentir-se melhor. Sua mente, porém, ainda era uma imensa página em branco, que só registrava o medo de se apresentar diante de uma plateia. Tudo o que lhe ocorreu dizer foi:

— Somente um covarde mandaria a velha mãe para pedir por ele. Só por isso pode ver como ele é, Vossa Majestade.

— É uma atitude incomum — disse o Rei, com gravidade. — Mas eu disse a ele que o remuneraria muito bem se concordasse.

— Ah, ele não liga para dinheiro — disse Sophie. — Mas morre de medo da Bruxa das Terras Desoladas, sabe? Ela lançou uma maldição contra ele, que acaba de alcançá-lo.

— Então ele tem todos os motivos para ter medo — disse o Rei com um leve tremor. — Mas me conte mais, por favor, sobre o Mago.

Mais sobre Howl?, pensou Sophie desesperadamente. Tenho de sujar seu nome! Sua mente era de uma inutilidade tão grande que, por um segundo, lhe pareceu de fato que Howl não tivesse defeitos. Que estúpida!

— Bem, ele é volúvel, imprudente, egoísta e descontrolado — disse ela. — Metade do tempo eu acho que ele não se importa com o que acontece com ninguém, contanto que *ele* esteja bem... mas então descubro como foi generoso com alguém. E penso que só é generoso quando lhe convém... e aí percebo que ele cobra menos dos pobres. Eu não sei, Vossa Majestade. Ele é uma confusão.

— Minha impressão — disse o Rei — é que Howl é um trapaceiro inescrupuloso e escorregadio com uma língua afiada e uma mente brilhante. A senhora concorda?

— Vossa Majestade expressou muito bem! — replicou Sophie, sincera. — Mas deixou de fora o quanto ele é vaidoso e...

Ela olhou com desconfiança para o Rei afastado dela por alguns metros de tapete. Ele parecia surpreendentemente pronto a ajudá-la a sujar o nome de Howl.

O Rei sorria. Era o sorriso um tantinho hesitante que combinava com a pessoa que ele era, não com o rei que devia ser.

— Obrigado, sra. Pendragon — disse ele. — Sua franqueza tirou-me um peso das costas. O Mago concordou em procurar meu irmão tão prontamente que pensei que houvesse escolhido o homem errado, afinal. Temia que ele fosse alguém incapaz de resistir a uma oportunidade de exhibir-se ou que fizesse qualquer coisa por dinheiro. Mas a senhora me mostrou que ele é exatamente o homem de que preciso.

— Ah, mas que droga! — exclamou Sophie. — Ele me mandou para lhe dizer que não é!

— E foi o que a senhora fez. — O Rei puxou sua cadeira dois centímetros na direção da de Sophie. — Permita-me ser igualmente franco agora — disse ele. — Sra. Pendragon, preciso desesperadamente do meu irmão de volta. Não só por eu gostar dele e lamentar a briga que tivemos. Nem mesmo por certas pessoas andarem sussurrando que eu mesmo dei um fim nele, o que qualquer um que conheça nós dois sabe que é uma rematada bobagem. Não, sra. Pendragon. O fato é que meu irmão Justin é um general brilhante, e, com a Alta Norlanda e a Estrângia prestes a declarar guerra contra nós, eu não posso ficar sem ele. A Bruxa também me ameaçou, a senhora sabe. Agora que todos os relatos concordam que Justin foi de fato para as Terras Desoladas, estou certo de que a Bruxa queria que ele não estivesse aqui quando eu mais precisasse dele. Acho que ela levou o Mago Suliman como isca para pegar Justin. E o resultado é que eu preciso de um mago igualmente inteligente e inescrupuloso para trazê-lo de volta.

— Howl vai simplesmente fugir — Sophie advertiu o Rei.

— Não — retrucou ele. — Não creio que vá fazer isso. O fato de ele tê-la mandado me diz isso. Fez isso para me mostrar que era covarde

demais para se importar com o que eu pensasse dele, não é isso, sra. Pendragon?

Sophie assentiu. Desejou ter lembrado de todas as sutis observações de Howl. O Rei as teria compreendido ainda que ela não compreendesse.

— Essa não é a atitude de um homem fútil — disse o Rei. — Mas ninguém faria isso, exceto como último recurso, o que me mostra que o Mago Howl vai fazer o que quero, se eu demonstrar a ele que seu último recurso falhou.

— Acho que pode estar... hã... vendo sinais sutis que não existem, Vossa Majestade — disse Sophie.

— Eu não creio. — O Rei sorriu. Seus traços ligeiramente imprecisos haviam se tornado firmes. Ele tinha certeza de que estava certo. — Diga ao Mago Howl, sra. Pendragon, que o estou nomeando Mago Real a partir deste momento, à frente de nosso Comando Real para encontrar o Príncipe Justin, vivo ou morto, antes que o ano se encerre. A senhora tem licença para ir agora.

Ele estendeu a mão para Sophie, assim como a sra. Pentstemmon, com um pouco menos de realeza. Sophie se levantou, perguntando-se se deveria beijar ou não aquela mão. Mas, como se sentia com mais vontade de levantar a bengala e dar com ela na cabeça do Rei, ela apertou a mão dele e fez uma leve medida, que provocou estalos em seus ossos. Parecia a coisa certa a fazer. O Rei dirigiu-lhe um sorriso amistoso, enquanto ela mancava em direção às portas duplas.

— Ah, maldição! — murmurou para si mesma. Não só era exatamente o que Howl não queria, como ele agora moveria o castelo para mil e quinhentos quilômetros de distância. Lettie, Martha e Michael ficariam todos infelizes, e sem dúvida haveria torrentes de limo verde nesse acordo também. — É o que acontece quando se é a mais velha — murmurou ela, abrindo as pesadas portas com um empurrão. — Simplesmente não se pode ganhar!

E ali estava mais uma coisa que não deu certo. Em sua contrariedade e desapontamento, Sophie havia de alguma forma saído pelo par de portas errado. Essa antessala era toda revestida de espelhos. Neles ela podia ver sua forma pequena e encurvada mancando no belo vestido cinza, um grande número de pessoas vestidas com becas azuis, outras em trajes tão elegantes quanto o de Howl, mas não Michael. Este naturalmente estava esperando na antessala revestida com uma centena de tipos de madeira.

— Ah, droga! — exclamou Sophie.

Um dos cortesãos aproximou-se rapidamente dela e fez uma reverência.

— Sra. Feiticeira! Posso ajudá-la?

Era um homem de baixa estatura e olhos vermelhos. Sophie o fitou.

— Ah, valha-me Deus! — disse ela. — Então o feitiço funcionou!

— Funcionou, sim — disse o pequeno cortesão um pouco pesaroso. — Eu o desarmeí enquanto ele espirrava e ele agora está me processando. Mas o importante... — seu rosto abriu-se num sorriso de contentamento — ...é que minha querida Jane voltou para mim! Agora o que posso fazer pela senhora? Sinto-me responsável pela sua felicidade.

— Não tenho muita certeza de que não deveria ser o contrário — disse Sophie. — O senhor por acaso é o Conde de Catterack?

— Ao seu serviço — respondeu o pequeno cortesão, curvando-se.

Jane Farrier deve ser uns bons 30 centímetros mais alta do que ele!, pensou Sophie. Sem sombra de dúvida, é tudo minha culpa.

— Sim, o senhor *pode* me ajudar — disse ela, e explicou sobre Michael.

O Conde de Catterack assegurou-lhe que Michael seria achado e levado para a entrada do salão a fim de encontrá-la. Não era nenhum problema. Ele mesmo levou Sophie até um atendente enluvado e a entregou a ele com muitas medidas e sorrisos. Sophie foi passada a outro atendente, e a outro, exatamente como antes, e acabou chegando até a escada guardada pelos soldados.

Michael não estava lá. Tampouco Howl, mas esse era um pequeno alívio para Sophie. Ela pensou que poderia ter adivinhado que seria assim! O Conde de Catterack era uma pessoa que nunca fazia nada certo, e ela era outra. Provavelmente era pura sorte que tivesse encontrado a saída. A essa altura estava tão cansada, acalorada e desalentada que decidiu não esperar por Michael. Queria sentar-se na cadeira perto da lareira e contar a Calcifer a confusão que ela aprontara.

Desceu cambaleando a grandiosa escadaria. Percorreu cambaleando uma grandiosa avenida. Mancou ao longo de outra, onde espiras e torres e tetos dourados a circulavam em atordoante profusão. E se deu conta de que era pior do que imaginara. Estava perdida. Não tinha absolutamente nenhuma ideia de como encontrar o estábulo disfarçado onde ficava a

entrada do castelo. Saiu em outra bela rua ao acaso, mas não reconheceu aquela tampouco.

A essa altura, já não sabia nem o caminho de volta para o Palácio. Tentou perguntar às pessoas que encontrava. A maior parte delas parecia tão acalorada e cansada quanto ela.

— Mago Pendragon? — perguntavam. — Quem é ele?

Sophie andava de um lado para o outro, desesperada. Estava quase desistindo e sentando-se na primeira soleira para passar a noite, quando cruzou a entrada da rua estreita onde ficava a casa da sra. Pentstemmon. Ah!, pensou. Posso ir até lá e perguntar ao lacaio. Ele e Howl pareceram tão amigos que ele deve saber onde Howl mora. Assim, ela entrou na rua.

A Bruxa das Terras Desoladas vinha em sua direção.

Como Sophie reconheceu a Bruxa seria difícil dizer. Seu rosto estava diferente. O cabelo, no lugar dos cachos castanhos e arrumados, era uma ondulante massa vermelha que descia até a cintura, e ela estava vestida em ondas flutuantes de marrom-avermelhado e amarelo pálido. Estava muito moderna e bonita. Sophie a reconheceu de imediato. Quase parou, mas mudou de ideia.

Não existe nenhum motivo para que se lembre de mim, pensou Sophie. Devo ser apenas uma das centenas de pessoas que ela enfeitiçou. E seguiu adiante, corajosamente, martelando sua bengala nas pedras do calçamento e lembrando a si mesma que, em caso de problemas, a sra. Pentstemmon dissera que aquela mesma bengala havia se tornado um objeto poderoso.

Esse foi outro erro. A Bruxa veio flanando pela ruazinha, sorrindo, girando sua sombrinha, seguida por dois pajens de expressão emburrada vestidos com veludo laranja. Quando emparelhou com Sophie, ela parou, e um perfume amadeirado encheu as narinas de Sophie.

— Ora, é a srta. Hatter! — disse a Bruxa, rindo. — Eu nunca esqueço um rosto, principalmente se fui eu quem o fez! O que está fazendo aqui, toda arrumada assim? Se está pensando em visitar aquela sra. Pentstemmon, pode poupar-se o trabalho. A velha linguaruda está morta.

— Morta? — repetiu Sophie. Ela teve o tolo impulso de acrescentar: Mas estava viva há uma hora! No entanto, se conteve, porque a morte é assim: as pessoas *estão* vivas até que morrem.

— É. Morta — disse a Bruxa. — Ela se recusou a me dizer onde alguém que eu quero encontrar está. Ela disse: “Só por cima do meu cadáver!”, então acreditei em suas palavras.

Ela está procurando Howl!, pensou Sophie. Agora o que eu faço? Se não estivesse com tanto calor e tão cansada, Sophie estaria quase com medo demais para pensar. Pois uma bruxa capaz de matar a sra. Pentstemmon não teria nenhuma dificuldade com Sophie, com ou sem bengala. E, se suspeitasse, por um momento, que ela sabia onde Howl estava, esse poderia ser o fim de Sophie. Talvez fosse até bom que ela não conseguisse se lembrar onde ficava a entrada para o castelo.

— Não sei quem é essa pessoa que você matou — disse ela —, mas isso faz de você uma assassina cruel.

Mas a Bruxa parecia desconfiar de qualquer forma. E disse:

— Pensei que você tivesse dito que ia visitar a sra. Pentstemmon...

— Não — replicou Sophie. — Foi você quem disse isso. Eu não preciso conhecer sua vítima para chamar você de assassina.

— Então aonde você ia? — perguntou a Bruxa.

Sophie sentiu-se tentada a dizer à Bruxa que fosse tratar de sua própria vida. Mas isso era procurar encrenca. Então disse a única outra coisa em que pôde pensar:

— Vou ver o Rei.

A Bruxa riu, incrédula.

— Mas o Rei vai receber *você*?

— É óbvio que sim — afirmou Sophie, tremendo de terror e raiva. — Eu marquei hora. Vou... pedir a ele melhores condições para os chapeleiros. Minha vida continua, veja bem, mesmo depois do que você me fez.

— Então está indo na direção errada — disse a Bruxa. — O Palácio fica atrás de você.

— Ah... é? — replicou Sophie. Ela não precisou fingir a surpresa. — Então devo ter dado meia-volta. Estou um pouco confusa em relação a direções desde que você me deixou assim.

A Bruxa riu com vontade e não acreditou numa única palavra do que ela disse.

— Então venha comigo — disse ela — e eu lhe mostrarei o caminho para o Palácio.

Parecia não haver nada que Sophie pudesse fazer a não ser dar meia-volta e mancar ao lado da Bruxa, com os dois pajens seguindo soturnamente atrás delas. Raiva e desespero tomaram conta de Sophie. Ela olhou para a mulher caminhando graciosamente ao seu lado e lembrou-se

de que a sra. Pentstemmon dissera que a Bruxa era na verdade uma velha. Não é justo!, pensou Sophie, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito.

— Por que você me deixou assim? — perguntou quando subiam uma rua grande com uma fonte no fim.

— Você estava me impedindo de obter uma informação de que eu precisava — disse a Bruxa. — No fim, eu consegui, é óbvio.

Sophie estava surpresa com isso. Perguntava-se se faria algum bem dizer que devia haver um engano, quando a Bruxa acrescentou:

— Embora eu me atreva a dizer que você não tinha a menor ideia de que estava. — E riu, como se essa fosse a parte mais engraçada de tudo. — Já ouviu falar de uma terra chamada Gales? — perguntou ela.

— Não — respondeu Sophie. — Fica debaixo do mar?

A Bruxa achou isso ainda mais engraçado.

— Não neste momento — disse ela. — É de onde vem o Mago Howl. Você conhece o Mago Howl, não conhece?

— Só de ouvir falar — mentiu Sophie. — Ele devora garotas. É tão perverso quanto você. — Mas estava gelada. E não parecia ser por causa da fonte pela qual passavam naquele momento. Além desta, do outro lado de uma praça de mármore cor-de-rosa, estavam os degraus de pedra com o Palácio no alto.

— Lá está. O Palácio — disse a Bruxa. — Tem certeza de que consegue subir todos aqueles degraus?

— Não estou pior do que você — disse Sophie. — Torne-me jovem outra vez e eu os subirei correndo, mesmo nesse calor.

— Não teria a mesma graça — disse a Bruxa. — Pode subir. E, se conseguir persuadir o Rei a recebê-la, lembre-o de que o avô dele me mandou para as Terras Desoladas e eu lhe guardo grande rancor por isso.

Sophie olhou desesperançada para o longo lance de degraus. Pelo menos não havia ninguém neles, a não ser soldados. Com a sorte que estava hoje, não a teria surpreendido encontrar Michael e Howl descendo a escada. Como a Bruxa obviamente ficaria lá parada e certificar-se de que ela subiria, Sophie não tinha outra escolha senão subir. E lá foi ela, mancando, passando pelos soldados suados, até a entrada do Palácio, odiando a Bruxa ainda mais a cada passo. No alto, deu meia-volta, ofegante. A Bruxa ainda estava lá, uma forma castanho-avermelhada com

duas figurinhas cor de laranja ao lado, esperando para vê-la ser expulsa do Palácio.

— Maldita! — disse Sophie. E dirigiu-se mancando aos guardas na arcada. Sua má sorte persistia. Não havia sinal de Michael ou Howl por ali. Foi forçada a dizer aos homens: — Esqueci de dizer uma coisa ao Rei.

Eles se lembravam dela. Deixaram-na entrar, para ser recebida por uma figura de luvas brancas. E, antes que Sophie tivesse se recuperado, o mecanismo do Palácio estava novamente em ação e ela foi sendo passada de pessoa a pessoa, como da primeira vez, até chegar às mesmas portas duplas e à mesma pessoa em azul que a anunciou:

— A sra. Pendragon está aqui novamente para vê-lo, Vossa Majestade.

Era como um pesadelo, pensou Sophie, enquanto entrava outra vez na ampla sala. Ela parecia não ter escolha senão tentar sujar de novo o nome de Howl. O problema era que, com tudo que acontecera, e, de quebra, com o medo de representar diante do rei, sua mente estava ainda mais vazia do que antes.

O Rei, dessa vez, estava de pé junto a uma grande escrivaninha num dos cantos, movendo ansiosamente bandeiras de um lado para o outro num mapa. Ele a olhou e disse, afável:

— Disseram-me que a senhora se esqueceu de me dizer uma coisa.

— Sim — disse Sophie. — Howl diz que ele só vai procurar o Príncipe Justin se lhe prometer a mão de sua filha em casamento. — O que pôs *isso* em minha cabeça?, pensou ela. Ele vai mandar executar nós dois!

O Rei dirigiu-lhe um olhar preocupado.

— Sra. Pendragon, a senhora deve saber que isso está totalmente fora de questão — disse ele. — Posso ver que está muito preocupada com seu filho para sugerir isso, mas não pode mantê-lo preso na barra da sua saia para sempre, e minha decisão está tomada. Por favor, venha e sente-se nesta cadeira. A senhora parece cansada.

Sophie cambaleou até a cadeira baixa que o Rei lhe apontou e afundou nela, perguntando-se quando os guardas chegassem para prendê-la.

Ouviu-se um leve ruído. Um segundo depois, a Princesa Valeria saiu de sob a escrivaninha, onde estivera sentada, sorrindo bondosamente. Tinha quatro dentes, mas não idade suficiente para ter a cabeça coberta de cabelos. Tudo que se via era um halo de fiapos brancos acima da orelha. Quando viu Sophie, ela sorriu ainda mais, estendeu a mãozinha cujo polegar estivera chupando e segurou o vestido de Sophie. O vestido

respondeu com uma mancha molhada que ia se espalhando enquanto a princesa se erguia, ficando de pé, apoiada nele. Fitando o rosto de Sophie, Valeria dirigiu-lhe um amistoso comentário em uma língua estrangeira.

— Oh — disse Sophie, sentindo-se uma grande tola.

— Eu entendo como uma mãe ou um pai se sente, sra. Pendragon — disse o Rei.



CAPÍTULO CATORZE

No qual um Mago Real pega um resfriado

Sophie voltou à entrada do castelo em Kingsbury numa das carruagens do Rei, puxada por quatro cavalos. Nela também iam o cocheiro, um cavaleiro e um laçador. Um sargento e seis soldados da Cavalaria Real a escoltavam. A razão era a Princesa Valeria, que havia subido para o colo de Sophie. Enquanto a carruagem descia ruidosamente a breve encosta da colina, o vestido de Sophie ainda se encontrava coberto com as marcas molhadas da aprovação real de Valeria. Sophie sorriu um pouco. Pensou que Martha podia ter razão, afinal, ao querer filhos, embora dez Valerias lhe parecessem um pouco demais. Enquanto Valeria a escalava, Sophie lembrou-se de ter ouvido que a Bruxa havia ameaçado Valeria de alguma forma, e viu-se dizendo à garotinha:

— A Bruxa não vai machucar você. Eu não vou deixar!

O Rei nada dissera sobre isso. Mas ordenara uma carruagem real para Sophie.

O cortejo parou ruidosamente diante do estábulo disfarçado. Michael saiu pela porta em disparada e obstruiu o caminho do laçador, que ajudava Sophie a descer.

— Aonde você se meteu? — perguntou ele. — Eu estava tão preocupado! E Howl está terrivelmente aborrecido...

— Tenho certeza de que sim — disse Sophie, apreensiva.

— Porque a sra. Pentstemmon está morta — concluiu Michael.

Howl também assurgiu à porta. Parecia pálido e deprimido. Segurava um pergaminho do qual pendiam selos reais azuis e vermelhos. Sophie olhou-o com culpa. Howl deu ao sargento uma moeda de ouro e não disse palavra até que a carruagem e os soldados tivessem se afastado ruidosamente. Então ele falou:

— Quatro cavalos e dez homens apenas para se livrar de uma velha. O que você fez ao Rei?

Sophie seguiu Howl e Michael, entrando no castelo, esperando encontrar a sala coberta por limo verde. Mas não encontrou, e lá estava Calcifer inflamando-se pela chaminé, exibindo seu sorriso púrpura. Sophie afundou na cadeira.

— Acho que o Rei se cansou de me ver ir até lá difamar você. Fui duas vezes — disse ela. — Deu tudo errado. E encontrei a Bruxa saindo da casa da sra. Pentstemmon depois de matá-la. Que dia!

Enquanto Sophie descrevia parte do que havia acontecido, Howl recostou-se no consolo da lareira, balançando o pergaminho como se

estivesse pensando em oferecê-lo como alimento a Calcifer.

— Olhe para o novo Mago Real — disse ele. — Meu nome está muito sujo. — Então ele começou a gargalhar, para grande surpresa de Sophie e Michael. — E o que ela fez com o Conde de Catterack? — Ele riu. — Eu nunca deveria tê-la deixado chegar perto do Rei!

— Eu sujei o seu nome, sim! — protestou Sophie.

— Eu sei. Foi um erro de cálculo meu — disse Howl. — Agora como vou ao funeral da pobre sra. Pentstemmon sem a Bruxa saber? Alguma ideia, Calcifer?

Estava evidente que Howl se encontrava muito mais perturbado por causa da sra. Pentstemmon do que por qualquer outra coisa.

Era Michael quem estava preocupado com a Bruxa. Na manhã seguinte, ele confessou que tivera pesadelos a noite toda. Sonhara que ela entrava por todas as portas da casa simultaneamente.

— Onde está Howl? — perguntou ele, ansioso.

Howl havia saído muito cedo, deixando o banheiro cheio do costumeiro vapor perfumado. Não havia levado o violão, e a maçaneta estava com o verde voltado para baixo. Nem Calcifer sabia mais do que isso.

— Não abram a porta para ninguém — disse Calcifer. — A Bruxa conhece todas as entradas, exceto a de Porthaven.

Isso alarmou tanto Michael que ele pegou algumas tábuas no quintal e as calçou transversalmente diante da porta. Então finalmente começou a trabalhar no feitiço que haviam recuperado com a srta. Angorian.

Meia hora depois, a maçaneta virou bruscamente, deixando o preto para baixo. A porta começou a sacudir. Michael agarrou-se a Sophie.

— Não tenha medo — disse ele. — Vou proteger você.

A porta foi sacudida com força por algum tempo. Então, parou. Michael mal acabara de soltar Sophie, com grande alívio, quando aconteceu uma violenta explosão.

As tábuas despencaram ruidosamente no chão. Calcifer mergulhou para o fundo da lareira e Michael correu para o armário das vassouras, deixando Sophie ali parada enquanto a porta se abria e Howl entrava tempestuosamente.

— Isso já é um pouco demais, Sophie! — disse ele. — Eu moro aqui.

Ele estava ensopado. O traje cinza e escarlate estava preto e marrom. As mangas e as pontas do cabelo gotejavam.

Sophie olhou para a maçaneta, ainda com o preto voltado para baixo. A srta. Angorian, ela pensou. E ele foi vê-la naquele terno enfeitado.

— Onde você esteve? — perguntou ela.

Howl espirrou.

— Na chuva. Mas não é da sua conta — disse ele, rouco. — Para que eram todas aquelas tábuas?

— Fui eu quem as colocou ali — disse Michael, surgindo do armário de vassouras. — A Bruxa...

— Você deve achar que não conheço meu trabalho — disse Howl, irritado. — Eu tenho tantos feitiços de desorientação que a maioria das pessoas não nos encontraria. Dou até mesmo à Bruxa três dias. Calcifer, preciso de uma bebida quente.

Calcifer vinha subindo em meio à sua lenha, mas, quando Howl se dirigiu à lareira, ele tornou a mergulhar.

— Não se aproxime de mim assim! Você está molhado! — silvou ele.

— Sophie — disse Howl, suplicante.

Sophie cruzou os braços, impiedosa.

— E quanto a Lettie? — perguntou ela.

— Estou ensopado — disse Howl. — Preciso de uma bebida quente.

— Eu perguntei: e quanto a Lettie Hatter? — repetiu Sophie.

— Dane-se você, então! — disse Howl e se sacudiu. A água caiu dele num anel perfeito no chão. Howl pisou fora do círculo com o cabelo seco e o traje cinza e escarlate sem estar sequer úmido, e foi pegar a panela. — O mundo está cheio de mulheres de coração endurecido, Michael — disse ele. — Posso dizer o nome de três sem nem parar para pensar.

— Uma delas é a srta. Angorian? — perguntou Sophie.

Howl não respondeu. Ele ignorou Sophie solenemente pelo resto da manhã, enquanto discutia com Michael e Calcifer o deslocamento do castelo. Howl ia mesmo fugir, como ela advertira o Rei, pensou Sophie, sentada, unindo mais triângulos do traje azul e prata. Ela sabia que precisava tirar Howl daquela roupa cinza e escarlate o mais rápido possível.

— Não creio que precisemos mover a entrada de Porthaven — disse Howl. Ele fez surgir do nada um lenço e assoou o nariz com um ruído que fez Calcifer bruxulear, constrangido. — Mas eu quero o castelo animado bem longe de qualquer lugar em que tenha estado antes, e a entrada de Kingsbury, fechada.

Alguém bateu à porta nesse momento. Sophie percebeu que Howl deu um salto e olhou à sua volta, tão nervoso quanto Michael. Nenhum dos dois atendeu à porta. Covardes!, pensou Sophie, com desprezo. Ela se perguntou por que se dera todo aquele trabalho por Howl ontem.

— Eu devia estar louca! — murmurou para o terno azul e prata.

— E quanto à entrada da tinta preta? — indagou Michael quando a pessoa que batia pareceu ir embora.

— Essa fica — disse Howl, e fez surgir outro lenço, com um movimento rápido final.

Ela ficaria!, pensou Sophie. A srta. Angorian estava lá fora. Pobre Lettie!

No meio da manhã, Howl estava fazendo surgirem dois ou três lenços de cada vez. Na verdade, eram quadrados de papel, Sophie viu. Ele continuava a espirrar. A voz ficou mais rouca. Logo produzia lencinhos de meia em meia dúzia. Cinzas dos já usados se empilhavam ao redor de Calcifer.

— Ah, por que será que sempre que vou a Gales volto com um resfriado? — gemeu Howl, e fez surgir um punhado de lenços.

Sophie bufou.

— Você disse alguma coisa? — ranzinhou Howl.

— Não, mas eu estava pensando que as pessoas que fogem de tudo merecem cada resfriado que pegam — disse Sophie. — As pessoas que são apontadas pelo Rei para fazer algo e, em vez disso, saem por aí cortejando na chuva só podem culpar a si mesmas.

— Você não sabe de tudo que sei, sra. Moralizadora — disse Howl. — Quer que eu escreva uma lista antes de sair outra vez? Eu tenho procurado o Príncipe Justin. Cortejar não é a única coisa que faço quando saio.

— Quando o procurou? — perguntou Sophie.

— Ah, como suas orelhas batem e seu nariz comprido se contrai! — gemeu Howl. — Procurei assim que ele desapareceu. Eu fiquei curioso para saber o que o Príncipe Justin estava fazendo por estas bandas, quando todos sabiam que Suliman tinha ido para as Terras Desoladas. Acho que devem ter lhe vendido um feitiço falso para encontrar alguém, porque ele foi diretamente para o Folding Valley e comprou outro da sra. Fairfax. E isso o trouxe de volta a esse caminho, muito naturalmente, onde ele parou no castelo e Michael vendeu-lhe outro feitiço para achar alguém e um feitiço de disfarce...

Michael cobriu a boca com a mão.

— Aquele homem de uniforme verde era o *Príncipe Justin*?

— Sim, mas eu não mencionei o assunto antes — disse Howl — porque o Rei poderia pensar que você deveria ter tido o bom senso de lhe vender outro feitiço falso. Eu tinha consciência disso. Consciência. Observe essa palavra, sra. Nariguda. Eu tinha consciência. — Howl fez surgir outro punhado de lenços e fuzilou Sophie com os olhos que agora estavam lacrimosos e avermelhados. Então ele se pôs de pé. — Estou doente — anunciou. — Vou para a cama, onde posso morrer. — Cambaleou penosamente até a escada. — Enterrem-me ao lado da sra. Pentstemmon — gemeu, subindo para o quarto.

Sophie dedicou-se à sua costura com mais afinco do que nunca. Ali estava sua chance de tirar o traje cinza e escarlate de Howl antes que ele causasse mais danos ao coração da srta. Angorian — a menos que Howl fosse para a cama vestido, o que ela não duvidava. Então Howl devia estar procurando o Príncipe Justin quando foi para Upper Folding e encontrou Lettie. Pobre Lettie!, pensou Sophie, fazendo pontinhos com rapidez em torno de seu quinquagésimo sétimo triângulo azul. Só faltavam mais uns quarenta.

A voz de Howl nesse momento foi ouvida gritando debilmente:

— Socorro, alguém me ajude! Estou morrendo por negligência aqui em cima!

Sophie bufou. Michael deixou o trabalho no novo feitiço e correu para a escada. As coisas ficaram muito agitadas. No tempo que levou para Sophie cerzir mais dez triângulos, Michael correu lá em cima com limão e mel, com um determinado livro, com xarope, com uma colher para ministrar o xarope, e então com gotas nasais, pastilhas para a garganta, gargarejo, caneta, papel, outros três livros e uma infusão de casca de salgueiro. Continuavam também batendo à porta, o que fazia Sophie saltar e Calcifer bruxulear, preocupado. Quando ninguém abria a porta, algumas pessoas continuavam batendo por uns cinco minutos, pensando, com toda razão, que estavam sendo ignoradas.

A essa altura Sophie estava ficando preocupada com o traje azul e prata, que ia ficando cada vez menor. Não se podia costurar aquele número de triângulos sem reduzir uma quantidade razoável de tecido nas costuras.

— Michael — disse ela quando ele desceu correndo as escadas mais uma vez porque Howl queria um sanduíche de bacon como almoço. —

Michael, existe uma forma de tornar roupas pequenas maiores?

— Oh, sim — disse Michael. — Meu novo feitiço é justamente sobre isso... quando eu tiver a chance de trabalhar nele. Howl quer seis fatias de bacon no sanduíche. Você pode pedir a Calcifer?

Sophie e Calcifer trocaram olhares eloquentes.

— Não acho que ele esteja morrendo — disse Calcifer.

— Vou lhe dar as peles para comer se você abaixar a cabeça — disse Sophie, deixando de lado a costura. Era mais fácil subornar Calcifer do que intimidá-lo.

Todos comeram sanduíche de bacon no almoço, mas Michael teve de correr para o andar de cima no meio do seu. Depois desceu com a notícia de que Howl queria que ele fosse a Market Chipping naquele momento buscar algumas coisas que precisava para mover o castelo.

— Mas a Bruxa... é seguro? — indagou Sophie.

Michael lambeu a gordura do bacon em seus dedos e correu para o armário das vassouras. Saiu de lá com um dos mantos de veludo poeirentos em torno dos ombros. Bem, a pessoa que surgiu vestindo o manto era um homem corpulento com uma barba vermelha. Essa pessoa lambeu os dedos e disse com a voz de Michael:

— Howl acha que vou estar seguro assim. É um feitiço tanto para desorientar quanto para disfarçar. Eu me pergunto se Lettie vai me reconhecer.

O homem troncudo abriu a porta com o verde para baixo e saltou para as colinas que se moviam lentamente.

A paz desceu sobre eles. Calcifer assentou-se, crepitando. Howl evidentemente percebera que Sophie não ia ficar correndo atrás dele. Também no andar de cima reinava o silêncio. Sophie se levantou e cautelosamente mancou até o armário das vassouras. Essa era a sua chance de ir ver Lettie, que devia estar arrasada agora. Sophie tinha quase certeza de que Howl não mais se aproximara dela desde aquele dia no pomar. Talvez fosse bom para ela se Sophie lhe dissesse que seus sentimentos eram causados por uma roupa enfeitiçada. De qualquer forma, tinha obrigação de dizer isso a Lettie.

As botas de sete léguas não estavam no armário. Sophie não pôde acreditar a princípio e revirou tudo. E ali não havia nada a não ser baldes e vassouras comuns, e o outro manto de veludo.

— Que droga! — exclamou Sophie. Howl havia obviamente se certificado de que ela não mais o seguiria a lugar nenhum.

Ela estava colocando tudo de volta no armário quando alguém bateu à porta. Sophie, como sempre, deu um pulo e esperou que fossem embora. Mas essa pessoa parecia mais determinada do que as outras. Quem quer que fosse continuou batendo — ou talvez jogando-se contra a porta, pois o som era mais um tump, tump, tump constante do que propriamente uma batida. Cinco minutos depois, o barulho persistia.

Sophie olhou para os bruxuleios verdes e inquietos que eram tudo que conseguia ver de Calcifer.

— É a Bruxa?

— Não — disse Calcifer, abafado entre as achas de lenha. — É a porta do castelo. Alguém deve estar correndo, nos acompanhando. Estamos seguindo a uma velocidade considerável.

— É o espantalho? — perguntou Sophie, e seu peito estremeceu à simples ideia.

— É de carne e osso — disse Calcifer. Seu rosto azul subiu pela chaminé, parecendo confuso. — Não tenho muita certeza do que é, mas quer muito entrar. Não creio que deseje fazer algum mal.

Como o tump, tump continuava, dando a Sophie uma impaciente sensação de urgência, ela resolveu abrir a porta e pôr um ponto final naquilo. Além disso, estava curiosa para saber o que era. Ainda tinha o segundo manto de veludo na mão depois de revirar o armário de vassouras, então o atirou sobre os ombros enquanto se dirigia para a porta. Calcifer a fitou. E, pela primeira vez desde que o conhecia, ele abaixou a cabeça voluntariamente. Grandes gargalhadas escaparam de sob as chamas verdes onduladas. Perguntando-se em que o manto a havia transformado, Sophie abriu a porta.

Um imenso e delgado galgo saltou da colina entre os blocos pretos do castelo e aterrissou no meio da sala. Sophie deixou cair o manto e recuou depressa. Ela sempre tivera medo de cachorros, e os galgos não são uma visão muito tranquilizadora. Este se colocou entre ela e a porta e a fitou. Sophie olhou ansiosa para as pedras e urzes lá fora e se perguntou se adiantaria alguma coisa gritar por Howl.

O cão curvou as costas já encurvadas e de alguma forma conseguiu levantar-se nas esguias pernas traseiras. Isso o deixou quase tão alto quanto Sophie. Ele estendeu as patas dianteiras rigidamente e tornou a

erguer-se. Então, quando Sophie já tinha a boca aberta para gritar por Howl, a criatura empreendeu o que era obviamente um imenso esforço e cresceu na forma de um homem num terno marrom amarrotado. Ele tinha os cabelos louro-avermelhados e um rosto pálido e infeliz.

— Vim de Upper Folding! — arquejou o homem-cão. — Amo Lettie... Lettie me enviou... Lettie chorando e muito infeliz... me enviou a você... disse-me para ficar... — Ele começou a se dobrar e encolher antes de terminar de falar. Então emitiu um uivo canino de desespero e contrariedade. — Não conte ao Mago! — ele gemeu e encolheu sob o pelo vermelho e encaracolado de um cão novamente. Um cão diferente. Dessa vez parecia um *setter* vermelho. Ele abanou a cauda e fitou gravemente Sophie com olhos úmidos e infelizes.

— Oh, meu Deus — disse Sophie enquanto fechava a porta. — Você está mesmo com problemas, meu amigo. Você era aquele *collie*, não era? Agora entendo do que a sra. Fairfax estava falando. Aquela Bruxa quer violência, se quer! Mas por que Lettie o mandou para cá? Se você não quer que eu conte ao Mago Howl...

O cão rosnou debilmente à menção do nome. Mas também abanou a cauda e a fitou, suplicante.

— Muito bem. Não vou dizer a ele — prometeu Sophie.

O cão pareceu tranquilizar-se. Ele seguiu até a lareira, onde lançou a Calcifer um olhar um tanto desconfiado, e deitou-se ao lado do guarda-fogo, formando um monte vermelho e magricela.

— Calcifer, o que você acha? — perguntou Sophie.

— Este cão é um homem enfeitiçado — disse Calcifer desnecessariamente.

— Eu sei, mas você pode tirar o feitiço dele? — indagou Sophie. Ela supôs que Lettie devia ter ouvido, como muitas outras pessoas, que Howl tinha uma bruxa trabalhando para ele agora. E parecia importante transformar o cão em homem outra vez e mandá-lo de volta para Upper Folding antes que Howl saísse da cama e o encontrasse ali.

— Não, para isso eu precisaria me conectar com Howl — disse Calcifer.

— Então eu vou tentar por mim mesma — disse Sophie. Pobre Lettie! O coração partido por Howl, e seu único outro amor era um cão na maior parte do tempo! Sophie pousou a mão na cabeça arredondada e macia do cachorro. — Volte a ser o homem que deveria ser — disse ela. Repetiu

algumas vezes, mas o único efeito pareceu ser pôr o cão num sono profundo. Ele roncou e encolheu-se junto às pernas de Sophie.

Enquanto isso, do andar de cima, começou a vir o som de gemidos. Sophie continuou murmurando para o cão e o ignorou. Uma tosse alta e seca veio em seguida, transformando-se em mais gemidos. Sophie ainda assim ignorou. Espirros acompanharam a tosse, cada um deles sacudindo a janela e todas as portas. Sophie achou mais difícil ignorá-los, mas conseguiu. Puuu-puuuu!, o nariz foi assoado, como um fagote num túnel. A tosse recomeçou, misturada a gemidos. Espirros juntaram-se aos gemidos e à tosse, e os sons elevaram-se em um crescendo no qual Howl parecia tossir, gemer, assoar o nariz, espirrar e lamentar-se — tudo ao mesmo tempo. As portas chacoalharam, as vigas do teto sacudiram, e uma das achas de lenha de Calcifer rolou até a lareira.

— Está bem, está bem, entendi a mensagem! — disse Sophie, devolvendo a lenha à grelha. — O próximo vai ser o limo verde. Calcifer, cuide para que este cachorro fique onde está. — E ela subiu a escada, murmurando em voz alta: — Francamente, esses magos! Como se ninguém nunca tivesse tido uma gripe! Bem, o que foi? — perguntou ela, passando pela porta do quarto e pisando no tapete imundo.

— Estou morrendo de tédio — disse Howl pateticamente. — Ou talvez só morrendo.

Ele estava deitado apoiado em travesseiros cinza sujos, parecendo muito mal, coberto com o que devia ter sido uma colcha de retalhos, que agora, com a poeira, tinha uma cor só. As aranhas das quais ele parecia gostar tanto teciam sem parar no dossel acima dele.

Sophie pousou a mão na testa dele.

— Você está, sim, com um pouco de febre — admitiu ela.

— Estou delirando — disse Howl. — Tem uns pontos se arrastando diante dos meus olhos.

— São aranhas — disse Sophie. — Por que você não pode se curar com um feitiço?

— Porque não *existe* cura para resfriado — disse Howl, desconsolado. — As coisas estão girando e girando na minha cabeça... ou talvez seja minha cabeça girando e girando em torno das coisas. Fico pensando nos termos da maldição da Bruxa. Eu não tinha me dado conta de que ela podia me expor assim. É ruim ser exposto, embora as coisas que aconteceram até agora tenham sido causadas por mim. Fico esperando que o resto aconteça.

Sophie lembrou-se do poema enigmático.

— Que coisas? Diga-me onde estão todos os anos precedentes?

— Ah, isso eu sei — disse Howl. — Os meus e os de qualquer outra pessoa. Eles estão todos lá, exatamente onde sempre estiveram. Eu poderia ir e ser a fada má em meu próprio batizado, se quisesse. Talvez eu tenha feito isso e seja esse o problema. Não, estou esperando apenas três coisas: as sereias, a raiz de mandrágora e o vento para impelir uma mente sincera. E se eu vou ficar com cabelos brancos, suponho, só que não vou tirar o feitiço para ver. Só restam cerca de três semanas para que essas coisas se realizem, e a Bruxa me pega assim que isso acontecer. Mas a Reunião do Clube de Rúgbi é no dia 23 de junho, na véspera do solstício de verão, portanto, devo comparecer a essa pelo menos. O resto todo aconteceu faz muito tempo.

— Você se refere à estrela cadente e a nunca ser capaz de encontrar uma mulher justa e verdadeira? — perguntou Sophie. — Eu não me surpreendo, pelo modo como você vive. A sra. Pentstemmon me disse que você estava indo para o lado errado. Ela estava certa, não é?

— Preciso ir ao funeral dela, mesmo que isso me mate — disse Howl, triste. — A sra. Pentstemmon sempre pensou bem demais de mim. Eu a ceguei com meu charme. — Lágrimas escorreram de seus olhos. Sophie não sabia se ele estava chorando ou se era simplesmente o resfriado. Mas percebeu que ele estava escorregando novamente.

— Eu me referia ao modo como você abandona as mulheres assim que se apaixonam por você — afirmou ela. — Por que *faz* isso?

Howl apontou uma mão trêmula na direção do dossel da cama.

— É por isso que adoro as aranhas. “Se a princípio não tiver sucesso, tente, tente, tente novamente.” Eu continuo tentando — disse ele, com grande tristeza. — Mas eu causei isso a mim mesmo ao fazer um acordo há alguns anos, e sei que agora nunca conseguirei amar alguém adequadamente.

A água que escorria dos olhos de Howl agora eram sem sombra de dúvida lágrimas. Sophie ficou preocupada.

— Olhe, você não deve chorar...

Houve um ruído do lado de fora. Sophie olhou para trás e viu o homem-cão infiltrando-se pela porta num semicírculo perfeito. Ela estendeu a mão e pegou um punhado do pelo vermelho, pensando que ele

certamente vinha para morder Howl. Mas tudo que o cão fez foi recostar-se em suas pernas, fazendo-a cambalear até a parede que descascava.

— O que é isto? — perguntou Howl.

— Meu novo cachorro — disse Sophie, agarrando-se ao pelo encaracolado. Agora que estava encostada à parede, podia olhar pela janela do quarto. Devia dar para o quintal, mas, em vez disso, mostrava a visão de uma praça com um belo jardim e um balanço de criança, de metal, no meio. O sol que se punha incendiava gotas de chuva que pendiam do balanço em azul e vermelho. Enquanto Sophie estava ali, olhando, a sobrinha de Howl, Mari, atravessou correndo o gramado verde. A irmã de Howl, Megan, seguiu a menina. Ela estava gritando que Mari não devia se sentar no balanço molhado, mas nenhum som parecia sair de sua boca.

— Este é o lugar chamado Gales? — perguntou Sophie.

Howl riu e bateu na colcha. A poeira subiu feito fumaça.

— Droga de cachorro! — grasnou ele. — Apostei comigo mesmo que podia mantê-la sem bisbilhotar pela janela o tempo todo que estivesse aqui!

— Você fez isso? — perguntou Sophie, e soltou o cachorro, esperando que ele mordesse mesmo Howl. Mas o cão continuou encostado nela, empurrando-a em direção à porta. — Então todo esse teatro era apenas um jogo, não é? Eu devia saber!

Howl recostou-se nos travesseiros cinzentos, com ar de injustiçado e ferido.

— Às vezes — disse ele, em tom de reprovação — você fala igual a Megan.

— Às vezes — respondeu Sophie, enxotando o cão na frente dela — compreendo como Megan ficou do jeito que é.

E fechou a porta na cara das aranhas, da poeira e do jardim, com um estrondo.



CAPÍTULO QUINZE

No qual Howl vai disfarçado a um funeral

O homem-cão aninhou-se pesadamente sobre os pés de Sophie quando ela voltou à sua costura, talvez com a esperança de que ela conseguisse quebrar o feitiço se ficasse perto dela. Quando um homem corpulento, de barba ruiva, entrou intempestivamente na sala carregando uma caixa de objetos e tirou o manto de veludo para se transformar em Michael, ainda carregando uma caixa de objetos, o homem-cão se levantou e abanou a cauda. Deixou Michael acariciá-lo e esfregar-lhe as orelhas.

— Espero que ele fique — disse Michael. — Eu sempre quis ter um cachorro.

Howl ouviu a voz de Michael. Chegou ao andar de baixo enrolado na colcha de retalhos marrom de sua cama. Sophie parou de costurar e segurou o cão com cuidado. Mas o cão foi amável com Howl também. Ele não objetou quando ele livrou uma das mãos da colcha e o acariciou.

— E então? — grunhiu Howl, dispersando nuvens de poeira ao fazer surgir no ar mais alguns lenços de papel.

— Eu trouxe tudo — disse Michael. — E estamos com sorte, Howl. Tem uma loja vazia à venda em Market Chipping. Era uma chapelaria. Você acha que podemos levar o castelo para lá?

Howl sentou-se num banquinho alto, como um senador de Roma vestido numa túnica, e pensou.

— Depende do preço — disse ele. — Estou tentado a mudar a entrada de Porthaven para lá. Isso não vai ser fácil, pois significará mover Calcifer. Porthaven é onde Calcifer *está* na realidade. O que você diz, Calcifer?

— Vai ser preciso uma operação muito cuidadosa para me mover — disse ele, vários tons mais pálido só de pensar no assunto. — Acho que você devia me deixar onde estou.

Quer dizer que Fanny está vendendo a loja, pensou Sophie enquanto os outros três seguiam discutindo a mudança. Então era essa consciência que Howl dizia ter! Mas o principal em sua mente era o estranho comportamento do cão. Apesar de Sophie dizer-lhe muitas vezes que não poderia quebrar o feitiço lançado sobre ele, o homem-cão não parecia querer partir. E não queria morder Howl. Deixou Michael levá-lo a uma corrida nos Pântanos de Porthaven naquela noite e na manhã seguinte. Seu objetivo parecia ser fazer parte da casa.

— Se eu fosse você, estaria em Upper Folding para ficar com Lettie enquanto ela se recupera — disse-lhe Sophie.

Howl passou todo o dia seguinte se deitando e se levantando. Quando ele estava na cama, Michael tinha de subir e descer a escada o tempo todo. Quando estava de pé, Michael tinha de correr de um lado para o outro, medindo o castelo com ele e fixando braçadeiras de metal em cada canto.

Entre uma coisa e outra, Howl aparecia, vestido em sua colcha e nuvens de poeira, para fazer perguntas e anúncios, a maior parte deles dirigidos a Sophie.

— Sophie, como você caiu as paredes, cobrindo as marcas que fizemos nelas quando inventamos o castelo, talvez possa me dizer onde ficavam as marcas no quarto de Michael...

— Não — disse Sophie, costurando seu septuagésimo triângulo azul. — Não posso.

Howl espirrou tristemente e se recolheu. Logo depois reapareceu.

— Sophie, se ficássemos com aquela chapelaria, o que venderíamos?

Sophie pensou que já tivera sua cota de chapéus para o resto da vida.

— Chapéus, não — disse ela. — Você pode comprar a loja, mas não o negócio, você sabe.

— Aplique sua mente demoníaca ao assunto — disse Howl. — Ou então pense, se souber como. — E tornou a subir os degraus.

Cinco minutos depois, cá estava ele outra vez.

— Sophie, você tem alguma preferência em relação às outras entradas? Onde gostaria que morássemos?

Sophie viu-se instantaneamente pensando na casa da sra. Fairfax.

— Gostaria de ter uma casa bonita e com muitas flores — disse ela.

— Sei — grunhiu Howl e se foi novamente.

Da próxima vez que apareceu, estava vestido. Aquela era a terceira vez no dia, e Sophie não pensou nada até Howl cobrir-se com o manto de veludo que Michael havia usado e tornar-se um homem de barba ruiva, pálido, tossindo e segurando um grande lenço vermelho junto ao nariz. Ela percebeu, então, que Howl ia sair.

— Vai piorar a sua gripe — disse ela.

— Eu vou morrer e então todos vocês lamentarão — disse o homem de barba ruiva, e saiu pela porta cuja maçaneta tinha o verde para baixo.

Depois disso, por uma hora, Michael teve tempo para trabalhar em seu feitiço. Sophie chegou ao octogésimo quarto triângulo azul. Então o homem de barba ruiva voltou. Tirou o manto de veludo e se transformou

em Howl, tossindo mais do que antes e, se isso fosse possível, com mais autopiedade ainda.

— Fiquei com a loja — disse ele a Michael. — Tem um anexo muito útil nos fundos e uma casa ao lado, e eu comprei tudo. Só não sei como pagarei isso tudo.

— Que tal com o dinheiro que vai ganhar, se encontrar o Príncipe Justin? — indagou Michael.

— Você esquece — grasnou Howl — que o objetivo de toda essa operação é *não* procurar o Príncipe Justin. Nós vamos desaparecer. — E foi tossindo para a cama, onde logo começou a sacudir as vigas com seus espirros, querendo atenção outra vez.

Michael teve de deixar o feitiço de lado e correr escada acima. Sophie também teria ido, mas o homem-cão interpôs-se em seu caminho quando ela tentou. Esse era outro aspecto estranho de seu comportamento. Ele não gostava que Sophie fizesse nada por Howl. Sophie achou que isso era bastante razoável. E começou seu octogésimo quinto triângulo.

Michael desceu alegremente e voltou a trabalhar em seu feitiço. Estava tão feliz que, enquanto trabalhava, cantarolava a música da caçarola de Calcifer e conversava com o crânio exatamente como Sophie fazia.

— Vamos morar em Market Chipping — disse ele ao crânio. — Poderei ver minha Lettie todos os dias.

— Foi por isso que falou a Howl sobre a loja? — perguntou Sophie, enfiando a agulha no tecido. A essa altura já estava no octogésimo nono triângulo.

— Foi — confirmou Michael, feliz. — Lettie me falou a respeito quando estávamos nos perguntando como nos veríamos de novo. Eu disse a ela...

Ele foi interrompido por Howl, descendo com sua colcha outra vez.

— Esta é decididamente minha última aparição — gemeu ele. — Esqueci de dizer que a sra. Pentstemmon será enterrada amanhã em sua propriedade perto de Porthaven e eu vou precisar desta roupa limpa. — Ele tirou o traje cinza e escarlate de dentro da colcha e o deixou no colo de Sophie. — Você está cuidando da roupa errada — disse ele. — Este é o que eu gosto, mas estou sem energia para eu mesmo limpá-lo.

— Você não precisa ir ao funeral, não é? — perguntou Michael, preocupado.

— Eu não sonharia em não ir — respondeu Howl. — A sra. Pentstemmon fez de mim o mago que sou. Tenho de prestar minhas homenagens.

— Mas sua gripe está pior — argumentou Michael.

— Ele mesmo *fez* com que piorasse — disse Sophie — ao se levantar e andar por aí.

Howl imediatamente assumiu sua expressão mais nobre.

— Eu vou ficar bem — disse — desde que fique longe do vento marinho. É um lugar amargo, a propriedade dos Pentstemmon. As árvores são todas encurvadas para o lado e não há proteção ao longo de quilômetros.

Sophie sabia que ele só estava representando para angariar solidariedade. Ela bufou com desdém.

— E quanto à Bruxa? — perguntou Michael.

Howl tossiu pateticamente.

— Eu vou disfarçado, provavelmente como outro cadáver — disse ele, arrastando-se novamente em direção à escada.

— Então precisa é de uma mortalha e não deste terno — gritou Sophie às costas dele.

Howl subiu sem responder e Sophie não protestou. Ela agora tinha o traje enfeitado nas mãos e essa era uma oportunidade boa demais para perder. Pegou a tesoura e cortou a roupa cinza e escarlate em sete pedaços irregulares. Isso devia desencorajar Howl a usá-la. Então Sophie se pôs a trabalhar nos últimos triângulos do traje azul e prata, quase todos fragmentos da gola. Tinha ficado mesmo muito pequeno. Parecia pequeno demais até mesmo para o pajem da sra. Pentstemmon.

— Michael — disse ela —, apresse esse feitiço. É urgente.

— Não vai demorar muito agora — disse Michael.

Meia hora depois ele conferiu os itens em sua lista e disse que acreditava estar pronto. Aproximou-se de Sophie levando uma tigelinha com uma quantidade muito pequena de pó verde no fundo.

— Onde você quer usar?

— Aqui — disse Sophie, arrematando os últimos fios. Ela empurrou o homem-cão adormecido para um lado e estendeu o traje de tamanho infantil cuidadosamente no chão. Michael, com o mesmo cuidado, virou a tigela e polvilhou o pó em cada centímetro da roupa.

Então os dois esperaram, com grande ansiedade.

Um momento se passou. Michael suspirou com alívio. O terno começou a se expandir delicadamente. Eles o observaram tornar-se cada vez maior, até que um lado foi se amontoando de encontro ao homem-cão e Sophie precisou afastá-lo para ter espaço.

Depois de cinco minutos, os dois concordaram que o terno parecia ter o tamanho de Howl novamente. Michael o recolheu e cuidadosamente sacudiu o excesso de pó na lareira. Calcifer flamejou e rosnou. O homem-cão, dormindo, deu um pulo.

— Cuidado! — disse Calcifer. — Isso está forte.

Sophie pegou o terno e subiu para o quarto na ponta dos pés. Howl dormia recostado em seus travesseiros cinzentos, com suas atarefadas aranhas construindo novas teias à sua volta. Ele parecia nobre e triste em seu sono. Sophie arrastou-se até a velha arca junto à janela para guardar o traje azul e prata, tentando convencer a si mesma que o traje não estava mais crescendo.

— No entanto, se ele o impedir de ir ao funeral, não será nenhuma perda — murmurou ela, enquanto espiava pela janela.

O sol estava se pondo no jardim lá embaixo. Um homem negro e grande atirava, entusiasmado, uma bola vermelha na direção do sobrinho de Howl, Neil, parado com um ar de paciente sofrimento, segurando um bastão. Sophie podia ver que o homem era o pai de Neil.

— Bisbilhotando de novo — disse Howl de repente atrás dela. Sophie deu meia-volta, culpada, vendo que Howl estava apenas meio acordado. Ele podia até estar pensando que ainda era o dia anterior, porque disse: — “Ensine-me a ignorar a inveja ferroando...” Isso tudo agora faz parte do passado. Eu amo Gales, mas ele não me ama. Megan tem inveja porque ela é respeitável e eu não. — Então acordou um pouco mais e perguntou: — O que você está fazendo?

— Apenas guardando a roupa para você — disse Sophie e apressou-se em sair dali.

Howl deve ter adormecido de novo. Ele não voltou a aparecer naquela noite. Não havia o menor sinal de movimento dele quando Sophie e Michael se levantaram na manhã seguinte. Eles se movimentavam com cuidado para não perturbá-lo. Nenhum dos dois achava que era boa ideia ele ir ao funeral da sra. Pentstemmon. Michael saiu para as colinas levando o homem-cão para uma corrida. Sophie andou por ali na ponta dos pés, preparando o café da manhã, esperando que Howl perdesse a hora.

Ainda não havia o menor sinal dele quando Michael voltou. O homem-cão estava faminto. Sophie e Michael procuravam no armário coisas que um cão pudesse comer quando ouviram Howl descendo lentamente a escada.

— Sophie. — A voz de Howl soava acusadora.

Ele estava de pé, segurando aberta a porta que dava para a escada com um braço totalmente oculto por uma imensa manga azul e prata. Seus pés, no degrau de baixo, pisavam na metade superior de um gigantesco blusão azul e prata. O outro braço de Howl não chegava nem perto da outra manga imensa. Sophie podia ver o contorno daquele braço gesticulando sob um amplo babado da gola. Atrás de Howl, os degraus estavam cobertos pelo traje azul e prata rastejando todo o caminho desde o quarto.

— Oh, meu Deus! — disse Michael. — Howl, foi minha culpa...

— Sua culpa? Bobagem! — disse Howl. — Posso perceber a mão de Sophie a um quilômetro de distância. E existem vários quilômetros desta roupa. Sophie, querida, onde está meu outro traje?

Sophie buscou correndo os pedaços do traje cinza e escarlate no armário das vassouras, onde ela os havia escondido.

Howl os examinou.

— Bem, já é alguma coisa — disse ele. — Eu contava que estivesse pequeno demais para ser visto. Dê-me aqui, todos os sete pedaços. — Sophie estendeu o bolo de tecido cinza e escarlate na direção dele. Howl, com uma rápida busca, conseguiu introduzir a mão nas múltiplas dobras de azul e prata e passá-la por uma abertura entre dois enormes pontos. Ele pegou o bolo das mãos dela. — Agora — disse ele — vou me preparar para o funeral. Por favor, vocês dois, abstenham-se de fazer qualquer coisa enquanto isso. Posso ver que Sophie está em sua melhor forma no momento, e quero esta sala do tamanho normal quando eu voltar aqui.

Ele se retirou com dignidade para o banheiro, avançando penosamente no traje azul e prata. O traje o seguiu, arrastando-se pelos degraus e farfalhando no piso. Quando Howl chegou ao banheiro, a maior parte do blusão estava no piso inferior e as calças começavam a aparecer na escada. Howl entrecerrou a porta do banheiro e pareceu continuar puxando o traje. Sophie, Michael e o homem-cão ficaram assistindo ao tecido azul ou prata prosseguir, metro após metro, pelo chão, decorado com um ocasional botão prata do tamanho de uma pedra de amolar e pontos enormes e regulares, semelhantes a uma corda. Devia haver aproximadamente um quilômetro e meio de tecido.

— Acho que não acertei esse feitiço — disse Michael depois de a última e imensa borda afestonada desaparecer na porta do banheiro.

— Ah, e como ele não deixou dúvidas nesse sentido! — disse Calcifer.
— Mais lenha, por favor.

Michael deu uma acha a Calcifer. Sophie alimentou o homem-cão. Mas nenhum dos dois ousou fazer mais nada, a não ser ficar por ali comendo pão e mel no café da manhã até Howl sair do banheiro.

Ele apareceu duas horas depois, em meio a um vapor de feitiços com aroma de verbena. Estava todo vestido de preto. A roupa era preta, as botas eram pretas, e o cabelo também era preto, do mesmo tom azulado de corvo da srta. Angorian. Seu brinco era um longo pingente preto. Sophie perguntou-se se o cabelo escuro era em homenagem à sra. Pentstemmon. Ela concordava com a sra. Pentstemmon que os cabelos negros caíam bem em Howl. Seus olhos verdes de vidro combinavam melhor com eles. Mas Sophie queria muito saber qual traje tinha dado origem àquele preto.

Howl fez aparecer um lenço e assoou o nariz nele. A janela chacoalhou. Ele apanhou uma das fatias de pão com mel da bancada e chamou o homem-cão. Este o olhou em dúvida.

— Eu só a quero onde posso vê-la — grasnou Howl. Sua gripe ainda estava forte. — Venha aqui, cãozinho. — Enquanto o cão se arrastava, relutante, até o meio da sala, Howl acrescentou: — Você não vai encontrar meu outro traje no banheiro, sra. Bisbilhoteira. Você não vai pôr as mãos em nenhuma outra roupa minha.

Sophie, caminhando na ponta dos pés até o banheiro, deteve-se e observou Howl dar a volta no homem-cão, sucessivamente comendo pão com mel e assoando o nariz.

— O que acha deste disfarce? — perguntou. Atirou o lenço preto para Calcifer e começou a ficar de quatro. Quase no mesmo momento em que fez o movimento, já tinha desaparecido. Quando tocou o chão, era um *setter* vermelho e encaracolado, exatamente como o homem-cão.

Este foi apanhado completamente de surpresa e seus instintos assumiram o controle. Os pelos de suas costas se eriçaram, as orelhas baixaram e ele rosnou. Howl o imitou — ou então se sentia da mesma forma. Os dois cães, idênticos, andaram em torno um do outro, olhando-se ferozmente, rosnando e se preparando para uma briga.

Sophie agarrou a cauda do que ela pensou que fosse o homem-cão. Michael agarrou o que ele pensava ser Howl. Este rapidamente se

transformou em si mesmo de novo. Sophie deparou com uma pessoa alta, vestida de preto da cabeça aos pés, de pé diante dela e soltou as costas do casaco de Howl. O homem-cão sentou-se nos pés de Michael, com um olhar dramático.

— Ótimo — disse Howl. — Se consigo enganar outro cachorro, posso enganar qualquer um. Ninguém no funeral vai perceber um vira-lata levantando a perna junto às lápides.

Ele foi até a porta e girou a maçaneta com o azul para baixo.

— Espere um momento — disse Sophie. — Se você vai ao funeral como um *setter* vermelho, por que se dar o trabalho de se vestir todo de preto?

Howl ergueu o queixo e assumiu um ar de nobreza.

— Em respeito à sra. Pentstemmon — disse ele, abrindo a porta. — Ela gostava que se pensasse em todos os detalhes.

E saiu à rua de Porthaven.



CAPÍTULO DEZESSEIS

No qual há uma grande quantidade de bruxaria

Várias horas se passaram. O homem-cão estava com fome outra vez. Michael e Sophie decidiram almoçar também. Sophie aproximou-se de Calcifer com a frigideira.

— Por que vocês não podem comer pão com queijo pelo menos uma vez? — grunhiu Calcifer.

Mesmo assim, ele abaixou a cabeça. Sophie estava colocando a frigideira sobre as chamas verdes aneladas quando a voz de Howl soou, rouca, vinda do nada.

— Prepare-se, Calcifer! Ela me achou!

Calcifer deu um pulo. A frigideira caiu, atingindo os joelhos de Sophie.

— Vocês terão de esperar! — rugiu Calcifer, flamejando cegamente em direção à chaminé. Quase de imediato sua imagem tornou-se enevoada, transformando-se em uma dúzia, mais ou menos, de rostos azuis em chamas, como se estivesse sendo sacudido violentamente, e começou a queimar com um zumbido alto, gutural.

— Isso deve significar que estão lutando — sussurrou Michael.

Sophie sugou um dedo ligeiramente queimado e, com a outra mão, retirou as fatias de bacon grudadas em sua saia, fitando Calcifer. Ele se agitava de um lado para o outro na lareira. Seus rostos enevoados pulsavam, indo do azul-marinho ao azul-celeste e, em seguida, chegando quase ao branco. Num momento ele tinha múltiplos olhos laranja, no seguinte, fileiras de olhos estrelados cor de prata. Ela nunca imaginara nada assim.

Alguma coisa passou voando numa rajada sobre a cabeça deles e houve uma explosão que sacudiu toda a sala. Na segunda vez, a explosão veio com um estrondo longo e agudo. Calcifer tornou-se quase preto-azulado, e a pele de Sophie se arrepiou com a intensa manifestação de magia.

Michael correu para a janela.

— Eles estão bem perto!

Sophie também correu, mancando, para a janela. A tempestade de magia parecia ter atingido metade das coisas na sala. O crânio trincava a mandíbula com tanta força que rodopiava na bancada. Os pacotes pulavam. O pó fervilhava nos frascos. Um livro caiu pesadamente da prateleira e ficou aberto no chão, passando as páginas para a frente e para trás. Numa das extremidades da sala, o vapor perfumado vinha do banheiro; na outra, o violão de Howl emitia acordes desafinados. E

Calcifer se agitava de um lado para o outro com mais intensidade que nunca.

Michael pôs o crânio dentro da pia para evitar que ele despencasse no chão enquanto abria a janela e botava a cara lá fora. O que quer que estivesse acontecendo, estava, para sua angústia, fora do seu campo de visão. As pessoas nas casas em frente estavam nas portas e janelas, apontando algo aparentemente no alto. Sophie e Michael correram para o armário das vassouras, onde cada um apanhou um manto de veludo e o vestiu. Sophie pegou o que transformava quem o usasse num homem de barba ruiva. Agora ela sabia por que Calcifer rira dela com o outro manto. Michael era um cavalo. Mas agora não havia tempo para rir. Sophie abriu a porta pesadamente e disparou para a rua, seguida pelo homem-cão, que parecia surpreendentemente calmo com aquilo tudo. Michael trotou atrás dela com um tropel de cascos inexistentes, deixando Calcifer ir do azul ao branco atrás deles.

A rua estava cheia de pessoas que olhavam para cima. Ninguém tinha tempo para perceber coisas como cavalos saindo de dentro de casa. Sophie e Michael também olharam, e viram uma imensa nuvem fervendo e se retorcendo logo acima das chaminés. Era preta e girava sobre si mesma com violência. Clarões brancos, que não eram exatamente de luz, transpassavam a sua escuridão. Mas, quase simultaneamente à chegada de Michael e Sophie, a massa de magia tomou a forma de um obscuro feixe de cobras travando combate. Então, com um ruído semelhante a uma violenta briga de gatos, ela se partiu em dois. Uma parte disparou berrando acima dos tetos em direção ao mar, e a segunda seguiu gritando atrás dela.

Algumas pessoas voltaram para dentro de casa então. Sophie e Michael juntaram-se à correria daqueles mais corajosos que desciam as ladeiras até o cais. Ali, todos pareciam pensar que a melhor visão era ao longo da curva do paredão do porto. Sophie, mancando, dirigiu-se para lá também, mas não havia necessidade de ir além do abrigo da cabana do capitão do porto. Duas nuvens pairavam no ar, sobre o mar, do outro lado do paredão, as únicas duas nuvens no céu azul e calmo. Era muito fácil vê-las. Era igualmente fácil ver a mancha escura de tempestade em fúria no mar entre as duas nuvens, levantando enormes ondas de crista espumosa. Um desafortunado navio fora colhido naquela tempestade. Seus mastros batiam de um lado para o outro. Eles podiam ver jorros de água atingindo-o por todos os lados. A tripulação tentava desesperadamente recolher as

velas, mas uma pelo menos havia sido rasgada, transformando-se em trapos cinzentos e voadores.

— Ninguém pode fazer nada por aquele navio? — perguntou alguém, indignado.

Então o vento e as ondas da tempestade atingiram o paredão do porto. A espuma branca varreu o local e os corajosos se apressaram em retornar ao cais, onde os navios atracados balançavam e rangiam em suas amarrações. Em meio a tudo isso havia muitos gritos de vozes agudas. Sophie esticou o pescoço, pondo o rosto contra o vento, na direção de onde vinham os gritos, e descobriu que a fúria da magia havia perturbado mais do que o mar e o azarado navio. Várias mulheres molhadas e de aparência escorregadia, com esvoaçantes cabelos castanho-esverdeados, subiam se arrastando no paredão do porto, gritando e estendendo braços longos e molhados para mais mulheres que gritavam, agitando-se nas ondas. Todas tinham um rabo de peixe em lugar de pernas.

— Que droga! — exclamou Sophie. — As sereias da maldição! — Isso significava que agora só faltavam duas coisas impossíveis.

Ela ergueu os olhos para as duas nuvens. Howl encontrava-se ajoelhado na da esquerda, muito maior e mais próxima do que ela teria esperado. Ainda estava vestido de preto. Como era típico de sua natureza, olhava por cima dos ombros as sereias em frenesi. Mas não era o olhar de alguém que se lembrasse que elas eram parte da maldição, em absoluto.

— Mantenha sua mente na Bruxa! — gritou o cavalo ao lado de Sophie.

A Bruxa apareceu num turbilhão, de pé na nuvem da direita, de túnica cor de chamas e longos cabelos vermelhos, com os braços erguidos a invocar mais magia. Quando Howl se virou e olhou para ela, seus braços se abaixaram. A nuvem de Howl irrompeu sob a forma de uma fonte de chamas cor-de-rosa. O calor proveniente dali varreu o porto, e as pedras do muro fumegaram.

— Está tudo bem! — arquejou o cavalo.

Howl estava no navio que se agitava, quase afundando, lá embaixo. Era uma minúscula figura preta agora, encostado no mastro principal, que se curvava. Fez a Bruxa saber que havia errado acenando para ela insolentemente. A Bruxa o viu no instante em que ele acenou. Nuvem, Bruxa e tudo o mais se transformaram imediatamente numa ave vermelha que mergulhou na direção do navio.

A embarcação desapareceu. As sereias entoavam um grito lúgubre. Nada mais havia, a não ser a água agitada e sombria onde antes o navio estivera. Mas a ave ia rápido demais para que conseguisse parar. E caiu no mar com uma imensa pancada.

Todos no cais deram vivas.

— Eu sabia que aquele não era um navio de verdade! — disse alguém atrás de Sophie.

— É, deve ter sido uma ilusão — acrescentou o cavalo, sábio. — Era pequeno demais.

Como prova de que o navio tinha estado muito mais próximo do que parecera, as ondas do mergulho da Bruxa alcançaram o paredão do porto antes que Michael terminasse de falar. Um morro verde de água, de seis metros, o varreu de lado, atirando no porto as sereias que gritavam, virando todos os navios atracados de lado e batendo em redemoinhos na cabana do capitão do porto. Um braço surgiu da lateral do cavalo e puxou Sophie na direção do cais. Ela arquejou e cambaleou na água cinza que lhe batia nos joelhos. O homem-cão saltava ao lado deles, encharcado até as orelhas.

Eles haviam acabado de alcançar o cais, e os barcos no porto tinham todos voltado a se aprumar, quando uma segunda montanha de água passou sobre o paredão do porto. De sua lateral surgiu um monstro. Era uma coisa comprida, preta e com garras, meio gato, meio leão-marinho, e precipitou-se do paredão em direção ao cais. Quando a onda estourou de encontro ao porto, outro surgiu, comprido e baixo também, porém mais escamoso, e veio em perseguição ao primeiro monstro.

Todos perceberam que a luta ainda não havia chegado ao fim e correram, chapinhando, na direção dos abrigos e das casas no cais. Sophie tropeçou numa corda e caiu, e em seguida num degrau. O braço saiu do cavalo e a ergueu, enquanto os dois monstros passavam por eles como um raio, espargindo água salgada. Outra onda passou sobre o paredão do porto, e mais dois monstros surgiram dela. Eram idênticos aos dois primeiros, exceto pelo fato de que o mais escamoso estava mais perto do semelhante ao gato. E a onda seguinte trouxe dois outros, ainda mais próximos.

— O que está acontecendo? — gritou Sophie quando o terceiro par passou por eles, sacudindo as pedras do quebra-mar enquanto corriam.

— Ilusões — respondeu a voz de Michael vindo do cavalo. — Alguns deles. Ambos estão tentando enganar o outro e fazê-lo perseguir o errado.

— Quem é quem? — perguntou Sophie.

— Não tenho ideia — disse o cavalo.

Para alguns dos espectadores, os monstros eram assustadores demais. Muitos foram para casa. Outros saltaram para os navios que jogavam a fim de afastá-los do cais. Sophie e Michael juntaram-se ao grosso dos espectadores, que saiu pelas ruas de Porthaven atrás dos monstros. Primeiro seguiram um rio de água do mar, em seguida imensas marcas molhadas de patas, e por fim marcas e arranhões brancos, onde as garras das criaturas haviam escavado as pedras da rua. Isso levou a todos para a extremidade da cidade, até os pântanos onde Sophie e Michael haviam perseguido a estrela cadente.

A essa altura, as seis criaturas eram pontos pretos saltitantes, desaparecendo na distância plana. A multidão se espalhou pelo local numa linha irregular, assistindo, esperando mais e temendo o que poderia ver. Após algum tempo ninguém conseguia ver nada, a não ser o pântano vazio. Nada acontecia. Alguns já davam meia-volta para partir quando os outros gritaram: “*Olhem!*” Uma bola de fogo pálido rolava preguiçosamente a distância. Devia ser enorme. O estrondo que a acompanhou só chegou aos espectadores quando a bola de fogo havia se tornado uma torre de fumaça em expansão. Muitos se sobressaltaram com o trovão abrupto. Observaram a fumaça se espalhar até tornar-se parte da névoa sobre os pântanos. E continuaram olhando depois disso. Mas o que veio foram simplesmente a paz e o silêncio. O vento fazia farfalhar a vegetação e os pássaros começaram a ousar gritar outra vez.

“Devem ter acabado um com o outro”, diziam as pessoas. A multidão gradualmente se dividiu em silhuetas individuais que retornavam apressadamente para as tarefas que haviam deixado por terminar.

Sophie e Michael esperaram até o último partir, quando tiveram certeza de que tudo tinha acabado mesmo. Então voltaram lentamente para Porthaven. Nenhum dos dois tinha vontade de falar. Somente o homem-cão parecia feliz. Ele brincava ao lado deles tão alegremente que Sophie estava certa de que ele acreditava que Howl tinha sido liquidado. Parecia tão satisfeito com a vida que, quando dobraram na rua onde ficava a casa de Howl e ele viu um gato de rua cruzando o caminho, deu um latido de

contentamento e partiu atrás do bichano, perseguindo-o até a soleira da porta do castelo, onde o felino fez meia-volta e o olhou ferozmente.

— Pare! — miou o gato. — Era só essa que me faltava!

O cão recuou, parecendo envergonhado.

Michael galopou até a porta.

— Howl! — gritou.

O gato encolheu até o tamanho de um filhote, parecendo ter pena de si mesmo.

— E vocês dois estão ridículos! — disse ele. — Abram a porta. Estou exausto.

Sophie abriu a porta e o gato entrou, arrastando-se até a lareira — onde Calcifer havia se reduzido a não mais que um bruxuleio azul — e, com esforço, colocando as patas dianteiras no assento da cadeira. Ali, cresceu, transformando-se bem lentamente em Howl, cujo corpo estava dobrado.

— Você matou a Bruxa? — perguntou Michael, ansioso, tirando o manto e voltando a ser ele mesmo.

— Não — disse Howl, fazendo meia-volta e caindo pesadamente sobre a cadeira, onde deixou-se ficar, parecendo de fato muito cansado. — Tudo aquilo para completar meu resfriado! — gemeu ele. — Sophie, pelo amor de Deus, tire essa barba ruiva horrível e apanhe a garrafa de conhaque no armário... a menos que a tenha bebido ou transformado em aguarrás.

Sophie tirou o manto e encontrou o conhaque e um copo. Howl bebeu um copo de uma só vez, como se fosse água. Então, serviu um segundo copo e, em vez de beber, despejou-o cuidadosamente em Calcifer, que cintilou, crepitou e pareceu reviver um pouco. Howl serviu-se um terceiro copo e recostou-se, bebericando-o.

— Não fiquem aí me olhando! — disse ele. — Eu não sei quem ganhou. A Bruxa é muito difícil de atingir. Ela deixa quase tudo a cargo de seu demônio do fogo e fica por trás, em lugar seguro. Mas acho que lhe demos algo em que pensar, hein, Calcifer?

— Ele está velho — disse Calcifer num chiado fraco, vindo de sob a lenha. — Eu sou mais forte, mas ele sabe de coisas nas quais nunca pensei. Ela o tem há cem anos. E ele quase me matou! — Ele chiou, então saiu um pouco mais de suas achas para resmungar: — Você devia ter me avisado!

— Eu fiz isso, seu velho impostor! — disse Howl, exausto. — Você sabe tudo que eu sei.

Howl ficou ali bebendo o conhaque enquanto Michael apanhava pão e linguiça para comerem. A comida reanimou a todos, exceto talvez o homem-cão, que parecia derrotado agora que Howl estava de volta. Calcifer começou a queimar e voltar à sua condição azul de hábito.

— Não podemos continuar aqui! — disse Howl. Ele se pôs de pé. — Vamos, Michael. A Bruxa sabe que estamos em Porthaven. Não só vamos ter de mover o castelo e a entrada de Kingsbury agora, mas eu vou ter de transferir Calcifer para a casa contígua àquela loja.

— Vai ter de *me* mover? — perguntou Calcifer, azul de medo.

— Isso mesmo — disse Howl. — Você pode escolher entre Market Chipping ou a Bruxa. Não dificulte as coisas.

— Maldição! — gemeu Calcifer e mergulhou no fundo da lareira.



CAPÍTULO DEZESSETE

No qual o castelo animado se muda

Howl lançou-se ao trabalho com tanto afinco que parecia ter acabado de tirar uma semana de férias. Se Sophie não o tivesse visto travar uma extenuante batalha de magia uma hora antes, nunca teria acreditado. Ele e Michael corriam para lá e para cá, gritando medidas um para o outro e assinalando com giz estranhos sinais nos lugares onde antes haviam colocado braçadeiras de metal. Parecia que tinham de marcar cada canto, inclusive o quintal dos fundos. O cubículo de Sophie sob a escada e o local de formato estranho no teto do banheiro lhes deram um bocado de trabalho. Sophie e o homem-cão foram empurrados de um lado para o outro, e então tirados completamente de circulação para que Michael pudesse engatinhar desenhando com giz uma estrela de cinco pontas dentro de um círculo no chão.

Michael já havia terminado e estava espanando a poeira e o giz de seus joelhos quando Howl entrou correndo com manchas de cal nas roupas pretas. Sophie e o homem-cão foram novamente tirados do caminho para que Howl pudesse engatinhar pelo chão escrevendo sinais dentro e à volta tanto da estrela quanto do círculo. Sophie e o homem-cão foram sentar-se na escada. O homem-cão tremia. Essa não parecia ser uma magia que o agradasse.

Howl e Michael correram para o quintal. Howl voltou em seguida.

— Sophie! — gritou. — Rápido! O que vamos vender naquela loja?

— Flores — respondeu ela, pensando novamente na sra. Fairfax.

— Perfeito — disse ele, e correu para a porta com uma lata de tinta e um pequeno pincel.

Ele mergulhou o pincel na lata e cuidadosamente pintou o borrão azul de amarelo. Mergulhou novamente. Dessa vez, o pincel saiu roxo e pintou o borrão verde. No terceiro mergulho a tinta era laranja, que substituiu o vermelho na maçaneta. Sem tocar a parte preta, Howl se afastou e a ponta de sua manga mergulhou na lata com o pincel.

— Droga! — disse Howl, tirando-a.

A ponta da manga tinha todas as cores do arco-íris. Howl a sacudiu e ela ficou preta de novo.

— Que traje é este, afinal? — perguntou Sophie.

— Esqueci. Não me interrompa. A parte difícil está chegando — disse Howl, levando apressado a lata de tinta de volta à bancada. Ali apanhou um pequeno pote com pó. — Michael! Onde está a pá de prata?

Michael veio correndo do quintal com uma grande pá brilhante. O cabo era de madeira, mas a lâmina parecia ser de prata sólida.

— Tudo pronto lá fora! — disse ele.

Howl descansou a pá no joelho a fim de desenhar um sinal tanto no cabo quanto na lâmina. Depois, polvilhou nela pó vermelho tirado do pote. Pôs uma pitada dos mesmos grãos em cada ponta da estrela e despejou todo o resto no meio.

— Fique longe, Michael — disse ele. — Todos fiquem longe. Está pronto, Calcifer?

Calcifer surgiu entre as achas de lenha num longo filete de chama azul.

— Tão pronto quanto posso estar — disse ele. — Você sabe que isso pode me matar, não sabe?

— Olhe o lado bom — replicou Howl. — Também pode matar a mim. Segure firme. Um, dois, três. — Ele mergulhou a pá na lareira, lentamente mas com firmeza, mantendo-a reta e nivelada. Por um segundo, ele a empurrou delicadamente para posicioná-la debaixo de Calcifer. Então, de modo ainda mais lento e firme, ele a ergueu. Michael estava obviamente prendendo o fôlego. — Feito! — disse Howl. Os pedaços de madeira caíram para um lado. Não pareciam estar queimando. Howl se levantou e fez meia-volta, carregando Calcifer na pá.

A sala se encheu de fumaça. O homem-cão gemeu e estremeceu. Howl tossiu. Ele estava com certa dificuldade para manter a pá firme. Os olhos de Sophie estavam cheios d'água e era difícil ver bem, mas, até onde podia saber, Calcifer — exatamente como ele lhe dissera — não tinha pés nem pernas. Era um rosto azul pontudo e comprido preso a uma massa preta, levemente brilhante. Essa massa tinha um entalhe na frente, o que sugeria à primeira vista que Calcifer estava ajoelhado sobre pernas minúsculas e dobradas. Mas Sophie viu que não era assim quando a massa oscilou ligeiramente, revelando-se arredondada na parte de baixo. Calcifer, era óbvio, sentia-se muitíssimo inseguro. Seus olhos laranja estavam arregalados de medo, e ele lançava frágeis chamas no formato de bracinhas para todos os lados, numa inútil tentativa de segurar as laterais da pá.

— Não vai demorar! — disse Howl, tentando tranquilizá-lo. Mas precisou fechar a boca com força e ficar parado um momento tentando não tossir. A pá oscilou e Calcifer ficou aterrorizado. Howl recuperou-se. Deu um passo largo, com cuidado, entrando no círculo desenhado com giz, e

então outro para o centro da estrela de cinco pontas. Ali, segurando a pá nivelada, ele girou lentamente, dando uma volta completa, e Calcifer girou com ele, azul da cor do céu e com o pânico estampado nos olhos.

Parecia que a sala toda girava com eles. O homem-cão encolheu-se junto a Sophie. Michael cambaleou. Sophie sentia-se como se o pedaço de mundo deles houvesse se soltado e dançasse em círculos, provocando-lhe náuseas. Ela não censurava Calcifer por parecer tão assustado. Tudo ainda oscilava e balançava quando Howl deu os mesmos passos largos e cautelosos para fora da estrela e do círculo. Ele então se ajoelhou junto à lareira e, com imenso cuidado, deslizou Calcifer novamente para a grelha, juntando as achas de lenha outra vez em volta dele. Calcifer lançou chamas verdes para o alto. Howl recostou-se na pá e tossiu.

A sala estremeceu e em seguida se acomodou. Por alguns instantes, enquanto a fumaça ainda pairava por toda parte, Sophie viu, para sua perplexidade, os contornos familiares da sala de estar da casa onde nascera. Ela a reconheceu, ainda que o chão fossem tábuas nuas e não houvesse nenhum quadro nas paredes. A sala do castelo pareceu contorcer-se, ocupando lugar dentro daquela, empurrando-a aqui, puxando-a ali, baixando o teto para emparelhar seu próprio teto de vigas, até que as duas se fundiram, tornando-se novamente a sala do castelo, agora um pouco mais alta e mais quadrada do que antes.

— Consegui, Calcifer? — tossiu Howl.

— Acho que sim — disse Calcifer, subindo pela chaminé. Ele não parecia afetado pelo passeio na pá. — Mas é melhor conferir para ver se está tudo certo em mim.

Howl ergueu-se apoiado na pá e abriu a porta com o amarelo para baixo. Lá fora se via a rua de Market Chipping que era familiar a Sophie desde sempre. Pessoas que ela conhecia passavam ali, dando uma caminhada antes do jantar, como era hábito de muita gente no verão. Howl fez um gesto afirmativo na direção de Calcifer, fechou a porta, girou a maçaneta com o laranja para baixo e tornou a abri-la.

Um caminho amplo e coberto de ervas afastava-se da porta agora, entre grupos de árvores iluminadas pitorescamente num ângulo oblíquo pelo sol baixo. A distância via-se um portão de pedra grandioso encimado por estátuas.

— Onde *fica* isso? — perguntou Howl.

— Uma mansão vazia no fim do vale — respondeu Calcifer, na defensiva. — É a bela casa que você me pediu que encontrasse. É muito boa.

— Tenho certeza de que sim — disse Howl. — Só espero que os verdadeiros proprietários não se importem. — Ele fechou a porta e girou a maçaneta com o roxo para baixo. — Agora vamos ao castelo animado — disse ele, enquanto tornava a abri-la.

Era quase noite lá fora. Um vento morno, cheio de aromas diferentes, soprava. Sophie viu passar uma encosta de folhas escuras, repleta de grandes flores púrpura entre as folhas, que se afastou lentamente e foi substituída por um canteiro de pálidos lírios brancos e um lampejo do pôr do sol na água mais além. O aroma era tão celestial que Sophie já havia atravessado metade da sala naquela direção quando se deu conta disso.

— Não, o seu nariz comprido fica longe disso até amanhã — disse Howl, e fechou a porta bruscamente. — Essa parte fica bem na extremidade das Terras Desoladas. Muito bem, Calcifer. Perfeito. Uma bela casa e muitas flores, como pedido. — Ele jogou a pá para um lado e foi para a cama. E devia estar mesmo cansado. Não houve gemidos, nem gritos e quase nenhuma tosse.

Sophie e Michael também estavam cansados. Michael desabou na cadeira e ficou ali, acariciando o homem-cão, os olhos fixos num ponto. Sophie empoleirou-se no banquinho, sentindo-se estranha. Eles haviam mudado. Era como se estivessem no mesmo lugar, mas ao mesmo tempo era diferente, bastante confuso. E por que o castelo animado agora estava nos limites das Terras Desoladas? Seria a maldição puxando Howl na direção da Bruxa? Ou será que Howl havia se esquivado tanto que acabara no mesmo lugar e se tornado o que a maioria das pessoas chamaria de honesto?

Sophie olhou para Michael para ver o que ele pensava. Michael dormia, assim como o homem-cão. Sophie olhou para Calcifer então, bruxuleando sonolento entre pedaços de madeira rosados, os olhos laranja semicerrados. Ela pensou em Calcifer pulsando quase branco, com olhos brancos, e depois em Calcifer com o olhar ansioso enquanto oscilava na pá. Ele a fazia lembrar-se de algo. Todo o seu formato fazia.

— Calcifer — disse ela —, você já foi uma estrela cadente?

Calcifer abriu um olho laranja, fitando-a.

— Evidente — disse ele. — Posso lhe falar sobre isso, se você já sabe. O contrato me permite.

— E Howl o pegou? — perguntou Sophie.

— Há cinco anos — disse Calcifer —, nos Pântanos de Porthaven, logo depois de ele se estabelecer como Jenkin, o Feiticeiro. Ele me perseguiu com botas de sete léguas. Fiquei aterrorizado com ele. Estava aterrorizado de qualquer jeito, porque, quando você cai, sabe que vai morrer. Eu teria feito qualquer coisa para não morrer. Quando Howl propôs me manter vivo da maneira como os seres humanos vivem, sugeri um contrato imediatamente. Nenhum dos dois sabia em que estava se metendo. Eu me sentia grato e Howl só fez a proposta porque sentiu pena de mim.

— Assim como aconteceu com Michael — disse Sophie.

— O que foi? — perguntou Michael, despertando. — Sophie, gostaria que não estivéssemos nos limites das Terras Desoladas. Não sabia que viríamos para cá. Eu não me sinto seguro.

— Ninguém está seguro na casa de um mago — afirmou Calcifer, comovido.

* * *

Na manhã seguinte a maçaneta da porta estava com o borrão preto voltado para baixo e, para grande consternação de Sophie, não abria em nenhuma posição. Ela queria ver aquelas flores, com ou sem Bruxa. Assim, deu vazão à sua impaciência pegando um balde com água e limpando as marcações de giz no chão.

Howl chegou quando ela fazia isso.

— Trabalho, trabalho, trabalho — disse ele, passando por cima de Sophie enquanto ela esfregava o chão.

Ele parecia um pouco estranho. Sua roupa ainda era de um preto intenso, mas ele clareara o cabelo novamente. Parecia branco contra o preto. Sophie olhou para ele e pensou na maldição. Howl devia estar pensando nisso também. Apanhou o crânio na pia e o segurou com uma das mãos, pesaroso.

— Ai de mim, pobre Yorick! — disse ele. — Ela ouviu sereias, então pode-se concluir que há algo de podre no reino da Dinamarca. Peguei uma gripe permanente, mas felizmente sou muito desonesto. E me agarro a

isso. — Tossiu pateticamente, mas a gripe estava melhorando e a tosse não soou muito convincente.

Sophie trocou olhares com o homem-cão, que a observava sentado, com um ar tão desconsolado quanto o de Howl.

— Você devia voltar para Lettie — murmurou ela. — Qual é o problema? — perguntou ela a Howl. — As coisas não estão indo bem com a srta. Angorian?

— Horivelmente — disse Howl. — Lily Angorian tem um coração de pedra. — Ele recolocou o crânio na pia e gritou, chamando Michael: — Comida! Trabalho!

Depois do café da manhã, tiraram tudo do armário de vassouras. Então Michael e Howl abriram um buraco na parede lateral do armário. A poeira subiu, passando por baixo da porta, e ouviram-se estranhos sons de marteladas. Por fim, ambos chamaram Sophie, que foi, levando significativamente uma vassoura. E onde antes estava a parede, agora havia uma arcada, dando para os degraus que sempre interligaram a loja e a casa. Howl a chamou para ver a loja. Estava vazia e ali os sons ecoavam. No chão viam-se ladrilhos quadrados pretos e brancos, como no *hall* da sra. Pentstemmon, e as prateleiras que um dia exibiram chapéus mostravam agora um vaso de rosas de seda e um pequeno buquê de primulas aveludadas. Sophie percebeu que esperavam que ela admirasse aquilo, assim ela conseguiu não dizer nada.

— Encontrei as flores no galpão lá nos fundos — disse Howl. — Venha ver lá fora.

Ele abriu a porta que dava para a rua, e o mesmo sino que Sophie tinha ouvido a vida toda tilintou. Sophie saiu mancando para a rua vazia naquele início de manhã. A fachada da loja havia sido recém-pintada de verde e amarelo. Letras sinuosas acima da janela diziam: H. JENKINS FLORES FRESCAS DIARIAMENTE.

— Mudou de ideia em relação a nomes comuns, não foi? — perguntou Sophie.

— Por motivo de disfarce somente — disse Howl. — Prefiro Pendragon.

— E de onde vêm as flores novas? — perguntou Sophie. — Você não pode dizer isso e então vender rosas de seda tiradas de chapéus.

— Espere e veja — disse Howl, conduzindo-a de volta ao interior da loja.

Eles a atravessaram e saíram no quintal que Sophie conhecia desde sempre. Agora ele estava reduzido à metade, porque o quintal do castelo animado havia tomado um lado dele. Sophie olhou além do muro de tijolos do quintal de Howl para sua antiga casa. Esta parecia bastante estranha por causa da nova janela que se via ali e que pertencia ao quarto de Howl, e Sophie sentiu-se ainda mais estranha quando percebeu que a janela de Howl não tinha a visão das coisas que ela olhava agora. Ela podia ver a janela de seu antigo quarto, logo acima da loja. Isso a fez sentir-se estranha também, porque não parecia haver maneira de chegar até lá agora.

Enquanto seguia Howl ao interior da loja outra vez e subia os degraus até o armário das vassouras, Sophie se deu conta de que estava sendo muito grosseira. Ver sua antiga casa dessa maneira estava lhe inspirando sentimentos confusos e assustadores.

— Acho que está tudo muito bonito — disse ela.

— É mesmo? — replicou Howl com frieza. Ele estava magoado. Gostava de ser admirado, pensou Sophie, suspirando, enquanto Howl se dirigia à porta do castelo e girava a maçaneta com o roxo para baixo. Por outro lado, ela não se lembrava de alguma vez ter elogiado Howl, nem tampouco Calcifer, e se perguntou por que começaria agora.

A porta se abriu. Grandes arbustos carregados de flores passaram suavemente por eles e pararam para que Sophie pudesse descer entre eles. Entre os arbustos, trilhas de grama longa, de um verde brilhante, levavam em todas as direções. Howl e Sophie tomaram a mais próxima, e o castelo os seguiu, roçando em pétalas à medida que avançava. O castelo, apesar de alto, escuro e deformado, soprando seus peculiares fiapos de fumaça de uma torre ou de outra, não parecia deslocado ali. A magia estava em ação nesse lugar. Sophie sabia disso. E o castelo, de alguma forma, se encaixava naquilo.

O ar estava quente, denso e cheio do aroma de flores, milhares delas. Sophie quase disse que o cheiro lhe recordava o banheiro depois que Howl saía dele, mas se conteve. O lugar era verdadeiramente maravilhoso. Entre os arbustos e seus montes de flores púrpura, vermelhas e brancas, a grama molhada era repleta de flores menores: uma cor-de-rosa com apenas três pétalas, amores-perfeitos gigantes, floxes silvestres, brincos-de-viúva de todas as cores, lírios laranja, lírios brancos altos, íris e uma infinidade de outras. Havia trepadeiras dando flores grandes o suficiente para servirem

de chapéu, centáureas, papoulas e plantas com estranhas formas e folhas de estranhas cores. Embora não fosse muito parecido com o jardim dos sonhos de Sophie, que se assemelhava ao da sra. Fairfax, ela esqueceu sua rispidez e sentiu-se encantada.

— Vê? — disse Howl. Ele abriu um braço e sua manga preta perturbou várias centenas de borboletas azuis que se banquetavam num arbusto de rosas amarelas. — Podemos colher braçadas de flores todas as manhãs e vendê-las em Market Chipping ainda úmidas de orvalho.

No fim daquela trilha verde a grama estava alagada. Orquídeas imensas brotavam sob os arbustos. Howl e Sophie chegaram subitamente a um lago coberto de vapores, repleto de lírios-d'água. O castelo desviou-se do lago e deslizou por outra avenida ladeada por diversos tipos de flores.

— Se você vier aqui sozinha, traga a bengala para testar o terreno — disse Howl. — Ele é cheio de nascentes e pântanos. E, a partir deste ponto, não vá naquela direção.

Ele apontou para sudeste, onde o sol era um disco branco ardente no ar enevoadado.

— Lá adiante ficam as Terras Desoladas... muito quentes, áridas e cheias da Bruxa.

— Quem fez esses canteiros, bem nos limites das Terras Desoladas? — perguntou Sophie.

— O Mago Suliman começou há um ano — contou Howl, virando na direção do castelo. — Acho que sua ideia era criar a flor das Terras Desoladas e, assim, acabar com a Bruxa. Ele trouxe fontes quentes à superfície e começou a cultivar. Estava indo muito bem até que a Bruxa o pegou.

— A sra. Pentstemmon citou outro nome — disse Sophie. — Ele veio do mesmo lugar que você, não foi?

— Mais ou menos — disse Howl. — Mas eu nunca o encontrei. Vim e fiz outra tentativa alguns meses depois. Parecia uma boa ideia. Foi assim que encontrei a Bruxa. Ela se opôs.

— Por quê? — perguntou Sophie.

O castelo esperava por eles.

— Ela gosta de pensar em si mesma como uma flor — disse Howl, abrindo a porta. — Uma orquídea solitária, florescendo nas Terras Desoladas. Realmente patético.

Sophie deu outra olhada na profusão de flores enquanto seguia Howl, entrando no castelo. Ali se viam rosas, milhares delas.

— A Bruxa não vai saber que você está aqui?

— Tentei fazer o que ela menos esperaria — disse Howl.

— E você *está* tentando encontrar o Príncipe Justin? — perguntou Sophie.

Mas Howl esquivou-se de responder, atravessando correndo o armário de vassouras e chamando Michael.



CAPÍTULO DEZOITO

No qual o espantalho e a srta. Angorian reaparecem

Eles abriram a floricultura no dia seguinte. Como Howl previra, nada poderia ter sido mais simples. Todas as manhãs bem cedo, tudo o que precisavam fazer era abrir a porta com o roxo para baixo e sair para colher as flores naquela névoa verdejante. E isso logo virou rotina. Sophie pegava a bengala e a tesoura e saía mancando, tagarelando com a bengala, usando-a para testar a terra alagada ou para baixar galhos altos com cachos de rosas. Michael usava uma invenção sua, da qual muito se orgulhava. Uma grande tina de latão com água, que pairava no ar e o seguia aonde quer que fosse por entre os arbustos. O homem-cão ia junto. Ele se divertia correndo de um lado para outro naquelas terras verdejantes e úmidas, caçando borboletas ou tentando pegar os pássaros minúsculos e brilhantes que se alimentavam nas flores. Enquanto o animal corria, Sophie cortava braçadas de íris longilíneas, lírios, flores de laranjeira ou galhos de hibisco azul, e Michael enchia a tina com orquídeas, rosas, flores brancas em formato de estrela, algumas de um vermelho-escarlata brilhante, ou qualquer outra que chamasse sua atenção. Todos apreciavam aqueles momentos.

Então, antes que o calor ficasse forte demais, eles levavam as flores do dia para a loja e as arrumavam em uma coleção de jarras e baldes dos mais variados tipos que Howl descobrira no quintal. Dois dos baldes eram, na verdade, as botas de sete léguas. Nada, Sophie pensou enquanto arrumava molhos de gladiolos neles, poderia demonstrar melhor como Howl perdera o interesse em Lettie. Ele não se importava mais se Sophie as usasse ou não.

Howl estava quase sempre ausente quando eles colhiam as flores. E a maçaneta estava sempre no preto. Ele costumava voltar para tomar um café da manhã tardio, com um ar sonhador, ainda com a roupa preta. E nunca contava a Sophie qual traje o preto era de fato. “Estou de luto pela sra. Pentstemmon”, era tudo que dizia. E se Sophie ou Michael perguntavam por que Howl estava sempre ausente àquela hora, ele parecia indignado e dizia: “Quando se quer falar com uma professora, é preciso abordá-la antes do início da aula.” E então desaparecia banheiro adentro pelas duas horas seguintes.

Enquanto isso, Sophie e Michael vestiam suas melhores roupas e abriam a loja. Howl fazia questão das melhores roupas. Dizia que atrairiam clientes. Sophie insistia para que usassem aventais. E, após os primeiros dias, quando a população de Market Chipping ficava só olhando

pela vitrine sem entrar na loja, esta se tornou bastante popular. Espalhou-se o rumor de que Jenkins possuía flores sem igual. Pessoas que Sophie conhecera a vida toda apareciam e compravam flores aos montes. Nenhuma delas a reconhecia, e isso a fazia sentir-se muito estranha. Todas pensavam que ela era a mãe de Howl. Mas Sophie já tivera sua quota como mãe de Howl. “Sou tia dele”, disse à sra. Cesari. E ficou conhecida como tia Jenkins.

Quando Howl chegava à loja, usando um avental preto para combinar com a roupa, costumava encontrá-la bastante cheia. E a fazia encher ainda mais. Foi quando Sophie começou a desconfiar de que o traje preto era, na verdade, o cinza e escarlate enfeitiçado. Qualquer mulher atendida por Howl saía com pelo menos o dobro das flores que viera adquirir. Na maioria das vezes, Howl as enfeitiçava para que comprassem dez vezes mais. Não demorou para que Sophie comesse a ver algumas mulheres espiando o interior da loja e resolvendo não entrar quando avistavam Howl lá dentro. Ela não as culpava. Se você só desejasse uma rosa para a lapela, não ia gostar de ser forçada a comprar três dúzias de orquídeas. Ela não desencorajou Howl quando ele começou a passar várias horas no galpão do outro lado do jardim.

— Antes que pergunte, estou levantando defesas contra a Bruxa — disse ele. — Quando tiver terminado, não haverá modo possível de ela entrar em nenhum canto daqui.

Algumas vezes, a sobra de flores era um problema. Sophie não aguentava vê-las murchando de um dia para o outro. Descobriu que podia mantê-las viçosas se conversasse com elas. Depois disso, passou a falar com as plantas com grande frequência. Fez com que Michael criasse um feitiço de nutrição vegetal, e fazia experiências com ele nos baldes da pia e nas tinas do quartinho onde costumava adornar os chapéus. Percebeu que podia fazer com que algumas das plantas ficassem viçosas por vários dias. Então, obviamente, fez mais experiências. Retirou a fuligem do jardim e plantou algumas coisas nela, murmurando sem parar. Produziu uma rosa azul-marinho num piscar de olhos, o que a deixou muito feliz. Os botões eram pretos como o carvão, e as flores se abriam em tons de azul cada vez mais claros até quase atingirem o mesmo azul de Calcifer. Sophie ficou tão maravilhada que retirou raízes de todos os sacos pendurados nas vigas e fez experiências com elas. Dizia a si mesma que nunca havia sido tão feliz na vida.

O que não era verdade. Havia algo de errado, e Sophie só não conseguia identificar o quê. Às vezes achava que era porque ninguém em Market Chipping a reconhecia. Não ousava sair para visitar Martha, receando que também ela não a reconhecesse. Não se aventurava a tirar as flores das botas de sete léguas e ir ver Lettie pelo mesmo motivo. Simplesmente não suportaria que suas irmãs a vissem como uma velha.

Michael levava ramalhetes feitos com as flores que sobravam para Martha o tempo todo. Muitas vezes Sophie pensou que esse devia ser seu problema. Michael estava sempre tão alegre, e ela era deixada sem companhia na loja com frequência cada vez maior. Mas esse não parecia ser o motivo real. Sophie gostava de vender flores sozinha.

Em alguns momentos, o problema parecia ser Calcifer, que estava entediado. Não tinha nada para fazer além de manter o castelo perambulando vagarosamente pelas trilhas verdejantes, pelos vários tanques e lagos, e garantir que parassem em um lugar novo, com novas flores, a cada manhã. Sua face azul se inclinava ansiosamente para fora da lareira quando Sophie e Michael voltavam com as flores.

“Quero ver como é lá fora”, dizia ele. Sophie então lhe trazia folhas de aroma agradável para queimar, o que fazia com que a sala do castelo ficasse com um cheiro tão forte quanto o do banheiro, mas Calcifer dizia que o que realmente queria era companhia. Eles iam para a loja e passavam o dia inteiro lá, deixando-o solitário.

Então Sophie fazia Michael atender sozinho na loja por pelo menos uma hora enquanto ia conversar com Calcifer. Inventava jogos de adivinhação para mantê-lo ocupado quando não dispunha de tempo. Mas Calcifer ainda parecia descontente. “Quando você vai romper meu contrato com Howl?”, perguntava ele, com frequência cada vez maior.

E Sophie desconversava. “Estou trabalhando nisso”, dizia. “Não vai demorar.”

Isso não era exatamente verdade. Sophie tinha parado de pensar no assunto, a menos que precisasse. Quando juntou o que a sra. Pentstemmon dissera com todas as coisas que Howl e Calcifer contaram, percebeu que tinha fortes e terríveis ideias em relação ao contrato. Estava certa de que o ato de rompê-lo significaria o fim tanto de Howl quanto de Calcifer. Howl poderia até merecer, mas Calcifer, não. E, já que Howl parecia estar trabalhando arduamente para se desvencilhar do restante do feitiço da Bruxa, Sophie não queria fazer nada a menos que pudesse ser útil.

Muitas vezes Sophie pensava que era o homem-cão que a estava deixando para baixo. Ele era uma criatura muito melancólica. O único momento em que parecia feliz era quando corria pela grama, entre os arbustos, todas as manhãs. No restante do dia, arrastava-se lugubrememente atrás de Sophie, dando suspiros profundos. Como Sophie também não podia fazer nada por ele, ficou feliz quando o tempo foi esquentando cada vez mais, à medida que se aproximavam do solstício de verão, e o homem-cão passou a se deitar em trechos de sombra no jardim, arfando.

Enquanto isso, as raízes que Sophie plantara foram se mostrando bem interessantes. A cebola se transformou numa palmeira-anã, da qual saíam pequenas nozes que recendiam a cebola. Uma outra raiz germinou um tipo de gerânio cor-de-rosa. Apenas uma delas demorou a crescer. Quando, por fim, nasceram duas folhas verdes e arredondadas, Sophie ficou ansiosa para ver o que sairia dali. No dia seguinte, parecia que seria uma orquídea. As folhas eram pontudas, com manchas cor de malva, e o talo comprido surgia entre elas encimado por um grande botão. Um dia depois, Sophie deixou as flores recém-colhidas no balde de latão e seguiu apressada para o quartinho para ver como a plantinha estava se comportando.

O botão tinha desabrochado numa flor cor-de-rosa, como uma orquídea que tivesse passado por uma prensa. Era achatada, e se unia ao talo logo abaixo de uma ponta arredondada. Havia quatro pétalas brotando de um centro roliço e cor-de-rosa, duas apontando para baixo e duas para os lados. Enquanto Sophie a observava, um forte aroma de flores do campo denunciou que Howl entrara e estava parado atrás dela.

— O que é isto? — perguntou ele. — Se você estava esperando uma violeta ultravioleta ou um gerânio infravermelho, deu tudo errado, sra. Cientista Louca.

— A mim parece um bebê esmagado — disse Michael, aproximando-se para olhá-la.

E parecia mesmo. Howl olhou para Michael com uma expressão alarmada e pegou a flor. Ele a retirou do vaso com uma das mãos, separou com cuidado as raízes brancas e entrelaçadas, a terra e os restos do adubo encantado, até revelar a raiz marrom e aforquilhada a partir da qual Sophie a havia cultivado.

— Devia ter imaginado — disse ele. — É raiz de mandrágora. Sophie ataca outra vez. Você tem jeito para a coisa, não tem, Sophie? — Colocou

a planta de volta no vaso, delicadamente, passou-a a Sophie e saiu, um tanto pálido.

Então o feitiço estava quase completo, pensou Sophie dirigindo-se à vitrine para arrumar as flores recém-colhidas. A raiz de mandrágora procriara. O que fazia com que faltasse apenas uma coisa: o vento para impelir uma mente honesta. Se isso significava que a mente de Howl tinha de se tornar honesta, pensou Sophie, havia uma chance de que o feitiço nunca se realizasse. Ela dizia a si mesma que era bem-feito para Howl, por ir cortejar a srta. Angorian todas as manhãs com uma roupa enfeitiçada. Mas ainda assim se sentia culpada e temerosa. Fez um arranjo de lírios-brancos numa das botas de sete léguas. Enfiou-se na vitrine para arrumá-los quando ouviu um toque-toque-toque regular vindo de fora, da rua. Não era o som de um cavalo trotando. Era o som de uma vara batendo nas pedras.

O coração de Sophie começou a agir de maneira estranha antes mesmo que ousasse olhar pelo vidro. Lá vinha o espantalho, saltando decidida e vagarosamente pelo meio da rua. Os trapos que pendiam de seus braços abertos estavam mais escassos e gastos, e o nabo que tinha como cabeça estava murcho, exibindo um olhar de determinação, como se estivesse saltando desde que Howl o lançara longe, até finalmente ter encontrado o caminho de volta.

Sophie não era a única assustada. As poucas pessoas na rua àquela hora corriam para longe do espantalho o mais rápido que podiam. Mas ele nem reparava nelas e continuava saltando.

Sophie escondeu o rosto.

— Não estamos aqui! — sussurrou, com força na voz. — Você não sabe que estamos aqui! Não pode nos achar. Vá embora daqui, rápido!

O toque-toque da vara saltitante reduziu a velocidade quando o espantalho se aproximou da loja. Sophie quis gritar chamando Howl, mas tudo que parecia capaz de fazer era seguir repetindo:

— Não estamos aqui. Vá embora, rápido!

Os saltos se aceleraram assim que ela pronunciou essas palavras, e o espantalho passou pulando ao largo da loja, atravessando Market Chipping. Sophie achou que ia passar mal. Mas foi só porque prendera a respiração. Respirou fundo, trêmula de alívio. Se o espantalho voltasse, poderia mandá-lo embora de novo.

Howl havia saído quando Sophie entrou na sala do castelo.

— Ele parecia muitíssimo chateado — disse Michael. Sophie olhou para a porta. A maçaneta estava no preto. Nem tão chateado assim!, pensou.

Michael também saiu para ir ao Cesari's naquela manhã, e Sophie ficou sozinha na loja. Estava muito quente. As flores murchavam apesar dos feitiços, e pouquíssimas pessoas pareciam querer comprá-las. Juntando esse fato, a raiz de mandrágora e o espantalho, os sentimentos de Sophie atingiram um estágio crítico. Ela estava se sentindo profundamente infeliz.

— Talvez seja a maldição que paira no ar para alcançar Howl — suspirou para as flores —, mas acho que é mesmo por eu ser a mais velha. Olhe para mim! Eu saio em busca do meu destino e acabo exatamente onde comecei, e ainda por cima velha como as montanhas!

Nesse momento o homem-cão colocou o focinho vermelho e úmido pela porta que dava para o jardim e ganiu. Sophie suspirou. Não se passava uma hora sem que a criatura viesse averiguá-la.

— Sim, ainda estou aqui — disse. — Onde esperava que eu estivesse?

O cão entrou na loja, sentou-se e alongou as patas à sua frente. Sophie percebeu que ele estava tentando se transformar em homem. Pobre criatura. Tentou ser gentil com ele, que, no fim das contas, estava numa situação pior do que a dela.

— Esforce-se mais — disse ela. — Dê tudo de si. Você pode se transformar em homem, se quiser.

O cão esticou-se, ficou com a coluna ereta, torceu-se e contorceu-se. E, justo quando Sophie achou que ia desistir ou tombar para trás, ele conseguiu, apoiando-se nas patas traseiras, erguer-se como um homem ruivo e de aparência treloucada.

— Eu invejo... Howl — disse ele, com a voz ofegante. — Faz isso... tão facilmente. Eu era... cão na sebe... você ajudou. Disse a Lettie... eu conhecia você... eu mantinha guarda. Eu estive... aqui antes... — Ele começou a se dobrar de novo na postura de cão e uivou em protesto. — Com a Bruxa na loja! — Ele gemeu, e desabou para a frente, apoiando-se nas mãos. Uma grande quantidade de pelo cinza e branco cresceu em seu corpo enquanto caía.

Sophie fitou o cão corpulento e peludo que estava agora ali, à sua frente.

— Você veio com a Bruxa! — disse ela. Lembrava-se agora. O homem ruivo e ansioso que a fitara horrorizado. — Então sabe quem eu sou e sabe que estou enfeitiçada. Lettie também sabe?

A cabeça grande e peluda fez que sim.

— E ela chamou você de Gaston — recordou Sophie. — Oh, meu amigo, quanto sofrimento ela lhe causou! Imagine ter todo esse pelo numa temperatura dessas! É melhor você ir para um lugar fresco.

O cão balançou a cabeça de novo e caminhou trôpega e miseravelmente pelo jardim.

— Mas *por que* Lettie o enviou? — Sophie ficou se perguntando. Ficou extremamente perturbada com essa descoberta. Subiu as escadas e passou pelo armário de vassouras para falar com Calcifer.

Mas Calcifer não foi de muita ajuda.

— Não faz a menor diferença quantas pessoas sabem que você está sob um feitiço — disse ele. — Isso não foi muito útil para o cão, não é?

— Não, mas... — começou Sophie.

Nesse momento, porém, a porta do castelo fez um clique e se abriu. Sophie e Calcifer olharam. Notaram que a maçaneta ainda estava no preto, e aguardaram a entrada de Howl. Difícil dizer qual deles ficou mais surpreso quando a pessoa que passou pela porta, um tanto cautelosamente, veio a ser a srta. Angorian.

E ela ficou igualmente surpresa.

— Oh, perdão! — disse. — Achei que o sr. Jenkins estaria aqui.

— Ele saiu — disse Sophie, rígida, e ficou tentando imaginar aonde Howl teria ido, já que não fora vê-la.

A srta. Angorian largou a porta, que ficara segurando por causa do susto, deixando-a escancarada. E seguiu, suplicante, em direção a Sophie.

Sophie percebeu que havia se levantado e atravessado o cômodo. Parecia que estava tentando bloquear a entrada da outra.

— Por favor — disse a srta. Angorian —, não diga ao sr. Jenkins que estive aqui. Para falar a verdade, só o encorajei na esperança de obter notícias do meu noivo, Ben Sullivan, sabe? Estou certa de que Ben sumiu no mesmo lugar no qual o sr. Jenkins vive desaparecendo. Só que Ben não retornou.

— Não há nenhum sr. Sullivan aqui — disse Sophie. E pensou: este é o nome do Mago Suliman! Não acredito numa palavra do que ela disse!

— Ah, sei disso — afirmou a srta. Angorian. — Mas este parece o lugar certo. Você se importaria de eu dar uma olhadinha por aqui para ter uma ideia do tipo de vida que Ben está levando agora?

Botou a cascata de cabelos negros para trás da orelha e tentou penetrar ainda mais no cômodo. Sophie ficou no caminho. Isso forçou a srta. Angorian a se desviar, suplicante, na direção da bancada.

— Que curioso! — disse ela, olhando as garrafas e os vasos. — Que cidade graciosa! — completou, olhando pela janela.

— Chama-se Market Chipping — disse Sophie, dando a volta e conduzindo a srta. Angorian para trás, na direção da porta.

— E o que há no fim dessa escada? — perguntou, apontando a porta aberta que dava para a escada.

— É o quarto de Howl — disse Sophie, com firmeza, forçando a outra a recuar ainda mais.

— E o que há por trás daquela outra porta aberta? — perguntou a srta. Angorian.

— Uma floricultura — disse Sophie. Enxerida!, pensou.

Nesse instante, ou a srta. Angorian teria de recuar até a cadeira ou passar pela porta de novo. Ela fitou Calcifer de um modo vago, franzindo o cenho, como se não estivesse certa do que via, e Calcifer simplesmente a encarou de volta sem dizer palavra. Isso fez com que Sophie não se sentisse tão mal por estar sendo tão pouco amigável. Somente as pessoas que compreendiam a natureza de Calcifer eram de fato bem-vindas na casa de Howl.

Mas agora a srta. Angorian contornou a cadeira e reparou no violão de Howl apoiado no canto. Apanhou-o com um arquejo e virou-se, segurando-o de encontro ao peito, possessivamente.

— Onde conseguiu isto? — perguntou, num tom de voz baixo e emocionado. — Ben tinha um violão igual a este! Poderia ser o de Ben!

— Pelo que sei, Howl o comprou no inverno passado — disse Sophie. E avançou mais uma vez, tentando retirar a srta. Angorian do canto e colocá-la porta afora.

— Algo aconteceu a Ben! — disse a srta. Angorian, palpitante. — Ele jamais teria se separado de seu violão! Onde ele está? Sei que não morreu. Eu *sentiria* em meu coração se isso tivesse acontecido!

Sophie ponderou se deveria dizer à srta. Angorian que a Bruxa capturara o Mago Suliman. Olhou para o outro lado do cômodo na

tentativa de ver onde estava o crânio humano. Chegou a pensar em exibi-lo à srta. Angorian e dizer que era o Mago Suliman. Mas o crânio estava na pia, escondido atrás de um balde de samambaias e lírios. E Sophie sabia que, se fosse até lá, a mulher se infiltraria no cômodo novamente. Além disso, seria muito rude de sua parte.

— Posso levar o violão? — perguntou a srta. Angorian com a voz rouca, agarrando-o ainda mais de encontro ao corpo. — Para me lembrar de Ben.

O tremor na voz dela incomodou Sophie.

— Não — respondeu Sophie. — Não há por que ser tão sentimental. Você não tem provas de que pertenceu a ele.

Cambaleou mais para perto da srta. Angorian e apossou-se do violão, segurando-o pelo braço. A mulher a encarou por cima do instrumento com os olhos arregalados e angustiados. Sophie deu um puxão. A srta. Angorian resistiu. O violão emitiu ruídos horríveis e dissonantes. Sophie arrancou-o bruscamente dos braços da outra.

— Não seja tola — disse. — Você não tem o direito de entrar no castelo alheio e pegar o violão dos outros. Já disse que o sr. Sullivan não está aqui. Agora volte para Gales. Vá.

E usou o violão para empurrar a srta. Angorian para trás, pela porta aberta.

A mulher recuou para o nada até que metade dela desapareceu.

— Você é implacável — disse ela, em tom reprovador.

— Sim, sou! — replicou Sophie, e bateu a porta. Virou a maçaneta para o laranja, para evitar que a srta. Angorian voltasse, e largou o violão de volta no canto, com um barulho surdo e firme. — E não ouse contar a Howl que ela esteve aqui! — disse, irracionalmente, para Calcifer. — Aposto que ela veio ver Howl. O resto foi apenas um monte de mentiras. O Mago Suliman *estabeleceu-se* aqui, há alguns anos. Provavelmente veio para fugir da voz desagradável dela!

Calcifer riu.

— Nunca vi alguém se livrar de outra pessoa assim tão rápido! — disse ele.

Isso fez com que Sophie se sentisse grosseira e culpada. Afinal, ela mesma havia entrado no castelo daquele modo, e fora duas vezes mais intrometida do que a srta. Angorian.

— Bah! — disse ela.

Andou com passos pesados até o banheiro e ficou olhando o rosto velho e murcho no espelho. Pegou uma das embalagens com a palavra PELE escrita no rótulo e a largou novamente. Mesmo jovem, não achava que seu rosto podia se comparar ao da srta. Angorian.

— Bah! — disse ela. — Bah!

Voltou depressa, com seu andar cambaleante, e tirou as samambaias e os lírios da pia. Levou-os, gotejando, para a loja, onde os enfiou em um balde de feitiço de nutrição vegetal.

— Virem narcisos! — disse a eles com a voz transtornada, irada e desagradavelmente aguda. — Virem narcisos em junho, suas criaturas bestiais!

O homem-cão enfiou o rosto peludo pela porta do jardim e, ao ver o estado de espírito de Sophie, mais que depressa deu meia-volta. Quando Michael chegou, todo alegre, com uma grande torta um minuto depois, Sophie lançou-lhe um tal olhar que ele imediatamente se lembrou de um feitiço que Howl pedira que criasse e fugiu correndo pelo armário de vassouras.

— Bah! — rosnou Sophie atrás dele. Inclinou-se sobre o balde de novo. — Virem narcisos! Virem narcisos! — grasnou.

Saber que esse era um modo tolo de agir não a fazia sentir-se nada melhor.



CAPÍTULO DEZENOVE

No qual Sophie expressa seus sentimentos com herbicida

Howl abriu a porta da loja lá pelo fim da tarde e entrou devagar, assoviando. Parecia ter superado o episódio da raiz de mandrágora. Sophie não se sentiu melhor ao descobrir que ele, afinal, não tinha ido a Gales, e lhe dirigiu seu olhar mais feroz.

— Deus piedoso! — exclamou Howl. — Acho que este me transformou em pedra! Qual é o problema?

Sophie resmungou apenas:

— Qual dos trajes você está usando?

Howl baixou os olhos para a roupa preta.

— Isso importa?

— *Sim!* — rosnou ela. — E não me venha com essa história de luto! Qual é o traje *de verdade*?

Howl deu de ombros e ergueu uma das mangas esvoaçantes, como se não tivesse certeza de qual era, e a olhou, confuso. A cor preta descia do ombro até a ponta. O ombro e a parte superior da manga tornaram-se marrons, depois cinza, enquanto a extremidade pendente ganhava cada vez mais cor, até que Howl estava usando um traje preto com uma das mangas azul e prata, cuja extremidade parecia ter sido mergulhada no piche.

— Esta — respondeu ele, deixando que o preto se espalhasse novamente até o ombro.

Sophie estava mais aborrecida do que nunca. Emitiu um resmungo de raiva muda.

— Sophie! — disse Howl com seu jeito mais suplicante e risonho.

O homem-cão abriu com um empurrão a porta do quintal e entrou, desajeitado. Ele nunca deixava que Howl conversasse com Sophie por muito tempo.

Howl o fitou.

— Você agora tem um cão pastor inglês — disse, como se estivesse contente com a interrupção. — Dois cães vão comer um bocado...

— Só há um cachorro — retrucou Sophie, irritada. — Ele está sob feitiço.

— É mesmo? — perguntou Howl, partindo na direção do cão numa velocidade tal que demonstrava que ele estava feliz em se afastar de Sophie.

Isso era, é lógico, a última coisa que o homem-cão queria. Ele recuou. Howl saltou e o pegou, agarrando o pelo desganhado com as duas mãos, antes que ele conseguisse chegar à porta.

— Então ele está enfeitiçado! — disse Howl, ajoelhando-se para olhar no que dava para ver dos olhos do cão. — Sophie, por que não me contou sobre isto? Este cachorro é um homem! E seu estado é lastimável!

Howl rodopiou sobre um joelho, ainda segurando o cão. Sophie fitou os olhos de bola de gude de Howl, e percebeu que ele estava muito zangado agora. Zangado de verdade.

Ótimo. Sophie estava com disposição para brigar.

— Você podia ter notado por si mesmo — disse ela, devolvendo o olhar furioso, desafiando Howl a responder com o limo verde. — De qualquer modo, o cão não queria...

Howl estava irritado demais para ouvir. Ergueu-se num pulo e arrastou o cachorro pelos ladrilhos.

— Eu teria notado, se não tivesse tantas coisas na cabeça — disse ele. — Vamos. Quero você na frente de Calcifer.

O cão firmou as quatro patas peludas, empacando. Howl o puxou, fazendo-o deslizar pelo chão.

— Michael! — gritou ele.

Havia naquele grito um tom peculiar que fez com que Michael viesse correndo.

— E *você*? Sabia que este cão era, na verdade, um homem? — perguntou Howl enquanto os dois arrastavam a relutante montanha de pelos escada acima.

— Isso não é verdade, é? — indagou Michael, chocado.

— Então vou livrar você e culpar somente Sophie — disse Howl, arrastando o cachorro pelo armário das vassouras. — Esse tipo de coisa vem sempre de Sophie! Mas *você* sabia, não é mesmo, Calcifer? — perguntou ele, enquanto os dois arrastavam o cão até a frente da lareira.

Calcifer recuou até se encontrar encurralado contra a chaminé.

— Você nunca perguntou — retrucou ele.

— Eu *tenho* de perguntar a você? — disse Howl. — Tudo bem, eu deveria ter percebido! Mas você me deixa indignado, Calcifer! Comparado ao tratamento que a Bruxa dispensa ao demônio *dela*, você leva uma vida revoltantemente fácil, e tudo o que peço em troca é que me conte o que preciso saber. Esta é a segunda vez que você me decepciona! Agora me ajude a fazer esta criatura retornar à sua forma original, neste minuto!

Calcifer tinha um tom azulado incomumente doentio.

— Tudo bem — assentiu ele, amuado.

O homem-cão tentou fugir, mas Howl colocou o ombro por baixo do peito dele e empurrou, fazendo-o erguer-se nas patas traseiras, a contragosto. Então ele e Michael o seguraram nessa posição.

— Por que esta criatura tola está resistindo? — perguntou Howl, arquejando. — Está parecendo um dos feitiços da Bruxa das Terras Desoladas de novo, não é?

— Sim. Há várias camadas nele — disse Calcifer.

— Vamos retirar a parte do cachorro de qualquer forma — afirmou Howl.

Calcifer agitou-se, adquirindo um tom intenso de azul. Sophie, que observava prudentemente da porta do armário das vassouras, viu a forma peluda do cão desfazer-se na forma do homem. Esta tornou a se transformar em cão, depois voltou à forma humana, primeiro indistinta, depois nítida. Por fim, Howl e Michael se viram segurando o braço de um homem de cabelos claros vestido com um traje marrom amarrotado. Sophie não estava surpresa por não o ter reconhecido. Fora o olhar ansioso, seu rosto era quase totalmente destituído de personalidade.

— Então, quem é você, meu amigo? — perguntou-lhe Howl.

O homem ergueu as mãos e bateu o rosto.

— Eu... eu não tenho certeza.

Calcifer disse:

— O último nome pelo qual atendeu foi Percival.

O homem olhou para Calcifer como se preferisse que ele não soubesse disso.

— Foi mesmo? — perguntou.

— Então vamos chamá-lo de Percival por enquanto — decidiu Howl. Ele virou o ex-cão e o fez sentar-se na cadeira. — Fique aí e se acalme. Conte-nos o que você lembra. Pelo que parece, a Bruxa ficou com você por algum tempo.

— Sim — confirmou Percival, esfregando o rosto novamente. — Ela arrancou minha cabeça. Eu... eu me lembro de estar numa prateleira olhando o restante de mim.

Michael estava espantado.

— Mas você estaria morto! — protestou ele.

— Não necessariamente — disse Howl. — Você ainda não chegou a esse nível de feitiçaria, mas eu poderia tirar qualquer parte de você e

deixar o restante vivo, se fizesse tudo certo. — Ele franziu o cenho para o ex-cão. — Mas não sei se a Bruxa recolocou tudo no lugar certo aqui.

Calcifer, que obviamente tentava provar que estava trabalhando sério para Howl, disse:

— Este homem, além de incompleto, tem pedaços de outro homem.

Percival pareceu desesperar-se ainda mais.

— Não o alarme, Calcifer — disse Howl. — Ele já deve estar se sentindo mal o bastante. Você sabe por que a Bruxa arrancou sua cabeça, amigo? — perguntou ele a Percival.

— Não, eu não me lembro de nada.

Sophie sabia que aquilo não podia ser verdade. Ela bufou.

De repente, Michael foi tomado por uma ideia empolgante. Ele inclinou-se para Percival e perguntou:

— Você já atendeu pelo nome de Justin... ou Sua Alteza Real?

Sophie bufou novamente. Ela sabia que aquilo era ridículo mesmo antes de Percival responder:

— Não. A Bruxa me chamava de Gaston, mas meu nome não é esse.

— Não o pressione, Michael — disse Howl. — E não faça Sophie bufar de novo. No humor em que ela se encontra, vai derrubar o castelo da próxima vez.

Embora esse comentário parecesse significar que Howl não estava mais zangado, Sophie descobriu que ela estava ainda mais furiosa. Entrou na loja batendo os pés, e lá ficou zanzando ruidosamente, fechando as portas e arrumando as coisas para o dia seguinte. Depois, foi olhar seus narcisos. Algo de muito errado havia acontecido com eles, que agora eram coisas marrons molhadas, pendendo de um vaso cheio do líquido com o cheiro mais venenoso com que ela já deparara.

— Ah, com os diabos! — gritou Sophie.

— O que é agora? — perguntou Howl, chegando à loja. Ele curvou-se sobre o balde e o cheirou. — Acho que você tem um herbicida bem eficiente aqui. O que acha de experimentá-lo naquelas ervas daninhas na entrada da mansão?

— Vou fazer isso — disse Sophie. — Estou mesmo com vontade de matar algo!

Ela bateu portas pela loja até encontrar um regador, e entrou pisando forte no castelo com o regador e o balde. Escancarou a porta, com o laranja para baixo, saindo na entrada da mansão.

Percival ergueu os olhos, ansioso. Eles lhe haviam dado o violão, assim como se dá um chocalho a uma criança, e ele estava sentado tirando horríveis acordes do instrumento.

— Vá com ela, Percival — disse Howl. — Nesse estado de espírito, ela vai matar todas as árvores também.

Assim, Percival pousou o violão e cuidadosamente tirou o balde da mão de Sophie, que saiu pisando forte naquele dourado fim de tarde de verão no fundo do vale. Todos tinham estado ocupados demais até agora para prestar atenção à mansão. Era muito mais grandiosa do que Sophie julgara. Tinha um terraço coberto de mato e cercado por estátuas, com degraus que levavam à entrada. Quando Sophie olhou para trás — com o pretexto de mandar Percival apressar-se —, viu que a casa era muito grande, com mais estátuas ao longo do telhado e fileiras de janelas. Mas estava abandonada. O mofo verde escorria de todas as janelas, descendo pela parede descascada. Muitas estavam quebradas, e as venezianas que deviam se abrir contra a parede atrás delas estavam cinza, cobertas de bolhas, pendendo de lado.

— Hum! — resmungou Sophie. — Acho que o mínimo que Howl podia fazer é dar um aspecto um pouco mais habitado a este lugar. Mas não! Ele está ocupado demais passeando em Gales. Não fique parado aí, Percival! Coloque um pouco desse troço no regador e venha comigo.

Humildemente, Percival fez o que ela mandou. Não era nada divertido espezinhá-lo. Sophie suspeitava que esse era o motivo por que Howl o mandara com ela. Ela bufou e descarregou a raiva nas ervas daninhas. O que quer que tivesse matado os narcisos era forte. As ervas na entrada morreram assim que o líquido as tocou. O mesmo aconteceu com a grama nas laterais do caminho, até que Sophie se acalmou um pouco.

A noite a acalmou. O ar fresco soprava das colinas distantes e grupos de árvores plantadas nas laterais do caminho farfalhavam majestosamente.

Sophie matou as ervas de um quarto do caminho até o portão.

— Você se lembra muito mais do que diz lembrar — acusou, dirigindo-se a Percival enquanto ele tornava a encher o regador. — O que a Bruxa realmente queria com você? Por que o trouxe com ela à chapelaria naquela vez?

— Ela queria descobrir sobre Howl — disse Percival.

— Howl? — perguntou Sophie. — Mas você não o conhecia, não é?

— Não, mas devia saber de algo. Tinha a ver com a maldição que ela havia lançado sobre ele — explicou Percival —, mas não faço ideia do que era. Eu me sinto mal por causa disso. Eu estava tentando impedi-la de saber, porque uma maldição é algo maligno, e o fiz pensando em Lettie. Ela estava em minha mente. Não sei como a conheci, porque Lettie disse que nunca havia me visto quando fui a Upper Folding. Mas eu sabia tudo sobre ela, o bastante para contar, quando a Bruxa me obrigou, que ela cuidava de uma chapelaria em Market Chipping. Então a Bruxa foi lá para nos dar uma lição. E você estava lá. A Bruxa pensou que você fosse Lettie. Fiquei apavorado, porque não sabia que Lettie tinha uma irmã.

Sophie pegou o regador e derramou generosamente o herbicida, desejando que as ervas daninhas fossem a Bruxa.

— E ela o transformou em cachorro logo depois disso?

— Na saída da cidade — disse Percival. — Assim que lhe dei o que ela queria saber, ela abriu a porta da carruagem e disse: “Dê o fora. Chamo você quando eu precisar.” E eu corri, porque sentia que havia uma espécie de feitiço me seguindo. Pegou-me quando cheguei a uma fazenda, onde as pessoas viram quando me transformei num cachorro. Pensaram que eu fosse um lobisomem e tentaram me matar. Tive de morder um para fugir. Mas não consegui me livrar da vara, e ela enganchou na sebe quando tentei atravessá-la.

Sophie continuou a matar as ervas daninhas por mais uma curva do caminho de entrada, enquanto escutava.

— Depois você foi para a casa da sra. Fairfax?

— Fui. Estava à procura de Lettie. As duas foram muito gentis comigo — disse Percival —, apesar de nunca terem me visto antes. E o Mago Howl sempre fazia visitas para cortejar Lettie. Ela não o queria, e pediu-me que o mordessem para se ver livre dele, até que Howl de repente começou a perguntar a ela sobre você e...

Por pouco Sophie não jogou herbicida em seus sapatos. Como o cascalho estava fumegando onde o herbicida caiu, foi bom que isso não tenha acontecido.

— *O quê?*

— Ele disse: “Conheço uma moça chamada Sophie que se parece um pouco com você.” E Lettie respondeu sem pensar: “É minha irmã” — contou Percival. — E então ficou muitíssimo preocupada, especialmente quando Howl continuou a perguntar sobre a irmã. Lettie disse que teve

vontade de morder a língua. No dia em que você foi lá, ela estava sendo gentil com Howl só para descobrir como ele a conhecia. Howl disse que você era uma mulher idosa. E a sra. Fairfax disse que a tinha visto. Lettie chorou e chorou. E disse: “Algo terrível aconteceu com Sophie! E o pior é que ela vai pensar que está a salvo de Howl. Sophie é boa demais para enxergar como ele é insensível!” E ela estava tão nervosa que consegui me transformar em homem por tempo suficiente para dizer que ia encontrá-la e ficar de olho em você.

Sophie espalhou o herbicida num grande arco fumegante.

— Pobre Lettie! É muita gentileza dela, e eu a adoro por isso. Também fiquei preocupada com ela. Mas eu *não* preciso de um cão de guarda!

— Precisa, sim — opôs-se Percival. — Ou precisava. Cheguei tarde demais.

Sophie girou bruscamente, com herbicida e tudo. Percival teve de pular para a grama e correr para se esconder atrás da árvore mais próxima. A grama morria numa longa faixa marrom enquanto ele corria.

— Malditos sejam todos! — gritou Sophie. — Estou cheia de vocês! — Ela largou o regador fumegante no meio do caminho e se afastou, marchando, no meio das ervas daninhas, em direção ao portão de pedra. — Tarde demais! — murmurava enquanto seguia. — Que bobagem! Howl não é apenas insensível, é *impossível*! Além disso — acrescentou —, eu *sou* uma mulher idosa.

Mas não podia negar que havia algo de errado desde que o castelo animado se mudara, ou mesmo antes disso. E parecia ter a ver com a forma como Sophie parecia tão misteriosamente incapaz de encarar suas irmãs.

— E tudo o que contei ao Rei é *verdade*! — prosseguiu ela.

E ia andar por sete léguas com os próprios pés e nunca mais voltar. Ia mostrar a eles! Quem ligava se a pobre sra. Pentstemmon havia confiado em Sophie para impedir que Howl se voltasse para o mal? Sophie era um fracasso, de qualquer modo. Resultado de ser a mais velha. A sra. Pentstemmon tinha acreditado que Sophie era a querida e velha mãe de Howl. Não tinha? Ou não? Incomodada, Sophie se deu conta de que uma mulher cujo olho treinado podia detectar um feitiço costurado a uma roupa podia decerto detectar ainda mais facilmente a poderosa magia do feitiço da Bruxa.

— Ah, maldito traje cinza e escarlate! — disse Sophie. — Eu me recuso a acreditar que fui a única a ser pega com ele!

O problema era que o traje azul e prata parecia ter funcionado do mesmo jeito. Ela deu mais alguns passos.

— Seja como for — disse, com grande alívio —, Howl não gosta de mim!

Este pensamento reconfortante teria sido suficiente para manter Sophie caminhando a noite inteira, não fosse um repentino e familiar desconforto que tomou conta dela. Seus ouvidos haviam captado um toque-toque-toque distante. Ela tentou enxergar à luz do sol que baixava. E ali, na estrada que serpenteava por trás do portão de pedra, ela viu a distância uma figura de braços abertos, saltando, saltando.

Sophie segurou a saia, fez meia-volta e correu pelo caminho pelo qual viera. Pó e cascalho se levantavam ao seu redor em nuvens. Percival encontrava-se de pé na entrada, desamparado, ao lado do balde e do regador. Sophie o agarrou e o arrastou para trás das árvores mais próximas.

— Alguma coisa errada? — perguntou ele.

— Fique quieto! É aquele maldito espantalho de novo — ofegou Sophie. Então fechou os olhos. — Não estamos aqui — disse ela. — Você não pode nos achar. Vá embora. Vá embora depressa, depressa, depressa!

— Mas por que...? — indagou Percival.

— Cale-se! Aqui não, aqui não, aqui não! — disse Sophie, desesperada. Ela abriu um olho. O espantalho, quase entre as colunas do portão, estava imóvel, oscilando. — Está certo — disse Sophie. — Não estamos aqui. Vá embora depressa. Duas vezes mais depressa, três vezes mais depressa, dez vezes mais depressa. *Vá embora!*

E o espantalho, hesitante, deu meia-volta e começou a pular de volta à estrada. Após os primeiros pulos, passou a avançar em enormes saltos, cada vez mais veloz, exatamente como Sophie havia ordenado. Ela mal respirava, e não largou a manga de Percival até perder o espantalho de vista.

— O que há de errado com ele? — perguntou Percival. — Por que você não o queria?

Sophie estremeceu. Como o espantalho estava pela estrada, ela não ousaria partir agora. Apanhou o regador e começou a voltar para a mansão. Outro ruído chamou sua atenção. Ergueu os olhos para a casa. O som vinha das compridas cortinas brancas que balançavam ao vento numa porta-

janela aberta além das estátuas do terraço. As estátuas eram agora pedras brancas limpas, e ela podia ver cortinas na maioria das janelas, e vidraças também. As venezianas estavam abertas adequadamente ao lado delas, recém-pintadas de branco. Nem uma mancha verde, nem uma bolha sequer marcava o novo gesso cremoso da fachada da casa. A porta da frente era uma obra-prima de tinta preta e arabescos dourados, tendo ao centro, como aldrava, um leão dourado com uma argola na boca.

— Hum! — disse Sophie.

Ela resistiu à tentação de entrar pela janela aberta e explorar. Era o que Howl queria que ela fizesse. Então seguiu direto para a porta da frente, segurou a maçaneta dourada e escancarou a porta com um estrondo. Howl e Michael estavam na bancada, desfazendo apressadamente um encanto. Parte dele devia ter sido para modificar a mansão, mas o restante, como bem sabia Sophie, tinha de ser algum tipo de feitiço de escuta. Quando ela entrou ruidosamente, os dois, nervosos, a olharam. No mesmo instante, Calcifer escondeu-se sob a sua lenha.

— Fique atrás de mim, Michael — disse Howl.

— Abelhudos! — gritou Sophie. — Enxeridos!

— Qual o problema? — disse Howl. — Você quer as venezianas em preto e dourado também?

— Seu cara de pau... — gaguejou Sophie. — Não foi só isso que você escutou! Você... você... Há quanto tempo sabia que eu era... que estou...?

— Sob um feitiço? — perguntou Howl. — Bem...

— Eu contei a ele — disse Michael, olhando, nervoso, por trás de Howl. — A minha Lettie...

— *Você!* — estrilou Sophie.

— A outra Lettie abriu o bico também — Howl apressou-se em dizer. — Você sabe que sim. E a sra. Fairfax falou demais naquele dia. Houve um momento em que parecia que todos estavam me contando. Até Calcifer... quando perguntei a ele. Mas, honestamente, você acha que não conheço minha profissão bem o bastante para identificar um feitiço forte como esse quando vejo? Fiz diversas tentativas de tirá-lo quando você não estava olhando. Mas nada parece funcionar. Levei-a para a sra. Pentstemmon, esperando que ela pudesse fazer algo, mas, evidentemente, ela não pôde. Cheguei à conclusão de que você gosta de andar disfarçada.

— *Disfarçada!* — gritou Sophie.

Howl riu dela.

— Deve ser, pois você mesma está fazendo isso — disse ele. — Que família estranha vocês são. Seu nome é Lettie, também?

Aquilo foi demais para Sophie. Percival aproximou-se nesse instante, nervoso, carregando o balde com herbicida ainda pela metade. Sophie largou o regador, pegou o balde dele e o lançou em Howl, que se abaixou. Michael também desviou-se do balde. O herbicida subiu chiando, numa parede de chamas verdes, do piso ao teto. O balde foi bater na pia, onde as flores restantes morreram instantaneamente.

— Oh! — exclamou Calcifer debaixo da lenha. — Essa foi forte.

Com cuidado, Howl apanhou o crânio debaixo dos restos marrons fumegantes das flores e o secou em uma de suas mangas.

— Óbvio que foi forte — disse ele. — Sophie nunca faz nada pela metade.

O crânio, quando Howl o limpou, ficou brilhante e alvo, e na manga em que ele o esfregou apareceu uma mancha azul e prata desbotada. Howl pousou o crânio na bancada e olhou tristemente para sua manga.

Sophie ainda pensou em sair do castelo novamente, e descer até o portão. Mas havia o espantalho. Então, optou pela cadeira, onde se sentou emburrada. Não vou falar com nenhum deles!, pensou.

— Sophie — disse Howl —, eu fiz o melhor que pude. Você não notou que suas dores e mazelas têm melhorado ultimamente? Ou você gosta de senti-las também?

Sophie não respondeu. Howl desistiu dela e voltou-se para Percival.

— Fico contente de ver que você tem algum cérebro, afinal. Estava preocupado.

— Eu realmente não me lembro de muito — respondeu Percival. Mas parou de se comportar como um imbecil. Pegou o violão e o afinou. Em segundos o som estava muito melhor.

— Minha tristeza revelada — disse Howl, pateticamente. — Nasci um galês sem talento musical. Você contou tudo a Sophie? Ou no fundo sabe o que a Bruxa estava tentando descobrir?

— Ela queria saber sobre Gales — disse Percival.

— Achei que fosse isso — disse Howl, sério. — Pois bem.

Ele desapareceu no banheiro, onde ficou pelas duas horas seguintes. Durante esse tempo, Percival tocou devagar e pensativo diversas canções no violão, como se estivesse ensinando a si próprio como tocar, enquanto Michael engatinhava pelo chão com um pano fumegante, tentando limpar

o herbicida. Sentada na cadeira, Sophie não disse uma palavra sequer. Calcifer continuava a emergir toda hora, a espiá-la e a se meter novamente debaixo dos troncos.

Howl saiu do banheiro com o traje preto reluzente e o cabelo branco lustroso, numa nuvem de vapor cheirando a genciana.

— Talvez eu volte bem tarde — disse ele a Michael. — O solstício de verão começa após a meia-noite, e a Bruxa pode tentar algo. Então, mantenha as defesas a postos e, por favor, lembre-se de tudo que falei.

— Tudo bem — disse Michael, colocando na pia o que sobrou do pano fumegante.

Howl virou-se para Percival.

— Acho que sei o que aconteceu com você. Vai dar trabalho resolver, mas vou fazer uma tentativa amanhã quando eu voltar.

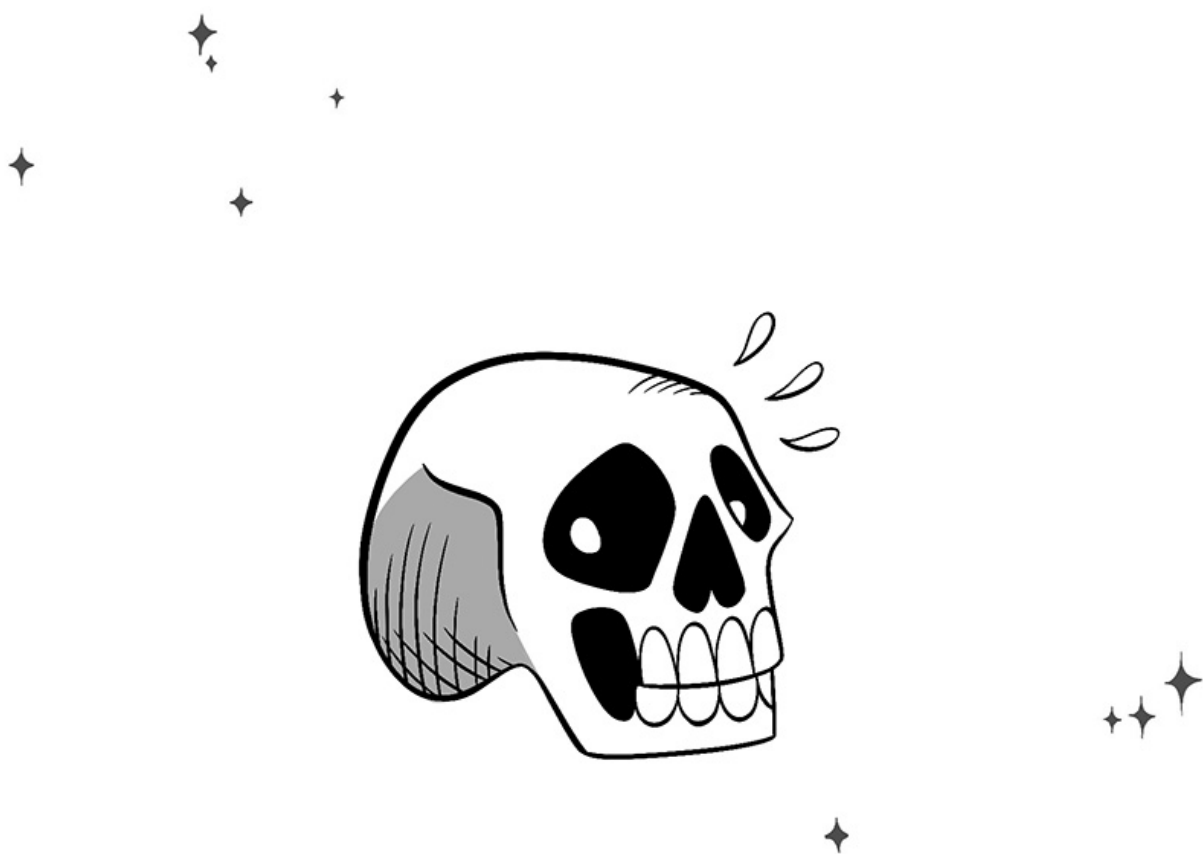
Howl encaminhou-se para a porta e parou com a mão na maçaneta.

— Sophie, você vai continuar sem falar comigo? — perguntou, infeliz.

Sophie sabia que Howl poderia parecer infeliz no paraíso se lhe fosse conveniente. E ele acabara de usá-la para obter informações de Percival.

— Não! — rosnou ela.

Ele suspirou e saiu. Sophie ergueu os olhos e viu que a maçaneta tinha a cor preta virada para baixo. Chega!, pensou ela. Não dou a mínima se amanhã é o solstício de verão! Eu vou embora.



CAPÍTULO VINTE

No qual Sophie encontra outras dificuldades em deixar o castelo

O dia do solstício de verão amanheceu. Mais ou menos no mesmo instante, Howl atravessou a porta com tal estrondo que Sophie se fechou em seu cubículo, convencida de que a Bruxa estava em seus calcanhares.

— Eles se importam tanto comigo que sempre jogam sem mim! — bradou Howl.

Sophie se deu conta de que ele estava apenas tentando cantar a canção da caçarola de Calcifer e voltou a se deitar. No mesmo instante, Howl caiu sobre a cadeira e prendeu o pé no banquinho, fazendo-o voar pela sala. Em seguida, tentou subir ao andar de cima pelo armário de vassouras, e depois pelo quintal. Isso o deixou um tanto confuso, mas, finalmente, ele descobriu os degraus, com exceção do primeiro, e desabou na escada, de cara. O castelo todo tremeu.

— O que aconteceu? — perguntou Sophie.

— Reunião do Clube de Rúgbi — respondeu Howl, com dignidade. — Não sabia que eu costumava voar nos jogos pela minha universidade, não é, sra. Bisbilhoteira?

— Se estava tentando voar, deve ter esquecido como se faz — disse Sophie.

— Eu nasci para ter visões estranhas — retrucou Howl —, coisas que são invisíveis ao olhar, e estava a caminho da minha cama quando você me interrompeu. Sei onde estão todos os anos precedentes e de quem era a matriz da fenda no pé do Diabo.

— Vá para a cama, seu tolo — disse Calcifer, sonolento. — Você está bêbado.

— Quem? Eu? — disse Howl. — Garanto a vocês, meus amigos, que estou sotalmente tóbrio.

Ele se ergueu e subiu a escada, vacilando, apoiando-se na parede, como se pensasse que ela fugiria dele se não mantivesse o contato. A porta do quarto esquivou-se dele.

— Que mentira! — disse Howl enquanto ia de encontro à parede. — Minha ilustre desonestidade será a minha salvação.

Ele tentou entrar pela parede diversas vezes, em diversos lugares diferentes, antes de descobrir a porta do quarto e entrar intempestivamente. Sophie o ouviu cair e dizer que a cama estava fugindo dele.

— Ele é impossível! — exclamou Sophie, e decidiu ir embora nesse momento.

Infelizmente, o barulho que Howl fez acordou Michael e Percival, que dormia no chão do quarto de Michael. Este desceu dizendo que, já que estavam todos despertos, podiam muito bem sair e colher as flores para as guirlandas do solstício de verão enquanto o dia ainda estava fresco. Sophie não lamentou ir ao local das flores uma última vez. Havia uma névoa morna e esbranquiçada, cheia de aromas e cores semiocultas. Sophie acompanhou-os testando a terra fofa com a bengala, escutando os trinados e chilreios dos milhares de pássaros e sentindo-se realmente triste. Acariciou um lírio acetinado e úmido, e tocou com o dedo uma das ásperas flores púrpura com estames longos e cobertos de pó. Olhou para trás, para o castelo alto e preto que se erguia da névoa atrás deles, e suspirou.

— Ele melhorou isso muito — comentou Percival enquanto arrumava uma braçada de hibiscos no balde flutuante de Michael.

— Quem? — perguntou Michael.

— Howl — respondeu Percival. — Antes, havia apenas alguns arbustos, e eram bem pequenos e secos.

— Você se lembra de ter estado aqui antes? — indagou Michael, animado. Ele não havia desistido da ideia de que Percival podia ser o Príncipe Justin.

— Acho que estive aqui com a Bruxa — disse Percival, em dúvida.

Colheram dois baldes de flores. Sophie percebeu que, quando entraram da segunda vez, Michael virou a maçaneta da porta diversas vezes. Aquilo devia ter algo a ver com manter a Bruxa do lado de fora. Depois ainda havia as guirlandas do solstício para fazer, tarefa que demorou muito. Sophie tinha pensado em deixar que Michael e Percival fizessem isso, mas Michael estava ocupado demais fazendo perguntas astutas a Percival, que era lento demais no trabalho. Sophie sabia o que estava deixando Michael animado. *Havia* uma atitude diferente em Percival, como se ele esperasse que algo acontecesse logo. Isso fazia Sophie se perguntar o quanto ele ainda estaria sob o poder da Bruxa. Coube a ela fazer a maioria das guirlandas. Quaisquer pensamentos que pudesse ter tido sobre ficar e ajudar Howl contra a Bruxa desapareceram. Howl, que poderia ter feito todas as guirlandas só com um aceno de mão, roncava agora tão alto que ela podia ouvi-lo da loja.

Levaram tanto tempo fazendo as guirlandas que na hora de abrir a loja ainda não haviam terminado. Michael trouxe-lhes pão e mel, e comeram enquanto atendiam o primeiro e intenso fluxo de clientes. Embora o

solstício de verão, como costuma acontecer com os feriados, era um dia cinzento e frio em Market Chipping, metade da cidade, todos vestidos com suas melhores roupas, foi comprar flores e guirlandas para o festival. Havia a costumeira multidão acotovelando-se nas ruas. Tantas pessoas foram à loja que somente perto do meio-dia Sophie pôde subir as escadas finalmente e atravessar o armário das vassouras. Eles tinham ganhado tanto dinheiro, pensou Sophie, enquanto ia de um lado para o outro, embrulhando um pouco de comida e suas velhas roupas numa trouxa, que o cofre que Michael mantinha sob a lareira seria multiplicado por dez.

— Veio falar comigo? — perguntou Calcifer.

— Daqui a pouco — respondeu Sophie, cruzando o aposento com a trouxa escondida atrás das costas. Não queria que Calcifer levantasse objeções por causa daquele contrato.

Ela estendeu a mão para soltar a bengala da cadeira, e alguém bateu à porta. Sophie deteve-se, a mão esticada, olhando inquisitivamente para Calcifer.

— É a porta da mansão — disse Calcifer. — Carne e osso, e inofensivo.

A batida soou novamente. Isso sempre acontece quando tento sair!, pensou Sophie. Girou a maçaneta com o laranja para baixo e abriu a porta.

Havia uma carruagem na entrada, além das estátuas, puxada por um par de bons cavalos. Sophie podia vê-la por trás do contorno do enorme criado que havia batido à porta.

— A sra. Sacheverell Smith veio visitar os novos ocupantes — disse o criado.

Que esquisito!, pensou Sophie. Era o resultado da pintura e das cortinas novas de Howl.

— Não estamos... — começou Sophie. Mas a sra. Sacheverell Smith afastou o criado para o lado e entrou.

— Espere na carruagem, Theobald — ordenou ela, ao passar flutuando por Sophie, fechando a sombrinha.

Ali estava Fanny — parecendo extremamente próspera em seda creme. Usava um chapéu também de seda creme bordado com rosas, do qual Sophie se recordava muito bem. E lembrava o que tinha dito àquele chapéu enquanto fazia seu acabamento: “Você vai ter de se casar por dinheiro.” E, pela aparência de Fanny, parecia que ela assim fizera.

— Oh, Deus! — disse Fanny, olhando ao redor. — Deve haver algum engano. Estes são os aposentos dos serviçais!

— Bom... hã... ainda não nos mudamos de fato, madame — disse Sophie, e imaginou o que Fanny acharia se soubesse que a velha chapelaria ficava bem atrás do armário de vassouras.

Fanny virou-se e olhou boquiaberta para Sophie.

— *Sophie!* — exclamou. — Oh, graças a Deus, menina, o que houve? Você parece ter 90 anos! Está doente?

E, para a surpresa de Sophie, Fanny deixou o chapéu, a sombrinha e toda a pose de lado, abraçou Sophie e começou a chorar.

— Ah, eu não sabia *o que* tinha acontecido com você! — soluçou. — Procurei Martha e mandei recado para Lettie, e nem uma nem outra sabia. Elas trocaram de lugar, as tolas, você sabia? Mas ninguém sabia nada sobre você! Ofereci uma recompensa. E eis você aqui, trabalhando como empregada, quando poderia estar vivendo no luxo, no alto da colina, comigo e o sr. Smith!

Sophie percebeu que estava chorando também. Rapidamente, ela pousou a trouxa e conduziu Fanny à cadeira. Puxou o banquinho e sentou-se ao lado de Fanny, segurando-lhe a mão. A essa altura estavam ambas rindo e chorando ao mesmo tempo. Estavam felicíssimas por se reverem.

— É uma longa história — disse Sophie depois de Fanny perguntar-lhe seis vezes o que se passara com ela. — Quando me olhei no espelho e me vi assim, foi um choque tão grande que eu quis fugir...

— Excesso de trabalho! — disse Fanny, infeliz. — Como me culpei!

— Na verdade, não — retrucou Sophie. — E não se preocupe, o Mago Howl me acolheu...

— O Mago Howl! — exclamou Fanny. — Aquele homem diabólico! *Ele* fez isso com você? Onde está ele? Deixe-o comigo!

Ela agarrou a sombrinha e sua atitude tornou-se tão beligerante que Sophie teve de segurá-la. Sophie nem queria imaginar como Howl reagiria se Fanny o acordasse batendo nele com a sombrinha.

— Não, não! — disse ela. — Howl tem sido muito bom para mim.

E era verdade, Sophie se deu conta. Howl mostrava sua bondade de maneira um tanto estranha, mas, considerando tudo o que Sophie havia feito para aborrecê-lo, ele tinha sido muito bondoso com ela realmente.

— Mas dizem que ele devora as mulheres vivas! — disse Fanny, ainda lutando para levantar-se.

Sophie segurou a agitada sombrinha.

— Não é verdade — reagiu ela. — Ouça. Ele nada tem de diabólico! — Nisso, um som sibilante veio da lareira, de onde Calcifer observava com interesse. — Nada mesmo! — disse Sophie, tanto para Fanny como para Calcifer. — O tempo todo em que estive aqui, nunca o vi preparar um só feitiço maligno.

O que também era verdade, ela sabia.

— Então tenho de acreditar em você — disse Fanny, relaxando —, embora esteja certa de que, se ele está regenerado, é obra sua. Você sempre teve um jeito especial, Sophie. Conseguia dominar as pirraças de Martha quando eu me via totalmente sem ação. E eu sempre disse que era graças a você que Lettie fazia o que queria apenas *metade* do tempo, em vez de o tempo *todo*! Mas você devia ter me contado onde estava, minha querida!

Sophie sabia que sim. Ela aceitara sem questionar a opinião de Martha sobre Fanny, quando devia conhecê-la melhor. Sentiu-se envergonhada.

Fanny mal podia esperar para contar a Sophie sobre o sr. Sacheverell Smith. Lançou-se num longo e entusiasmado relato sobre como o conhecera na mesma semana em que Sophie partira, e que se casara com ele antes que a semana chegasse ao fim. Sophie a observava enquanto ela falava. O fato de estar velha dava-lhe uma visão inteiramente diferente de Fanny. Ela era uma mulher ainda jovem e bonita e, tanto quanto Sophie, tinha achado a chapalaria entediante. Mas ficara lá e dera o melhor de si, não só na loja, mas também em relação às três meninas, até a morte do sr. Hatter. Então, de repente teve medo de ficar exatamente como Sophie: velha, sem razão para viver, sem nenhuma perspectiva.

— E então, sem você por lá para que eu a deixasse para você, parecia não haver razão para não vender a loja — Fanny ia dizendo, quando ouviram ruídos de pés vindo do armário de vassouras.

Michael entrou, anunciando:

— Fechamos a loja. E olhe só quem está aqui!

Ele segurava a mão de Martha, que estava mais magra e mais bonita, e quase se parecia com ela mesma de novo. Ela se soltou de Michael e correu para Sophie, abraçando-a e gritando.

— Sophie, você deveria ter me contado!

Depois, jogou-se nos braços de Fanny, como se nunca tivesse dito todas aquelas coisas sobre ela.

Mas isso não foi tudo. Lettie e a sra. Fairfax entraram pelo armário em seguida, carregando um cesto grande entre elas, e logo atrás veio Percival, que parecia mais animado do que Sophie jamais o vira.

— Viemos na primeira luz da manhã — disse a sra. Fairfax — e trouxemos... Minha nossa! É Fanny!

Ela largou seu lado do cesto e correu para abraçar Fanny. Lettie também largou o seu lado e correu para abraçar Sophie.

Na verdade, foram tantos abraços, exclamações e gritinhos que Sophie se admirou de Howl não acordar. Mas, mesmo em meio à balbúrdia, ela podia ouvi-lo roncar. Tenho de ir embora esta noite, pensou. Estava contente demais por rever todos para cogitar de partir antes.

Lettie era muito afetuosa com Percival. Enquanto Michael carregava a cesta para a bancada e desembulhava frangos, vinhos e pudins de mel, Lettie pendurou-se no braço de Percival com um ar de dona que Sophie não aprovava muito, fazendo-o contar-lhe tudo de que se lembrava. Percival não parecia se importar. Lettie estava tão bonita que Sophie não o culpava.

— Ele simplesmente chegou e começou a se transformar em homem e depois em diferentes cães, insistindo que me conhecia — contou Lettie a Sophie. — Sabia que jamais o vira, mas não importava.

Ela dava tapinhas no ombro de Percival como se ele ainda fosse um cachorro.

— Mas você conheceu o Príncipe Justin? — perguntou Sophie.

— Ah, sim — respondeu Lettie, sem pensar. — Quer dizer, ele estava disfarçado num uniforme verde, mas evidente que era ele. Tão educado e refinado, mesmo quando se aborreceu com os feitiços de busca. Tive de fazer dois lotes para ele, porque continuavam a mostrar que o Mago Suliman estava em algum ponto entre nós e Market Chipping, e ele jurou que não podia ser verdade. E durante todo o tempo ele insistia em me interromper, chamando-me de “doçura” de um jeito meio sarcástico, e me perguntando quem eu era, onde minha família morava e quantos anos eu tinha. Achei aquilo um atrevimento! Era melhor ficar com o Mago Howl, e afirmar isso não é pouco!

Àquela altura estavam todos andando de um lado para o outro, comendo frango e bebericando vinho. Calcifer estava tímido. Ele se reduzira a fagulhas verdes e ninguém parecia notá-lo. Sophie queria que ele conhecesse Lettie. Ela tentou convencê-lo a sair.

— Esse é mesmo o demônio responsável pela vida de Howl? — perguntou Lettie, baixando os olhos para as fagulhas verdes, um tanto incrédula.

Sophie ergueu os olhos para assegurar Lettie de que Calcifer era real e viu a srta. Angorian de pé na porta, parecendo tímida e insegura.

— Ah, queiram me desculpar. Vim em má hora, não? — disse ela. — Só queria falar com Howell.

Sophie levantou-se, sem saber direito o que fazer. Estava envergonhada da maneira como expulsara a srta. Angorian da última vez. Foi só porque sabia que Howl a estava cortejando. Por outro lado, isso não significava que tinha de gostar dela.

Michael resolveu o problema para Sophie, cumprimentando a srta. Angorian com um sorriso radiante e uma exclamação de boas-vindas.

— Howl está dormindo no momento — disse. — Venha tomar um copo de vinho enquanto espera.

— Que gentil — disse a srta. Angorian.

Mas era nítido que ela não estava feliz. Recusou o vinho e começou a andar de um lado para o outro com nervosismo, mordiscando uma coxa de frango. O lugar estava cheio de pessoas que se conheciam bem, enquanto ela era a intrusa. Fanny não ajudou, desviando-se da conversa ininterrupta com a sra. Fairfax e dizendo:

— Que roupas esquisitas!

Martha também não colaborou. Ela vira com que admiração Michael cumprimentara a srta. Angorian e tratou de providenciar para que ele não conversasse com ninguém além dela e Sophie. Lettie, por sua vez, ignorou a srta. Angorian e foi sentar-se nos degraus com Percival.

A srta. Angorian pareceu concluir depressa que já era o bastante. Sophie a viu à porta, tentando abri-la. Correu até ela, sentindo-se muito culpada. Afinal, a srta. Angorian devia gostar muito de Howl para ter ido até lá.

— Por favor, não vá embora ainda — pediu Sophie. — Vou acordar Howl.

— Ah, não, não faça isso — disse a srta. Angorian, com um sorriso nervoso. — Tirei o dia de folga, e não me incomodo de esperar. Pensei em passear um pouco lá fora. Está abafado aqui, com aquele fogo verde engraçado queimando.

Essa pareceu a Sophie uma maneira perfeita de se livrar da srta. Angorian sem de fato se livrar dela. Educadamente ela lhe abriu a porta. De algum modo — talvez tivesse a ver com as defesas que Howl dissera a Michael para manter —, a maçaneta havia girado e tinha o roxo voltado para baixo. Lá fora, o sol brilhava em meio à névoa, sobre as encostas cobertas de flores púrpura e vermelhas.

— Que rododendros maravilhosos! — exclamou a srta. Angorian com sua voz rouca e trêmula. — *Preciso vê-las de perto!*

E desceu, impaciente, para a grama pantanosa.

— Não vá para sudeste — gritou-lhe Sophie.

O castelo se movia lateralmente. A srta. Angorian enterrou o rosto bonito num buquê de flores brancas.

— Não irei longe — garantiu.

— Santo Deus! — exclamou Fanny, chegando por trás de Sophie. — O que aconteceu com minha carruagem?

Sophie explicou, até onde pôde. Mas Fanny estava tão preocupada que Sophie teve de virar a maçaneta com o laranja para baixo e abri-la para mostrar a entrada da mansão num dia muito mais cinzento, onde o criado e o cocheiro de Fanny estavam sentados no alto da carruagem, comendo linguiça fria e jogando cartas. Só então Fanny acreditou que sua carruagem não havia desaparecido por encanto. Sophie estava tentando explicar, sem que ela mesma soubesse, como uma só porta podia se abrir para diversos lugares, quando Calcifer ergueu-se de entre as achas de lenha, rugindo.

— Howl! — rosnou ele, enchendo a chaminé com chamas azuis. — *Howl!* Howell Jenkins, a Bruxa encontrou a família de sua irmã!

Ouviram-se duas pancadas violentas acima deles. A porta do quarto de Howl bateu e ele desceu chispando. Lettie e Percival foram empurrados para fora de seu caminho. Fanny deu um grito abafado ao vê-lo. O cabelo de Howl parecia um monte de feno e havia círculos vermelhos em torno de seus olhos.

— Ela me pegou no meu lado mais fraco, a desgraçada! — gritou ele, ao atravessar a sala como um raio, as mangas negras esvoaçando. — Era o que eu temia! Obrigado, Calcifer!

Ele empurrou Fanny para o lado e abriu a porta violentamente.

Sophie ouviu a porta bater atrás de Howl enquanto ela subia mancando ao andar de cima. Sabia que era indiscrição, mas tinha de ver o que acontecia. Ao entrar no quarto de Howl, ouviu que todos a seguiam.

— Que quarto imundo! — exclamou Fanny.

Sophie olhou pela janela. Caía uma garoa no jardim bem-cuidado. As gotas pendiam do balanço. A tremulante cabeleira vermelha da Bruxa estava coberta pela garoa. Ela se encontrava parada, encostada no balanço, alta e soberana em suas vestes vermelhas, fazendo sinal para alguém se aproximar. A sobrinha de Howl, Mari, atravessava a relva molhada em direção à Bruxa. Não parecia querer ir, mas pelo jeito não tinha escolha. Atrás dela, o sobrinho de Howl, Neil, arrastava os pés em direção à Bruxa ainda mais devagar, fitando-a com a expressão mais feroz. E a irmã de Howl, Megan, vinha atrás das duas crianças. Sophie podia ver Megan gesticular com os braços e abrir e fechar a boca. Ela obviamente estava dizendo poucas e boas à Bruxa, mas também ia sendo arrastada para ela.

Howl apareceu no gramado. Ele não mudara de roupa. Também não fez mágica nenhuma. Simplesmente partiu para cima da Bruxa, que tentou agarrar Mari. Mas a menina ainda estava muito longe dela. Howl alcançou Mari primeiro, postou-se na frente dela e atacou. E a Bruxa correu. Correu, como um gato perseguido por um cão, através do gramado e por cima da cerca, numa profusão de roupas coloridas como chamas, com Howl, como o cão perseguidor, a poucos centímetros de distância e chegando mais perto. A Bruxa desapareceu do outro lado da cerca numa mancha vermelha. Howl foi atrás dela num borrão preto com mangas esvoaçantes. E então a cerca escondeu ambos da vista.

— Espero que ele a pegue — disse Martha. — A garotinha está chorando.

Lá embaixo, Megan pôs o braço ao redor de Mari e levou as duas crianças para dentro de casa. Ninguém sabia o que havia acontecido a Howl e à Bruxa. Lettie e Percival e Martha e Michael desceram novamente. Fanny e a sra. Fairfax estavam perplexas com o estado de sujeira do quarto de Howl.

— Veja aquelas aranhas! — disse a sra. Fairfax.

— E o pó nestas cortinas! — apontou Fanny. — Annabel, vi umas vassouras naquela passagem que você usou.

— Vamos buscá-las — disse a sra. Fairfax. — Vou prender o vestido para você, Fanny, e mãos à obra. Não suporto que um quarto fique nesse estado!

Ah, pobre Howl!, pensou Sophie. Ele adora essas aranhas! Ela parou na escada, imaginando como poderia impedir Fanny e a sra. Fairfax.

Do andar de baixo, Michael chamou:

— Sophie! Vamos dar uma olhada na mansão. Quer vir conosco?

Aquilo pareceu a solução ideal para deter as duas mulheres. Sophie chamou Fanny e desceu mancando a escada, apressada. Lettie e Percival já estavam abrindo a porta. Lettie não escutara a explicação que Sophie dera a Fanny. E era evidente que Percival também não entendera. Sophie viu que eles estavam abrindo a porta com o roxo para baixo por engano. Eles a abriram quando Sophie atravessava a sala para mostrar-lhes o certo.

O espantalho surgiu na soleira, emoldurado pelas flores.

— *Feche* a porta! — gritou Sophie.

Ela entendeu o que tinha acontecido. Na verdade, na noite anterior, havia ajudado o espantalho, dizendo-lhe que fosse dez vezes mais rápido. Ele simplesmente correria para a entrada do castelo e tentara entrar. Mas a srta. Angorian estava lá fora. Sophie imaginou se ela não estaria desmaiada entre os arbustos.

— Ah, essa não — disse, sem forças.

Mas ninguém estava prestando atenção nela. O rosto de Lettie estava da cor do vestido de Fanny, e ela se agarrava a Martha. Percival se achava de pé, com o olhar fixo, e Michael tentava pegar o crânio, que batia os dentes com tanta força que estava por cair da bancada, levando com ele uma garrafa de vinho. E o crânio parecia exercer um estranho efeito no violão também. Seus acordes soavam longos e murmurantes: Noumm Harrummm! Noumm Harrummm!

Calcifer chamejou pela chaminé novamente.

— A coisa está falando — disse ele a Sophie. — Está dizendo que não quer fazer mal a ninguém. Acho que diz a verdade. Está esperando sua permissão para entrar.

De fato o espantalho só estava ali parado. Não tentava forçar sua entrada como antes. E Calcifer deve ter confiado nele, pois havia parado o movimento do castelo. Sophie olhou para o rosto de nabo e para os trapos que tremulavam. Não era tão assustador, afinal. Ela já tivera simpatia por ele. Na verdade, suspeitava de que o tinha transformado numa desculpa conveniente para não deixar o castelo, porque queria mesmo era ficar. Agora não fazia mais sentido. Sophie tinha de partir de qualquer jeito: Howl preferia a srta. Angorian.

— Entre, por favor — disse ela, um pouco rouca.

— Ahmmnng! — disse o violão.

O espantalho entrou na sala com um poderoso salto de lado. Ficou oscilando sobre a única perna, como se procurasse algo. O aroma de flores que ele trouxera não ocultava seu próprio cheiro de sujeira e nabo estragado.

O crânio começou a bater os dentes novamente sob os dedos de Michael. O espantalho rodopiou, feliz, e caiu para o lado dele. Michael fez uma tentativa de resgatar o crânio e depois saiu depressa da frente. Pois, quando o espantalho caiu sobre a bancada, houve o abalo sibilante de uma poderosa magia e o crânio fundiu-se com a cabeça de nabo do espantalho. Pareceu entrar no nabo e preenchê-lo. Havia agora uma forte sugestão de um rosto anguloso no nabo. O problema era que estava voltado para as costas do espantalho. Ele se sacudiu, pulou meio vacilante e então rodou rapidamente o corpo, de modo que a frente ficou sob o rosto de nabo. Lentamente, o espantalho relaxou os braços esticados ao lado do corpo.

— Agora posso falar — disse, numa voz meio pastosa.

— Acho que vou desmaiar — anunciou Fanny, na escada.

— Bobagem — retrucou a sra. Fairfax, atrás de Fanny. — A coisa não passa do Golem de um mágico. Ele tem de fazer o que lhe foi ordenado. São inofensivos.

Lettie, apesar de tudo, parecia prestes a perder os sentidos. Mas a única pessoa a desmaiar de fato foi Percival, que desabou no chão, silenciosamente, e ficou deitado, enroscado como se estivesse adormecido. Lettie, apesar de apavorada, correu para ele, mas recuou quando o espantalho deu outro pulo e parou diante de Percival.

— Esta é uma das peças que me mandaram encontrar — disse ele em sua voz pastosa. Balançou-se sobre a perna até ficar de frente para Sophie. — Preciso lhe agradecer — disse. — Meu crânio estava longe e fiquei sem forças antes de conseguir alcançá-lo. Eu teria ficado naquela sebe para sempre se você não tivesse vindo e me dado um sopro de vida.

Ele rodopiou até a sra. Fairfax e depois até Lettie.

— Agradeço a vocês duas também — disse ele.

— Quem mandou você? O que você foi instruído a fazer? — indagou Sophie.

O espantalho balançou-se, hesitante.

— Mais do que isto — disse. — Ainda há peças faltando.

Todos esperaram, a maioria chocada demais para falar, enquanto o espantalho rodopiava de um lado para o outro, parecendo pensar.

— Percival é uma peça do quê? — perguntou Sophie.

— Deixe que ele se recomponha — disse Calcifer. — Ninguém nunca lhe pediu que se explicasse ant...

Ele parou de falar de repente e encolheu-se até virar uma pequenina chama verde. Michael e Sophie trocaram olhares alarmados.

Então uma nova voz falou, vinda do nada. Era amplificada e abafada, como se falasse de dentro de uma caixa, mas era inconfundivelmente a voz da Bruxa.

— Michael Fisher — disse a voz —, diga a seu mestre, Howl, que ele caiu na minha armadilha. Agora tenho em meu poder a mulher chamada Lily Angorian, na minha fortaleza nas Terras Desoladas. Diga a ele que só a libertarei se ele vier pessoalmente buscá-la. Entendeu, Michael Fisher?

O espantalho rodopiou e saltou em direção à porta aberta.

— Ah, não! — gritou Michael. — Pare! A Bruxa deve tê-lo mandado para poder entrar aqui!



CAPÍTULO VINTE E UM

No qual um contrato é rescindido diante de testemunhas

A maioria dos presentes correu atrás do espantalho. Sophie correu para o outro lado, atravessou o armário de vassouras e chegou ao interior da loja, pegando sua bengala no caminho.

— É minha culpa! — murmurou. — Tudo o que eu faço dá errado! Eu poderia ter mantido a srta. Angorian aqui dentro. Só precisava falar com ela educadamente, coitadinha! Howl pode ter me perdoado muitas vezes, mas esta ele não vai me perdoar tão cedo!

Na loja de flores, ela puxou as botas de sete léguas da vitrine e as esvaziou, espalhando hibiscos, rosas e água pelo chão. Destrancou a porta da loja e arrastou as botas molhadas até a calçada cheia de gente.

— Com licença — disse a vários sapatos e mangas esvoaçantes que passavam no caminho dela.

Olhou para o sol, que não era fácil de achar no céu nublado e cinzento.

— Vejamos. Sudeste. Para lá. Com licença, com licença — disse, abrindo um pequeno espaço para as botas em meio àqueles que aproveitavam o feriado. Colocou as botas no chão, viradas para o lugar certo. Então, calçou-as e começou a andar.

Zip-zip, zip-zip, zip-zip, zip-zip, zip-zip, zip-zip, zip-zip. Foi rápido assim, e o borrão era ainda mais indistinto e extenuante com as duas botas do que com uma. Sophie teve vislumbres, entre longos passos duplos: da mansão no fim do vale, cintilando entre as árvores, com a carruagem de Fanny na porta; de samambaias numa colina; de um pequeno rio correndo para um vale verde; do mesmo rio deslizando num vale mais largo; do mesmo vale tão amplo que parecia infinito e azul a distância, e de uma torre longínqua, tão, tão distante que poderia ser Kingsbury; da planície estreitando-se em direção às montanhas novamente; de uma montanha cuja vertente era tão íngreme sob a bota que ela tropeçou, apesar da bengala, o que a levou para a beira de um profundo precipício, repleto de uma névoa azul, com as copas das árvores bem abaixo, obrigando-a a dar outro passo largo ou cair.

E assim Sophie foi parar numa areia amarela e grossa. Apanhou a bengala e olhou cautelosamente à sua volta. Para trás, à sua direita, a alguns quilômetros de distância, uma neblina branca quase escondia as montanhas que ela acabara de transpor zunindo. Abaixo da neblina havia uma faixa verde-escura. Sophie assentiu. Embora não pudesse ver o castelo animado de tão longe, tinha certeza de que a névoa marcava o local das flores. Deu outro passo cauteloso. Zip. Estava assustadoramente

quente. A areia cor de argila amarelada estendia-se em todas as direções agora, brilhando no calor. Pedras se espalhavam de forma desordenada. As únicas coisas que cresciam ali eram ocasionais arbustos cinzentos e tristonhos. As montanhas pareciam nuvens surgindo no horizonte.

— Se estas são as Terras Desoladas — disse Sophie, o suor escorrendo em todas as suas rugas —, tenho pena da Bruxa por ter de viver aqui.

Deu outro passo. O vento que provocou não a refrescou. As pedras e arbustos eram os mesmos, mas a areia estava mais cinza, e as montanhas pareciam ter encolhido no céu. Sophie fitou o brilho trêmulo e cinzento adiante, onde achou que podia ver algo mais alto do que as pedras. Deu mais um passo.

Agora estava um forno. Mas havia uma pilha de formato peculiar a cerca de meio quilômetro, erguendo-se numa ligeira elevação do terreno pedregoso. Era uma forma fantástica com pequenas torres retorcidas, subindo até uma torre principal ligeiramente torta, como um velho dedo nodoso. Sophie tirou as botas. Estava quente demais para carregar algo tão pesado, então seguiu caminhando com esforço a fim de investigar, levando apenas a bengala.

A construção parecia feita da areia amarelo-cinza das Terras Desoladas. Primeiro, Sophie se perguntou se poderia ser algum estranho tipo de formigueiro. Mas, ao se aproximar, pôde ver que era como se milhares de vasos de plantas tivessem sido fundidos numa pilha afunilada. Ela sorriu. Muitas vezes o castelo animado lhe parecera o interior de uma chaminé. Mas aquela construção, sim, era realmente uma coleção de cúpulas de chaminé. Tinha de ser o trabalho de um demônio do fogo.

Quando Sophie ofegava ladeira acima, de repente soube que se tratava da fortaleza da Bruxa. Duas pequenas figuras cor de laranja saíram de uma área escura no fundo e se postaram à sua espera. Sophie reconheceu os dois pajens da Bruxa. Apesar de acalorada e arfante, tentou falar com eles educadamente, a fim de mostrar que nada tinha contra eles.

— Boa tarde — cumprimentou.

Eles só lhe dirigiram olhares carrancudos. Um deles curvou-se e levantou a mão, apontando na direção da escura arcada deformada entre as tortas colunas de cúpulas de chaminé. Sophie deu de ombros e o acompanhou. O outro pajem caminhava atrás dela. E, evidentemente, a entrada desapareceu assim que ela a atravessou. Sophie deu de ombros novamente. Resolveria esse problema quando voltasse.

Arrumou o xale de renda, alisou as saias enlameadas e seguiu em frente. Era um pouco como passar pela porta do castelo quando o preto da maçaneta estava voltado para baixo. Houve um momento de vazio e depois uma luminosidade turva. A luz vinha de chamas amarelo-esverdeadas que queimavam e tremulavam por toda parte, mas de um modo sombrio que não produzia calor e muito pouca luz. Quando Sophie olhava para elas, as chamas nunca estavam no lugar para onde ela olhava, sempre para o lado. Mas assim era a magia. Sophie deu de ombros mais uma vez e seguiu o pajem por ali e acolá, entre pilastras esguias do mesmo tipo de cúpulas de chaminé que o restante do lugar.

Por fim, os pajens guiaram-na até uma espécie de sala central. Ou talvez fosse apenas um espaço entre pilastras. Sophie ficou confusa. A fortaleza parecia enorme, embora ela suspeitasse de que fosse uma ilusão, assim como o castelo. A Bruxa a aguardava de pé. Novamente, era difícil dizer como Sophie sabia — mas não podia ser ninguém mais. A Bruxa estava imensamente alta e magra agora, e tinha o cabelo claro preso numa trança que lhe caía sobre um ombro ossudo. Usava um vestido branco. Quando Sophie encaminhou-se diretamente para ela, brandindo a bengala, a Bruxa recuou.

— Não me ameace! — disse a Bruxa, parecendo fraca e cansada.

— Então me devolva a srta. Angorian e não será — disse Sophie. — Vou pegá-la e partir.

A Bruxa recuou ainda mais, gesticulando com as mãos. E os dois pajens derreteram, formando bolhas laranja grudentas, que se ergueram no ar e voaram na direção de Sophie.

— Eca! Saiam! — gritou Sophie, golpeando-os com a bengala.

As bolhas laranja pareciam não se importar. Elas se desviavam, ziguezagueavam no ar e depois partiam atrás de Sophie.

Ela estava justamente pensando que levaria a melhor sobre elas quando se viu grudada por elas a uma pilastra. Uma substância laranja pegajosa segurou-a pelos tornozelos quando ela tentou se mover e puxou seu cabelo dolorosamente.

— Eu quase prefiro o limo verde! — disse Sophie. — Espero que eles não sejam meninos de verdade.

— Apenas emanções — disse a Bruxa.

— Solte-me.

— Não.

A Bruxa deu-lhe as costas e pareceu perder completamente o interesse nela.

Sophie começou a temer que, como sempre, tivesse estragado tudo. A coisa pegajosa parecia ficar mais dura a cada segundo. Quando tentou se mexer, aquilo a empurrou de volta na pilastra de barro.

— Onde está a srta. Angorian?

— Você não vai encontrá-la — disse a Bruxa. — Vamos esperar que Howl venha.

— Ele não virá — retrucou Sophie. — Ele é mais sensato. E sua praga não pegou.

— Vai pegar — disse a Bruxa, sorrindo levemente. — Agora que você caiu no nosso ardil e veio até aqui. Ao menos uma vez Howl terá de ser honesto.

Ela fez outro gesto, dessa vez na direção das chamas escuras, e uma espécie de trono surgiu entre duas pilastras, deslocando-se até parar adiante da Bruxa. Havia um homem sentado nele, usando um uniforme verde e botas altas e brilhantes. A princípio, Sophie pensou que ele estivesse adormecido, com a cabeça caída de lado, fora do seu campo de visão. Mas a Bruxa fez outro gesto e o homem sentou-se ereto. E ele simplesmente não tinha cabeça. Sophie se deu conta de que estava olhando para o que restava do Príncipe Justin.

— Se fosse Fanny — disse Sophie —, eu ameaçaria desmaiar. Ponha a cabeça dele no lugar! Ele fica horrível assim!

— Joguei as duas cabeças fora meses atrás — disse a Bruxa. — Vendi o crânio do Mago Suliman com o violão dele. A cabeça do Príncipe Justin está andando por aí, com outras partes remanescentes. Este corpo é uma mistura perfeita do Príncipe Justin com o Mago Suliman. Está esperando a cabeça de Howl, para torná-lo o ser humano perfeito. Quando tivermos a cabeça de Howl, teremos o novo Rei de Ingary, e eu governarei como Rainha.

— Você está delirando! — exclamou Sophie. — Você não tem o direito de fazer quebra-cabeças das pessoas! E eu não acho que a cabeça de Howl vá fazer nada do que você queira. Ela vai se esquivar de algum jeito.

— Howl vai fazer exatamente o que mandarmos — disse a Bruxa com um sorriso sarcástico e misterioso. — Vamos controlar seu demônio do fogo.

Sophie percebeu que estava assustadíssima. Sabia agora que tinha estragado tudo.

— Onde está a srta. Angorian? — perguntou, empunhando a bengala.

A Bruxa não gostava quando Sophie brandia a bengala. Ela deu um passo atrás.

— Estou muito cansada — disse. — Vocês vivem arruinando meus planos. Primeiro, o Mago Suliman não queria vir aqui às Terras Desoladas, então tive de ameaçar a Princesa Valeria a fim de obrigar o Rei a mandá-lo aqui. Depois, quando chegou, ele plantou árvores. Então, durante meses o Rei não quis deixar o Príncipe Justin seguir Suliman e, quando ele o seguiu, o tolo foi para o norte, por algum motivo, e tive de usar todas as minhas artimanhas para trazê-lo aqui. Howl me causou ainda mais problemas. Ele se safou uma vez. Tive de usar uma maldição para trazê-lo aqui e, enquanto eu estava tentando descobrir o suficiente sobre ele para jogar a praga, *você* entrou no que restou do cérebro de Suliman e me criou mais problemas. E agora, quando a trago aqui, *você* fica sacudindo essa bengala e discutindo. Trabalhei muito por este momento, e não vou ser contrariada.

Ela virou as costas e se afastou, desaparecendo na penumbra.

Sophie observava a figura alta e branca movimentando-se entre as chamas sem brilho. Acho que ela já está sentindo o peso da idade!, pensou Sophie. Está delirando! Tenho de me libertar e resgatar a srta. Angorian de alguma forma! Lembrando que a substância laranja havia se esquivado de sua bengala, assim como a Bruxa, Sophie passou a bengala sobre os ombros e balançou-a para a frente e para trás, onde a substância pegajosa encontrava a pilastra de cerâmica.

— Pare com isso! — ordenou. — Me solte!

Seu cabelo foi puxado dolorosamente, mas fiapos laranja começaram a se soltar. Sophie balançou a bengala com mais força.

Ela conseguira liberar a cabeça e os ombros quando um baque surdo se fez ouvir. As pálidas chamas tremeram e a pilastra atrás de Sophie se sacudiu. Então, com um estrondo de mil serviços de chá caindo escada abaixo, um pedaço da parede da fortaleza explodiu. A luz ofuscante invadiu por um buraco grande e irregular, e uma figura, com um salto, entrou pela abertura. Sophie voltou-se, ansiosa, na esperança de que fosse Howl. Mas a figura escura tinha apenas uma perna. Era o espantalho de novo.

A Bruxa soltou um uivo de raiva e avançou sobre ele com a trança clara esvoaçando e os braços ossudos estendidos. O espantalho pulou sobre ela. Houve mais um estouro violento e os dois foram envolvidos numa nuvem mágica, como aquela sobre Porthaven quando Howl e a Bruxa lutaram. A nuvem bateu-se para lá e para cá, enchendo o ar poeirento com guinchos e estrondos. O cabelo de Sophie se arrepiou. A nuvem estava a apenas alguns metros, indo de um lado para o outro entre as pilastras de cerâmica. E a abertura na parede estava bem próxima também. Como Sophie imaginara, a fortaleza não era tão grande. A cada vez que a nuvem se movia pelo buraco branco ofuscante, ela podia enxergar através dele e via as duas figuras magricelas lutando em sua névoa. Enquanto assistia, continuava a brandir a bengala atrás de suas costas.

Ela estava solta, a não ser pelas pernas, quando a nuvem atravessou na frente da luz mais uma vez. Sophie viu outra pessoa saltar pela abertura. Esta tinha mangas pretas esvoaçantes. Era Howl. Sophie podia ver com nitidez a sua silhueta, de pé com os braços cruzados, observando a batalha. Por um momento pareceu que ele deixaria a Bruxa e o espantalho continuarem. Mas então as longas mangas se agitaram quando Howl ergueu os braços. Acima dos gritos e estrondos, a voz de Howl berrou uma palavra comprida e estranha, acompanhada de uma longa trovoadas. Tanto o espantalho como a Bruxa se sobressaltaram. Estampidos soaram em torno das pilastras de cerâmica, eco após eco, e cada eco carregava com ele um pouco da nuvem de magia, que se desfez em pequenos tufo e desapareceu em redemoinhos escuros. Quando havia se tornado uma névoa branca muito fina, a figura alta de trança começou a vacilar. A Bruxa pareceu dobrar-se sobre si mesma, cada vez mais magra e branca. Por fim, quando a névoa se dispersou totalmente, ela desabou numa pilha com um leve tilintar. Assim que os milhares de ecos cessaram, Howl e o espantalho encararam-se cautelosamente sobre uma pilha de ossos.

Ótimo!, pensou Sophie. Ela soltou as pernas e dirigiu-se para a figura sem cabeça no trono, que a estava deixando nervosa.

— Não, meu amigo — disse Howl ao espantalho. Ele pulara no meio dos ossos e os estava empurrando para lá e para cá com a perna. — Não, você não vai encontrar o coração dela aí. Ele está com o demônio do fogo dela. Acho que ele a controla faz muito tempo. É triste, realmente.

Quando Sophie tirou o xale e o arrumou decentemente nos ombros sem cabeça do Príncipe Justin, Howl disse:

— Acho que o resto do que você está procurando está aqui.

Ele andou até o trono, com o espantalho pulando a seu lado.

— Típico! — disse a Sophie. — Eu me mato para chegar aqui e encontro você fazendo arrumação!

Sophie olhou para ele. Como temia, a intensa luz do dia que atravessava a parede quebrada mostrava que Howl não se barbeara nem se penteara. Os olhos ainda estavam vermelhos e as mangas pretas estavam rasgadas em vários lugares. Entre Howl e o espantalho, não havia muito a escolher. Ah, Deus!, pensou Sophie. Ele deve amar muito a srta. Angorian.

— Vim por causa da srta. Angorian — explicou ela.

— E eu que pensei que, se providenciasse para que sua família a visitasse, você ficaria quieta ao menos uma vez! — disse Howl, irritado. — Mas não...

O espantalho começou a saltar na frente de Sophie.

— O Mago Suliman me enviou — disse ele com sua voz pastosa. — Eu estava guardando os arbustos dele contra os pássaros nas Terras Desoladas quando a Bruxa o pegou. Ele jogou toda a sua mágica sobre mim, e me deu ordens para ir resgatá-lo. Mas, quando cheguei, a Bruxa já o tinha feito em pedaços e estes se estavam espalhados por diversos locais. Foi uma tarefa árdua. Se você não tivesse vindo e me dado vida de novo, eu teria fracassado.

Isso respondia às perguntas que Sophie lhe fizera quando os dois se encontraram.

— Então, quando o Príncipe Justin pediu os feitiços de busca, eles deviam estar apontando para *você* — disse ela. — Por quê?

— Para mim ou para o crânio dele — respondeu o espantalho. — Cá entre nós, somos a melhor parte dele.

— E Percival é feito do Mago Suliman e do Príncipe Justin? — indagou Sophie. Ela não tinha certeza se Lettie ia gostar disso.

O espantalho assentiu com sua cabeça de nabo enrugada.

— Ambas as partes me contaram que a Bruxa e seu demônio do fogo não estavam mais juntos e que eu poderia vencê-la — disse ele. — Agradeço a você por ter me dado dez vezes a velocidade anterior.

Howl chamou o espantalho.

— Leve aquele corpo com você até o castelo — disse ele. — Lá eu explicarei o que fazer. Sophie e eu temos de voltar antes que o demônio do

fogo encontre um modo de furar minhas defesas. — Ele segurou o pulso fino de Sophie. — Vamos. Onde estão as botas de sete léguas?

Sophie se deteve.

— Mas a srta. Angorian...!

— Você não entende? — disse Howl, arrastando-a. — A srta. Angorian é o demônio do fogo. Se ele entrar no castelo, então será o fim de Calcifer e o meu também!

Sophie cobriu a boca com as mãos.

— Eu *sabia* que tinha estragado tudo! — exclamou. — Ela... ele já esteve lá dentro duas vezes. Mas... saiu.

— Ah, meu Deus — grunhiu Howl. — Ele tocou em algo?

— No violão — admitiu Sophie.

— Então ainda está lá — afirmou Howl. — *Vamos!* — E puxou Sophie, passando por cima da parede aberta. — Siga-nos com cautela — gritou para o espantalho.

Então voltou-se novamente para Sophie:

— Vou ter de levantar um vento! Não há tempo para procurar as botas — disse enquanto transpunham as bordas irregulares, saindo no sol quente. — Corra. E continue correndo, ou não poderei deslocar você.

Com a ajuda da bengala, Sophie conseguiu partir numa corrida, tropeçando entre as pedras. Howl corria a seu lado, puxando-a. O vento ganhou intensidade, assoviando, depois rugindo, quente, e a areia cinzenta subia em torno deles numa tempestade que se abateu sobre a fortaleza de cerâmica. A essa altura, eles não corriam, mas deslizavam para a frente numa espécie de corrida em câmera lenta. Pó e areia turbilhonavam em torno deles, a uma grande altitude e estendendo-se até bem longe em seu rastro. Era muito barulhento e nem um pouco confortável, mas as Terras Desoladas passaram num átimo.

— Não é culpa de Calcifer! — gritou Sophie. — Eu pedi a ele que não contasse.

— Ele não contaria de qualquer maneira — berrou de volta Howl. — Eu sabia que jamais entregaria um companheiro demônio do fogo. Ele sempre foi meu flanco mais vulnerável.

— Pensei que fosse Gales!

— Não! Deixei que pensassem isso de propósito! Sabia que eu ficaria furioso o bastante para detê-la se tentasse algo lá. Eu precisava deixar uma entrada para ela, entende? Minha única chance de chegar ao Príncipe

Justin era usar a maldição que ela jogara sobre mim para me aproximar *dela*.

— Então você *ia* resgatar o Príncipe! Por que fingiu que tinha fugido? Para enganar a Bruxa?

— Certamente que não! Sou um covarde. A única maneira de eu fazer algo tão assustador assim é dizer a mim mesmo que *não* estou fazendo nada disso!

Ah, meu Deus!, pensou Sophie, olhando à sua volta para o redemoinho de areia. Ele está sendo sincero! E isto é um vento. A última parte da maldição se realizou!

A areia quente a fustigava ruidosamente e a mão de Howl a apertava.

— Continue correndo! — bradou Howl. — Você vai se machucar nessa velocidade!

Sophie arquejou e fez suas pernas funcionarem de novo. Podia ver bem as montanhas agora e aquela linha verde abaixo eram os arbustos em flor. Apesar de ainda haver areia amarela rodopiando no caminho, as montanhas pareciam crescer e a linha verde corria ao encontro deles até ficar da altura de uma sebe.

— Todos os meus flancos estavam vulneráveis! — gritou Howl. — Eu estava contando que Suliman estivesse vivo. Depois, quando parecia que tudo que restava dele era Percival, fiquei tão assustado que tive de sair e me embriagar. Aí você vem e faz o jogo da Bruxa!

— Sou a irmã mais velha! — gritou Sophie. — Sou um fracasso.

— Bobagem! — berrou Howl. — Você só não pensa antes de fazer!

Howl estava reduzindo a velocidade. O pó subia em torno deles em densas nuvens. Sophie só sabia que os arbustos estavam próximos porque ouvia o sibilar e o bater do vento cheio de areia nas folhas. Eles mergulharam entre elas com um ruído, ainda seguindo tão depressa que Howl teve de se desviar e arrastar Sophie numa longa corrida pela superfície do lago.

— E você é boa demais — acrescentou ele, acima do ruído da água e da areia nas folhas de lírios. — Eu estava contando que você ficasse com ciúme demais para deixar aquele demônio se aproximar.

Chegaram à margem enevoadada numa corrida lenta. Os arbustos de ambos os lados da trilha verde se agitaram quando eles passaram jogando pássaros e pétalas num redemoinho atrás deles. O castelo descia rapidamente a estrada, vindo na direção deles, com sua fumaça deixando

um rastro no vento. Howl reduziu a velocidade o bastante para escancarar a porta, e empurrou Sophie e a si mesmo para dentro.

— Michael! — gritou ele.

— Não fui eu quem deixou o espantalho entrar! — disse Michael, sentindo-se culpado.

Tudo parecia normal. Sophie ficou surpresa ao descobrir que havia se ausentado por um curto tempo, na verdade. Alguém puxara sua cama de sob a escada e Percival encontrava-se deitado nela, ainda inconsciente. Lettie, Martha e Michael estavam reunidos em torno dele. No andar de cima, Sophie podia ouvir as vozes da sra. Fairfax e de Fanny, combinadas com ameaçadores sussurros e pancadas que sugeriam que as aranhas de Howl estavam passando por um momento difícil.

Howl soltou Sophie e mergulhou na direção do violão. Antes que pudesse tocá-lo, este irrompeu num longo e melodioso *buum*. As cordas vibraram. Farpas de madeira choveram sobre Howl. Ele foi forçado a recuar, protegendo o rosto com uma manga rasgada.

De repente, a srta. Angorian estava parada ao lado da lareira, sorrindo. Howl estava certo. Ela devia ter estado no violão todo esse tempo, esperando o momento certo.

— Sua Bruxa está morta — disse-lhe Howl.

— Não é uma pena? — retrucou a srta. Angorian, despreocupada. — Agora posso me tornar um novo ser humano que será muito melhor. A maldição foi cumprida. Posso pôr as mãos no seu coração agora.

E ela inseriu a mão na lareira e tirou Calcifer de lá de dentro. Calcifer vacilou sobre o punho fechado dela, parecendo apavorado.

— Ninguém se mexa — advertiu a srta. Angorian.

Ninguém ousava se mexer. Howl era o mais imóvel.

— Socorro! — pediu Calcifer, baixinho.

— Ninguém pode ajudá-lo — disse a srta. Angorian. — É *você* quem vai *me* ajudar a controlar meu novo humano. Deixe-me mostrar a você. Só tenho de apertar mais um pouco. — Ela apertou a mão que segurava Calcifer até os nós dos dedos ficarem pálidos.

Tanto Howl quanto Calcifer gritaram. Calcifer se debatia em agonia. O rosto de Howl ficou azulado e ele desabou no chão como uma árvore derrubada, onde ficou tão inconsciente quanto Percival. Sophie achou que ele não estava respirando.

A srta. Angorian ficou atônita. Ela olhou para Howl.

— Ele está fingindo — disse ela.

— Não, *não está!* — gritou Calcifer, retorcido numa forma espiralada.

— O coração dele está muito mole! Solte-me!

Sophie levantou a bengala, devagar e suavemente. Dessa vez ela pensou por um instante antes de agir.

— Bengala — murmurou —, bata na srta. Angorian, mas não machuque ninguém mais.

Então, ela balançou a bengala e acertou os dedos fechados da srta. Angorian, com o maior barulho possível.

A srta. Angorian soltou um guincho como uma tora molhada queimando e largou Calcifer. O pobre rolou desamparado no chão, de lado, rugindo de terror. A srta. Angorian levantou um dos pés para pisar nele. Sophie teve de soltar a bengala e mergulhar para salvar Calcifer. A bengala, para sua surpresa, acertou a srta. Angorian novamente por conta própria, e de novo e de novo, e mais uma vez. Mas certamente que sim!, pensou Sophie. Ela dera a vida àquela bengala. A sra. Pentstemmon lhe tinha dito isso.

A srta. Angorian sibilou e cambaleou. Sophie pôs-se de pé, segurando Calcifer, enquanto sua bengala golpeava a srta. Angorian sem parar e fumegava com o calor que ela emanava. Calcifer, ao contrário, não parecia muito quente. Tinha adquirido um tom azul leitoso com o choque. Sophie podia sentir que a massa escura do coração de Howl batia muito fracamente entre seus dedos. Tinha de ser o coração de Howl. Ele o dera a Calcifer como sua parte no contrato, para manter Calcifer vivo. Ele devia estar com pena de Calcifer, mas, ao mesmo tempo, que tolice!

Fanny e a sra. Fairfax desceram as escadas correndo, empunhando vassouras. Ao vê-las, a srta. Angorian pareceu convencer-se de que havia fracassado. Então correu para a porta, com a bengala de Sophie atrás dela, ainda golpeando-a.

— Detenham-na! — gritou Sophie. — Não a deixem sair! Protejam todas as portas!

Todos obedeceram correndo. A sra. Fairfax posicionou-se no armário de vassouras, com sua vassoura erguida. Fanny ficou na escada. Lettie deu um salto e guardou a porta para o quintal e Martha, o banheiro. Michael correu para a porta do castelo. Mas Percival pulou da cama e correu para essa porta também. Seu rosto estava pálido e os olhos, fechados, no

entanto ele correu ainda mais rápido do que Michael. Chegou primeiro e abriu a porta.

Com Calcifer tão indefeso, o castelo parara de se mover. A srta. Angorian viu os arbustos imóveis na neblina do lado de fora e correu para a porta numa velocidade do outro mundo. Antes que a alcançasse, porém, a passagem foi bloqueada pelo espantalho, que surgiu com o Príncipe Justin pendurado nos ombros, ainda enrolado no xale de renda de Sophie. Ele abriu os braços atravessados na porta e a srta. Angorian recuou.

A bengala que continuava a atingi-la estava em chamas agora, com a ponta de metal incandescente. Sophie se deu conta de que não duraria muito tempo mais. Felizmente, a srta. Angorian a odiava tanto que agarrou Michael e o arrastou para a frente do caminho da bengala. Esta tinha ordens para não machucar mais ninguém. Então pairou no ar, em brasa. Martha correu e tentou puxar Michael dali. A bengala tinha de evitá-la também. Sophie, como sempre, errara a mão.

Não havia tempo a perder.

— Calcifer — disse Sophie —, terei de quebrar seu contrato. Isso vai matá-lo?

— Mataria, se qualquer outra pessoa o quebrasse — respondeu Calcifer, com voz rouca. — Por isso pedi que você o fizesse. Eu sabia que você podia dar vida às coisas. Veja o que fez pelo espantalho e pelo crânio.

— Então viva mais mil anos! — exclamou Sophie, e desejou com intensidade, para o caso de apenas falar não ser o bastante.

Isso a tinha preocupado muito. Segurou Calcifer e cuidadosamente removeu a massa escura, do mesmo modo como removeria um broto morto de um talo. Calcifer rodopiou, liberto, e pairou ao lado de seu ombro como uma lágrima azul.

— Sinto-me tão leve! — disse ele. Então se deu conta do que acontecera. — Estou livre! — gritou.

Ele rodopiou até a chaminé e subiu por ela, desaparecendo.

— Estou livre! — Sophie ouviu-o gritar ao longe acima deles, quando saiu pela chaminé da chapelaria.

Ela voltou-se para Howl com a massa escura quase morta, em dúvida apesar da pressa. Tinha de acertar, e não estava segura de como fazer aquilo.

— Bom, aqui vai — disse.

Ajoelhando-se ao lado dele, cuidadosamente pôs a massa escura sobre o peito dele, num ponto mais à esquerda, onde sentia o seu coração quando ele a incomodava, e empurrou.

— Vá — disse ela. — Entre aí e trabalhe!

E empurrou, empurrou. O coração começou a afundar e a bater com mais força à medida que entrava. Sophie tentou ignorar as chamas e disputas na porta e manter uma pressão firme e contínua. Seu cabelo atrapalhava, caindo sobre o rosto em mechas avermelhadas, mas ela tentava ignorar aquilo também. E continuava empurrando.

Por fim, o coração entrou. Assim que desapareceu, Howl se mexeu. Deu um grunhido alto e rolou, ficando de bruços.

— Raios! Que ressaca!

— Não, você bateu a cabeça no chão — disse Sophie.

Howl ficou de quatro, com dificuldade.

— Não posso ficar — disse. — Preciso ir resgatar aquela tola da Sophie!

— Eu estou aqui! — disse ela, sacudindo o ombro dele. — E também a srta. Angorian! Levante-se e faça algo em relação a ela! Depressa!

A bengala estava totalmente em chamas. O cabelo de Martha chamuscava. Howl se ergueu rapidamente. Levantou uma das mãos e proferiu uma frase com aquelas palavras que se perdem em trovões. Placas de gesso despencaram do teto. Tudo tremeu. Mas a bengala sumiu e Howl deu um passo para trás com uma coisa pequena, dura e preta na mão. Podia ser um pedaço de carvão, a não ser pelo fato de que tinha a mesma forma que a coisa que Sophie acabara de enfiar no peito dele. A srta. Angorian chiou como uma fogueira molhada e estendeu os braços, suplicante.

— Acho que não — disse Howl. — Você teve sua chance. Pelo jeito, estava tentando conseguir um coração novo também. Ia pegar o meu e deixar Calcifer morrer, não é?

Ele segurava a coisa escura entre as duas palmas da mão e apertava. O velho coração da Bruxa desintegrou-se em areia preta, fuligem e mais nada. A srta. Angorian desfez-se junto. Quando Howl abriu as mãos, vazias, a porta estava livre da srta. Angorian também.

Outro fato ocorreu. No momento em que a srta. Angorian se foi, o espantalho também sumiu. Se Sophie tivesse olhado, teria visto dois homens altos de pé na porta, sorrindo um para o outro. Um, com o rosto de traços angulosos, tinha cabelos castanho-avermelhados. O outro, de

uniforme verde, tinha traços mais vagos e um xale de renda sobre os ombros. Mas Howl virou-se para Sophie nesse momento.

— Você não fica mesmo bem de cinza — comentou ele. — Pensei isso quando a vi pela primeira vez.

— Calcifer foi embora — disse Sophie. — Tive de quebrar seu contrato.

Howl parecia um pouco triste, mas disse:

— Nós dois esperávamos que você o fizesse. Nenhum de nós queria acabar como a Bruxa e a srta. Angorian. Você diria que seu cabelo é castanho-avermelhado?

— Vermelho-dourado — respondeu Sophie.

Agora que Howl tinha o coração de volta, Sophie não percebia nenhuma grande mudança, a não ser talvez pela cor dos olhos, que parecia mais profunda — mais como olhos e menos como bolas de gude.

— Ao contrário de algumas pessoas — disse Sophie —, é natural.

— Nunca entendi por que as pessoas valorizam tanto o que é natural — disse Howl, e Sophie soube, então, que ele não tinha mudado quase nada.

Se sua atenção não estivesse tão concentrada, Sophie teria visto o Príncipe Justin e o Mago Suliman apertando as mãos e trocando tapinhas nas costas, contentes.

— É melhor eu ir falar com meu irmão, o Rei — disse o Príncipe Justin.

Foi até Fanny, como a pessoa mais provável, e lhe fez uma profunda e elegante medida.

— Estou me dirigindo à dona desta casa?

— Hã... Na verdade, não — respondeu Fanny, tentando esconder a vassoura às suas costas. — A dona da casa é Sophie.

— Ou será, em breve — acrescentou a sra. Fairfax, sorrindo benevolente.

Howl disse a Sophie:

— O tempo todo eu me perguntava se você não seria aquela linda garota que conheci no Primeiro de Maio. Por que estava tão assustada?

Se Sophie tivesse prestado atenção, teria visto o Mago Suliman aproximar-se de Lettie. Agora que era ele mesmo, ficou evidente que o Mago Suliman era, no mínimo, tão obstinado quanto Lettie. Ela parecia muito nervosa quando Suliman se aproximou.

— Parece que a lembrança que eu tinha de você era do Príncipe, e não a minha de fato — disse ele.

— Está tudo bem — retrucou Lettie corajosamente. — Foi um engano.

— Mas não foi! — protestou o Mago Suliman. — Você me permitiria ao menos tê-la como aluna?

Lettie enrubesceu violentamente ao ouvir isso e ficou sem saber o que responder.

Mas Sophie pensou que esse era um problema de Lettie. Ela tinha o seu. Howl disse:

— Acho que devemos viver felizes para sempre.

E ela achou que ele falava sério. Sophie sabia que viver feliz para sempre com ele seria bem mais movimentado do que qualquer história poderia fazer crer, mas estava determinada a tentar.

— Deve ser de arrepiar os cabelos — acrescentou Howl.

— E você vai me explorar — disse Sophie.

— E depois você vai cortar todas as minhas roupas para me dar uma lição — disse ele.

Se a atenção de Sophie e Howl não estivesse totalmente concentrada, eles poderiam ter notado que o Príncipe Justin, o Mago Suliman e a sra. Fairfax estavam todos tentando falar com Howl, e que Fanny, Martha e Lettie puxavam as mangas de Sophie, enquanto Michael puxava o casaco de Howl.

— Foi o uso de palavras mágicas mais preciso que já vi — disse a sra. Fairfax. — Eu não saberia o que fazer com aquela criatura. Como costume dizer...

— Sophie — disse Lettie —, preciso de um conselho.

— Mago Howl — disse o Mago Suliman —, preciso me desculpar por tentar mordê-lo tantas vezes. Normalmente, eu não sonharia enfiar os dentes num compatriota.

— Sophie, acho que este cavalheiro é um príncipe — disse Fanny.

— Senhor — disse o Príncipe Justin —, preciso lhe agradecer por me resgatar da Bruxa.

— Sophie — disse Martha —, seu feitiço foi quebrado! Está ouvindo?

Mas Sophie e Howl, de mãos dadas, só sabiam sorrir, sem conseguir parar.

— Não me incomodem agora — disse Howl. — Tudo o que fiz foi pelo dinheiro.

— Mentiroso! — exclamou Sophie.

— Eu disse — gritou Michael — que *Calcifer* voltou!

Isso atraiu a atenção de Howl e também a de Sophie. Eles olharam para a lareira, onde o conhecido rosto azul cintilava entre a lenha.

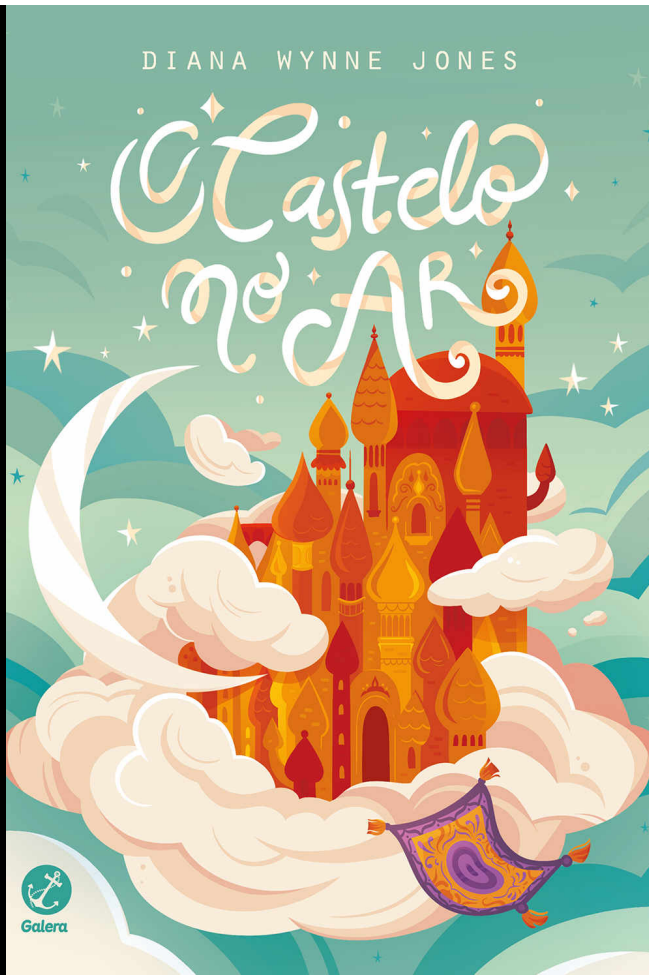
— Você não precisava fazer isso — disse Howl.

— Eu não me importo, desde que eu possa ir e vir — replicou Calcifer.

— Além disso, está chovendo em Market Chipping.

DIANA WYNNE JONES

O Castelo no Ar



O Castelo no Ar

D I A N A W Y N N E J O N E S

Tradução
Raquel Zampil

2ª edição

— **Galera** —
2021

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

Jones, Diana Wynne, 1934-2011

J67c O castelo no ar [recurso eletrônico] / Diana Wynne Jones; tradução Raquel Zampil. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2021.
recurso digital

Tradução de: Castle in the air

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-022-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil inglesa. 3. Livros eletrônicos. I. Zampil, Raquel. II. Título.

21-71092

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(410.1)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Título original:
Castle In The Air

Copyright © Diana Wynne Jones, 1990
Publicado primeiramente por Methuen Children's Books Ltd, 1990.

Leitura sensível: Wlance Keindé
Projeto gráfico: Renan Salgado e João Carneiro
Ilustrações: Isadora Zeferino

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a
propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-022-2

Seja um leitor preferencial Record
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br



Para Francesca

SUMÁRIO

Capítulo um	
Capítulo dois	
Capítulo três	
Capítulo quatro	
Capítulo cinco	
Capítulo seis	
Capítulo sete	
Capítulo oito	
Capítulo nove	
Capítulo dez	
Capítulo onze	
Capítulo doze	
Capítulo treze	
Capítulo catorze	
Capítulo quinze	
Capítulo dezesseis	
Capítulo dezessete	
Capítulo dezoito	
Capítulo dezenove	
Capítulo vinte	
Capítulo vinte e um	





CAPÍTULO UM

No qual Abdullah compra um tapete

No extremo sul da terra de Ingary, nos sultanatos de Rashput, um jovem mercador de tapetes chamado Abdullah vivia na cidade de Zanzib. Comparado a outros mercadores, ele não era rico. Seu pai o havia considerado uma decepção e, ao morrer, deixou a Abdullah dinheiro suficiente apenas para comprar e abastecer uma modesta tenda no canto noroeste do Bazar. O restante do dinheiro do pai, inclusive o grande empório de tapetes no centro do Bazar, tinha ido todo para os parentes da primeira esposa do pai.

Abdullah nunca soube por que o pai havia se desapontado com ele. Tinha algo a ver com uma profecia feita no nascimento do menino. Mas este nunca se dera ao trabalho de tentar descobrir mais. Em vez disso, desde muito cedo, simplesmente criara fantasias a esse respeito. Nessas fantasias, ele era na realidade o filho de um grande príncipe, desaparecido havia muito, o que significava, naturalmente, que seu pai não era seu pai de verdade. Tratava-se de uma ilusão e Abdullah sabia disso. Todos lhe diziam que ele havia herdado a aparência do pai. Quando olhava no espelho, via um jovem sem dúvida bonito, com um rosto magro semelhante ao de um falcão, e sabia que parecia bastante com o retrato do pai quando jovem — sempre levando em consideração o fato de que o pai usava um viçoso bigode, ao passo que Abdullah ainda tentava juntar os seis fios que cresciam acima do lábio superior com esperanças de que se multiplicassem logo.

Infelizmente, como era também opinião de todos, Abdullah havia herdado o caráter da mãe — a segunda esposa do pai. Ela fora uma mulher sonhadora e medrosa, e uma grande decepção para todos. Isso não perturbava Abdullah. A vida de um mercador de tapetes apresenta poucas oportunidades para a bravura, e ele estava, no geral, satisfeito com sua vida. A tenda que comprara, embora pequena, tinha uma localização bastante boa. Não era distante da Zona Oeste, onde os ricos viviam em suas mansões rodeadas por lindos jardins. Melhor ainda, era a primeira área do Bazar por onde passavam os tapeceiros quando chegavam a Zanzib, vindos do deserto em direção ao norte. Tanto os ricos quanto os tapeceiros costumavam procurar as lojas maiores no centro do Bazar, mas um número surpreendentemente grande deles se dispunha a fazer uma parada na tenda de um jovem mercador de tapetes quando esse jovem mercador se interpunha em seu caminho para lhes oferecer barganhas e descontos com a mais profusa cortesia.

Dessa forma, Abdullah quase sempre conseguia comprar tapetes de qualidade antes que qualquer outra pessoa os visse, e os vendia com lucro. Nos intervalos entre as compras e as vendas, ele podia sentar na tenda e dar continuidade a suas fantasias, o que lhe convinha bastante. Na verdade, praticamente o único problema em sua vida eram os parentes da primeira esposa do pai, que continuavam a visitá-lo uma vez por mês a fim de apontar-lhe as falhas.

— Mas você não está guardando nenhuma parte dos lucros! — gritou Hakim, filho do irmão da primeira esposa do pai de Abdullah, a quem este detestava, num dia fatídico.

Abdullah explicou que, quando tinha algum lucro, costumava usar aquele dinheiro para comprar um tapete melhor. Assim, embora todo o seu dinheiro estivesse investido em mercadorias, estas iam ficando cada dia melhores. Ele tinha o suficiente para viver. E, como dizia aos parentes do pai, não precisava de mais, pois não era casado.

— Bem, você *deveria* estar casado! — berrou Fátima, irmã da primeira esposa do pai de Abdullah, a quem ele detestava ainda mais. — Eu já disse isso uma vez e vou dizer de novo: um rapaz como você deveria ter pelo menos duas esposas a essa altura! — E, não satisfeita em simplesmente dizer isso, Fátima declarou que dessa vez ia procurar algumas esposas para ele, uma oferta que fez com que Abdullah tremesse da cabeça aos pés.

— E quanto mais valiosas suas mercadorias se tornam, maior a probabilidade de você ser roubado, ou mais você perderá se sua tenda pegar fogo... Já pensou nisso? — resmungou Assif, filho do tio da primeira esposa do pai de Abdullah, um homem que Abdullah detestava mais do que os dois primeiros juntos.

Abdullah assegurou a Assif que sempre dormia na tenda e que tinha sempre muito cuidado com as lamparinas. Com isso, os três parentes da primeira esposa do pai sacudiram a cabeça, fizeram um muxoxo e se foram. Em geral isso significava que iam deixá-lo em paz por mais um mês. Abdullah suspirou de alívio e imediatamente mergulhou de volta em sua fantasia.

A essa altura, a fantasia já apresentava uma enorme quantidade de detalhes. Nela, Abdullah era o filho de um poderoso príncipe que vivia tão ao leste que seu país era desconhecido em Zanzib. Mas Abdullah fora raptado aos dois anos por um bandido perverso chamado Kabul Aqba, que tinha um nariz adunco como o bico de um abutre e usava uma argola de

ouro presa numa das narinas. Ele carregava uma pistola com coronha de prata com a qual ameaçava Abdullah, e havia um jaspe-de-sangue em seu turbante que parecia conferir-lhe um poder sobre-humano. Abdullah ficou tão assustado que fugiu para o deserto, onde foi encontrado pelo homem a quem passara a chamar de pai. O devaneio não levava em conta o fato de que o pai de Abdullah jamais havia se aventurado no deserto: na realidade, ele sempre dizia que qualquer um que ousasse ir além de Zanzib devia ser louco. Ainda assim, Abdullah conseguia visualizar cada centímetro horripilante da jornada árida que fizera, com sede e os pés feridos, antes que o bom mercador de tapetes o encontrasse. Da mesma forma, conseguia visualizar com riqueza de detalhes o palácio do qual fora sequestrado, com o imenso salão de colunas onde ficava o trono e cujo piso era de pedra verde, os aposentos das mulheres e as cozinhas, tudo com a máxima suntuosidade. Havia sete domos em seu telhado, todos cobertos por ouro batido.

Ultimamente, porém, a fantasia vinha se concentrando na princesa à qual Abdullah havia sido prometido no nascimento. Ela era de linhagem tão alta quanto a de Abdullah e, enquanto ele estava longe, ela havia se tornado uma beldade com os traços perfeitos e imensos olhos escuros e suaves. Ela vivia num palácio tão rico quanto o de Abdullah, ao qual se chegava seguindo uma avenida margeada por estátuas angelicais e ao qual se podia entrar por sete pátios de mármore, cada um tendo no meio uma fonte mais preciosa do que a anterior, começando por uma de crisólita e terminando com uma de platina incrustada de esmeraldas.

Mas nesse dia Abdullah descobriu que não estava muito satisfeito com essa disposição das coisas. Esse era um sentimento que ele experimentava com frequência depois de uma visita dos parentes da primeira esposa do pai. Ocorreu-lhe que um bom palácio tinha de ter jardins magníficos. Abdullah adorava jardins, embora soubesse muito pouco sobre eles. A maior parte do que sabia vinha dos parques públicos de Zanzib — onde o gramado estava um tanto pisoteado e as flores eram escassas —, nos quais às vezes ele passava sua hora de almoço quando podia pagar Jamal, que tinha um olho só, para tomar conta da sua tenda. Jamal era o dono da banca de frituras vizinha e, por uma ou duas moedas, amarrava seu cachorro diante da tenda de Abdullah. Ciente de que isso não o qualificava a inventar um jardim apropriado, mas, sabendo que qualquer coisa era melhor do que pensar em duas esposas escolhidas para ele por Fátima,

Abdullah se perdeu em frondes ondulantes e caminhos perfumados nos jardins da sua princesa.

Ou quase. Antes que Abdullah começasse propriamente, foi interrompido por um homem alto e sujo, com um tapete encardido nos braços.

— O senhor compra tapetes para revender, filho de uma grande casta? — perguntou o estranho, fazendo uma breve reverência.

Para alguém que tentava vender um tapete em Zanzib, onde compradores e vendedores sempre se dirigiam uns aos outros da maneira mais formal e floreada, os modos desse homem eram escandalosamente bruscos. Abdullah ficou aborrecido de qualquer forma porque o jardim do seu sonho estava ruindo com essa interrupção da vida real. E respondeu brevemente:

— Isso mesmo, ó rei do deserto. Deseja fazer uma permuta com este miserável mercador?

— Permuta, não... venda, ó senhor de uma pilha de capachos — corrigiu-o o estranho.

Capachos!, pensou Abdullah. Isso era um insulto. Um dos tapetes em exposição na frente da tenda de Abdullah era um raro exemplar com motivo floral e borlas, de Ingary — ou Oquinstão, como chamavam aquela terra em Zanzib —, e havia pelo menos dois no interior da tenda, de Inhico e Farqtan, que o próprio sultão não teria desdenhado para um dos salões menores do palácio. Mas naturalmente Abdullah não podia dizer isso. Os costumes de Zanzib não lhe permitiam gabar-se. Em vez disso, fez uma reverência fria e superficial.

— É possível que meu estabelecimento humilde e esquálido possa oferecer o que procura, ó pérola dos peregrinos — disse ao mesmo tempo em que corria os olhos críticos pela suja túnica do deserto, o pino de metal corroído na lateral do nariz do homem e o turbante esfarrapado que o estranho usava.

— É pior do que esquálido, poderoso vendedor de coberturas de piso — concordou o estranho, agitando uma extremidade do seu tapete encardido na direção de Jamal, que fritava lula naquele momento, em meio a nuvens azuis de fumaça com cheiro de peixe. — A honrosa atividade do seu vizinho não penetra em suas mercadorias — perguntou ele — sob a forma de um persistente aroma de polvo?

Abdulah fervilhou por dentro com tamanha raiva que foi forçado a esfregar as mãos servilmente para ocultá-la. Não se esperava que as pessoas mencionassem esse tipo de coisa. E um leve cheiro de lula podia até melhorar aquela coisa que o estranho queria vender, pensou ele, olhando o tapete marrom e surrado nos braços do homem.

— Seu humilde servo toma o cuidado de defumar o interior da tenda com perfumes, ó príncipe da sabedoria — disse ele. — Quem sabe a nobre sensibilidade do nariz do príncipe ainda assim lhe permita mostrar a este insignificante negociante sua mercadoria?

— Certamente que sim, ó lírio entre peixes — retorquiu o estranho. — Por que outro motivo eu estaria aqui?

Relutante, Abdullah abriu as cortinas e guiou o homem para o interior da tenda. Ali ele acendeu a lamparina que pendia da viga central mas, depois de fungar, decidiu que não ia desperdiçar incenso com essa pessoa. O interior da tenda ainda guardava os perfumes de ontem.

— Que magnificência o senhor tem para desenrolar diante de meus indignos olhos? — perguntou dubiamente.

— Isto, comprador de pechinchas! — disse o homem, e, com um destro movimento do braço, fez o tapete desenrolar-se no chão.

Abdullah também sabia fazer isso. Um negociante de tapetes aprendia essas coisas. Isso não o impressionava. Ele enfiou as mãos no interior das mangas, numa atitude afetadamente servil, e examinou a mercadoria. O tapete não era grande. Aberto, estava ainda mais surrado do que ele havia pensado — embora o padrão fosse incomum, ou deveria ter sido, se a maior parte dele não estivesse gasta. O que restava estava sujo e as bordas, desgastadas.

— Ai deste pobre vendedor que só pode chegar a três moedas de cobre por este que é o mais ornamental dos tapetes — observou Abdullah. — É o limite das minhas magras economias. Os tempos estão difíceis, ó capitão de muitos camelos. O preço é de algum modo aceitável?

— Eu aceito QUINHENTAS — disse o homem.

— *O quê?* — perguntou Abdullah.

— Moedas de OURO — acrescentou o estranho.

— O rei de todos os bandidos do deserto certamente gosta de fazer pilhéria — disse Abdullah. — Ou talvez, tendo visto que em minha pequena tenda tudo falta, a não ser o cheiro de lula frita, queira sair e tentar um negociante mais rico.

— Não particularmente — disse o estranho. — Embora eu vá mesmo embora, caso não esteja interessado, ó vizinho de peixes defumados. Este é, naturalmente, um tapete mágico.

Abdullah já ouvira essa antes. Fez uma medida com as mãos ainda sob as mangas.

— Muitas e várias são as virtudes que se atribuem aos tapetes — concordou ele. — Qual delas o poeta das areias reivindica para este? Ele dá as boas-vindas a um homem em sua tenda? Traz paz ao lar? Ou quem sabe — disse ele, cutucando a borda puída sugestivamente com um dedo do pé — ele nunca se desgasta?

— Ele voa — disse o estranho. — Voa sempre que o dono dá o comando, ó menor entre as mentes pequenas.

Abdullah ergueu os olhos para o rosto sombrio do homem, onde o deserto havia cavado linhas profundas que desciam pelos dois lados do rosto. Um ar zombeteiro tornava essas linhas ainda mais profundas. Abdullah percebeu que não gostava do homem quase tanto quanto detestava o filho do tio da primeira esposa do seu pai.

— Você precisa convencer este descrente — disse ele. — Se o tapete puder ser posto à prova, ó monarca da mentira, então o negócio pode ser feito.

— De acordo — disse o homem alto, e então pisou no tapete.

Nesse momento, um dos costumeiros tumultos aconteceu na banca de frituras ao lado. Deviam ser alguns garotos de rua tentando roubar um pouco de lula. De qualquer forma, o cachorro de Jamal começou a latir: várias pessoas, inclusive o próprio Jamal, passaram a gritar, e ambos os sons foram quase abafados pelo estrépito de panelas e o chiado da gordura quente.

Trapacear era um modo de vida em Zanzib. Abdullah não permitiu que sua atenção fosse desviada um só instante do estranho e do seu tapete. Era bem possível que o homem houvesse subornado Jamal para que este criasse um tumulto. Ele havia mencionado Jamal algumas vezes, como se este estivesse em sua mente. Abdullah manteve os olhos fixos na figura alta do homem, sobretudo nos pés sujos plantados no tapete. Mas reservou um canto do olho para o rosto do homem e viu os lábios dele se moverem. Seus ouvidos alertas chegaram a captar as palavras “meio metro para cima”, apesar do alarido vindo da porta ao lado. E observou com mais atenção ainda quando o tapete se ergueu suavemente do chão e pairou à

altura dos joelhos de Abdullah, de forma que o turbante esfarrapado do estranho estava quase tocando o teto. Abdullah procurou suportes debaixo do tapete. Olhou em busca de arames que pudessem ter sido habilmente presos ao teto. Pegou a lamparina e a inclinou, de modo que sua luz brincasse tanto em cima quanto embaixo do tapete.

O estranho ficou parado com os braços cruzados e a expressão de desprezo cristalizada no rosto, enquanto Abdullah executava esses testes.

— Vê? — perguntou ele. — O mais desesperado dos duvidosos agora está convencido? Eu estou parado no ar ou não? — Ele teve de gritar. O barulho vindo da porta ao lado ainda era ensurdecedor.

Abdullah foi forçado a admitir que o tapete de fato parecia estar pairando no ar sem nenhum meio de suporte que ele pudesse ver.

— Parece que sim — gritou de volta. — A próxima parte da demonstração é você descer do tapete e eu dar uma volta nele.

O homem franziu a testa.

— Para quê? O que seus outros sentidos têm para acrescentar à certeza dos seus olhos, ó dragão da dubiedade?

— Pode ser um tapete que obedece a um só homem — gritou Abdullah. — Como alguns cães.

O cachorro de Jamal ainda estava latindo sem parar lá fora, então era natural que a ideia lhe tivesse ocorrido. Aquele cão mordida qualquer um que o tocasse, exceto Jamal.

O estranho suspirou.

— Desça — ordenou ele e o tapete baixou suavemente até o chão. O estranho saiu de cima dele e fez um gesto para que Abdullah subisse. — Pode testá-lo, ó xeque da astúcia.

Com um entusiasmo considerável, Abdullah subiu no tapete.

— Suba meio metro — disse, ou melhor, gritou ao tapete. Parecia que os homens da Guarda da Cidade haviam chegado à tenda de Jamal nesse momento. Eles batiam as armas e berravam para que alguém lhes contasse o que havia acontecido.

E o tapete obedeceu a Abdullah, erguendo-se meio metro numa sutil ondulação, fazendo contrair-se o estômago de Abdullah. O rapaz apressou-se a sentar. O tapete era confortável. Parecia uma rede bem firme.

— Este intelecto lamentavelmente indolente está se convencendo — confessou Abdullah ao estranho. — Qual é mesmo o seu preço, ó modelo de generosidade? Duzentas de prata?

— Quinhentas de *ouro* — respondeu o estranho. — Diga ao tapete que desça e discutiremos o assunto.

— Desça e pouse no chão — ordenou Abdullah ao tapete, que assim fez, removendo uma leve dúvida que persistia na mente de Abdullah de que o estranho tivesse dado uma ordem extra quando Abdullah subira nele, a qual teria sido abafada no alarido da tenda vizinha. Ele saltou para o chão e teve início a barganha.

— O máximo que tenho na bolsa são 150 de ouro — explicou Abdullah —, e isso quando eu a sacudo e procuro ao longo de toda a costura.

— Então você deve ir buscar sua outra bolsa ou procurar debaixo do colchão — replicou o estranho. — Pois o limite da minha generosidade é 495 de ouro, e eu não o venderia em absoluto, não fosse a mais urgente necessidade.

— Talvez eu consiga extrair outras 45 de ouro da sola do meu sapato esquerdo — disse Abdullah. — Essas eu guardo para emergências, e é meu desprezível total.

— Examine o sapato direito — respondeu o estranho. — Quatrocentos e cinquenta.

E assim prosseguiu. Uma hora depois o estranho saía da tenda com 210 moedas de ouro, deixando Abdullah como o feliz proprietário do que parecia ser um genuíno — mesmo que surrado — tapete mágico. Mas ele ainda estava desconfiado. Não acreditava que alguém, mesmo um andarilho do deserto com poucas necessidades, abriria mão de um autêntico tapete voador — apesar de quase destruído — por menos de quatrocentas peças de ouro. Era útil demais — melhor do que um camelo, pois não precisava comer —, e um bom camelo custava pelo menos 450 em ouro.

Tinha de haver uma artimanha. E havia um truque do qual Abdullah já ouvira falar. Em geral era aplicado com cavalos ou cães. Um homem vinha e vendia a um fazendeiro ou caçador crédulo um animal verdadeiramente soberbo por um preço baixíssimo, dizendo que era tudo que se interpunha entre ele e a morte pela fome. O fazendeiro (ou caçador), encantado, punha o cavalo numa baia (ou o cachorro num canil) para passar a noite. Na manhã seguinte, o animal havia desaparecido, tendo sido treinado para escapular do seu cabresto (ou coleira) e retornar ao dono durante a noite. Abdullah achava que um tapete voador obediente podia ser treinado para fazer o mesmo. Assim, antes de deixar a tenda, enrolou o tapete mágico

com todo cuidado em torno de uma das hastes que sustentavam o teto, e o amarrou ali, dando voltas e mais voltas, com um rolo inteiro de barbante, que ele então prendeu a uma das estacas de ferro na base da parede.

— Acho que você vai ter dificuldade em escapar daí — disse ele ao tapete, e saiu para ver o que tinha acontecido na tenda de comida.

Estava tudo quieto e arrumado agora. Jamal encontrava-se sentado ao balcão, pesarosamente abraçado ao seu cão.

— O que aconteceu? — perguntou Abdullah.

— Uns garotos ladrões entornaram toda a minha lula — contou Jamal. — O meu estoque do dia lá no meio da terra, perdido, arruinado!

Abdullah estava tão satisfeito com sua barganha que deu a Jamal duas moedas de prata para comprar mais lula. Jamal chorou de gratidão e abraçou Abdullah. Seu cachorro não só se absteve de morder Abdullah, como também lhe lambeu a mão. Abdullah sorriu. A vida era boa. E saiu assoviando em busca de uma boa refeição, enquanto o cão tomava conta da sua tenda.

Quando a noite começava a tingir o céu de vermelho por trás dos domos e minaretes de Zanzib, Abdullah voltou, ainda assoviando, cheio de planos de vender o tapete para o próprio sultão por uma quantia bem alta. Ele encontrou o tapete exatamente onde o havia deixado. Ou seria melhor abordar o grão-vizir, perguntou-se enquanto tomava banho, e sugerir que o vizir o desse de presente ao sultão? Dessa forma, ele podia pedir um valor ainda mais alto. Pensando em quanto isso valorizava o tapete, a história do cavalo treinado para fugir do cabresto começou a incomodá-lo novamente. Enquanto vestia a camisola de dormir, Abdullah visualizou o tapete retorcendo-se até se soltar. Era velho e flexível. E provavelmente muito bem treinado. Certamente podia soltar-se do barbante. Mesmo que não pudesse, Abdullah sabia que essa ideia o manteria acordado a noite toda.

No fim, ele cortou o barbante com todo o cuidado e estendeu o tapete no topo da pilha dos seus tapetes mais valiosos, que sempre usava como cama. Então pôs a touca de dormir — que era necessária, porque os ventos frios sopravam do deserto e enchiam a tenda de correntes de ar —, tapou-se com o cobertor, apagou a lamparina e dormiu.



CAPÍTULO DOIS

No qual Abdullah é confundido com uma jovem

Ele acordou e se viu deitado numa encosta, o tapete ainda debaixo dele, num jardim mais lindo do que qualquer outro que já houvesse imaginado.

Abdullah estava convencido de que se encontrava em um sonho. Esse era o jardim que ele estava tentando imaginar quando o estranho tão descortemente o interrompera. Ali estava a lua quase cheia, pairando bem alto no céu, lançando uma luz branca como tinta numa centena de florezinhas cheirosas no gramado à sua volta. Pequenas lâmpadas amarelas pendiam das árvores, dispersando as sombras escuras e densas da lua. Abdullah pensou que essa era uma ideia muito agradável. Sob as duas luzes, branca e amarela, ele podia ver uma arcada de trepadeiras sustentada por elegantes pilares, além do gramado onde se encontrava; e, em algum lugar, atrás disso tudo, um curso d'água corria quase silenciosamente.

O local era tão fresco e tão celestial que Abdullah se levantou e saiu à procura da água oculta, passando pela arcada, onde florações em forma de estrelas, brancas e silenciosas ao luar, e flores semelhantes a sinos exalavam os aromas mais estonteantes e delicados. Como se faz nos sonhos, Abdullah dedilhou um grande antúrio aqui, e tomou um delicioso atalho ali, entrando num vale de rosas pálidas. Nunca antes ele havia tido um sonho nem de perto tão lindo.

A água, quando ele a encontrou além de alguns arbustos semelhantes a samambaias que gotejavam orvalho, era uma simples fonte de mármore em outro gramado, iluminada por fios de luzes nos arbustos, que transformavam a água sussurrante numa maravilha de meias-luas de ouro e de prata. Extasiado, Abdullah caminhou em sua direção.

Faltava apenas uma coisa para completar esse êxtase e, como em todos os melhores sonhos, ela surgiu. Uma jovem muito linda atravessou o gramado, vindo a seu encontro, pisando na grama úmida com pés descalços. Os trajes diáfanos que flutuavam à sua volta mostravam que ela era esguia, mas não magricela, exatamente como a princesa das fantasias de Abdullah. Quando ela se aproximou, ele viu que o rosto dela não era o oval perfeito que o rosto da princesa do seu sonho deveria ter, tampouco seus imensos olhos negros eram suaves. Na verdade, eles examinavam o seu rosto de forma intensa, com evidente interesse. Abdullah rapidamente ajustou seu sonho, pois ela decerto era muito bonita. E, quando falou, sua voz era tudo que ele podia ter desejado — límpida e alegre como a água da fonte e, ao mesmo tempo, a voz de uma pessoa bem decidida.

— Você é algum tipo de criada? — perguntou ela.

As pessoas sempre faziam perguntas estranhas nos sonhos, pensou Abdullah.

— Não, obra-prima da minha imaginação — disse ele. — Saiba que sou na verdade o filho há muito perdido de um príncipe distante.

— Ah — disse ela. — Então isso deve fazer alguma diferença. Significa que você é um tipo de mulher diferente de mim?

Abdullah fitou a garota dos seus sonhos com alguma perplexidade.

— Eu *não* sou uma mulher! — exclamou ele.

— Tem certeza? — perguntou ela. — Você *está* usando um vestido.

Abdullah olhou para baixo e viu que, à maneira dos sonhos, ele estava vestido com sua camisola.

— Este é apenas meu estranho traje de estrangeiro — apressou-se a dizer. — Meu verdadeiro país fica longe daqui. Asseguro-lhe que sou homem.

— Ah, não — disse ela, decidida. — Você não pode ser um homem. Tem a forma errada. Os homens são duas vezes mais largos do que você no corpo todo, e a barriga imensa deles cai para a frente. E eles têm pelos grisalhos no rosto todo e nada, a não ser a pele lustrosa, na cabeça. Você tem tanto cabelo na cabeça quanto eu e quase nenhum no rosto. — Então, quando Abdullah, indignado, levava a mão à meia dúzia de pelos sobre o lábio superior, ela perguntou: — Ou será que você tem pele nua debaixo do chapéu?

— Certamente que não — disse Abdullah, que tinha orgulho da sua cabeleira espessa e ondulada. Ele levou as mãos à cabeça e tirou o que vinha a ser sua touca de dormir. — Olhe — disse ele.

— Ah — exclamou ela com uma expressão intrigada no rosto adorável. — Você tem cabelos quase tão bonitos quanto os meus. Eu não entendo.

— Eu também não sei direito se entendo — disse Abdullah. — Será possível que você não tenha visto muitos homens?

— É óbvio que não — disse ela. — Não seja tola. Eu só vi meu pai! Mas vi bastante dele, então eu *sei*.

— Mas... você nunca sai? — perguntou Abdullah, sem conseguir se controlar.

Ela riu.

— Saio. Estou fora de casa agora. Este é o meu jardim noturno. Que meu pai mandou fazer para que eu não estragasse minha pele saindo ao sol.

— Eu me refiro a sair na cidade, para ver as pessoas — explicou Abdullah.

— Bem, não, ainda não — admitiu ela. Como se isso a incomodasse um pouco, ela girou, afastando-se dele, e foi sentar-se na borda da fonte. Virando-se a fim de olhar para ele, ela disse: — Meu pai me diz que eu *talvez* possa sair e ver a cidade de vez em quando depois que me casar... se meu marido permitir. Mas não vai ser *esta* cidade. Meu pai está combinando para que eu me case com um príncipe do Oquinstão. Até lá tenho de ficar entre estes muros, naturalmente.

Abdullah ouvira dizer que algumas das pessoas muito ricas de Zanzib mantinham as filhas — e até mesmo as esposas — quase como prisioneiras em suas casas grandiosas. Muitas vezes ele desejara que alguém mantivesse Fátima, a irmã da primeira esposa do seu pai, dessa forma. Mas agora, em seu sonho, esse costume pareceu-lhe inteiramente irracional e injusto com essa linda garota. Imagine não saber como é um rapaz normal!

— Perdoe-me por perguntar, mas por acaso o príncipe do Oquinstão é velho e um tanto feio? — indagou ele.

— Bem — começou ela, evidentemente sem nenhuma certeza —, meu pai diz que ele está na flor da idade, assim como também ele, meu pai. Mas eu acredito que o problema esteja na natureza brutal dos homens. Se outro homem me visse antes do príncipe, meu pai diz que ele se apaixonaria imediatamente por mim e me levaria embora, o que arruinaria os planos do meu pai, é evidente. Ele diz que os homens, em sua maioria, são uns grandes brutos. Você é bruto?

— De modo algum — disse Abdullah.

— Foi o que pensei — disse ela, e o olhou com grande preocupação. — Você não me parece bruto. Isso me dá uma relativa certeza de que então não pode mesmo ser homem. — Era evidente que ela era uma daquelas pessoas que gostavam de se agarrar a uma teoria depois que a formulavam. Após pensar por um momento, ela perguntou: — Será que sua família, por razões particulares, não criou você acreditando numa mentira?

Abdullah teve vontade de dizer que a situação era justamente o oposto, mas, como isso lhe pareceu indelicado, ele simplesmente sacudiu a cabeça

e pensou em como era generoso da parte dela preocupar-se com ele. E como a preocupação estampada em seu rosto o tornava ainda mais belo — sem falar na maneira como seus olhos brilhavam bondosamente à luz dourada e prateada que a fonte refletia.

— Talvez tenha alguma coisa a ver com o fato de você ser de um país distante — disse ela e bateu na borda da fonte, ao seu lado. — Sente-se e me conte tudo a esse respeito.

— Diga-me primeiro o seu nome — pediu Abdullah.

— É um nome bastante tolo — disse ela, nervosa. — Eu me chamo Flor da Noite.

Era o nome perfeito para a garota dos seus sonhos, pensou Abdullah. Ele a olhou com admiração.

— Meu nome é Abdullah — apresentou-se.

— Até lhe deram um nome de homem! — exclamou Flor da Noite, indignada. — Sente-se e me conte.

Abdullah sentou-se na borda de mármore ao lado dela e pensou no quanto esse sonho parecia real. A pedra estava fria. Respingos da fonte molhavam sua camisola, enquanto o doce perfume de água-de-rosas de Flor da Noite se misturava de forma bastante realista aos aromas das flores no jardim. Mas, como era um sonho, então suas fantasias também eram verdadeiras aqui. Assim Abdullah lhe contou tudo sobre o palácio em que vivera como príncipe, e como fora sequestrado por Kabul Aqba e fugira para o deserto, onde o mercador de tapetes o havia encontrado.

Flor da Noite ouviu com total empatia.

— Que terrível! Que exaustivo! — observou ela. — Será possível que seu pai de criação estava aliado aos bandidos para enganar você?

Abdullah experimentava a sensação crescente, apesar do fato de estar apenas sonhando, de que estava conquistando a simpatia dela com base em mentiras. Ele concordou que o pai poderia ter tido um acordo com Kabul Aqba, e então mudou de assunto.

— Voltemos ao *seu* pai e aos planos dele — disse Abdullah. — Parece-me um pouco estranho que você deva se casar com esse príncipe do Oquinstão sem que tenha visto nenhum outro homem com os quais compará-lo. Como vai saber se o ama ou não?

— Você tem aí um bom argumento — disse ela. — Isso às vezes também me preocupa.

— Então vou lhe dizer uma coisa — disse Abdullah. — Suponha que eu volte amanhã à noite e lhe traga retratos de tantos homens quantos puder encontrar? Isso deve lhe dar algum parâmetro de comparação com o príncipe. — Sonho ou não, Abdullah não tinha nenhuma dúvida de que voltaria no dia seguinte. Isso lhe daria uma desculpa apropriada.

Flor da Noite refletiu sobre a sua oferta, oscilando, hesitante, para a frente e para trás com as mãos abraçando os joelhos. Abdullah quase podia ver fileiras de homens gordos, carecas e de barba grisalha desfilando diante dos olhos da mente dela.

— Eu lhe asseguro — disse ele — que existem homens de todos os tamanhos e formatos.

— Então isso seria muito educativo — concordou ela. — Pelo menos me daria uma desculpa para vê-lo novamente. Você é uma das pessoas mais agradáveis que já conheci.

Isso deixou Abdullah ainda mais determinado a retornar no dia seguinte. Disse a si mesmo que seria injusto deixá-la em tal estado de ignorância.

— E eu penso da mesma forma em relação a você — disse ele, com timidez.

Com isso, para seu desapontamento, Flor da Noite ergueu-se para ir embora.

— Preciso entrar agora — disse ela. — Uma primeira visita não deve durar mais do que meia hora, e tenho quase certeza de que você está aqui o dobro desse tempo. Mas, agora que já nos conhecemos, você pode ficar pelo menos duas horas da próxima vez.

— Obrigado. Eu voltarei — afirmou Abdullah.

Ela sorriu e se foi como num sonho, desaparecendo além da fonte e de dois frondosos arbustos em flor.

Depois disso, o jardim, o luar e os aromas pareceram um tanto insípidos a Abdullah. E não lhe ocorreu nada melhor a fazer senão voltar pelo caminho por onde viera. E ali, na encosta iluminada pela lua, encontrou o tapete. Ele o havia esquecido completamente. Mas, como ele estava ali no sonho também, deitou-se nele e adormeceu.

Acordou algumas horas depois com a ofuscante luz do dia escoando pelas frestas em sua tenda. O cheiro do incenso de anteontem pairando no ar lhe pareceu de má qualidade e sufocante. Na verdade, toda a tenda estava abafada, bolorenta e vulgar. E ele estava com dor de ouvido porque

sua touca de dormir parecia ter caído enquanto ele dormia. Mas pelo menos descobriu, enquanto a procurava, que o tapete não se fora durante a noite. Ainda estava debaixo dele. Essa era a única coisa boa que ele conseguia ver no que de repente lhe parecia uma vida completamente monótona e deprimente.

Aqui Jamal, que ainda estava agradecido pelas moedas de prata, gritou lá fora que tinha o café da manhã pronto para os dois. De bom grado Abdullah abriu as cortinas da tenda. Galos cantavam a distância. O céu era de um azul brilhante e feixes nítidos de raios de sol cortavam a poeira azul e o velho incenso dentro da tenda. Mesmo àquela luz forte, Abdullah não conseguiu encontrar a touca. E estava mais deprimido do que nunca.

— Diga-me: às vezes, em certos dias, você se sente inexplicavelmente triste? — perguntou a Jamal quando os dois se encontravam sentados de pernas cruzadas ao sol, do lado de fora, comendo.

Jamal ternamente ofereceu um pedaço de pão doce a seu cachorro.

— Eu estaria triste hoje — disse ele — se não fosse por você. Acho que alguém pagou aqueles garotos desgraçados para me roubar. Eles foram tão meticulosos e, para completar, a Guarda me multou. Eu lhe contei? Acho que tenho inimigos, meu amigo.

Embora isso confirmasse as suspeitas de Abdullah em relação ao estranho que lhe vendera o tapete, não era de grande ajuda.

— Talvez — disse ele — você devesse ter mais cuidado com quem deixa seu cachorro morder.

— Eu não! — replicou Jamal. — Sou um defensor do livre-arbítrio. Se meu cachorro opta por odiar toda a raça humana, com minha exceção, ele deve ter liberdade para isso.

Depois do café da manhã, Abdullah procurou de novo a touca de dormir. Ela simplesmente não estava lá. Tentou se lembrar da última vez em que a havia usado. Foi ao se deitar para dormir na noite anterior, quando estava pensando em levar o tapete para o grão-vizir. Depois disso vinha o sonho. Ele havia descoberto que estava usando a touca então. E lembrava-se de tê-la tirado para mostrar a Flor da Noite (que nome lindo!) que ele não era careca. A partir daí, até onde podia recordar, tinha carregado a touca nas mãos até o momento em que se sentara ao lado de Flor da Noite na borda da fonte. Depois, quando recontava a história do seu sequestro por Kabul Aqba, tinha a nítida lembrança de agitar ambas as mãos livremente enquanto falava, e sabia que a touca não estava em

nenhuma das duas. As coisas desaparecem mesmo nos sonhos, ele sabia, mas os indícios apontavam, ainda assim, para a hipótese de ele a ter deixado cair ao sentar-se. Seria possível que a tivesse deixado na grama ao lado da fonte? Nesse caso...

Abdullah ficou totalmente imóvel no centro da tenda, fitando os raios de sol que, por mais estranho que fosse, já não pareciam cheios de esquálidas partículas de poeira e incenso velho. Em vez disso, eram fatias de puro ouro do próprio céu.

— Então *não foi um sonho!* — exclamou Abdullah.

De alguma forma, sua melancolia havia desaparecido. Até mesmo respirar era mais fácil.

— Era *real!* — disse ele.

E parou sobre o tapete mágico, olhando-o, pensativo. Ele também estivera no sonho. E nesse caso...

— Você então me transportou para o jardim de algum homem rico enquanto eu dormia — disse ele. — Talvez eu tenha falado e lhe ordenado que assim fizesse durante o meu sono. É muito provável. Eu estava pensando em jardins. Você é ainda mais valioso do que pensei!



CAPÍTULO TRÊS

No qual Flor da Noite descobre vários fatos importantes

Com cuidado, Abdullah amarrou o tapete novamente em torno da haste do teto e saiu para o Bazar, onde procurou a tenda do mais habilidoso dos vários artistas que tinham negócios por lá.

Após as habituais cortesias, nas quais Abdullah chamou o artista de príncipe do lápis e encantador de giz, e o artista retrucou chamando Abdullah de a fina flor dos clientes e duque do discernimento, o vendedor de tapetes disse:

— Quero desenhos de todos os tamanhos, formatos e tipos de homem que você já viu. Desenhe reis e pobres, mercadores e operários, gordos e magros, jovens e velhos, bonitos e feios, e também os que forem medianos. Se algum desses for um tipo que você nunca viu, peço que os invente, ó exemplo do pincel. E, se sua criatividade falhar, o que acho muito pouco provável, ó aristocrata dos artistas, então tudo que precisa fazer é voltar os olhos para o mundo lá fora, observar e copiar!

Abdullah estendeu um braço para apontar a turba fervilhante que se acotovelava fazendo compras no Bazar. Ele se comoveu quase às lágrimas ao pensar que essa cena diária era algo que Flor da Noite jamais tinha visto.

O artista correu a mão, hesitante, pela barba desalinhada.

— Certamente, nobre admirador da humanidade — disse ele. — Posso fazer isso com facilidade. Mas quem sabe se a joia do discernimento pudesse informar a este humilde desenhista para que precisa desses muitos retratos de homens...

— Por que iria a coroa e o diadema da prancha de desenho querer saber disso? — indagou Abdullah, um tanto consternado.

— Com certeza o líder dos clientes compreenderá que este verme deformado precisa saber que técnica usar — replicou o artista. Na verdade, ele estava apenas curioso com o pedido muitíssimo incomum. — Pintura em óleo sobre madeira ou tela, com caneta em papel ou velino, ou mesmo afresco numa parede, dependendo do que esta pérola entre os mecenas deseja fazer com os retratos.

— Ah, papel, por favor — apressou-se em dizer Abdullah. Ele não tinha a menor intenção de tornar seu encontro com Flor da Noite público. Estava evidente para ele que o pai dela devia ser um homem muito rico e que certamente se oporia a que um jovem mercador de tapetes mostrasse à filha outros homens além do príncipe do Oquinstão. — Os retratos são

para um inválido que nunca pôde viajar por terras estranhas como outros homens fazem.

— Então o senhor é um campeão da caridade — disse o artista, e concordou em fazer os retratos por uma quantia surpreendentemente pequena. — Não, não, filho da fortuna, não me agradeça — disse quando Abdullah tentou expressar sua gratidão. — Minhas razões são três. Primeiro, tenho já prontos muitos retratos que faço para o meu próprio prazer, e cobrar-lhe por esses não é honesto, pois eu os teria desenhado de qualquer forma. Segundo, a tarefa de que me incumbiste é dez vezes mais interessante do que meu trabalho costumeiro, que consiste em fazer retratos de noivas ou noivos no dia do casamento, ou de cavalos e camelos, os quais tenho de fazer parecerem bonitos, a despeito da realidade. Ou ainda pintar fileiras de crianças melequentas cujos pais querem que pareçam anjos, também sem me ater à realidade. E minha terceira razão é que acho que você é louco, meu mais nobre dos clientes, e explorá-lo daria azar.

Espalhou-se quase imediatamente, por todo o Bazar, que Abdullah, o jovem mercador de tapetes, havia perdido o juízo e que compraria quaisquer retratos que as pessoas tivessem para vender.

Isso foi um grande inconveniente para Abdullah. Pelo resto do dia ele foi constantemente interrompido por pessoas que chegavam com discursos longos e floreados sobre esse retrato da sua avó do qual só a pobreza as levava a abrir mão; ou esse retrato do camelo de corrida do sultão que caiu da traseira de uma carroça; ou o medalhão contendo uma foto da sua irmã. Abdullah precisou de muito tempo para se livrar dessas pessoas — e em várias ocasiões acabou comprando um retrato ou desenho, se o retratado fosse homem. O que naturalmente fazia com que as pessoas continuassem vindo.

— Só hoje. Minha oferta se estende apenas até o pôr do sol de hoje — disse ele, por fim, à crescente multidão. — Todos aqueles com um retrato de *homem* venham até mim uma hora antes do pôr do sol, e eu o comprarei. Mas só nesse momento.

Isso lhe deixou algumas horas de paz durante as quais pôde fazer experiências com o tapete. A essa altura ele se perguntava se estava certo ao pensar que a visita ao jardim fora mais do que um sonho. Pois o tapete não se movia. Naturalmente Abdullah o havia testado depois do café da manhã, pedindo-lhe que subisse outra vez até a altura de meio metro, só

para provar que ele obedeceria. E ele simplesmente continuou imóvel no chão. Abdullah tornou a testá-lo quando voltou da tenda do desenhista, e mais uma vez o tapete ficou lá parado.

— Talvez eu não o tenha tratado bem — disse ao tapete. — Você permaneceu comigo fielmente, apesar de minhas suspeitas, e eu o recompensei amarrando-o a uma haste. Você se sentiria melhor se eu o deixasse esticado no chão, meu amigo? É isso?

Ele estendeu o tapete no chão, mas ainda assim nada aconteceu. Não faria diferença se fosse um mero capacho velho.

Abdullah tornou a pensar no assunto, nos intervalos em que as pessoas não o estavam importunando para que comprasse retratos. Relembrou as suspeitas em relação ao estranho que lhe vendera o tapete e à barulhada que ocorreu na tenda de Jamal no exato momento em que o estranho ordenava ao tapete que se erguesse. Lembrava-se de ter visto os lábios do homem se moverem de ambas as vezes, mas não tinha ouvido tudo que ele dissera.

— É isso! — gritou, batendo com a mão fechada na palma da outra mão. — É preciso dizer uma palavra-código antes de ele se mover, a qual por motivos próprios, sem dúvida altamente sinistros, aquele homem omitiu a mim. O vilão! E eu devo ter dito essa palavra enquanto dormia.

Ele correu até os fundos da tenda e esquadrinhou o gasto dicionário que havia usado na escola. Então, de pé sobre o tapete, gritou:

— *Aabora!* Voe, por favor!

Nada aconteceu, nem nesse momento nem com qualquer outra palavra começada com A. Obstinadamente, Abdullah seguiu para o B, e quando isso também não resolveu, ele continuou, percorrendo todo o dicionário. Com as constantes interrupções dos vendedores de retratos, isso lhe tomou algum tempo. Não obstante, chegou a *zurzir* no começo da noite sem que o tapete tivesse se movido um milímetro sequer.

— Então tem de ser uma palavra inventada ou estrangeira! — gritou ele, febrilmente. Era isso ou acreditar que Flor da Noite era apenas um sonho, afinal. Mesmo que ela fosse real, suas chances de fazer o tapete levá-lo até ela pareciam mais escassas a cada minuto. Ele ficou ali de pé pronunciando cada som estranho e cada palavra estrangeira que lhe ocorriam, e ainda assim o tapete não fazia nenhum movimento.

Abdullah foi novamente interrompido uma hora antes de o sol se pôr por uma enorme multidão que se reunia lá fora, carregando maços e

pacotes planos. O artista precisou abrir caminho em meio à turba com sua pasta de desenhos. A hora que se seguiu foi totalmente frenética. Abdullah inspecionou pinturas, rejeitou retratos de tias e mães, e derrubou preços pedidos por retratos ruins de sobrinhos. No curso dessa hora ele adquiriu, além da centena de excelentes desenhos do artista, 89 outros quadros, medalhões, desenhos e até mesmo um pedaço de parede com um rosto pintado nele. Nisso, ele também se defez de quase todo o dinheiro que lhe restara depois de comprar o tapete mágico — se é que *era* mágico. No momento em que finalmente convenceu um homem, que afirmava que o quadro a óleo da mãe da sua quarta esposa era semelhante o bastante a um homem para qualificar-se, de que não era esse o caso, e o conduziu para fora da tenda, já estava escuro. Abdullah estava então exausto e agitado demais para comer. E teria ido direto para a cama, não tivesse Jamal — que vinha fazendo um excelente negócio vendendo lanches para a multidão à espera — chegado com espetinhos de carne macia. — Não sei o que deu em você — disse Jamal. — Eu achava que era um rapaz normal. Mas, louco ou não, precisa comer.

— Não tem nada de loucura — replicou Abdullah. — Eu simplesmente decidi entrar num novo ramo de negócio. — Mas comeu a carne.

Finalmente conseguiu empilhar seus 189 retratos em cima do tapete e deitar-se entre eles.

— Agora ouça isto — disse ao tapete. — Se, por um golpe de sorte, eu lhe disser a palavra-código durante o sono, você deve voar instantaneamente comigo para o jardim noturno de Flor da Noite.

Isso parecia ser o melhor que Abdullah podia fazer. No entanto, ele levou bastante tempo para conseguir dormir.

Acordou com a etérea fragrância de flores noturnas e uma mão cutucando-o delicadamente. Flor da Noite debruçava-se sobre ele. Abdullah viu que ela era muito mais linda do que ele vinha se lembrando.

— Você trouxe mesmo os retratos! — exclamou ela. — Você é muito gentil.

Consegui!, pensou Abdullah, triunfante.

— É — disse ele. — Tenho 189 tipos de homem aqui. Acho que isso vai lhe dar pelo menos uma ideia geral.

Ele a ajudou a desenganchar algumas lâmpadas douradas e colocá-las num círculo ao lado da elevação. Então Abdullah lhe mostrou os retratos,

segurando-os primeiro debaixo de uma lâmpada e então apoiando-os na encosta. Ele começou a se sentir como um artista de calçada.

Flor da Noite inspecionava cada homem à medida que Abdullah mostrava os retratos, com absoluta imparcialidade e grande concentração. Então ela pegou uma lâmpada e inspecionou os desenhos do artista novamente. Isso agradou Abdullah. O artista era um verdadeiro profissional. Ele havia desenhado homens exatamente como Abdullah pedira, de um tipo heroico e majestoso, evidentemente copiado de uma estátua, ao corcunda que limpava sapatos no Bazar, e incluía até mesmo um autorretrato entre eles.

— Sim — disse Flor da Noite, por fim. — Os homens variam muito mesmo, como você disse. Meu pai não representa um padrão, em absoluto. Tampouco você, certamente.

— Então reconhece que não sou uma mulher? — perguntou Abdullah.

— Sou forçada a isso — disse ela. — Peço-lhe desculpas por meu erro. — Então apanhou a lâmpada e a carregou ao longo da encosta, inspecionando alguns dos quadros uma terceira vez.

Abdullah percebeu, bastante nervoso, que os que ela havia separado eram os mais bonitos. Ele a observou inclinar-se na direção deles com o cenho franzido e um cacho do cabelo escuro caindo na testa, com expressão de grande concentração. E começou a se perguntar o que havia provocado.

Flor da Noite recolheu os retratos e arrumou-os numa pilha ao lado da encosta.

— É exatamente como pensei — disse ela. — Prefiro você a qualquer um destes. Alguns parecem orgulhosos demais de si mesmos e outros parecem egoístas e cruéis. Você é modesto e gentil. Pretendo pedir a meu pai que me case com você em vez do príncipe do Oquinstão. Você se importa?

O jardim pareceu girar em torno de Abdullah num borrão de ouro e prata e verde-escuro.

— Eu... eu acho que isso pode não funcionar — conseguiu dizer, por fim.

— Por que não? — perguntou ela. — Você já é casado?

— Não, não — disse ele. — Não é isso. A lei permite que um homem tenha quantas esposas ele puder sustentar, mas...

A testa de Flor da Noite voltou a se franzir.

— Quantos maridos as mulheres têm permissão para ter? — indagou ela.

— Apenas um! — respondeu Abdullah, um tanto chocado.

— Isso é extremamente injusto — observou Flor da Noite, pensativa. Ela se sentou na elevação e refletiu. — Você diria que é possível que o príncipe do Oquinstão já tenha algumas esposas?

Abdullah viu a testa de Flor da Noite se franzir ainda mais e os dedos esguios da mão direita dela tamborilarem quase com irritação na grama. Ele sabia que havia de fato provocado alguma coisa. Flor da Noite estava descobrindo que o pai a mantivera na ignorância de vários fatos importantes.

— Se ele é um príncipe — disse Abdullah, bastante nervoso —, acho que é totalmente possível que tenha um bom número de esposas. Sim.

— Então ele está sendo cobiçoso — afirmou Flor da Noite. — O que tira um peso dos meus ombros. Por que você disse que minha ideia de casar com você pode não funcionar? Você ontem mencionou que também é um príncipe.

Abdullah sentiu o rosto pegar fogo, e se amaldiçoou por tagarelar sobre suas fantasias. Embora ele dissesse a si mesmo que tivera todas as razões para acreditar que estava sonhando quando falou a ela sobre o assunto, isso não o fazia sentir-se melhor.

— Verdade. Mas também lhe disse que estava perdido e distante do meu reino — lembrou ele. — Como você pode supor, agora sou forçado a ganhar a vida por meios humildes. Eu vendo tapetes no Bazar de Zanzib. Seu pai sem dúvida é um homem muito rico. Essa não lhe parecerá uma união adequada.

Os dedos de Flor da Noite martelavam agora com certa fúria.

— Você fala como se fosse meu *pai* que pretendesse casar com você! — disse ela. — Qual é o problema? Eu amo você. Você não me ama?

Ela fitou o rosto de Abdullah ao dizer essas palavras. Ele a fitou de volta, no que pareceu uma eternidade de grandes olhos escuros. E se viu dizendo:

— *Sim.*

Flor da Noite sorriu. Abdullah sorriu. Várias outras eternidades enluaradas se passaram.

— Vou junto quando você for embora — disse Flor da Noite. — Como o que diz sobre a atitude do meu pai em relação a você pode muito bem ser

verdade, devemos nos casar primeiro e só depois contar ao meu pai. Então ele não poderá fazer nada.

Abdullah, que tinha alguma experiência com homens ricos, desejou poder ter certeza disso.

— Pode não ser tão simples assim — afirmou ele. — Na verdade, pensando agora, estou certo de que nossa única saída prudente é ir embora de Zanzib. Isso deve ser fácil, porque eu por acaso tenho um tapete mágico... Lá está ele, no alto da encosta. Foi ele que me trouxe aqui. Infelizmente, precisa ser ativado por uma palavra mágica que, ao que parece, eu só consigo dizer durante o sono.

Flor da Noite apanhou uma lâmpada e a segurou bem alto, de forma a poder inspecionar o tapete. Abdullah observava, admirando a graça com que ela se inclinava para a frente.

— Parece muito velho — disse ela. — Já li sobre esses tapetes. O comando provavelmente é uma palavra bastante comum pronunciada de maneira antiga. Minha leitura sugere que esses tapetes se destinavam a ser usados rapidamente numa emergência, e assim a palavra não pode ser nada de extraordinário. Por que não me conta detalhadamente tudo que sabe sobre ele? Juntos, poderemos descobrir.

Com isso, Abdullah percebeu que Flor da Noite — descontados os lapsos em seu conhecimento prático — era tão inteligente quanto instruída. Ele a admirou ainda mais. E contou-lhe, até onde sabia, todos os fatos sobre o tapete, inclusive o tumulto na tenda de Jamal que impedira que ele ouvisse a palavra-comando.

Flor da Noite ouvia e assentia a cada novo fato.

— Então — disse ela —, vamos deixar de lado a razão por que alguém lhe venderia um tapete comprovadamente mágico e, não obstante, cuidaria para que você não pudesse usá-lo. É uma coisa tão estranha que tenho certeza de que devemos refletir sobre isso mais tarde. Mas primeiro vamos pensar no que o tapete faz. Você diz que ele desceu quando mandou que o fizesse. O estranho falou nesse momento?

A mente dela era sagaz e lógica. Ele havia de fato encontrado uma pérola entre as mulheres, pensou Abdullah.

— Tenho quase certeza de que ele não falou nada.

— Então — continuou Flor da Noite —, a palavra-comando só é necessária para fazer o tapete começar a voar. Depois disso, eu só vejo duas possibilidades. Primeiro, que o tapete fará o que você disser até tocar

o solo, em algum lugar. Ou, segundo, que ele de fato obedecerá seu comando até que esteja de volta ao local de onde partiu...

— Podemos testar isso facilmente — disse Abdullah. Ele estava tonto de admiração pela lógica dela. — Acho que a segunda possibilidade é a correta. — Ele saltou sobre o tapete e gritou, experimentando: — Para cima e de volta à minha tenda!

— Não, não! Não faça isso! Espere! — gritou Flor da Noite no mesmo instante.

Mas era tarde demais. O tapete açoitou o ar e então deslizou de lado com tamanha velocidade e de modo tão súbito que Abdullah primeiro foi jogado de costas, perdendo o fôlego, e depois se viu pendurado, com a metade do corpo pendendo da borda desgastada, no que parecia uma altura aterrorizante. O deslocamento de ar provocado pelo movimento tornou a tirar-lhe o ar assim que ele conseguiu respirar. Tudo que podia fazer era tentar freneticamente segurar-se melhor na franja numa das extremidades. E, antes que conseguisse voltar à posição anterior sobre o tapete, muito menos falar, o tapete mergulhou — deixando o fôlego recém-adquirido de Abdullah lá no alto —, abriu caminho entre as cortinas da tenda — semiasfixiando Abdullah no processo —, e aterrissou suavemente no chão, no interior da tenda.

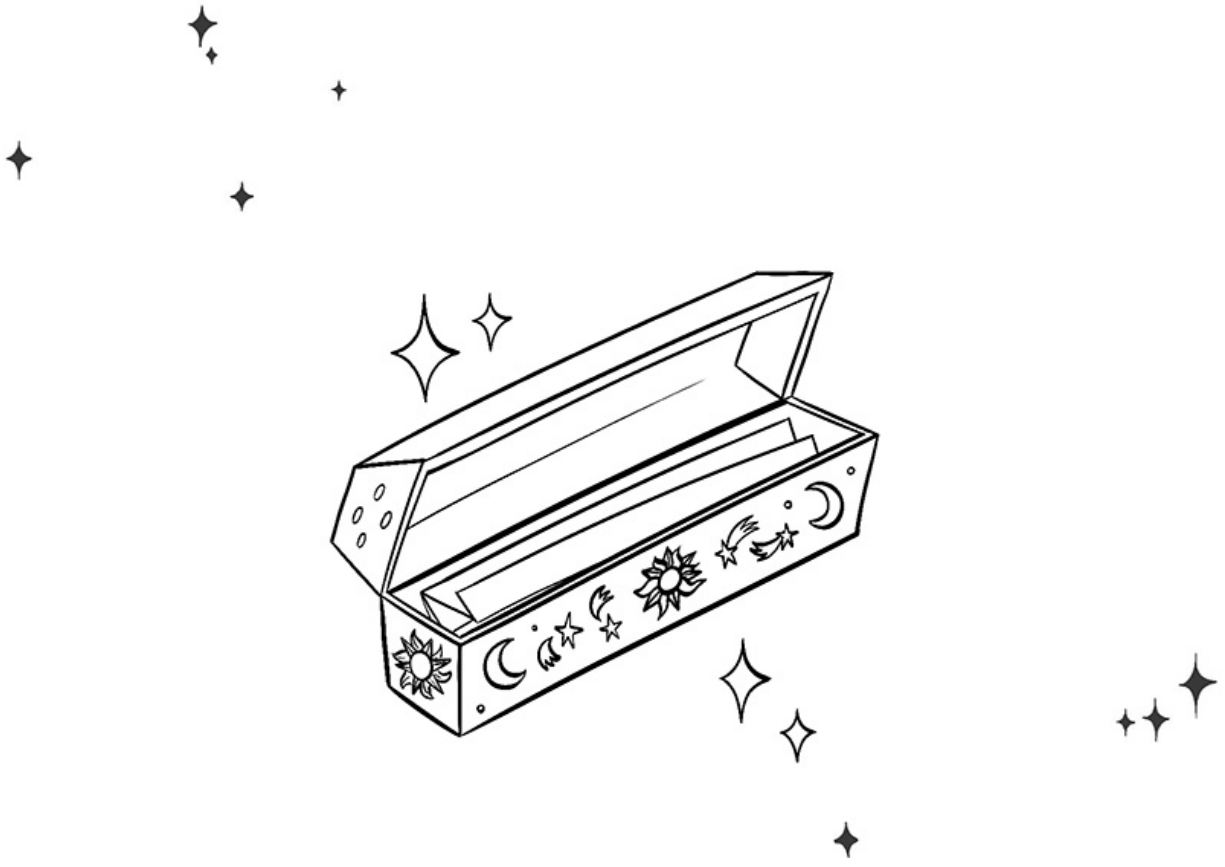
Abdullah ficou caído de cara no chão, ofegante, com lembranças vertiginosas de torreões passando velozmente por ele contra um céu estrelado. Tudo havia acontecido tão rápido que, a princípio, ele só conseguia pensar que a distância entre sua tenda e o jardim noturno devia ser surpreendentemente curta. Então, enquanto sua respiração enfim retornava ao normal, ele queria se socar. Que coisa *estúpida* para se fazer! Ele podia pelo menos ter esperado até Flor da Noite ter tempo de subir no tapete também. Agora a lógica da própria Flor da Noite lhe dizia que não havia forma de voltar para ela, a não ser dormir novamente e, mais uma vez, esperar ter a sorte de dizer a palavra-comando em seu sono. Mas, como já fizera isso duas vezes, ele estava razoavelmente certo de que conseguiria. Estava ainda mais certo de que Flor da Noite deduziria isso por conta própria e esperaria por ele no jardim. Ela era a inteligência em pessoa — uma pérola entre as mulheres. Ela o esperaria de volta em uma hora mais ou menos.

Depois de uma hora alternando entre culpar-se e enaltecer Flor da Noite, Abdullah de fato conseguiu dormir. Mas, infelizmente, quando

acordou ainda estava de cara no tapete no meio da tenda. O cachorro de Jamal latia lá fora, e fora isso que o havia acordado.

— Abdullah! — gritou a voz do filho do irmão da primeira esposa do seu pai. — Você está acordado aí?

Abdullah gemeu. Isso era tudo de que precisava.



CAPÍTULO QUATRO

O qual tem a ver com casamento e profecia

Abdullah não conseguia atinar no que Hakim estaria fazendo lá. Os parentes da primeira esposa do seu pai em geral só apareciam uma vez por mês, e já lhe haviam feito uma visita dois dias antes.

— O que você quer, Hakim? — gritou ele, abatido.

— Falar com você, é óbvio! — gritou Hakim de volta. — Com urgência!

— Então abra as cortinas e entre — disse Abdullah.

Hakim introduziu o corpo largo entre as tapeçarias.

— Eu devo dizer que, se essa é a segurança de que se vangloria, filho do marido de minha tia — disse ele —, eu não a tenho em boa conta. Qualquer um pode entrar aqui e surpreendê-lo enquanto dorme.

— O cachorro lá fora me avisou que você estava aqui — disse Abdullah.

— E de que serve isso? — perguntou Hakim. — O que você faria se eu fosse um ladrão? Ia estrangular-me com um tapete? Não, eu não posso aprovar a segurança dos seus arranjos.

— O que você queria me dizer? — perguntou Abdullah. — Ou você só veio aqui encontrar defeitos, como sempre?

Hakim sentou-se solenemente numa pilha de tapetes.

— Falta-lhe sua escrupulosa cortesia natural, primo por casamento — disse ele. — Se o filho do tio do meu pai o ouvisse, não ficaria satisfeito.

— Eu não devo satisfação a Assif por meu comportamento ou por nenhuma outra coisa! — devolveu Abdullah. Ele estava totalmente arrasado. Sua alma gritava por Flor da Noite, e ele não podia ir até ela. Não tinha paciência com mais nada.

— Então não vou perturbá-lo com minha mensagem — disse Hakim, levantando-se com altivez.

— Ótimo! — disse Abdullah. E seguiu para os fundos da tenda para lavar-se.

Mas estava evidente que Hakim não iria embora sem entregar sua mensagem. Quando Abdullah retornou depois de se lavar, Hakim ainda estava lá de pé.

— Você faria bem em trocar de roupa e visitar um barbeiro, primo por casamento — disse ele a Abdullah. — No momento você não parece a pessoa apropriada para visitar nosso empório.

— E por que eu deveria ir até lá? — perguntou Abdullah, um tanto surpreso. — Vocês todos deixaram óbvio há muito tempo que não sou

bem-vindo.

— Porque — disse Hakim — a profecia feita em seu nascimento veio à luz numa caixa que há muito se pensava continha apenas incenso. Se você se der ao trabalho de comparecer ao empório vestido de modo adequado, essa caixa lhe será entregue.

Abdullah não tinha o menor interesse nessa tal profecia. Tampouco imaginava por que teria de ir pessoalmente buscá-la quando Hakim poderia muito bem tê-la trazido com ele. Estava prestes a recusar quando lhe ocorreu que, se tivesse sucesso ao pronunciar a palavra certa em seu sonho desta noite (o que ele estava confiante que aconteceria, o mesmo já tendo ocorrido duas vezes), então ele e Flor da Noite com toda a probabilidade fugiriam juntos para se casar. Um homem deveria ir ao seu casamento corretamente trajado, limpo e barbeado. Então, como ele iria mesmo a uma sala de banho e a uma barbearia, poderia também ir buscar a tola profecia na volta.

— Muito bem — disse ele. — Podem me esperar duas horas antes do pôr do sol.

Hakim franziu a testa.

— Por que tão tarde?

— Porque tenho coisas para fazer, primo por casamento — explicou Abdullah. A ideia da fuga iminente deixava-o tão feliz que ele sorriu para Hakim e fez-lhe uma mesura com extrema cortesia. — Embora eu leve uma vida atarefada, com pouco tempo de sobra para obedecer a suas ordens, estarei lá, não tenha medo.

Hakim continuou de testa franzida e, ao sair, virou-se para olhar, sobre os ombros, as costas de Abdullah. Era óbvio que ele estava tão aborrecido quanto desconfiado. Abdullah não poderia ter dado menos importância ao assunto. Assim que Hakim sumiu de vista, ele alegremente deu a Jamal metade do dinheiro que lhe restava para tomar conta da sua tenda durante o dia. Em troca, foi obrigado a aceitar do cada vez mais agradecido Jamal um café da manhã constituído de todas as iguarias da tenda. A excitação tirara o apetite de Abdullah. Havia ali comida demais e, para não ferir os sentimentos de Jamal, ele deu secretamente a maior parte dela para o cachorro de Jamal — o que fez com cautela, pois o cão era tão rápido em abocanhar quanto em morder. Ele, porém, parecia partilhar a gratidão do dono. Abanou o rabo educadamente, comeu tudo que Abdullah lhe ofereceu e então tentou lambe o rosto de Abdullah.

O mercador esquivou-se desse gesto de cortesia. O bafo do cachorro era de lula velha. Abdullah o acariciou com delicadeza na cabeça nodosa, agradeceu a Jamal e saiu correndo para o Bazar. Ali investiu o restante do dinheiro no aluguel de um carrinho de mão, o qual carregou cuidadosamente com seus melhores e mais raros tapetes — o oquinstano floral, o capacho brilhante de Inhico, os *farqtans* dourados, os de gloriosa padronagem vindos do deserto e o par idêntico da distante Thayack — e os levou para as grandes tendas no centro do Bazar, onde os mercadores ricos negociavam. Apesar de toda a sua agitação, Abdullah estava sendo prático. O pai de Flor da Noite era certamente muito rico. Ninguém, a não ser os homens mais ricos, podiam pagar o dote para a filha se casar com um príncipe. Assim, estava evidente para Abdullah que ele e Flor da Noite teriam de ir para muito longe, ou o pai dela poderia tornar as coisas muito desagradáveis para eles. Mas também estava evidente para Abdullah que Flor da Noite estava acostumada a ter o melhor de tudo. Ela não ficaria feliz levando uma vida sem conforto. Portanto Abdullah precisava de dinheiro. Fez uma mesura diante do mercador na mais rica das tendas ricas e, tendo-lhe chamado de tesouro entre os negociantes e mais majestoso dos mercadores, ofereceu-lhe o oquinstano floral por uma quantia verdadeiramente formidável.

O mercador tinha sido amigo do pai de Abdullah.

— E por quê, filho do mais ilustre do Bazar — perguntou ele —, você iria querer se desfazer do que é certamente, a julgar pelo preço, a joia da sua coleção?

— Estou diversificando meus negócios — respondeu Abdullah. — Como já deve ter ouvido, andei comprando quadros e outras formas de arte. Para criar espaço para estes, sou forçado a me desfazer dos meus tapetes menos valiosos. E ocorreu-me que um vendedor de tapeçaria celestial como o senhor talvez quisesse ajudar o filho do seu velho amigo tirando de minhas mãos esta miserável coisa florida, por um preço de pechincha.

— O conteúdo da sua tenda deve, no futuro, ser a nata, de fato — disse o mercador. — Deixe-me oferecer-lhe metade do que você pediu.

— Ah, o mais astuto entre os astutos — disse Abdullah. — Mesmo uma barganha custa dinheiro. Mas, para o senhor, vou reduzir meu preço em duas moedas.

Foi um dia longo e quente. No começo da noite, Abdullah havia vendido todos os seus melhores tapetes por quase o dobro do que pagara por eles. E avaliou que agora tinha dinheiro disponível suficiente para manter Flor da Noite em um luxo razoável por uns três meses. Depois disso, ele esperava que alguma coisa acontecesse ou que a doce natureza dela a resignasse à pobreza. Ele dirigiu-se à casa de banhos. Depois foi ao barbeiro. Passou pelo perfumista e fez-se perfumar-se com óleos. Então voltou à sua tenda e vestiu-se com suas melhores roupas. Estas, como os trajes da maioria dos mercadores, tinham vários bolsos dissimulados, partes de bordados e cordões ornamentais que não eram de modo algum ornamentos, e sim bolsas engenhosamente ocultas para guardar dinheiro. Abdullah distribuiu seu ouro recém-adquirido por esses esconderijos e, por fim, viu-se pronto. Então seguiu, sem muito entusiasmo, para o velho empório do pai. Disse a si mesmo que assim passaria o tempo até sua fuga para casar.

Era uma sensação curiosa subir os degraus baixos de cedro e entrar no lugar onde passara grande parte da sua infância. O cheiro do local — a madeira, as especiarias e o odor felpudo e untuoso de tapetes — era tão familiar que, se fechasse os olhos, podia imaginar que tinha dez anos de novo, brincando atrás de um rolo de tapete enquanto o pai negociava com um cliente. Mas, com os olhos abertos, Abdullah não tinha essa ilusão. A irmã da primeira esposa do seu pai tinha um lamentável gosto pelo roxo vivo. As paredes, os biombos de treliça, as cadeiras para os clientes, a mesa do caixa e até mesmo o cofre haviam sido todos pintados com a cor preferida de Fátima, que veio encontrá-lo com um vestido da mesma cor.

— Ora, Abdullah! Como você é pontual e como está elegante! — exclamou ela, e seus modos diziam que havia esperado que ele chegasse atrasado e em farrapos.

— Até parece que ele se vestiu para o próprio casamento! — disse Assif, adiantando-se também, com um sorriso no rosto magro e rabugento.

Era tão raro ver Assif sorrir que Abdullah pensou por um momento que ele houvesse torcido o pescoço e estivesse fazendo uma careta de dor. Então Hakim reprimiu o riso, o que fez Abdullah se dar conta do que Assif acabara de dizer. Para sua contrariedade, viu que enrubescia violentamente. Foi obrigado a fazer uma medida educada, para esconder o rosto.

— Não precisa fazer o garoto enrubescer! — gritou Fátima, o que naturalmente fez Abdullah ficar ainda mais vermelho. — Abdullah, que boato é esse que ouvimos de que de repente você está planejando negociar quadros?

— E que está vendendo o melhor do seu estoque para dar espaço aos quadros? — acrescentou Hakim.

O rubor de Abdullah desapareceu. Ele viu que tinha sido chamado ali para ser criticado. Teve certeza disso quando Assif acrescentou, em tom de desaprovação:

— Estamos um tanto magoados, filho do marido da sobrinha do meu pai, por você não ter pensado que *nós* poderíamos obsequiá-lo ficando com alguns dos seus tapetes.

— Queridos parentes — disse Abdullah —, eu não poderia, naturalmente, vender meus tapetes a vocês. Meu objetivo era ter lucro e eu não poderia tirar dinheiro de vocês, a quem meu pai amava. — Estava tão aborrecido que se virou para ir embora, só para ver que Hakim havia silenciosamente fechado e bloqueado as portas com barras.

— Não há necessidade de deixar a loja aberta — disse Hakim. — Vamos ficar só a família aqui.

— O pobrezinho! — exclamou Fátima. — Nunca teve tanta necessidade de uma família para manter a cabeça no lugar!

— De fato — disse Assif. — Abdullah, correm alguns rumores no Bazar de que você enlouqueceu. Isso não nos agradando de forma estranha — concordou Hakim. — Não gostamos desse tipo de conversa ligado a uma família respeitável como a nossa.

Dessa vez eles estavam piores do que de hábito.

— Não tem nada *errado* com a minha mente — disse Abdullah. — Eu sei exatamente o que estou fazendo. E meu objetivo é parar de dar a vocês chance de me criticar, provavelmente amanhã. Bem, Hakim me disse para vir aqui porque vocês encontraram a profecia feita em meu nascimento. Isso é verdade ou foi uma simples desculpa? — Nunca antes ele fora tão rude com os parentes da primeira esposa do pai, mas estava com muita raiva e achava que eles mereciam.

Por mais estranho que fosse, em vez de ficarem zangados com Abdullah, os três parentes da primeira esposa do seu pai começaram a correr alvoroçadamente pelo empório.

— Ora, onde *está* aquela caixa? — perguntou Fátima.

— Encontre-a, encontre-a! — disse Assif. — São as palavras do adivinho que o pobre pai trouxe ao leito da sua segunda esposa uma hora depois do nascimento de Abdullah. Ele precisa vê-las!

— Escrito pela mão do seu próprio pai — disse Hakim a Abdullah. — O maior dos tesouros para você.

— *Aqui* está! — exclamou Fátima, puxando triunfalmente uma caixa de madeira entalhada de uma prateleira alta. Ela entregou a caixa a Assif, que a empurrou para as mãos de Abdullah.

— Abra, abra! — gritaram os três, animados.

Abdullah pousou a caixa no balcão púrpura onde ficava o caixa do empório e levantou o trinco. A tampa caiu para trás, levantando um cheiro bolorento do interior, que estava perfeitamente vazio, a não ser por um papel amarelado dobrado.

— Pegue! Leia! — ordenou Fátima, ainda mais animada.

Abdullah não entendia por que toda aquela comoção, mas desdobrou o papel. Havia ali algumas linhas escritas, marrons e desbotadas, e sem dúvida era a caligrafia do seu pai. Ele se voltou na direção da lâmpada pendente com o papel. Agora que Hakim havia fechado as portas principais, a roxidão generalizada do empório dificultava a visão ali dentro.

— Ele mal pode ver! — disse Fátima.

— Não é de admirar — replicou Assif. — Não tem luz aqui. Leve-o para a sala nos fundos. As persianas do alto estão abertas lá.

Ele e Hakim seguraram os ombros de Abdullah e o conduziram apressadamente em direção aos fundos da loja. Abdullah estava tão ocupado tentando ler a garatuja pálida do pai que os deixou empurrá-lo até que estivesse parado debaixo das grandes venezianas na sala de estar que ficava atrás do empório. Ali estava melhor. Agora ele sabia por que o pai ficara tão decepcionado com ele. O papel dizia:

Estas são as palavras do sábio adivinho: “Este seu filho não o seguirá nos negócios. Dois anos após sua morte, sendo ele um rapaz ainda bem jovem, será elevado acima de todos os outros nesta terra. O que o Destino decreta eu digo.”

O destino do meu filho é uma grande decepção para mim. Que o Destino me envie outros filhos que me sigam nos negócios ou terei perdido quarenta moedas de ouro nesta profecia.”

— Como você vê, um grande futuro o espera, caro rapaz — disse Assif.

Alguém deu uma risadinha afetada.

Abdullah ergueu os olhos do papel, um tanto confuso. Parecia haver muito perfume no ar.

A risadinha se fez ouvir novamente, duas vezes, vindo da sua frente.

Os olhos de Abdullah dispararam naquela direção. Ele os sentiu arregalar-se. Duas jovens bem gordas encontravam-se de pé diante dele.* Elas fitaram seus olhos arregalados e tornaram a rir, tímidas. Ambas estavam vestidas suntuosamente em cetim brilhante e tule armado — rosa na da direita, amarelo na da esquerda — e enfeitadas com mais colares e braceletes do que parecia possível. Além disso, a de rosa, que era a mais gorda, trazia uma pérola pendente na testa, logo abaixo do cabelo cuidadosamente frisado. A de amarelo, quase tão gorda quanto a outra, usava uma espécie de tiara cor de âmbar e tinha os cabelos ainda mais frisados. Ambas usavam uma quantidade muito grande de maquiagem, o que era, em ambos os casos, um grave erro.

Assim que tiveram certeza de que a atenção de Abdullah estava concentrada nelas — e estava concentrada mesmo: ele estava paralisado pelo horror —, cada garota puxou um véu de trás dos amplos ombros — um véu cor-de-rosa à esquerda e um amarelo à direita — e o prendeu castamente, encobrendo o rosto.

— Saudações, querido marido! — disseram as duas em coro, por trás dos véus.

— *O quê?* — exclamou Abdullah.

— Estamos usando o véu — disse a de rosa.

— Porque você não deve olhar nosso rosto — disse a de amarelo.

— Até nos casarmos — finalizou a de rosa.

— Deve haver algum erro! — exclamou Abdullah.

— De modo algum — afirmou Fátima. — Estas são as duas sobrinhas da minha sobrinha que estão aqui para se casar com você. Não me ouviu dizer que ia procurar duas esposas para você?

As duas sobrinhas deram outra risadinha afetada.

— Ele é tão bonito — disse a de amarelo.

Após uma pausa bem longa, durante a qual ele engoliu em seco e fez o máximo que pôde para controlar suas emoções, Abdullah disse com cortesia:

— Digam-me, ó parentes da primeira esposa do meu pai, faz muito tempo que vocês sabem da profecia feita ao meu nascimento?

— Há séculos — respondeu Hakim. — Você acha que somos tolos?

— Seu querido pai nos mostrou este papel — disse Fátima — na ocasião em que fez o testamento.

— E naturalmente não estamos preparados para deixar sua grande e boa sorte afastá-lo da família — explicou Assif. — Esperamos apenas o momento em que você deixaria de seguir os passos do seu bom pai nos negócios, o que certamente é o sinal para que o sultão o torne um vizir ou o convide para comandar seus exércitos, ou quem sabe o faça ascender de alguma outra forma. Então tomamos medidas para nos assegurar de que partilhássemos da sua boa sorte. Estas suas duas noivas são parentes próximas de nós três. Você, naturalmente, não nos abandonará quando subir de posição. Assim, caro rapaz, só me resta apresentá-lo ao juiz que, como você vê, se encontra pronto para casá-lo.

Até esse momento, Abdullah não conseguira desviar o olhar das imensas figuras das duas sobrinhas. Agora ele levantou os olhos e encontrou o olhar cético do juiz do Bazar, que nesse momento saía de trás de uma tela com seu Registro de Casamentos nas mãos. Abdullah perguntou-se quanto ele estaria ganhando.

Abdullah curvou-se educadamente para o juiz.

— Infelizmente isso não será possível — disse ele.

— Ah, eu *sabia* que ele seria indelicado e desagradável! — disse Fátima. — Abdullah, pense na desgraça e decepção para estas pobres moças se você as recusar agora! Depois de elas virem até aqui, na expectativa de se casarem, e se arrumarem todas! Como você pode, sobrinho?

— Além do mais, eu tranquei todas as portas — disse Hakim. — Não pense que pode escapar.

— Eu sinto muito por magoar duas jovens tão espetaculares... — começou Abdullah.

As duas noivas já estavam magoadas, de qualquer forma. As duas emitiram um gemido. As duas puseram o rosto coberto pelo véu nas mãos e começaram a soluçar copiosamente.

— Isso é horrível! — lamentou a de rosa.

— Eu *sabia* que eles deviam ter perguntado a ele antes! — chorou a de amarelo.

Abdullah descobriu que a visão de mulheres chorando — particularmente as grandes assim, que sacudiam todo o corpo — fazia com que se sentisse péssimo. Ele sabia que era um idiota e uma besta. Sentia-se envergonhado. As moças não eram culpadas pela situação. Elas tinham sido usadas por Assif, Fátima e Hakim, exatamente como Abdullah. Mas a principal razão de ele se sentir tão abominável, e que o deixava envergonhado de verdade, era que ele só queria que elas parassem, que calassem a boca e parassem de se sacudir. Não fosse por isso, não ligaria a mínima para os sentimentos delas. Em comparação a Flor da Noite, elas o repugnavam. A ideia de se casar com elas ficou atravessada em sua garganta. Sentia-se enjoado. Mas, só porque elas estavam choramingando e fungando na frente dele, ele se viu pensando que três esposas talvez não fossem tantas, afinal. As duas fariam companhia a Flor da Noite quando estivessem longe de Zanzib e de casa. Ele teria de lhes explicar a situação e fazer com que subissem no tapete mágico...

Isso trouxe Abdullah de volta à razão. Com um solavanco. O tipo de solavanco que um tapete mágico pode provocar se carregado com duas mulheres tão pesadas — isto é, supondo-se que conseguisse sair do chão com elas em cima. As duas eram muito gordas. Quanto a pensar que fariam companhia a Flor da Noite... puf! Ela era inteligente, culta e gentil, além de linda. Essas duas ainda precisavam mostrar a ele que, juntas, tinham ao menos um neurônio. Elas queriam casar e seu choro era uma forma de forçá-lo a isso. E tinham um riso afetado. Ele nunca vira Flor da Noite rir assim.

Nesse ponto Abdullah ficou um tanto perplexo ao descobrir que ele, de fato, amava Flor da Noite com tanto ardor quanto vinha dizendo a si mesmo — ou ainda mais, porque agora via que a respeitava. Sabia que morreria sem ela. E, se concordasse em se casar com essas duas sobrinhas gordas, ele *ficaria* sem ela. Flor da Noite o chamaria de cobiçoso, como o príncipe do Oquinstão.

— Lamento muito — disse ele, acima dos sonoros soluços. — Vocês deviam mesmo ter me consultado antes sobre o assunto, ó parentes da primeira esposa do meu pai, ó muito honrado e o mais honesto dos juízes. Teriam evitado esse equívoco. Eu ainda não posso me casar. Eu fiz um voto.

— *Que voto?* — perguntaram todos, inclusive as noivas gordas, e o juiz acrescentou: — Você registrou esse voto? Para ser legal, todo voto

deve ser registrado com um juiz.

Isso era estranho. Abdullah pensou rapidamente.

— De fato, está registrado, ó legítima balança de discernimento — disse ele. — Meu pai me levou a um juiz a fim de registrar o voto quando me mandou fazê-lo. Eu nada mais era do que uma criancinha naquela ocasião. Embora não entendesse então, vejo agora que foi por causa da profecia. Meu pai, sendo um homem prudente, não queria ver suas quarenta moedas de ouro desperdiçadas. Ele me fez jurar que não me casaria antes de o Destino me elevar acima de todos nesta terra. Assim... — Abdullah pôs as mãos nas mangas do seu melhor terno e fez uma medida com pesar na direção das duas noivas gordas — ... eu ainda não posso me casar com vocês, balas gêmeas de caramelo, mas esse dia chegará.

— Bem, nesse caso...! — disseram todos em vários tons de descontentamento e, para profundo alívio de Abdullah, a maioria se afastou dele.

— Sempre achei que seu pai era mesmo um homem ganancioso — acrescentou Fátima.

— Mesmo do além-túmulo — concordou Assif. — Teremos de esperar pela ascensão do rapaz então.

O juiz, porém, insistiu.

— E que juiz foi esse diante do qual você fez o voto? — perguntou ele.

— Eu não sei o nome dele — inventou Abdullah, falando com intenso pesar. Estava suando bastante. — Eu era um menininho e ele me pareceu um velho com uma longa barba branca. — Isso, pensou ele, serviria como descrição a todos os juízes que já existiram, inclusive o que se encontrava diante dele.

— Vou ter de verificar todos os registros — disse o juiz com irritação. Então se voltou para Assif, Hakim e Fátima e, com frieza, despediu-se formalmente.

Abdullah foi embora com ele, quase agarrando-se à faixa oficial do juiz em sua pressa de fugir do empório e das duas noivas gordas.

Nota

* Diana Wynne Jones escreveu *O castelo no ar* em 1990. De lá para cá, muito mudou na nossa sociedade – no mercado editorial, inclusive. Ganhamos mais consciência social e a preocupação – muito justificada – de não propagar preconceitos e discriminação também nos livros. Trata-se de uma atitude altamente positiva, afinal, em um mundo tão diverso, precisamos é celebrar as diferenças, e não diminuí-las.

No entanto, em livros escritos em um período anterior a essa conscientização, às vezes encontramos situações que incomodam e nos causam desconforto, mas que, de modo algum, invalidam a qualidade do livro. É o caso desta cena, em que um aspecto físico das personagens é apresentado de forma negativa. Como não é mais possível debater o caso com a autora, lembro que a leitura deve ser contextualizada: anos 1990, quando não havia essa preocupação social na caracterização dos personagens. Os pontos de vista expressados no texto não refletem de forma alguma a opinião e os sentimentos da Galera Record. (*N. da E.*)



CAPÍTULO CINCO

*O qual conta como o pai de Flor da Noite quis elevar Abdullah
acima de todos os outros na Terra*

— Que dia! — disse Abdullah para si mesmo, quando finalmente voltou ao interior da sua tenda. — Se minha sorte continuar nesse caminho, não ficarei surpreso se nunca mais conseguir que o tapete saia do chão! — Ou, pensou ele deitado no tapete, ainda vestido em sua melhor roupa, talvez consiga chegar ao jardim noturno apenas para ver que Flor da Noite ficou aborrecida demais com sua estupidez na noite anterior para continuar a amá-lo. Ou ela podia ainda amá-lo, mas ter decidido não fugir com ele. Ou...

Abdullah levou algum tempo para conseguir dormir.

Mas, quando acordou, tudo estava perfeito. O tapete aterrissava suavemente, deslizando na encosta banhada pelo luar. Então Abdullah soube que tinha dito a palavra-comando afinal, e tão pouco tempo tinha se passado desde que a dissera que ele quase se lembrava de qual era. No entanto, ela desapareceu da sua mente quando Flor da Noite veio correndo, ansiosa, em sua direção, em meio às flores brancas e perfumadas e às lâmpadas redondas amarelas.

— Você veio! — gritou ela enquanto corria. — Eu estava bastante preocupada!

Ela não estava zangada. O coração de Abdullah se alegrou.

— Está pronta para partir? — gritou ele de volta. — Pule aqui ao meu lado.

Flor da Noite riu com prazer — sem dúvida aquela não era uma risadinha afetada — e veio correndo pelo gramado. Nesse momento a lua pareceu esconder-se atrás de uma nuvem, porque Abdullah a viu inteiramente iluminada pelas lâmpadas por um momento, dourada e ávida, enquanto corria. Ele se levantou e estendeu as mãos para ela.

Ao fazê-lo, a nuvem desceu até a luz das lâmpadas. E não era uma nuvem, mas sim imensas asas negras e coriáceas, batendo em silêncio. Um par de braços parecendo igualmente de couro, com mãos que tinham unhas longas como garras, estendeu-se vindo das sombras daquelas asas em leque e envolveu o corpo de Flor da Noite. Abdullah a viu parar bruscamente quando os dois braços a impediram de continuar correndo. Ela olhou à sua volta e ergueu os olhos. O que quer que tenha visto a fez gritar, um grito único, selvagem, frenético, que foi interrompido quando um dos braços coriáceos trocou de posição para espalmar a imensa mão com garras sobre o rosto dela.

Flor da Noite batia no braço com as mãos fechadas e esperneava, tentando libertar-se, mas foi tudo inútil. Ela foi erguida, uma pequena figura pálida contra a imensa negrura. As enormes asas tornaram a bater em silêncio. Um pé gigantesco, com garras como as das mãos, comprimiu o gramado a cerca de um metro da encosta onde Abdullah ainda se encontrava no gesto de se pôr de pé, e uma perna coriácea flexionou poderosos músculos no momento em que a coisa — o que quer que fosse — saltou no ar. Por um brevíssimo instante, Abdullah se viu fitando uma cara coriácea hedionda, com um anel transpassando o nariz adunco e olhos longos e oblíquos, distantes e cruéis. Mas a coisa não estava olhando para ele. Simplesmente se concentrava em erguer a si mesma e à sua prisioneira no ar.

No segundo seguinte, estava no alto. Abdullah a viu acima da sua cabeça por mais uma fração de segundo, um djim, uma enorme criatura voadora, com uma jovem humana minúscula e pálida pendurada em seus braços. Então a noite os engoliu. Tudo aconteceu inacreditavelmente rápido.

— Atrás dele! Siga aquele djim! — ordenou Abdullah ao tapete.

O tapete pareceu obedecer e ergueu-se do solo. No entanto, quase como se alguém tivesse lhe dado outra ordem, ele tornou a descer e ficou imóvel.

— Seu capacho comido por traças! — esbravejou Abdullah.

Nesse momento, ouviu-se um grito mais abaixo no jardim.

— Por aqui, homens! O grito veio lá de cima!

Ao longo da arcada, Abdullah vislumbrou o luar se refletindo em capacetes de metal e — pior ainda — as lâmpadas douradas incidindo sobre espadas e balestras. Ele não esperou para explicar àquelas pessoas por que havia gritado. Jogou-se no tapete.

— De volta para a tenda! — sussurrou. — Rápido! Por favor!

Dessa vez o tapete obedeceu, tão rapidamente quanto fizera na noite anterior. Num piscar de olhos, decolou e lançou-se de lado e transpondo um muro ameaçadoramente alto. Abdullah teve apenas um vislumbre de um grande destacamento de mercenários do norte andando pelo jardim iluminado por lâmpadas, antes de sobrevoar em velocidade os tetos adormecidos e as torres iluminadas pelo luar de Zanzib. Ele mal teve tempo de pensar que o pai de Flor da Noite devia ser ainda mais rico do que havia pensado — poucas pessoas podiam pagar tantos soldados de

aluguel, e os mercenários do norte eram os mais caros — antes que o tapete descesse planando e passasse suavemente pelas cortinas, levando-o até o meio da sua tenda.

Ali ele se entregou ao desespero.

Um djim havia roubado Flor da Noite e o tapete se recusara a segui-lo. Ele sabia que isso não era de surpreender. Um djim, como todos em Zanzib sabiam, exercia grandes poderes no ar e na terra. Sem dúvida o djim havia, como precaução, ordenado a todas as coisas no jardim que ficassem onde estavam enquanto ele levava Flor da Noite embora. Ele provavelmente nem percebera a presença do tapete, ou de Abdullah em cima dele, mas a magia menor do tapete fora forçada a ceder ao comando do djim. Então este havia roubado Flor da Noite, a quem Abdullah amava mais do que a sua própria alma, no momento em que ela estava prestes a cair em seus braços, e aparentemente não havia nada que ele pudesse fazer.

Abdullah chorou.

Depois disso, jurou jogar fora todo o dinheiro escondido em suas roupas. Era inútil para ele agora. Mas, antes de fazê-lo, entregou-se novamente à aflição, um tormento ruidoso a princípio, no qual se lamentava em voz alta e batia no próprio peito, como era costume em Zanzib. Então, à medida que os galos começaram a cantar e as pessoas a se movimentar ali por perto, ele caiu num desespero silencioso. Não havia sentido nem mesmo em se mover. Outros podiam se alvoroçar, assoviar e bater baldes, mas Abdullah já não fazia parte dessa vida. Permaneceu agachado no tapete mágico, desejando estar morto.

Tão desgraçado se sentia que em nenhum momento lhe ocorreu que poderia estar correndo perigo. Não prestou atenção quando todos os ruídos do Bazar cessaram, como acontece com os pássaros quando um caçador entra no bosque. Não percebeu o pesado barulho de pés, tampouco o clanque, clanque, clanque regular da armadura de mercenários que o acompanhava. Quando alguém gritou “Alto!” diante da sua tenda, ele nem mesmo virou a cabeça. Só o fez quando as cortinas da tenda foram arrancadas. Ele ficou apaticamente surpreso. Piscou os olhos inchados contra a forte luz do sol e perguntou-se vagamente o que uma tropa de soldados do norte estava fazendo ali.

— É ele — disse alguém em roupas civis, que poderia ser Hakim e que desapareceu prudentemente antes que os olhos de Abdullah pudessem focar nele.

— Você! — disse bruscamente o líder do pelotão. — Para fora. Venha conosco.

— O quê? — perguntou Abdullah.

— Pegue-o — ordenou o líder.

Abdullah estava perplexo. Protestou debilmente quando o forçaram a ficar de pé e torceram-lhe os braços para fazê-lo andar. Ele seguiu protestando enquanto o levavam a toda pressa — *clanque-clanque*, *clanque-clanque* — do Bazar na direção da Zona Oeste. Pouco depois ele protestava com grande veemência.

— O que isto significa? — arfou. — Eu exijo... como cidadão... saber aonde estamos... indo!

— Cale a boca. Você verá — responderam. Eles estavam em excelente forma e nem sequer arfavam.

Pouco depois, passaram com Abdullah por um maciço portão feito de blocos de pedra que brilhavam brancos ao sol, entrando num chamejante pátio, onde passaram cinco minutos diante de uma oficina de ferreiro, que mais parecia um forno, acorrentando Abdullah. Ele protestou ainda mais.

— Para que isto? Onde *estou*? Eu exijo saber!

— Cale a boca! — disse o líder do pelotão. Ele comentou para o segundo no comando, em seu bárbaro sotaque do norte: — Eles sempre se *lamuriam* tanto, esses zanzibenses. Não têm a menor noção de dignidade.

Enquanto o líder dizia isso, o ferreiro, que também era de Zanzib, murmurou para Abdullah:

— O sultão quer você. Não estou muito otimista em relação a suas chances. O último que acorrentei assim foi crucificado.

— *Mas eu não fiz nad...!* — protestou Abdullah.

— CALE A BOCA! — gritou o líder. — Acabou, ferreiro? Certo. Rápido! — E saíram, apressados, levando Abdullah outra vez, atravessando o pátio fulgurante e entrando na grande construção adiante.

Abdullah teria achado impossível até mesmo andar com aquelas correntes. Eram pesadas demais. Mas é surpreendente o que se é capaz de fazer quando um pelotão de soldados de cara fechada está determinado a forçá-lo. Ele correu, *clanque-claque*, *clanque-claque*, *clash*, até que afinal, com um tinido exausto, chegou aos pés de uma cadeira elevada feita de azulejos azuis e dourados e coberta de almofadas. Ali todos os soldados se ajoelharam numa só perna, de uma forma decorosa e formal, como os soldados do norte faziam diante da pessoa que lhes pagava.

— Eis o prisioneiro Abdullah, senhor sultão — disse o líder do pelotão.

Abdullah não se ajoelhou. Ele seguiu o costume de Zanzib e caiu com o rosto no chão. Além disso, estava exausto e era mais fácil deixar-se cair com um forte ruído do que fazer qualquer outra coisa. O piso ladrilhado estava abençoada e maravilhosamente frio.

— Façam o filho do excremento de um camelo ajoelhar-se — disse o sultão. — Façam a criatura nos olhar no rosto. — Sua voz era baixa, mas tremia de fúria.

Um soldado arrastou as correntes e dois outros puxaram Abdullah pelos braços até que o puseram meio curvado, de joelhos. Eles o seguraram assim e Abdullah sentiu-se contente. De outra forma, teria sucumbido de horror. O homem reclinado no trono azulejado era gordo e careca e usava uma cerrada barba grisalha. Ele batia numa almofada de uma forma que parecia distraída — mas que na verdade expressava uma raiva amarga — com uma peça branca de algodão que tinha uma borla no alto. Foi essa coisa que fez Abdullah compreender a encenca em que estava metido. Essa coisa era a sua touca de dormir.

— Bem, cão saído de um monte de estrume — disse o sultão. — Onde está minha filha?

— Não tenho a menor ideia — disse Abdullah, infeliz.

— Você nega — disse o sultão, balançando a touca como se fosse uma cabeça degolada que estivesse segurando pelos cabelos —, você nega que esta é sua touca de dormir? Seu nome está dentro dela, seu vendedor desgraçado! Ela foi encontrada por mim, por nós!, dentro de uma caixa de quinquilharias de minha filha, assim como 82 retratos de pessoas comuns, que foram escondidos por minha filha em 82 esconderijos sagazes. Você nega que entrou furtivamente em meu jardim noturno e presenteou minha filha com esses retratos? Nega que então roubou minha filha?

— Sim, eu nego! — disse Abdullah. — Não nego, ó mais exaltado defensor dos fracos, a touca ou os quadros, embora eu deva ressaltar que sua filha é mais hábil em esconder do que o senhor em achar, grande praticante da sabedoria, pois eu dei a ela de fato 107 desenhos a mais do que o senhor descobriu... mas certamente não levei Flor da Noite embora. Ela foi sequestrada diante dos meus próprios olhos por um djim imenso e medonho. Eu não sei mais do que o seu eu mais celestial onde ela está agora.

— Ora, que história convincente! — disse o sultão. — Um djim, pois sim! Mentiroso! Verme!

— Eu juro que é verdade! — gritou Abdullah. Ele estava em tamanho desespero a essa altura que mal pesava o que dizia. — Traga qualquer objeto sagrado que queira e eu juro sobre ele que é verdade a história do djim. Faça com que me encantem para dizer a verdade e eu ainda direi o mesmo, ó poderoso opressor de criminosos. Pois é a verdade. E, como eu provavelmente estou bem mais desolado do que o senhor pela perda de sua filha, grande sultão, glória de nossa terra, eu lhe imploro que me mate agora e me poupe de uma vida de sofrimento!

— Mandarei executá-lo de bom grado — disse o sultão. — Mas primeiro me diga onde ela está.

— Mas eu já lhe *disse*, maravilha do mundo! — replicou Abdullah. — Eu não sei onde ela está.

— Levem-no — disse o sultão com grande calma a seus soldados ajoelhados. Estes se puseram de pé rapidamente e puxaram Abdullah, forçando-o a ficar de pé. — Torturem-no até que diga a verdade — acrescentou o sultão. — Quando a encontrarmos, vocês podem matá-lo, mas mantenham-no vivo até lá. Eu acredito que o príncipe do Oquinstão vai aceitá-la como viúva se eu dobrar o dote.

— O senhor está enganado, soberano dos soberanos! — arquejou Abdullah enquanto os soldados o carregavam ruidosamente pelos ladrilhos. — Não sei para onde foi o djim, e meu grande pesar é que ele a tenha levado antes que tivéssemos a chance de nos casar.

— *O quê?* — gritou o sultão. — Tragam-no de volta! — Os soldados imediatamente arrastaram Abdullah e suas correntes de volta ao trono azulejado, onde o sultão nesse momento se inclinava para a frente, olhando ferozmente para o prisioneiro. — Meus limpos ouvidos se macularam ouvindo-o dizer que *não* se casou com minha filha, imundície? — perguntou ele.

— Correto, poderoso monarca — respondeu Abdullah. — O djim apareceu antes que pudéssemos fugir para nos casar.

O sultão fuzilou-o com o que parecia um olhar de horror.

— Isso é verdade?

— Eu juro — disse Abdullah — que nem mesmo beijei sua filha. Minha intenção era procurar um juiz assim que estivéssemos longe de Zanzib. Eu sei o que é correto. Mas também achei que era apropriado me

certificar primeiro de que Flor da Noite queria de fato se casar comigo. Sua decisão me parecia tomada na ignorância, apesar dos 189 retratos. Se o senhor me perdoa dizer, protetor dos patriotas, seu método de criação da sua filha é sem dúvida falho. Ela me tomou por uma mulher quando me viu pela primeira vez.

— Então — disse o sultão, pensativo —, quando enviei os soldados para capturar e matar o intruso no jardim na noite passada, poderia ter sido um desastre. Seu tolo — disse ele a Abdullah —, escravo e vira-lata que ousa criticar! É óbvio que tive de criar minha filha do modo como a criei. A profecia feita em seu nascimento foi a de que ela se casaria com o primeiro homem, além de mim, em que ela pusesse os olhos!

Apesar das correntes, Abdullah se empertigou. Pela primeira vez nesse dia ele sentiu uma pontada de esperança.

O sultão olhava de cima a sala graciosamente ladrilhada e ornamentada, pensando.

— A profecia me era bastante conveniente — observou ele. — Havia muito eu desejava uma aliança com os países do norte, pois eles têm armas melhores do que as que podemos fazer aqui, algumas até têm poderes de feitiçaria, pelo que sei. Mas os príncipes do Oquinstão são muito difíceis de se fisgar. Então o que eu tinha a fazer — pelo menos foi o que pensei — era isolar minha filha de qualquer possibilidade de ver um homem. E naturalmente dar a ela a melhor educação em outros aspectos, para ter certeza de que pudesse cantar e dançar e fazer-se agradável para um príncipe. Assim, quando ela alcançou uma idade própria para o casamento, convidei o príncipe para vir aqui numa visita oficial. Ele viria no próximo ano, quando tivesse terminado de dominar as terras que acabou de conquistar com aquelas mesmas excelentes armas. E eu sabia que, assim que minha filha pusesse os olhos nele, a profecia cuidaria para que eu o pegasse! — Seus olhos voltaram-se malignamente para Abdullah. — Então vem um inseto como você e contraria os meus planos!

— Infelizmente essa é a verdade, mais prudente dos governantes — admitiu Abdullah. — Diga-me, este príncipe do Oquinstão por acaso é velho e feio?

— Creio que ele é medonho à maneira do norte destes mercenários — disse o sultão, e nesse momento Abdullah percebeu que os soldados, a maioria dos quais tinha sardas e cabelos ruivos, se enrijeceram um pouco. — Por que pergunta, cão?

— Porque, se me perdoa mais uma crítica à sua grande sabedoria, ó provedor de nossa nação, isso parece um tanto injusto com sua filha — observou Abdullah. Ele sentiu os olhos dos soldados voltarem-se para ele, espantados com sua ousadia. Abdullah não se importava. Sentia que tinha pouco a perder.

— As mulheres não contam — disse o sultão. — Portanto é impossível ser injusto com elas.

— Discordo — disse Abdullah, com o que os soldados o fitaram ainda mais espantados.

O sultão lançou-lhe um olhar ameaçador. Suas fortes mãos torceram a touca de dormir como se esta fosse o pescoço de Abdullah.

— Fique calado, seu sapo doente! — disse ele. — Ou vai me fazer esquecer o que eu disse e ordenar sua execução imediata!

Abdullah relaxou um pouco.

— Ó espada absoluta entre os cidadãos, eu lhe imploro que me mate agora — disse ele. — Eu transgredi a lei, pequei e invadi seu jardim noturno...

— Fique quieto — disse o sultão. — Você sabe perfeitamente bem que *não posso* matá-lo até encontrar minha filha e cuidar para que ela se case com você.

Abdullah relaxou ainda mais.

— Seu escravo não está acompanhando o seu raciocínio, ó joia do discernimento — protestou ele. — Exijo morrer agora.

O sultão praticamente rosnou para ele.

— Se aprendi uma coisa com essa lamentável história — disse ele — é que nem mesmo eu, embora seja sultão de Zanzib, posso enganar o Destino. Essa profecia vai se cumprir de alguma forma, isso eu sei. Portanto, se quero que minha filha se case com o príncipe do Oquinstão, devo antes cooperar com a profecia.

Abdullah relaxou quase por completo. Ele havia naturalmente entendido isso de imediato, mas estivera ansioso em certificar-se de que o sultão também compreendera. E, sim, compreendera. Estava óbvio que Flor da Noite tinha herdado sua mente lógica do pai.

— Então, onde está minha filha? — perguntou o sultão.

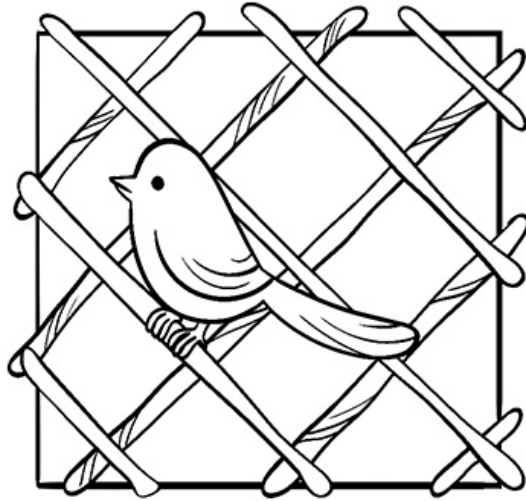
— Eu já lhe disse, ó sol que brilha sobre Zanzib — respondeu Abdullah. — O djim...

— Eu não acredito, nem por um só momento, nesse djim — disse o Sultão. — É conveniente demais. Você deve ter escondido a menina em algum lugar. Levem-no — ordenou ele aos soldados — e tranquem-no na masmorra mais segura que tivermos. Deixem-no acorrentado. Ele deve ter usado alguma forma de encantamento para entrar no jardim e provavelmente pode usá-la para escapar, a menos que tomemos cuidado.

Abdullah não conseguiu evitar encolher-se com essas palavras. O sultão percebeu e sorriu malignamente.

— Em seguida — disse ele —, quero uma busca por minha filha de casa em casa. Ela deve ser levada à masmorra para o casamento assim que for encontrada. — Seus olhos voltaram-se, pensativos, outra vez para Abdullah. — Até então vou me distrair inventando novos métodos para matá-lo. No momento, opto pela empalação numa estaca de dez metros e depois soltar abutres para comê-lo aos pedaços. Mas posso mudar de ideia se pensar em algo pior.

Enquanto os soldados o arrastavam dali, Abdullah quase tornou a se desesperar. Ele pensou na profecia feita quando do seu nascimento. Uma estaca de dez metros o elevaria bem acima de todos os homens na Terra.



CAPÍTULO SEIS

O qual mostra como Abdullah saiu do espeto e caiu na brasa

Puseram Abdullah numa masmorra profunda e malcheirosa, onde a única luz vinha de uma minúscula grade no teto alto — e essa luz não era a do dia. Provavelmente vinha de uma janela distante no fim de uma passagem no piso acima, do qual a grade fazia parte.

Sabendo que era isso que o esperava, Abdullah tentou, enquanto os soldados o arrastavam, encher seus olhos e sua mente com imagens de luz. Na pausa durante a qual os soldados destrancavam a porta externa das masmorras, ele olhou para o alto e ao seu redor. Estavam num pátio pequeno e escuro com muros de pedra lisos que se erguiam como precipícios em toda a volta. Mas, se inclinasse a cabeça para trás, Abdullah podia ver uma torre esguia à meia distância, delineada contra o dourado crescente da manhã. Ficou surpreso ao ver que apenas uma hora havia se passado desde o nascer do dia. Acima da torre, o céu era de um azul profundo, com uma única nuvem pairando pacificamente naquele trecho. A manhã ainda corava a nuvem de vermelho e dourado, dando-lhe a aparência de um castelo alto com janelas douradas. A luz dourada cintilou nas asas de um pássaro branco que circundava a torre. Abdullah tinha certeza de que esta seria a última beleza que veria em sua vida. Olhou para trás, para vê-la mais uma vez, enquanto os soldados o arrastavam para dentro.

Tentou guardar essa imagem como um tesouro quando foi trancado na masmorra cinzenta e fria, mas era impossível. A masmorra era outro mundo. Durante muito tempo ele se sentiu infeliz demais até mesmo para perceber o quanto seus movimentos estavam restritos pelas correntes. Quando percebeu, mudou de posição, retinindo no chão frio, mas isso não ajudou muito.

— Tenho pela frente uma vida inteira aqui — disse a si mesmo. — A menos que alguém resgate Flor da Noite, é óbvio. — Isso não parecia muito provável, pois o sultão se recusava a acreditar no djim.

Em seguida, tentou afugentar o desespero com sua habitual fantasia. Mas, por algum motivo, pensar em si mesmo como um príncipe que havia sido sequestrado não ajudava em absoluto. Ele sabia que não era verdade, e ficava pensando, com culpa, que Flor da Noite tinha acreditado quando ele lhe contara essa história. Ela devia ter decidido se casar com ele porque pensava que ele era um príncipe — sendo ela mesma uma princesa, como ele agora sabia. Ele simplesmente não conseguia se imaginar tendo a

coragem de contar a verdade. Por algum tempo, pareceu-lhe que merecia o pior destino que o sultão pudesse imaginar para ele.

Então começou a pensar em Flor da Noite. Onde quer que ela estivesse, certamente estava pelo menos tão assustada e infeliz quanto ele. Abdullah ansiava por confortá-la. Ele desejava tanto resgatá-la que passou algum tempo se retorcendo inutilmente em suas correntes.

— Como provavelmente ninguém *mais* vai tentar — murmurou ele —, eu preciso *sair* daqui!

Então, embora tivesse certeza de que era mais uma ideia tola como a sua fantasia, tentou convocar o tapete mágico. Visualizou-o estendido no chão de sua tenda e o chamou em voz alta repetidas vezes. Pronunciou todas as palavras que lhe ocorreram cujo som parecia mágico, na esperança de que uma delas fosse a palavra-comando.

Nada aconteceu. E que tolice acreditar que alguma coisa aconteceria!, pensou Abdullah. Mesmo que o tapete pudesse ouvi-lo dali, da masmorra, supondo que ele por fim dissesse a palavra-comando correta, como poderia, mesmo sendo um tapete mágico, introduzir-se aqui através da minúscula grade? E, supondo-se que conseguisse, como isso ajudaria Abdullah a sair?

Abdullah desistiu e recostou-se na parede, meio cochilando, meio desesperando-se. Deviam estar agora no auge do dia, quando a maior parte das pessoas em Zanzib fazia pelo menos uma breve pausa para descansar. O próprio Abdullah, quando não estava visitando um dos parques públicos, em geral se sentava numa pilha dos seus tapetes de menor qualidade na sombra diante de sua tenda, bebendo um suco de fruta — ou vinho, se pudesse se dar ao luxo — e conversando indolentemente com Jamal. Não mais. E este é apenas o meu primeiro dia!, pensou, com morbidez. Estou contando as horas agora. Quanto tempo vai levar para que eu perca a noção dos dias?

Fechou os olhos. Uma coisa boa. Uma busca de casa em casa pela filha do sultão ia causar pelo menos algum aborrecimento para Fátima, Hakim e Assif, simplesmente porque todos sabiam que eles eram a única família que Abdullah tinha. Ele esperava que os soldados revirassem o empório roxo de cabeça para baixo. Esperava que cortassem as paredes e desenrolassem todos os tapetes. Esperava que prendessem...

Alguma coisa pousou no chão à frente dos pés de Abdullah.

Então eles me jogaram comida, pensou Abdullah, mas eu prefiro morrer de fome. E abriu os olhos, indiferente. Mas eles se arregalaram por sua própria vontade.

Ali, no chão da masmorra, estendia-se o tapete mágico. Em cima dele, dormindo pacificamente, estava o rabugento cão de Jamal.

Abdullah olhou os dois, perplexo. Ele podia imaginar como, no calor do meio-dia, o cão devia ter se deitado na sombra da tenda de Abdullah. Podia entender que ele se deitaria no tapete porque era confortável. Mas como um cão — um *cão*! — poderia dizer a palavra-comando estava totalmente fora de sua compreensão. Enquanto o fitava, o cachorro começou a sonhar. Suas patas se moviam. O focinho se franziu e ele farejou, como se tivesse captado o cheiro mais delicioso do mundo, e emitiu um leve choramingo, como se o que quer que houvesse farejado no sonho estivesse escapando dele.

— Será possível, meu amigo — disse-lhe Abdullah —, que você está sonhando comigo e com o momento em que lhe dei a maior parte do meu café da manhã?

O cão, em seu sono, o ouviu. Então roncou alto e acordou. Como é comum aos cachorros, ele não perdeu tempo se perguntando como tinha vindo parar nessa estranha masmorra. Farejou e sentiu o cheiro de Abdullah. Imediatamente se levantou com um guincho de prazer, plantou as patas entre as correntes no peito de Abdullah e lambeu-lhe o rosto com entusiasmo.

Abdullah riu e virou a cabeça para manter o nariz longe do hálito de lula do cão. Estava tão encantado quanto o cachorro.

— Então você *estava* mesmo sonhando comigo! — disse. — Meu amigo, vou providenciar para que você ganhe uma tigela de lula diariamente. Você salvou a minha vida e possivelmente a de Flor da Noite também!

Assim que o arroubo do cão cedeu um pouco, Abdullah começou a rolar e se arrastar pelo chão com suas correntes, até que se viu deitado, apoiado em um dos cotovelos, em cima do tapete. Deixou escapar um grande suspiro. Agora estava seguro.

— Venha — ele chamou o cachorro. — Suba no tapete também.

Mas o cão detectara o cheiro do que certamente era um rato no canto da masmorra. E perseguia o cheiro com bufos de entusiasmo. A cada bufo,

Abdullah sentia o tapete estremecer debaixo dele. Era a resposta de que precisava.

— Venha — chamou o cão. — Se eu o deixar aqui, eles o encontrarão quando vierem me interrogar e vão supor que me transformei num cachorro. Então meu destino será o seu. Você me trouxe o tapete e revelou-me o segredo dele, e eu não posso deixar que o impalem numa estaca de dez metros.

O cachorro estava com o focinho enfiado no canto. E não obedecia a Abdullah, que ouviu, inconfundível mesmo através das grossas paredes da masmorra, o pesado ruído de pés e o chocalhar de chaves. Alguém estava vindo. Ele desistiu de persuadir o cão. E deitou-se no tapete.

— Aqui, garoto! — disse. — Venha lambar o meu rosto!

Isso o cão compreendeu. E, deixando de lado o canto, pulou no peito de Abdullah e começou a obedecer sua ordem.

— Tapete — sussurrou Abdullah sob a língua atarefada. — Para o Bazar, mas sem pousar. Flutue ao lado da tenda de Jamal.

O tapete se ergueu e lançou-se de lado — ainda bem. A porta da masmorra estava sendo destrancada nesse momento. Abdullah não conseguiu entender direito como o tapete saiu da masmorra porque o cão ainda lhe lambia o rosto e ele era obrigado a manter os olhos fechados. Ele sentiu uma sombra úmida passar por ele — talvez isso tenha sido quando atravessaram a parede — e então veio a claridade do sol. O cão ergueu a cabeça para a luz, confuso. Abdullah olhou por entre as correntes, estreitando os olhos, e viu um muro alto erguer-se diante deles e, em seguida, ficar para trás enquanto o tapete se elevava suavemente acima dele. Então veio uma sucessão de torres e telhados, um tanto familiares a Abdullah, embora ele os tivesse visto apenas à noite. E, depois disso, o tapete desceu planando em direção à extremidade externa do Bazar. Pois o palácio do sultão ficava de fato apenas cinco minutos a pé da tenda de Abdullah.

A banca de Jamal surgiu à vista e, ao lado dela, a tenda arruinada de Abdullah, com tapetes espalhados por toda a passagem. Obviamente os soldados haviam procurado Flor da Noite ali. Jamal cochilava, a cabeça apoiada nos braços, entre uma grande panela de lula que fervia e uma grelha a carvão com espetinhos de carne assando sobre ela. Ele levantou a cabeça e seu único olho observou fixamente o tapete pairar no ar diante dele.

— Desça, garoto! — ordenou Abdullah. — Jamal, chame seu cachorro.

Jamal estava obviamente muito assustado. Não é nada divertido tomar conta da tenda vizinha para alguém que o sultão deseja impalar numa estaca. Parecia incapaz de falar. Como o cão também não estivesse lhe dando atenção, Abdullah esforçou-se para sentar-se, retinindo, chocalhando e suando. Isso pareceu fazer o cachorro entender, e ele saltou ligeiro para o balcão da tenda, onde Jamal automaticamente o pegou nos braços.

— O que quer que eu faça? — perguntou Jamal, olhando as correntes. — Devo ir buscar o ferreiro?

Abdullah ficou comovido com essa prova da amizade de Jamal. Mas, ao sentar-se, ganhara a visão da passagem entre as tendas. E pôde avistar as solas de pés que a percorriam em disparada e roupas esvoaçando. Parecia que alguém de uma tenda estava indo buscar a Guarda —, e alguma coisa naquela figura correndo fazia Abdullah lembrar-se fortemente de Assif.

— Não — disse ele. — Não há tempo. — Tilintando, ele contorceu a perna esquerda, até passá-la pela borda do tapete. — Em vez disso, me faça um favor: ponha a mão no bordado acima da minha bota.

Obedientemente, Jamal estendeu um braço musculoso e, com muito cuidado, tocou o bordado.

— É um feitiço? — perguntou, nervoso.

— Não — respondeu Abdullah. — É um bolso secreto. Enfie a mão nele e tire o dinheiro.

Jamal estava intrigado, mas seus dedos tatearam, encontraram a abertura do bolso e sua mão saiu dali cheia de ouro.

— Tem uma fortuna aqui — disse ele. — Isso vai comprar a sua liberdade?

— Não — disse Abdullah. — A sua. Eles virão atrás de você e de seu cachorro por me ajudarem. Pegue o dinheiro e o cachorro e vá embora. Saia de Zanzib. Vá para o norte, para os lugares dos bárbaros, onde você pode se esconder.

— Norte! — exclamou Jamal. — Mas o que vou fazer no norte?

— Compre o que precisar e abra um restaurante *rashpuhti* — disse Abdullah. — Aí tem ouro suficiente para isso, e você é um excelente cozinheiro. Pode fazer fortuna por lá.

— Verdade? — perguntou Jamal, olhando de Abdullah para sua mão cheia de ouro. — Você acha mesmo que eu consigo?

Abdullah vinha mantendo um olho cauteloso na passagem. Agora via o espaço encher-se, não com a Guarda, mas com os mercenários do norte, e estes vinham correndo.

— Só se você for agora — disse ele.

Jamal percebeu o clanque-clanque de soldados correndo. Inclinou-se para olhar e se certificar. Então assoviou, chamando seu cachorro, e se foi, tão rápido e silenciosamente que Abdullah não pôde deixar de admirar-se. Jamal tivera tempo até de tirar a carne da grelha para que não queimasse. Tudo que os soldados encontrariam seria um caldeirão de lulas semicozidas.

Abdullah sussurrou para o tapete.

— Para o deserto. Rápido!

O tapete partiu imediatamente, com sua costureira arrancada lateral. Abdullah pensou que decerto teria sido atirado longe não fosse pelo peso das correntes, que fazia o tapete abaular-se para baixo no centro, à semelhança de uma rede. E a velocidade era necessária. Os soldados gritavam atrás dele. Ouviram-se alguns estampidos. Por instantes, duas balas e uma flecha de balestra cruzaram o céu azul ao lado do tapete, e então ficaram para trás. O tapete lançou-se adiante, acima de telhados e muros, ao lado de torres, roçando palmeiras e pomares. Por fim, disparou à frente, no vazio quente e cinza, tremeluzindo, branco e amarelo, debaixo da imensa cúpula do céu, onde as correntes de Abdullah começaram a se tornar desconfortavelmente quentes.

O violento deslocamento de ar cessou. Abdullah ergueu a cabeça e viu Zanzib como um bloco de torres surpreendentemente pequeno no horizonte. O tapete passou lentamente por uma pessoa montada num camelo, que virou o rosto oculto pelo véu para olhar. O tapete começou a baixar na direção da areia. Com isso, a pessoa no camelo fez o animal dar meia-volta e instou-o num trote atrás do tapete. Abdullah quase podia vê-lo pensando alegremente que ali estava sua chance de pôr as mãos num genuíno tapete voador em funcionamento, com o dono acorrentado e sem condições de opor resistência.

— Para cima, para cima! — ele quase guinchava para o tapete. — Voe para o norte!

O tapete ergueu-se pesadamente outra vez. Contrariedade e relutância exalavam de cada fio do tecido. Ele descreveu um pesado meio círculo e deslizou gentilmente no sentido norte, numa velocidade de caminhada. A pessoa no camelo cortou o centro do meio círculo e avançou a galope. Como o tapete estivesse a menos de três metros de altura, era um alvo fácil para alguém num camelo galopante.

Abdullah viu que era a hora de uma conversinha.

— Cuidado! — gritou ele para o homem montado no camelo. — Zanzib me expulsou acorrentado com medo de que eu espalhasse a praga que carrego!

O homem não era fácil de enganar. Refreou o camelo e seguiu a um passo mais cauteloso, enquanto tirava uma haste de barraca da sua bagagem. Obviamente pretendia com aquilo derrubar Abdullah do tapete. Abdullah voltou a atenção rapidamente para o tapete.

— Ó mais excelente dos tapetes — disse ele —, ó aquele cujas cores são mais vivas e que foi tecido com mais delicadeza, cuja adorável trama foi tão habilidosamente aprimorada com a magia, temo não tê-lo tratado até aqui com o devido respeito. Atirei-lhe ordens e até gritei com você, e agora vejo que sua delicada natureza requer apenas o mais brando dos pedidos. Perdão, ó perdão!

O tapete gostou daquilo. Esticou-se mais no ar e ganhou um pouco de velocidade.

— E, estúpido que sou — continuou Abdullah —, o fiz trabalhar no calor do deserto, horivelmente sobrecarregado com minhas correntes. Ó melhor e mais elegante dos tapetes, penso agora apenas em você e em qual a melhor forma de livrá-lo desse enorme peso. Se você voasse a uma velocidade generosa... digamos, apenas um pouco mais rápido do que um camelo pode galopar... até o ponto mais próximo no deserto no sentido norte, onde eu possa encontrar alguém para remover essas correntes, isso seria conveniente para sua natureza amável e aristocrática?

Ele parecia ter tocado a nota certa. Uma espécie de presunçosa arrogância exsudava do tapete agora. Ele subiu uns trinta centímetros, mudou ligeiramente a direção, e seguiu adiante, com determinação, a mais de cem quilômetros por hora. Abdullah agarrou-se à sua borda e, olhando para trás, viu o frustrado montador do camelo ir diminuindo rapidamente até se transformar num ponto no deserto.

— Ó mais nobre dos artefatos, tu és sultão entre os tapetes e eu sou seu desgraçado escravo! — disse ele, impudente.

O tapete gostou tanto disso que foi ainda mais rápido.

Dez minutos depois, ele sobrevoava uma duna de areia e parava abruptamente pouco abaixo do cume, do outro lado. Em declive. Abdullah foi lançado, impotente, rolando numa nuvem de areia. E seguiu rolando, chocalhando, retinindo, levantando ainda mais areia, e então — após esforços desesperados — desceu, os pés primeiro, num sulco de areia, como num tobogã, até a borda de um laguinho lamacento num oásis. Várias pessoas esfarrapadas, que se curvavam sobre alguma coisa na beira do lago, se levantaram e dispersaram-se enquanto Abdullah abria caminho no meio deles. Os pés de Abdullah atingiram a coisa sobre a qual eles estavam debruçados e a lançou novamente no lago. Um homem gritou, indignado, e entrou na água, espadanando, para resgatá-la. Os outros sacaram sabres e facas — e, no caso de um deles, uma pistola comprida — e cercaram Abdullah ameaçadoramente.

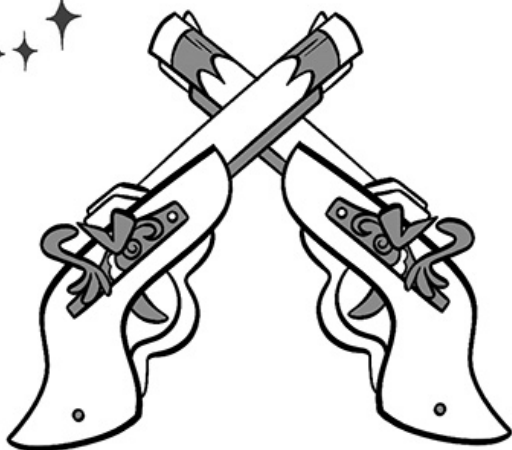
— Corte a garganta dele — disse alguém.

Abdullah piscou, tentando tirar a areia dos olhos, e pensou que poucas vezes vira um grupo de homens mais perverso. Todos tinham cicatrizes no rosto, olhos enganadores, dentes estragados e expressões desagradáveis. O homem com a pistola era o mais desagradável de todos. Usava uma espécie de brinco numa das laterais do grande nariz adunco e um bigode muito espesso. Seu lenço de cabeça era preso num dos lados com uma cintilante pedra vermelha engastada em um broche de ouro.

— De onde você surgiu? — perguntou o homem. E chutou Abdullah. — Explique-se.

Todos, inclusive o homem que saiu da água chapinhando com uma espécie de garrafa, olharam para Abdullah com expressões que diziam que era melhor que sua explicação fosse boa.

Senão...



CAPÍTULO SETE
O qual apresenta o gênio

Abdullah tornou a piscar algumas vezes, tirando mais areia dos olhos, e fitou gravemente o homem com a pistola. Este era de fato a imagem absoluta do bandido vil de suas fantasias. Devia ser uma daquelas coincidências.

— Peço-lhes desculpas uma centena de vezes, cavalheiros do deserto — disse ele, com grande cortesia —, por interrompê-los dessa maneira, mas estarei me dirigindo ao mais nobre e mundialmente famoso bandido, o incomparável Kabul Aqba?

Os outros homens perversos ao redor dele pareciam atônitos. Abdullah ouviu nitidamente um deles dizer: “Como ele sabe disso?” Mas o homem com a pistola limitou-se a sorrir com escárnio, algo que parecia bem apropriado ao seu rosto.

— Sou eu de fato — disse ele. — Famoso, eu?

Era *mesmo* uma daquelas coincidências, pensou Abdullah. Bem, pelo menos agora ele sabia onde estava.

— Ai, peregrinos no deserto — começou ele —, eu sou, como suas nobres pessoas, alguém proscrito e oprimido. E jurei vingança contra todos de Rashput. Vim aqui expressamente para me juntar a vocês e unir a força da minha mente e do meu braço à sua.

— É mesmo? — replicou Kabul Aqba. — E como foi que chegou aqui? Caiu do céu, com correntes e tudo?

— Por magia — disse Abdullah, com modéstia. Ele pensou que isso seria o que mais provavelmente impressionaria essas pessoas. — Eu caí de fato do céu, mais nobre dos nômades.

Infelizmente, eles não pareceram impressionados. A maioria riu. Kabul Aqba, com um aceno da cabeça, enviou dois deles duna acima para examinar o local da chegada de Abdullah.

— Então você pode fazer magia? — perguntou ele. — Por acaso estas correntes que usa têm alguma coisa a ver com isso?

— Certamente — respondeu Abdullah. — Sou um mágico tão poderoso que o próprio sultão de Zanzib me prendeu a estas correntes por medo do que eu possa fazer. Basta que me libertem delas e abram estas algemas e vocês verão coisas grandiosas. — Com o canto do olho ele viu os dois homens voltando, trazendo o tapete. Ele torceu para que isso fosse uma coisa boa. — O ferro, como vocês sabem, impede um mágico de usar sua magia — disse, sério. — Sintam-se à vontade para me livrar delas e ver uma nova vida abrir-se diante de vocês.

Os outros bandidos o olharam em dúvida.

— Nós não temos uma talhadeira — disse um deles. — Nem um martelo.

Kabul Aqba voltou-se para os dois homens com o tapete.

— Só encontramos isto — relataram eles. — Nenhum sinal de um animal que possa tê-lo trazido até aqui. Nenhum rastro.

Com isso, o bandido-chefe cofiou o bigode. Abdullah viu-se pensando se este não se enroscava com o brinco no nariz.

— Hum — disse ele. — Então vou apostar que se trata de um tapete mágico. Eu fico com ele. — E voltou-se zombeteiro para Abdullah. — Sinto muito desapontá-lo, mágico, mas, como você chegou aqui tão convenientemente acorrentado, vou deixá-lo assim e cuidar de seu tapete, só para evitar acidentes. Se quer mesmo se juntar a nós, pode provar sua utilidade primeiro.

Um tanto para sua surpresa, Abdullah percebeu que sentia mais raiva do que medo. Talvez ele tivesse exaurido todo o medo naquela manhã, diante do sultão. Ou talvez porque seu corpo todo doesse. Ele estava dolorido e arranhado de rolar duna abaixo, e uma de suas tornozeleiras o incomodava terrivelmente.

— Mas eu lhe disse — observou, altivo — que não terei nenhuma utilidade até me ver livre destas correntes.

— Não é mágica o que queremos de você. É conhecimento — afirmou Kabul Aqba. Ele fez sinal para o homem que entrara chapinhando no lago. — Diga-nos que tipo de coisa é isto aqui — ordenou ele — e talvez, como recompensa, libertemos suas pernas.

O homem que entrara no lago acorrou-se e estendeu um frasco azul enfumaçado com um bojo arredondado. Abdullah ergueu-se, apoiado nos cotovelos, e olhou o frasco com ressentimento. Parecia novo. A rolha, que aparecia através do vidro fumê do pescoço, era nova e fora selada com um lacre de chumbo carimbado, este também com aspecto de novo. Parecia um frasco de perfume que havia perdido o rótulo.

— É bastante leve — disse o homem abaixado, sacudindo o frasco — e não chocalha nem faz barulho de líquido.

Abdullah pensava numa forma de usar isso para que lhe tirassem as correntes.

— É a lâmpada de um gênio — disse ele. — Saibam, habitantes do deserto, que isso pode ser muito perigoso. Livrem-me destas correntes e

vou controlar o gênio aí dentro e cuidar para que ele satisfaça cada desejo de vocês. Do contrário, creio que nenhum homem deva tocá-lo.

O homem que segurava a garrafa a deixou cair, nervoso, mas Kabul Aqba apenas riu e a apanhou.

— Parece mais algo bom para beber — disse, e atirou o frasco para outro homem. — Abra.

O homem pousou no chão o sabre e apanhou uma faca grande, com a qual cortou o lacre de chumbo.

Abdullah viu sua chance de ser desacorrentado esvaindo-se. Pior, ele estava prestes a ser exposto como uma fraude.

— É mesmo muitíssimo perigoso, ó rubis entre os ladrões — protestou ele. — Uma vez quebrado o lacre, em hipótese nenhuma tirem a rolha.

Enquanto falava, o homem tirou o lacre e o deixou cair na areia. Então começou a arrancar a rolha enquanto outro homem mantinha a garrafa firmemente segura para ele.

— Se tiverem de extrair a rolha — tagarelou Abdullah —, pelo menos batam na garrafa o número correto de vezes, pela mística, e façam o gênio aí dentro jurar...

A rolha saiu. POP! Um fino vapor cor de malva subiu fumegando da boca do frasco. Abdullah torceu para que ela estivesse cheia de veneno. No entanto, o vapor quase instantaneamente se transformou numa nuvem mais espessa que jorrou como se uma chaleira exalasse vapor malva azulado. O vapor tomou a forma de um rosto — grande, zangado e azul — e de braços, e um fiapo de corpo conectado à lâmpada, e seguiu jorrando até estar com mais de três metros de altura.

— Eu fiz um juramento! — uivou o rosto, num enorme rugido tempestuoso. — Quem me deixasse sair iria sofrer. *Pronto!* — Os braços enevoados gesticularam.

Os dois homens que seguravam a rolha e a lâmpada pareceram sumir da existência num piscar de olhos. Tanto a rolha quanto a lâmpada caíram no chão, forçando o gênio a escapar de lado do bico da lâmpada. Em meio ao vapor azul, dois enormes sapos surgiram rastejando, parecendo olhar à sua volta, atordoados. O gênio ergueu-se lenta e vaporosamente, pairando acima da lâmpada com seus braços fumarentos cruzados e um olhar de ódio absoluto no rosto enevoadado.

A essa altura, todos tinham fugido, exceto Abdullah e Kabul Aqba. Abdullah, porque mal conseguia se mexer com as correntes, e Kabul Aqba

porque era, estava evidente, inesperadamente corajoso. O gênio olhou furioso para os dois.

— Sou o escravo da lâmpada — disse ele. — Por mais que odeie todo esse arranjo, tenho de lhes dizer que aquele que me possui tem direito a um pedido todos os dias e eu sou forçado a concedê-lo. — E acrescentou ameaçadoramente: — Qual é o seu desejo?

— Eu quero... — começou Abdullah, mas Kabul Aqba rapidamente lhe tapou a boca com a mão. — Sou *eu* que vou fazer o pedido — disse ele. — Que isso fique bem explicado, gênio!

— Entendi — disse o gênio. — Qual é o desejo?

— Um momento — pediu Kabul Aqba e aproximou o rosto do ouvido de Abdullah. Seu hálito cheirava ainda pior do que a mão, embora nenhum dos dois, Abdullah tinha de admitir, fosse páreo para o cachorro de Jamal.

— Bem, mágico — sussurrou o bandido —, você provou que sabe do que está falando. Aconselhe-me sobre o que pedir e eu o tornarei um homem livre e membro honrado do meu bando. Mas, se tentar fazer um pedido seu, eu mato você. Compreendeu? — Encostou a extremidade do cano da pistola na cabeça de Abdullah e retirou a mão que lhe cobria a boca. — O que devo pedir?

— Bem — disse Abdullah —, o pedido mais sábio e generoso seria que seus dois sapos voltassem a ser homens.

Kabul Aqba lançou um olhar de surpresa aos dois sapos. Eles se arrastavam, inseguros, ao longo da borda lamacenta do lago, obviamente se perguntando se podiam nadar ou não.

— Um desperdício de pedido — disse ele. — Pense em outro.

Abdullah deu tratos à bola, tentando descobrir o que mais agradaria a um chefe de bandidos.

— Você poderia pedir riqueza infinita, certamente — disse —, mas precisaria carregar o dinheiro. Então talvez devesse primeiro pedir um grupo de camelos robustos. Mas precisaria defender esse tesouro. Talvez então seu primeiro desejo devesse ser um suprimento das famosas armas do norte ou...

— *Qual* deles? — perguntou Kabul Aqba. — Rápido. O gênio está ficando impaciente.

Isso era verdade. O gênio não estava exatamente batendo o pé, já que não tinha pés para bater, mas algo em seu rosto azul, distorcido e

ameaçador, sugeria que logo haveria mais dois sapos na beira do lago se ele tivesse de esperar muito tempo.

Um breve fluxo de pensamentos foi suficiente para convencer Abdullah de que sua situação, apesar das correntes, ficaria muito pior se ele se transformasse num sapo.

— Por que não pedir um banquete? — sugeriu, pouco convincente.

— *Assim* está melhor! — disse Kabul Aqba. Deu um tapinha no ombro de Abdullah e ergueu-se jovialmente. — Quero um banquete bem farto — pediu.

O gênio curvou-se, quase como a chama de uma vela num golpe de ar.

— Feito — disse ele, azedo. — E que um grande bem possa lhe fazer. — E tornou a entrar cuidadosamente na lâmpada.

Foi um banquete muito generoso. Chegou quase imediatamente, com um ruído surdo, numa mesa longa protegida do sol por um toldo listrado, e com ele vieram escravos domésticos para servi-lo. O restante dos bandidos rapidamente superou o medo e veio correndo espreguiçar-se em almofadas, comer iguarias delicadas em pratos dourados e pedir aos escravos, aos gritos, mais, mais, mais! Os serventes eram, Abdullah descobriu quando teve chance de conversar com alguns deles, os escravos do próprio sultão de Zanzib, e o banquete deveria ser para o sultão.

Essa notícia fez Abdullah sentir-se um pouquinho melhor. Ele continuou acorrentado durante a festa, amarrado numa conveniente palmeira. Embora não esperasse nada mais de Kabul Aqba, ainda assim era difícil. Bem, pelo menos Kabul Aqba lembrava-se dele de vez em quando e, com um altivo aceno da mão, mandava-lhe um escravo com um prato dourado ou uma jarra de vinho.

Pois era grande a fartura. De quando em quando se ouvia outro ruído abafado e chegava um novo prato, trazido por mais escravos aturdidos, ou então o que parecia uma seleção da adega do sultão sendo carregada num carrinho adornado de joias, ou um atônito grupo de músicos. Sempre que Kabul Aqba mandava um novo escravo até Abdullah, este encontrava o servente mais do que disposto a responder a suas perguntas.

— Na verdade, nobre cativo de um rei do deserto — disse-lhe um deles —, o sultão ficou mais enfurecido quando o primeiro e o segundo pratos desapareceram misteriosamente. No terceiro, que é este pavão assado que eu trago, ele pôs uma guarda de mercenários para nos escoltar desde a

cozinha, mas fomos arrebatados ao lado deles, já na porta do salão de banquete, e instantaneamente nos vimos neste oásis.

O sultão, pensou Abdullah, deve estar ficando mais e mais faminto.

Mais tarde apareceu uma trupe de dançarinas, sequestradas da mesma forma. O que deve ter encolerizado o sultão ainda mais. Essas dançarinas deixaram Abdullah melancólico. Ele pensou em Flor da Noite, que era duas vezes mais bonita do que qualquer uma delas, e as lágrimas afloraram-lhe aos olhos. Enquanto a animação em torno da mesa crescia, os dois sapos permaneceram sentados na margem rasa do lago coaxando lugubrememente. Não havia dúvidas de que se sentiam pelo menos tão mal quanto Abdullah naquelas circunstâncias.

No momento em que a noite caiu, escravos, músicos e dançarinas, todos desapareceram, embora o que sobrara da comida e do vinho tenha ficado. Os bandidos, a essa altura, já haviam se empanturrado, e se fartado novamente depois. A maioria adormeceu onde estava. Mas, para o desalento de Abdullah, Kabul Aqba se levantou — um pouco vacilante — e apanhou a lâmpada do gênio de. Deitou-se nele segurando a lâmpada e pegou no sono quase imediatamente.

Abdullah ficou recostado na palmeira em crescente ansiedade. Se o gênio houvesse devolvido os escravos roubados para o palácio em Zanzib — e parecia provável que tivesse —, alguém lhes faria perguntas furiosas. Todos contariam a mesma história: que foram forçados a servir um bando de ladrões, enquanto um jovem bem-vestido e acorrentado assistia, sentado embaixo de uma palmeira. O sultão somaria dois mais dois. Ele não era tolo. Nesse mesmo momento uma tropa de soldados poderia estar partindo em camelos velozes para procurar certo oásis no deserto.

Essa, porém, não era a maior das preocupações de Abdullah. Ele observava o adormecido Kabul Aqba com ansiedade ainda maior. Estava prestes a perder o tapete mágico e com ele um gênio extremamente útil.

E, de fato, depois de cerca de meia hora, Kabul Aqba rolou de costas e sua boca se abriu. Como sem dúvida o cão de Jamal tinha feito, assim como o próprio Abdullah — mas certamente não *tão* alto assim —, Kabul Aqba emitiu um enorme e áspero ronco. O tapete estremeceu. Abdullah o viu claramente à luz da lua que subia no céu erguer-se uns trinta centímetros do chão, pairar e esperar. Abdullah conjecturou que o tapete devia estar ocupado interpretando qualquer que fosse o sonho que Kabul Aqba estivesse tendo. O que um chefe de bandidos podia sonhar Abdullah

não tinha a menor ideia, mas o tapete sabia. Ele se elevou no ar e começou a voar.

Abdullah levantou os olhos enquanto o tapete deslizava acima da copa das palmeiras e fez uma última tentativa de influenciá-lo.

— Ó mais infeliz dos tapetes! — chamou ele baixinho. — Eu o teria tratado de modo bem mais gentil!

Talvez o tapete o tenha ouvido. Ou talvez tenha sido um acidente. Mas algo arredondado e levemente brilhante rolou da borda do tapete e caiu com um leve baque na areia, a centímetros de Abdullah. Era a lâmpada do gênio. Abdullah esticou-se tão rapidamente quanto pôde sem chacoalhar e tinir demais as correntes, e arrastou a lâmpada, escondendo-a entre suas costas e a palmeira. Então se acomodou e esperou a manhã, sentindo-se sem dúvida mais esperançoso.



CAPÍTULO OITO

No qual os sonhos de Abdullah continuam a se realizar

No momento em que o sol lavou as dunas de areia com uma luz branco-rosada, Abdullah arrancou a rolha da lâmpada do gênio.

O vapor surgiu, tornou-se um jato e lançou-se para cima, tomando a forma azul-malva do gênio, que parecia, se isso era possível, mais zangado que antes.

— Eu disse um desejo por dia! — anunciou a voz tempestuosa.

— Sim, este é um novo dia, ó malva magnificência, e eu sou seu novo amo — disse Abdullah. — E o meu desejo é simples. Quero que estas minhas correntes desapareçam.

— Nem vale desperdiçar um desejo nisso — disse o gênio com desdém e diminuiu rapidamente, voltando a entrar na lâmpada. Abdullah estava prestes a protestar, afirmando que, embora esse desejo pudesse parecer trivial para um gênio, ficar sem as correntes era importante para *ele*, quando percebeu que conseguia se mover livremente, sem barulho. Olhou para baixo e viu que as correntes haviam desaparecido.

Com cuidado, ele colocou a rolha de volta na lâmpada e se pôs de pé. Estava horrivelmente rígido. Antes que conseguisse fazer qualquer movimento, teve de obrigar-se a pensar em camelos velozes carregando soldados na direção do oásis, e depois no que aconteceria se os bandidos adormecidos acordassem e o encontrassem ali de pé sem as correntes. Isso o pôs em movimento. Claudicou como um velho na direção da mesa do banquete. Ali, com muito cuidado para não perturbar os vários bandidos que dormiam de cara na toalha, ele coletou comida e a enrolou num guardanapo. Pegou um frasco de vinho e o amarrou, com a lâmpada do gênio, em seu cinto com mais dois guardanapos. Pegou um último guardanapo para cobrir sua cabeça em caso de ter uma insolação — viajantes haviam lhe contado que esse era um perigo real no deserto — e então, mancando, deixou o oásis o mais rápido possível, seguindo na direção norte.

A rigidez foi passando enquanto ele andava. O exercício tornou-se quase prazeroso e, na primeira parte da manhã, Abdullah caminhou a passos largos, com vontade, pensando em Flor da Noite, comendo pastéis saborosos e bebendo diretamente do frasco do vinho. A segunda parte da manhã não foi tão boa. O sol pairava sobre sua cabeça, o céu se tornou de um branco ofuscante e tudo passou a tremeluzir. Abdullah começou a lamentar não ter jogado fora o vinho e, em seu lugar, enchido o frasco com a água barrenta do lago. O vinho não fazia nada pela sede, a não ser piorá-

la. Ele passou a molhar o guardanapo no vinho e colocá-lo na nuca, onde o tecido secava rápido demais. Ao meio-dia pensou que estivesse morrendo. O deserto oscilava diante de seus olhos, que doíam com a luz ofuscante. Sentia-se uma espécie de monte de cinzas humanas.

— Parece que o Destino decretou que eu viva todo o meu sonho na realidade! — gemeu ele.

Até aquele momento ele havia pensado que imaginara sua fuga do perverso Kabul Aqba em ricos detalhes, mas agora sabia que nunca nem mesmo concebera como era horrível cambalear no calor abrasador, com o suor escorrendo e caindo em seus olhos. Não havia imaginado a maneira como a areia, de alguma forma, entrava em todas as coisas, inclusive em sua boca. Tampouco sua fantasia havia levado em consideração a dificuldade de se guiar pelo sol quando este está a pino. A minúscula sombra em torno de seus pés não lhe servia como orientação do rumo. Ele tinha de olhar para trás a todo instante para verificar se a linha de suas pegadas estava reta. Isso o preocupava, porque fazia com que perdesse tempo.

No fim, perdendo tempo ou não, foi forçado a parar e descansar, agachado numa depressão na areia, onde se via uma pequena sombra. Ainda se sentia como um pedaço de carne na grelha a carvão de Jamal. Embebeu o guardanapo no vinho e o abriu sobre a cabeça, e então observou as gotas vermelhas caírem em suas melhores roupas. A única coisa que o impedia de acreditar que ia morrer era a profecia sobre Flor da Noite. Se o Destino havia decretado que ela se casaria com ele, então ele *tinha* de sobreviver, porque ainda não se casara com ela. Depois disso, pensou na *sua* profecia, escrita pelo próprio pai. Aquelas palavras podiam ter mais de um significado. Na verdade, talvez a profecia até já tivesse se cumprido, pois não havia se erguido acima de todos na Terra ao voar no tapete mágico? Ou talvez se referisse de fato a uma estaca de dez metros.

Essa ideia forçou Abdullah a se levantar e recomeçar a andar.

A tarde foi ainda pior. Abdullah era jovem e estava em boa forma, mas a vida de um mercador de tapetes não inclui longas caminhadas. Seu corpo doía dos calcanhares ao alto da cabeça — sem esquecer os dedos dos pés, que pareciam estar em carne viva. Para piorar, uma de suas botas começou a roçar onde se encontrava o bolso de dinheiro. As pernas estavam tão cansadas que ele mal conseguia movê-las. Mas sabia que tinha de pôr o horizonte entre ele e o oásis antes que os bandidos comessem a procurar

por ele ou uma fila de camelos velozes aparecesse. Como não tinha certeza da distância até o horizonte, continuou a se arrastar.

No fim da tarde, a única coisa que o fazia prosseguir era saber que veria Flor da Noite amanhã. Esse seria o próximo pedido que faria ao gênio. Afora isso, prometeu nunca mais beber vinho e jurou jamais olhar para um grão de areia novamente.

Quando a noite caiu, desabou num banco de areia e dormiu.

Ao alvorecer, seus dentes batiam e ele se perguntava, ansioso, se não estaria com queimaduras do frio. O deserto era tão frio à noite quanto era quente de dia. No entanto, Abdullah sabia que seus problemas estavam quase chegando ao fim. Sentou-se no lado mais quente do banco de areia, voltado para o leste, para o rubor dourado da aurora, e refrescou-se com o que restara da comida e um gole final do detestável vinho. Seus dentes pararam de bater, embora, a julgar pelo gosto, sua boca parecesse pertencer ao cachorro de Jamal.

Agora. Sorrindo com a expectativa, Abdullah afrouxou a rolha da lâmpada do gênio.

E surgiu a fumaça cor de malva, crescendo e adquirindo a forma pouco amistosa do gênio.

— Por que está sorrindo? — perguntou a voz tempestuosa.

— Meu desejo, ó ametista entre os gênios, de cor mais bela que o amor-perfeito — replicou Abdullah. — Que as violetas lhe perfumem o hálito. Desejo que me transporte para junto da minha futura noiva, Flor da Noite.

— Ah, deseja? — O gênio cruzou os braços fumacentos e virou-se para olhar em todas as direções. O que, para fascínio de Abdullah, deu à parte dele que se ligava à lâmpada um perfeito formato de saca-rolhas. — E onde *está* esta jovem? — perguntou o gênio, irritado, quando voltou a ficar de frente para Abdullah. — Eu não consigo localizá-la.

— Ela foi levada do seu jardim noturno no palácio do sultão, em Zanzib, por um djim — informou Abdullah.

— Então isso explica tudo — disse o gênio. — Não posso lhe conceder esse desejo. Ela não está em nenhum lugar na Terra.

— Então ela deve estar no reino dos djins — disse, ansioso, Abdullah. — Certamente você, ó príncipe púrpura entre os gênios, deve conhecer esse reino como a palma da sua mão.

— Isso mostra como você sabe pouco — disse o gênio. — Confinado numa garrafa, um gênio está excluído de todo e qualquer reino de espíritos. Se é onde sua garota está, não posso levá-lo até lá. Eu o aconselho a pôr a rolha de volta em minha lâmpada e seguir caminho. Tem uma tropa de camelos bem grande chegando lá do sul.

Abdullah correu até o topo da duna. Com efeito, lá estava a fila de camelos velozes que ele vinha temendo, seguindo rapidamente em sua direção com suaves e largas passadas. Embora, naquele momento, a distância os transformasse apenas em sombras azuladas, ele podia dizer, pelas silhuetas, que os homens neles montados estavam armados até os dentes.

— Vê? — perguntou o gênio, enfunando-se até a mesma altura de Abdullah. — Eles até podem não encontrá-lo, mas eu duvido. — Era evidente que a ideia o divertia.

— Você precisa me conceder um desejo diferente então, rápido — disse Abdullah.

— Ah, não — respondeu o gênio. — Um desejo por dia. Você já fez o pedido.

— Certamente que fiz, ó esplendor dos vapores lilases — concordou Abdullah com a rapidez do desespero —, mas foi um desejo que você não pôde me conceder. E os termos, como eu nitidamente ouvi quando os apresentou pela primeira vez, afirmavam que você era obrigado a *conceder* ao seu amo um desejo por dia. Isso você ainda não fez.

— Que os céus me protejam! — exclamou o gênio, desgostoso. — O rapazinho é um advogado.

— Naturalmente que sou! — disse Abdullah com certa paixão. — Sou um cidadão de Zanzib, onde toda criança aprende a proteger seus direitos, pois é certo que ninguém mais o fará. E eu afirmo que você ainda não me *concedeu* um desejo hoje.

— Um sofisma — disse o gênio, oscilando graciosamente diante dele com braços cruzados. — O desejo foi solicitado.

— Mas não concedido — insistiu Abdullah.

— Não é minha culpa se você escolhe pedir coisas impossíveis — disse o gênio. — Existe um milhão de lindas garotas até as quais eu posso levá-lo. Você pode ter uma sereia se gostar de cabelos verdes. Ou será que não sabe nadar?

A veloz fila de camelos estava agora bem mais próxima. Abdullah disse, apressado:

— Pense, ó púrpura pérola de magia, e amoleça seu coração. Aqueles soldados que se aproximam de nós vão certamente tomar sua lâmpada de mim quando nos alcançarem. Se eles o levarem para o sultão, ele irá forçá-lo a enormes feitos diariamente, levando-lhe exércitos e armas e conquistando seus inimigos, tudo muitíssimo extenuante. Se o guardarem para si mesmos... e podem fazê-lo, pois nem todos os soldados são honestos... você será passado de mão em mão e obrigado a conceder muitos desejos por dia, um para cada homem do pelotão. Em qualquer caso, vai trabalhar muito mais do que comigo, que só quero uma coisinha.

— Que eloquência! — disse o gênio. — No entanto, você tem um bom argumento. Mas já pensou, por outro lado, que oportunidades o sultão ou seus soldados me darão para fazer estragos?

— Estragos? — repetiu Abdullah, com os olhos ansiosamente observando os velozes camelos.

— Eu nunca disse que meus desejos deveriam fazer o bem a qualquer pessoa — afirmou o gênio. — Na verdade, jurei que eles sempre causariam o máximo de dano possível. Aqueles bandidos, por exemplo, estão agora a caminho da prisão ou pior, por roubarem o banquete do sultão. Os soldados os encontraram ontem à noite.

— Você está causando mais danos a mim ao *não* me conceder um desejo! — disse Abdullah. — E, ao contrário dos bandidos, eu não mereço isso.

— Considere-se um azarado — disse o gênio. — Assim seremos dois. Eu também não mereço ficar preso nesta lâmpada.

Os soldados agora estavam perto o bastante para ver Abdullah. Ele podia ouvir gritos a distância e ver armas sendo empunhadas.

— Então me dê o desejo de amanhã — disse ele com urgência.

— Talvez essa seja a solução — concordou o gênio, para surpresa de Abdullah. — Qual é o desejo então?

— Leve-me até a pessoa mais próxima que possa me ajudar a encontrar Flor da Noite — pediu Abdullah, e desceu correndo a duna, apanhando a lâmpada no chão. — Rápido — acrescentou ao gênio agora ondulando acima dele.

O gênio parecia um pouco desorientado.

— Estranho — disse ele. — Meus poderes de adivinhação em geral são excelentes, mas eu não consigo compreender.

Uma bala se enterrou na areia não muito longe deles. Abdullah correu, carregando o gênio como uma imensa e ondulante chama de vela cor de malva.

— É só me levar a essa pessoa! — gritou ele.

— Acho que é melhor mesmo — disse o gênio. — Talvez você consiga entender isso.

A terra pareceu rodopiar sob os pés em movimento de Abdullah. Em pouco tempo era como se estivesse dando passadas amplas e firmes, atravessando terras que se lançavam ao seu encontro. Embora a velocidade combinada de seus pés e o mundo girando transformasse tudo num borrão indistinto, exceto pelo gênio que fluía placidamente da garrafa em sua mão, Abdullah sabia que, em instantes, os camelos haviam ficado para trás. Ele sorriu e seguiu em frente, quase tão plácido quanto o gênio, regozijando-se no vento fresco. Depois do que pareceu um longo tempo avançando, tudo parou.

Abdullah se viu no meio de uma estrada rural tentando recuperar o fôlego. Era preciso um certo tempo para se acostumar com esse novo lugar. O ar era fresco, como Zanzib na primavera, e a luz, diferente. Embora o sol refulgisse no céu azul, emitia uma luz mais suave e mais azul do que aquela a que Abdullah estava acostumado. Isso talvez se devesse ao fato de haver tantas árvores frondosas ladeando a estrada e lançando sombras verdes instáveis sobre tudo. Ou talvez se devesse à grama muito, muito verde, que crescia nos arredores. Abdullah deixou os olhos se ajustarem e então olhou à sua volta, à procura da pessoa que deveria ajudá-lo a encontrar Flor da Noite.

Mas tudo que podia ver era o que parecia uma hospedaria numa curva da estrada, incrustada entre as árvores. A hospedaria parecia um lugar deplorável. Era feito de madeira e estuque pintado de branco, como a mais pobre das casas pobres de Zanzib, e os donos pareciam ter apenas o suficiente para um telhado feito de palha. Alguém tentara embelezar o lugar plantando flores vermelhas e amarelas na beira da estrada. A placa da hospedaria, que balançava num poste plantado entre as flores, era o esforço de um artista ruim para pintar um leão.

Abdullah olhou para baixo, para a lâmpada do gênio, na intenção de recolocar a rolha agora que tinha chegado. Ficou chateado ao descobrir

que aparentemente tinha deixado a rolha cair, no deserto ou durante o trajeto. Tudo bem, pensou. E aproximou a lâmpada do seu rosto.

— Onde está a pessoa que pode me ajudar a encontrar Flor da Noite? — perguntou.

Um fiapo de vapor saiu da lâmpada, parecendo bem mais azul à luz dessa terra estranha.

— Dormindo num banco diante do Leão Vermelho — disse o fiapo exasperadamente, e tornou a se recolher à lâmpada.

A voz seca do gênio veio de seu interior.

— Ele me agrada. Ele irradia desonestidade.



CAPÍTULO NOVE

No qual Abdullah encontra um antigo soldado

Abdullah se encaminhou para a hospedaria. Quando chegou mais perto, viu que havia de fato um homem cochilando num dos bancos de madeira que tinham sido dispostos fora da hospedaria. Ali se viam mesas ainda, o que sugeria que o lugar também servia comida. Abdullah deslizou para um dos bancos atrás de uma mesa e olhou, desconfiado, para o homem adormecido.

Parecia um rematado malfeitor. Mesmo em Zanzib, ou entre os bandidos, Abdullah nunca vira rugas tão desonestas quanto as que havia no rosto bronzeado do homem. Uma grande mochila no chão ao lado dele fez Abdullah pensar a princípio que talvez fosse um funileiro ambulante — a não ser pelo fato de estar bem barbeado. Os únicos outros homens que Abdullah havia visto sem barba ou bigode eram os mercenários do norte a serviço do sultão. Era possível que esse homem fosse um soldado mercenário. Suas roupas pareciam de fato os restos arruinados de algum uniforme, e ele usava o cabelo num rabo de cavalo que descia pelas costas, à maneira dos homens do sultão. Essa era uma moda que os homens de Zanzib achavam repulsiva, pois corria o rumor de que o rabo de cavalo nunca era desfeito ou lavado. Olhando para o cabelo desse homem, preso dessa forma e caindo sobre o braço do banco onde ele dormia, Abdullah era capaz de acreditar nisso. Nem isso nem nada mais no homem era limpo. Ainda assim, tinha o aspecto forte e saudável, embora não fosse jovem. O cabelo, por baixo da sujeira, parecia grisalho.

Abdullah hesitou em acordar o sujeito. Ele não parecia digno de confiança. E o gênio havia admitido abertamente que concedia desejos de forma a causar estragos. Esse homem pode me levar à Flor da Noite, ponderou Abdullah, mas certamente vai me roubar no caminho.

Enquanto hesitava, uma mulher de avental apareceu à porta da hospedaria, talvez para ver se havia fregueses lá fora. Suas roupas lhe davam a aparência de uma ampolheta roliça, muito estranha e desagradável na opinião de Abdullah.

— Ah! — disse ela ao vê-lo. — Está esperando para ser atendido, senhor? Deveria ter batido na mesa. É o que todos fazem por aqui. O que o senhor vai pedir?

Ela falava com o mesmo sotaque bárbaro dos mercenários do norte. Com isso, Abdullah concluiu que agora estava no país de onde vinham aqueles homens, qualquer que fosse ele. Abdullah sorriu para a mulher.

— O que oferece, ó joia da beira da estrada? — perguntou-lhe.

Evidentemente ninguém nunca antes a chamara de joia. Ela enrubesceu, sorriu de modo afetado e torceu o avental.

— Bem, agora tem pão e queijo — informou. — Mas o almoço está no fogo. Se quiser esperar meia hora, senhor, pode comer uma boa torta de carne de caça com legumes da nossa horta.

Abdullah pensou que isso parecia perfeito, muito melhor do que ele poderia esperar de uma hospedaria com telhado de palha.

— Então espero meia hora de bom grado, ó flor entre as anfitriãs.

Ela lhe lançou outro sorriso afetado.

— E o que me diz de uma bebida enquanto espera, senhor?

— Certamente — respondeu Abdullah, que ainda estava com muita sede por causa do deserto. — Poderia me trazer uma taça de sorvete ou, se não tiver, um suco de fruta?

Ela pareceu preocupada.

— Ah, senhor, eu... não ligamos muito para suco de fruta e nunca ouvi falar da outra opção. Que tal uma bela caneca de cerveja?

— O que é cerveja? — perguntou Abdullah com cuidado.

Isso deixou a mulher confusa.

— Eu... bem, eu... é...

O homem no outro banco se levantou e bocejou.

— Cerveja é a única bebida apropriada para um homem — disse ele. — Coisa maravilhosa.

Abdullah voltou-se para olhá-lo novamente. E se viu fitando olhos azuis redondos e límpidos, tão honestos quanto o dia é longo. Não havia o menor traço de desonestidade no rosto dele agora que estava acordado.

— Feita a partir da fermentação de cevada e lúpulo — acrescentou o homem. — Aproveitando sua presença, senhora, eu também vou tomar um quartilho dela.

A expressão da mulher mudou completamente.

— Eu já lhe disse que, antes de lhe servir qualquer coisa — informou ela —, quero ver a cor do seu dinheiro.

O homem não se ofendeu. Seus olhos azuis encontraram os de Abdullah, acanhados. Então ele suspirou e apanhou um longo cachimbo branco de barro no banco ao seu lado, começou a enchê-lo e o acendeu.

— Será cerveja então, senhor? — indagou a mulher, voltando ao sorriso para Abdullah.

— Por gentileza, dama de pródiga generosidade — disse ele. — Traga-me um pouco, e também traga uma quantidade adequada para este cavalheiro aqui.

— Muito bem, senhor — disse ela e, com um olhar de desaprovação para o homem de rabo de cavalo, voltou para o interior do estabelecimento.

— É muita gentileza sua — disse o homem a Abdullah. — Veio de longe, não é?

— Uma distância considerável, a partir do sul, venerado peregrino — respondeu Abdullah, com cautela. Ele não havia esquecido o quanto o sujeito tinha parecido desonesto dormindo.

— De regiões estrangeiras, hein? Pensei mesmo que fosse, para conseguir um bronzado desses — observou o homem.

Abdullah tinha certeza de que o sujeito estava tentando obter informações, para ver se valia a pena roubá-lo. Portanto ficou bastante surpreso quando o homem pareceu desistir de fazer perguntas.

— Também não sou daqui, sabe? — disse o homem, tirando grandes nuvens de fumaça de seu cachimbo bárbaro. — Sou de Estrângia. Um velho soldado. Solto no mundo com uma gratificação depois que Ingary nos venceu na guerra. Como viu, ainda tem muito preconceito aqui em Ingary contra esse meu uniforme.

Ele disse isso na cara da mulher, quando ela voltava com dois copos de um líquido espumante e amarronzado. Ela não falou com ele. Limitou-se a pousar pesadamente um copo na frente dele antes de colocar o outro com todo o cuidado diante de Abdullah.

— O almoço sai daqui a meia hora, senhor — disse, enquanto se afastava.

— Saúde — brindou o soldado, levantando o copo. Então bebeu um grande gole.

Abdullah sentiu-se grato a esse velho soldado. Graças a ele, agora sabia que se encontrava num país chamado Ingary. Então disse “saúde” em retribuição, enquanto, hesitante, levantava o próprio copo. Parecia-lhe provável que aquela substância tivesse vindo da bexiga de um camelo. Quando a aproximou do nariz, o cheiro nada fez para desfazer essa impressão. Somente o fato de que ainda estava com uma sede terrível o levou a experimentá-la. Então encheu a boca com cuidado. Bem, pelo menos era líquido.

— Maravilhoso, não é? — perguntou o velho soldado.

— É muito interessante, ó capitão de guerreiros — disse Abdullah, tentando não estremecer.

— Engraçado você me chamar de capitão — observou o soldado. — Não é o que eu era, naturalmente. Nunca passei de cabo. Vi muitas batalhas, porém, e tinha a expectativa de ser promovido, mas o inimigo estava em cima de nós antes que eu tivesse minha oportunidade. Foi uma batalha terrível, sabe? Ainda estávamos avançando. Ninguém esperava que o inimigo chegasse tão rápido. Bem, está tudo acabado agora, e não tem sentido ficar chorando sobre o leite derramado, mas vou lhe dizer com sinceridade que os ingarianos não lutaram lealmente. Tinham magos cuidando para que vencessem. E o que um soldado chinfrim como eu pode fazer contra a magia? Nada. Quer que eu lhe mostre um esboço de como transcorreu a batalha?

Abdullah compreendeu exatamente onde a malícia do gênio se encontrava agora. Esse homem, que deveria ajudá-lo, era com toda a certeza um chato de galocha.

— Não sei absolutamente nada de questões militares, ó mais valente estrategista — disse com firmeza.

— Não importa — replicou o soldado alegremente. — Pode acreditar em mim: debandamos totalmente. E fugimos. Ingary nos conquistou. Dominou o país inteiro. Nossa família real, abençoada seja, teve de fugir, e então puseram o irmão do rei de Ingary no trono. Andaram falando em tornar esse príncipe legal fazendo-o casar-se com nossa princesa Beatriz, porém ela havia fugido com o restante da família, longa seja sua vida!, e não pôde ser encontrada. Mas, veja bem, o novo príncipe não era de todo mau. Deu a todo o exército de Estrângia uma gratificação antes de nos libertar. Quer saber o que estou fazendo com meu dinheiro?

— Se quiser me contar, mais corajoso dos veteranos... — disse Abdullah, reprimindo um bocejo.

— Estou conhecendo Ingary — disse o soldado. — Pensei em dar uma volta pelo país que nos conquistou. Descobrir como é, antes de me estabelecer. É uma quantia razoável a minha gratificação. Posso pagar meu sustento, desde que tome cuidado.

— Meus cumprimentos — disse Abdullah.

— Pagaram metade de tudo em ouro — afirmou o soldado.

— Verdade? — replicou Abdullah.

Foi um grande alívio para ele que alguns fregueses do lugar chegassem nesse exato momento. Eram lavradores, em sua maioria, usando calções sujos e estranhos guarda-pós, que lembravam a Abdullah sua própria camisola, assim como grandes e pesadas botas. Estavam muito alegres, conversando alto sobre a colheita do feno — que diziam ia muito bem — e batendo nas mesas, pedindo cerveja. A senhoria, e também um pequeno senhorio, que piscava sem parar, foram mantidos muito ocupados correndo para dentro e para fora com bandejas de copos, porque, daquele momento em diante, um número cada vez maior de pessoas começou a chegar.

E — Abdullah não sabia se ficava mais aliviado, aborrecido ou divertido — o soldado logo perdeu o interesse por ele e começou a conversar seriamente com os recém-chegados. Eles não pareceram de modo algum achá-lo maçante. Também não parecia lhes preocupar o fato de ele haver sido um soldado inimigo. Um deles pediu mais cerveja para ele imediatamente. À medida que mais pessoas chegavam, ele foi se tornando mais popular. Copos de cerveja se enfileiravam ao lado dele. Não demorou muito para que pedissem almoço para ele também, enquanto, da multidão que rodeava o soldado, Abdullah ouvia coisas como: “Grande batalha... Seus magos deram a eles a vantagem, veja... nossa cavalaria... acabaram com nossa ala da esquerda... nos dominaram no morro... forçaram a infantaria a fugir... continuaram correndo como coelhos... não é mau... nos reuniu e nos pagou uma gratificação...”

Enquanto isso, a senhoria veio até Abdullah com uma bandeja fumegante e mais cerveja, sem que ele pedisse. Ele ainda estava com tanta sede que quase ficou feliz com a cerveja. E o almoço lhe pareceu quase tão delicioso quanto o banquete do sultão. Por algum tempo, ficou tão ocupado com a comida que perdeu o soldado de vista. Quando tornou a vê-lo, o homem estava debruçado sobre o prato vazio, os olhos azuis brilhando com um entusiasmo sincero, enquanto deslocava copos e pratos pela mesa, mostrando a seus ouvintes rurais exatamente onde tudo estava na Batalha de Estrângia.

Após algum tempo ele esgotou seu estoque de copos, garfos e pratos. Como já havia usado o sal e a pimenta como o rei de Estrângia e seu general, não lhe restava nada para usar como o rei de Ingary e seu irmão, ou como seus magos. Mas o soldado não deixou que isso o aborrecesse. Abriu uma bolsa em seu cinto e dali tirou duas moedas de ouro e várias de

prata, as quais pousou na mesa para fazer as vezes de rei de Ingary, seus magos e seus generais.

Abdullah não pôde deixar de pensar que essa era uma atitude extremamente tola da parte dele. As duas peças de ouro provocaram alguns comentários. Quatro rapazes de aparência grosseira numa mesa próxima giraram em seus bancos e começaram a ficar muito interessados. Mas o soldado estava concentrado explicando a batalha e totalmente alheio a isso.

Por fim, a maioria das pessoas à volta do soldado se levantou para voltar ao trabalho. O soldado se levantou com elas, pendurou a mochila no ombro, pôs na cabeça o chapéu sujo de soldado, que estava enfiado na aba superior da mochila, e perguntou qual era o caminho para a cidade mais próxima. Enquanto todos ruidosamente explicavam o caminho para o soldado, Abdullah tentou encontrar a senhoria para pagar sua conta. Ela foi um pouco lenta para atendê-lo. Quando terminou, o soldado já havia desaparecido na curva da estrada. Abdullah não se lamentou. Qualquer que tenha sido a ajuda que o gênio pensou que esse homem pudesse lhe dar, Abdullah achava que podia passar sem ela. Ficou feliz porque o Destino e ele pareciam estar de acordo dessa vez.

Não sendo tolo como o soldado, Abdullah pagou a conta com sua menor moeda de prata. Mesmo esta parecia ser muito dinheiro nessas paragens. A senhoria levou-a para dentro do estabelecimento para buscar o troco. Enquanto esperava que ela voltasse, Abdullah não pôde deixar de ouvir os quatro rapazes grosseiros. Eles estavam tendo uma discussão rápida e sugestiva.

— Se cortarmos pela trilha de cavalos — disse um deles — podemos alcançá-lo no bosque, no alto do morro.

— Vamos nos esconder nos arbustos — concordou o segundo — de ambas as margens da estrada, e o atacamos dos dois lados.

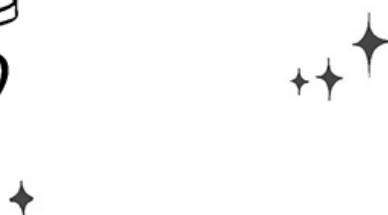
— E dividimos o dinheiro em quatro — insistiu o terceiro. — Ele tem mais ouro do que mostrou, isso é certo.

— Primeiro temos de ter certeza de que está morto — disse o quarto. — Não queremos que saia por aí contando histórias.

E “Certo!” e “Certo” e “Certo, então”, disseram os outros três, e se levantaram e partiram, enquanto a senhoria vinha correndo até Abdullah com a mão cheia de moedas de cobre.

— Espero que o troco esteja correto, senhor. Não recebemos muitas moedas de prata do sul aqui e tive de perguntar ao meu marido quanto valia. Ele diz que vale cem de nossos cobs, e o senhor nos devia cinco, portanto...

— Abençoada seja, ó nata das fornecedoras e fermentadora de cerveja celestial — disse Abdullah com pressa, e lhe deu um punhado das moedas de volta, em vez da agradável e prolongada conversa que ela obviamente pretendia ter com ele. Deixando-a de olhos arregalados, ele partiu tão rápido quanto pôde atrás do soldado. O homem podia ser um papa-jantares cara de pau e um chato de galocha, mas isso não significava que merecia ser emboscado e assassinado por causa de seu ouro.



CAPÍTULO DEZ

O qual fala de violência e derramamento de sangue

Abdullah descobriu que não podia andar muito rápido. No clima mais fresco de Ingary, seus músculos haviam se enrijecido abominavelmente enquanto ele ficara sentado imóvel, e suas pernas doíam pela longa caminhada do dia anterior. O bolso com o dinheiro na bota esquerda fez uma bolha muito feia em seu pé esquerdo. Ele já estava mancando antes de ter caminhado cem metros. No entanto, estava preocupado o suficiente com o soldado para manter o melhor ritmo que lhe era possível. Passou mancando por várias cabanas de telhado de palha e então deixou o vilarejo para trás, chegando à estrada mais aberta. Lá podia ver o soldado à sua frente, caminhando em direção a um ponto onde a estrada subia por uma colina coberta com as árvores de copas densas que pareciam crescer por aqui. Era ali que os rapazes grosseiros estariam preparando a emboscada. Abdullah tentou andar mais rápido.

Um irritadiço fiapo azul saiu da lâmpada que sacudia em sua cintura.

— Você precisa *sacolejar* tanto? — perguntou.

— Sim — respondeu Abdullah. — O homem que você escolheu para me ajudar é que precisa da *minha* ajuda.

— Hum! Agora eu entendo você — disse o gênio. — Nada vai impedi-lo de ter uma visão romântica da vida. No próximo pedido, vai querer uma armadura brilhante.

O soldado caminhava bem devagar. Abdullah diminuiu a distância entre eles e entrou no bosque não muito depois dele. Mas a estrada aqui serpenteava entre as árvores para tornar a subida mais fácil, de modo que Abdullah perdeu o soldado de vista até dobrar manquejando uma última curva e vê-lo poucos metros à frente. E esse, por acaso, foi o momento exato que os bandidos escolheram para fazer seu ataque.

Dois deles saltaram de um lado da estrada nas costas do soldado. Os dois que surgiram do outro lado investiram contra ele pela frente. Houve um momento de luta violenta. Abdullah apressou-se para ajudar — embora o tenha feito um tanto hesitante, pois nunca lutara fisicamente contra ninguém na vida.

Enquanto se aproximava, toda uma série de milagres pareceu acontecer. Os dois sujeitos nas costas do soldado voaram em direções opostas, cada um para um lado da estrada, onde um deles bateu a cabeça numa árvore e não perturbou mais ninguém, enquanto o outro desabava estatelado. Dos dois que encaravam o soldado, um recebeu quase imediatamente um ferimento e se dobrou para contemplá-lo. O outro, para

considerável perplexidade de Abdullah, ergueu-se no ar e, por um breve instante, ficou pendurado no galho de uma árvore. Dali ele despencou com um estrondo e caiu adormecido na estrada.

Nesse momento, o rapaz que havia se dobrado desdobrou-se e lançou-se contra o soldado com uma faca longa e estreita. O soldado agarrou o pulso da mão que segurava a faca. Houve um momento de impasse em que o rapaz pareceu grunhir — e em que Abdullah percebeu que acreditava que tudo logo se resolveria em favor do soldado. E estava exatamente pensando que sua preocupação com o soldado havia sido de todo desnecessária quando o camarada estatelado na estrada de repente se desestatelou e investiu contra as costas do soldado com outra faca longa e fina.

Rapidamente Abdullah fez o que era preciso. Deu um passo à frente e atingiu o rapaz na cabeça com a lâmpada do gênio.

— Aiii! — gritou o gênio. E o camarada tombou como um carvalho derrubado.

Com o barulho, o soldado girou depois de aparentemente deixar o outro rapaz atordoado. Abdullah recuou um passo, apressado. Ele não gostou da velocidade com que o soldado se virou, tampouco da maneira como mantinha as mãos, com os dedos retesados e juntos, como duas armas pouco afiadas porém mortíferas.

— Eu os ouvi planejando matá-lo, valente veterano — explicou Abdullah rapidamente — e corri para avisar ou ajudar.

Ele viu os olhos do soldado fixos nos dele, muito azuis porém não mais inocentes. Na verdade, aqueles eram olhos que contariam como sagazes até no Bazar de Zanzib. Eles pareceram inventariar Abdullah de todas as formas possíveis. Felizmente, tudo indicava estarem satisfeitos com o que viram.

— Obrigado então — disse o soldado e virou-se para chutar a cabeça do rapaz que deixara atordoado. Este parou também de se mexer, completando o grupo.

— Talvez — sugeriu Abdullah — devêssemos notificar isso a um guarda.

— Para quê? — perguntou o soldado. Ele se curvou e, para ligeira surpresa de Abdullah, fez uma rápida e experiente busca nos bolsos do jovem cuja cabeça havia acabado de chutar. O resultado da busca foi uma mão cheia de moedas de cobre, as quais o soldado guardou em sua própria

bolsa, parecendo satisfeito. — Mas a faca é de má qualidade — disse, partindo-a em duas. — Já que está aqui, por que não revista o que você acertou, enquanto eu cuido dos outros dois? O seu parece valer uma ou duas moedas de prata.

— Quer dizer — começou Abdullah, hesitante — que o costume deste país nos permite roubar os ladrões?

— Não se trata de um costume de que eu já tenha ouvido falar — disse calmamente o soldado —, mas é o que pretendo fazer de qualquer forma. Por que acha que fiz tanta questão de mostrar meu ouro na hospedaria? Tem sempre um ou dois espertalhões que acham que vale a pena atacar e roubar um soldado velho e estúpido. Quase todos carregam dinheiro.

Ele atravessou a estrada e começou a revistar o rapaz que tinha caído da árvore. Depois de hesitar um momento, Abdullah curvou-se para executar a desagradável tarefa de revistar o que ele havia derrubado com a lâmpada. Ele se viu revendo sua opinião sobre o soldado. Afora qualquer outra coisa, um homem que podia enfrentar com confiança quatro atacantes de uma só vez era alguém melhor para se ter como amigo do que como inimigo. E os bolsos do jovem inconsciente continham de fato três moedas de prata. E também a faca. Abdullah tentou quebrá-la na estrada como o soldado fizera com a outra.

— Ah, não — disse o soldado. — Esta é uma faca boa. Fique com ela.

— Sinceramente, nunca tive essa experiência — disse Abdullah, estendendo-a para o soldado. — Sou um homem de paz.

— Então não vai muito longe em Ingary — disse o soldado. — Guarde-a e use-a para cortar a carne em seu prato, se preferir. Tenho mais seis facas melhores do que esta em minha bolsa, todas de diferentes malfeitores. Fique com o dinheiro também, embora, a julgar pelo fato de não se ter interessado quando falei do meu ouro, eu ache que você tem uma situação bastante boa, não é?

Verdadeiramente um homem astuto e observador, pensou Abdullah, guardando as moedas.

— Não sou tão próspero que um pouco mais não me sirva — disse com prudência. Então, sentindo que estava entrando no espírito da coisa, tirou os cadarços da bota do rapaz e os usou para amarrar a lâmpada do gênio com mais segurança em seu cinto. O jovem remexeu-se e gemeu enquanto ele fazia isso.

— Estão acordando. É melhor irmos embora — disse o soldado. — Eles vão distorcer a história e dizer que *nós* os atacamos, quando acordarem. E, tendo em vista que esta é a aldeia deles e que somos ambos estrangeiros, é neles que vão acreditar. Eu vou tomar um atalho cortando os morros. Se seguir o meu conselho, fará o mesmo.

— Eu me sentiria honrado, mais cortês dos lutadores, se pudesse acompanhá-lo — disse Abdullah.

— Eu não me importo — disse o soldado. — Vai ser bom variar e ter uma companhia para quem não preciso mentir. — Apanhou a mochila e o chapéu, os quais aparentemente teve tempo de guardar atrás de uma árvore antes que a luta começasse, e tomou a dianteira, entrando no bosque.

Seguiram resolutamente, subindo por entre as árvores por algum tempo. O soldado fazia Abdullah sentir-se deploravelmente fora de forma. Ele andava com tanta leveza e facilidade que mais parecia estar descendo uma ladeira. Abdullah mancava atrás dele. Seu pé esquerdo parecia esfolado.

Por fim o soldado parou e esperou por ele num pequeno vale.

— A bota elegante está machucando você? — perguntou. — Sente-se naquela pedra e descalce-a. — Enquanto falava, tirou a mochila do ombro. — Tenho um kit de primeiros socorros bastante incomum aqui — disse ele. — Apanhei-o no campo de batalha, acho. Bem, encontrei em algum lugar de Estrângia.

Abdullah sentou-se e arrancou a bota. O alívio que sentiu foi rapidamente dissipado quando ele olhou para o seu pé. Estava mesmo esfolado. O soldado resmungou e aplicou uma espécie de curativo branco nele, que se agarrou ao pé sem necessidade de ser amarrado. Abdullah gemeu. Então um frescor abençoado espalhou-se a partir do curativo.

— Isso é algum tipo de magia? — perguntou ele.

— Provavelmente — disse o soldado. — Acho que aqueles magos de Ingary deram esses pacotes para todo seu exército. Calce a bota. Você vai conseguir andar agora. Temos de estar longe antes que os pais daqueles garotos comecem a nos procurar a cavalo.

Abdullah calçou cuidadosamente a bota. O curativo devia ser mesmo mágico. Seu pé parecia novo. Ele quase conseguia acompanhar o ritmo do soldado — o que era uma sorte, pois o homem continuou marchando adiante, na subida, até que Abdullah pensou que tivessem caminhado tanto quanto ele havia andado no deserto no dia anterior. De tempos em tempos,

Abdullah olhava nervosamente para trás, para o caso de agora estarem sendo perseguidos por cavalos. Disse a si mesmo que era bom para variar dos camelos — embora seria bom não ter ninguém o perseguindo por algum tempo. Pensando no assunto, viu que, mesmo no Bazar, os parentes da primeira esposa do pai o vinham perseguindo desde a morte dele. Abdullah estava aborrecido consigo mesmo por não ter percebido antes.

Enquanto isso, haviam subido tanto que o bosque começava a dar lugar a arbustos esguios entre as pedras. À medida que a noite caía, eles passaram a andar apenas entre pedras, em algum ponto perto do cume da cadeia de montanhas, onde cresciam apenas alguns arbustos pequenos e de forte aroma, agarrando-se às fendas. Esse era outro tipo de deserto, pensou Abdullah, enquanto o soldado os conduzia ao longo de uma espécie de desfiladeiro estreito entre pedras altas. Não parecia um lugar onde houvesse alguma chance de encontrarem a ceia.

A certa altura, ao longo do desfiladeiro, o soldado parou e tirou a mochila do ombro.

— Tome conta disto por um momento — disse ele. — Parece que tem uma caverna no alto do penhasco deste lado. Vou dar uma olhada e ver se é um bom lugar para passarmos a noite.

Parecia de fato haver uma abertura escura nas rochas um pouco acima de suas cabeças, quando Abdullah, exausto, olhou para cima. Não lhe agradava a ideia de dormir ali. O lugar parecia frio, e duro. Mas provavelmente era melhor do que se deitar na pedra, pensou ele, enquanto observava, pesaroso, o soldado subir facilmente pelo rochedo e chegar ao buraco.

Ouviu-se então um ruído como o de uma polia de metal rangendo.

Abdullah viu o soldado deixar a caverna cambaleando de costas, com uma das mãos colada ao rosto, e quase despencar do penhasco. Mas conseguiu segurar-se a tempo e desceu deslizando e praguejando rochedo abaixo numa tempestade de cascalho.

— Um animal selvagem lá dentro! — arquejou. — Vamos embora daqui. — Ele estava sangrando bastante de oito longos arranhões. Quatro deles começavam na testa, cruzavam a mão e prosseguiam bochecha abaixo, indo até o queixo. Os outros quatro lhe haviam rasgado a manga e retalhado o braço do pulso até o cotovelo. Parecia que ele conseguira cobrir o rosto com a mão na hora H para não perder um olho. Estava tão abalado que Abdullah teve de pegar seu chapéu e sua mochila e guiá-lo

ravina abaixo — o que fez bem rápido. Qualquer animal que conseguia levar a melhor sobre esse soldado era uma criatura que Abdullah não desejava encontrar.

A ravina terminava uns cem metros à frente, num local perfeito para acampar. Eles se encontravam agora do outro lado das montanhas, com uma ampla visão das terras além — douradas, verdes e enevoadas ao sol que se punha. A ravina terminava num amplo chão de pedra que subia suavemente em direção ao que era quase outra caverna, onde rochas pendiam sobre o chão inclinado. Melhor ainda, havia um pequeno arroio com leito de pedras murmurando montanha abaixo um pouco mais à frente.

Apesar de ser um lugar perfeito, Abdullah não tinha a menor vontade de parar tão perto daquele animal na caverna. Mas o soldado insistiu. Os arranhões o estavam incomodando. Ele se jogou no chão na rocha inclinada e pegou uma espécie de unguento no kit de primeiros socorros mágico.

— Acenda o fogo — disse, enquanto espalhava a substância em seus ferimentos. — Os animais selvagens têm medo de fogo.

Abdullah se deu por vencido e pôs-se a correr de um lado para o outro arrancando arbustos de aroma forte para queimar. Uma águia ou outra ave grande havia feito ninho no penhasco acima fazia muito tempo. O velho ninho deu a Abdullah braçadas de ramos e alguns galhos secos, de modo que ele logo se viu com uma pilha e tanto de lenha. Quando o soldado terminou de se lambuzar com o unguento, apanhou um isqueiro e acendeu uma pequena fogueira na metade da descida de pedra. O fogo crepitava e saltava alegremente. A fumaça, com cheiro semelhante ao do incenso que Abdullah costumava queimar em sua tenda, levantou-se da extremidade da ravina e se espalhou contra o começo de um glorioso pôr do sol. Se isso realmente afugentasse a fera da caverna, Abdullah pensou que esse seria um lugar quase perfeito. Apenas *quase* perfeito, pois naturalmente nada havia para comer por quilômetros. Abdullah suspirou.

O soldado apresentou uma lata de metal, retirada de sua mochila.

— Que tal encher isto com água? A menos — disse ele, olhando a lâmpada do gênio amarrada ao cinto de Abdullah — que você tenha algo mais forte nesse seu frasco.

— Ai, não — disse Abdullah. — É só um objeto de família, um raro vidro fosco de Singispar, que eu carrego por razões sentimentais. — Ele

não tinha a menor intenção de deixar alguém tão desonesto quanto o soldado saber sobre o gênio.

— Que pena — disse o soldado. — Vá buscar água, então, e eu vou preparar uma ceia para a gente.

Isso fez com que o lugar ficasse quase totalmente perfeito. Abdullah seguiu saltando até o riacho com energia. Quando voltou, viu que o soldado havia apanhado uma panela, onde esvaziava pacotes de carne defumada e ervilhas secas. Ele juntou a água e alguns cubos misteriosos e levou ao fogo para ferver. Num tempo incrivelmente curto, a mistura havia se transformado em um espesso ensopado. E o cheiro era delicioso.

— Mais produto de magia? — perguntou Abdullah, enquanto o soldado transferia metade do ensopado para um prato de estanho e lhe entregava.

— Acho que sim — respondeu o soldado. — Peguei isso no campo de batalha.

Ele apanhou a panela para comer ali mesmo a sua parte e encontrou duas colheres. Comeram ali sentados em camaradagem, com o fogo crepitando entre eles, enquanto o céu lentamente se tornava cor-de-rosa, rubro e dourado, e as terras abaixo ficavam azuladas.

— Você não está acostumado a levar uma vida dura, não é? — observou o soldado. — Tem roupas boas, botas elegantes, mas que, a julgar pela aparência, viram um pouco de desgaste ultimamente. E, por sua fala e seu tom de pele escura e queimada pelo sol, vem de muito longe ao sul de Ingary, não é mesmo?

— Tudo isso é verdade, ó veterano e perspicaz observador — disse Abdullah, relutante. — E, de você, tudo que sei é que vem de Estrângia e atravessa da forma mais estranha esta terra, encorajando as pessoas a roubá-lo ao ostentar as moedas de sua gratificação...

— Gratificação uma ova! — interrompeu o soldado, furioso. — Não recebi uma só moeda, nem de Estrângia nem de Ingary! Dei o meu sangue naquela guerra, nós todos demos, e no fim eles disseram: “Certo, rapazes, é isso. Agora é tempo de paz!”, e nos jogaram na rua para morrer de fome. Então, eu disse para mim mesmo: Pois sim! *Alguém* me deve por todo o trabalho que fiz, e concluo que é a gente de Ingary! Foram *eles* que trouxeram magos e trapacearam para obter a vitória! Então saí para *ganhar* minha gratificação com eles, da maneira como você me viu fazer

hoje. Pode chamar de golpe, se quiser, mas você me viu... então me julgue. Eu só tiro dinheiro daqueles que tentam *me* roubar!

— Na verdade, a palavra golpe nem passou pela minha cabeça, virtuoso veterano — disse Abdullah com sinceridade. — Eu chamo sua atitude de muito engenhosa, um plano em que poucos, além de você, poderiam ter sucesso.

O soldado pareceu acalmar-se com isso. Ele fitou, pensativo, a distância azul abaixo deles.

— Tudo isso lá embaixo — disse ele — é a planície de Kingsbury. Isso deve me render uma boa quantidade de ouro. Sabe que, quando parti de Estrângia, tudo que eu tinha era uma moedinha de prata e um botão de bronze que eu fingia ser um soberano?

— Então já lucrou bastante — disse Abdullah.

— E vou lucrar mais ainda — prometeu o soldado. Ele guardou a panela e pegou duas maçãs na mochila. Deu uma a Abdullah e comeu a outra, deitado de costas, fitando a terra que lentamente escurecia.

Abdullah supôs que ele estivesse calculando a quantidade de ouro que ganharia ali e ficou surpreso quando o soldado disse:

— Eu sempre adorei o acampamento ao anoitecer. Olhe para este pôr do sol. É glorioso!

Era de fato glorioso. As nuvens tinham vindo do sul e se espalhado como uma paisagem rubi pelo céu. Abdullah via cordilheiras de montanhas púrpura tingidas de vinho numa parte; uma fenda laranja fumegante, como o coração de um vulcão; um calmo e róseo lago. Enquanto mais adiante, dispostas contra uma infinitude de mar celeste azul-dourado, viam-se ilhas, recifes, baías e promontórios. Era como se eles estivessem olhando para a costa marítima do céu, ou a terra que a oeste dá para o Paraíso.

— E aquela nuvem lá adiante — disse o soldado, apontando. — Não parece um castelo?

Parecia de fato. Erguia-se num promontório acima de uma lagoa celeste, uma maravilha de esguias torres de ouro, rubi e anil. Um vislumbre de céu dourado através da torre mais alta era como uma janela. Recordava Abdullah pungentemente a nuvem que ele vira acima do palácio do sultão enquanto era arrastado para a masmorra. Embora não tivessem nem de longe a mesma forma, trouxe-lhe de volta seus pesares com tamanha força que ele gritou.

— Ó, Flor da Noite, onde *está* você?



CAPÍTULO ONZE

*No qual um animal selvagem faz Abdullah desperdiçar um
desejo*

O soldado virou-se, apoiado no cotovelo, e fitou Abdullah.

— O que quer dizer com isso?

— Nada — disse Abdullah —, a não ser que minha vida tem sido cheia de desilusões.

— Conte — pediu o soldado. — Desabafe. Eu lhe contei sobre mim, afinal.

— Você nunca acreditaria em mim — disse Abdullah. — Meus pesares superam até mesmo os seus, mortífero mosqueteiro.

— Experimente — disse o soldado.

De alguma forma, não foi difícil contar, por causa do pôr do sol e do tormento provocado por esse pôr do sol crescendo repentinamente em Abdullah. Assim, enquanto o castelo aos poucos se espalhava e se dissolvia em bancos de areia na lagoa celeste e todo o pôr do sol desbotava suavemente, transformando-se em púrpura, marrom e finalmente em três riscas vermelho-escuras, como as marcas das garras que começavam a cicatrizar no rosto do soldado, Abdullah contou-lhe sua história. Ou, pelo menos, a essência dela. Naturalmente não revelou nada tão pessoal quanto suas fantasias, ou a incômoda maneira como elas vinham se tornando realidade nos últimos tempos, e tomou muito cuidado para nada falar sobre o gênio. Ele não confiava que o soldado não fosse pegar a lâmpada e desaparecer com ela durante a noite — e foi amparado nessa edição dos fatos por uma forte suspeita de que tampouco o soldado contara toda a sua história. Os últimos fatos eram bastante difíceis de narrar deixando o gênio de fora, mas Abdullah achou que se saiu bem. Deu a impressão de que havia escapado das correntes e dos bandidos mais ou menos pela simples força de vontade, e então andado todo o caminho até Ingary.

— Hum — disse o soldado quando Abdullah chegou ao fim. Pensativo, ele pôs mais arbustos picantes no fogo, que a essa altura era a única luz que restava. — Uma vida e tanto. Mas devo dizer que compensa muitas coisas estar destinado a se casar com uma princesa. Eis algo que eu mesmo sempre quis fazer: casar-me com uma bela e tranquila princesa com um pequeno reino e uma personalidade agradável. Um sonho meu, de verdade.

Abdullah achou que teve uma esplêndida ideia.

— É bem possível que possa — disse ele baixinho. — No dia em que encontrei você, foi-me concedido um sonho... uma visão... na qual um anjo enfumaçado da cor da lavanda veio até mim e me apontou você, ó mais

brilhante dos cruzados, enquanto dormia num banco do lado de fora da hospedaria. Ele disse que você poderia me ajudar muitíssimo a encontrar Flor da Noite. E, se fizesse isso, disse o anjo, sua recompensa seria casar-se com outra princesa. — Isto era... ou seria... uma verdade quase perfeita, disse Abdullah a si mesmo. Ele só precisava fazer o pedido correto ao gênio amanhã. Ou melhor, *depois* de amanhã, lembrou-se, posto que o gênio o havia forçado a usar hoje o desejo de amanhã. — Você vai me ajudar? — perguntou, observando o rosto do soldado iluminado pelo fogo com grande ansiedade. — Por essa ótima recompensa.

O soldado não se mostrou nem ansioso nem desanimado. Ele refletiu.

— Não estou muito certo do que poderia fazer para ajudar — disse ele, finalmente. — Não sou um especialista em djins, para começar. Parece que não os temos aqui no norte. Você precisaria perguntar a algum desses malditos magos de Ingary o que djins fazem com princesas quando as roubam. Os magos saberão. Posso ajudá-lo a arrancar os fatos de um deles, se quiser. Seria um prazer. Mas, quanto a eu me casar com uma princesa... elas não crescem em árvores, você sabe. A mais próxima deve ser a filha do rei de Ingary, bem distante daqui, em Kingsbury. Se era ela que seu anjo-amigo enfumaçado tinha em mente, então acho que é melhor você e eu andarmos até lá para ver. Os magos do rei também vivem para aqueles lados, pelo que dizem, então parece que tudo se encaixa. Essa ideia o satisfaz?

— Muitíssimo, meu amigo militar do peito! — respondeu Abdullah.

— Então está combinado... mas eu não prometo nada, entenda — disse o soldado.

Ele tirou dois cobertores da sacola e sugeriu que aumentassem o fogo e se acomodassem para dormir.

Abdullah soltou a lâmpada do gênio do cinto e pousou-a delicadamente na pedra lisa ao seu lado, à maior distância possível do soldado. Então se enrolou no cobertor e ajeitou-se para o que veio a ser uma noite bastante agitada. A pedra era dura. E, embora não sentisse tanto frio quanto na noite anterior no deserto, o ar úmido de Ingary o fez tremer na mesma medida. Além disso, no momento em que fechou os olhos, descobriu que estava obcecado pela fera na caverna, no desfiladeiro acima. Ficou imaginando que podia ouvi-la rondar o acampamento. Umas duas vezes abriu os olhos e até pensou ver algo se movimentando além da luz do fogo. Das duas vezes se sentou e alimentou o fogo com mais madeira, e então as

chamas se inflamaram e mostraram-lhe que não havia nada lá. Muito tempo se passou antes que ele caísse em um sono profundo. Quando isso aconteceu, teve um sonho diabólico.

Sonhou que, por volta do alvorecer, um djim veio e sentou-se em seu peito. Ele abriu os olhos para lhe dizer que fosse embora e viu que não se tratava de um djim, mas da fera da caverna. Lá estava ela com as duas patas dianteiras plantadas em seu peito, fulminando-o com olhos que pareciam lâmpadas azuladas na escuridão aveludada de seu pêlo. Aos olhos de Abdullah, aquele era um demônio na forma de uma enorme pantera.

Ele sentou-se com um grito.

Naturalmente não havia nada ali. O dia estava rompendo. A fogueira era um borrão avermelhado na paisagem cinzenta, e o soldado, uma protuberância de um cinza mais escuro, ressonando suavemente do outro lado do fogo. Além dele, as terras mais baixas estavam esbranquiçadas com a névoa. Exausto, Abdullah pôs outro arbusto no fogo e tornou a adormecer.

Foi acordado pelo rugido tempestuoso do gênio.

— Parem esta coisa! Tirem-na DE CIMA de mim!

Abdullah deu um salto. O soldado também pulou. Era dia claro. Não havia dúvida no que ambos viam. Um pequeno gato preto se encontrava agachado diante da lâmpada do gênio, exatamente ao lado de onde estivera a cabeça de Abdullah. O gato era muito curioso ou estava convencido de que havia comida na lâmpada, pois o focinho pousava delicada porém firmemente no pescoço do frasco. Em torno da cabeça totalmente preta, o gênio esguichava em dez ou doze fiapos azuis distorcidos, e estes iam se transformando em mãos ou rostos e então voltavam a ser fumaça novamente.

— Ajudem-me! — gritava ele em coro. — Ele está tentando me *comer* ou coisa parecida!

O gato ignorava o gênio inteiramente. Ele agia como se dentro da garrafa houvesse um cheiro mais agradável.

Em Zanzib todo mundo detestava gatos, que eram tidos como pouco mais do que os ratos e camundongos que comiam. Se um gato se aproximasse, era chutado, e todo gatinho em que se pusesse as mãos era afogado. Assim, Abdullah correu para o gato, preparando-se para chutá-lo.

— *Xô!* — gritou ele. — *Fora!*

O gato deu um salto. Esquivou-se do pé de Abdullah e fugiu para o topo da pedra saliente acima deles, de onde bufava e o olhava ferozmente. Ele ouvia bem, pensou Abdullah, fitando-o nos olhos azulados. Então foi isso que se sentou em cima dele durante a noite! Ele pegou uma pedra e recuou o braço para arremessá-la.

— Não faça isso! — disse o soldado. — Coitadinho do bicho!

O gato não esperou que Abdullah atirasse a pedra. Fugiu em disparada, sumindo de vista.

— Não tem nada de coitadinho naquela fera — disse ele. — Você deve lembrar, gentil pistoleiro, que aquela criatura quase arrancou seu olho na noite passada.

— Eu sei — replicou o soldado, conciliatório. — Ele só estava se defendendo, o pobrezinho. Isso é um gênio nesse seu frasco? Seu amigo fumacento azulado?

Um viajante com um tapete à venda uma vez dissera a Abdullah que a maior parte das pessoas do norte era inexplicavelmente sentimental em relação a animais. Abdullah deu de ombros e virou-se irritado para a lâmpada do gênio, onde este havia desaparecido sem sequer uma palavra de agradecimento. Era de esperar que isso acontecesse! Agora ele teria de vigiar a lâmpada como um falcão.

— Sim — disse ele.

— Pensei que fosse mesmo — observou o soldado. — Já ouvi falar de gênios. Venha dar uma olhada nisso, está bem? — Ele se curvou e apanhou o chapéu, com muito cuidado, sorrindo de uma forma estranha e terna.

Havia sem dúvida alguma coisa errada com o soldado nessa manhã — como se seu cérebro houvesse amolecido durante a noite. Abdullah perguntou-se se não seriam aqueles arranhões, embora eles houvessem quase desaparecido a essa altura. Abdullah foi até onde ele estava, preocupado.

Imediatamente, o gato surgiu na saliência da pedra outra vez, fazendo aquele ruído de polia de ferro, raiva e aflição em cada linha de seu pequeno corpo preto. Abdullah o ignorou e olhou dentro do chapéu do soldado. Olhos azuis arredondados o fitavam do interior gorduroso. Uma boquinha rosada sibilou em desafio, enquanto o minúsculo gatinho ali dentro fugia para o fundo do chapéu, fustigando o pequenino rabo, que mais parecia uma diminuta escova de garrafas, para se equilibrar.

— Não é uma gracinha? — disse o soldado, encantado.

Ao olhar de relance para o gato no alto da pedra, Abdullah ficou paralisado. Então tornou a olhá-lo com cuidado. O bicho era enorme. Ali estava uma imponente pantera negra, mostrando as presas grandes e brancas para ele.

— Esses animais devem pertencer a uma feiticeira, corajoso companheiro — disse ele, trêmulo.

— Se for esse o caso, então a feiticeira deve estar morta ou algo assim — replicou o soldado. — Você os viu. Estão vivendo como animais selvagens naquela caverna. Aquela mãe deve ter carregado o gatinho essa distância toda até aqui durante a noite. Maravilhoso, não é? Ela devia *saber* que a ajudaríamos! — Ele olhou para a imensa fera rosnando na pedra e não pareceu perceber o tamanho dela. — Venha, desça, doçura! — chamou, persuasivo. — Você sabe que não vamos machucar nem você nem seu filhote.

A fera-mãe lançou-se da pedra. Abdullah deixou escapar um grito estrangulado, esquivou-se e caiu sentado pesadamente. O grande corpo preto passou velozmente acima dele — e, para sua surpresa, o soldado começou a rir. Abdullah ergueu os olhos, indignado, e viu que a fera havia se transformado outra vez num pequeno gato preto, que passava afetuosamente de um ombro ao outro do soldado, esfregando-se em seu rosto.

— Ah, você é uma maravilha, pequena Meia-Noite! — exclamou o soldado, rindo. — Sabe que vou cuidar de seu Atrevido para você, não sabe? É isso mesmo, sua ronronante!

Abdullah levantou-se, enojado, e voltou as costas para esse festival de carinho. A panela fora totalmente raspada durante a noite. O prato de estanho estava polido. Ele foi lavar ambos, no riacho, torcendo para que o soldado logo esquecesse essas feras mágicas e perigosas e começasse a pensar no café da manhã.

Mas, quando o soldado por fim pousou o chapéu e delicadamente tirou a gata de seus ombros, foi no café da manhã dos gatos que ele pensou.

— Eles vão precisar de leite — disse — e de um belo prato de peixe fresco. Faça com que esse seu gênio arranje isso para eles.

Um jato azul-malva jorrou da boca da lâmpada e espalhou-se, formando o esboço do rosto irritado do gênio.

— Ah, não — disse o gênio. — Um desejo por dia é tudo que eu concedo, e ele obteve o pedido de hoje ontem. Vá e pesque você mesmo no

riacho.

O soldado avançou zangado para o gênio.

— Não tem peixe nenhum a essa altitude — disse ele. — E a pequena Meia-Noite está faminta, e tem o gatinho para alimentar.

— Que pena! — disse o gênio. — E não tente me ameaçar, soldado. Homens já se transformaram em sapos por muito menos.

O soldado era certamente um homem corajoso — ou muito idiota, pensou Abdullah.

— Faça isso comigo e eu quebro sua lâmpada, seja lá que formato eu tiver! — gritou. — Não estou pedindo nada para *mim*!

— Prefiro que as pessoas sejam egoístas — retrucou o gênio. — Então você *quer* ser um sapo?

Uma quantidade maior de fumaça azul esguichou da garrafa e formou braços, fazendo gestos que Abdullah infelizmente reconheceu.

— Não, não, pare, eu lhe imploro, ó safira entre os espíritos! — apressou-se ele a pedir. — Deixe o soldado em paz e concorde, como um imenso favor, em me conceder outro desejo um dia adiantado, para que os animais possam ser alimentados.

— *Você* também quer se transformar num sapo? — indagou o gênio.

— Se estiver escrito na profecia que Flor da Noite vai se casar com um sapo, então me transforme em um — disse Abdullah, submisso. — Mas, primeiro, providencie leite e peixe, grande gênio.

O gênio rodopiou, rabugento.

— Maldita profecia! Não posso ir contra ela. Muito bem. Você pode ter o seu desejo desde que me deixe em paz pelos próximos dois dias.

Abdullah suspirou. Era um terrível desperdício de desejo.

— Está bem.

Um jarro de leite e uma travessa oval contendo um salmão caíram pesadamente na pedra aos seus pés. O gênio dirigiu a Abdullah um olhar de imensa antipatia e recolheu-se novamente ao interior da lâmpada.

— Bom trabalho! — disse o soldado, e pôs-se a cozinhar um pedaço do salmão em um pouco de leite, certificando-se de que não havia espinhas com as quais o gato pudesse se engasgar.

A gata, Abdullah percebeu, estivera todo esse tempo lambendo o gatinho no chapéu. Ela não parecia ter notado a existência do gênio. Mas do salmão notou, com certeza. Assim que o peixe começou a cozinhar, ela

deixou o gatinho e começou a enroscar-se nas pernas do soldado, esguia e com urgência, miando.

— Logo, logo, minha pretinha! — disse o soldado.

Abdullah só podia supor que as magias da gata e a do gênio fossem tão diferentes que eles não conseguiam notar um ao outro. O lado positivo que ele conseguia ver na situação era que havia salmão e leite bastante também para os dois seres humanos. Enquanto a gata se deliciava, bebendo sofregamente, e o gatinho lambia e espirrava, esforçando-se para engolir o leite com sabor de salmão, o soldado e Abdullah regalavam-se com mingau de leite e filé de salmão assado.

Depois desse café da manhã, Abdullah sentia-se mais generoso em relação ao mundo todo. Disse a si mesmo que o gênio não podia ter feito melhor escolha de companhia para ele do que esse soldado. O gênio, afinal, não era tão mau assim. E ele certamente logo veria Flor da Noite. Estava pensando que tampouco o sultão e Kabul Aqba eram tão ruins, quando descobriu, para sua indignação, que o soldado pretendia levar a gata e o gatinho com eles para Kingsbury.

— Mas, benevolente e atencioso soldado — protestou ele —, o que vai ser de seu plano para obter sua gratificação? Você não pode roubar ladrões com um gatinho no chapéu!

— Acho que não vou mais precisar fazer isso agora que você me prometeu uma princesa — respondeu o soldado tranquilamente. — E ninguém poderia deixar Meia-Noite e o Atrevido morrerem de fome nesta montanha. Seria muita crueldade!

Abdullah sabia que havia perdido a discussão. Azedo, amarrou a lâmpada do gênio em seu cinto e jurou jamais fazer outra promessa ao soldado. Este tornou a guardar tudo na sacola, apagou o fogo e delicadamente apanhou o chapéu com o gatinho. Pôs-se a descer a montanha seguindo o riacho, chamando Meia-Noite com um assovio, como se ela fosse um cachorro.

Meia-Noite, porém, tinha outros planos. Quando Abdullah partiu atrás do soldado, ela se interpôs em seu caminho, fitando-o significativamente. Abdullah não lhe deu atenção e tentou passar por ela, que logo se tornou enorme outra vez. Uma pantera negra, maior ainda do que antes, se isso fosse possível, barrava o seu caminho e rosnava, mostrando os dentes. Ele se deteve, francamente aterrorizado. E a fera saltou para ele. Abdullah

estava apavorado demais até para gritar. Ele fechou os olhos e esperou ter a garganta rasgada. Esse era o fim do Destino e das profecias!

Em vez disso, sentiu uma maciez tocar-lhe a garganta. Patas pequenas e firmes alcançaram seus ombros e outro par dessas patinhas espetaram seu peito. Abdullah abriu os olhos e viu que Meia-Noite estava de volta ao tamanho de um gato, agarrada à frente de seu casaco. Os olhos azul-esverdeados fitando os seus diziam: “Carregue-me. Senão...”

— Muito bem, formidável felino — disse Abdullah. — Mas cuidado para não estragar ainda mais os bordados deste casaco. Este já foi meu melhor traje. E, por favor, lembre-se de que eu a carrego sob forte protesto. Não gosto de gatos.

Meia-Noite escalou tranquilamente até o ombro de Abdullah, onde se acomodou, equilibrando-se, preguiçosa, enquanto Abdullah descia penosamente, escorregando montanha abaixo, pelo resto do dia.



CAPÍTULO DOZE

No qual a lei alcança Abdullah e o soldado

À noite, Abdullah já estava quase acostumado a Meia-Noite. Ao contrário do cão de Jamal, ela cheirava a limpeza, e estava visível que era uma excelente mãe. As únicas ocasiões em que descia dos ombros de Abdullah era para alimentar seu filhote. Não fosse por seu alarmante hábito de ficar enorme diante dele quando ele a aborrecia, Abdullah sentia que podia vir a tolerá-la com o tempo. O gatinho, ele admitia, era encantador. Brincou com a ponta do rabo de cavalo do soldado e tentou perseguir borboletas — de maneira vacilante — quando pararam para almoçar. O restante do dia ele passou na frente do casaco do soldado, espiando avidamente o mato e as árvores à frente, e as cascatas ladeadas de samambaias por onde passavam a caminho das planícies.

Mas Abdullah ficou enjoado com o rebuliço que o soldado fez por causa de seus novos bichinhos de estimação quando pararam para passar a noite. Decidiram ficar na hospedaria que encontraram no primeiro vale, e ali o soldado decretou que seus gatos deveriam ter o melhor de tudo.

O estalajadeiro e a esposa partilhavam a mesma opinião de Abdullah. Eram pessoas simplórias que, pelo visto, haviam sido levadas ao mau humor por causa do misterioso roubo de um jarro de leite e de um salmão inteiro naquela manhã. Eles corriam de um lado para o outro com ar de melancólica desaprovação, buscando a cesta do formato correto e um travesseiro macio para pôr dentro dela. Trouxeram soturnamente creme, fígado de galinha e peixe. Providenciaram de má vontade algumas ervas que, segundo o soldado, evitavam tumores nos ouvidos. Mandaram buscar, apressados, outras ervas que supostamente curavam os gatos de vermes. Mas se mostraram francamente incrédulos quando lhes foi pedido que aquecessem água para um banho porque o soldado suspeitava que Atrevido tinha pegado uma pulga.

Abdullah viu-se obrigado a negociar.

— Ó príncipe e princesa dos hospedeiros — disse ele —, sejam pacientes com a excentricidade do meu excelente amigo. Quando ele diz um banho, refere-se naturalmente a um banho para ele e para mim. Nós dois estamos um tanto sujos da viagem e acolheríamos com alegria água quente e limpa... pela qual pagaremos qualquer extra que seja porventura necessário.

— O quê? Para mim? Banho? — perguntou o soldado quando o estalajadeiro e a esposa saíram, pisando duro, para pôr grandes chaleiras no fogo.

— Sim. Para você — disse Abdullah. — Caso contrário, você e seus gatos e eu nos separamos nesta noite mesmo. O cachorro do meu amigo Jamal em Zanzib tinha o cheiro um pouco menos acre do que o seu, ó guerreiro impuro, e Atrevido, com pulgas ou não, é muito mais limpo.

— Mas e quanto à minha princesa e sua filha do sultão, se você for embora? — indagou o soldado.

— Vou pensar em alguma coisa — disse Abdullah. — Mas eu preferiria que você entrasse no banho e, se quisesse, levasse Atrevido com você. Essa era minha intenção ao pedir o banho.

— Banhos enfraquecem você — disse o soldado, hesitante. — Mas acho que eu poderia aproveitar e lavar Meia-Noite também.

— Use os dois gatos como esponjas, se isso lhe apraz, apaixonado soldado de infantaria — disse Abdullah, e foi se regalar com seu próprio banho.

Em Zanzib, as pessoas se banhavam com frequência, porque o clima era muito quente. Abdullah estava acostumado a ir aos banhos públicos pelos menos dia sim, dia não, e sentia falta disso. Até mesmo Jamal tomava banho uma vez por semana, e comentava-se que ele entrava com o cachorro na água.

O soldado, pensou Abdullah, acalmando-se com a água quente, na verdade não era mais inebriado com seus gatos do que Jamal com seu cão. Ele esperava que Jamal e o cachorro tivessem conseguido escapar e, caso afirmativo, que nesse momento não estivessem sofrendo as adversidades do deserto.

O soldado não parecia nem um pouco enfraquecido pelo banho, embora sua pele tivesse adquirido um tom mais pálido. Meia-Noite, ao que parecia, havia fugido à simples visão da água, mas Atrevido, assim contou o soldado, tinha adorado cada instante do banho.

— Ele brincou com as bolhas de sabão! — contou, amoroso.

— Espero que você se ache digna de todo esse trabalho — disse Abdullah à Meia-Noite, quando ela se encontrava sentada em sua cama, limpando-se delicadamente depois de comer o creme e o fígado de frango.

Meia-Noite virou-se e lhe lançou um olhar de desprezo — é óbvio que era digna! — antes de voltar à importante tarefa de limpar os ouvidos.

A conta, na manhã seguinte, foi enorme. A maior parte das despesas extras se referia à água quente, mas as almofadas, as cestas e as ervas também respondiam por uma quantia bastante expressiva na lista.

Abdullah pagou, estremecendo, e aflito perguntou a que distância estavam de Kingsbury.

Seis dias, disseram-lhe, se a pessoa fosse a pé.

Seis dias! Abdullah quase gemeu alto. Seis dias, nesse ritmo de consumo, e ele mal seria capaz de manter Flor da Noite em um estado de extrema pobreza quando a encontrasse. E ele ainda tinha de suportar seis dias com o soldado fazendo esse estardalhaço por causa dos gatos antes que pudessem pegar um mago e *começar* a procurá-la. Não, pensou Abdullah. Seu próximo desejo para o gênio seria fazer com que todos fossem transportados para Kingsbury. Isso significava que ele só teria de tolerar mais dois dias.

Confortado por esse pensamento, Abdullah partiu pela estrada com Meia-Noite montada serenamente em seus ombros e a lâmpada do gênio balançando ao seu lado. O sol brilhava. O verdor dos campos era um prazer para ele depois do deserto.

Abdullah até começou a apreciar as casas com seus telhados de palha. Elas contavam com deliciosos e amplos jardins e muitas tinham rosas ou outras flores emoldurando as portas. O soldado lhe contou que os telhados de palha eram o costume por ali. Esse material era chamado de sapê, que, segundo ele lhe assegurou, mantinha a chuva do lado de fora, embora Abdullah achasse muito difícil acreditar nisso.

Logo, logo Abdullah estava mergulhado em outra fantasia, na qual ele e Flor da Noite moravam numa casinha com telhado de sapê e rosas em torno da porta. Ele plantaria para ela um jardim que seria invejado num raio de muitos quilômetros. Abdullah começou a planejar o jardim.

Infelizmente, mais para o fim da manhã, sua fantasia foi interrompida por pingos de chuva que aumentavam de intensidade. Meia-Noite odiou aquilo. E queixou-se bem alto nos ouvidos de Abdullah.

— Ponha a gata dentro do seu casaco — disse o soldado.

— Não eu, adorador de animais — replicou Abdullah. — Ela não gosta de mim mais do que eu gosto dela. Sem dúvida ela aproveitaria a oportunidade para cavar sulcos em meu peito.

O soldado entregou seu chapéu para Abdullah com Atrevido dentro dele, cuidadosamente coberto com um lenço sujo, e abotoou Meia-Noite dentro de seu próprio casaco. Assim seguiram por quase meio quilômetro. A essa altura a chuva já caía torrencialmente.

O gênio lançou um fio azul esfiapado pela lateral de sua garrafa.

— Você não pode *fazer* nada em relação a toda essa água que está caindo em mim?

Atrevido dizia praticamente a mesma coisa na potência máxima de sua vozinha aguda. Abdullah afastou os cabelos molhados dos olhos, atormentado.

— Vamos ter de achar um lugar para nos abrigar — disse o soldado.

Felizmente havia uma hospedaria na esquina seguinte. Eles se amontoaram agradecidos na taberna do local, onde Abdullah ficou encantado em descobrir que o telhado de sapê estava mantendo perfeitamente a chuva do lado de fora.

Aqui o soldado, da maneira a que Abdullah estava se acostumando, pediu uma sala particular com lareira, para que os gatos ficassem confortáveis, e almoço para todo o grupo. Abdullah, da maneira a que também estava se acostumando, perguntou-se quanto seria a conta dessa vez, embora tivesse de admitir que o fogo viesse bem a calhar. Ele parou diante da lareira e ficou gotejando, com um copo de cerveja — nessa hospedaria em particular parecia que a cerveja vinha de um camelo bastante doente —, enquanto aguardavam o almoço. Meia-Noite lambeu o filhote, secando-o, depois fez o mesmo em si mesma. O soldado estendeu as botas na direção do fogo e deixou-as secar, exalando vapores, enquanto a garrafa do gênio, pousada na lareira, também fumegava levemente. Nem mesmo o gênio se queixou.

Ouviram cavalos lá fora. Isso não era incomum. As pessoas em Ingary, em sua maioria, viajavam montadas em cavalos, quando podiam. Tampouco era surpresa que os cavaleiros, pelo jeito, estivessem parando na hospedaria. Eles também deviam estar molhados. Abdullah pensava justamente que deveria ter pedido com firmeza ao gênio que lhes providenciasse cavalos em vez de leite e salmão no dia anterior, quando ouviu os cavaleiros gritando com o estalajadeiro do lado de fora da janela da sala de estar.

— Dois homens, um soldado de Estrângia e um rapaz de pele escura num traje extravagante, procurados por assalto e roubo... Vocês os viram?

Antes que os cavaleiros tivessem terminado de gritar, o soldado já estava na janela, com as costas na parede, de modo que podia olhar pela janela sem ser visto, e de alguma forma ele já se encontrava com a mochila numa das mãos e o chapéu na outra.

— São quatro — informou ele. — São guardas, pelo uniforme.

A única coisa que Abdullah conseguia pensar em fazer era ficar ali de pé, boquiaberto e aflito, pensando que era nisso que dava criar confusões por causa de cestas para gatos e água para banho, e dar a estalajadeiros razão para lembrar-se de você. *E* pedir salas particulares, pensou ele, enquanto ouvia a distância a voz desse estalajadeiro dizer efusivamente que sim, de fato os dois sujeitos estavam ali, na sala pequena.

O soldado estendeu o chapéu para Abdullah.

— Ponha Atrevido aqui. Depois pegue Meia-Noite e prepare-se para sair pela janela assim que eles entrarem na hospedaria.

Atrevido escolhera aquele momento para fazer suas explorações debaixo de um banco de carvalho. Abdullah mergulhou atrás dele. Quando recuava de joelhos com o gatinho contorcendo-se em sua mão, pôde ouvir botas entrando ruidosamente na taberna. O soldado estava soltando o trinco da janela. Abdullah pôs Atrevido em seu chapéu esticado e voltou-se para pegar Meia-Noite. Então viu a lâmpada do gênio aquecendo na lareira. Meia-Noite encontrava-se numa prateleira alta do outro lado da sala. Isso era inútil. As botas agora estavam muito mais próximas, caminhando pesadamente na direção da porta da sala. O soldado batia na janela, que parecia emperrada.

Abdullah agarrou a lâmpada do gênio.

— Venha *aqui*, Meia-Noite! — chamou e correu na direção da janela, onde colidiu com o soldado que recuava.

— Afaste-se — disse o soldado. — A coisa está emperrada. Tenho de chutá-la.

Quando Abdullah cambaleou para o lado, a porta abriu-se bruscamente e três homenzarrões uniformizados entraram na sala. No mesmo instante, a bota do soldado atingiu a moldura da janela com um estrondo. O caixilho arrebentou-se, abrindo, e o soldado lançou-se sobre o peitoril. Os três homens gritaram. Dois correram para a janela e um mergulhou na direção de Abdullah. Este virou o banco de carvalho na frente de todos eles e então saltou para a janela, onde transpôs o peitoril, saindo na chuva torrencial sem parar para pensar.

Então se lembrou de Meia-Noite. E voltou-se.

Lá estava ela, imensa outra vez, maior do que jamais a vira, avultando-se como uma grande sombra escura no espaço abaixo da janela, mostrando suas imensas presas brancas para os três homens. Estes caíam um por cima do outro, recuando, tentando fugir pela porta. Abdullah virou-se e correu

atrás do soldado, agradecido. Ele se lançava na direção da ponta oposta da hospedaria. O quarto guarda, que estava do lado de fora segurando os cavalos, pôs-se a correr atrás deles, então percebeu que isso era estupidez e disparou de volta até os cavalos, que fugiram quando ele se aproximou. No momento em que Abdullah, no encalço do soldado, atravessava uma horta encharcada, pôde ouvir os gritos dos quatro guardas tentando pegar os cavalos.

O soldado era um especialista em fugas. Ele encontrou um caminho que levava da horta para um pomar e dali até um portão que dava para um amplo campo, sem perder um só instante. Um bosque se erguia no campo a distância, como uma promessa de segurança, oculto pela chuva.

— Você pegou Meia-Noite? — arquejou o soldado, enquanto percorriam o gramado ensopado do campo.

— Não — respondeu Abdullah, sem fôlego para explicar.

— *O quê?* — exclamou o soldado, parando e fazendo meia-volta.

Nesse momento os quatro cavalos, cada um com um guarda na sela, saltaram sobre a cerca do pomar, entrando no campo. O soldado praguejou violentamente. Ele e Abdullah dispararam para o bosque. Quando chegaram aos arbustos que o rodeavam, os cavaleiros já haviam passado da metade do campo. Abdullah e o soldado atiraram-se no meio dos arbustos e seguiram aos saltos, alcançando um bosque descoberto onde, para perplexidade de Abdullah, o chão era espesso com milhares e mais milhares de flores de um azul vivo, que cresciam como um tapete por uma ampla extensão azul.

— O que... estas flores? — arfou ele.

— Jacintos — disse o soldado. — Se você perdeu Meia-Noite, vou matar você.

— Não fiz isso. Ela vai nos encontrar. Ela ficou enorme. Eu lhe disse. Magia — arquejou Abdullah.

O soldado ainda não vira esse truque de Meia-Noite. Ele não acreditou em Abdullah.

— Corra mais rápido — disse ele. — Vamos ter de dar a volta e ir buscá-la.

Eles se lançaram adiante, esmagando jacintos, banhados pelo estranho aroma silvestre das flores. Abdullah poderia ter acreditado, não fosse pela chuva cinzenta que caía torrencialmente e os gritos dos guardas, que estava correndo pelo chão do paraíso. Rapidamente se viu de volta à sua

fantasia. Quando fizesse seu jardim para a cabana que partilharia com Flor da Noite, teriam jacintos aos milhares, como estes. Mas isso não o cegava para o fato de que estavam deixando uma trilha pisoteada de caules brancos quebrados e flores arrancadas. Tampouco o ensurdecia ao ruído de galhos se quebrando enquanto os guardas impeliam seus cavalos para o bosque, atrás deles.

— Isso é inútil! — disse o soldado. — Peça a esse seu gênio que faça os guardas nos perderem de vista.

— Ouça... safira dos soldados... nada de desejos... só depois de amanhã — arquejou Abdullah.

— Ele pode lhe conceder um adiantado outra vez — disse o soldado.

Um vapor azul saiu tremulando, furioso, da lâmpada na mão de Abdullah.

— Eu lhe concedi seu último desejo somente na condição de que você me deixasse em paz — disse o gênio. — Tudo que peço é que me deixem sozinho com meu pesar em minha lâmpada. E vocês fazem isso? Não. Ao primeiro sinal de problema, começam a se lamentar, pedindo desejos extras. Ninguém por aqui tem consideração por *mim*?

— Emergência... ó jacinto entre os espíritos engarrafados — bufou Abdullah. — Transporte-nos... para longe...

— Ah, não, não faça isto! — cortou o soldado. — Você não quer que ele nos mande para longe daqui sem Meia-Noite. Faça com que nos deixe invisíveis até a encontrarmos.

— Jade azul dos gênios... — ofegou Abdullah.

— Se há uma coisa que odeio — interrompeu o gênio, inflando-se graciosamente numa nuvem cor de lavanda —, mais do que esta chuva e ser importunado com desejos antecipados o tempo todo, é ser *persuadido* a realizar desejos em linguagem floreada. Se quer um desejo, seja direto.

— Leve-nos para Kingsbury — bufou Abdullah.

— Faça esses sujeitos se perderem de nós — disse o soldado no mesmo instante.

Eles fuzilaram um ao outro com o olhar enquanto corriam.

— Decidam-se — disse o gênio, cruzando os braços e começando a fluir, insolente, atrás deles. — Para mim dá no mesmo se vocês optarem por desperdiçar mais um desejo. Mas deixe-me lembrar que vai ser o último por dois dias.

— Eu não vou deixar Meia-Noite para trás — disse o soldado.

— Se vamos... desperdiçar um desejo — arfou Abdullah —, então devemos... aproveitar... tolo caçador de fortuna... avançar nossa... busca... Kingsbury.

— Então você pode ir sem mim — afirmou o soldado.

— Os cavaleiros estão a apenas quinze metros daqui — observou o gênio.

Eles olharam sobre o ombro e viram que era verdade. Mais que depressa Abdullah cedeu.

— Então faça com que não possam nos ver — arquejou.

— Deixe-nos invisíveis até Meia-Noite nos encontrar — acrescentou o soldado. — Sei que ela vai conseguir. Ela é muito esperta.

Abdullah teve um vislumbre de um sorriso malévolo espalhando-se no rosto fumarento do gênio e de braços vaporosos fazendo certos gestos.

Seguiu-se uma estranheza úmida e pegajosa. O mundo de repente se distorceu à volta de Abdullah e tornou-se vasto, azul e verde, e fora de foco. Ele rastejou, de uma forma lenta e difícil, em meio ao que pareciam gigantescos jacintos, posicionando cada mão enorme e verrugosa com extremo cuidado, porque, por algum motivo, ele não conseguia olhar para baixo — somente para cima e para a frente. Era uma tarefa tão árdua que ele queria parar e ficar agachado onde estava, mas o chão tremia terrivelmente. Ele podia sentir criaturas gigantescas galopando em sua direção, então continuou rastejando de modo frenético. Ainda assim, mal conseguiu sair do caminho delas a tempo.

Um casco imenso, tão grande quanto uma torre redonda, com uma base de metal, desceu pesadamente ao lado dele. Abdullah estava tão apavorado que ficou paralisado. Podia sentir que as enormes criaturas também haviam parado, bem perto. Ouviram-se sons altos e irritados, que ele não conseguia ouvir com nitidez e que prosseguiram por algum tempo. Então a destruição causada pelos cascos recomeçou e prosseguiu, indo de um lado para o outro, sempre muito perto, até que, depois do que pareceu a maior parte do dia, as criaturas pareceram desistir de procurar por ele e se afastaram, quebrando e esmagando tudo.



CAPÍTULO TREZE

No qual Abdullah desafia o Destino

Abdullah manteve-se agachado por mais algum tempo, mas, como as criaturas não voltassem, recomeçou a rastejar, de uma forma vaga e inútil, tentando descobrir o que havia acontecido. Ele sabia que *algo* acontecera, mas não parecia ter muito cérebro para pensar a respeito.

Enquanto rastejava, a chuva parou, o que o entristeceu um pouco, pois a água era deliciosamente refrescante na pele. Por outro lado, uma mosca circulou num raio de sol e veio pousar numa folha de jacinto ali perto. Abdullah prontamente disparou uma língua comprida, capturou a mosca e a engoliu. *Muito bom!*, pensou. Em seguida veio o pensamento: Mas as moscas são sujas! Mais perturbado que nunca, ele rastejou em torno de outra moita de jacintos.

E ali estava outro igual a ele.

Era marrom, atarracado e verrugento, e seus olhos amarelos se situavam no alto da cabeça. Assim que o viu, a criatura abriu a enorme boca sem lábios num grito de horror e começou a inchar. Abdullah não esperou para ver mais. Ele se virou e afastou-se, rastejando, o mais rápido que suas pernas deformadas podiam levá-lo. Agora sabia o que era. Um sapo. O maldoso gênio arranjara as coisas de forma que ele fosse um sapo até Meia-Noite encontrá-lo. Quando isso acontecesse, ele tinha quase certeza de que ela o comeria.

Rastejou sob as folhas de jacinto mais próximas e escondeu-se...

Cerca de uma hora mais tarde, as folhas de jacinto abriram-se para deixar passar uma monstruosa pata negra. Ela parecia interessada em Abdullah. Mantinha as garras recolhidas e deu leves pancadinhas nele. Abdullah estava tão horrorizado que tentou fugir saltando para trás.

E então se viu caído de costas entre os jacintos.

Ele piscou primeiro diante da visão das árvores, tentando ajustar-se à maneira como de repente havia novamente pensamentos em sua cabeça. Alguns destes eram desagradáveis, sobre dois bandidos que rastejavam ao lado de um lago num oásis sob a forma de sapos, e sobre comer uma mosca, e quase ser esmagado por um cavalo. Então Abdullah olhou à sua volta e viu o soldado acorado ali perto, parecendo tão aturdido quanto ele. A mochila estava ao lado dele e, mais além, Atrevido, com determinação, tentava sair do chapéu do soldado. A lâmpada do gênio encontrava-se presunçosamente ao lado do chapéu.

O gênio estava fora da garrafa num pequeno fiapo, como a chama de uma lâmpada de álcool, com os braços vaporosos apoiados no pescoço do

frasco.

— Divertiram-se? — perguntou, zombeteiro. — Fiz o que queriam, não foi? Isso vai lhes ensinar a não me importunar com pedidos extras!

Meia-Noite ficara extremamente alarmada com a súbita transformação deles. Seu corpo desenhava um arco pequeno e furioso, e ela sibilava para ambos.

O soldado estendeu a mão na direção dela, emitindo sons tranquilizadores.

— Assuste Meia-Noite assim novamente — disse ele ao gênio — e eu quebro a sua lâmpada!

— Você disse isso antes — retrucou o gênio — e não conseguiu. A lâmpada é encantada.

— Então vou cuidar para que o próximo desejo dele seja que *você* se transforme num sapo — disse o soldado, sacudindo o polegar na direção de Abdullah.

O gênio lançou a Abdullah um olhar desconfiado. Abdullah nada disse, mas viu que essa era uma boa ideia e que talvez mantivesse o gênio sob controle. Ele suspirou. De uma forma ou de outra, parecia que não parava de desperdiçar desejos.

Eles se levantaram, recolheram seus pertences e recomeçaram a jornada. Agora, porém, seguiam com muito mais cautela. Mantiveram-se nas menores veredas e trilhas que puderam encontrar, e à noite, em vez de irem para uma hospedaria, acamparam numa cocheira abandonada. Aqui Meia-Noite de repente pareceu alerta e interessada, e logo escapou para os cantos nas sombras. Algum tempo depois, voltou apressada com um camundongo morto e o colocou cuidadosamente no chapéu do soldado para Atrevido. Este não estava muito certo do que fazer com ele. No fim, concluiu que era o tipo de brinquedo sobre o qual a gente saltava ferozmente e matava. Meia-Noite saiu perambulando outra vez. Abdullah ouviu os leves ruídos de suas caçadas a maior parte da noite.

Apesar disso, o soldado se preocupava em alimentar os gatos. Na manhã seguinte, queria que Abdullah fosse à fazenda mais próxima comprar leite.

— Vá você se quiser — disse Abdullah, brusco.

E de algum modo se viu a caminho da fazenda com uma lata tirada da mochila do soldado num lado do cinto e a lâmpada do gênio balançando do outro.

A mesma coisa aconteceu nas duas manhãs seguintes, com a pequena diferença de que dormiram debaixo de montes de feno nas duas noites e Abdullah comprou uma linda bisnaga de pão fresquinha e alguns ovos pela manhã. No caminho de volta para o monte de feno naquela terceira manhã, ele tentou entender por que estava se sentindo cada vez mais mal-humorado e explorado.

Não era só porque estava dolorido e cansado e molhado o tempo todo. Não era só porque aparentemente passava muito tempo fazendo servicinhos para os gatos do soldado — embora isso tivesse alguma coisa a ver. Em parte era culpa de Meia-Noite. Abdullah sabia que deveria se sentir grato a ela por tê-los defendido dos guardas. E estava agradecido, mas ainda assim não se dava bem com Meia-Noite. Ela viajava desdenhosa em seus ombros todos os dias e dava um jeito de deixar bem claro que, no que lhe dizia respeito, Abdullah era apenas uma espécie de cavalo. Era um pouco demais essa atitude da parte de um simples animal.

Abdullah cismou sobre isso e outras questões o dia todo, enquanto percorria veredas nos campos com Meia-Noite pendurada elegantemente em torno de seu pescoço e o soldado caminhando, alegre, à frente. Não era que não gostasse de gatos. Agora já estava acostumado com eles. Às vezes achava Atrevido quase tão doce quanto o soldado achava. Não, seu mau humor tinha muito mais a ver com a forma como o soldado e o gênio continuavam maquinando, entre eles, para adiar sua busca por Flor da Noite. Se não tomasse cuidado, Abdullah podia se ver percorrendo veredas rurais pelo resto da vida, sem nunca chegar a Kingsbury. E, quando chegasse lá, ainda tinha de localizar um mago. Não, assim não ia dar certo.

Naquela noite encontraram as ruínas de uma torre de pedra para acampar. Isso era bem melhor do que um monte de feno. Podiam acender uma fogueira e comer uma refeição quente dos pacotes do soldado, e Abdullah podia se aquecer e secar, por fim. Seu ânimo voltou.

O soldado também estava alegre. Sentou-se recostado na parede de pedra com Atrevido adormecido no chapéu ao lado dele e olhou para o sol poente.

— Estive pensando — disse ele. — Você tem direito a um desejo de seu nebuloso amigo azul amanhã, não é? Sabe qual o pedido mais prático que pode fazer? Deveria pedir aquele tapete mágico de volta. Então poderíamos progredir de verdade.

— Seria igualmente fácil pedir que nos transportasse direto para Kingsbury, inteligente soldado de infantaria — observou Abdullah, um tanto mal-humorado, verdade seja dita.

— Ah, sim, mas agora eu já entendi esse gênio, e sei que ele atrapalharia tal desejo se pudesse — afirmou o soldado. — Minha ideia é: você sabe como comandar aquele tapete, e poderia nos levar até lá com muito menos problemas *e* ainda tendo um desejo na manga para emergências.

Isso fazia sentido. No entanto, Abdullah só emitiu um resmungo. Isso porque a forma como o soldado explicou seu conselho fez Abdullah de repente ver as coisas de um jeito completamente novo. Era evidente que o soldado tinha compreendido o gênio. O soldado era assim. Era um especialista em conseguir que as outras pessoas fizessem o que ele queria. A única criatura que podia levar o soldado a fazer algo que não queria era Meia-Noite, e Meia-Noite fazia coisas que *ela* não queria apenas quando Atrevido desejava alguma coisa. Isso punha o gatinho no topo da cadeia hierárquica. Um gatinho!, pensou Abdullah. E, como o soldado tinha compreendido o gênio e este estava sem sombra de dúvida acima de Abdullah, isso deixava Abdullah lá embaixo na base. Não era de admirar que viesse se sentindo tão explorado! E perceber que as coisas haviam sido exatamente assim com os parentes da primeira esposa do seu pai não fazia com que ele se sentisse nem um pouco melhor.

Assim Abdullah se limitou a resmungar, o que em Zanzib teria sido visto como uma imensa grosseria, e o soldado, que pareceu nem perceber, apontou jovialmente para o céu.

— Mais um pôr do sol encantador. Olhe lá outro castelo.

O soldado tinha razão. Havia um esplendor de lagos amarelos no céu, e ilhas e promontórios, e uma longa elevação de nuvem cor de anil, com uma formação quadrada carregada como uma fortaleza sobre ela.

— Não é igual ao outro castelo — disse Abdullah. Ele sentia que era hora de se afirmar.

— É óbvio que não. Nunca se tem a mesma nuvem duas vezes — disse o soldado.

Abdullah deu um jeito de ser o primeiro a acordar na manhã seguinte. A aurora ainda cintilava pelo céu quando ele se levantou, apanhou a lâmpada do gênio e a levou a certa distância das ruínas onde haviam acampado.

— Gênio — chamou. — Apareça.

Uma onda tremulante de vapor apareceu na boca da lâmpada, rabugenta e fantasmagórica.

— O que é isso? — perguntou. — Aonde foi parar toda aquela conversa de joias e flores e outras coisas mais?

— Você me disse que não gostava daquilo. Eu parei — disse Abdullah. — Agora me tornei um realista. E o pedido que quero fazer está de acordo com minha nova perspectiva.

— Ah — disse o fiapo de gênio. — Você vai pedir o tapete mágico de volta.

— Em absoluto — replicou Abdullah. Tal resposta surpreendeu tanto o gênio que ele se ergueu imediatamente da garrafa e observou Abdullah com os olhos arregalados, que na luz do amanhecer pareciam sólidos e brilhantes, quase como olhos humanos. — Eu vou explicar — disse Abdullah. — Então. O Destino está visivelmente determinado a retardar minha procura por Flor da Noite. Mesmo tendo o próprio Destino decretado que eu vou me casar com ela. Qualquer tentativa minha de ir contra o Destino faz com que você cuide para que o meu desejo não traga nenhum benefício a ninguém, e em geral também garante que eu seja perseguido por pessoas montadas em camelos ou cavalos. Ou então o soldado me faz desperdiçar um desejo. Como estou cansado tanto de suas maldades quanto de o soldado sempre conseguir fazer tudo do seu jeito, resolvi desafiar o Destino. Pretendo desperdiçar de propósito todos os desejos daqui em diante. O Destino então será forçado a tomar uma atitude. Caso contrário a profecia referente a Flor da Noite nunca vai se realizar.

— Você está sendo infantil — disse o gênio. — Ou heroico. Ou talvez louco.

— Não... realista — replicou Abdullah. — Além disso, vou desafiar *você* desperdiçando os desejos de uma forma que estes possam beneficiar alguém em algum lugar.

O gênio pareceu decididamente sarcástico com essas palavras.

— E qual é o seu desejo de hoje? Lares para os órfãos? Visão para os cegos? Ou você simplesmente quer que todo o dinheiro do mundo seja tirado dos ricos e dado aos pobres?

— Eu estava pensando — disse Abdullah — que talvez eu deseje que aqueles dois bandidos que você transformou em sapos sejam devolvidos à

sua verdadeira forma.

Uma expressão de maliciosa alegria se espalhou pelo rosto do gênio.

— Poderia ser pior. Posso lhe conceder este com prazer.

— Qual é o inconveniente deste desejo? — perguntou Abdullah.

— Ah, não muito — respondeu o gênio. — Simplesmente os soldados do sultão estão acampados naquele oásis neste momento. O sultão está convencido de que você ainda está em algum lugar do deserto. Seus homens estão esquadrinhando toda a região à sua procura, mas tenho certeza de que vão reservar um momento para dois bandidos, mesmo que só para mostrar ao sultão o quanto são zelosos.

Abdullah pensou a respeito.

— E quem mais se encontra no deserto que possa ser posto em perigo com a busca do sultão?

O gênio o olhou de esguelha.

— Você *está* ansioso em desperdiçar um desejo, não é? Não há ninguém por lá a não ser alguns tapeceiros e um ou dois profetas... e Jamal e seu cão, é óbvio.

— Ah — disse Abdullah —, então desperdiço esse desejo com Jamal e seu cão. Quero que Jamal e o cão sejam instantaneamente transportados para uma vida de tranquilidade e prosperidade como... deixe-me ver... sim, o cozinheiro e um cão de guarda no palácio real mais próximo, que não seja o de Zanzib.

— Você torna muito difícil que este desejo dê errado — disse o gênio pateticamente.

— Esse é o meu objetivo — respondeu Abdullah. — Se eu pudesse descobrir como fazer com que *nenhum* dos desejos que você realiza desse errado, seria um grande alívio.

— Existe um desejo que você pode pedir para isso — disse o gênio.

Ele pareceu um tanto melancólico, e por isso Abdullah percebeu o que queria dizer. O gênio queria ficar livre do encantamento que o prendia à lâmpada. Seria muito fácil desperdiçar um desejo assim, refletiu Abdullah, mas só se pudesse confiar que o gênio ficasse grato o bastante para ajudá-lo a encontrar Flor da Noite depois. Com *esse* gênio, isso era muito improvável. E, se o libertasse, Abdullah teria de desistir de desafiar o Destino, o que estava determinado a fazer.

— Vou pensar nesse desejo para mais tarde — disse ele. — O de hoje é para Jamal e seu cachorro. Eles estão a salvo agora?

— Sim — disse o gênio com rabugice.

Mas, a julgar pela expressão em seu rosto fumarento enquanto desaparecia no interior da garrafa, Abdullah teve a incômoda sensação de que ele havia conseguido de alguma forma fazer esse desejo dar errado também. No entanto, não havia como ele saber, é óbvio.

Abdullah fez meia-volta e deparou com o soldado o observando. Não tinha a menor ideia do quanto o soldado ouvira, mas preparou-se para uma discussão.

Tudo que o soldado disse, porém, foi:

— Não segui muito bem sua lógica em tudo isso — e então sugeriu que caminhassem até encontrar uma fazenda onde pudessem comprar o café da manhã.

Abdullah pôs Meia-Noite novamente nos ombros e eles partiram. Durante todo aquele dia andaram por veredas remotas mais uma vez. Embora não houvesse sinal de guardas, eles não pareciam estar se aproximando de Kingsbury. Na verdade, quando o soldado perguntou a um homem que cavava um fosso a que distância estava Kingsbury, obteve a resposta de que eram quatro dias de caminhada.

Destino!, pensou Abdullah.

Na manhã seguinte ele contornou o monte de feno onde haviam dormido e, do outro lado, pediu que os dois sapos no oásis agora se tornassem homens.

O gênio estava muito aborrecido.

— Você me ouviu dizer que a primeira pessoa que abrisse minha garrafa se tornaria um sapo! Quer que eu desfaça meu bom trabalho?

— Sim — respondeu Abdullah.

— A despeito do fato de que os homens do sultão ainda estão lá e que certamente vão enforcá-los? — indagou o gênio.

— Eu acho — disse Abdullah, lembrando-se de sua experiência como sapo — que ainda assim eles prefeririam ser homens.

— Ah, então muito bem! — disse o gênio, em tom de lamento. — Você se dá conta de que está acabando com minha vingança, não é? Mas com o quê *você* se importa? Para você, sou apenas um desejo por dia numa garrafa!



CAPÍTULO CATORZE

O qual conta como o tapete mágico reapareceu

Mais uma vez, Abdullah virou-se e deparou com o soldado o observando, mas dessa vez o outro homem não disse absolutamente nada. Abdullah tinha quase certeza de que ele estava apenas esperando o momento oportuno.

Naquele dia, enquanto seguiam caminhando, o terreno começou a subir. As veredas de um verde opulento deram lugar a trilhas arenosas ladeadas por arbustos secos e espinhentos. O soldado observou alegremente que enfim pareciam estar chegando a um lugar diferente. Abdullah apenas grunhiu. Ele estava determinado a não dar abertura ao soldado.

Ao cair da noite, encontravam-se já a uma altitude considerável, num urzal aberto, olhando uma nova extensão da planície. Um indistinto ponto no horizonte, disse o soldado, ainda bastante alegre, certamente era Kingsbury.

Enquanto preparavam o acampamento, ele chamou Abdullah, ainda mais alegremente, para ver que gracinha era Atrevido brincando com as fivelas de sua mochila.

— Sem dúvida — disse Abdullah. — Ele me encanta ainda menos do que um caroço no horizonte que pode ser Kingsbury.

Tiveram mais um pôr-do-sol imenso e vermelho. Enquanto ceavam, o soldado o apontou para Abdullah e chamou sua atenção para uma grande nuvem vermelha no formato de um castelo.

— Não é linda? — perguntou ele.

— É só uma nuvem — respondeu Abdullah. — Não tem nenhum mérito artístico.

— Amigo — disse o soldado —, acho que você está deixando aquele gênio contagiá-lo.

— Como assim? — perguntou Abdullah.

O soldado apontou com sua colher a distante e escura colina delineada contra o pôr-do-sol.

— Está vendo lá? — disse ele. — Kingsbury. Tenho o pressentimento, e acho que você tem também, de que as coisas vão começar a acontecer quando chegarmos lá. Mas parece que nunca chegamos. Não pense que não entendo seu ponto de vista... Você é jovem, frustrado no amor, impaciente... É natural que pense que o Destino está contra você. Mas, acredite em mim, o Destino não se importa com o que acontece na maior

parte das vezes. E o gênio não está do lado de ninguém, não mais do que o Destino.

— Como sabe disso? — perguntou Abdullah.

— Porque ele odeia todo mundo — disse o soldado. — Talvez seja a natureza dele, embora eu suponha que ficar preso numa garrafa não ajude muito. Mas não se esqueça de que, sejam quais forem os sentimentos dele, ele terá sempre de conceder um desejo. Por que dificultar as coisas para si mesmo só para espezinhar o gênio? Por que não fazer o pedido mais útil que puder, tirar o que *você* quer dele e suportar o que ele fizer para que dê errado? Estive refletindo sobre isso e me parece que, *o que quer* que esse gênio faça para atrapalhar, seu melhor desejo ainda é pedir aquele tapete mágico de volta.

Enquanto o soldado falava, Meia-Noite — para grande surpresa de Abdullah — subiu em seus joelhos e esfregou-se em seu rosto, ronronando. Abdullah teve de admitir que estava lisonjeado. Ele vinha deixando Meia-Noite irritá-lo, assim como o gênio e o soldado — para não falar do Destino.

— Se eu pedir o tapete — disse ele —, estou pronto para apostar que os infortúnios que o gênio enviará com ele vão superar de longe sua utilidade.

— Você aposta, é? — replicou o soldado. — Eu não resisto a uma aposta. Aposto com você uma moeda de ouro como o tapete vai ser mais útil do que problemático.

— Feito — disse Abdullah. — E lá vem você conseguindo que as coisas sejam feitas da sua maneira novamente. Eu fico perplexo, meu amigo, que você nunca tenha chegado a comandar aquele seu exército.

— Eu também — disse o soldado. — Teria sido um bom general.

Na manhã seguinte, eles acordaram no meio de uma densa névoa. Estava branco e úmido por toda parte e era impossível ver além dos arbustos mais próximos. Meia-Noite enroscou-se em Abdullah, tremendo. A lâmpada do gênio, quando Abdullah a pousou na frente deles, tinha uma aparência nitidamente sombria.

— Saia — disse Abdullah. — Preciso fazer um pedido.

— Posso concedê-lo muito bem daqui de dentro — retorquiu o gênio com a voz abafada. — Não gosto dessa umidade.

— Muito bem — disse Abdullah. — Quero meu tapete mágico de volta.

— Feito — respondeu o gênio. — E que isso lhe sirva de lição por fazer apostas tolas!

Por algum tempo, Abdullah olhou para cima e à sua volta, ansioso, mas nada parecia acontecer. Então Meia-Noite se pôs de pé num salto. A carinha de Atrevido saiu da mochila do soldado, as orelhinhas voltadas de lado para o sul. Quando Abdullah olhou naquela direção, pensou ouvir um leve suspiro, que poderia ter sido o vento provocado por alguma coisa se movendo em meio à névoa. Logo, a névoa turbilhonou — cada vez com mais intensidade. A forma alongada e cinza do tapete entrou em seu campo de visão, deslizando acima de suas cabeças, e planou até o chão ao lado de Abdullah.

Ele tinha um passageiro. Enroscado no tapete, dormindo pacificamente, havia um homem de aparência perversa com um grande bigode. O nariz em forma de bico estava pressionado de encontro ao tapete, mas Abdullah podia ver a argola dourada nele, semioculta pelo bigode e uma dobra do sujo lenço de cabeça. Uma das mãos do homem agarrava uma pistola com coronha de prata. Não havia dúvida de que ali estava novamente Kabul Aqba.

— Acho que ganhei a aposta — murmurou Abdullah.

Aquele simples murmúrio — ou talvez o frio da névoa — fez com que o bandido começasse a se mexer e resmungar, rabugento. O soldado levou o dedo aos lábios e sacudiu a cabeça. Abdullah assentiu. Se estivesse sozinho, estaria se perguntando que diabos fazer agora, mas com o soldado ali ele se sentia quase à altura de Kabul Aqba. Bem baixinho, deixou escapar um ronco suave e sussurrou para o tapete:

— Saia de baixo deste homem e flutue à minha frente.

Ondas percorriam a borda do tapete. Abdullah podia ver que ele tentava obedecer. O tecido retorceu-se com força, mas o peso de Kabul Aqba era evidentemente demais para permitir que o tapete deslizesse de debaixo dele. Então ele tentou de outra forma. Ergueu-se uns dois centímetros no ar e, antes que Abdullah se desse conta do que pretendia fazer, disparou de sob o bandido adormecido.

— *Não!* — disse Abdullah, tarde demais porém. Kabul Aqba desabou no chão com um ruído surdo e acordou. Sentou-se, agitando a pistola no ar e uivando numa estranha língua.

Alerta, mas sem correria, o soldado apanhou o tapete pairando no ar e o enrolou em torno de Kabul Aqba.

— Pegue a pistola — disse ele, segurando com os braços musculosos o bandido que se debatia.

Abdullah mergulhou, apoiando-se num dos joelhos, e agarrou a mão forte que agitava a pistola. Era uma mão *muito* forte. Abdullah não conseguia arrancar a arma dela. Tudo que podia fazer era agarrar-se a ela e ser lançado de um lado para o outro, como se a mão tentasse livrar-se dele. Ao lado dele, o soldado também era sacudido de um lado para o outro. Kabul Aqba parecia incrivelmente forte. Abdullah, enquanto era lançado para cá e para lá, tentou agarrar um dos dedos do bandido e soltá-lo da pistola. Mas com isso Kabul Aqba rugiu e elevou-se ao céu e Abdullah foi jogado de costas com o tapete de alguma forma enrolado em torno dele e não de Kabul. O soldado mantinha-se agarrado a ele, mesmo quando Kabul Aqba continuou se elevando, agora rugindo como se o céu estivesse desabando, e o soldado, que no início o agarrava em torno dos braços, passou a segurá-lo pela cintura e em seguida pelo alto das pernas. Kabul Aqba gritou como se sua voz fosse o próprio trovão e cresceu ainda mais, até que suas duas pernas fossem grandes demais para que o soldado as segurasse de uma só vez. O soldado deslizou até que se viu sinistramente agarrando apenas uma das pernas, logo abaixo do joelho. Essa perna tentou chutar, soltando-se do soldado, mas não conseguiu. Nesse momento Kabul Aqba abriu enormes asas coriáceas e tentou fugir voando. Mas o soldado, embora tivesse descido ainda mais, ainda se agarrava a ela.

Abdullah viu tudo isso enquanto tentava sair de sob o tapete. Também viu Meia-Noite de relance erguendo-se protetoramente acima de Atrevido, ainda maior do que ao enfrentar os guardas. Mas não grande o bastante. O que estava ali agora era um dos mais poderosos entre os poderosos djins. Metade dele se perdia em meio à névoa, que ele transformava em redemoinhos de fumaça ao bater as asas, sem conseguir voar porque o soldado o ancorava no chão por uma das enormes patas com garras.

— Explique-se, mais poderoso entre os poderosos! — gritou Abdullah para a névoa. — Pelos Sete Grandes Selos, eu o conjuro para que cesse sua luta e explique-se!

O djim parou de rugir e cessou o violento movimento das asas.

— Você me conjura, então, mortal? — desceu a grande e sinistra voz.

— Conjuro, de fato — disse Abdullah. — Diga o que estava fazendo com meu tapete e na forma desse mais ignóbil dos nômades. Você me enganou pelo menos duas vezes!

— Muito bem — disse o djim. E começou a se ajoelhar pesadamente.

— Pode soltar agora — disse Abdullah ao soldado, que, não conhecendo as leis que regem os djins, ainda se agarrava ao enorme pé. — Ele agora tem de ficar e responder às minhas perguntas.

Com cautela, o soldado o soltou e enxugou o suor do rosto. Ele não pareceu tranquilizar-se quando o djim simplesmente cruzou as asas e se ajoelhou. O que não era de surpreender, pois o djim era tão alto quanto uma casa, mesmo ajoelhado, e a cara que aparecia em meio à névoa era hedionda. Abdullah vislumbrou Meia-Noite outra vez, de volta ao seu tamanho normal, correndo em disparada para os arbustos com Atrevido pendendo de sua boca. Mas a cara do djim ocupava a maior parte de sua atenção. Ele tinha visto aquele feroz olhar castanho e vazio e o anel dourado que atravessava o nariz adunco — embora brevemente — antes, quando Flor da Noite fora levada do jardim.

— Corrigindo — disse Abdullah. — Você me enganou *três* vezes.

— Ah, mais do que isso — ribombou o djim afavelmente. — Tantas vezes que perdi a conta.

Com isso Abdullah se viu cruzando os braços, furioso.

— Explique-se.

— Com todo prazer — disse o djim. — Eu estava de fato esperando que alguém me interpelasse, embora tenha imaginado que fosse mais provável que as perguntas viessem do duque de Farqtan ou dos três príncipes rivais de Thayack, e não de você. Mas nenhum dos outros se mostrou determinado o suficiente... o que me surpreende um pouco, pois vocês decerto nunca foram minhas principais opções, nenhum dos dois. Saiba então que sou um dos maiores da hoste de Djins do Bem e que meu nome é Hasrue.

— Eu não sabia que existiam djins do bem — disse o soldado.

— Ah, existem sim, inocente nortista — disse-lhe Abdullah. — Já ouvi o nome deste pronunciado em termos que o elevam quase tão alto quanto os anjos.

O djim franziu o cenho — uma desagradável visão.

— Desinformado mercador — ribombou ele —, eu me posiciono *mais alto* do que alguns anjos. Saiba que uns duzentos anjos do céu menor se encontram sob meu comando. Servem como guardas à entrada do meu castelo.

Abdullah manteve os braços cruzados e começou a bater o pé.

— Nesse caso — disse ele —, explique por que achou apropriado comportar-se comigo de uma maneira tão distante de angelical.

— A culpa não é minha, mortal — respondeu o djim. — A necessidade me compeliu. Compreenda tudo e perdoe. Saiba que minha mãe, o Grande Espírito Dazrah, num momento de descuido, caiu nos encantos de um djim da Hoste do Mal há cerca de vinte anos. Ela então deu à luz meu irmão Dalzel e, como o Bem e o Mal não procriam bem juntos, ele nasceu fraco, branco e muito pequeno. Minha mãe não suportava Dalzel e o entregou a mim para que eu o criasse. Fui pródigo com todos os tipos de cuidado enquanto ele crescia. Então vocês podem imaginar o meu horror e pesar quando ele provou ter herdado a natureza de seu Genitor do Mal. Seu primeiro ato, ao atingir a maioridade, foi roubar minha vida e escondê-la, fazendo de mim, assim, seu escravo.

— Repita! — disse o soldado. — Você quer dizer que está *morto*?

— Em absoluto — afirmou Hasrueel. — Nós, djins, não somos como vocês mortais, homem ignorante. Só podemos morrer se uma pequena porção de nós for destruída. Por essa razão, todos os djins prudentemente removem essa pequena parte de seu corpo e a escondem. Foi o que eu fiz. Mas, quando instruí Dalzel sobre como esconder sua própria vida, eu amorosa e temerariamente lhe disse onde a minha estava. E ele sem demora a tomou em seu poder, forçando-me a cumprir sua ordem ou morrer.

— Agora entendemos — disse Abdullah. — Sua ordem foi roubar Flor da Noite.

— Uma correção — continuou Hasrueel. — Meu irmão herdou a grandeza da mente de sua mãe, a grande Dazrah. Ele me ordenou que roubasse todas as princesas do mundo. Um momento de reflexão lhes revelará o sentido de tudo isso. Meu irmão está em idade de se casar, mas é tão diferente que nenhuma fêmea entre os djins vai aprová-lo. Ele é forçado a recorrer a mulheres mortais. Mas, como é um djim, naturalmente apenas aquelas mulheres da mais alta estirpe servem.

— Meu coração se compadece de seu irmão — observou Abdullah. — Ele não podia se satisfazer com menos do que todas?

— Por que deveria? — perguntou Hasrueel. — Ele comanda meus poderes agora. E pensou cuidadosamente no assunto. E, vendo que suas princesas não seriam capazes de andar no ar como nós djins fazemos, ele primeiro me ordenou que roubasse um certo castelo animado que pertencia

a um mago nesta terra de Ingary, no qual abrigaria suas noivas, e então me ordenou que começasse a roubar as princesas. É no que estou empenhado agora. Naturalmente, porém, ao mesmo tempo traço meus próprios planos. Para cada princesa que pego, cuido de deixar atrás pelo menos um namorado ferido ou um príncipe desapontado, que pode ser persuadido a tentar resgatá-la. Para isso, ele terá de desafiar meu irmão e arrancar dele o esconderijo secreto da minha vida.

— E é aí que eu entro, poderoso maquinador? — perguntou friamente Abdullah. — Sou parte dos seus planos para recuperar sua vida, é isso?

— Mais ou menos isso — respondeu o djim. — Minhas esperanças estavam mais no herdeiro de Alberia ou no príncipe do Peiquistão, mas esses dois jovens, em vez disso, se dedicaram à caça. De fato, todos vêm mostrando uma notável falta de espírito, inclusive o rei da Alta Norlanda, que está simplesmente tentando catalogar seus livros por conta própria, sem a ajuda da filha, e mesmo ele era uma chance mais provável do que você. Você era, por assim dizer, uma aposta remota minha. A profecia no seu nascimento *foi* extremamente ambígua, afinal. Confesso que lhe vendi aquele tapete mágico quase que por pura diversão...

— Foi você! — exclamou Abdullah.

— Sim... diversão pelo número e pela natureza das fantasias que procediam da sua tenda — disse Hasrueel.

Abdullah, apesar do frio da névoa, sentiu o rosto esquentar.

— Então — continuou Hasrueel —, quando você me surpreendeu escapando do sultão de Zanzib, diverti-me assumir seu personagem Kabul Aqba e forçá-lo a viver algumas de suas fantasias. Em geral tento adequar as aventuras a cada pretendente.

A despeito de seu constrangimento, Abdullah podia jurar que os grandes olhos castanho-dourados do djim se desviaram para o soldado nesse momento.

— E quantos príncipes frustrados até agora você pôs em ação, ó djim sutil e pilheriador? — perguntou ele.

— Bem perto de trinta — disse Hasrueel —, mas, como eu disse, a maior parte deles não está em ação. Isso me parece estranho, pois o nascimento e as qualificações deles são muito melhores do que os seus. No entanto, consolo-me com o pensamento de que ainda restam 132 princesas para roubar.

— Acho que você vai ter de se contentar comigo — disse Abdullah. — Por mais humilde que seja o meu nascimento, o Destino parece querer assim. Encontro-me em posição de lhe garantir isso, pois recentemente desafiei o Destino em relação a esse mesmo assunto.

O djim sorriu — uma visão tão desagradável quanto a de seu cenho franzido — e assentiu.

— Isso eu sei — disse ele. — Essa é a razão por que me rebaixei e apareci diante de você. Dois de meus servos-anjos voltaram para mim ontem, depois de terem sido enforcados na forma de homens. Nenhum dos dois estava totalmente satisfeito com isso e ambos afirmaram que foi feito seu.

Abdullah curvou-se.

— Sem dúvida, quando pensarem a respeito, vão achar isso preferível a ser sapos imortais — disse ele. — Agora me diga uma última coisa, ó atencioso ladrão de princesas. Diga onde Flor da Noite, sem falar em seu irmão Dalzel, pode ser encontrada.

O sorriso do djim alargou-se — o que o tornou ainda mais desagradável, pois revelou várias presas extremamente longas. Ele apontou para cima com um enorme e pontudo polegar.

— Ora, terreno aventureiro, eles naturalmente estão no castelo que você tem visto ao pôr-do-sol nesses últimos dias — respondeu o djim. — Como eu disse, ele pertencia a um mago destas terras. Não vai ser fácil para vocês chegarem lá e, se conseguirem, farão bem em se lembrar de que sou escravo do meu irmão e forçado a agir contra vocês.

— Compreendido — disse Abdullah.

O djim plantou as imensas mãos com garras no chão e começou a se levantar.

— Também devo observar — disse ele — que o tapete está sob ordens de não me seguir. Posso ir agora?

— Não, espere! — gritou o soldado. Abdullah, no mesmo instante, lembrou-se de uma coisa e perguntou: — E quanto ao gênio?

Mas a voz do soldado era mais alta e abafou a de Abdullah.

— *ESPERE, seu monstro!* Aquele castelo está pairando no céu por aqui por algum motivo especial, monstro?

Hasruel tornou a sorrir e se deteve, equilibrando-se num imenso joelho.

— Que sensibilidade a sua, soldado. De fato, sim. O castelo está aqui porque estou me preparando para roubar a filha do rei de Ingary, a Princesa Valeria

— Minha princesa! — exclamou o soldado.

O sorriso de Hasruel transformou-se em gargalhada. Ele jogou a cabeça para trás e berrou para a névoa.

— Duvido, soldado! Ah, eu duvido! Essa princesa só tem quatro anos. Mas, embora ela seja de pouca utilidade para você, confio em que você será de grande utilidade para mim. Considero tanto você quanto seu amigo de Zanzib peões bem posicionados em meu tabuleiro de xadrez.

— Como assim? — perguntou o soldado, indignado.

— Porque vocês dois vão me ajudar a roubá-la! — disse o djim, e saltou para o céu, em meio à névoa, num turbilhão de asas, às gargalhadas.



CAPÍTULO QUINZE

No qual os viajantes chegam a Kingsbury

— Se quer saber a minha opinião — disse o soldado, rabugento, jogando a mochila no tapete mágico —, aquela criatura é tão má quanto o irmão... se é que *tem* um irmão.

— Ah, ele tem um irmão, sim. Os djins não mentem — afirmou Abdullah. — Mas estão sempre prontos a se considerar superiores aos mortais, mesmo os djins do bem. E o nome de Hasruel *está* na Lista dos Bons.

— Não me diga! — replicou o soldado. — Para onde foi Meia-Noite? Ela deve ter ficado morta de medo. — Ele criou tamanho rebuliço procurando Meia-Noite em meio aos arbustos que Abdullah nem sequer tentou explicar um pouco mais da sabedoria popular a respeito dos djins, que toda criança em Zanzib aprendia na escola. Além disso, temia que o soldado tivesse razão. Hasruel podia ter feito os Sete Votos que o tornaram um da Hoste do Bem, mas o irmão lhe dera a desculpa perfeita para romper todos os votos. Bom ou não, estava evidente que Hasruel vinha se divertindo imensamente.

Abdullah apanhou a lâmpada do gênio e a colocou sobre o tapete. Ela prontamente tombou e saiu rolando.

— Não, não! — gritou o gênio lá de dentro. — Eu não vou andar *nisto*! Por que vocês acham que eu caí dele antes? Eu odeio altura!

— Ah, não comece! — disse o soldado. Ele tinha Meia-Noite enrolada num dos braços, esperneando, arranhando e mordendo, e demonstrando de todas as maneiras possíveis que gatos e tapetes voadores não se misturam. Por si só isso já era suficiente para deixar qualquer um irritado, mas Abdullah suspeitava que o grande motivo para o mau humor do soldado era o fato de a princesa Valeria ter apenas quatro anos de idade. O soldado vinha pensando em si mesmo como noivo da princesa. Agora, não sem razão, ele estava se sentindo um tolo.

Abdullah agarrou a lâmpada do gênio com firmeza e acomodou-se no tapete. Diplomáticamente, não mencionou a aposta, embora estivesse bastante óbvio para ele que a ganhara facilmente. É verdade, tinham o tapete de volta, mas como estava proibido de seguir o djim, não era de nenhuma utilidade para resgatar Flor da Noite.

Após uma luta prolongada, o soldado também acomodou a si mesmo e a seu chapéu, Meia-Noite e Atrevido com relativa segurança no tapete.

— Dê suas ordens — disse ele. Seu rosto escuro estava corado.

Abdullah roncou. O tapete ergueu-se suavemente uns trinta centímetros no ar, enquanto Meia-Noite gemia e tentava escapar, e a lâmpada do gênio estremecia nas mãos de Abdullah.

— Ó elegante tapeçaria de encantamento — disse Abdullah —, ó tapete tecido dos mais complexos feitiços, rogo-lhe que se mova a uma velocidade tranquila na direção de Kingsbury, mas, para exercitar a grande sabedoria entrelaçada em sua trama, que cuide para que não sejamos vistos por ninguém no caminho.

Obedientemente, o tapete subiu em meio à névoa, tomando a direção do sul. O soldado apertava Meia-Noite nos braços. Uma voz rouca e trêmula, vindo da lâmpada, disse:

— Você *precisa* bajulá-lo de maneira tão repulsiva?

— Este tapete — disse Abdullah —, ao contrário de você, é de um encantamento tão puro e excelente que só ouve a linguagem mais delicada. Ele é, no fundo, um poeta entre os tapetes.

Uma certa presunção espalhou-se pela superfície do tapete. Ele ergueu orgulhosamente as extremidades puídas e deslizou adiante com delicadeza, alcançando a luz do sol dourada acima da névoa. Um pequeno jorro azul saiu da garrafa e tornou a desaparecer com um ganido de pânico.

— Bem, *eu* não faria isso! — disse o gênio.

A princípio, era fácil para o tapete não ser visto. Ele simplesmente voava acima da névoa, que se espalhava debaixo deles, branca e consistente como leite. Mas, à medida que o sol subia, campos verde-dourados começaram a aparecer tremeluzindo através dela, depois estradas brancas e uma ou outra casa. Atrevido estava totalmente fascinado. Ele parou à borda, olhando para baixo, e parecia tão provável que caísse de cabeça que o soldado mantinha fortemente uma mão em torno de sua cauda pequena e peluda.

Foi uma sorte. O tapete inclinou-se lateralmente na direção de uma fileira de árvores que seguia um rio. Meia-Noite enterrou suas garras no tapete e Abdullah só teve tempo de salvar a mochila do soldado.

Este parecia um pouco enjoado.

— Precisamos tomar tanto cuidado assim para não sermos vistos? — perguntou ele enquanto seguiam deslizando ao lado das árvores como um mendigo espiando numa sebe.

— Creio que sim — disse Abdullah. — Em minha experiência, ver esta águia entre os tapetes é querer roubá-lo. — E contou ao soldado sobre

o indivíduo no camelo.

O soldado concordou que Abdullah tinha um bom argumento.

— Só que isso vai diminuir nossa velocidade — observou ele. — Tenho a sensação de que devíamos chegar a Kingsbury e avisar ao rei que um djim está atrás da filha dele. Os reis dão grandes recompensas por esse tipo de informação. — Obviamente, agora que tinha sido forçado a desistir da ideia de se casar com a princesa Valeria, o soldado estava pensando em outras maneiras de ganhar sua fortuna.

— Vamos fazer isso, não tema — disse Abdullah, e mais uma vez não mencionou a aposta.

Gastaram a maior parte daquele dia para chegar a Kingsbury. O tapete seguiu rios, deslizou de bosques para florestas, e só ganhou velocidade quando a terra abaixo estava vazia. Quando, no fim da tarde, chegaram à cidade, um amplo aglomerado de torres cercadas por muros altos, que tinha facilmente três vezes o tamanho de Zanzib, ou mais, Abdullah ordenou ao tapete que encontrasse uma boa hospedaria perto do palácio do rei e que os pusesse no chão em algum lugar onde ninguém suspeitasse de como eles haviam viajado.

O tapete obedeceu, deslizando sobre os grandes muros como uma cobra. Depois, manteve-se nos telhados, acompanhando o formato de cada cobertura a maneira como um linguado acompanha o fundo do mar. Abdullah e o soldado, e também os gatos, olhavam para baixo e à sua volta, maravilhados. As ruas, amplas ou estreitas, estavam lotadas de pessoas ricamente vestidas e carruagens caras. Cada casa parecia a Abdullah um palácio. Viu torres, domos, ricas esculturas, cúpulas douradas e pátios de mármore que o sultão de Zanzib ficaria feliz em chamar de seus. As casas mais pobres — se é que se podia chamar aquela riqueza de pobre — eram decoradas com desenhos pintados com grande requinte. Quanto às lojas, a riqueza e quantidade de artigos que tinham à venda fizeram Abdullah perceber que o Bazar de Zanzib era mesmo miserável e de segunda classe. Não era de admirar que o sultão estivesse tão ansioso em fazer uma aliança com o príncipe de Ingary!

A hospedaria que o tapete encontrou para eles, perto dos grandes edifícios de mármore no centro de Kingsbury, fora emboçada por um mestre em desenhos de alto-relevo de frutas, os quais foram então pintados nas cores mais brilhantes com grande quantidade de ouro em folha. O tapete pousou com suavidade no telhado inclinado dos estábulos

da hospedaria, escondendo-os astutamente ao lado de uma torre dourada com um cata-vento com um galo dourado no topo. Eles se sentaram e olharam toda aquela opulência ao redor enquanto esperavam que o pátio abaixo se esvaziasse. Havia dois servos lá embaixo, limpando uma carruagem dourada, fofocando enquanto trabalhavam.

A maior parte do que falaram era sobre o dono da hospedaria, que visivelmente era um homem que adorava dinheiro. Mas, quando pararam de se queixar sobre suas baixas remunerações, um dos homens disse:

— Alguma notícia sobre aquele soldado de Estrângia que roubou todas aquelas pessoas lá no norte? Alguém me disse que ele estava vindo para estes lados.

Ao que o outro replicou:

— Ele certamente vem para Kingsbury. Todos vêm. Mas estão à espera dele nos portões da cidade. Ele não vai longe.

Os olhos do soldado encontraram os de Abdullah.

— Você tem outras roupas? — perguntou Abdullah.

O soldado assentiu e começou a remexer furiosamente a mochila. Logo, logo ele apresentou duas camisas no estilo camponês com bordados no peito e nas costas. Abdullah perguntou-se como ele as teria adquirido.

— Num varal de roupas — murmurou o soldado, apresentando uma escova de roupas e uma navalha de barba. Ali mesmo no telhado ele vestiu uma das camisas e fez o melhor que pôde para escovar a calça sem fazer barulho. A parte mais ruidosa foi quando tentou se barbear sem nada além da navalha. Os dois criados olharam várias vezes na direção do ruído seco de algo arranhando vindo do telhado.

— Deve ser um pássaro — disse um deles.

Abdullah vestiu a segunda camisa sobre o casaco, que a essa altura parecia qualquer coisa menos sua melhor roupa. Ele sentia bastante calor assim, mas não havia como retirar o dinheiro escondido sem deixar o soldado ver quanto ele tinha. Em seguida, penteou o cabelo com a escova de roupas, alisou o bigode — agora parecia haver pelo menos uns doze fios — e então escovou a calça também. Quando acabou, o soldado lhe entregou a navalha e silenciosamente lhe apontou o rabo de cavalo.

— Um grande sacrifício, mas sensato, eu acredito, meu amigo — murmurou Abdullah. Ele serrou o rabo de cavalo e o escondeu no galo do cata-vento dourado. Foi uma transformação e tanto. O soldado agora

parecia um próspero fazendeiro de cabeleira cerrada. Abdullah esperava passar pelo irmão mais jovem do fazendeiro.

Enquanto isso, os dois criados terminaram de limpar a carruagem e começaram a empurrá-la para a cocheira. Quando passavam sob o telhado onde estava o tapete, um deles perguntou:

— E o que você acha dessa história de que alguém está tentando roubar a princesa?

— Bem, eu acho que é verdade — disse o outro —, se é o que você quer saber. Dizem que o Mago Real correu um grande risco para enviar um aviso, o pobre coitado, e ele não é do tipo que se arrisca por nada.

Os olhos do soldado encontraram novamente os de Abdullah. Sua boca pronunciou em silêncio uma praga veemente.

— Não se preocupe — murmurou Abdullah. — Existem outras maneiras de ganhar uma recompensa.

Eles esperaram até que os criados tivessem atravessado o pátio e entrado na hospedaria. Então Abdullah pediu ao tapete que pousasse no pátio. Ele desceu, deslizando obedientemente. Abdullah apanhou o tapete e enrolou a lâmpada do gênio com ele, enquanto o soldado carregava a mochila e os dois gatos. Eles entraram na hospedaria tentando parecer humildes e respeitáveis.

O estalajadeiro foi recebê-los. Advertido pelo que os criados tinham dito, Abdullah foi ao encontro do homem com uma moeda de ouro casualmente entre o polegar e o indicador. O estalajadeiro olhou para a moeda. Seus olhos duros fixaram a peça de ouro com tamanha intensidade que Abdullah duvidou que ele tivesse olhado para seus rostos. Abdullah foi extremamente cortês. E o mesmo se deu com o estalajadeiro, que os conduziu a um belo e espaçoso quarto no segundo andar. E concordou em mandar servir a ceia ali e providenciar os banhos.

— E os gatos vão precisar... — começou o soldado.

Abdullah chutou-lhe o tornozelo com força.

— E isso é tudo, ó leão entre os estalajadeiros — disse ele. — Embora, mais prestimoso entre os anfitriões, se seu ativo e vigilante pessoal puder providenciar uma cesta, uma almofada e um prato de salmão, a poderosa feiticeira a quem vamos entregar amanhã esses dois excepcionalmente talentosos gatos vai sem dúvida nenhuma recompensar aquele que, generoso, trouxe esses itens.

— Vou ver o que posso fazer, senhor — disse o homem. Abdullah negligentemente atirou-lhe a moeda de ouro. O homem fez uma profunda medida e saiu do quarto, deixando Abdullah satisfeito consigo mesmo.

— Não precisa parecer tão presunçoso! — disse o soldado, zangado. — O que devemos fazer agora? Sou um homem procurado aqui e o rei aparentemente sabe tudo sobre o djim.

Era uma sensação agradável para Abdullah descobrir que estava no comando em lugar do soldado.

— Ah, mas saberá o rei que existe um castelo cheio de princesas roubadas pairando sobre sua cabeça para receber sua filha? — disse ele. — Você está esquecendo, meu amigo, que o rei não teve a vantagem de falar pessoalmente com o djim. Nós podemos fazer uso desse fato.

— Como? — perguntou o soldado. — Por acaso lhe ocorre alguma forma de impedir que aquele djim roube a criança? Ou ainda uma forma de chegar àquele castelo?

— Não, mas a mim parece que um mago deve saber essas coisas — disse Abdullah. — Acho que devemos modificar a ideia que você teve mais cedo hoje. Em vez de encontrar um dos magos desse rei e impensá-lo, podemos descobrir qual mago é o melhor e pagar para que ele nos ajude.

— Tudo bem, mas você vai ter de fazer isso — replicou o soldado. — Qualquer mago digno de seu salário imediatamente me reconhecerá como proveniente de Estrângia e chamaria os guardas antes que eu pudesse me mexer.

O estalajadeiro trouxe a comida dos gatos pessoalmente. Ele entrou apressado, trazendo uma tigela de creme, um salmão cuidadosamente desossado e um prato de pequenos peixes. Foi seguido pela esposa, uma mulher de olhos tão duros quanto os dele, que carregava uma cesta de junco macio e uma almofada bordada. Abdullah tentou não parecer presunçoso outra vez.

— Generosos agradecimentos, mais ilustres dos estalajadeiros — disse ele. — Vou contar à feiticeira de seu grande cuidado.

— Está tudo bem, senhor — respondeu a senhoria. — Sabemos como respeitar aqueles que usam a mágica, aqui em Kingsbury.

Abdullah passou de presunçoso a mortificado. Agora percebia que devia ter se fingido de mago. E aliviou seu sentimento dizendo:

— Esta almofada é recheada apenas com penas de pavão, espero. A feiticeira é muito exigente.

— Sim, senhor — disse a senhoria. — Sei tudo sobre isso.

O soldado tossiu. Abdullah desistiu e disse, solenemente:

— Além dos gatos, meu amigo e eu fomos encarregados de entregar uma mensagem a um mago. Preferíamos entregá-la ao Mago Real, mas ouvimos rumores no caminho de que o Mago Real havia passado por algum tipo de infortúnio.

— Isso mesmo — disse o estalajadeiro, puxando a esposa de lado. — Um dos Magos Reais desapareceu, senhor, mas felizmente eles são dois. Posso encaminhá-lo para o outro, o Mago Real Suliman, se quiser, senhor. — Olhou de modo significativo para as mãos de Abdullah.

Abdullah suspirou e apanhou sua maior moeda de prata. Aquela parecia ser a quantia certa. O estalajadeiro deu-lhe instruções cuidadosas e pegou a moeda, prometendo banhos e a ceia para breve. Os banhos, quando vieram, eram quentes e a ceia, gostosa. Abdullah estava feliz. Enquanto o soldado tomava seu banho com Atrevido, Abdullah transferiu seu dinheiro do casaco para o cinto de dinheiro, o que o fez sentir-se muito melhor.

O soldado devia estar se sentindo melhor também. Após a ceia, ele sentou-se com os pés para cima numa mesa, fumando aquele seu longo cachimbo de barro. Alegrementemente, desamarrou o cadarço da bota que prendia o pescoço da lâmpada do gênio e o deixou pendurado para que Atrevido brincasse com ele.

— Não há dúvida — disse ele. — O dinheiro fala alto nesta cidade. Você vai falar com o Mago Real esta noite? Quanto mais rápido melhor, na minha opinião.

Abdullah concordou.

— Eu me pergunto quanto ele cobrará — disse.

— Muito — afirmou o soldado. — A menos que você consiga convencê-lo de que está lhe fazendo um favor ao lhe contar o que o djim disse. Mesmo assim — prosseguiu ele, pensativo, tirando o cadarço das patas saltitantes de Atrevido —, acho que você não deve falar sobre o gênio ou o tapete. Os homens da magia adoram objetos mágicos da mesma forma como esse estalajadeiro gosta de dinheiro. Você não vai querer que ele peça os dois como pagamento. Por que não os deixa aqui quando for? Eu cuido deles para você.

Abdullah hesitou. Parecia fazer todo sentido. No entanto, ele não confiava no soldado.

— Por falar nisso — disse o soldado —, eu lhe devo uma moeda de ouro.

— Deve? — perguntou Abdullah. — Então esta é a notícia mais surpreendente que recebo desde que Flor da Noite me disse que eu era uma mulher!

— Aquela nossa aposta — disse o soldado. — O tapete trouxe o djim, e ele é um problema ainda maior do que os que o gênio em geral cria. Você ganhou. Aqui está. — Ele jogou uma moeda de ouro pela sala para Abdullah.

Abdullah a apanhou, guardou-a no bolso e riu. O soldado era honesto, à sua própria maneira. Cheio de pensamentos de que logo estaria na pista de Flor da Noite, ele desceu alegremente as escadas, onde a senhoria o encontrou e voltou a lhe explicar como chegar à casa do Mago Suliman. Abdullah estava tão contente que se desfez de outra moeda de prata sem piscar.

A casa não era longe da hospedaria, mas localizava-se no Bairro Antigo, o que significava que o caminho ficava, na maior parte, entre becos confusos e pátios ocultos. O sol se punha agora, com uma ou duas grandes estrelas brilhantes já no céu azul-escuro acima dos domos e torres, mas Kingsbury estava bem iluminada por grandes globos de luz, que flutuavam acima das cabeças como luas.

Abdullah os observava, perguntando-se se eram dispositivos mágicos, quando percebeu uma sombra negra de quatro pernas se movendo furtivamente nos telhados ao lado dele. Poderia ser qualquer gato preto numa caçada nas telhas, mas Abdullah sabia que aquela era Meia-Noite. Não havia como não reconhecer a forma como ela se movia. A princípio, quando desapareceu na escuridão da sombra de uma cumeeira, ele imaginou que ela estivesse atrás de um pombo empoleirado para mais uma refeição imprópria para Atrevido. Ela, porém, tornou a aparecer quando ele já havia percorrido metade do beco seguinte, espreitando ao longo de um parapeito acima dele, e Abdullah começou a pensar que ela o estava seguindo.

Quando atravessou um pátio estreito com árvores plantadas em barris no centro e ele a viu saltar contra o céu, de uma calha para outra, a fim de alcançar o mesmo pátio, soube com certeza que ela o seguia. Ele não tinha

ideia do motivo. Manteve um olho nela enquanto percorria os dois becos seguintes, mas só a viu uma vez, num arco sobre uma porta. Quando chegou ao pátio pavimentado com pedra onde ficava a casa do Mago Real, não havia sinal dela. Abdullah deu de ombros e dirigiu-se à porta da casa.

Era uma bela casa estreita, com janelas de vidraças em losango e símbolos mágicos entrelaçados pintados nas paredes antigas e irregulares. Viam-se línguas altas de fogo amarelo queimando em suportes de bronze de ambos os lados da porta da frente. Abdullah segurou a aldrava, que era um rosto de expressão maliciosa com um anel na boca, e bateu corajosamente.

A porta foi aberta por um criado com um rosto comprido e austero.

— Infelizmente o mago está ocupadíssimo, senhor — informou. — Ele não está recebendo nenhum cliente até ordem em contrário. — E começou a fechar a porta.

— Não, espere, fiel lacaios e mais encantador dos criados! — protestou Abdullah. — O que tenho a dizer se refere a nada menos do que uma ameaça à filha do rei!

— O mago sabe tudo sobre isso, senhor — disse o homem, e continuou a fechar a porta.

Abdullah habilmente pôs o pé entre a porta e o umbral.

— Você precisa me ouvir, mais sábio dos servos — começou ele. — Eu venho...

— Espere um momento, Manfred. Sei que isso é importante. — A porta voltou a se abrir.

Abdullah ficou boquiaberto quando o servo desapareceu do vão da porta e reapareceu um pouco atrás no hall. Seu lugar à porta foi tomado por uma jovem extremamente bela, com cachos escuros e um rosto muito expressivo. Abdullah, num vislumbre, viu o bastante dela para perceber que, à sua maneira estrangeira do norte, ela era tão bonita quanto Flor da Noite, mas depois disso se sentiu obrigado a desviar timidamente os olhos da sua figura. Ela estava esperando um bebê. As senhoras em Zanzib não se mostravam nesse estado interessante. Abdullah mal sabia para onde olhar.

— Sou a esposa do mago, Lettie Suliman — apresentou-se a jovem. — O que o senhor deseja?

Abdullah fez uma medida, o que o ajudou a manter os olhos na soleira da porta.

— Ó fértil lua da adorável Kingsbury — disse ele —, saiba que sou Abdullah, filho de Abdullah, mercador de tapetes da distante Zanzib, com notícias que seu marido vai querer ouvir. Diga-lhe, ó esplendor de uma casa enfeitada, que hoje de manhã falei com o poderoso djim Hasrueel a respeito da filha mais preciosa do rei.

Via-se que Lettie Suliman não estava nem um pouco acostumada às maneiras de Zanzib.

— Santos céus! — exclamou ela. — Quero dizer... quanta gentileza! E você está falando a verdade absoluta, não está? Acho que deveria conversar com Ben imediatamente. Por favor, entre.

Ela se afastou da porta para que Abdullah entrasse. Este, com os olhos timidamente abaixados, deu um passo à frente, entrando na casa. Assim que o fez, alguma coisa aterrissou em suas costas. E então decolou novamente com um ruído de garras rasgando tecido, e deslizou acima de sua cabeça para pousar com um baque na proeminente frente do corpo de Lettie. Um ruído como o rangido de uma polia de metal encheu o ar.

— Meia-Noite! — disse Abdullah, furioso, cambaleando adiante.

— *Sophie!* — gritou Lettie, cambaleando para trás com a gata nos braços. — Ó, Sophie, eu estava morta de preocupação! Manfred, vá buscar Ben agora. Não importa o que ele esteja fazendo... Isto é *urgente!*



CAPÍTULO DEZESSEIS

No qual estranhos fatos acontecem a Meia-Noite e Atrevido

Houve uma grande confusão e correria na casa. Dois outros criados apareceram, seguidos por um primeiro e então por um segundo jovem num longo traje azul, que pareciam ser os aprendizes do mago. Todas essas pessoas corriam para lá e para cá, enquanto Lettie corria de um lado para o outro com Meia-Noite nos braços, gritando ordens. No meio de tudo, Abdullah viu que Manfred lhe indicava um lugar para se sentar e solenemente lhe servia uma taça de vinho. Como isso parecia ser o que esperavam que fizesse, Abdullah sentou-se e bebericou o vinho, um pouco tonto com a confusão.

Exatamente quando ele pensava que aquilo ia continuar para sempre, tudo parou. Um homem alto e autoritário, numa túnica preta, havia surgido de algum lugar.

— Que diabos está acontecendo aqui? — perguntou o homem.

Como isso resumia completamente os sentimentos de Abdullah, ele se viu simpatizando com esse homem, que tinha cabelos vermelhos desbotados e um rosto cansado e de traços bem definidos. O manto negro deu certeza a Abdullah de que se tratava do Mago Suliman — ele teria parecido um mago qualquer que fosse o seu traje. Abdullah levantou-se da cadeira e fez uma mesura. O mago lançou-lhe um olhar de perplexidade e voltou-se para Lettie.

— Ele é de Zanzib, Ben — disse Lettie —, e sabe alguma coisa sobre a ameaça à princesa. E trouxe Sophie com ele. Ela é o *gato*! Olhe! Ben, você tem de transformá-la de volta *imediatamente*!

Lettie era uma daquelas mulheres que, quanto mais perturbadas, mais belas ficavam. Abdullah não se surpreendeu quando o Mago Suliman a segurou pelos cotovelos e disse:

— Sim, meu amor. — E em seguida beijou-lhe a testa. — Isso fez Abdullah se perguntar, infeliz, se um dia teria a chance de beijar Flor da Noite assim, ou de dizer as palavras que o mago acrescentou: — Acalme-se... Lembre-se do bebê.

Depois disso, o mago falou sobre o ombro:

— E ninguém pode fechar a porta da frente? A essa altura, metade de Kingsbury já deve saber o que aconteceu.

Isso fez crescer ainda mais a admiração de Abdullah pelo mago. A única coisa que o tinha impedido de se levantar e fechar a porta fora o medo de que pudesse ser costume por ali deixar a porta da frente aberta

numa crise. Voltou a se curvar e viu o mago dando meia-volta para ficar de frente para ele.

— E o que aconteceu, rapaz? — perguntou o mago. — Como sabia que essa gata era a irmã da minha esposa?

Abdullah ficou um tanto surpreso com a pergunta. Ele explicou — diversas vezes — que não tinha a menor ideia de que Meia-Noite fosse humana, muito menos que era a cunhada do Mago Real, mas não tinha muita certeza de que alguém o havia escutado. Todos pareciam tão felizes em ver Meia-Noite que simplesmente deduziram que Abdullah a tinha trazido para casa por pura amizade. Longe de exigir uma remuneração alta, o Mago Suliman parecia achar que devia algo a Abdullah e, quando este protestou dizendo que não se tratava disso, ele disse:

— Bem, venha comigo e pelo menos a veja transformada de volta no que era.

Ele disse isso de uma forma tão amigável e crédula que Abdullah gostou dele ainda mais e se deixou levar com todos os outros para uma ampla sala que *parecia* ser nos fundos da casa — a não ser pelo fato de Abdullah ter a sensação de que, de alguma maneira, ela ficava em um lugar inteiramente diferente. O chão e as paredes inclinavam-se de uma forma incomum.

Abdullah nunca tinha visto um feitiço em ação antes. Olhou à sua volta com interesse, pois a sala estava apinhada de complexos dispositivos mágicos. Mais perto dele havia formas filigranadas com delicados vapores se contorcendo à volta delas. Ao lado, velas grandes e peculiares erguiam-se dentro de símbolos complicados, e além destas se viam estranhas imagens feitas de argila molhada. Mais adiante, ele viu uma fonte de cinco jatos que caíam em estranhos padrões geométricos, e isso escondia parcialmente muitas outras coisas mais excêntricas, atravancadas no espaço mais adiante.

— Não há espaço para trabalhar aqui — disse o Mago Suliman, atravessando a sala. — Estas coisas devem aguardar enquanto nos acomodamos na próxima sala. Corram, todos vocês.

Todos seguiram num turbilhão para uma sala menor mais à frente, vazia a não ser por alguns espelhos redondos que pendiam das paredes. Aqui Lettie pousou Meia-Noite com cuidado numa pedra verde-azulada no centro, onde a gata se sentou com ar sério limpando a parte interna das patas dianteiras e parecendo totalmente despreocupada, enquanto todos os

outros, inclusive Lettie e os criados, trabalhavam febrilmente na construção de uma espécie de tenda em torno dela com longas varas de prata.

Abdullah manteve-se prudentemente encostado à parede, observando. A essa altura ele quase se arrependia de ter assegurado ao mago que este não lhe devia nada. Podia ter aproveitado a oportunidade para perguntar como alcançar o castelo no céu. Mas calculou que, como ninguém pareceu lhe ter dado ouvidos, era melhor esperar até que as coisas se acalmassem. Enquanto isso, as varas de prata formaram um desenho de estrelas de prata muito finas e Abdullah assistia ao alvoroço, um tanto confuso com a maneira como a cena se refletia em todos os espelhos — pequena, agitada e distorcida. Os espelhos se curvavam tão estranhamente quanto as paredes e o piso.

Por fim o Mago Suliman bateu as mãos grandes e ossudas.

— Certo — disse ele. — Lettie pode me ajudar agora. O restante de vocês vá para a outra sala e certifique-se de que os guardas da princesa permaneçam no lugar.

Os aprendizes e os criados correram dali. O Mago Suliman abriu os braços. Abdullah tinha a intenção de observar com atenção e lembrar-se do que estava prestes a acontecer. Mas, de alguma forma, assim que o trabalho de magia começou, ele não entendia muito bem o que estava ocorrendo. Sabia que coisas estavam acontecendo, mas não *pareciam* estar. Era como ouvir música quando não se tinha ouvido musical. De vez em quando o Mago Suliman pronunciava uma palavra grave e estranha, que embaçava a sala e o interior da cabeça de Abdullah, o que tornava ainda mais difícil ver o que se passava. Mas a maior parte da dificuldade de Abdullah vinha dos espelhos nas paredes.

Eles insistiam em mostrar pequenas imagens redondas que pareciam reflexos mas não eram — pelo menos, não exatamente. Todas as vezes que um dos espelhos captava o olho de Abdullah, ele mostrava a estrutura de varas brilhando com uma luz prateada num novo padrão — uma estrela, um triângulo, um hexágono, ou algum outro símbolo angular e secreto — enquanto as varas de verdade à sua frente simplesmente não brilhavam. Umas duas vezes um espelho mostrou o Mago Suliman com os braços abertos quando, na sala, seus braços estavam ao lado do corpo. Várias vezes um espelho mostrou Lettie imóvel, com as mãos juntas, parecendo nitidamente nervosa. Mas todas as vezes em que Abdullah olhou para a

Lettie real, ela estava se movendo de um lado para o outro, fazendo gestos estranhos, mas perfeitamente calma. Meia-Noite nunca apareceu nos espelhos. Sua figura pequena e escura no meio das varas era estranhamente difícil de se ver também na realidade.

Então todas as varas de repente brilharam num tom de prata embaciado e o espaço no centro delas se encheu de névoa. O mago emitiu uma última e grave palavra e deu um passo para trás.

— Com os diabos! — disse alguém no meio das varas. — Não consigo sentir o cheiro de vocês agora!

Isso fez o mago sorrir e Lettie rir abertamente. Abdullah procurou a pessoa que os estava divertindo tanto e foi forçado a desviar os olhos quase de imediato. A jovem agachada dentro da estrutura, compreensivelmente, não usava nenhuma roupa. O vislumbre que ele teve o fez saber que a jovem tinha a pele mais clara que a de Lettie, mas, afora isso, eram bastante semelhantes. Lettie correu para um lado da sala e voltou com um manto verde de mago. Quando Abdullah ousou olhar novamente, a jovem usava o manto como um penhoar e Lettie tentava abraçá-la e ajudá-la a sair da estrutura ao mesmo tempo.

— Ó, *Sophie*! O que *aconteceu*? — ela não parava de perguntar.

— Um momento — arquejou Sophie. De início, ela parecia ter dificuldade em se equilibrar nos dois pés, mas abraçou Lettie e então cambaleou até o mago e o abraçou também. — É tão estranho não ter um rabo! — disse. — Mas muitíssimo obrigada, Ben. — Em seguida avançou até Abdullah, andando com mais facilidade agora. Abdullah recuou, encostando-se à parede, temendo que ela o abraçasse também, mas tudo que Sophie disse foi: — Você deve ter se perguntado por que eu o estava seguindo. A verdade é que eu *sempre* me perco em Kingsbury.

— Fico feliz de ter sido útil, mais encantadora das mutáveis — disse Abdullah, um tanto rígido. Não estava seguro de que se daria bem com Sophie, não mais do que se dera com Meia-Noite. Ela lhe pareceu tão desconcertantemente resoluta para uma jovem, quase tanto quanto Fátima, a irmã da primeira esposa de seu pai.

Lettie ainda insistia em saber o que havia transformado Sophie numa gata, e o Mago Suliman perguntava, ansioso:

— Sophie, isso significa que Howl está andando por aí como um animal também?

— Não, não — respondeu Sophie, e de repente pareceu desesperada. — Não tenho a menor ideia de onde está Howl. Foi ele que me transformou numa gata, sabem?

— *O quê?* Seu próprio marido a transformou numa gata! — exclamou Lettie. — Essa foi mais uma de suas brigas, então?

— Sim, mas foi tudo perfeitamente racional — disse Sophie. — Foi quando alguém roubou o castelo animado. Nós só soubemos cerca de meio dia antes, e isso porque Howl por acaso estava trabalhando num feitiço de adivinhação para o rei. Ele viu algo muito poderoso roubando o castelo e depois a princesa Valeria. Howl disse que avisaria o rei imediatamente. Ele fez *isso*?

— Certamente que sim — afirmou o Mago Suliman. — A princesa está sendo vigiada o tempo todo. Eu invoquei demônios e fixei uma guarda na sala ao lado. Seja qual for a criatura que a está ameaçando não tem chance de chegar a ela.

— Graças a Deus! — disse Sophie. — É um peso que sai da minha mente. Trata-se de um djim, você sabia?

— Nem um djim conseguiria chegar até ela — disse o Mago Suliman. — Mas o que foi que Howl fez?

— Ele praguejou — disse Sophie. — Em galês. Então mandou Michael e o novo aprendiz saírem de lá. E queria me mandar para longe também. Mas eu disse que, se ele e Calcifer iam ficar, então eu também ficaria, e perguntei se ele não podia me pôr um feitiço que simplesmente fizesse o djim não perceber que eu estava lá. E nós discutimos sobre isso...

Lettie deu uma risadinha.

— Por que será que isso não me surpreende? — disse ela.

O rosto de Sophie tornou-se um pouco rosado e ela ergueu a cabeça, desafiadora.

— Bem, Howl ficou dizendo que eu estaria mais segura fora do caminho, em Gales, com a irmã dele, e ele sabe que eu não me dou bem com ela, e eu fiquei dizendo que eu seria mais útil se pudesse ficar no castelo sem que o ladrão me notasse. Seja como for... — ela pôs o rosto nas mãos — ... acho que ainda estávamos discutindo quando o djim chegou. Houve um estrondo e ficou tudo escuro e confuso. Lembro-me de Howl gritar as palavras do feitiço do gato... ele teve de balbuciá-las depressa... e então gritar para Calcifer...

— Calcifer é o demônio do fogo deles — explicou Lettie educadamente para Abdullah.

— ... gritar para Calcifer sair e se salvar, pois o djim era forte demais para qualquer um dos dois — prosseguiu Sophie. — Então o castelo ergueu-se de cima de mim como a tampa de uma queijeira. A próxima coisa de que me lembro é que eu era uma gata nas montanhas ao norte de Kingsbury.

Lettie e o Mago Real trocaram olhares perplexos acima da cabeça abaixada de Sophie.

— Por que essas montanhas? — perguntou-se o Mago Suliman. — O castelo não estava perto delas.

— Não, ele estava em quatro lugares ao mesmo tempo — afirmou Sophie. — Acho que fui jogada em algum ponto entre os quatro. Poderia ter sido pior. Tinha ratos e pássaros suficientes para comer.

O lindo rosto de Lettie contorceu-se de nojo.

— *Sophie!* — exclamou ela. — Ratos!

— Por que não? É o que os gatos comem — disse Sophie, erguendo novamente a cabeça em desafio. — Ratos são deliciosos. Mas não gostei tanto assim dos pássaros. As penas fazem você se engasgar. Mas... — Ela engoliu em seco e pôs a cabeça nas mãos outra vez. — Mas isso aconteceu numa época ruim para mim. Morgan nasceu cerca de uma semana depois e, naturalmente, nasceu como um gatinho...

Essas palavras causaram a Lettie, se isso era possível, ainda mais consternação do que a ideia de a irmã comer ratos. Ela explodiu em lágrimas e jogou os braços em torno de Sophie.

— Ó Sophie! O que você fez?

— O que os gatos sempre fazem — respondeu ela. — Amamenteei-o e o limpei. Não se preocupe, Lettie. Deixei-o com o amigo de Abdullah, o soldado. Aquele homem mataria qualquer um que fizesse mal ao seu gatinho. Mas — disse ela ao Mago Suliman — acho que é melhor eu ir buscar Morgan agora para que você possa transformá-lo também.

O Mago Suliman parecia quase tão perturbado quanto Lettie.

— Se eu soubesse antes! — exclamou ele. — Se nasceu gato como parte do mesmo feitiço, já deve ter se transformado também. É melhor descobriremos. — Ele andou até um dos espelhos redondos e fez gestos circulares com ambas as mãos.

Os espelhos — todos eles — imediatamente pareceram refletir o quarto na hospedaria, cada um de um ponto de vista, como se estivessem pendurados nas paredes de lá. Abdullah olhou de um para o outro e ficou quase tão alarmado pelo que viu quanto os outros três. O tapete mágico havia, por algum motivo, sido desenrolado no chão. Em cima dele havia um bebê gorducho e rosado nu. Ainda que fosse bem novinho, Abdullah podia ver que o bebê tinha uma personalidade tão forte quanto a de Sophie. E estava afirmando essa personalidade. Seus braços e suas pernas socavam o ar, seu rosto estava contorcido de fúria e sua boca era um buraco quadrado e furioso. Embora as imagens nos espelhos fossem silenciosas, via-se que Morgan estava fazendo muito barulho.

— Quem é aquele homem? — perguntou o Mago Suliman. — Eu já o vi antes.

— Um soldado de Estrângia, operador de maravilhas — disse Abdullah, impotente.

— Então ele deve me lembrar alguém que conheço — disse o mago.

O soldado estava de pé ao lado do bebê aos berros, parecendo horrorizado e impotente. Talvez esperasse que o gênio fizesse alguma coisa. Por garantia, tinha a lâmpada do gênio numa das mãos. Mas o gênio saía do frasco em vários esguichos perturbados de fumaça azul, cada esguicho um rosto com as mãos sobre os ouvidos, tão impotente quanto o soldado.

— Ó pobre bebezinho querido! — exclamou Lettie.

— O pobre e santo soldado, você quer dizer — corrigiu Sophie. — Morgan está furioso. Ele nunca foi nada além de um gatinho, e os gatinhos podem fazer muito mais do que os bebês. Está zangado porque não pode andar. Ben, você acha que pode...?

O restante da pergunta de Sophie foi abafado por um barulho semelhante ao de um pedaço gigante de seda sendo rasgado. A sala estremeceu. O Mago Suliman exclamou algo e correu para a porta — e então teve de esquivar-se depressa. Uma infinidade de *coisas* gritando e gemendo precipitou-se pela parede ao lado da porta, atravessou de roldão a sala e desapareceu pela parede oposta. Elas se moviam rápido demais para que fossem vistas com nitidez, mas nenhuma parecia humana. Abdullah teve um vislumbre embaçado de múltiplas pernas com garras, de algo se movendo sem absolutamente nenhuma perna, de seres com um só olho desvairado e de outros com uma profusão de olhos em cachos. Viu cabeças

com presas de serpente, línguas se movendo, caudas flamejando. Uma delas, a mais rápida de todas, era uma bola de lama rolando.

Então elas se foram. A porta foi aberta bruscamente por um agitado aprendiz.

— Senhor, senhor! A guarda caiu! Não pudemos resistir...

O Mago Suliman agarrou o braço do jovem e correu com ele para a sala contígua, gritando sobre o ombro:

— Voltarei quando puder! A princesa está em perigo!

Abdullah olhou para ver o que estava acontecendo ao soldado e ao bebê, mas os espelhos redondos agora nada mostravam além de seu rosto repleto de ansiedade, e os de Sophie e de Lettie, fitando-os.

— Droga! — exclamou Sophie. — Lettie, você sabe manejá-los?

— Não. Eles são exclusivos de Ben — disse Lettie.

Abdullah pensou no tapete desenrolado e na lâmpada do gênio na mão do soldado.

— Então, nesse caso, ó par de pérolas gêmeas — disse ele —, adoráveis damas, com sua permissão, vou voltar correndo para a hospedaria antes que haja muitas queixas por causa do barulho.

Sophie e Lettie replicaram em coro que iriam também. Abdullah não podia culpá-las, mas chegou muito perto disso nos minutos seguintes. Lettie, ao que parecia, não estava em condições de correr pelas ruas em seu estado interessante. Enquanto os três atravessavam apressados a confusão e o caos de feitiços quebrados na sala ao lado, o Mago Suliman deteve-se um segundo na frenética tarefa de construir novas coisas nas ruínas para ordenar a Manfred que preparasse a carruagem. Enquanto Manfred corria para atender, Lettie levou Sophie ao andar de cima para lhe dar roupas apropriadas.

Abdullah foi deixado andando de um lado para o outro no vestíbulo. Para crédito de todos, ele esperou lá menos de cinco minutos, mas durante esse tempo tentou abrir a porta da frente pelo menos dez vezes, só para descobrir que um feitiço a mantinha fechada. Ele achou que fosse enlouquecer. Parecia-lhe que um século havia transcorrido quando Sophie e Lettie desceram, ambas trajando elegantes roupas de sair, e Manfred abriu a porta da frente, revelando uma pequena carruagem aberta, puxada por um belo cavalo baio, à espera no calçamento. Abdullah queria saltar naquela carruagem e fustigar o cavalo. Mas, naturalmente, isso não seria educado. Ele teve de esperar Manfred ajudar as senhoras a subir na

carruagem e então assumir o lugar do cocheiro. A carruagem partiu destramente pelas pedras do calçamento, enquanto Abdullah ainda se espremia no assento ao lado de Sophie, mas nem aquilo era rápido o suficiente para ele, que mal podia suportar pensar no que o soldado poderia estar fazendo.

— Espero que Ben consiga voltar a pôr a princesa sob proteção logo — disse Lettie ansiosa, quando atravessavam velozmente uma praça aberta.

As palavras mal tinham deixado sua boca quando se ouviu uma rápida saraivada de explosões, como fogos de artifício manejados inabilmente. Um sino começou a tocar em algum local, lúgubre e impaciente — dindon-don.

— O que é isso? — perguntou Sophie e então respondeu à própria pergunta, apontando e gritando: — Ó, maldição! Olhem, olhem, olhem!

Abdullah esticou o pescoço, olhando para trás, para onde ela apontava. Ele ainda teve tempo de ver uma envergadura de asas negras bloqueando as estrelas acima das torres e dos domos mais próximos. Lá embaixo, vistos do topo de várias torres, vinham pequenos lampejos e muitos estrondos enquanto os soldados atiravam naquelas asas. Abdullah poderia ter dito que esse tipo de coisa não tinha nenhuma utilidade contra um djim. As asas deslizaram imperturbavelmente e subiram pelo céu, voando em círculos, e então desapareceram no azul-escuro do céu noturno.

— Seu amigo, o djim — disse Sophie. — Acho que distraímos Ben num momento crucial.

— Era essa a intenção do djim, ó ex-felina — afirmou Abdullah. — Se você se lembrar, ele disse ao partir que esperava que um de nós o ajudasse a roubar a princesa.

Outros sinos pela cidade haviam se juntado e acionavam o alarme agora. As pessoas corriam para as ruas e olhavam para cima. A carruagem retinha em meio a um clamor cada vez maior e foi forçada a reduzir a velocidade mais e mais enquanto muitos se aglomeravam nas ruas. Todos pareciam saber exatamente o que tinha acontecido.

— A princesa se foi! — ouviu Abdullah. — Um demônio roubou a princesa Valeria!

A maioria das pessoas parecia estupefata e assustada, mas uma ou outra dizia:

— Aquele Mago Real devia ser enforcado! Ele é *pago* para quê?

— Ó céus! — exclamou Lettie. — O rei não vai acreditar por um só momento no quanto Ben trabalhou para que isso não acontecesse!

— Não se preocupe — disse Sophie. — Assim que buscarmos Morgan, eu vou falar com o rei. Sou boa em contar coisas ao rei.

Abdullah acreditava nela. Ficou ali sentado, remexendo-se, impaciente.

Depois do que pareceu mais um século, mas que provavelmente não passou de cinco minutos, a carruagem abriu caminho em meio ao pátio lotado da hospedaria. O local estava repleto de pessoas olhando para cima.

— Eu vi as asas dele — Abdullah ouviu um homem dizer. — Era uma ave monstruosa, com a princesa presa em suas garras.

A carruagem parou e Abdullah pôde dar vazão à sua impaciência. Saltou para o solo, gritando:

— Abram caminho, abram caminho, pessoas! Aqui vão duas feiticeiras em missão importante!

Gritando e forçando a passagem, ele conseguiu conduzir Sophie e Lettie até a porta da hospedaria e as empurrou para dentro. Lettie estava muito constrangida.

— Gostaria que você não *dissesse* isso! — afirmou ela. — Ben não gosta que as pessoas saibam que sou feiticeira.

— Ele não vai ter tempo de pensar nisso agora — assegurou-lhe Abdullah e impeliu as duas adiante, passando pelo estalajadeiro de olhos arregalados e seguindo para as escadas. — Aqui estão as bruxas de que falei, mais celestial dos anfitriões — disse ele ao homem. — Elas estão ansiosas pelos seus gatos. — Ele saltou os degraus, alcançando Lettie, depois Sophie, e subiu correndo o lance seguinte. Então abriu bruscamente a porta do quarto.

— Não faça nada temerário... — começou, e então parou quando se deu conta de que ali dentro o silêncio era completo.

O quarto estava vazio.



CAPÍTULO DEZESSETE

No qual Abdullah finalmente alcança o Castelo no Ar

Havia uma almofada dentro de uma cesta entre os restos da ceia sobre a mesa. Havia uma depressão amarrotada numa das camas e uma nuvem de fumaça de tabaco acima dela, como se o soldado tivesse estado ali fumando até bem pouco tempo. A janela estava fechada. Abdullah correu na direção dela, tentando abri-la para olhar — por nenhum motivo real, a não ser por ser essa a única coisa que lhe ocorria —, e se viu tropeçando num pires cheio de creme. O pires virou, derramando um espesso creme branco-amarelado numa longa risca sobre o tapete mágico.

Abdullah ficou ali parado, olhando para aquilo. Pelo menos o tapete ainda estava ali. O que isso significava? Não havia sinal do soldado e certamente nenhum sinal de um bebê barulhento no quarto. Tampouco, ele se deu conta, correndo os olhos rapidamente por todos os lugares em que podia pensar, havia sinal da lâmpada do gênio.

— Ó, *não*! — exclamou Sophie, chegando à porta. — Onde ele está? Não pode ter ido longe se o tapete ainda está aqui.

Abdullah queria poder estar tão certo disso.

— Sem desejar alarmá-la, mãe de um bebê movente — disse ele —, tenho de observar que o gênio aparentemente também não está aqui.

A pele da testa de Sophie franziu-se de leve.

— Que gênio?

Enquanto Abdullah se lembrava de que, como Meia-Noite, Sophie sempre mostrara não perceber a existência do gênio, Lettie também chegou ao quarto, ofegante, com uma das mãos pressionando a lateral do corpo.

— O que aconteceu? — arquejou ela.

— Eles não estão aqui — disse Sophie. — Suponho que o soldado deva ter levado Morgan para a senhoria. Ela deve saber cuidar de bebês.

Com a sensação de estar fazendo algo inútil, Abdullah disse:

— Vou verificar.

Havia a possibilidade de que Sophie estivesse certa, pensou ele, enquanto descia em disparada o primeiro lance de degraus. Era o que a maioria dos homens faria ao se ver subitamente diante de um bebê aos berros — sempre se supondo que esse homem não tivesse nas mãos uma lâmpada com um gênio.

O último lance de escadas estava cheio de gente subindo, homens usando botas de caminhada e uma espécie de uniforme. O estalajadeiro os conduzia degraus acima, dizendo:

— No segundo andar, cavalheiros. Sua descrição se encaixa no homem de Estrângia, se ele tiver cortado o rabo de cavalo, e o rapaz mais jovem é obviamente o cúmplice de que vocês falam.

Abdullah fez meia-volta e subiu correndo na ponta dos pés, dois degraus de cada vez.

— O desastre é geral, mais encantadora dupla de mulheres! — arfou para Sophie e Lettie. — O estalajadeiro, um homem pérfido e venal, está trazendo os guardas para prender a mim e ao soldado. O que vamos fazer agora?

Era hora de uma mulher determinada assumir o comando. Abdullah estava contente por Sophie ser essa mulher. Ela agiu de imediato. Fechou a porta e passou o ferrolho.

— Emprésteme o seu lenço — pediu a Lettie e, quando esta lhe entregou o lenço, Sophie ajoelhou-se e limpou o creme do tapete mágico com ele. — Venha aqui — chamou Abdullah. — Suba neste tapete comigo e diga-lhe que nos leve aonde quer que Morgan esteja. Você fica aqui, Lettie, e segure os guardas. Não creio que o tapete consiga carregá-la.

— Ótimo — disse Lettie. — Eu quero mesmo voltar para Ben antes que o rei comece a culpá-lo. Mas antes vou dizer umas verdades àquele estalajadeiro. Vai ser um bom treino para o rei. — Tão decidida quanto a irmã, ela endireitou os ombros e colocou as mãos na cintura, de um modo que prometia maus momentos para o estalajadeiro e também para os guardas.

Abdullah ficou feliz por Lettie estar ali também. Ele se agachou no tapete e roncou suavemente. O tapete estremeceu. Foi um tremor relutante.

— Ó fabuloso tecido, carbúnculo e crisólita entre os tapetes — disse Abdullah —, este miserável e desajeitado caipira se desculpa profusamente por derramar creme sobre sua inestimável superfície...

Ouviram-se fortes batidas à porta.

— Abram, em nome do rei! — gritou alguém do lado de fora.

Não havia tempo para bajular mais o tapete.

— Tapete, eu lhe imploro — sussurrou Abdullah —, leve-me e a esta senhora ao lugar para o qual o soldado levou o bebê.

O tapete se sacudiu irritado, mas obedeceu. Disparou adiante como de costume, passando pela janela fechada. Dessa vez Abdullah estava alerta o bastante para ver de fato o vidro e a moldura escura da janela por um instante, como a superfície da água, quando os atravessaram e então

planaram acima dos globos prateados que iluminavam a rua. Mas ele duvidava que Sophie tivesse visto. Ela agarrou o braço de Abdullah com ambas as mãos e ele chegou a pensar que os olhos dela estavam fechados.

— Eu odeio altura! — disse ela. — É melhor que não seja longe.

— Este excelente tapete nos levará a toda velocidade possível, reverente feiticeira — disse Abdullah, tentando ganhar a confiança dela e do tapete ao mesmo tempo. Não estava muito certo de ter funcionado com nenhum dos dois. Sophie continuava firmemente agarrada a seu braço, emitindo breves arquejos de pânico, enquanto o tapete, tendo feito um movimento circular rápido e atordoante logo acima das torres e luzes de Kingsbury, oscilou vertiginosamente em torno do que pareciam os domos do palácio, e começou outro circuito da cidade.

— O que ele está *fazendo*? — arquejou Sophie. Evidentemente seus olhos não estavam de todo fechados.

— Paz, sereníssima feiticeira — tranquilizou-a Abdullah. — Ele descreve um círculo para ganhar altura, assim como os pássaros. — Em seu íntimo, ele tinha certeza de que o tapete havia perdido a pista. Mas, quando as luzes e os domos de Kingsbury passaram sob eles pela terceira vez, viu que acidentalmente havia adivinhado. Eles agora estavam a várias centenas de metros de altura. No quarto circuito, mais amplo que o terceiro, embora tão atordoante quanto, Kingsbury era um pequeno feixe de luzes brilhantes muito, muito abaixo deles.

A cabeça de Sophie oscilou quando ela deu uma espiada para baixo. A pressão de suas mãos no braço de Abdullah aumentou, se é que isso era possível.

— Ó céus e inferno! — exclamou ela. — Ainda estamos *subindo*! Acredito que aquele soldado desgraçado tenha levado Morgan atrás do djim!

Estavam tão alto agora que Abdullah temia que ela tivesse razão.

— Ele, sem dúvida, queria resgatar a princesa — disse —, na esperança de ganhar uma boa recompensa.

— Ele não tinha nada de levar o meu bebê também! — afirmou Sophie. — Espere só até eu encontrá-lo! Mas como ele *fez* isso sem o tapete?

— Deve ter ordenado ao gênio que seguisse o djim, ó lua da maternidade — explicou Abdullah.

Ao que Sophie perguntou novamente:

— Que gênio?

— Eu lhe asseguro, mais afiada das mentes feiticeiras, que eu possuía um gênio além deste tapete, embora você nunca tenha parecido notá-lo — disse Abdullah.

— Então eu acredito em você — disse Sophie. — Continue falando. Fale... senão eu vou olhar para baixo e, se olhar, eu *sei* que vou cair!

Como ela ainda estivesse segurando com muita força o braço de Abdullah, ele sabia que, se ela caísse, o mesmo aconteceria com ele. Kingsbury era agora um ponto brilhante e difuso, aparecendo de um lado e em seguida do outro, à medida que o tapete continuava sua espiral ascendente. O restante de Ingary se estendia à volta, como um enorme prato azul-escuro. O pensamento de despencar daquela altura fez Abdullah sentir quase tanto medo quanto Sophie. Ele começou a contar-lhe apressadamente todas as suas aventuras, como havia encontrado Flor da Noite, como o sultão o tinha aprisionado, como o gênio havia sido pescado no lago do oásis pelos homens de Kabul Aqba — que na verdade eram anjos — e como era difícil fazer um pedido que não fosse sabotado pela malícia do gênio.

A essa altura ele podia ver o deserto como um pálido mar ao sul de Ingary, embora a altitude a que se encontravam fosse tão grande que era muito difícil distinguir qualquer coisa lá embaixo.

— Agora eu vejo que o soldado concordou que eu tinha ganhado aquela aposta a fim de me convencer de sua honestidade — disse Abdullah, pesaroso. — Acho que ele sempre teve a intenção de roubar o gênio e provavelmente também o tapete.

Sophie estava interessada. A pressão em seu braço afrouxou ligeiramente, para grande alívio de Abdullah.

— Você não pode culpar aquele gênio por odiar a todos — disse ela. — Pense em como você se sentiu fechado naquela masmorra.

— Mas o soldado... — insistiu Abdullah.

— É outra questão! — objetou Sophie. — Espere só até eu pôr as minhas mãos nele! Eu não *tolero* gente que se preocupa com animais e engana todo ser humano que cruza o seu caminho! Mas, voltando a esse gênio que você diz que tinha... parece que o djim queria que você o tivesse. Acha que era parte do plano dele fazer namorados frustrados ajudá-lo a derrotar o irmão?

— Creio que sim — disse Abdullah.

— Então, quando chegarmos ao castelo de nuvens, se é para lá que estamos indo — disse Sophie —, talvez possamos contar com outros namorados frustrados chegando para ajudar.

— Talvez — disse Abdullah com cuidado. — Mas eu recordo, mais curioso dos gatos, que você fugiu para os arbustos enquanto o djim falava, e o próprio djim só esperava por mim.

No entanto, ele olhou para cima. Estava esfriando agora e as estrelas pareciam incomodamente próximas. Havia uma espécie de tom prateado no azul-escuro do céu, o que sugeria o luar tentando abrir caminho, vindo de algum lugar. Era muito bonito. O coração de Abdullah enfunou-se com o pensamento de que ele poderia estar, afinal, a caminho de resgatar Flor da Noite.

Infelizmente, Sophie também olhou para cima. As mãos dela apertaram ainda mais seu braço.

— Fale — pediu ela. — Estou apavorada.

— Então você deve falar também, corajosa lançadora de feitiços — disse Abdullah. — Feche os olhos e me fale sobre o príncipe do Oquinstão, a quem Flor da Noite estava prometida.

— Não creio que estivesse — disse Sophie, tagarelando. Ela estava aterrorizada de verdade. — O filho do rei é só um bebê. Ainda tem o *irmão* do rei, o príncipe Justin, mas ele supostamente ia se casar com a princesa Beatriz de Estrângia... só que ela se recusou a ouvir falar nisso e fugiu. Você acha que o djim a capturou? Acho que o seu sultão estava apenas atrás das armas que nossos magos estão fazendo aqui... mas que ele não conseguia. Eles não permitem que os mercenários as levem para o sul quando partem para lá. Na verdade, Howl diz que eles não deviam nem mesmo enviar mercenários. Howl... — A voz dela fraquejou. As mãos dela no braço de Abdullah tremeram. — Fale! — grasnou ela.

Estava ficando difícil respirar.

— Eu mal consigo, sultana de mãos fortes — arfou Abdullah. — Acho que o ar é rarefeito aqui. Você pode fazer algum feitiço que nos ajude a respirar?

— Provavelmente não. Você fica me chamando de feiticeira, mas eu sou bem nova no assunto — protestou Sophie. — Você viu. Quando eu era uma gata, tudo que conseguia fazer era ficar maior. — Mas Sophie largou o braço de Abdullah por um momento a fim de fazer gestos pequenos e bruscos acima da cabeça. — Francamente, ar! — exclamou ela. — Isso é

vergonhoso! Você vai ter de nos deixar respirar um pouco melhor do que isso ou não vamos durar muito. Reúna-se à nossa volta e deixe-nos respirá-lo! — Ela agarrou Abdullah novamente. — Assim está melhor?

Parecia mesmo haver mais ar agora, embora estivesse mais frio do que nunca. Abdullah estava surpreso, pois o método de Sophie de lançar um feitiço não lhe parecia nada próprio a uma feiticeira — na verdade, não era muito diferente de seu próprio modo de persuadir o tapete a voar —, mas ele tinha de admitir que havia funcionado.

— Sim. Muito obrigado, falante de feitiços.

— *Fale!* — pediu Sophie.

Eles se encontravam tão alto que o mundo lá embaixo estava fora do seu campo de visão. Abdullah não tinha nenhuma dificuldade em entender o terror de Sophie. O tapete navegava em meio ao vazio escuro, subindo cada vez mais, e Abdullah sabia que, se estivesse sozinho, provavelmente estaria gritando.

— Você fala, poderosa senhora das magias — disse ele, trêmulo. — Fale-me desse seu Mago Howl.

Os dentes de Sophie rangeram, mas ela falou com orgulho:

— Ele é o melhor mago em Ingary ou em qualquer outro lugar. Se tivesse tido tempo, teria derrotado aquele djim. E ele é manhoso, egoísta, vaidoso como um pavão e covarde, e não se consegue forçá-lo a nada.

— Mesmo? — perguntou Abdullah. — É estranho que você recite com tanto orgulho tal lista de vícios, mais adorável das senhoras.

— O que você quer dizer com... vícios? — replicou Sophie, zangada. — Eu só estava *descrevendo* Howl. Ele vem de um mundo inteiramente diferente, sabe, chamado Gales, e eu me recuso a acreditar que esteja morto... Aah!

Ela terminou num gemido enquanto o tapete entrava no que parecia um fino nevoeiro. Dentro da nuvem, via-se que o nevoeiro eram flocos de gelo, que os salpicava em estilhaços e pedras, como uma tempestade de granizo. Ambos estavam arquejando quando o tapete saiu bruscamente dela, continuando a subir. Então ambos arquejaram outra vez, de espanto.

Estavam num novo país banhado em luar — luar que tinha o toque dourado da lua cheia no equinócio de outono. Mas, quando Abdullah parou um instante para procurar a lua, não conseguiu vê-la em lugar nenhum. A luz parecia vir do próprio céu azul-prateado, cravejado com grandes estrelas douradas e límpidas. Mas ele só podia furtar aquele rápido olhar.

O tapete havia saído ao lado de um mar transparente e nebuloso e avançava com dificuldade ao longo de ondas suaves que quebravam nas pedras encobertas em névoa. A despeito do fato de poderem ver através das ondas, como se fosse seda verde-dourada, a água molhava e ameaçava afundar o tapete. O ar estava tépido. E o tapete, para não falar de suas roupas e cabelos, estava carregado de pilhas de gelo derretendo. Sophie e Abdullah, nos primeiros minutos, se viram inteiramente ocupados em varrer o gelo por cima das bordas do tapete, jogando-o no oceano translúcido, onde ele mergulhava no céu abaixo e desaparecia.

Quando o tapete ficou mais leve e eles tiveram a chance de olhar à sua volta, arquejaram mais uma vez. Pois aqui estavam as ilhas, promontórios e baías de pálido ouro que Abdullah tinha visto no pôr-do-sol, derramando-se do ponto onde eles estavam até a distância prateada, onde se assentavam tranquilos, quietos e encantados, como um panorama do próprio paraíso. As ondas diáfanas quebravam na margem de nuvens com o mais leve dos sussurros, o que parecia aumentar ainda mais o silêncio.

Parecia errado falar num lugar assim. Sophie cutucou Abdullah e apontou. Lá, no mais próximo promontório de nuvem, se erguia um castelo, uma massa de torres orgulhosas e elevadas, com janelas prateadas e sombrias. Ele era feito de nuvem. Enquanto olhavam, várias das torres mais altas se desprenderam obliquamente e esfiaparam-se, desaparecendo, enquanto outras se estreitavam e se ampliavam. Sob os olhos deles, a construção transformou-se, como uma mancha de tinta, numa maciça e carrancuda fortaleza, e então começou a mudar outra vez. Mas ainda estava lá e ainda era um castelo, e parecia ser o local para onde o tapete os levava.

O tapete seguia num ritmo rápido porém suave, mantendo-se próximo ao litoral, como se não estivesse nem um pouco ansioso em ser visto. Além das ondas, viam-se arbustos enevoados, matizados de vermelho e prata, como se o sol estivesse se pondo. O tapete movia-se furtivamente ao abrigo destes, assim como havia feito por trás das árvores na planície de Kingsbury, enquanto circulava a baía até chegar ao promontório.

À medida que prosseguia, surgiam novos panoramas de mares dourados, onde se moviam distantes silhuetas enevoadas que tanto podiam ser navios quanto criaturas sombrias cuidando de seus assuntos. Ainda num silêncio completo e sussurrante, o tapete avançava furtivamente na direção do promontório, onde não havia mais arbustos. Aqui ele se

manteve próximo do chão coberto de névoa, da maneira como havia seguido os contornos dos telhados em Kingsbury. Abdullah não o culpava. À frente deles, o castelo novamente se transformava, estendendo-se até se tornar um enorme pavilhão. Quando o tapete entrou na longa avenida que levava a seus portões, domos se erguiam e avolumavam-se, e a construção havia projetado um sombrio minarete dourado, como se observasse sua aproximação.

A avenida era ladeada por formas nebulosas que também pareciam observá-los chegando. As formas erguiam-se do solo recoberto por névoa da maneira como se costuma ver um aglomerado de nuvens subir, desgarrando-se da massa principal. Mas, à diferença do castelo, elas não mudavam o formato. Cada uma delas se elevava, orgulhosa — assemelhando-se de certa forma a um cavalo-marinho ou aos cavalos num tabuleiro de xadrez, a não ser pelo fato de seus rostos serem mais lisos e planos que os dos cavalos —, e cercada por tendões espiralados que não eram nuvem nem cabelos.

Sophie olhou cada uma delas, enquanto passavam, com crescente desaprovação.

— Não acho que ele tenha muito bom gosto em matéria de estátuas — disse ela.

— Ah, silêncio, franqueza em forma de mulher! — sussurrou Abdullah. — Estas não são estátuas, mas os duzentos servos-anjos de que falou o djim!

O som de suas vozes atraiu a atenção da forma nebulosa mais próxima. Ela se remexeu vagamente, abriu um par de imensos olhos semelhantes a pedras da lua e curvou-se para examinar o tapete quando ele passou por ela.

— Não ouse tentar nos deter! — disse Sophie a ela. — Nós só viemos buscar meu bebê.

Os enormes olhos piscaram. Evidentemente o anjo não estava acostumado a que lhe falassem de forma tão ríspida. Asas brancas e nebulosas começaram a abrir-se na lateral de seu corpo.

Rapidamente Abdullah se pôs de pé no tapete e se curvou.

— Saudações, nobilíssimo mensageiro dos céus — disse ele. — O que a senhora disse tão rudemente é a verdade. Peço que a perdoe. Ela é do norte. Mas, assim como eu, vem em paz. Os djins estão cuidando do seu

filho e nós viemos apenas buscá-lo e render-lhes nossos mais humildes e sinceros agradecimentos.

Isso pareceu aplacar o anjo. As asas fundiram-se novamente às laterais do corpo nevoento e, embora sua estranha cabeça tenha se voltado para observá-los à medida que o tapete se afastava, ele não tentou detê-los. Mas agora o anjo do outro lado do caminho tinha os olhos abertos também, e os dois seguintes haviam se voltado para fitá-los. Abdullah não ousou sentar-se de novo. Ele firmou os pés, em busca de equilíbrio, e curvou-se para cada par de anjos à medida que se aproximavam deles. Essa não era uma tarefa fácil. O tapete, assim como Abdullah, sabia o quanto os anjos podiam ser perigosos, e movia-se cada vez mais rápido.

Até Sophie percebeu que um pouco de cortesia ajudaria. E acenava com a cabeça para cada anjo quando passavam velozmente por eles.

— Boa noite — dizia. — Que lindo pôr do sol hoje! Boa noite.

Não teve tempo para mais do que isso, pois o tapete se precipitava pelo último trecho da avenida. Quando alcançou os portões do castelo — que estavam fechados —, mergulhou por eles como um rato por um cano. Abdullah e Sophie foram banhados por uma umidade brumosa e então saíram numa tranquila luz dourada.

Descobriram que se encontravam num jardim. Ali o tapete desceu ao chão, mole como um esfregão, onde ficou. Pequenos tremores percorriam toda sua extensão, como um tapete faria se estivesse tremendo de medo, ou ofegando pelo esforço, ou ambos.

Como o chão no jardim era sólido e não parecia feito de nuvens, Sophie e Abdullah cautelosamente passaram a ele. Tratava-se de terra firme, onde crescia uma grama verde-prateada. A distância, entre cercas vivas convencionais, uma fonte de mármore jorrava. Sophie olhou para ela, e para tudo à sua volta, e começou a franzir o cenho.

Abdullah inclinou-se e atenciosamente enrolou o tapete, acariciando-o e falando-lhe em tom tranquilizador.

— Muito corajoso e mais ousado dos damascos — disse a ele. — Isso, isso. Não tenha medo. Não vou permitir que nenhum djim, por mais poderoso que seja, estrague um só fio que seja de seu precioso tecido ou uma só franja de sua borda.

— Você parece aquele soldado paparicando Morgan quando ele era Atrevido — disse Sophie. — O castelo está ali adiante.

Eles partiram naquela direção — Sophie, alerta a tudo ao seu redor e bufando uma ou duas vezes, Abdullah carregando o tapete ternamente nos ombros. De quando em quando ele lhe dava tapinhas e sentia os tremores irem desaparecendo à medida que prosseguiam. Caminharam durante algum tempo, pois o jardim, embora não fosse feito de nuvem, mudava e aumentava à volta deles. As cercas vivas tornaram-se artísticas pilhas de flores rosa-pálido, e a fonte — que podiam ver a distância todo o tempo — agora parecia ser de cristal ou possivelmente crisólita. Mais alguns passos e as plantas estavam em potes cobertos de joias, frondosas, com trepadeiras subindo por colunas laqueadas. Os bufos de Sophie tornaram-se mais altos. A fonte, até onde podiam ver, era de prata cravejada com safiras.

— Aquele djim tomou liberdades com um castelo que não é dele — disse Sophie. — A menos que eu esteja inteiramente tresloucada, este costumava ser nosso banheiro.

Abdullah sentiu o rosto rubro. Banheiro de Sophie ou não, esses eram os jardins de suas fantasias. Hasruel estava zombando dele, assim como fizera o tempo todo. Quando a fonte à sua frente se tornou ouro, cintilando vinho-escuro com rubis, Abdullah ficou tão aborrecido quanto Sophie.

— Não é assim que um jardim devia ser, mesmo que desconsideremos as confusas mudanças — disse ele, zangado. — Um jardim deveria ter aparência natural, com seções nativas, incluindo uma ampla área de jacintos.

— Isso mesmo — disse Sophie. — Olhe esta fonte agora! Isso é maneira de tratar um banheiro?

A fonte era de platina, com esmeraldas.

— Ridiculamente ostentoso! — disse Abdullah. — Quando eu criar o *meu* jardim...

Foi interrompido pelos gritos de uma criança. Ambos se puseram a correr.



CAPÍTULO DEZOITO
O qual é bem cheio de princesas

Os gritos da criança cresciam de intensidade. Não havia dúvidas sobre a direção. Enquanto Sophie e Abdullah corriam para lá, ao longo de um claustro cercado por colunas, Sophie ofegou:

— Não é Morgan... É uma criança mais velha!

Abdullah percebeu que ela estava certa. Ele podia ouvir palavras em meio aos gritos, embora não conseguisse identificar quais eram. E com certeza Morgan, mesmo gritando em sua capacidade máxima, não tinha pulmões grandes o suficiente para fazer esse tipo de barulho. Depois de alcançar uma altura quase insuportável, os gritos se transformaram em soluços ásperos. Estes baixaram a um berreiro constante e impertinente, e no momento em que o som se tornou verdadeiramente intolerável, a criança aumentou o volume outra vez em gritos histéricos.

Sophie e Abdullah seguiram o ruído até o fim do claustro e saíram num saguão imenso e enevoadado. Ali eles pararam prudentemente atrás de uma coluna e Sophie disse:

— Nossa sala principal. Eles devem tê-la enchido como um balão de gás!

Era um saguão muito grande. A criança aos berros encontrava-se no meio dele. Era uma menina de cerca de quatro anos, com cachos claros, vestindo uma camisola branca. Seu rosto estava vermelho, a boca era um quadrado escuro, e ela alternadamente se atirava no piso de pedra verde e se levantava a fim de se jogar no chão outra vez. Se algum dia houve uma criança que sabia fazer birra, era essa. Os ecos no saguão imenso gritavam com ela.

— É a princesa Valeria — murmurou Sophie para Abdullah. — Foi o que imaginei.

Pairando sobre a princesa uivante estava a enorme forma de Hasrueel. Outro djim, muito menor e mais pálido, andava de um lado para o outro atrás dele:

— Faça alguma coisa! — gritou o djim menor. Somente o fato de que ele tinha uma voz de trombetas de prata o fazia audível. — Ela está me levando à loucura!

Hasrueel baixou sua cara imensa até o rosto de Valeria.

— Princesinha — arrulhou com a voz retumbante —, pare de chorar. Ninguém vai machucar você.

A resposta da princesa Valeria foi primeiro se levantar e berrar no rosto de Hasrueel, e então se jogar no chão e rolar e chutar.

— Bué-bué-bué! — vociferou ela. — Eu quero a minha *casa*! Quero o meu *pai*! Quero a minha *babá*! Quero meu *tio Justin*! Bueeee!

— Princesinha! — sussurrou Hasrueel desesperadamente.

— Não fique aí arrulhando para ela! — trombeteou o outro djim, que obviamente era Dalzel. — Faça alguma mágica! Doces sonhos, um feitiço de silêncio, mil ursinhos, uma tonelada de caramelos! *Qualquer coisa*!

Hasrueel voltou-se para o irmão. Suas asas abertas insuflaram fortes ventos que agitaram o cabelo de Valeria e fizeram esvoaçar sua camisola. Sophie e Abdullah tiveram de agarrar-se à coluna ou a força do vento os teria atirado para trás.

Mas não fez a menor diferença para o acesso de fúria da princesa Valeria. Ou fez com que ela gritasse com mais força.

— Eu já tentei tudo isso, meu irmão! — trovejou Hasrueel.

A princesa Valeria agora emitia berros seguidos de “MÃE! MÃE! ELES ESTÃO SENDO HORRENDOS COMIGO!”. Hasrueel teve de levantar a voz a um perfeito trovão.

— Você não sabe — trovejou ele — que praticamente não existe mágica que detenha uma criança com esse tipo de temperamento?

Dalzel tapou com as mãos pálidas as orelhas — orelhas pontudas com aparência de cogumelos.

— Ora, eu não posso suportar isso! — gritou ele, esganiçado. — Ponha-a para dormir por cem anos!

Hasrueel assentiu. Ele se voltou para a princesa Valeria enquanto ela gritava e se debatia no chão, e abriu a imensa mão sobre ela.

— Ó, meu Deus! *Faça* alguma coisa! — disse Sophie a Abdullah.

Como Abdullah não tinha a menor ideia do que fazer, e como achava que *qualquer coisa* que interrompesse esse barulho horrível era uma boa ideia, nada fez além de afastar-se vagarosa e hesitantemente da coluna. E, por sorte, antes que a mágica de Hasrueel tivesse algum efeito visível sobre a princesa Valeria, um amontoado de outras pessoas chegou. Uma voz alta, um tanto áspera, cortou o alarido.

— *Que barulho todo é esse?*

Ambos os djins deram um passo para trás. Os recém-chegados eram mulheres e todas pareciam extremamente aborrecidas, mas, quando se diz isso, a impressão que se tem é que eram as duas únicas coisas que elas tinham em comum. Elas se posicionavam em fila, umas trinta delas, fitando acusadoramente os dois djins, e eram altas, baixas, robustas,

magricelas, jovens e velhas, e de todas as cores que a espécie humana produz. Os olhos de Abdullah percorreram a fila, perplexos. Essas deviam ser as princesas sequestradas. Esse era o terceiro ponto que tinham em comum. Iam de uma minúscula e frágil princesa amarela, a mais próxima dele, a uma princesa idosa e encurvada à meia distância. E usavam todos os tipos possíveis de roupa, de um vestido de baile a trajes simples e rústicos.

A que havia falado era uma princesa de altura mediana e constituição sólida, ligeiramente na frente das outras. Usava roupas de montaria. Seu rosto, além de bronzeado e um pouco marcado pelas atividades ao ar livre, era franco e sensato. Ela olhou para os dois djins com absoluto desprezo.

— Que coisa mais ridícula! — exclamou. — Duas criaturas grandes e poderosas como vocês, e não conseguem fazer uma criança parar de chorar! — Ela foi até Valeria e deu-lhe um súbito tapa no agitado traseiro. — Cale a boca!

Funcionou. Valeria nunca tinha levado um tapa antes. Ela rolou de lado e se sentou, como se tivesse levado um tiro. Olhou para a princesa objetiva com os olhos atônitos e inchados.

— Você me *bateu*!

— E vou bater de novo se você pedir — disse a princesa objetiva.

— Eu vou gritar — disse Valeria. Sua boca tornou a ficar quadrada. Ela sorveu o ar com força.

— Não vai não — disse a princesa objetiva. Ela então pegou Valeria no colo e passou-a energicamente para os braços das duas princesas atrás dela, que, com várias outras, se juntaram em torno de Valeria, emitindo ruídos tranquilizadores. Do meio da turba, Valeria recomeçou a gritar, mas de uma forma não muito convencida. A princesa objetiva pôs as mãos nos quadris e virou-se, desdenhosa, para os djins.

— Veem? — disse ela. — Basta um pouco de firmeza e de carinho... mas não se pode esperar que nenhum de vocês entenda *isso*!

Dalzel deu um passo na direção dela. Agora que não estava tão aflito, Abdullah viu com surpresa que ele era bonito. Afora as orelhas fungoides e os pés com garras, ele poderia ser um homem alto e angelical. Cachos dourados cresciam em sua cabeça, e suas asas, embora pequenas e de aparência atrofiada, também eram douradas. Sua boca muito vermelha abriu-se num doce sorriso. No conjunto, ele tinha uma beleza sobrenatural que combinava com o estranho reino de nuvens em que vivia.

— Por favor, leve a menina daqui — disse ele — e a conforte, ó princesa Beatriz, a mais excelente entre as minhas esposas.

A direta princesa Beatriz gesticulava para que as outras levassem Valeria dali, mas virou-se bruscamente com estas palavras.

— Eu já lhe disse, meu rapaz — afirmou ela —, que nenhuma de nós é sua esposa. Você pode nos chamar assim até cansar, mas não vai fazer a menor diferença. Nós não somos suas esposas e nunca seremos!

— Exatamente! — disse a maioria das outras princesas, num coro firme porém imperfeito. Todas, com exceção de uma, fizeram meia-volta e se afastaram, levando uma soluçante princesa Valeria com elas.

O rosto de Sophie iluminou-se com um sorriso encantado. Ela sussurrou:

— Parece que as princesas estão se saindo bem!

Abdullah não pôde lhe dar atenção. A princesa que ficara era Flor da Noite. Ela estava, como sempre, duas vezes mais bonita do que ele se lembrava, parecendo muito doce e séria, com os grandes olhos escuros fixados com gravidade em Dalzel. Ela se curvou educadamente. Os sentidos de Abdullah exultaram à visão dela. As colunas enevoadas em torno dele pareceram oscilar, sumindo e reaparecendo. Seu coração palpitava de alegria. Ela estava salva! Ela estava aqui! Estava falando com Dalzel.

— Perdoe-me, grande djim, se fico para lhe fazer uma pergunta — disse ela, e sua voz, ainda mais do que Abdullah a recordava, era melodiosa e alegre como uma fonte de água fresca.

Para ultraje de Abdullah, Dalzel reagiu com o que parecia horror.

— Ah, *você* de novo, não! — trombeteou ele, ao que Hasrueel, parado feito uma sombria coluna no fundo, cruzou os braços e sorriu maliciosamente.

— Sim, sou eu, implacável ladrão das filhas dos sultões — disse Flor da Noite, com a cabeça educadamente abaixada. — Eu estou aqui apenas para perguntar o que fez a criança começar a chorar.

— E como *eu* poderia saber? — perguntou Dalzel. — Você está sempre me fazendo perguntas a que não sei responder! Por que está perguntando isso?

— Porque — respondeu Flor da Noite —, ó ladrão das descendentes dos soberanos, a forma mais fácil de acalmar a criança é lidar com a causa

de seu mau gênio. Isso eu sei pela minha própria infância, pois eu mesma era muito dada a birras.

Certamente que não!, pensou Abdullah. Ela está mentindo por algum motivo. Alguém com a natureza tão doce quanto a dela jamais poderia ter gritado por coisa nenhuma! No entanto, como ele estava perplexo ao ver, Dalzel não tinha a menor dificuldade em acreditar nela.

— Eu *aposto* que sim! — disse Dalzel.

— Então, qual foi a causa, usurpador dos bravos? — insistiu Flor da Noite. — Será porque ela quis voltar para seu próprio palácio, ou sua boneca preferida, ou simplesmente estava assustada com a sua cara, ou...?

— Eu não vou mandá-la de volta, se é isso que você está pretendendo — interrompeu-a Dalzel. — Ela agora é uma das minhas esposas.

— Então eu lhe suplico que descubra o que a fez começar a gritar, captor dos justos — disse Flor da Noite com cortesia —, pois, sem esse conhecimento, nem trinta princesas serão capazes de silenciá-la. — De fato, a voz da princesa Valeria elevava-se novamente à distância... bué, bué, BUÉ... enquanto Flor da Noite falava. — Eu falo pela experiência — observou ela. — Certa vez gritei noite e dia, durante uma semana inteira, até perder a voz, porque meus sapatos favoritos não me serviam mais.

Abdullah pôde ver que Flor da Noite estava falando a verdade absoluta. Ele tentou acreditar, mas, por mais que se esforçasse, simplesmente não conseguia imaginar sua adorável Flor da Noite deitada no chão, esperneando e gritando.

Mais uma vez, Dalzel não teve a menor dificuldade. Ele estremeceu e voltou-se, zangado, para Hasruel.

— Pense, não consegue? Foi você que a trouxe. Deve ter percebido o que a fez começar.

A enorme cara marrom de Hasruel enrugou-se, impotente.

— Meu irmão, eu a trouxe pela cozinha, pois ela estava quieta e pálida de medo e eu pensei que talvez uma guloseima a alegrasse. No entanto, ela jogou as guloseimas para o cachorro do cozinheiro e se manteve calada. Seu choro só começou, como você sabe, depois que a juntei às outras princesas, e os gritos, quando você mandou trazê-la...

Flor da Noite ergueu um dedo.

— Ah! — exclamou.

Ambos os djins se voltaram para ela.

— Já entendi — disse ela. — Deve ser o cachorro do cozinheiro. Com as crianças, quase sempre tem um animal envolvido. Ela está acostumada a ter tudo que quer, e ela quer o cachorro. Instrua o cozinheiro, rei dos sequestradores, a trazer o animal para nossos aposentos e o barulho irá cessar, isso eu lhe garanto.

— Muito bem — disse Dalzel. — *Faça* isso! — trovejou ele para Hasrueel.

Flor da Noite fez uma mesura.

— Obrigada — disse ela, virou-se e se afastou graciosamente.

Sophie sacudiu o braço de Abdullah.

— Vamos segui-la.

Abdullah não se moveu nem respondeu. Ele ficou olhando Flor da Noite ir embora, mal acreditando que a estava de fato vendo, e igualmente incapaz de acreditar que Dalzel não tivesse caído aos pés dela para adorá-la. Ele teve de admitir que isso era um alívio, mas ainda assim...!

— Ela é a sua, não é? — disse Sophie depois de dar uma olhada no rosto dele. Abdullah assentiu, embevecido. — Então você tem bom gosto — disse Sophie. — Agora vamos, antes que eles nos vejam!

Eles se afastaram por trás das colunas na direção que Flor da Noite tomara, mantendo um olhar de cautela no enorme saguão à medida que seguiam. À distância, Dalzel, rabugento, se acomodava no imenso trono no topo de um lance de degraus. Quando Hasrueel retornou de onde quer que ficasse a cozinha, Dalzel fez sinal para que se ajoelhasse diante do trono. Nenhum dos dois olhou para eles. Sophie e Abdullah andaram pé ante pé até um arco onde uma cortina ainda balançava depois que Flor da Noite a tinha erguido para passar. Eles puxaram a cortina de lado e seguiram.

Havia uma grande e bem iluminada sala adiante, desordenadamente cheia de princesas. No meio delas, a princesa Valeria soluçava:

— Eu quero ir para casa agora!

— Psiu, querida. Logo logo você vai — respondeu alguém.

A voz da princesa Beatriz disse:

— Você chorou lindamente, Valeria. Estamos todas orgulhosas de você. Mas agora pare de chorar, como uma boa menina.

— Não posso! — soluçou Valeria. — Eu me acostumei.

Sophie corria o olhar pela sala, sua indignação cada vez maior.

— Este é o nosso armário de *vassouras*! — disse ela. — Francamente!

Abdullah não podia lhe dar atenção porque Flor da Noite estava bem perto, chamando baixinho:

— Beatriz!

A princesa Beatriz ouviu e destacou-se do grupo.

— Não me diga — disse ela. — Você conseguiu. Ótimo. Aqueles djins não sabem o que os atinge quando você quer alguma coisa deles, Flor. Então está tudo correndo perfeitamente. Se aquele homem concordar...

Nesse momento ela avistou Sophie e Abdullah.

— De onde vocês dois surgiram? — perguntou ela.

Flor da Noite girou o corpo. Por um momento, quando viu Abdullah, em seu rosto transpareceu tudo que ele poderia querer: reconhecimento, regozijo, amor e orgulho. *Eu sabia que você viria me resgatar!*, diziam seus grandes olhos escuros. Então, para mágoa e perplexidade dele, tudo desapareceu. Seu rosto tornou-se afável e cortês. E ela se curvou educadamente.

— Este é o príncipe Abdullah de Zanzib — disse ela —, mas não conheço a senhora.

O comportamento de Flor da Noite tirou Abdullah de seu atordoamento. Ela deve estar com ciúme de Sophie, pensou ele, também fazendo uma mesura e apressando-se a explicar.

— Esta senhora, ó pérolas no diadema de muitos reis, é a esposa do Mago Real Howl e veio aqui à procura do filho.

A princesa Beatriz voltou para Sophie seu rosto vivo.

— Ah, ele é o seu bebê! — exclamou ela. — Howl está com você, por acaso?

— Não — disse Sophie, infeliz. — Eu esperava que ele estivesse aqui.

— Nem o menor sinal dele, receio — disse a princesa Beatriz. — Uma pena. Ele seria útil, mesmo tendo ajudado a conquistar meu país. Mas nós estamos com o seu bebê. Venha por aqui.

A princesa Beatriz guiou-a até o fundo da sala, passando pelo grupo de princesas que tentavam consolar Valeria. Como Flor da Noite foi com ela, Abdullah as seguiu. Para sua crescente aflição, Flor da Noite agora mal o olhava, apenas inclinava a cabeça educadamente a cada princesa por que passavam.

— A princesa de Alberia — disse, formalmente. — A princesa de Farqtan. A herdeira de Thayack. Esta é a princesa do Peiquistão e, ao lado dela, a princesa de Inhico. Além dela, você vê a donzela de Dorimynde.

Então, se não era ciúme, *o que era?*, perguntava-se Abdullah, infeliz.

No fundo da sala havia um banco largo com almofadas sobre ele.

— Minha prateleira de miscelâneas! — grunhiu Sophie.

Havia três princesas sentadas no banco: a princesa idosa que Abdullah avistara antes, uma princesa pesadona embrulhada num casaco e a diminuta princesa asiática empoleirada entre ambas. Os braços da diminuta princesa, que mais pareciam ramos, estavam enroscados em torno do corpinho rosado e gorducho de Morgan.

— Ela é a suma princesa de Tsapfan — disse Flor da Noite formalmente. — À direita dela está a princesa da Alta Norlanda. À esquerda, a *jharine* de Jham.

A diminuta suma princesa de Tsapfan parecia uma criança com uma boneca grande demais para ela, mas, com perícia e experiência, dava de mamar a Morgan numa grande mamadeira.

— Ele está bem — disse a princesa Beatriz. — E foi ótimo para ela, cujo desânimo passou. Ela diz que já teve catorze bebês.

A diminuta princesa olhou para cima com um sorriso tímido.

— Meninos, todos — disse ela, numa voz pequenina, ceceando.

Os dedinhos dos pés e as mãos de Morgan se abriam e fechavam. Ele era o retrato de um bebê satisfeito. Sophie os olhou fixamente por um momento.

— Onde ela conseguiu essa mamadeira? — perguntou, como se temesse que estivesse envenenada.

A diminuta princesa tornou a olhar para cima. Ela sorriu e apontou um dedo minúsculo.

— Não fala nossa língua muito bem — explicou a princesa Beatriz. — Mas aquele gênio pareceu entendê-la.

O dedinho da princesa apontava o chão perto do banco, onde, debaixo de seus pés pendentes, estava uma familiar lâmpada malva-azulada. Abdullah correu para ela. A pesada *jharine* de Jham mergulhou naquela direção ao mesmo tempo, com a mão inesperadamente grande e forte.

— Parem! — gemeu o gênio do interior enquanto os dois lutavam por ele. — Eu *não* vou sair! Aqueles djins vão me matar dessa vez, com toda a certeza!

Abdullah segurou a garrafa com ambas as mãos e puxou. O movimento brusco fez o casaco que a envolvia cair longe da *jharine*. Abdullah viu-se fitando grandes olhos azuis num rosto marcado por linhas sob uma

cabeleira grisalha. O rosto enrugou-se inocentemente quando o velho soldado lhe ofereceu um sorriso tímido e soltou a lâmpada do gênio.

— Você! — exclamou Abdullah, com desgosto.

— Um leal súdito meu — explicou a princesa Beatriz. — Veio me resgatar. Uma situação bastante canhestra, de fato. Tivemos de disfarçá-lo.

Sophie empurrou Abdullah e a princesa Beatriz de lado.

— Deixem-me falar com ele — disse ela.



CAPÍTULO DEZENOVE

*No qual um soldado, um cozinheiro e um mercador de tapetes,
todos dão seu preço*

Houve alguns momentos de tanto barulho que os gritos da princesa Valeria foram completamente abafados. A maior parte vindo de Sophie, que começou com palavras suaves como “ladrão” e “mentiroso” e num crescendo chegou aos berros a acusações de crimes dos quais Abdullah nunca ouvira falar, e talvez nem mesmo o soldado jamais pensara em cometer. Ao ouvir, ocorreu a Abdullah que o ruído de polia no metal que Sophie costumava fazer como Meia-Noite era na verdade mais agradável do que o barulho que ela estava fazendo agora. Mas parte do ruído era proveniente do soldado, que, com um joelho erguido e ambas as mãos diante do rosto, berrava cada vez mais alto:

— Meia-Noite... quer dizer, senhora! Deixe-me *explicar*, Meia-Noite... hã... senhora!

A isso, a princesa Beatriz ficava dizendo em tom áspero:

— Não, deixe que *eu* explico!

E várias princesas se juntaram ao alarido, gritando:

— Por favor, fiquem quietos ou os djins vão ouvir!

Abdullah tentou deter Sophie, sacudindo, suplicante, o braço dela. Mas provavelmente nada a teria detido se Morgan não tivesse tirado a boca da mamadeira, olhado ao redor, perturbado, e começado a chorar. Sophie calou a boca de súbito e tornou a abri-la para dizer:

— Então, está bem. Explique-se.

No relativo silêncio, a diminuta princesa acalmou Morgan e ele voltou à mamadeira.

— Eu não tinha a intenção de trazer o bebê — disse o soldado.

— *O quê?* — perguntou Sophie. — Você ia abandonar o meu...

— Não, não — disse o soldado. — Eu disse ao gênio que o pusesse num lugar onde alguém cuidasse dele e me levasse até onde estava a princesa de Ingary. Não vou negar que estava atrás da recompensa. — Ele apelou para Abdullah. — Mas você sabe como esse gênio é, não sabe? A próxima coisa de que tive consciência foi que estávamos ambos aqui.

Abdullah ergueu a lâmpada do gênio e olhou para ela.

— Ele obteve o que pediu — disse o gênio, rabugento, lá de dentro.

— E o bebê estava berrando sem parar — contou a princesa Beatriz. — Dalzel enviou Hasruel para descobrir que barulho era aquele, e tudo que me ocorreu dizer foi que a princesa Valeria estava fazendo birra. Então, naturalmente, tivemos de fazer Valeria gritar. Foi aí que Flor começou a fazer planos.

Ela se virou para Flor da Noite, que, perebia-se, estava pensando em outra coisa — que nada tinha a ver com Abdullah, observou ele, desolado. Ela olhava para o outro lado da sala.

— Beatriz, acho que o cozinheiro está aqui com o cachorro — disse ela.

— Ah, ótimo! — disse a princesa Beatriz. — Venham, todos vocês. — Ela se dirigiu com passos largos para o centro da sala.

Um homem com um chapéu alto de *chef* encontrava-se ali de pé. Era um sujeito enrugado e grisalho, com um único olho. Seu cão encostava-se às suas pernas, rosnando para qualquer princesa que se aproximasse. Essa atitude provavelmente também expressava a forma como o cozinheiro se sentia. Ele parecia desconfiado de tudo.

— Jamal! — gritou Abdullah. Depois disso, ele ergueu a lâmpada do gênio e voltou a olhar para ela.

— Bem, esse era mesmo o palácio mais perto além do de Zanzib — protestou o gênio.

Abdullah estava tão contente em ver o velho amigo em segurança que não discutiu com o gênio. Passou apressadamente por dez princesas, esquecido de todo das boas maneiras, e agarrou Jamal pela mão.

— Meu amigo!

O único olho de Jamal arregalou-se. Uma lágrima jorrou quando ele apertou com força a mão de Abdullah em resposta.

— Você está a salvo! — disse o cozinheiro. O cão de Jamal equilibrou-se nas patas traseiras e plantou as dianteiras na barriga de Abdullah, ofegando afetuosamente. Um familiar hálito de lula encheu o ar.

E Valeria imediatamente recomeçou a gritar.

— Eu não quero esse cachorro! Ele FEDE!

— Psiu! — disseram pelo menos seis princesas. — Finja, querida. Precisamos da ajuda do homem.

— EU... NÃO... QUERO...! — gritou a princesa Valeria.

Sophie afastou-se de onde estava inclinada sobre a diminuta princesa e marchou em direção a Valeria.

— Pare com isso, Valeria — disse ela. — Você se lembra de mim, não é?

Estava óbvio que Valeria se lembrava. Ela correu para Sophie e envolveu com seus braços as pernas dela, explodindo em lágrimas dessa vez mais genuínas.

— Sophie, Sophie, Sophie! Me leve para *casa*!

Sophie sentou-se no chão e a abraçou.

— Pronto, pronto. Sim, nós a levaremos para casa. Só precisamos preparar tudo antes. É muito estranho — observou ela para as princesas que a rodeavam. — Eu me sinto bastante experiente com Valeria, mas morro de medo de deixar Morgan cair.

— Você vai aprender — disse a princesa idosa da Alta Norlanda, sentando-se rigidamente no chão ao lado dela. — Dizem que todas aprendem.

Flor da Noite adiantou-se até o centro da sala.

— Minhas amigas e os três gentis cavalheiros — disse ela —, precisamos agora unir nossas cabeças para discutir a difícil situação na qual nos encontramos e traçar planos para nossa breve libertação. Primeiro, porém, seria prudente lançar um feitiço de silêncio naquela entrada. Assim nossos sequestradores não poderão nos ouvir. — Seus olhos, de maneira muito séria e neutra, dirigiram-se à lâmpada do gênio na mão de Abdullah.

— Não! — disse o gênio. — Tentem me obrigar a fazer qualquer coisa e vocês todos virarão sapos!

— Deixem comigo — disse Sophie. Ela se levantou, com Valeria ainda agarrada às suas saias, e seguiu até a porta, onde segurou a cortina que ali havia. — Bem, você não é do tipo de tecido que deixa o som passar, não é? — perguntou ela à cortina. — Sugiro que tenha uma conversinha com as paredes e deixe isso bem explicado. Diga-lhes que ninguém vai conseguir ouvir uma só palavra do que dizemos dentro desta sala.

Um murmúrio de alívio e aprovação veio da maior parte das princesas. Flor da Noite, porém, pronunciou-se:

— Peço perdão por ser crítica, hábil feiticeira, mas acho que os djins deveriam ouvir *alguma coisa*; caso contrário ficarão desconfiados.

A diminuta princesa de Tsapfan aproximou-se com Morgan parecendo imenso em seus braços. Com cuidado, ela passou o bebê para Sophie. Esta pareceu aterrorizada e segurou Morgan como se ele fosse uma bomba prestes a explodir. Isso pareceu desagradá-lo e ele agitou os braços. Enquanto a diminuta princesa punha ambas as mãos na cortina, várias expressões de total aversão se seguiram no rosto dele.

— BURP! — ele deixou escapar.

Sophie deu um salto sem deixar Morgan cair.

— Céus! — exclamou ela. — Eu não tinha a menor ideia de que eles faziam isso!

Valeria riu com vontade.

— Meu irmão faz... o tempo todo.

A diminuta princesa fez gestos para mostrar que havia cuidado da observação de Flor da Noite. Todos ouviram com atenção. À distância, em algum lugar, podiam ouvir o agradável zumbido de princesas tagarelando. Havia até um ou outro grito que parecia vir de Valeria.

— Perfeito — disse Flor da Noite. Ela sorriu calorosamente para a diminuta princesa e Abdullah desejou que ela sorrisse assim para ele. — Agora, se todos se sentarem, poderemos traçar alguns planos de fuga.

Todos obedeceram à sua própria maneira. Jamal agachou-se com o cão nos braços, parecendo desconfiado. Sophie sentou-se no chão segurando Morgan desajeitadamente e tendo Valeria recostada nela. Valeria agora estava bem feliz. Abdullah sentou-se de pernas cruzadas ao lado de Jamal. O soldado veio e sentou-se a cerca de dois lugares dele, e então Abdullah segurou com mais força a lâmpada do gênio e apertou o tapete sobre o ombro com a outra mão.

— Essa garota, Flor da Noite, é uma verdadeira maravilha — observou a princesa Beatriz sentando-se entre Abdullah e o soldado. — Ela chegou aqui sem saber nada, só o que tinha lido nos livros. E aprende o tempo todo. Levou dois dias para compreender a natureza de Dalzel... o infeliz djim morre de medo dela agora. Antes de ela chegar, tudo que eu havia conseguido fora deixar óbvio para a criatura que nós não íamos ser suas esposas. Mas Flor da Noite pensa grande. Decidiu fugir desde o início. Vem tramando o tempo todo para trazer o cozinheiro para o nosso lado. Agora conseguiu. Olhe para ela! Parece pronta para governar um império, não é?

Abdullah assentiu tristemente e observou Flor da Noite de pé, esperando que todos se acomodassem. Ela ainda estava vestida com as roupas diáfanas que usava quando Hasruel a sequestrou no jardim noturno. E ainda estava elegante, graciosa e linda, apesar de as roupas agora estarem amassadas e um pouco esfarrapadas. Abdullah não tinha a menor dúvida de que cada vinco, cada rasgão e cada fio puxado significavam algo novo que Flor da Noite havia aprendido. Pronta para governar um império de fato!, pensou ele. Comparando Flor da Noite com Sophie, que o havia desagradado por ser tão determinada, sabia que Flor da Noite tinha duas

vezes a determinação de Sophie. E, até onde dizia respeito a Abdullah, isso só a tornava mais extraordinária. O que o deixava infeliz era a maneira como ela cuidadosa e educadamente o evitava. E ele queria saber *por quê*.

— O problema que enfrentamos — ia dizendo Flor da Noite, quando Abdullah começou a prestar atenção — é estarmos num lugar onde de nada adianta simplesmente sair. Se pudéssemos deixar furtivamente o castelo sem que os djins percebessem, ou sem que os anjos de Hasrue! nos impedissem, iríamos apenas despencar entre as nuvens e estatelar no chão, que fica a uma distância muito grande daqui. Mesmo que possamos superar essas dificuldades de alguma forma... — Nesse ponto os olhos dela se voltaram para a lâmpada nas mãos de Abdullah e, pensativamente, para o tapete sobre o ombro dele, mas não, infelizmente, para o próprio Abdullah. — ... parece que não há nada que impeça Dalzel de enviar o irmão para nos trazer todas de volta. Portanto, a essência de qualquer plano que tracemos tem de ser a derrota de Dalzel. Sabemos que seu maior poder vem do fato de ele ter roubado a vida do irmão, Hasrue!, de modo que este tem de obedecer ou morrer. Então, para escapar, precisamos encontrar a vida de Hasrue! e devolvê-la a ele. Nobres senhoras, extraordinários cavalheiros e estimado cão, convido-os a apresentar suas ideias nessa questão.

Excelente exposição, ó flor do meu desejo!, pensou Abdullah com tristeza, enquanto Flor da Noite, graciosa, se sentava.

— Mas ainda não sabemos onde pode estar a vida de Hasrue! — gritou a princesa de Farqtan.

— Exatamente — disse a princesa Beatriz. — Só Dalzel sabe isso.

— Mas a criatura abominável está sempre dando pistas — acrescentou a loura princesa vinda de Thayack.

— Para nos deixar ver o quanto ele é esperto! — disse, amarga, a negra princesa de Alberia.

Sophie ergueu a cabeça.

— Que pistas? — perguntou.

Houve um confuso clamor quando pelo menos vinte princesas tentaram responder a Sophie ao mesmo tempo. Abdullah apurava os ouvidos para captar pelo menos uma das pistas, e Flor da Noite começava a se levantar para restaurar a ordem, quando o soldado disse em voz alta:

— Calem a boca, todas vocês!

Isso provocou um completo silêncio. Os olhos de cada uma daquelas princesas se voltaram para ele numa afronta real e paralisante.

O soldado achou isso muito divertido.

— Arrogantes! — disse ele. — Olhem para mim como quiserem, senhoras. Mas, ao fazê-lo, perguntem-se se, em algum momento, concordei em ajudá-las a escapar. Não. Por que deveria? Dalzel nunca me fez nenhum mal.

— Isso — disse a idosa princesa da Alta Norlanda — é porque ele ainda não o descobriu, meu bom homem. Quer esperar e ver o que acontece quando ele descobrir?

— Vou arriscar — disse o soldado. — Por outro lado, eu *posso* ajudar... e avalio que vocês não vão muito longe se eu não o fizer... contanto que uma de vocês possa fazer valer a pena.

Flor da Noite, equilibrada nos joelhos e pronta para se erguer, disse com linda altivez:

— Valer a pena em que sentido, servil mercenário? Todas nós temos pais muito ricos. Vão chover recompensas para você assim que eles nos tiverem de volta. Você quer a garantia de certa quantia de cada uma? Isso pode ser providenciado.

— E eu não diria não — replicou o soldado. — Mas não é a isso que me refiro, minha beldade. Quando comecei essa empreitada, prometeram-me que eu sairia com uma princesa para mim. É isso que eu quero... uma princesa para me casar. Uma de vocês tem de me aceitar. E, se não quiserem, então podem me excluir e eu irei fazer as pazes com Dalzel. Ele pode me empregar para vigiá-las.

Essas palavras provocaram um silêncio mais gelado, afrontado e real do que antes, se é que isso era possível, até que Flor da Noite se recompôs e ficou de pé novamente.

— Minhas amigas — começou ela —, precisamos da ajuda deste homem... ao menos por sua astúcia cruel e vil. O que não queremos é ter uma fera como esta nos vigiando. Portanto, voto que lhe seja permitido escolher uma esposa entre nós. Alguém discorda?

Era evidente que todas as outras princesas discordavam veementemente. Outros olhares gélidos foram lançados ao soldado, que sorriu e disse:

— Se eu for até Dalzel e me oferecer para vigiar vocês, fiquem certas de que *nunca* escaparão. Eu sou capaz de todos os truques. Não é verdade?

— perguntou ele a Abdullah.

— É verdade, ardiloso cabo — respondeu Abdullah.

Ouviu-se um leve murmúrio vindo da diminuta princesa.

— Ela diz que já é casada... aqueles catorze filhos, você sabe — disse a princesa idosa, que pareceu compreender o murmúrio.

— Então, que todas que ainda não são casadas, por favor, levantem as mãos — disse Flor da Noite e, com grande determinação, levantou a própria mão.

Hesitante e relutantemente, dois terços das outras princesas também ergueram as mãos. A cabeça do soldado voltou-se lentamente à medida que as olhava, e a expressão no rosto dele fez lembrar a Abdullah a de Sophie quando, como Meia-Noite, estava prestes a se banquetear com o salmão e o creme. O coração de Abdullah quase parou à medida que os olhos azuis do homem passeavam de princesa em princesa. Era óbvio que ele escolheria Flor da Noite. A beleza dela sobressaía como um lírio à luz da lua.

— Você — disse o soldado afinal, e apontou. Para perplexidade e alívio de Abdullah, ele apontava para a princesa Beatriz.

Ela estava igualmente perplexa.

— *Eu?* — perguntou.

— Sim, você — disse o soldado. — Sempre sonhei com uma bela princesa mandona e objetiva como você. O fato de você ser de Estrângia também a torna ideal.

O rosto da princesa Beatriz havia adquirido o tom de uma beterraba. E isso não ajudava em nada sua aparência.

— Mas... mas... — disse ela, e então se recompôs. — Meu bom soldado, informo-lhe que esperam que eu me case com o príncipe Justin de Ingary.

— Então vai ter de dizer a ele que está comprometida — disse o soldado. — Política, não é isso? Parece-me que você vai ficar contente em se livrar dessa situação.

— Bem, eu... — começou a princesa Beatriz. Para surpresa de Abdullah, havia lágrimas nos olhos dela e ela teve de recomeçar. — Você não está falando *sério*! — disse ela. — Eu não sou bonita nem nada dessas coisas.

— Isso me serve perfeitamente — replicou o soldado. — O que eu faria com uma princesinha linda e frágil? Posso ver que você me apoiaria

em qualquer esquema que eu tramasse... e aposto que pode cerzir meias também.

— Acredite ou não, eu sei cerzir — disse a princesa Beatriz. — E remendar botas também. Você está falando sério *mesmo*?

— Sim — disse o soldado.

Os dois haviam girado o corpo para ficarem de frente um para o outro e estava evidente que ambos falavam totalmente a sério. E as outras princesas de alguma forma haviam esquecido de ser frias e majestosas. Todas se inclinavam para a frente, observando com um sorriso terno e aprovador. O mesmo sorriso estampava o rosto de Flor da Noite quando ela disse:

— Agora podemos continuar nossa discussão, se ninguém tiver objeções...

— Eu... — disse Jamal. — Eu faço uma objeção.

Todas as princesas gemeram. O rosto de Jamal estava quase tão vermelho quanto o da princesa Beatriz e seu único olho estava revirado... mas o exemplo do soldado lhe dera coragem.

— Adoráveis senhoras — disse ele —, estamos assustados, eu e meu cachorro. Até sermos sequestrados e trazidos para cá a fim de cozinhar para vocês, estávamos em fuga no deserto com os camelos do sultão nos nossos calcanhares. Não queremos ser mandados de volta àquilo. Mas se todas vocês, princesas perfeitas, fugirem daqui, o que faremos? Djins não comem o tipo de comida que sei fazer. Sem desmerecer ninguém, se eu ajudar vocês a fugir, meu cachorro e eu estaremos desempregados. É simples assim.

— Oh, não — disse Flor da Noite, e parecia não saber o que mais dizer.

— Que vergonha. Ele é um ótimo cozinheiro — observou uma princesa rechonchuda num vestido vermelho solto, que provavelmente era a princesa de Inhico.

— Certamente que sim! — disse a idosa princesa da Alta Norlanda. — Estremeço só de lembrar da comida que aqueles djins roubavam para nós até ele chegar. — Ela se voltou para Jamal. — Meu avô teve um cozinheiro de Rashpuht — disse ela — e, até você vir para cá, eu nunca havia provado nada como a lula frita daquele homem! E a sua é ainda melhor. Você nos ajuda a fugir, meu homem, e eu o emprego de imediato, com cachorro e tudo. Mas — acrescentou enquanto um sorriso iluminava o rosto coriáceo de Jamal —, por favor, lembre-se de que meu velho pai

reina sobre um principado muito pequeno. Você vai ter casa e comida, mas não posso oferecer um grande salário.

O largo sorriso permaneceu fixo no rosto de Jamal.

— Minha excelente senhora — disse ele —, não é salário o que eu quero, apenas segurança. Por isso vou preparar para a senhora comida de anjos.

— Hum — disse a idosa princesa. — Não sei muito bem o que aqueles anjos comem... mas está decidido então. Vocês dois querem alguma coisa antes de ajudar?

Todos olharam para Sophie.

— Na verdade, não — disse Sophie, um tanto triste. — Já tenho Morgan, e como Howl não parece estar aqui, não há mais nada de que eu precise. Vou ajudá-las de qualquer forma.

Todos olharam então para Abdullah.

Ele ficou de pé e fez uma mesura.

— Ó, luas dos olhos de tantos monarcas — disse ele —, longe de alguém tão indigno quanto eu impor qualquer tipo de condição para a minha ajuda a alguém como vocês. A ajuda oferecida gratuitamente é a melhor, como nos dizem os livros. — Ele tinha chegado a esse ponto de seu discurso magnífico e generoso quando percebeu que aquilo era tudo bobagem. *Havia* algo que queria... na verdade, queria muito. Então rapidamente mudou sua linha de ação. — E gratuitamente será dada minha ajuda — disse ele —, assim como o vento sopra ou a chuva molha as flores. Eu me esforçarei até a morte por suas nobres vidas e imploro em retorno apenas um pequeno obséquio, muito simplesmente concedido...

— Ande logo com isso, rapaz! — disse a princesa da Alta Norlanda. — O que você quer?

— Uma conversa de cinco minutos em particular com Flor da Noite — admitiu Abdullah.

Todos olharam para Flor da Noite. Sua cabeça levantou-se, um tanto perigosamente.

— Vamos, Flor! — disse a princesa Beatriz. — Cinco minutos não vão matá-la!

Flor da Noite parecia convencida de que poderia matá-la, sim. E disse, como uma princesa a caminho da execução:

— Muito bem — e, com um olhar mais gelado do que antes na direção de Abdullah, perguntou: — Agora?

— Quanto antes melhor, pomba do meu desejo — disse ele, curvando-se com firmeza.

Flor da Noite assentiu gelidamente e marchou para a lateral da sala, parecendo de fato uma mártir.

— Aqui — disse ela, enquanto Abdullah a seguia.

Ele tornou a curvar-se, ainda com mais firmeza.

— Eu disse em particular, ó motivo estrelado dos meus suspiros — observou ele.

Irritada, Flor da Noite puxou de lado uma das cortinas que pendia ao lado dela.

— É provável que elas ainda possam ouvir — disse com frieza, acenando para que ele a seguisse.

— Mas não podem ver, princesa da minha paixão — afirmou Abdullah, passando por trás da cortina.

Ele se viu numa minúscula alcova. A voz de Sophie lhe chegava com nitidez.

— Esse é o tijolo solto onde eu costumava esconder dinheiro. Espero que eles tenham *espaço*.

O que quer que o lugar tenha sido antes, agora parecia ser o armário das princesas. Havia um casaco de montaria pendurado atrás de Flor da Noite, que de braços cruzados encarava Abdullah. Capas, jaquetas e um manto que evidentemente era usado debaixo do traje vermelho solto usado pela princesa de Inhico balançavam à volta de Abdullah, que fitava Flor da Noite. Ainda assim, refletiu Abdullah, aqui não era muito menor ou mais entulhado do que sua tenda em Zanzib, que, no entanto, costumava oferecer privacidade suficiente.

— O que você queria dizer? — perguntou com frieza Flor da Noite.

— Perguntar a razão dessa sua frieza! — respondeu, inflamado, Abdullah. — O que foi que eu fiz para que você mal me olhe e mal fale comigo? Não vim aqui expressamente para resgatá-la? Entre todos os namorados frustrados, não fui eu que desafiei todos os perigos a fim de chegar a este castelo? Não passei pelas mais árduas aventuras, permitindo que seu pai me ameaçasse, o soldado me enganasse e o gênio zombasse de mim, só com o intuito de lhe trazer o meu auxílio? O que mais eu tenho de fazer? Ou devo concluir que você se apaixonou por Dalzel?

— *Dalzel!* — exclamou Flor da Noite. — Agora você está me insultando! Você junta insulto à mágoa! Agora vejo que Beatriz estava

certa e que você de fato não me ama!

— *Beatriz!* — trovejou Abdullah. — O que *ela* tem a dizer sobre o que eu sinto?

Flor da Noite deixou a cabeça pender um pouco, embora parecesse mais amuada que envergonhada. Fez-se um silêncio absoluto. Na verdade, o silêncio era tão completo que Abdullah percebeu que os sessenta ouvidos das outras trinta princesas... não, 68 ouvidos, caso se contassem Sophie, o soldado, Jamal e o cão, e se presumisse que Morgan estivesse dormindo — seja como for, que todos esses ouvidos estavam naquele momento voltados inteiramente para o que ele e Flor da Noite diziam.

— Conversem entre si! — gritou ele.

O silêncio tornou-se constrangedor. E foi quebrado pela idosa princesa, que disse:

— A coisa mais angustiante de estar aqui acima das nuvens é que não existe o *tempo* para conversarmos sobre ele.

Abdullah esperou até esse comentário ser seguido por um relutante zumbido de outras vozes e voltou-se para Flor da Noite.

— E então? O que foi que a princesa Beatriz disse?

Flor da Noite ergueu a cabeça com altivez.

— Ela disse que retratos de outros homens e belos discursos estavam muito bem, mas que ela não podia deixar de notar que você não fez a menor tentativa de me beijar.

— Mulher impertinente! — exclamou Abdullah. — Quando vi você pela primeira vez, achei que fosse um sonho. Achei que você se dissolveria.

— Mas — disse Flor da Noite —, da segunda vez que me viu, parecia bastante seguro de que eu era real.

— Decerto — replicou Abdullah —, mas então teria sido injusto, porque, caso se lembre, até então você não tinha visto nenhum outro homem vivo, a não ser seu pai e eu.

— Beatriz diz que homens que não fazem nada além de belos discursos dão péssimos maridos.

— *Com os diabos* à princesa Beatriz! — disse Abdullah. — O que *você* acha?

— Eu acho — respondeu Flor da Noite —, *eu* acho que queria saber por que você me achou tão sem atrativos que não valia a pena me beijar.

— *EU NÃO achei você sem atrativos!* — vociferou Abdullah. Então ele se lembrou dos 68 ouvidos além da cortina e acrescentou num sussurro feroz: — Se quer saber, eu... eu nunca tinha beijado uma jovem na minha vida, e você é linda demais para que eu quisesse fazer errado!

Um breve sorriso, anunciado por uma covinha funda, passou pelos lábios de Flor da Noite.

— E quantas jovens já beijou desde então?

— Nenhuma! — grunhiu Abdullah. — Ainda sou um completo amador!

— Eu também — admitiu Flor da Noite. — Mas pelo menos agora sei o bastante para não confundi-lo com uma mulher. Aquilo foi muito estúpido!

Ela deu uma risada gorgolejante. Abdullah deu outra. Logo logo ambos estavam rindo com vontade, até que Abdullah arfou:

— Acho que devemos praticar!

Depois disso, fez-se silêncio por trás da cortina. Esse silêncio se prolongou tanto que todas as princesas esgotaram seu estoque de conversa fiada, exceto a princesa Beatriz, que parecia ter muito para falar ao soldado. Por fim, Sophie gritou:

— Vocês dois já acabaram?

— Certamente — responderam Flor da Noite e Abdullah. — Sim!

— Então vamos traçar alguns planos — disse Sophie.

Planos não eram problema para Abdullah no estado de espírito em que se encontrava. Ele surgiu de trás da cortina segurando a mão de Flor da Noite e, se o castelo tivesse desaparecido naquele momento, ele sabia que poderia ter caminhado nas nuvens, ou no caso de estas não estarem lá, no ar. Assim, ele atravessou o que parecia um piso de mármore muito indigno e simplesmente assumiu o comando.



CAPÍTULO VINTE

No qual a vida de um djim é encontrada e depois desaparece

Dez minutos depois, Abdullah dizia:

— Pronto, pessoas muito eminentes e inteligentes, nossos planos estão traçados. Só falta o gênio...

A fumaça púrpura fluiu da lâmpada e avançou em ondas agitadas pelo piso de mármore.

— Vocês não me usem! — gritou o gênio. — Eu disse sapos e são sapos *mesmo*! Hasrue! me colocou nesta lâmpada, vocês não compreendem? Se eu fizer algo contra ele, vai me colocar num lugar ainda pior!

Sophie ergueu a cabeça e franziu a testa ao ver a fumaça.

— Existe mesmo um gênio!

— Mas eu só peço seus poderes de adivinhação para me dizer onde a vida de Hasrue! está escondida — explicou Abdullah. — Não estou pedindo que atenda um desejo.

— *Não!* — gemeu a fumaça malva.

Flor da Noite apanhou a lâmpada e a equilibrou em seu joelho. A fumaça descia em lufadas e parecia tentar infiltrar-se nas rachaduras do piso de mármore.

— Parece coerente — disse Flor da Noite — que, como todos os homens a quem pedimos ajuda deram seu preço, então o gênio também tenha o dele. Essa deve ser uma característica masculina. Gênio, se concordar em ajudar Abdullah nessa questão, eu lhe prometo o que a lógica me garante ser a recompensa correta.

De má vontade, a fumaça malva começou a recuar de volta à garrafa.

— Ah, está bem — disse o gênio.

Dois minutos depois, a cortina enfeitada na porta do quarto das princesas foi puxada para um lado e todos passaram para o grande saguão, fazendo um alarido para chamar a atenção de Dalzel e arrastando Abdullah entre eles, como um indefeso prisioneiro.

— Dalzel! Dalzel! — clamavam as trinta princesas. — É *assim* que nos protege? Devia ter vergonha de si mesmo!

Dalzel ergueu a cabeça. Estava inclinado sobre a lateral de seu imenso trono jogando xadrez com Hasrue!. Ele recuou um pouco diante do que viu e fez sinal ao irmão para que levasse o tabuleiro de xadrez. Felizmente, o grupo de princesas era compacto demais para que ele percebesse Sophie e a *jharine* de Jham em meio a elas, embora seus olhos adoráveis tenham recaído sobre Jamal e se estreitado com o espanto.

— O que foi *agora*? — perguntou ele.

— Um *homem* em nosso quarto! — gritaram as princesas. — Um *homem* medonho, terrível!

— Que homem? — trombeteou Dalzel. — Que homem ousaria?

— *Este aqui!* — gritaram, estridentes, as princesas.

Abdullah foi arrastado para a frente, entre a princesa Beatriz e a princesa de Alberia, muito vergonhosamente vestido em nada mais do que o manto que estivera pendurado atrás da cortina. Este manto era parte essencial do plano. Duas das coisas que estavam ocultas sob ele eram a lâmpada do gênio e o tapete mágico. Abdullah ficou feliz de ter tomado essas precauções quando Dalzel o fuzilou com o olhar. Ele não sabia antes que os olhos de um djim podiam de fato chamejar. Os olhos de Dalzel eram como duas fornalhas azuladas.

O comportamento de Hasrueel deixou Abdullah ainda mais constrangido. Um sorriso vil espalhou-se pelas enormes feições de Hasrueel e ele disse:

— Ah! Você de novo! — Então cruzou os imensos braços e lançou-lhe um olhar sarcástico.

— Como este sujeito entrou aqui? — indagou Dalzel em sua voz de trombeta.

Antes que qualquer um pudesse responder, Flor da Noite desempenhou seu papel no plano irrompendo dentre as outras princesas e atirando-se graciosamente nos degraus do trono.

— Tenha misericórdia, grande djim! — gritou ela. — Ele só veio me salvar!

Dalzel riu desdenhosamente.

— Então o sujeito é um tolo. Vou jogá-lo direto de volta à Terra.

— Faça isso, grande djim, e eu nunca mais vou deixá-lo em paz! — declarou Flor da Noite.

Ela não estava representando. Falava sério. Dalzel sabia disso. Um calafrio percorreu seu corpo magro e pálido e seus dedos com garras douradas agarraram os braços do trono. Seus olhos, porém, ainda chamejavam de fúria.

— Eu faço o que eu quero! — trombeteou ele.

— Então deseje ser misericordioso! — gritou Flor da Noite. — Dê-lhe pelo menos uma chance!

— Fique quieta, mulher! — berrou Dalzel. — Eu ainda não me decidi. Primeiro quero saber como ele conseguiu entrar aqui.

— Disfarçado como o cachorro do cozinheiro, é óbvio — disse a princesa Beatriz.

— E inteiramente nu quando se transformou em homem! — exclamou a princesa de Alberia.

— Um escândalo! — disse a princesa Beatriz. — Tivemos de cobri-lo com o manto da princesa de Inhico.

— Tragam-no para mais perto — ordenou Dalzel.

A princesa Beatriz e sua assistente puxaram Abdullah na direção dos degraus do trono, ele caminhando com passos miúdos que ele torcia para que os djins atribuissem ao manto. A razão, de fato, era que a terceira coisa debaixo do manto era o cão de Jamal. Ele estava preso com firmeza entre os joelhos de Abdullah, para o caso de tentar escapar. Essa parte do plano tornava necessário que não houvesse cachorro, e nenhuma das princesas confiava que Dalzel não fosse mandar Hasruel à procura dele e provar que todos estavam mentindo.

Dalzel olhou feroz para Abdullah, e este torceu muito para que Dalzel de fato quase não tivesse poderes próprios. Hasruel havia chamado o irmão de fraco. Mas ocorreu a Abdullah que mesmo um djim fraco era várias vezes mais forte do que um homem.

— Você veio aqui na forma de um cachorro? — trombeteou Dalzel. — Como?

— Por magia, grande djim — disse Abdullah. Ele tinha tencionado dar uma detalhada explicação nesse ponto, mas, debaixo do manto, uma luta oculta se desenrolava. O cão de Jamal veio a odiar djins mais do que odiava a maior parte da raça humana. Ele queria pegar Dalzel. — Eu me disfarcei como o cachorro do seu cozinheiro — começou Abdullah a explicar. Nesse ponto, o cão de Jamal estava tão ávido de ir atrás de Dalzel que Abdullah temia que ele se soltasse. Então foi forçado a apertar os joelhos com mais força. A resposta do cachorro foi um imenso rosnado. — Desculpe-me! — ofegou Abdullah. O suor porejava em sua testa. — Ainda tenho tanto de cachorro em mim que não posso evitar rosnar de vez em quando.

Flor da Noite percebeu que Abdullah estava em apuros e irrompeu em lamentações.

— Ó, mais nobre dos príncipes! Suportar a forma de um cão por minha causa! Poupe-o, nobre djim! Poupe-o!

— Fique quieta, mulher — disse Dalzel. — Onde está aquele cozinheiro? Traga-o aqui para a frente.

Jamal foi arrastado adiante pela princesa de Farqtan e a herdeira de Thayack, torcendo as mãos e encolhendo-se.

— Honrado djim, eu não tive nada a ver com isso, juro! — gemeu Jamal. — Não me machuque! Eu não sabia que ele não era um cachorro de verdade! — Abdullah podia jurar que Jamal estava num estado de verdadeiro terror. Talvez estivesse mesmo, mas ainda assim teve a presença de espírito de afagar a cabeça de Abdullah. — Um bom cão — disse ele. — Bom companheiro. — Depois disso ele se jogou no chão e rastejou pelos degraus do trono à maneira de Zanzib. — Eu sou inocente, grandioso! — choramingou. — Inocente! Não me machuque!

O cão se acalmou com a voz do dono. Seus rosnados cessaram. Abdullah pôde relaxar um pouco os joelhos.

— Também sou inocente, ó colecionador de donzelas reais — disse Abdullah. — Só vim resgatar aquela que eu amo. Você certamente se sentirá indulgente em relação à minha devoção, posto que ama tantas princesas!

Dalzel esfregou o queixo com perplexidade.

— Amar? — perguntou ele. — Não, não posso dizer que amo. Não consigo entender como *uma coisa* pode fazer alguém se colocar em sua posição, mortal.

Hasruel, enorme e escuro acorado ao lado do trono, sorriu com mais vilania do que nunca.

— O que você quer que eu faça com a criatura, irmão? — ribombou ele. — Assá-lo? Extrair-lhe a alma e torná-la parte do piso? Despedaçá-lo...?

— Não, não! Seja misericordioso, grande Dalzel! — gritou Flor da Noite prontamente. — Dê-lhe pelo menos uma chance! Se concordar, nunca mais vou lhe fazer perguntas, me queixar ou fazer um sermão. Serei dócil e educada!

Dalzel agarrou o queixo de novo e pareceu inseguro. Abdullah sentia-se aliviado. Dalzel era de fato um djim fraco — de caráter pelo menos.

— Se eu fosse lhe dar uma chance... — começou ele.

— Se quiser meu conselho, irmão — interveio Hasruel —, não faça isso. É muito astuto, esse daí.

Com isso, Flor da Noite emitiu outro grande gemido e começou a bater no peito. Abdullah gritou em meio ao barulho:

— Deixe-me tentar adivinhar onde escondeu a vida do seu irmão, grande Dalzel. Se eu não conseguir, você me mata, se eu acertar, você me deixa ir em paz.

Isso divertiu Dalzel. Sua boca se abriu, revelando dentes prateados pontiagudos, e sua risada ressoou pelo saguão enevoadado como uma fanfarra de trombetas.

— Mas você nunca vai adivinhar, pequeno mortal! — riu ele. E, como as princesas haviam repetidamente assegurado a Abdullah, Dalzel era incapaz de resistir à tentação de dar pistas. — Eu escondi essa vida tão habilmente — disse ele, alegre — que você pode olhar para ela e não a ver. Hasruel não pode vê-la, e ele é um djim. Então, que esperança você tem? Mas acho que, pela diversão, vou lhe dar três chances antes de matá-lo. Comece, pois. Onde foi que escondi a vida do meu irmão?

Abdullah lançou um rápido olhar para Hasruel, perguntando-se se o djim resolveria interferir. Mas Hasruel manteve-se ali abaixado, inescrutável. Até aqui, o plano corria bem. Era do interesse de Hasruel não interferir. Abdullah contava com isso. Ele firmou os joelhos no chão e puxou o manto, enquanto fingia pensar. O que ele estava fazendo de fato era sacudir a lâmpada do gênio.

— Minha primeira tentativa, grande djim... — disse ele e fitou o piso, como se a pedra verde pudesse inspirá-lo. Será que o gênio voltaria atrás em sua palavra? Por um momento assustador e angustiante, Abdullah pensou que o gênio o havia decepcionado, como de hábito, e que ele teria de arriscar adivinhar por conta própria. Então, para seu grande alívio, viu um minúsculo filete de fumaça púrpura rastejar de sob o manto, onde ficou, imóvel e alerta, ao lado do pé descalço de Abdullah. — Minha primeira tentativa é de que você escondeu a vida de Hasruel na Lua — disse Abdullah.

Dalzel riu, encantado.

— Errado! Ele a teria encontrado lá! Não, é muito mais óbvio do que isso, e muito *menos* óbvio. Pense no jogo do anel, mortal!

Isso indicou a Abdullah que a vida de Hasruel estava aqui no castelo, como a maioria das princesas acreditava. Ele fingiu que se esforçava para

pensar.

— Minha segunda tentativa é que você a deu a um dos servos-anjos para guardar — disse ele.

— Errado outra vez! — disse Dalzel, divertindo-se mais do que nunca. — Os anjos a teriam devolvido imediatamente. É *muito* mais esperto do que isso, pequeno mortal. Você nunca vai adivinhar. É impressionante como ninguém consegue ver o que está embaixo de seu nariz!

Com isso, num arroubo de inspiração, Abdullah teve certeza de que sabia onde a vida de Hasrueel estava de fato. Flor da Noite o amava. Ele ainda estava andando nas nuvens. Sua mente estava inspirada e ele sabia. Mas sentia um medo mortal de errar. Quando dali a pouco chegasse a hora de tomar nas suas mãos a vida de Hasrueel, ele sabia que teria de ir direto a ela, pois Dalzel não lhe daria uma segunda chance. Era por isso que precisava que o gênio confirmasse seu palpite. O filete de fumaça ainda estava lá, quase invisível, e, se Abdullah tinha adivinhado, o gênio certamente saberia também.

— Hã... — murmurou Abdullah. — Hum...

O filete de fumaça insinuou-se silenciosamente de volta ao manto e enfunou-se lá embaixo, onde deve ter feito cócegas no nariz do cão de Jamal. O animal espirrou.

— Atchim! — gritou Abdullah, e quase abafou o fio de voz do gênio sussurrando:

— *É no anel no nariz de Hasrueel!*

— Atchim! — repetiu Abdullah e fingiu errar seu palpite. Era nesse ponto que seu plano se mostrava nitidamente arriscado. — A vida do seu irmão está num dos seus dentes, grande Dalzel.

— *Errado!* — trombeteou Dalzel. — Hasrueel, asse-o!

— Poupe-o! — gemeu Flor da Noite quando Hasrueel, todo desgosto e decepção, começou a se levantar.

As princesas estavam prontas para esse momento. Dez mãos reais instantaneamente ergueram a princesa Valeria, passando-a do aglomerado para os degraus do trono.

— *Eu quero o meu cachorrinho!* — anunciou Valeria.

Esse era seu grande momento. Como Sophie havia salientado para a menina, ela havia encontrado trinta novas tias e três novos tios, e todos lhe pediam que gritasse o mais que pudesse. Ninguém antes tinha *desejado* que ela gritasse. Além disso, todas as novas tias lhe prometeram uma

caixa de guloseimas se fizesse uma boa pirraça. Trinta caixas. Valia o melhor que ela pudesse fazer. Sua boca formou um quadrado. Ela expandiu o peito. E deu tudo de si.

— *EU QUERO MEU CACHORRINHO! EU NÃO QUERO ABDULLAH! EU QUERO MEU CACHORRO DE VOLTA!* — Ela se jogou nos degraus do trono, caiu sobre Jamal, pôs-se de pé novamente e lançou-se em direção ao trono. Dalzel sem demora ficou de pé no assento do trono a fim de sair do seu caminho. — *ME DÁ MEU CACHORRINHO!* — gritava Valeria.

Naquele exato momento, a diminuta princesa asiática de Tsapfan deu um beliscão em Morgan, no lugar certo. Ele, que dormia em seus braços minúsculos, sonhando que era um gatinho outra vez, acordou com um susto e descobriu que ainda era um bebê indefeso. Sua fúria não conhecia limites. Ele abriu a boca e rugiu. Seus pés pedalavam com raiva. Suas mãos socavam o ar. E seus rugidos eram tão fortes que, fosse aquela uma competição entre ele e Valeria, Morgan provavelmente teria ganhado. Assim, o barulho era indescritível. Os ecos no saguão o captavam, dobravam os gritos e os lançavam de volta ao trono.

— Ecoem para aqueles djins — ia dizendo Sophie em sua maneira mágica e falada. — Não dobrem apenas. *Tripliquem*.

O saguão era um hospício. Ambos os djins cobriam os ouvidos pontudos com as mãos. Dalzel gritava:

— Parem! Parem todos! De onde veio este bebê?

A que Hasruel berrou:

— As mulheres têm bebês, tolo djim! O que você esperava?

— *EU QUERO MEU CACHORRINHO DE VOLTA!* — insistia Valeria, batendo no assento do trono com os punhos.

A voz de trombeta de Dalzel lutava para se fazer ouvir.

— *Dê a ela um cachorrinho, Hasruel, senão eu mato você!*

Nesse estágio dos planos de Abdullah ele havia, confiante, esperado — se não tivesse sido morto até então — que o transformassem num cão. Era para isso que estava preparando o caminho. Isso, ele havia calculado, também libertaria o cachorro de Jamal. Ele tinha contado com a visão não de um cão, mas de dois, saindo em disparada de baixo do manto, para aumentar a confusão. Hasruel, no entanto, estava tão perturbado pelos gritos, e os ecos triplos dos gritos, quanto o irmão. Ele se virou para um lado e para o outro, segurando os ouvidos e gritando de dor, o retrato de

um djim que não sabia o que fazer. Por fim, cruzou as grandes asas e transformou-se ele mesmo num cachorro.

Era um cachorro enorme, algo entre um burro e um buldogue, com manchas marrons e cinza, e um anel dourado no focinho. Esse cão imenso pôs as gigantescas patas dianteiras no braço do trono e esticou a língua enorme e babona na direção do rosto de Valeria. Hasrue! tentava parecer amistoso. Mas à visão de algo tão grande e tão feio, Valeria, naturalmente, gritou com mais força do que antes. O barulho assustou Morgan, que gritou mais alto também.

Por um momento Abdullah ficou bastante inseguro sobre o que fazer, e então teve certeza de que ninguém o ouviria gritar.

— *Soldado!* — chamou ele. — Segure Hasrue! Alguém segure Dalzel!

Felizmente o soldado estava alerta. E era bom nisso. A *jharine* de Jham desapareceu num farfalhar de roupas velhas e o soldado subiu aos saltos os degraus do trono. Sophie o seguiu correndo, acenando para as princesas. Ela atirou os braços em torno dos joelhos esguios e brancos de Dalzel enquanto o soldado envolvia com os braços vigorosos o pescoço do cachorro. As princesas subiram precipitadamente os degraus atrás deles, onde a maioria se atirou sobre Dalzel também, com o ar de princesas com sede de vingança — todas, exceto a princesa Beatriz, que arrastou Valeria, tirando-a do meio do alvoroço, e deu início à difícil tarefa de fazê-la calar-se. A diminuta princesa de Tsapfan, enquanto isso, sentava-se calmamente no piso de pedra, embalando Morgan de volta ao sono.

Abdullah tentou correr na direção de Hasrue! Mas, assim que ele se moveu, o cão de Jamal aproveitou a oportunidade e fugiu. Ele saiu de sob o manto da princesa e encontrou uma luta em andamento. Ele adorava lutas. E também viu outro cachorro. Se isso fosse possível, ele odiava cães mais ainda do que djins ou a raça humana. Não importava o tamanho do cão. Ele disparou rosnando para o ataque. Enquanto Abdullah ainda tentava se livrar do manto, o cachorro de Jamal saltou para a garganta de Hasrue!.

Isso foi demais para o djim, já assediado pelo soldado. Então ele voltou a ser um djim. E fez um gesto enfurecido. O cachorro foi lançado voando e aterrisou de cabeça, com um ganido, no outro lado do saguão. Depois disso, Hasrue! tentou se levantar, mas o soldado a essa altura estava em suas costas, impedindo-o de abrir as asas coriáceas. Hasrue! tentava se levantar e desvencilhar-se dele.

— Mantenha a cabeça baixa, Hasrue! , eu o conjuro! — gritou Abdullah, livrando-se por fim do manto. Ele subiu aos saltos os degraus, usando nada mais do que uma tanga, e agarrou a grande orelha esquerda de Hasrue! . Nesse momento, Flor da Noite compreendeu onde estava a vida de Hasrue! e, para júbilo de Abdullah, ela saltou e pendurou-se na orelha direita do djim. E ali eles ficaram, sendo erguidos no ar uma vez ou outra, quando Hasrue! levava vantagem sobre o soldado, e atirados contra o chão quando o soldado levava vantagem sobre Hasrue! , tendo os braços retesados do soldado envolvendo o pescoço do djim ao lado deles e a imensa e horrenda cara de Hasrue! entre eles.

Os gritos de trombeta de Dalzel pareceram inspirar Hasrue! , que começou a levar a melhor sobre o soldado. Abdullah tentou soltar uma das mãos de modo que pudesse alcançar a argola dourada sob o nariz adunco de Hasrue! . Abdullah soltou a mão esquerda. Mas a direita estava suando e escorregando da orelha do djim. Ele tentou se agarrar — desesperadamente — antes de cair.

Ele havia planejado tudo sem o cachorro de Jamal. Depois de ficar caído, tonto, por quase um minuto, o cão se levantou, mais furioso do que nunca e cheio de ódio por djins. Ele viu Hasrue! e reconheceu o inimigo. Atravessou o saguão em disparada, rosnando, os pêlos da nuca eriçados, passando pela diminuta princesa e por Morgan, passando pela princesa Beatriz e por Valeria, em meio às princesas remoinhando em torno do trono, passando pela figura agachada de seu dono, e saltou para a parte do djim mais fácil de alcançar. Abdullah recolheu a mão na hora H.

NHAC!, fizeram os dentes do cão. *Gulp*, fez a garganta do cão. Depois disso, um olhar confuso cruzou a cara do cachorro, que desabou no chão, soluçando nervosamente. Hasrue! uivou de dor e pôs-se de pé num salto, com ambas as mãos segurando o nariz. O soldado foi arremessado ao chão. Abdullah e Flor da Noite foram lançados um para cada lado. Abdullah mergulhou na direção do cão que soluçava, mas Jamal chegou a ele primeiro e o ergueu ternamente.

— Pobre cachorrinho, meu pobre cachorrinho! Fique bom logo! — murmurou ele, descendo cuidadosamente os degraus com ele.

Abdullah arrastou com ele o soldado atordoado e os dois se puseram diante de Jamal.

— Parem, todos! — gritou ele. — Dalzel, eu o conjuro a parar! Nós temos a vida de seu irmão!

A luta no trono cessou. Dalzel deteve-se com as asas abertas e os olhos novamente como fomalhas.

— Eu não acredito em você — disse ele. — Onde está?

— Dentro do cachorro — respondeu Abdullah.

— Mas só até amanhã — disse Jamal em tom tranquilizador, pensando apenas em seu cão soluçante. — Ele tem um estômago irritável por comer lula demais. Sinta-se grato...

Abdullah lhe deu um chute para fazê-lo calar-se.

— O cachorro comeu o anel no nariz de Hasrue! — disse ele.

A consternação no rosto de Dalzel indicou-lhe que o gênio tinha razão. Ele havia acertado.

— Oh! — exclamaram as princesas. Todos os olhos se voltaram para Hasrue!, imenso e encurvado, com lágrimas nos olhos abrasadores e as duas mãos no nariz. Sangue de djim, que era transparente e esverdeado, pingava entre os enormes dedos semelhantes a chifres.

— Eu *debia* saber — disse Hasrue!, desolado. — *Estava* bem debaixo do *beu dariz*.

A idosa princesa da Alta Norlanda desprendeuse da multidão em torno do trono, procurou na manga e estendeu a mão com um lençinho rendado para Hasrue!.

— Tome — disse ela. — Nada de rancor.

Hasrue! apanhou o lenço com um reconhecido “Obrigado” e pressionou-o contra a ponta rasgada do seu nariz. O cão não comera muito além da argola. Tendo secado o local com cuidado, Hasrue! ajoelhou-se pesadamente e acenou para que Abdullah subisse os degraus até o trono.

— O que você quer que eu faça agora que sou bom outra vez? — perguntou ele, pesaroso.



CAPÍTULO VINTE E UM
No qual o castelo volta a terra

Abdullah não precisou pensar muito na pergunta de Hasrueel.

— Você deve exilar seu irmão, poderoso djim, para um lugar do qual ele não mais retorne — disse ele.

Dalzel imediatamente se desfez em lágrimas azuis.

— Não é justo! — lamentou-se ele, batendo o pé no trono. — Todo mundo está sempre contra mim! Você não me ama, Hasrueel! Você me enganou! Você nem fez força para se livrar daquelas três pessoas penduradas em você!

Abdullah sabia que Dalzel tinha razão nesse ponto. Conhecendo o poder de um djim, Abdullah tinha certeza de que Hasrueel poderia ter arremessado o soldado, sem mencionar ele mesmo e Flor da Noite, para os confins da Terra, se assim desejasse.

— Eu não estava fazendo mal nenhum! — gritou Dalzel. — Tenho o direito de me casar, não tenho?

Enquanto ele gritava e batia os pés, Hasrueel murmurou para Abdullah:

— Existe uma ilha errante no oceano ao sul, que só é encontrada uma vez a cada cem anos. Lá tem um palácio e muitas árvores frutíferas. Devo mandar meu irmão para lá?

— E agora você vai me mandar embora! — gritou Dalzel. — Nenhum de vocês se importa que eu vá ficar muito solitário!

— Por falar nisso — murmurou Hasrueel para Abdullah —, os parentes da primeira esposa de seu pai fizeram um pacto com os mercenários, que lhes permitiu fugir de Zanzib para escapar da ira do sultão, mas deixaram as duas sobrinhas para trás. O sultão aprisionou as duas infelizes garotas, pois elas eram seus parentes mais próximos que ele pôde encontrar.

— Terrível — disse Abdullah, vendo aonde Hasrueel queria chegar. — Quem sabe, poderoso djim, você não possa celebrar seu retorno à bondade mandando trazer as duas donzelas para cá?

A cara hedionda de Hasrueel iluminou-se. Ele ergueu a grande mão com garras. Ouviu-se um estrondo de trovão seguido por uns gritinhos de mulher, e as duas sobrinhas gordas surgiram diante do trono. Foi simples assim. Abdullah viu que Hasrueel estivera de fato contendo sua força antes. Fitando os grandes olhos oblíquos do djim — que ainda tinha lágrimas nos cantos por causa do ataque do cachorro —, viu que Hasrueel sabia que ele sabia.

— *Mais* princesas, não! — disse a princesa Beatriz, ajoelhada ao lado de Valeria, parecendo bastante atormentada.

— Não é o que parece, eu lhe asseguro — disse Abdullah.

As duas sobrinhas não podiam ter a aparência mais distante de princesas. Estavam vestidas com roupas velhas, rosa comum e amarelo dia a dia, rasgadas e manchadas, e o cabelo de ambas tinha perdido o frisado. Elas lançaram um olhar para Dalzel, que sapateava e chorava acima delas no trono, outro olhar para a imensa figura de Hasruel, e então um terceiro para Abdullah, vestido com nada mais que uma tanga, e as duas gritaram. Em seguida, ambas tentaram esconder o rosto no ombro gorducho da outra.

— Pobres garotas — disse a princesa da Alta Norlanda. — Dificilmente esse comportamento seria real.

— Dalzel! — gritou Abdullah para o djim que soluçava. — Belo Dalzel, caçador de princesas, fique quieto por um momento e olhe para o presente que eu lhe dou para levar com você para o exílio.

Dalzel parou no meio de um soluço.

— Presente?

Abdullah apontou.

— Contemple duas noivas, jovens e deleitáveis, urgentemente necessitadas de um noivo.

Dalzel enxugou lágrimas luminosas em seu rosto e examinou as sobrinhas de maneira muito semelhante à que os clientes mais cautelosos de Abdullah costumavam inspecionar seus tapetes.

— Um par à altura! — exclamou ele. — E deliciosamente gordas! Onde está a pegadinha? Por acaso você não tem direito sobre elas?

— Não tem nenhuma pegadinha, resplandecente djim — disse Abdullah. Parecia-lhe que, agora que os outros parentes das garotas as haviam abandonado, ele certamente podia determinar o seu destino. Mas, para estar a salvo de riscos, acrescentou: — Nada impede que você as roube, poderoso Dalzel. — Ele foi até as sobrinhas e deu tapinhas nos braços largos de ambas. — Senhoritas — começou ele —, luas cheias de Zanzib, que me perdoem aquele infeliz voto que me impede para sempre de desfrutar sua amplidão. Levantem a cabeça, porém, e olhem para o marido que lhes consegui em meu lugar.

As cabeças das sobrinhas se ergueram assim que ouviram a palavra *marido*. Elas olharam para Dalzel.

— Ele é tão bonito — disse a de rosa.

— Gosto deles com asas — disse a de amarelo. — É diferente.

— As presas são muito *sexy* — refletiu a de rosa. — E também as garras, desde que ele tenha cuidado com elas nos tapetes.

O sorriso radiante de Dalzel se alargava a cada comentário.

— Vou roubá-las imediatamente — disse ele. — Gosto mais delas que de princesas. Por que não colecionei damas gorduchas em vez de princesas, Hasruel?

Um sorriso afetuoso revelou as presas de Hasruel.

— Foi sua decisão, irmão. — O sorriso desapareceu. — Se estiver pronto, é meu dever mandá-lo para o exílio agora.

— Não me importo tanto agora — disse Dalzel, ainda com os olhos nas duas sobrinhas.

Hasruel tornou a estender a mão, lenta e pesarosamente, e devagar, em três longos ribombos de trovão, Dalzel e as duas sobrinhas desapareceram de vista. Sentiu-se um leve cheiro de mar e ouviu-se um leve barulho de gaivotas. Tanto Morgan quanto Valeria recomeçaram a chorar. Todos suspiraram – o suspiro de Hasruel o mais profundo. Abdullah percebeu com alguma surpresa que ele amava verdadeiramente o irmão. Embora fosse difícil compreender como alguém poderia amar Dalzel, Abdullah não podia culpá-lo. Quem sou eu para criticar?, pensou quando Flor da Noite subiu e passou o braço pelo dele.

Hasruel soltou um suspiro ainda mais profundo e sentou-se no trono — que se ajustava ao seu tamanho muito mais que ao de Dalzel — com as grandes asas pendendo tristemente para os lados.

— Há outra questão — disse ele, tocando com cautela o nariz, que parecia já estar sarando.

— Sim, certamente *há!* — disse Sophie. Ela estivera parada nos degraus do trono, à espera de sua chance de falar. — Quando você roubou nosso castelo animado, fez desaparecer meu marido, Howl. Onde ele está? Eu o quero de volta.

Hasruel ergueu a cabeça com tristeza, mas, antes que pudesse replicar, ouviram-se ruídos de alarme vindos das princesas. Todos que estavam ao pé da escada recuaram, afastando-se do manto da princesa de Inhico, que se abaulava e se avolumava como uma concertina.

— Socorro! — gritou o gênio lá dentro. — Deixe-me sair! Você prometeu!

Flor da Noite cobriu a boca com a mão.

— Oh! Eu me esqueci totalmente! — disse ela e afastou-se de Abdullah em disparada, descendo os degraus. Ela atirou o manto para um lado, em meio a um rolo de fumaça púrpura. — Eu desejo — gritou ela — que você seja libertado de sua lâmpada, gênio, e fique livre para sempre!

Como de hábito, o gênio não perdeu tempo com agradecimentos. A lâmpada explodiu com um ressonante estalo. Em meio aos rolos de fumaça, uma figura decididamente mais sólida se pôs de pé.

Sophie deu um grito diante da visão.

— Ah, abençoada garota! Obrigada, obrigada! — Ela chegou tão rapidamente à fumaça que se dissipava que quase derrubou o homem sólido que estava ali. Ele não pareceu se importar e ergueu Sophie do chão, rodopiando com ela repetidamente. — Ah, por que eu não *me dei conta*? Por que não *percebi*? — Sophie ofegava, cambaleando sobre o vidro quebrado.

— Porque esse era o encantamento — disse Hasruel, abatido. — Se soubessem que ele era o Mago Howl, alguém o teria libertado. Você não poderia saber quem ele era, tampouco ele poderia contar a ninguém.

O Mago Real Howl era mais jovem do que o Mago Suliman, e muito mais elegante. Estava ricamente vestido num traje de cetim malva, contra o qual seu cabelo exibia uma tonalidade um tanto improvável de amarelo. Abdullah fitou os olhos claros no rosto ossudo do mago. Ele tinha visto aqueles olhos numa manhã bem cedo. Devia ter adivinhado. Sentiu-se numa posição totalmente constrangedora. Ele havia usado o gênio e sentia que o conhecia muito bem. Isso significava que também conhecia o mago? Ou não?

Por essa razão, Abdullah não se juntou quando todos, inclusive o soldado, se reuniram em torno do Mago Howl, com exclamações e congratulações. Ele observou a diminuta princesa de Tsapfan andar em silêncio entre a multidão barulhenta e, com gravidade, colocar Morgan nos braços de Howl.

— Obrigado — disse Howl. — Achei que era melhor trazê-lo para cá, onde eu poderia ficar de olho nele — explicou para Sophie. — Desculpe-me se a assustei. — Howl parecia mais acostumado a segurar bebês do que Sophie. Ele embalou Morgan, acalmando-o e olhando para ele. Morgan o fitou de volta, um tanto maligno. — Nossa, como ele é feio! — exclamou Howl. — Tal pai, tal filho.

— *Howl!* — censurou-o Sophie, mas não parecia zangada.

— Um momento — pediu o mago. Ele avançou até os degraus do trono e olhou para Hasrueel. — Olhe aqui, djim — disse —, eu tenho uma questão para resolver com você. O que pretendia ao roubar meu castelo e me trancar numa garrafa?

Os olhos de Hasrueel se acenderam, ganhando um tom alaranjado de fúria.

— Mago, você imagina que seu poder é igual ao meu?

— Não — disse Howl. — Só quero uma explicação. — Abdullah pegou-se sentindo admiração pelo homem. Sabendo o quanto o gênio fora covarde, ele não tinha dúvidas de que Howl era uma geleia por dentro. Mas não dava o menor sinal disso. Ele ergueu Morgan sobre o ombro de seda malva e encarou Hasrueel.

— Muito bem — disse Hasrueel. — Meu irmão me ordenou que roubasse o castelo. Eu não tive alternativa. Mas Dalzel não deu nenhuma ordem a seu respeito, a não ser que eu me assegurasse de que você não pudesse roubar o castelo de volta. Fosse você um homem irrepreensível, eu simplesmente o teria transportado para a ilha onde meu irmão se encontra agora. Mas eu sabia que você estivera usando sua magia para conquistar um país vizinho...

— Isso não é justo! — exclamou Howl. — O rei me *ordenou*...! — Por um momento ele pareceu ser exatamente como Dalzel, e deve ter percebido isso. E se interrompeu. Refletiu e então disse, pesaroso: — Suponho que eu pudesse ter redirecionado a mente de Sua Majestade, se isso tivesse me ocorrido. Você está certo. Mas nunca me deixe pegá-lo numa situação em que eu possa colocar *você* numa garrafa, só isso.

— Talvez eu mereça — concordou Hasrueel. — E mereço ainda mais por ter me esmerado para que todos os envolvidos tivessem o destino mais conveniente que eu pudesse planejar. — Ele olhou de esguelha para Abdullah. — Não foi?

— De forma muito penosa, grande djim — concordou Abdullah. — TODOS os meus sonhos se realizaram, não só os agradáveis.

Hasrueel assentiu.

— E agora — disse ele — preciso deixá-los, assim que tiver executado mais um pequeno ato necessário. — Suas asas se ergueram e as mãos gesticularam. Instantaneamente ele estava em meio a um enxame de formas estranhas e aladas. Elas pairavam acima de sua cabeça e em volta

do trono como cavalos-marinhos transparentes, completamente em silêncio, a não ser pelo leve sussurro das asas batendo.

— Os anjos dele — explicou a princesa Beatriz à princesa Valeria.

Hasruel sussurrou para as formas aladas e elas partiram tão rapidamente quanto haviam aparecido só para reaparecer no mesmo enxame, sussurrando em torno da cabeça de Jamal. Este recuou, horrorizado, mas isso de nada serviu. O enxame o seguiu. Uma após outra, as formas aladas foram se empoleirar em diferentes partes do cão de Jamal. À medida que pousava, cada uma delas encolhia e desaparecia entre os pêlos do cachorro, até só restarem duas.

De repente Abdullah deparou com essas duas formas pairando no mesmo nível de seus olhos. Esquivou-se, mas as formas o seguiram. Duas vozes fracas e frias falaram, de uma forma que parecia destinar-se apenas a seus ouvidos.

— Depois de muito pensar — disseram —, chegamos à conclusão de que preferimos esta forma à de sapos. Pensamos na luz da eternidade e portanto lhe agradecemos. — Assim dizendo, as duas formas foram em disparada empoleirar-se no cão de Jamal, onde também se encolheram e desapareceram no pêlo emaranhado de suas orelhas.

Jamal fitava o cão em seus braços.

— Por que estou segurando um cachorro cheio de anjos? — indagou a Hasruel.

— Eles não vão prejudicar você ou sua fera — afirmou Hasruel. — Só vão esperar que a argola dourada reapareça. Amanhã, não foi o que você disse? Você deve estar vendo que estou naturalmente ansioso em não perder de vista a minha vida. Quando meus anjos a encontrarem, vão levá-la para mim, onde quer que eu esteja. — Ele suspirou, fundo o bastante para revolver o cabelo de todos ali. — E eu não sei onde estarei. Terei de encontrar algum lugar para me exilar nas longínquas profundezas. Eu fui perverso. Não posso mais me juntar às fileiras dos Djins do Bem.

— Ora, por favor, grande djim! — disse Flor da Noite. — Ensinarame que a bondade é o perdão. Certamente os bons Djins do Bem vão acolhê-lo de volta...

Hasruel sacudiu a imensa cabeça.

— Princesa inteligente, você não entende.

Abdullah percebeu que entendia Hasruel muito bem. Talvez sua compreensão tivesse algo a ver com a maneira como tinha sido pouco

cortês com os parentes da primeira esposa de seu pai.

— Silêncio, amor — disse ele. — Hasrue! quer dizer que ele gostou de sua perversidade e não se arrepende dela.

— É verdade — concordou Hasrue! — Eu me diverti mais nestes últimos meses do que em muitas centenas de anos antes disso. Dalzel me ensinou isso. Agora preciso partir com receio de que comece a me divertir da mesma forma entre os Djins do Bem. Se ao menos eu soubesse para onde ir...

Uma ideia pareceu ocorrer a Howl. Ele tossiu.

— Por que não ir para outro mundo? — sugeriu ele. — Existem muitas centenas de outros mundos, você sabe.

As asas de Hasrue! se levantaram e bateram com entusiasmo, agitando o cabelo e o vestido de todas as princesas no saguão.

— Existem? Onde? Mostre-me como posso chegar a outro mundo.

Howl pôs Morgan nos braços desajeitados de Sophie e subiu aos pulos os degraus do trono. O que ele mostrou a Hasrue! foram alguns gestos estranhos e um ou outro movimento de cabeça. Hasrue! pareceu entender perfeitamente. E assentiu de volta. Então ergueu-se do trono e simplesmente se afastou andando e, sem mais palavra, atravessou o saguão e a parede como se fossem apenas névoa. O imenso saguão de repente pareceu vazio.

— Bons ventos o levem! — disse Howl.

— Você o mandou para o *seu* mundo? — perguntou Sophie.

— De jeito nenhum! — respondeu Howl. — Eles já têm muito com que se preocupar por lá. Eu o mandei na direção oposta. Assumi o risco de que o castelo não desapareceria sem mais nem menos. — Ele se virou devagar, examinando as extensões nebulosas do saguão. — Está tudo aqui ainda. Isso significa que Calcifer deve estar aqui em algum lugar. É ele que o mantém. — Howl então deu um grito ressonante: — *Calcifer! Onde você está?*

Mais uma vez o manto da princesa pareceu adquirir vida própria. Dessa vez, deslizando de lado para permitir que o tapete mágico flutuasse, livre dele. Este se sacudiu, de forma semelhante à que o cão de Jamal agora fazia. Então, para surpresa de todos, ele se deixou cair pesadamente no chão e começou a desfazer-se. Abdullah quase chorou com o desperdício. O longo fio que turbilhonava solto era azul e curiosamente brilhante, como se o tapete não fosse feito de lã comum. O fio livre,

disparando de um lado ao outro do tapete, erguia-se cada vez mais alto à medida que se tornava mais longo, até que se viu esticado entre o teto alto e nevoento e a lona quase nua na qual fora tecido.

Por fim, com uma impaciente sacudidela, a outra extremidade se soltou da lona e encolheu para o alto, juntando-se ao restante, onde se expandiu de uma forma bruxuleante, encolheu outra vez, e finalmente tornou a se expandir, assumindo uma nova forma, como uma lágrima de cabeça para baixo, ou talvez uma chama. Essa forma desceu deslizando, contínua e decididamente. Quando já estava próximo, Abdullah pôde ver um rosto na parte da frente, composto de pequenas chamas púrpura ou verdes ou alaranjadas. Abdullah deu de ombros, num gesto fatalista. Parecia ter se desfeito de todas aquelas moedas de ouro para comprar um demônio do fogo e não um tapete mágico, afinal.

O demônio do fogo falou, com a boca púrpura bruxuleante:

— Graças a Deus! Por que alguém não chamou meu nome antes? Eu estou todo *dolorido*.

— Ah, pobre Calcifer! — exclamou Sophie. — Eu não *sabia*!

— Não estou falando com você — retorquiu o estranho ser em forma de chama. — Você enfiou as garras em mim. Tampouco com você — disse ao passar por Howl. — Foi você que me envolveu nisso. Não fui eu que quis ajudar o exército do rei. Estou falando só com *ele* — disse, surgindo inesperadamente ao lado do ombro de Abdullah, que ouviu seu cabelo crepitar de leve. A chama era quente. — Ele é a única pessoa que já tentou me agradar.

— Desde quando — perguntou Howl, azedo — você precisa de agrados?

— Desde que descobri como é agradável ouvir alguém dizer que sou agradável — afirmou Calcifer.

— Mas eu não acho que você seja agradável — replicou Howl. — *Seja* assim então! — E virou as costas para Calcifer com um rápido movimento de mangas de cetim cor de malva.

— Quer virar um sapo? — perguntou Calcifer. — Você não é o *único* que pode fazer sapos, você sabe!

Howl bateu um pé com uma bota malva no chão, zangado.

— Talvez, então — disse ele —, seu novo amigo possa lhe pedir que leve este castelo para terra, lugar ao qual ele pertence.

Abdullah sentiu-se um pouco triste. Howl parecia estar deixando óbvio que ele e Abdullah não se conheciam. Mas pegou a deixa e fez uma mesura.

— Ó safira entre os seres mágicos — disse ele —, chama de festividade e vela entre os tapetes, mais de duzentas vezes magnífico em sua verdadeira forma do que como valiosa tapeçaria...

— Ande logo com isso! — murmurou Howl.

— ... você gentilmente consentiria em devolver este castelo a terra? — finalizou Abdullah.

— Com prazer — respondeu Calcifer.

Todos sentiram o castelo descendo. A princípio a velocidade era tão grande que Sophie agarrou o braço de Howl e várias princesas gritaram. Pois, como Valeria expressou em voz alta, o estômago da pessoa ficava no céu, deixado para trás. Era possível que Calcifer estivesse fora de prática depois de tanto tempo com a forma errada. Qualquer que fosse o motivo, a descida desacelerou depois de um minuto e tornou-se tão suave que mal se percebia o movimento. Isso era bom, pois, enquanto descia, o castelo tornava-se perceptivelmente menor. Todos se acotovelavam e tinham de lutar por espaço no qual se equilibrar.

As paredes deslizaram para dentro, transformando-se, na descida, de pedra leitosa em simples gesso. O teto baixou e sua abóboda tornou-se grandes vigas escuras, e uma janela apareceu atrás do lugar onde o trono estivera. A princípio o lugar era sombrio. Abdullah voltou-se em sua direção, ávido, esperando vislumbrar mais uma vez o mar transparente com suas ilhas de pôr-do-sol, mas lá fora havia apenas o céu, inundando a sala do tamanho de um chalé com a pálida luz da aurora. A essa altura, princesa se apertava contra princesa, Sophie estava esmagada num canto agarrando Howl com um dos braços e Morgan com o outro, e Abdullah se viu espremido entre Flor da Noite e o soldado.

Este, percebeu Abdullah, não falava havia muito tempo. Na verdade, seu comportamento era sem dúvida estranho. Ele tinha puxado os véus emprestados sobre a cabeça e estava sentado curvo num banquinho que havia aparecido ao lado da lareira enquanto o castelo encolhia.

— Você está bem? — perguntou-lhe Abdullah.

— Perfeitamente — respondeu o soldado. Até sua voz parecia estranha.

A princesa Beatriz abriu caminho até ele.

— Ah, aqui está você! — exclamou ela. — Qual é o problema? Está com medo de que eu volte atrás em minha promessa agora que retornamos ao normal? É isso?

— Não — disse o soldado. — Ou melhor... sim. Vai ser um problema para você.

— Não vai ser problema para mim! — retrucou a princesa Beatriz. — Quando eu faço uma promessa, eu a cumpro. O príncipe Justin pode esquecer.

— Mas eu *sou* o príncipe Justin — disse o soldado.

— *O quê?* — espantou-se a princesa Beatriz.

Muito lenta e acanhadamente o soldado pôs de lado os véus e ergueu a cabeça. Ainda era o mesmo rosto, com os mesmos olhos azuis que ora eram inocentes ao máximo ora profundamente desonestos, ou ambos, mas era um rosto mais afável e culto. Uma espécie diferente de rigidez transparecia nele.

— Aquele maldito djim me encantou também — disse ele. — Agora eu me lembro. Eu esperava num bosque que as equipes de busca se reapresentassem. — Ele parecia se desculpar. — Estávamos à procura da princesa Beatriz... hã... você, sabe, sem muito sucesso, e de repente minha tenda foi levada numa ventania e lá estava o djim, espremendo-se entre as árvores. “Estou levando a princesa”, disse ele. “E como você derrotou o país dela pelo uso desleal da magia, pode ser um dos soldados derrotados e ver o que acha disso.” E no momento seguinte eu caminhava pelo campo de batalha pensando que era um soldado de Estrângia.

— E você detestou? — perguntou a princesa Beatriz.

— Bem — disse o príncipe —, foi difícil. Mas acho que consegui, e recolhi tudo de útil que pude e fiz alguns planos. Vejo que tenho de fazer alguma coisa por todos aqueles soldados derrotados. Mas... — um sorriso que era puramente aquele do antigo soldado se abriu em seu rosto — ... para dizer a verdade, eu me diverti bastante perambulando por Ingary. Tive prazer em ser perverso. Sou igual àquele djim, de verdade. É voltar a governar que está me deprimindo.

— Bem, nisso eu posso ajudá-lo — disse a princesa Beatriz. — Eu estou por dentro do assunto, afinal.

— Verdade? — perguntou o príncipe, e olhou para ela da mesma forma que, como soldado, tinha olhado para o gatinho no chapéu.

Flor da Noite cutucou Abdullah, encantada.

— O príncipe do Oquinstão! — sussurrou ela. — Não é preciso temê-lo!

Logo depois, o castelo aterrissou tão suavemente quanto uma pena. Calcifer, flutuando de encontro às vigas baixas do teto, anunciou que o havia assentado nos campos fora de Kingsbury.

— E mandei uma mensagem para um dos espelhos de Suliman — disse, presunçoso.

Isso pareceu exasperar Howl.

— Eu fiz o mesmo — disse ele, zangado. — Está se encarregando de muita coisa, não acha?

— Então ele recebeu duas mensagens — disse Sophie. — O que tem isso?

— Que estupidez! — disse Howl e começou a rir. Com isso Calcifer riu também, crepitando, e eles pareciam ter voltado a ser amigos. Pensando nisso, Abdullah podia entender como Howl se sentia. Tinha estado explodindo de raiva o tempo todo como gênio, e ainda estava com raiva agora, sem ninguém, exceto Calcifer, em quem descontar. Provavelmente Calcifer sentia o mesmo. Ambos tinham poderes mágicos fortes demais para correrem o risco de voltar sua fúria para pessoas comuns.

Certamente ambas as mensagens haviam chegado. Alguém ao lado da janela gritou: “Olhem!” e todos se aglomeraram diante dela para ver os portões de Kingsbury se abrindo para deixar a carruagem do rei passar apressada atrás de um pelotão de soldados. Na verdade, tratava-se de um séquito. As carruagens de vários embaixadores seguiam a do rei, ornadas com o brasão da maior parte dos países em que Hasruel havia coletado princesas.

Howl virou-se para Abdullah.

— Sinto que passei a conhecer você muito bem — disse ele. Os dois se entreolharam, constrangidos. — Você me conhece? — perguntou Howl.

Abdullah curvou-se.

— Pelo menos tão bem quanto você me conhece.

— Era o que eu temia — disse Howl em tom lastimoso. — Muito bem, então, sei que posso confiar em você para fazer um bom e rápido discurso, se necessário. Quando todas aquelas carruagens chegarem aqui, talvez seja necessário.

Foi o que aconteceu. Foi um momento de grande confusão, durante o qual Abdullah ficou bastante rouco. Porém o mais confuso, no que dizia respeito a Abdullah, foi que cada uma das princesas, sem falar em Sophie, Howl e no príncipe Justin, todos insistiam em contar ao rei o quanto Abdullah havia sido bravo e inteligente. Abdullah ficou tentando corrigi-los. Ele não fora bravo — só estava andando nas nuvens porque Flor da Noite o amava.

O príncipe Justin puxou Abdullah de lado, para uma das muitas antecâmaras do palácio.

— Aceite — disse ele. — Ninguém nunca é elogiado pelas razões certas. Olhe para mim. O pessoal de Estrângia aqui está me aplaudindo porque vou dar dinheiro a seus velhos soldados, e meu irmão real está contentíssimo porque parei de criar obstáculos para me casar com a princesa Beatriz. Todos pensam que sou um príncipe-modelo.

— Você se opôs a se casar com ela? — perguntou Abdullah.

— Ah, sim — respondeu o príncipe. — Eu ainda não a conhecia. O rei e eu tivemos uma de nossas brigas sobre isso e eu ameacei atirá-lo de cima do telhado do palácio. Quando desapareci, ele pensou que eu só partira, zangado, por um tempo. Ele nem sabia os motivos que teria para se preocupar.

O rei estava tão satisfeito com o irmão, e com Abdullah por ter trazido Valeria e seu outro Mago Real de volta, que mandou preparar um magnífico casamento duplo para o dia seguinte. Isso acrescentou uma boa dose de urgência à confusão. Howl apressadamente fez um estranho simulacro — construído na maior parte de pergaminho — de um Mensageiro do Rei, que foi enviado por magia para o sultão de Zanzib, a fim de lhe oferecer transporte para o casamento da filha. Este simulacro voltou meia hora depois, parecendo decididamente esfarrapado, com a notícia de que o sultão tinha uma estaca de dez metros pronta para Abdullah se retornasse a Zanzib.

Assim, Sophie e Howl foram ter uma conversa com o rei. Este criou dois novos cargos denominados embaixadores extraordinários para o reino de Ingary e ofereceu-os a Abdullah e Flor da Noite naquela mesma noite.

Os casamentos do príncipe e do embaixador entraram para a história, pois a princesa Beatriz e Flor da Noite tinham cada uma 14 princesas como damas de honra, e o rei em pessoa conduziu as noivas e as entregou aos noivos. Jamal foi o padrinho de Abdullah. Quando ele entregou a

Abdullah a aliança, relatou num sussurro que os anjos haviam partido cedo naquela manhã, levando com eles a vida de Hasrueel.

— E mais uma coisa boa! — exclamou Jamal. — Agora meu pobre cachorro vai parar de se coçar.

Praticamente as duas únicas pessoas eminentes que não compareceram ao casamento foram o Mago Suliman e sua esposa. Isso estava apenas indiretamente ligado à raiva do rei. Pelo jeito, Lettie havia falado de forma tão decidida com o rei, quando este quis prender o Mago Suliman, que havia entrado em trabalho de parto mais cedo do que esperava. O Mago Suliman temia sair do lado dela. Mas, no dia do casamento, Lettie deu à luz uma menina sem nenhum problema.

— Que ótimo! — disse Sophie. — Sempre soube que nasci para ser tia.

A primeira tarefa dos dois novos embaixadores era conduzir as princesas sequestradas a seus reinos. Algumas delas — como a diminuta princesa de Tsapfan — viviam tão distante que mal se tinha ouvido falar de seus países. Os embaixadores estavam instruídos a fazer alianças comerciais e também observar todos os outros lugares desconhecidos no caminho, pensando em explorá-los mais tarde. Howl havia falado com o rei. Agora — por algum motivo — toda a Ingary falava em mapear o globo. Equipes de exploração estavam sendo escolhidas e treinadas.

Por causa das jornadas, e mimos às princesas, e da argumentação com reis estrangeiros, Abdullah de alguma forma estava sempre ocupado demais para fazer sua confissão a Flor da Noite. Sempre parecia que haveria um momento mais propício no dia seguinte. Mas, finalmente, quando estavam prestes a chegar à distante Tsapfan, ele percebeu que não poderia mais adiar.

Respirou fundo. Sentia que a cor havia deixado seu rosto.

— Eu não sou um príncipe de verdade — anunciou abruptamente. Pronto. Disse.

Flor da Noite ergueu os olhos do mapa que estava desenhando. A lâmpada suave na tenda tornava seu rosto quase mais do belo que de hábito.

— Ah, eu sei disso — disse ela.

— O quê? — sussurrou Abdullah.

— Bem, naturalmente, enquanto eu estava no castelo no ar, tive tempo suficiente para pensar em você — disse ela. — E logo percebi que você estava romanceando, pois era tudo tão semelhante às *minhas* fantasias, só

que ao contrário. Eu costumava sonhar que era apenas uma garota comum, sabe?, e que meu pai era um mercador de tapetes no Bazar. Também imaginava que dirigia o negócio para ele.

— Você é maravilhosa! — exclamou Abdullah.

— Você também — disse ela, voltando ao mapa.

Eles retornaram a Ingary em seu devido tempo com um cavalo extra carregado com as caixas de guloseimas que as princesas haviam prometido a Valeria. Havia chocolates e laranjas cristalizadas e gelado de coco e nozes carameladas; mas os mais maravilhosos de todos foram os doces enviados pela pequenina princesa — camada após camada de doces muito finos que a pequenina princesa chamava Folhas de Verão. Estas vieram numa caixa tão linda que Valeria a usou como porta-joias quando cresceu. Por mais estranho que parecesse, ela havia desistido de gritar. O rei não conseguia entender, mas, como Valeria explicou para Sophie, quando trinta pessoas lhe dizem que você tem de gritar, isso faz você desistir da ideia.

Sophie e Howl estavam morando — um tanto briguentos, é preciso confessar, embora se dissesse que assim eles viviam mais felizes — novamente no castelo animado. Um de seus aspectos era uma linda mansão em Chipping Valley. Quando Abdullah e Flor da Noite retornaram, o rei lhes deu terra em Chipping Valley também, e permissão para ali construir um palácio. A casa que eles construíram era bastante modesta: o telhado era até de sapê. Mas seus jardins logo se tornaram uma das maravilhas da terra. Dizia-se que Abdullah havia recebido ajuda no projeto pelo menos de um dos Magos Reais — pois de que outra forma poderia, mesmo um embaixador, ter um bosque de jacintos em que as flores azuis vicejavam o ano todo?



A Casa dos Muitos Caminhos

DIANA WYNNE JONES

Tradução
Raquel Zampil

2ª edição

— **Galera** —
2021

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

Jones, Diana Wynne, 1934-2011

J67c A casa dos muitos caminhos [recurso eletrônico] / Diana Wynne Jones; tradução
Raquel Zampil. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2021.
recurso digital

Tradução de: The house of many ways

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-023-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil inglesa. 3. Livros eletrônicos. I. Zampil,
Raquel. II. Título.

21-71097

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(410.1)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Título original:

The House of Many Ways

Copyright © Diana Wynne Jones, 2008

Leitura sensível: Wlange Keindé

Projeto gráfico: Renan Salgado e João Carneiro

Ilustrações: Isadora Zeferino

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a
propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-023-9

Seja um leitor preferencial Record

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br



*Para minha neta, Ruth,
junto com a lavanderia de Sharyn,
e também para Lilly B.*

SUMÁRIO

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis





CAPÍTULO UM

No qual Charmain é escolhida para cuidar da casa de um mago

— Charmain deve ir — disse tia Semprônia. — Não podemos deixar o tio-avô William enfrentar isso sozinho.

— Seu tio-avô William? — espantou-se a Sra. Baker. — Ele não é... — Ela tossiu e baixou a voz porque isso, para ela, não era muito agradável. — Ele não é um *magô*?

— Naturalmente — disse tia Semprônia. — Mas ele tem... — Aqui ela também baixou a voz. — Um *tumor*, sabe, dentro dele, e somente os elfos podem ajudá-lo. Eles precisam levá-lo para ser curado, veja bem, e *alguém* precisa cuidar da casa dele. Os feitiços, você sabe, *fogem* se não houver ninguém lá para vigiá-los. E *eu* estou ocupada demais para fazer isso. Só a minha instituição de caridade que cuida de cães de rua...

— Eu também. Estamos até aqui de pedidos de bolos de casamento este mês — disse apressadamente a Sra. Baker. — Esta manhã mesmo, Sam estava dizendo...

— Então tem de ser Charmain — decretou tia Semprônia. — Com toda certeza, ela já tem idade suficiente.

— Hã... — disse a Sra. Baker.

Ambas olharam para o outro lado da sala, onde a filha da Sra. Baker estava sentada, mergulhada em um livro, como sempre, com o corpo comprido e esguio inclinado na direção da pouca luz do sol que passava pelos gerânios da Sra. Baker, o cabelo ruivo preso no alto como uma espécie de ninho de pássaros, e os óculos empoleirados na ponta do nariz. Ela segurava um dos imensos e suculentos pastéis do pai em uma das mãos e mastigava enquanto lia. Os farelos iam caindo no livro, e ela os espanava com o pastel quando caíam na página que estava lendo.

— Hã... você nos ouviu, querida? — perguntou a Sra. Baker, ansiosa.

— Não — respondeu Charmain com a boca cheia. — O que foi?

— Está combinado, então — disse tia Semprônia. — Vou deixar que você explique a ela, Berenice, querida. — Ela se pôs de pé, majestosamente sacudindo as dobras do vestido de seda engomado e, depois, do guarda-sol também de seda. — Voltarei para buscá-la amanhã pela manhã — avisou. — Agora é melhor eu ir e contar ao pobre tio-avô William que Charmain vai cuidar das coisas para ele.

Ela saiu apressada da sala, deixando a Sra. Baker com o desejo de que a tia do marido não fosse tão rica nem tão mandona e se perguntando como iria explicar a Charmain, sem falar em Sam, que nunca deixava

Charmain fazer nada que não fosse absolutamente respeitável. E o mesmo ocorria com a Sra. Baker, exceto quando tia Semprônia estava envolvida.

Enquanto isso, tia Semprônia subia em sua pequena e elegante charrete e era levada pelo cocheiro para o outro lado da cidade, onde o tio-avô William morava.

— Já arranjei tudo — anunciou ela, deslizando pelos caminhos mágicos até onde o tio-avô William se encontrava sentado, soturno, escrevendo em seu estúdio. — Minha sobrinha-neta Charmain está vindo para cá amanhã. Ela vai ajudar em sua partida e cuidar de você quando voltar. Enquanto isso, vai tomar conta da casa para você.

— Quanta gentileza dela — disse o tio-avô William. — Suponho que então seja bem versada em magia...

— Não tenho a menor ideia — afirmou tia Semprônia. — O que eu *sei* é que ela nunca tira o nariz dos livros, não faz nada na casa dela e é tratada como um objeto sagrado pelos pais. Vai ser *bom* para ela fazer algo normal para variar.

— Puxa vida — disse o tio-avô William. — Obrigado por me avisar. Vou tomar precauções então.

— Faça isso — concordou tia Semprônia. — E é melhor cuidar para que tenha bastante comida na casa. Nunca *conheci* uma garota que comesse tanto. E continua magra como uma vassoura de bruxa. Não consigo entender isso. Vou trazê-la aqui amanhã, antes que os elfos cheguem.

Ela se virou para ir embora.

— Obrigado — disse o tio-avô William debilmente para suas costas rígidas e farfalhantes. — Ora, ora — acrescentou quando a porta da frente bateu com força. — Pois bem. É preciso ser grato pelos parentes que temos, creio.

Por mais estranho que pareça, Charmain também ficou muito agradecida à tia Semprônia. Não por ter sido apontada para cuidar de um mago velho e doente que ela nunca vira.

— Ela poderia ter perguntado a *mim*! — disse ela algumas vezes à mãe.

— Acho que ela sabia que você diria não, querida — acabou sugerindo a Sra. Baker.

— Talvez — disse Charmain. — Ou — acrescentou ela, com um sorriso enigmático — talvez não.

— Querida, não espero que você vá *gostar* dessa tarefa — disse, hesitante, a Sra. Baker. — Ela não é nem um pouco *agradável*. Apenas seria muito generoso...

— Você sabe que não sou generosa — disse Charmain, e subiu a escada, indo para seu quarto branco cheio de babados, onde se sentou à linda escrivaninha. Olhou pela janela para os telhados, torres e chaminés de Cidade da Alta Norlanda, e então levantou os olhos para as montanhas azuis mais além. A verdade é que essa era a chance pela qual vinha esperando. Estava cansada de sua escola respeitável e muito cansada de morar naquela casa, com a mãe a tratando como se fosse uma tigresa que ninguém sabia com certeza se estava domada, e o pai proibindo-a de fazer coisas porque não eram prestigiadas ou seguras ou comuns. Essa era a chance de sair de casa e fazer alguma coisa — a única coisa — que Charmain sempre quisera fazer. Valia a pena tolerar a casa de um mago só por isso. Ela se perguntou se teria coragem de escrever a carta que acompanhava a ideia.

Por muito tempo, Charmain não teve coragem. Ficou sentada olhando as nuvens se empilhando ao longo dos picos das montanhas, brancas e púrpura, criando formas como animais gorduchos e esguios dragões mergulhando no ar. Ficou olhando até as nuvens se dissiparem por completo, transformando-se em nada mais que uma leve névoa contra o céu azul. Então ela disse: “É agora ou nunca.” Depois, suspirou, pegou os óculos na corrente que pendia de seu pescoço e apanhou sua melhor caneta e o papel de cartas mais bonito. E escreveu, em seu melhor estilo:

Vossa Majestade,

Desde que eu era uma criancinha e ouvi pela primeira vez sobre sua grande coleção de livros e manuscritos, anseio em trabalhar em sua biblioteca. Embora eu saiba que Vossa Majestade, com o auxílio de sua filha, Sua Alteza Real, a princesa Hilda, esteja pessoalmente engajado na longa e difícil tarefa de selecionar e listar o conteúdo da Biblioteca Real, ainda assim espero que possa apreciar minha ajuda. Como já sou responsável, quero me candidatar ao posto de bibliotecária assistente na Biblioteca Real.

Espero que Vossa Majestade não considere minha solicitação por demais presunçosa.

Sinceramente,
Charmain Baker
Rua do Milho, 12
Cidade da Alta Norlanda

Charmain recostou-se e releu a carta. Inevitavelmente, pensou ela, escrever dessa forma para o velho rei era puro atrevimento, mas a carta lhe parecia bastante boa. A única coisa dúbia era o “sou responsável”. Charmain sabia que isso, em geral, significava que a pessoa tinha 21 anos — ou pelo menos 18 —, mas pensou que aquela não era *exatamente* uma mentira. Ela não mencionara idade, afinal. Tampouco dissera que era imensamente versada ou altamente qualificada, porque sabia que não era. Nem mesmo revelara que amava os livros mais do que qualquer outra coisa no mundo, embora isso fosse a pura verdade. Ela só teria de confiar que seu amor pelos livros transparecesse no texto.

Tenho quase certeza de que o rei vai simplesmente amassar a carta e atirá-la no fogo, pensou. Mas pelo menos tentei.

Charmain saiu e pôs a carta no correio, sentindo-se muito corajosa e desafiadora.

Na manhã seguinte, tia Semprônia chegou em sua charrete e levou Charmain, junto com uma bela bolsa de tapeçaria que a Sra. Baker arrumara com as roupas da filha, e uma mala muito maior que o Sr. Baker havia preparado, estufada com pastéis e guloseimas, pãezinhos, flãs e tortas. Tão grande era essa segunda bolsa, e com cheiro tão forte de saborosas ervas, molho, queijo, frutas, geleias e temperos, que o cocheiro guiando a charrete virou-se para trás e fungou, admirado, e até mesmo as nobres narinas de tia Semprônia se inflaram.

— Bem, de fome você não vai morrer, criança — disse ela. — Prossigamos.

Mas o cocheiro teve de esperar até que a Sra. Baker houvesse abraçado Charmain e dito:

— Sei que posso confiar, querida, que você será boa, organizada e atenciosa.

Isso é mentira, pensou Charmain. Ela não confia nem um pouco em mim.

Então, o pai de Charmain se apressou a dar um beijo na bochecha da filha.

— Sabemos que você não vai nos decepcionar — disse ele.

Outra mentira, pensou Charmain. Vocês sabem que vou.

— E vamos sentir sua falta, meu amor — afirmou a mãe, quase em lágrimas.

Talvez isso não seja mentira!, pensou Charmain com alguma surpresa. Embora eu me pergunte por que eles gostam de mim.

— *Em frente!* — ordenou severamente tia Semprônia, e foi o que o cocheiro fez. Quando a charrete atravessava tranquilamente as ruas, ela disse: — Agora, Charmain, eu sei que seus pais lhe deram o melhor de tudo e que você nunca teve de fazer nada por conta própria. Está preparada para cuidar de si mesma, para variar?

— Ah, sim — respondeu Charmain sinceramente.

— *E da casa e do pobre velho?* — insistiu tia Semprônia.

— Vou dar o melhor de mim — afirmou Charmain. Temia que tia Semprônia fizesse meia-volta e a levasse direto para casa, se ela não dissesse isso.

— Você recebeu uma boa educação, não foi? — perguntou tia Semprônia.

— Inclusive musical — admitiu Charmain, um tanto amuada, acrescentando em seguida: — Mas eu não era nada boa nisso. Portanto, não espere que eu toque melodias calmantes para o tio-avô William.

— Não espero — retrucou tia Semprônia. — Como ele é um mago, provavelmente pode fazer as próprias melodias calmantes. Eu só estava tentando descobrir se você teve formação básica apropriada em magia. Teve, não foi?

Pareceu a Charmain que suas entranhas desapareciam dentro dela, e era como se levassem junto o sangue do seu rosto. Ela não ousou confessar que não sabia nem mesmo a coisa mais básica sobre magia. Seus pais — particularmente a Sra. Baker — não achavam que magia fosse algo prestigiado. E a parte da cidade em que moravam era tão respeitável que a escola de Charmain nunca ensinou nada sobre magia. Se alguém quisesse aprender uma coisa assim tão vulgar, tinha de procurar um professor particular. E Charmain sabia que os pais nunca teriam pago tais aulas.

— Hã... — ela começou.

Por sorte, tia Semprônia simplesmente continuou:

— Morar numa casa cheia de magia não é brincadeira, você sabe.

— Ah, eu nunca pensaria nisso como uma brincadeira — disse Charmain com sinceridade.

— Ótimo — aprovou tia Semprônia, e recostou-se.

A charrete prosseguia. Atravessaram a Praça Real, passaram pela Mansão Real, que se erguia em uma das extremidades da praça com seu telhado dourado reluzindo ao sol, e seguiram para a Praça do Mercado, onde Charmain raramente tinha permissão para ir. Ela olhava melancólica para as barracas e todas as pessoas comprando coisas e tagarelando, e virou-se para trás, mantendo os olhos naquele lugar, enquanto entravam na parte mais antiga da cidade. Aqui as casas eram tão altas e coloridas, e tão diferentes umas das outras — cada uma delas parecia ter a cumeeira mais íngreme e janelas posicionadas em pontos mais estranhos do que a outra —, que Charmain começou a ter esperanças de que morar na casa do tio-avô William talvez viesse a ser muito interessante, afinal. Mas a charrete seguiu em frente, atravessando as partes mais pobres e sombrias — passando por meros casebres e saindo nos campos, onde um grande rochedo inclinava-se sobre a estrada e casinhas ocasionalmente erguiam-se recuadas em meio às sebes —, e as montanhas pareciam cada vez mais próximas, erguendo-se à frente deles. Charmain começou a pensar que estavam saindo da Alta Norlanda, entrando em outro país. Qual seria ele? Estrângia? Montalbino? Desejou ter prestado mais atenção às aulas de geografia.

No exato momento em que desejava isso, o cocheiro parou diante de uma pequena casa cor de rato, encolhida atrás de um comprido jardim. Charmain olhou-a do outro lado do pequeno portão de ferro e sentiu-se extremamente desapontada. Era a casa mais sem graça que já vira. Havia uma janela de cada lado da porta de entrada marrom e o telhado cor de rato descia sobre elas como sobrancelhas franzidas. Não parecia haver um segundo andar.

— Chegamos — disse tia Semprônia alegremente.

Ela desceu, abriu ruidosamente o pequeno portão de ferro, e conduziu Charmain pelo caminho até a porta da frente. A garota caminhou, desanimada, atrás dela, enquanto o cocheiro as seguia com as duas malas

de Charmain. O jardim de ambos os lados do caminho parecia consistir inteiramente de arbustos de hortênsias, azuis, verde-azuladas e malva.

— Não creio que você precise cuidar do jardim — disse tia Semprônia jovialmente.

Eu espero que *não*!, pensou Charmain.

— Tenho quase certeza de que William tem um jardineiro — afirmou tia Semprônia.

— Espero que sim — replicou Charmain. O máximo que ela conhecia de jardins era o quintal dos Baker, que continha um grande pé de amora e uma roseira, e mais as jardineiras em que a mãe cultivava vagem. Sabia que havia terra debaixo das plantas e que a terra continha minhocas. Estremeceu.

Tia Semprônia bateu energicamente com a aldrava na porta marrom e então entrou na casa, gritando:

— U-hu! Eu trouxe Charmain para você!

— Muito obrigado — respondeu o tio-avô William.

A porta da frente levava direto a uma sala de estar bolorenta, onde o tio-avô estava sentado em uma poltrona também bolorenta e cor de rato. Havia uma mala de couro grande ao lado dele, como se já estivesse pronto para partir.

— É um prazer conhecê-la, minha querida — disse ele a Charmain.

— Como vai o senhor? — perguntou ela educadamente.

Antes que qualquer um dos dois pudesse dizer mais alguma coisa, tia Semprônia anunciou:

— Muito bem então, vou ter de deixá-los. Ponha a bagagem dela ali — disse ao cocheiro, que, obedientemente, descarregou as bolsas atrás da porta e se foi. Tia Semprônia o seguiu em um crepitar de sedas caras, gritando ao sair: — Até logo para vocês dois!

A porta se fechou com um ruído, deixando Charmain e o tio-avô William olhando um para o outro.

O tio-avô era um homenzinho quase totalmente careca, exceto por alguns fiapos de cabelos finos e prateados que riscavam o topo de sua cabeça. Sentava-se rígido, encurvado e encolhido, o que mostrava a Charmain que devia estar com muita dor. Ela ficou surpresa ao perceber que sentia pena dele, mas desejou que não a encarasse tão intensamente. Fazia com que se sentisse culpada. E as pálpebras inferiores dele pendiam dos olhos azuis cansados, mostrando a parte interna muito vermelha, como

sangue. Charmain não gostava de sangue quase tanto quanto não gostava de minhocas.

— Bem, você parece uma jovem muito alta e competente — disse o tio-avô William. Sua voz era cansada e gentil. — O cabelo vermelho é um bom sinal, na minha opinião. Muito bom. Acha que consegue cuidar daqui enquanto eu estiver fora? O lugar está um tanto bagunçado, receio.

— Espero que sim — disse Charmain. A sala bolorenta parecia-lhe bastante arrumada. — Pode me dizer algumas coisas que tenho de fazer? — Embora eu espere não ficar aqui por muito tempo, pensou ela. Assim que o rei responder à minha carta...

— Bem — disse o tio-avô William —, as tarefas domésticas de hábito, é lógico, só que mágicas. Naturalmente, a maior parte é mágica. Como eu não tinha certeza em que nível de magia você estaria, tomei algumas medidas...

Socorro!, pensou Charmain. Ele acha que eu sei alguma coisa de magia!

Ela tentou interromper o tio-avô e pedir que ele explicasse, mas naquele momento foram ambos interrompidos. A porta da frente se abriu com um ruído, e uma procissão de elfos muito, muito altos entrou em silêncio. Estavam todos vestidos de branco, como médicos, e não havia absolutamente nenhuma expressão em seus lindos rostos. Charmain fitou-os, enervada ao máximo por sua beleza, sua altura, sua neutralidade e, acima de tudo, por seu completo silêncio. Um deles a afastou delicadamente para um lado e ela ficou ali, onde fora colocada, sentindo-se confusa e desajeitada, enquanto o restante se agrupava em torno do tio-avô William, com as cabeças deslumbrantes inclinadas sobre ele. Charmain não teve certeza do que fizeram, mas, segundos depois, o tio-avô William estava vestido em um roupão branco e eles o erguiam da cadeira. Havia o que pareciam três maçãs vermelhas presas na cabeça dele. Charmain pôde ver que ele estava dormindo.

— Hã... vocês não estão esquecendo a valise dele? — perguntou ela enquanto o levavam na direção da porta.

— Não vamos precisar dela — disse um dos elfos, mantendo a porta aberta para os outros passarem com o tio-avô William.

Depois, quando todos desciam o caminho no jardim, Charmain correu até a porta aberta e gritou:

— Quanto tempo ele vai ficar fora?

De repente, pareceu-lhe urgente saber por quanto tempo seria responsável por aquele lugar.

— O tempo que for preciso — replicou outro dos elfos.

Então desapareceram antes de chegar ao portão do jardim.



CAPÍTULO DOIS

No qual Charmain explora a casa

Charmain ficou olhando o caminho vazio por algum tempo, e então fechou a porta com força.

— *Agora* o que eu faço? — perguntou à sala bolorenta e deserta.

— Receio que você vá ter de arrumar a cozinha, minha querida — disse a voz cansada e gentil do tio-avô William, vinda do nada. — Peço desculpas por ter deixado tanta roupa suja. Por favor, abra minha valise para obter instruções mais complexas.

Charmain lançou um olhar à valise. Então o tio-avô William tivera mesmo a intenção de deixá-la ali.

— Em um minuto — disse ela à valise. — Ainda não desfiz as minhas malas. — Ela apanhou as duas bolsas e marchou com elas para a única outra porta que havia ali. Ficava nos fundos da sala e, depois de Charmain tentar abri-la com a mão que segurava a bolsa de comida, depois com essa mesma mão enquanto a outra segurava ambas as bolsas, e finalmente com ambas as mãos e com ambas as bolsas no chão, descobriu que a porta levava à cozinha.

Ficou ali parada, transfixada, por um momento. Então arrastou as duas bolsas, passando-as pela porta pouco antes de esta se fechar, e ficou olhando mais um pouco.

— Que *bagunça*! — exclamou ela.

Devia ter sido uma cozinha espaçosa e confortável. Tinha uma janela ampla que dava para as montanhas, por onde entrava a agradável luz do sol. Infelizmente, o sol servia apenas para realçar as enormes pilhas de pratos e xícaras que se erguiam dentro da pia, no corredor e no chão ao lado da pia. A luz do sol então avançava — e, com ela, os desolados olhos de Charmain — e lançava um brilho dourado sobre as duas bolsas de lona cheias de roupas sujas encostadas na lateral da pia. Estavam tão abarrotadas que o tio-avô William estivera usando-as como prateleira para uma pilha de panelas e uma frigideira sujas.

Os olhos de Charmain seguiram dali para a mesa no meio do cômodo. Era ali que o tio-avô William parecia guardar seu suprimento de uns trinta bules de chá e o mesmo número de jarros de leite — sem falar nos vários recipientes que um dia contiveram molho. À sua maneira, estava tudo arrumado, pensou Charmain, só que entulhado e sujo.

— Suponho que você esteja *mesmo* doente — disse Charmain, mal-humorada, para o ar.

Não houve resposta dessa vez. Cautelosamente, ela foi até a pia, onde tinha a sensação de que alguma coisa estava faltando. Levou um momento para perceber que não havia torneira. Provavelmente essa casa ficava tão longe da cidade que nenhum cano de água fora instalado. Quando ela olhou pela janela, pôde ver um quintalzinho e uma bomba no meio dele.

— Então eu preciso ir até lá, bombear a água e trazê-la para cá, e *depois* o quê? — perguntou Charmain. Ela olhou para a lareira escura e vazia. Era verão, afinal, então naturalmente não havia fogo nem nada para queimar, pelo que podia ver. — Aqueço a água? — perguntou ela. — Numa panela suja, suponho, e... Pensando bem, como vou *me* lavar? Será que não vou poder tomar banho? Ele não tem um quarto ou um banheiro?

Ela correu para a portinha que ficava além da lareira e a abriu. Todas as portas do tio-avô William pareciam requerer a força de dez homens para abri-las, pensou, zangada. Ela quase podia sentir o peso da magia mantendo-as fechadas. Viu-se olhando dentro de uma pequena despensa. Não havia nada nas prateleiras além de um pequeno pote de manteiga, um pão de aspecto mofado e um grande pacote misteriosamente etiquetado CIBIS CANNICUS, que parecia estar cheio de flocos de sabão. E, amontoadas no fundo da despensa, havia duas outras grandes bolsas de roupa suja, tão cheias quanto as que estavam na cozinha.

— Eu vou gritar — disse Charmain. — Como tia Semprônia pôde fazer isso comigo? Como mamãe permitiu?

Nesse momento de desespero, Charmain só conseguia pensar em fazer o que sempre fazia em momentos de crise: esconder-se em um livro. Ela arrastou suas duas bolsas até a mesa lotada e sentou-se em uma das duas cadeiras que havia ali. Então, desafivelou a bolsa de tapeçaria, colocou os óculos no nariz e mergulhou avidamente entre as roupas em busca dos livros que havia pedido à mãe que guardasse na mala para ela.

Suas mãos não encontraram nada além de maciez. A única coisa dura ali era uma grande barra de sabão entre seus produtos de limpeza. Charmain a atirou do outro lado da cozinha, dentro da lareira vazia, e continuou procurando.

— Eu não acredito nisto! — exclamou. — Ela deve tê-los colocado primeiro, lá no fundo. Então, virou a bolsa de cabeça para baixo e sacudi tudo no chão da cozinha. E lá se foram caindo montes de saias, vestidos, meias, blusas, dois casacos tricotados, anáguas de renda e roupas de baixo suficientes para um ano, tudo lindamente dobrado. Em cima de tudo,

caíram seus chinelos novos. Depois, a bolsa ficou vazia. Ainda assim, Charmain apalpou todo o interior antes de atirá-la para o lado, deixar os óculos despencarem até a extremidade da corrente, e perguntar-se se devia chorar. A Sra. Baker havia de fato *esquecido* de guardar os livros na mala.

— Bem — disse Charmain, depois de um intervalo piscando e engolindo em seco. — Acho que nunca estive longe de casa mesmo. Da próxima vez que for a algum lugar, *eu mesma* vou fazer a mala e enchê-la de livros. Por ora, tenho de fazer o melhor que puder.

Fazendo o melhor que podia, ergueu a outra bolsa até a mesa entulhada e abriu espaço para ela, derrubando quatro jarros de leite e um bule no chão

— E eu *nem* ligo! — disse Charmain enquanto caíam. Para algum alívio seu, os jarros de leite estavam vazios e simplesmente oscilaram, e o bule tampouco se quebrou. Ficou apenas lá caído de lado, pingando chá no chão. — Esse deve ser o lado bom da magia — disse Charmain, pegando melancolicamente um pastel de carne que estava por cima. Embolou o tecido da saia, prendendo entre os joelhos, fincou os cotovelos na mesa e deu uma imensa, saborosa e reconfortante mordida.

Alguma coisa fria e trêmula tocou a parte nua de sua perna direita.

Charmain ficou paralisada, não ousando sequer mastigar. Esta cozinha está cheia de grandes lesmas mágicas!, pensou.

A coisa fria tocou outra parte de sua perna. Com o toque, veio um gemido bem baixinho.

Muito lentamente, Charmain puxou de lado a saia e a toalha e olhou para baixo. Debaixo da mesa, estava um cachorrinho branco extremamente pequeno e maltratado, olhando para ela com um ar patético e se tremendo todo. Quando ele viu que Charmain o olhava, empinou orelhas brancas desiguais e de pelos esfiapados e balançou a cauda curta e fina. Então, emitiu novamente um gemido sussurrado.

— Quem é *você*? — perguntou Charmain. — Ninguém me falou de um cachorro.

A voz do tio-avô William surgiu do nada mais uma vez.

— Este é o Desamparado. Seja muito gentil com ele. Eu o encontrei abandonado e ele parece ter medo de tudo.

Charmain nunca tivera uma opinião muito segura em relação a cães. A mãe dizia que eles eram sujos e que mordiam, e que nunca teriam um em casa, portanto Charmain sempre ficava nervosa com qualquer cachorro

que encontrasse. Mas esse era tão pequeno. Parecia muito branco e limpo. E parecia ter muito mais medo de Charmain do que ela dele. Ainda estava se tremendo todo.

— Ah, pare de tremer — disse ela. — Não vou machucar você.

Desamparado continuou tremendo e olhando para ela com ar patético.

Charmain suspirou. Partiu um bom pedaço de seu pastel e o estendeu a ele.

— Aqui — disse ela. — Tome isso por não ser uma lesma.

O nariz reluzente de Desamparado estremeceu na direção do pedaço de pastel. Ele ergueu os olhos, para ter certeza de que ela queria mesmo lhe dar, e então, delicada e educadamente, pegou o pastel com a boca e o comeu. Em seguida, olhou para Charmain pedindo mais. Ela estava fascinada com a delicadeza dele. Tirou outro pedaço do pastel. E mais outro. No fim, dividiram o pastel meio a meio.

— Acabou — disse Charmain, sacudindo as migalhas de sua saia. — Vamos ter de fazer esta sacola durar, pois parece não haver nenhuma outra comida nesta casa. Agora me mostre o que fazer, Desamparado.

Prontamente, Desamparado seguiu para o que parecia ser a porta dos fundos, onde ele parou abanando o fiapo de rabo e emitindo outro gemido sussurrado. Charmain abriu a porta — que era tão difícil de abrir quanto as outras duas — e seguiu Desamparado para o quintal, pensando que isso significava que ela deveria bombear água para a pia. Mas Desamparado passou pela bomba e seguiu para a macieira de aspecto esquelético num canto, onde ele ergueu uma das perninhas e fez pipi no tronco da árvore.

— Entendi — disse Charmain. — Isso é o que você deve fazer, não eu. E não parece que você esteja fazendo muito bem a essa árvore, Desamparado.

O cãozinho lançou-lhe um olhar e continuou andando de um lado para o outro no quintal, farejando tudo e erguendo a perna junto a moitas de capim. Charmain pôde perceber que ele se sentia bastante seguro no quintal. Pensando bem, ela também. Havia uma sensação agradável, de segurança, como se o tio-avô William houvesse colocado proteções de magia em volta do lugar. Ela parou ao lado da bomba e olhou para além da cerca, para as montanhas que se erguiam íngremes. Havia uma leve brisa soprando das alturas, trazendo um cheiro de neve e de flores novas, que, de alguma forma, fez com que Charmain se lembrasse dos elfos. Ela se perguntava se eles teriam levado o tio-avô William lá para cima.

E é melhor que eles o tragam de volta logo, pensou ela. Vou ficar maluca se passar mais de um dia aqui!

Havia uma cabaninha no canto ao lado da casa. Charmain foi até lá investigar, murmurando:

— Pás, suponho, vasos de plantas e coisas assim.

Mas, quando conseguiu puxar a porta rígida, encontrou ali um amplo tanque de cobre, uma máquina de passar e um lugar para acender o fogo debaixo do tanque. Ela olhou para tudo aquilo da maneira como se olha uma estranha exposição em um museu, até que se lembrou de que havia um abrigo semelhante no quintal de sua casa. Era um lugar tão misterioso para ela quanto esse, pois sempre fora proibida de entrar lá. No entanto, sabia que, uma vez por semana, uma lavadeira de mãos vermelhas e rosto arroxado vinha e fazia muita fumaça no abrigo, do qual, de alguma maneira, saíam roupas limpas.

Ah. Uma lavanderia, ela pensou. Acho que você tem de colocar aquelas bolsas de roupa suja no tanque e fervê-las. Mas como? Estou começando a pensar que tenho levado a vida sendo resguardada demais.

— O que é uma boa coisa também — disse em voz alta, pensando na lavadeira de mãos vermelhas e rosto arroxado.

Mas isso não me ajuda com a louça para lavar, pensou ela. Nem em relação ao banho. Esperam que eu me ferva nesse tanque? E onde vou dormir, pelo amor de Deus?

Deixando a porta aberta para Desamparado, ela voltou para a casa, onde passou direto pela pia, pelas sacolas de roupa suja, pela mesa entulhada e pela pilha das suas coisas no chão, e arrastou a porta na extremidade oposta, abrindo-a. Além dela, via-se novamente a bolorenta sala de estar.

— Isso é desesperador! — disse ela. — Onde estão os quartos? Onde tem um *banheiro*?

A voz cansada do tio-avô William soou do nada.

— Para encontrar os quartos e o banheiro, dobre à esquerda assim que abrir a porta da cozinha, minha querida. Por favor, perdoe a bagunça.

Charmain olhou de volta pela porta da cozinha aberta.

— Ah, é? — disse. — Bem, vamos ver.

Voltou cuidadosamente à cozinha e fechou a porta. Então voltou a abri-la, com o que ela estava começando a ver como um esforço habitual, e

virou-se energicamente para a moldura da porta antes que tivesse tempo de pensar que aquilo era impossível.

Então, viu-se em um corredor com uma janela aberta na extremidade oposta. A brisa que entrava pela janela trazia o cheiro forte de neve e flores vindo da montanha. Charmain vislumbrou, surpresa, uma campina verde e distâncias azuis, enquanto se ocupava girando a maçaneta e forçando o joelho contra a porta mais próxima.

Essa porta abriu-se facilmente, como se fosse usada com muita frequência. Charmain entrou aos tropeços, mergulhando em um cheiro que fez com que esquecesse instantaneamente os aromas vindos pela janela. Ficou lá parada, o nariz levantado, fungando, encantada. Era a deliciosa e embolorada fragrância de livros velhos. Centenas deles, ela viu, olhando o quarto à sua volta. Nas quatro paredes, havia livros alinhados em prateleiras, empilhados no chão e sobre a mesa, livros antigos com capa de couro em sua maioria, embora alguns no chão tivessem sobrecapas coloridas, de aspecto mais recente. Esse era obviamente o estúdio do tio-avô William.

— Aaah! — disse Charmain.

Ignorando que a vista da janela era das hortênsias no jardim da frente, ela correu para olhar os livros na mesa. Livros grandes, grossos, perfumados, alguns deles com fechos de metal para mantê-los fechados, como se fosse perigoso abri-los. Charmain já tinha um deles nas mãos quando percebeu o pedaço de papel duro aberto na mesa, coberto com uma caligrafia trêmula.

— “Minha querida Charmain” — ela leu, e sentou-se na cadeira acolchoada diante da mesa para ler o restante.

Minha querida Charmain,

Obrigado por você ter tão gentilmente concordado em cuidar desta casa em minha ausência. Os elfos me dizem que devo ficar fora cerca de duas semanas. (*Obrigada, Deus, por isso!, pensou Charmain.*) Ou possivelmente um mês, se houver complicações. (*Ah.*) Por favor, me perdoe qualquer bagunça que encontre aqui. Esse mal vem me afligindo já faz algum tempo. Mas tenho certeza de que você é uma jovem engenhosa e que vai se habituar por aqui logo, logo. Em caso de dificuldade, deixei instruções faladas para

você onde me pareceram necessárias. Tudo que você precisa fazer é fazer a pergunta em voz alta e ela será respondida. Você encontrará a explicação para questões mais complexas na valise. Por favor, seja gentil com Desamparado, que não está comigo há tempo suficiente para se sentir seguro, e por favor fique à vontade para pegar quaisquer livros neste estúdio, exceto os que estão sobre esta mesa, que são, em sua maior parte, poderosos e avançados demais para você. (*Bah. Como se eu ligasse para isso!, pensou Charmain.*) Por ora, desejo-lhe uma feliz estada aqui e espero em breve poder lhe agradecer pessoalmente.

Com afeto, seu tio-bisavô-emprestado,
William Norland

— Então ele é emprestado — disse Charmain em voz alta. — Deve ser, na realidade, tio-avô de tia Semprônia, que se casou com tio Ned, que é tio do papai, exceto pelo fato de que agora está morto. Que pena! Estava começando a ter esperanças de que houvesse herdado um pouco de sua magia. — E então disse educadamente para o ar: — Muito obrigada, tio-avô William.

Não houve resposta. Charmain pensou: Bem, não deveria mesmo. Isso não foi uma pergunta. E então começou a explorar os livros em cima da mesa.

O livro grosso que estava nas suas mãos era intitulado *O livro do vazio e do nada*. Previsivelmente, quando o abriu, as páginas estavam em branco. Mas Charmain podia sentir sob os dedos, em cada página vazia, uma espécie de vibração e movimento de magias ocultas. Ela o devolveu à mesa rapidamente e apanhou outro chamado *Guia de Wall da astromancia*. Sentiu uma ligeira decepção com aquele, que consistia basicamente em diagramas de linhas pontilhadas pretas com vários pontos vermelhos quadrados expandindo-se das linhas pretas em vários padrões, mas que quase nada continha para ler. Ainda assim, Charmain ficou mais tempo do que esperava olhando para ele. Os diagramas deviam ser, de algum modo, hipnóticos. Por fim, fazendo um pouco de esforço, ela o pôs de lado e voltou-se para um cujo título era *Feitiçaria seminal avançada*, que não era absolutamente seu tipo de leitura. Era impresso com um texto compacto de longos parágrafos que pareciam começar com: “Se extrapolarmos a

partir de nossas descobertas em meu trabalho anterior, estaremos prontos para abordar uma extensão da fenomenologia paratípica...”

Não, pensou Charmain. Não creio que estejamos prontos.

Ela pôs aquele de lado também e ergueu o livro quadrado e pesado no canto da mesa, cujo título era *Das Zauberbuch* e que estava escrito em um idioma estrangeiro. Provavelmente o que falavam em Ingary, concluiu Charmain. No entanto, o mais interessante era que esse livro estava servindo como peso de papel para uma pilha de cartas, vindas de toda parte do mundo. Charmain passou muito tempo bisbilhotando as cartas, cada vez mais impressionada com o tio-avô William. Quase todas eram de outros magos que queriam consultar-se com o tio-avô em relação a sutilezas da magia — era evidente que o viam como um grande especialista — ou para felicitá-lo por sua última descoberta mágica. Todas tinham uma caligrafia horrível. Charmain franziu a testa e fez uma careta, erguendo a pior delas contra a luz.

Caro Mago Norland (*dizia a carta, até onde ela conseguia ler*),

Seu livro, *Truques cruciais*, tem sido de grande ajuda em meu trabalho dimensional (*ou seria “demissional”?*, *perguntou-se Charmain*), mas gostaria de lhe chamar a atenção para uma pequena descoberta minha relacionada à sua seção sobre a Orelha de Murdoch (“ovelha de Morgado? Abelha de Murundu?” *Eu desisto!*, *pensou Charmain*). Da próxima vez que eu for à Alta Norlanda, quem sabe não podemos conversar?

Seu admirador (“adulador? advogado? adubador?” *Meu Deus! Que letra!*, *pensou Charmain*),

Mago Howl Pendragon

— Ora, ora! Ele deve escrever com um atizador de brasas! — disse Charmain em voz alta, pegando a carta seguinte.

Esta era do rei em pessoa e a caligrafia, embora trêmula e antiquada, era bem mais fácil de ler.

Caro Wm (*leu Charmain, com crescente espanto e surpresa*),

Estamos agora a mais de meio caminho da Nossa Grande Tarefa, mas ainda longe de concluí-la. Contamos com você. É

nossa devota esperança que os elfos que lhe enviamos tenham sucesso em devolver-lhe a saúde e que, em breve, tenhamos os inestimáveis benefícios de seu aconselhamento e incentivo.

Com nossos melhores votos e sinceras esperanças,
Adolphus, rei da Alta Norlanda

Então fora o rei quem mandara os elfos!

— Ora, ora — murmurou Charmain, folheando o fim da pilha de cartas. Cada uma delas fora escrita com a caligrafia mais caprichada de alguém. Todas pareciam dizer a mesma coisa, de maneiras diferentes: “Por favor, Mago Norland, eu gostaria de me tornar seu aprendiz. O senhor me aceita?” Algumas chegavam a oferecer dinheiro ao tio-avô William. Uma delas dizia que podia lhe dar um anel de diamante mágico, e outra, que parecia ser uma garota, dizia, um tanto pateticamente: “Eu mesma não sou muito bonita, mas minha irmã é, e ela diz que se casará com o senhor se concordar em me ensinar.”

Charmain estremeceu e só passou rapidamente os olhos pelo restante da pilha. Elas a lembravam de sua própria carta ao rei. E que provavelmente era tão inútil quanto, pensou ela. Era óbvio que essas eram do tipo que um mago famoso iria imediatamente responder com um “Não”. Ela reuniu todas novamente debaixo de *Das Zauberbuch* e olhou os outros livros sobre a mesa. Havia uma fileira de volumes altos e grossos na extremidade da mesa, todos com a etiqueta *Res magica*, que ela pensou em olhar mais tarde. Então, pegou mais dois livros ao acaso. Um era chamado *Caminho da Sra. Pentstemmon: sinalizadores da verdade*, e lhe pareceu um tantinho moralizante. O outro, depois de ela destravar o fecho de metal e abri-lo na primeira página, viu que era chamado *O livro de Palimpsesto*. Quando Charmain virou as páginas seguintes, viu que cada uma continha um feitiço — que era apresentado de forma fácil, com um título anunciando seu objetivo e, debaixo dele, uma lista de ingredientes, seguida por passos numerados que informavam o que era preciso fazer.

— Este sim! — exclamou Charmain, e acomodou-se para ler.

Muito tempo depois, enquanto tentava chegar a uma conclusão sobre qual era mais útil, se “Um feitiço para distinguir amigos de inimigos” ou “Um feitiço para ampliar a mente” ou talvez “Um feitiço para voar”, Charmain de repente percebeu que precisava urgentemente ir ao banheiro.

Isso costumava lhe acontecer quando ficava absorta na leitura. Ela se levantou, apertando os joelhos um contra o outro, e então se deu conta de que ainda não havia encontrado um banheiro.

— Ah, como chego ao banheiro daqui? — perguntou ela em voz alta.

Como esperado, a voz frágil e bondosa do tio-avô William soou vinda do nada imediatamente:

— Vire à esquerda na passagem, minha querida, e o banheiro é a primeira porta à direita.

— Obrigada! — arquejou Charmain, e correu.



CAPÍTULO TRÊS

No qual Charmain trabalha em vários feitiços ao mesmo tempo

O banheiro era tão reconfortante quanto a gentil voz do tio-avô William. O piso gasto era de pedra verde e havia uma janelinha na qual flutuava uma cortina de tela verde. E lá estavam todos os acessórios que Charmain conhecia de sua casa, onde não havia nada menos do que o melhor, ela pensou. E mais: tinha torneiras e a descarga do vaso funcionava. Verdade que a banheira e as torneiras eram estranhas, ligeiramente bulbosas, como se a pessoa que as instalou não tivesse muita certeza do que estava fazendo; mas as torneiras, quando Charmain experimentou girar uma, tinham água fria e água quente, exatamente como deveriam, e havia toalhas aquecidas em um trilho debaixo do espelho.

Talvez eu possa colocar uma daquelas sacolas de roupas sujas na banheira, refletiu Charmain. Mas como iria secá-las?

No corredor, no lado oposto ao banheiro, havia uma série de portas, estendendo-se a distância, de forma pouco precisa. Charmain dirigiu-se à mais próxima e a empurrou, abrindo-a, na expectativa de que levasse à sala de estar. Mas, em vez disso, atrás dela havia um quarto pequeno, obviamente do tio-avô William, a julgar pela bagunça. As cobertas brancas caíam da cama desfeita, quase cobrindo vários camisões de dormir listrados espalhados pelo chão. Camisas pendiam de gavetas, junto com meias e o que pareciam ceroulas, e o armário aberto deixava ver algum tipo de uniforme com cheiro de mofo. Sob a janela, havia mais duas sacolas abarrotadas de roupa suja.

Charmain gemeu alto.

— Creio que ele está doente há bastante tempo — disse ela, tentando ser caridosa. — Mas, mãe do céu, por que *eu* é que tenho de cuidar de tudo isso?

A cama começou a tremer.

De um salto, Charmain fez meia-volta, ficando de frente para ela. O tremor era causado por Desamparado, confortavelmente enroscado no monte de roupa de cama, coçando-se, tentando livrar-se de uma pulga. Quando viu Charmain olhando para ele, abanou a cauda minúscula, humilde, baixou as orelhas esfiapadas e dirigiu um gemido choroso a ela.

— Você não deveria estar aí, deveria? — perguntou ela. — Muito bem. Dá para ver que você está confortável... e, de qualquer forma, Deus me livre de dormir nessa cama.

Então bateu em retirada do quarto e abriu a porta seguinte. Para seu alívio, lá estava outro quarto quase idêntico ao do tio-avô William, exceto

pelo fato de esse estar arrumado. A cama estava limpa e feita, o armário estava fechado, e, quando ela olhou, descobriu que as cômodas estavam vazias. Charmain assentiu em tom de aprovação para o quarto e abriu a porta seguinte no corredor. Havia ainda outro quarto arrumado, e além desse, mais um, todos exatamente iguais.

É melhor eu guardar minhas coisas no que é meu, ou nunca mais vou encontrá-lo, pensou.

Ela se virou para o corredor e viu que Desamparado deixara a cama e agora arranhava a porta do banheiro com as duas patas dianteiras.

— Você não vai querer entrar aí — disse-lhe Charmain. — Nada do que tem aí serve para nós.

Mas, de alguma forma, a porta se abriu antes que Charmain a alcançasse. Além dela, estava a cozinha. Desamparado entrou ali todo lampeiro e Charmain gemeu novamente. A bagunça não desaparecera. Lá estavam a louça e as sacolas de roupa suja, com a adição agora de um bule caído sobre uma poça de chá, as roupas de Charmain numa pilha perto da mesa e uma grande barra de sabão verde na lareira.

— Eu já tinha esquecido disso tudo — disse Charmain.

Desamparado pôs as minúsculas patas dianteiras na trave da cadeira e se ergueu em todo seu diminuto comprimento, suplicante.

— Você está com fome novamente — diagnosticou Charmain. — Eu também.

Ela sentou-se na cadeira, Desamparado sentou-se em seu pé esquerdo e dividiram outro pastel. Em seguida, dividiram também uma tartelete de frutas, duas roscas doces, seis biscoitos de chocolate e um flã de caramelo. Depois, Desamparado arrastou-se um tanto pesadamente em direção à porta interna, que se abriu para ele assim que a arranhou. Charmain juntou sua pilha de roupas e o seguiu, na intenção de colocar seus pertences no primeiro quarto vazio.

Mas aqui as coisas desandaram um pouco. Charmain empurrou a porta com um cotovelo e, naturalmente, virou à direita para entrar no corredor onde ficavam os quartos. Então se viu na mais completa escuridão. Quase imediatamente, ela deparou com outra porta, onde bateu com o cotovelo na maçaneta, produzindo um som metálico.

— Ai! — gemeu ela, procurando, atrapalhada, a maçaneta e abrindo a porta.

Esta deslizou majestosamente. Charmain entrou em uma sala ampla iluminada por janelas em arco em toda à sua volta e viu-se respirando um cheiro úmido, abafado, curtido, abandonado. O odor parecia vir dos assentos de couro de antigas cadeiras entalhadas dispostas em torno da grande mesa também entalhada que ocupava a maior parte da sala. Sobre a mesa, diante de cada cadeira, havia uma pequena toalha de couro e, sobre ela, uma folha de mata-borrão velha e gasta — exceto a grande cadeira na outra extremidade, que tinha as armas da Alta Norlanda esculpidas em seu espaldar. À frente dela, no lugar da toalhinha de couro, havia uma varinha curta e grossa sobre a mesa. Tudo aquilo — cadeiras, mesa e toalhas — estava coberto de poeira e viam-se teias de aranha nos cantos das muitas janelas.

Charmain olhava tudo perplexa.

— Isto é a sala de jantar ou o quê? — perguntou ela. — Como chego aos quartos saindo daqui?

A voz do tio-avô William soou fraca e distante.

— Você chegou à Sala de Conferência — anunciou. — Se você está aí, está bem perdida, minha querida, portanto ouça com atenção. Gire uma vez, no sentido horário. Então, ainda girando no sentido horário, abra a porta apenas com a mão esquerda. Ultrapasse a porta e deixe que ela bata. Então dê dois passos longos, de lado, para sua esquerda. Isso a levará de volta ao lado do banheiro.

Vamos esperar que *sim!*, pensou Charmain, esforçando-se para seguir as instruções.

Tudo correu bem, exceto pelo momento de escuridão depois que a porta se fechou atrás dela, quando Charmain se viu em um corredor de pedra totalmente estranho. Um velho encurvado empurrava um carrinho carregado com bules de prata fumegantes, jarras, *réchauds* e o que parecia uma pilha de panquecas grossas. Ela o observou um pouco, decidiu que não faria bem algum — nem a si mesma nem ao velho — se o chamasse, e então deu duas longas passadas para a esquerda. Para seu alívio, viu-se de pé ao lado do banheiro, de onde podia avistar Desamparado girando sobre si mesmo na cama do tio-avô William, tentando encontrar a posição mais confortável.

— Ufa! — exclamou Charmain, e despejou a pilha de roupas no tampo da cômoda do quarto seguinte.

Em seguida, avançou pelo corredor até a janela aberta na extremidade, onde ficou por alguns minutos olhando a campina iluminada pelo sol e respirando o ar fresco que soprava de lá. Podia-se facilmente sair dali pela janela, ela pensou. Ou entrar. Mas, no fundo, Charmain não estava vendo a campina ou pensando no ar fresco. Seus verdadeiros pensamentos estavam no sedutor livro de feitiços que ela deixara aberto na mesa do tio-avô William. Nunca antes ela fora deixada assim solta no meio da magia. Era difícil resistir. Vou abri-lo ao acaso e fazer o primeiro feitiço que vir, pensou ela. Um único feitiço.

No estúdio, *O livro de é palimpsesto* agora estava, por alguma razão, aberto em “Um feitiço para encontrar um belo príncipe”. Charmain sacudiu a cabeça e fechou o livro.

— Quem precisa de um príncipe? — perguntou ela.

Então, abriu o livro novamente, com cuidado, em uma página diferente. No alto dessa página, lia-se: “Um feitiço para voar.”

— Agora, sim! — exclamou Charmain. — Muito melhor!

Ela pôs os óculos e pôs-se a estudar a lista de ingredientes.

“Uma folha de papel, uma pena para escrita (*fácil, tem os dois nesta mesa*), um ovo (*cozinha?*), duas pétalas de flor — uma cor-de-rosa e a outra azul —, seis gotas de água (*banheiro*), um fio de cabelo ruivo, um fio de cabelo branco e dois botões de pérola.”

— Sem problemas — disse Charmain. Então tirou os óculos e começou a correr de um lado para o outro, reunindo os ingredientes.

Correu para a cozinha — aonde chegou abrindo a porta do banheiro e virando à esquerda, e estava tão agitada que quase não percebeu que fizera isso certo — e perguntou ao ar:

— Onde encontro ovos?

A gentil voz do tio-avô William respondeu:

— Os ovos estão em um pote na despensa, minha querida. Acho que estão atrás das sacolas de roupa suja. Peço sinceras desculpas por deixá-la em meio a tamanha bagunça.

Charmain foi para a despensa e inclinou-se sobre as sacolas de roupa suja, onde de fato encontrou uma velha fôrma de torta com meia dúzia de ovos marrons. Ela levou um deles cuidadosamente para o estúdio. Como os óculos estavam pendurados na corrente, ela não percebeu que *O livro de*

palimpsesto estava agora aberto em “Um feitiço para encontrar tesouros escondidos”. Ela correu para a janela do estúdio, onde as pétalas de flor estavam ao alcance da mão em um arbusto de hortênsia, que era metade rosa, metade azul. Então, deixou-as ao lado do ovo e correu para o banheiro, onde coletou as seis gotas d’água em uma caneca. No caminho de volta, seguiu pelo corredor até onde Desamparado estava agora enroscado como um suspiro sobre as cobertas do tio-avô William.

— Desculpe — disse a ele, correndo os dedos pelas costas brancas e ásperas do cãozinho.

Ela conseguiu vários pelos brancos, um dos quais colocou ao lado das pétalas. Juntou a eles um fio ruivo de seu próprio cabelo. Quanto aos botões de pérola, ela simplesmente arrancou dois dos que fechavam sua blusa.

— Certo — disse, e recolocou os óculos avidamente a fim de olhar as instruções.

O livro de palimpsesto estava agora aberto em “Um feitiço para proteção pessoal”, mas Charmain estava entusiasmada demais para perceber. Ela olhou apenas as instruções, que consistiam em cinco passos. Passo Um: “Ponha todos os ingredientes, exceto a pena e o papel, em uma tigela apropriada.”

Charmain, após tirar os óculos para fazer uma busca pelo quarto, e sem encontrar qualquer tigela, apropriada ou não, foi obrigada a voltar à cozinha. Enquanto estava ausente, lenta e matreiramente, *O livro de palimpsesto* virou mais algumas páginas. Quando Charmain retornou com uma tigela ligeiramente açucarada, tendo despejado todo o açúcar em um prato não muito sujo, o livro estava aberto em “Um feitiço para aumentar o poder mágico”.

Charmain não percebeu. Pousou a tigela na mesa e colocou dentro dela o ovo, as duas pétalas, os dois fios de cabelo e seus dois botões, e despejou a água cuidadosamente em cima de tudo. Então pôs os óculos e inclinou-se sobre o livro para descobrir o que fazer em seguida. A essa altura, *O livro de palimpsesto* exibia “Um feitiço para se tornar invisível”, mas Charmain olhou apenas as instruções e não viu isso.

Passo Dois: “Amasse todos os ingredientes juntos, usando somente a pena.”

Não é fácil amassar um ovo com uma pena, mas Charmain conseguiu, golpeando-o vezes seguidas com a extremidade pontiaguda até a casca se

desfazer em pedaços, e então misturando com tanta força que o cabelo lhe caiu sobre o rosto em fios vermelhos, e finalmente, quando nada parecia se misturar homogeneamente, batendo com a ponta da pena. Quando ela, por fim, se ergueu, ofegante, e afastou os cabelos com dedos grudentos, o livro virara mais uma página e agora exibia “Um feitiço para atear fogo”, mas Charmain estava ocupada demais tentando evitar que os óculos se sujassem de ovo para ver. Ela voltou a colocá-los e estudou o Passo Três, que nessa página dizia: “Recite três vezes a ‘Hegemonia Gauda’.”

— Hegemonia Gauda — entou Charmain obedientemente sobre a tigela. Ela não tinha certeza, mas na terceira repetição achou que os pedacinhos de casca de ovo fervilharam um pouco em torno dos botões de pérola. *Acho* que está funcionando!, pensou. Empurrou os óculos novamente nariz acima e olhou o Passo Quatro. A essa altura, estava examinando o quarto passo de “Um feitiço para fazer objetos se dobrarem à sua vontade”.

“Pegue a pena”, dizia o livro, “e, usando a mistura preparada, escreva sobre o papel as letras *Ylf* dentro de um pentagrama. Tome cuidado para não tocar no papel ao fazê-lo.”

Charmain pegou a pena grudenta e gotejante, enfeitada com caquinhos de casca de ovo e um pedaço de pétala cor-de-rosa, e fez o melhor que pôde. Não era fácil escrever com a mistura e parecia não haver jeito de manter o papel no lugar. Ele escorregava e deslizava, enquanto Charmain mergulhava a pena na mistura e tentava escrever, e o que deveriam ser as letras *Ylf* saiu pegajoso, pouco visível e torto, e parecia mais *Poof*, pois o fio de cabelo vermelho na tigela veio com a pena no meio do processo e desenhou estranhos arcos na palavra. Quanto ao pentagrama, o papel deslizou de lado enquanto Charmain tentava desenhá-lo, e o melhor que se podia dizer é que tinha cinco lados. Terminou como uma sinistra forma amarelo gema de ovo com um pelo de cachorro se projetando de um dos cantos.

Charmain deixou escapar um suspiro, colocou o cabelo para trás com a mão agora extremamente grudenta, e olhou a última etapa, o Passo Cinco. Era o Passo Cinco de “Um feitiço para fazer um desejo se realizar”, porém ela estava aturdida demais para notar. Dizia: “Colocando a pena de volta na tigela, bata palmas três vezes e diga ‘*Tacs*’.”

— *Tacs!* — disse Charmain, batendo com força palmas pegajosas.

Alguma coisa evidentemente aconteceu. O papel, a tigela e a pena, tudo desapareceu, silenciosa e completamente. O mesmo ocorreu com a maior parte dos pingos na mesa do tio-avô William. *O livro de palimpsesto* fechou-se com um ruído. Charmain recuou, limpando pedacinhos de casca de ovo das mãos, sentindo-se exausta e bastante decepcionada.

— Mas eu deveria poder voar — disse a si mesma. — Eu me pergunto qual será o melhor lugar para testar.

A resposta era óbvia. Charmain saiu do estúdio e seguiu para o fim do corredor, onde a janela se encontrava convidativamente aberta para a campina verde e ondulante. A janela tinha o peitoril baixo e largo, perfeito para subir. Em questão de segundos, Charmain encontrava-se na campina à luz do entardecer, respirando o ar puro e frio das montanhas.

Ela estava numa altitude elevada ali, tendo a maior parte da Alta Norlanda estendida a seus pés, já azul ao cair da noite. Diante dela, sob a luz laranja do sol que baixava, e ilusoriamente próximos, estavam os picos nevados que separavam seu país de Estrângia, Montalbino e outros lugares estrangeiros. Atrás dela, erguiam-se mais picos, onde grandes nuvens cinza-escuro e carmim se aglomeravam ameaçadoramente. Ia chover logo, como ocorria com frequência na Alta Norlanda, mas, por ora, estava quente e tranquilo. Viam-se ovelhas pastando em outra campina, além de algumas pedras, e Charmain podia ouvir mugidos e sinos tilintando em um rebanho de vacas em algum lugar ali perto. Quando olhou na direção do som, ficou perplexa ao ver que as vacas estavam na campina acima dela e que não havia nenhum sinal da casa do tio-avô William ou da janela por que ela saía.

Charmain não deixou que isso a preocupasse. Nunca antes estivera tão alto nas montanhas, e estava atônita com a beleza do lugar. O gramado sobre o qual se encontrava era mais verde do que qualquer outro que ela já vira na cidade e dele subiam aromas frescos. Quando olhou mais de perto, percebeu que estes vinham de centenas e mais centenas de flores minúsculas e delicadas que cresciam rasteiras na grama.

— Ah, tio-avô William, como o senhor tem sorte! — disse ela. — Que fantástico ter isto diante do seu estúdio!

Por algum tempo, ela perambulou alegremente por ali, evitando as abelhas que se ocupavam entre as flores e colhendo um buquê, que ela pretendia formar com uma flor de cada tipo. Apanhou uma pequenina

tulipa escarlate, uma branca, uma flor dourada em forma de estrela, uma pálida primula anã, uma campânula malva, uma flor azul que se assemelhava a uma taça, uma orquídea laranja e uma de cada moita de flores cor-de-rosa, brancas e amarelas. No entanto, as que mais a encantaram foram minúsculas trombetas azuis, de um tom mais penetrante do que qualquer azul que ela já houvesse imaginado. Charmain pensou que podiam ser gencianas e colheu mais de uma delas. Eram tão pequenas, tão perfeitas e tão azuis! Enquanto isso, foi avançando mais pela campina, até um ponto no qual parecia haver um tipo de descida. Pensou que poderia saltar dali e ver se o feitiço a havia tornado de fato capaz de voar.

Ela alcançou a descida no momento em que descobriu que tinha mais flores do que conseguia segurar. Havia seis novas espécies na borda pedregosa que ela teve de deixar onde estavam. Mas então se esqueceu das flores e arregalou os olhos.

A campina terminava em um penhasco a meio caminho do alto da montanha. Bem, mas bem lá embaixo, ao lado do fino fio que era a estrada, ela podia ver a casa do tio-avô William como uma minúscula caixa cinzenta, em um borão de jardim. Via outras casas, igualmente distantes, espalhadas ao longo da estrada, e as luzes se acendendo nelas como minúsculas faíscas cor de laranja. Estavam tão distantes montanha abaixo que Charmain arquejou e seus joelhos tremeram ligeiramente.

— Acho que vou desistir da prática do voo por ora — disse ela. Mas como vou *descer*?, insistia um pensamento reprimido.

Não vamos pensar nisso agora, replicou com firmeza outro pensamento. Vamos simplesmente aproveitar a vista.

Ela podia ver a maior parte da Alta Norlanda dali de cima, afinal. Além da casa do tio-avô William, o vale se estreitava, tornando-se uma passagem verde reluzente com quedas d'água brancas que levava a Montalbino. Do outro lado, além do bojo da montanha onde se encontrava a campina, o fio da estrada se juntava ao fio mais sinuoso do rio e ambos mergulhavam entre os telhados, torres e torreões da Cidade da Alta Norlanda. As luzes iam se acendendo ali também, mas Charmain ainda podia ver o suave brilho do famoso telhado dourado da Mansão Real, com a bandeira tremulando acima dele, e pensou que podia até mesmo avistar a casa dos pais mais além. Nada daquilo ficava muito longe. Charmain estava bastante surpresa ao ver que o tio-avô William morava, na verdade, nos limites da cidade.

Atrás da cidade, o vale se abria. Estava mais claro ali, fora da sombra das montanhas, fundindo-se a distância, no crepúsculo, exibindo pontos de luz cor de laranja. Charmain podia ver a forma comprida e importante do Castel Joie, onde morava o Príncipe da Coroa, e outro castelo do qual ela nada sabia. Este era alto e escuro, com fumaça escapando de uma das torres. Atrás dele, a terra desbotava a distância, mais azul, cheia de fazendas, vilarejos e indústrias que formavam o coração do país. Na verdade, Charmain podia ver até mesmo o mar, enevoadado e indistinto, mais além.

Não somos um país muito grande, somos?, pensou ela.

Mas esse pensamento foi interrompido por um zumbido agudo no buquê que ela segurava. Ela ergueu o feixe de flores para ver o que estava produzindo o barulho. Ali em cima, na campina, o sol ainda estava estonteante, claro o suficiente para que Charmain visse que uma de suas prováveis gencianas no formato de trombetas azuis estava tremendo e vibrando enquanto zumbia. Ela devia ter colhido uma na qual havia uma abelha. Charmain baixou as flores e as sacudiu. Alguma coisa púrpura caiu zunindo na grama a seus pés. Não tinha exatamente a forma de uma abelha e, em vez de fugir voando como uma abelha faria, a coisa sentou-se na grama e zumbiu. Enquanto zumbia, crescia. Charmain deu um passo de lado, nervosa, afastando-se, ao longo do precipício. Já estava maior do que Desamparado e continuava a crescer.

Não estou gostando disso, pensou ela. O que é isto?

Antes que ela pudesse voltar a se mexer — ou mesmo pensar — a criatura cresceu velozmente, alcançando duas vezes o tamanho de uma pessoa. Era roxo-escuro e tinha a forma humana, mas não era humano. Tinha pequenas asas púrpura transparentes nas costas que se moviam com grande velocidade, zumbindo, e seu rosto era... Charmain teve de desviar o olhar. Seu rosto era a cara de um inseto, com tentáculos, antenas e olhos salientes que tinham pelo menos 16 olhos menores dentro deles.

— Ah, céus! — sussurrou Charmain. — Acho que esta coisa é um luboque!

— Eu sou o luboque — anunciou a criatura. Sua voz era uma mistura de zumbido e rosnado. — Sou o luboque e sou o dono destas terras.

Charmain ouvira falar em luboques. Na escola, as pessoas contavam histórias sussurradas sobre essas criaturas, nunca coisas agradáveis. A

única coisa a fazer, assim diziam, era ser muito educado e torcer para escapar sem ser picado e depois comido.

— Eu sinto muito — disse Charmain. — Não percebi que estava invadindo sua campina.

— Você está invadindo qualquer lugar que pise aqui — rosnou o luboque. — Toda esta terra que você pode ver é minha.

— O quê? Toda a Alta Norlanda? — exclamou Charmain. — Não fale bobagens!

— Eu nunca falo bobagens — disse a criatura. — Tudo é meu. *Você* é minha. — Com as asas zunindo, ele começou a avançar na direção dela com pés finos e amorfos, de aparência totalmente anormal. — Vou reclamar minhas propriedades muito em breve. Mas eu a reivindico primeiro. — Deu um passo vibrante na direção de Charmain. Seus braços se estenderam. E também um ferrão pontiagudo na parte inferior de sua cara. Charmain gritou, esquivou-se e despencou no penhasco, espalhando flores enquanto caía.



CAPÍTULO QUATRO

*Que apresenta Rollo, Peter e misteriosas mudanças em
Desamparado*

Charmain ouviu o luboque dar um grito de fúria que vibrou, embora ela não conseguisse compreender, por causa do impetuoso vento provocado por sua queda. Ela via a face do imenso precipício passando como um raio diante de seu rosto. E continuou gritando.

— Ylf, YLF! — ela berrava. — Ah, pelo amor de Deus! *Ylf!* Acabei de fazer um feitiço de voo. Por que ele não *funciona*?

Estava funcionando. Charmain se deu conta disso quando as pedras diante dela deixaram de se precipitar para cima e ela passou a se deslocar mais lentamente, depois a planar e então a flutuar sem rumo. Por um momento, ficou suspensa no espaço, balançando-se um pouco acima de algumas gigantescas pontas nos rochedos no fundo do precipício.

Talvez eu esteja morta agora, ela pensou.

Então disse:

— Isto é ridículo! — E conseguiu, por meio de muitos chutes e braçadas desajeitados, virar-se. E lá estava a casa do tio-avô William, ainda muito abaixo dela no lusco-fusco do entardecer, a pouco menos de quinhentos metros adiante de onde ela estava. — E flutuar está muito bom — disse Charmain —, mas como é que *saio do lugar*? — A essa altura, ela lembrou-se de que o luboque tinha asas e que provavelmente naquele momento estava descendo das alturas, zunindo em sua direção. Depois disso, não precisou mais se perguntar como sair do lugar. Charmain viu-se agitando as pernas furiosamente e deslocando-se na direção da casa do tio-avô William. Ela disparou acima do telhado e atravessou o jardim da frente, onde o feitiço pareceu deixá-la. Ela só teve tempo de se lançar de lado, de modo a se posicionar acima do caminho, antes de cair com um ruído surdo e se ver sentada no calçamento de pedras irregulares, tremendo-se toda.

A salvo!, pensou ela. De alguma forma, parecia não haver dúvida de que dentro dos limites da casa do tio-avô William era seguro. Ela podia sentir que era.

Depois de um instante, disse:

— Ai, meu Deus! Que dia! Quando penso que tudo que eu queria era um bom livro e um pouco de paz para lê-lo...! *Bendita* tia Semprônia!

Os arbustos ao lado dela farfalharam. Charmain recuou, afastando-se, e quase gritou novamente quando as hortênsias curvaram-se para um lado, permitindo que um homenzinho azul saltasse para o caminho.

— Você é a responsável aqui agora? — perguntou a pessoinha azul com vozinha rouca.

Mesmo à luz do crepúsculo, o homenzinho era decididamente azul, não púrpura, e não tinha asas. Seu rosto estava franzido por rugas de mau humor e um nariz enorme quase o ocupava totalmente, mas não era a cara de um inseto. O pânico de Charmain desapareceu.

— O que você é? — perguntou ela.

— Um *kobold*, é óbvio — disse o homenzinho. — A Alta Norlanda é uma terra de *kobolds*. Eu cuido do jardim daqui.

— À noite? — perguntou Charmain.

— Nós, *kobolds*, saímos quase sempre à noite — explicou o homenzinho azul. — Voltando à minha pergunta... você é a responsável agora?

— Bem — disse Charmain —, mais ou menos.

— Foi o que pensei — disse o *kobold*, satisfeito. — Vi o mago sendo carregado pelos Altinhos. Então você vai querer que eu corte todas essas hortênsias, não é?

— Para quê? — perguntou Charmain.

— Gosto de cortar as coisas — explicou o *kobold*. — É o maior prazer da jardinagem.

Charmain, que nunca em sua vida pensara em jardinagem, considerou a questão.

— Não — disse ela. — O tio-avô William não as teria se não gostasse delas. Não vai demorar muito para ele voltar, e acho que ele poderia ficar aborrecido se as encontrasse cortadas. Por que você não faz simplesmente seu trabalho noturno costumeiro e vê o que ele diz quando voltar?

— Ah, ele vai dizer não, é evidente — respondeu o *kobold*, abatido. — Ele é um estraga-prazeres, o mago. O preço de sempre, então?

— E qual é o preço de sempre? — indagou Charmain.

— Aceito um pote de ouro e uma dúzia de ovos novos — respondeu o *kobold* prontamente.

Felizmente, a voz do tio-avô William falou do nada ao mesmo tempo.

— Pago a Rollo um quartilho de leite por noite, minha querida, entregue por magia. Não precisa se preocupar.

O *kobold* cuspiu, desgostoso, no caminho.

— O que foi que eu disse? Eu não disse que ele era um estraga-prazeres? E não vou poder fazer trabalho nenhum se você ficar sentada

nesse caminho a noite toda.

— Eu só estava descansando — disse Charmain, com dignidade. — Vou embora agora.

Ela se pôs de pé, sentindo-se surpreendentemente pesada, sem falar na fraqueza nos joelhos, e arrastou-se pelo caminho até a porta da frente. Deve estar trancada, pensou ela. Vou parecer uma idiota se não conseguir entrar.

Mas a porta abriu de supetão antes que ela a alcançasse, revelando um surpreendente clarão de luz e, com a luz, a pequena e saltitante forma de Desamparado, guinchando, agitado, e abanando a cauda de contentamento ao ver Charmain novamente. Ela também estava tão feliz por chegar em casa e ser bem-vinda que pegou Desamparado no colo e o levou para dentro, enquanto ele se contorcia, espichando-se para lhe lambe o queixo.

Dentro da casa, a luz parecia segui-los por magia.

— Ótimo — disse Charmain em voz alta. — Assim, não preciso procurar velas. — Mas sua mente dizia freneticamente: *Deixei a janela aberta! O luboque pode entrar!*

Ela então colocou Desamparado no chão da cozinha e correu para a esquerda, passando pela porta. A luz brilhava com intensidade no corredor, enquanto ela disparava até a extremidade e fechava a janela com força. Infelizmente, a luz fazia a campina parecer tão escura que, por mais que ela espiasse pelo vidro, não conseguia ver se o luboque estava lá fora ou não. Ela se consolou com o pensamento de que não conseguira ver a janela quando estava na campina, mas percebeu que ainda estava tremendo.

Depois disso, não conseguiu mais parar de tremer. Tremeu no caminho de volta à cozinha e tremeu enquanto dividia uma torta de carne de porco com Desamparado, e tremeu mais porque a poça de chá se espalhara debaixo da mesa, molhando e tingindo de marrom a parte inferior de Desamparado. Toda vez que o cãozinho chegava perto dela, partes de Charmain também ficavam pegajosas com o chá. No fim, Charmain tirou a blusa, que, de qualquer forma, estava aberta por causa dos botões que faltavam, e limpou o chá com ela. Isso fez com que tremesse ainda mais. Ela então pegou o grosso suéter de lã que a Sra. Baker havia posto na mala para ela e se agasalhou com ele, mas, ainda assim, continuou a tremer. A chuva anunciada caiu. Os pingos batiam na janela e escorriam pela chaminé da cozinha, e Charmain tremeu ainda mais. Supôs que fosse, na verdade, por causa do choque, mas, apesar disso, sentia frio.

— Ah! — gritou ela. — Como eu acendo o fogo, tio-avô William?

— Acredito que eu tenha deixado o feitiço no lugar — disse a voz bondosa vinda do nada. — Basta você atirar na grelha algo que queime e dizer em voz alta: “Fogo, acenda”, e você deve ter fogo.

Charmain olhou ao redor, à procura de algo que queimasse. Viu a bolsa sobre a mesa, mas nela ainda havia uma torta de carne de porco e uma de maçã, e, além disso, era uma bela bolsa, com flores bordadas pela Sra. Baker. Havia papel no estúdio do tio-avô William, naturalmente, mas isso significava ter de se levantar e ir buscá-lo. Havia a roupa suja nas sacolas perto da pia, mas Charmain tinha quase certeza de que o tio-avô William não ficaria satisfeito de ter suas roupas sujas queimadas. Por outro lado, havia sua própria blusa, suja, encharcada de chá e sem dois botões, embolada no chão perto de seus pés.

— Está estragada mesmo — ponderou, e então apanhou o fardo marrom e ensopado, e o atirou na lareira. — Fogo, acenda — disse ela.

A grelha crepitou, ganhando vida. Por aproximadamente um minuto, viu-se o mais alegre e chamejante fogo que alguém poderia desejar. Charmain suspirou de prazer. Estava aproximando sua cadeira do calor quando as chamas se transformaram em nuvens sibilantes de vapor. Então, amontoando-se em meio ao vapor, invadindo a chaminé e espalhando-se pela cozinha, vieram bolhas. Bolhas grandes, bolhas pequenas, bolhas cintilando com as cores do arco-íris, saíam em grandes quantidades da lareira para a cozinha. Elas enchiam o ar, pousavam nas coisas, voavam de encontro ao rosto de Charmain, onde estouravam com um suave suspiro, seguidas por outras. Em segundos, a cozinha era uma tempestade quente e fumegante de espuma, o que fez Charmain arquejar.

— Esqueci da barra de sabão! — exclamou ela, arfando no súbito e úmido calor.

Desamparado concluiu que as bolhas eram inimigos pessoais e retirou-se para debaixo da cadeira de Charmain, ganindo loucamente e rosnando para as bolhas que estouravam. Ele fazia um barulho surpreendente.

— Cale a boca! — disse Charmain. O suor escorria pelo seu rosto, e seu cabelo, que caíra nos ombros, pingava no vapor. Ela espantou uma nuvem de bolhas e disse: — Acho que vou tirar a roupa.

Alguém bateu com veemência na porta dos fundos.

— Acho que não — disse Charmain.

A pessoa lá fora martelou a porta novamente. Charmain ficou parada onde estava, torcendo para que não fosse o luboque. Mas, quando o martelar da porta veio uma terceira vez, ela se levantou, relutante, e abriu caminho em meio às bolhas enfurecidas para ver quem era. Poderia ser Rollo, ela supôs, querendo se abrigar da chuva.

— Quem é? — gritou ela através da porta. — O que você quer?

— Preciso entrar! — a pessoa do lado de fora gritou de volta. — Está chovendo muito!

Quem quer que fosse parecia jovem, e a voz não era áspera como a de Rollo, nem zumbia como a do luboque. E Charmain podia ouvir a chuva desabando, mesmo através do silvo do vapor e do contínuo e suave pipocar das bolhas. Mas podia ser um truque.

— *Deixe-me entrar!* — gritou a pessoa lá fora. — O mago está me esperando!

— Isso não é verdade! — gritou Charmain de volta.

— Eu escrevi uma *carta* para ele! — berrou a pessoa. — Minha mãe *providenciou* para que eu viesse. Você não tem o direito de me deixar do lado de fora!

O trinco da porta sacudiu-se. Antes que Charmain pudesse fazer mais do que estender ambas as mãos para mantê-la fechada, a porta abriu de supetão e um garoto encharcado entrou. Ele estava tão molhado quanto seria possível estar. O cabelo, que provavelmente era encaracolado, pendia em torno do rosto jovem em pontas castanhas e gotejantes. O casaco e a calça de aparência sóbria eram pretos e brilhavam com a água, assim como a grande mochila em suas costas. Suas botas chapinhavam quando ele andava. Ele começou a fumar no momento em que entrou. Ficou parado, olhando fixamente para as bolhas que flutuavam, para Desamparado latindo sem parar debaixo da cadeira, para Charmain agarrada ao suéter e fitando-o por entre os fios vermelhos do cabelo, para as pilhas de louça suja e para a mesa entulhada com os bules de chá. Seus olhos voltaram-se para as sacolas de roupa suja, e aquilo obviamente foi demais para ele. Sua boca escancarou-se e ele deixou-se ficar ali, de pé, olhando sem parar para todas aquelas coisas a seu redor e fumegando silenciosamente.

Passado um instante, Charmain estendeu a mão e segurou o queixo dele, onde alguns pelos ásperos cresciam, mostrando que era mais velho

do que parecia. Ela o empurrou para cima e a boca do garoto fechou-se com um clique.

— Importa-se de fechar a porta? — perguntou ela.

O garoto olhou para trás, para a chuva entrando na cozinha.

— Ah — disse ele. — Sim. — Então empurrou a porta até ela se fechar. — O que está acontecendo? — perguntou ele. — Você também é aprendiz do mago?

— Não — respondeu Charmain. — Só estou tomando conta da casa enquanto ele está fora. Ele estava doente, sabe, e os elfos o levaram para curá-lo.

O garoto pareceu muito abalado.

— Ele não lhe disse que eu viria?

— Ele não teve tempo de me dizer nada — afirmou Charmain. Sua mente voou para a pilha de cartas debaixo de *Das Zauberbuch*. Um daqueles pedidos desesperados para que o mago ensinasse alguém devia ter vindo desse garoto, mas os latidos de Desamparado estavam tornando difícil pensar. — Cale a boca, Desamparado. Qual o seu nome, garoto?

— Peter Regis — disse ele. — Minha mãe é a Bruxa de Montalbino. É uma grande amiga de William Norland e combinou com ele a minha vinda. Fique quieto, cachorrinho. A minha vinda era *mesmo* esperada. — Ele tirou a mochila molhada das costas e a deixou no chão. Desamparado parou de latir a fim de aventurar-se fora da proteção da cadeira e farejar a mochila, no caso de ela ser perigosa. Peter pegou a cadeira e pendurou o casaco molhado nela. A camisa estava quase tão encharcada quanto o casaco. — E quem é você? — perguntou ele, espiando Charmain por entre as bolhas.

— Charmain Baker — ela respondeu e explicou: — Nós chamamos o mago de tio-avô William, mas ele, na verdade, é parente da tia Semprônia. Eu moro na Alta Norlanda. De onde você é? Por que bateu à porta dos fundos?

— Venho de Montalbino — disse Peter. — E me perdi, se quer saber, tentando pegar o atalho na passagem. Eu já vim aqui uma vez, quando minha mãe estava providenciando para que eu fosse o aprendiz do Mago Norland, mas parece que eu não me lembrava corretamente do caminho. Há quanto tempo você está aqui?

— Desde hoje de manhã — disse Charmain, bastante surpresa ao se dar conta de que estava ali não havia nem um dia ainda. Pareciam

semanas.

— Ah. — Peter olhou para os bules de chá em meio às bolhas flutuantes, como se estivesse calculando quantas xícaras de chá Charmain havia bebido. — Parece que você está aqui há semanas.

— Já estava assim quando cheguei — replicou Charmain com frieza.

— O quê? As bolhas e tudo? — perguntou Peter.

Charmain pensou: Acho que não gosto desse garoto.

— Não — disse ela. — Isso fui eu. Esqueci que tinha jogado o sabonete na lareira.

— Ah — disse Peter. — Pensei que fosse um feitiço que tivesse dado errado. Foi por isso que supus que você também fosse uma aprendiz. Vamos ter de esperar que o sabonete se gaste então. Você tem alguma comida? Estou faminto.

Os olhos de Charmain seguiram relutantes para a bolsa sobre a mesa. Ela então os desviou rapidamente.

— Não — disse. — Não tenho.

— O que você vai dar para o seu cachorro comer, então? — perguntou Peter.

Charmain olhou para Desamparado, que voltara para debaixo da cadeira, a fim de latir para a mochila de Peter.

— Nada. Ele acabou de comer metade de uma torta de carne de porco — disse ela. — E não é meu cachorro. É um vira-lata que o tio-avô William acolheu. O nome dele é Desamparado.

Desamparado ainda estava latindo.

— Fique quieto, Desamparado — disse Peter, e estendeu o braço em meio à tempestade de bolhas, passando por seu casaco molhado, até onde Desamparado estava encolhido debaixo da cadeira. De alguma forma, ele conseguiu puxá-lo e se ergueu com Desamparado de barriga para cima no colo. Desamparado emitiu um ganido de protesto, agitando as quatro patas, e entortou a cauda esfiapada entre as patas traseiras. Peter desentortou a cauda.

— Você está ferindo a dignidade dele — disse Charmain. — Ponha-o no chão.

— Não é ele — disse Peter. — É ela. E ela não tem dignidade alguma, tem, Desamparada?

Desamparada evidentemente discordava, e conseguiu escapar dos braços de Peter para a mesa. Outro bule caiu, e a bolsa de Charmain

tombou. Para grande consternação de Charmain, a torta de carne de porco e a torta de maçã rolaram para fora dela.

— Ah, ótimo! — disse Peter, pegando a torta de carne de porco segundos antes de Desamparada alcançá-la. — Esta é toda a comida que você tem? — perguntou ele, mordendo com vontade a torta.

— Sim — respondeu Charmain. — Esse era o café da manhã. — Ela pegou o bule caído. O chá que havia derramado rapidamente se transformou em bolhas marrons, que turbilhonaram para o alto, criando um veio marrom entre as outras bolhas. — Olhe só o que você fez.

— Um pouquinho mais não vai fazer diferença nessa bagunça — replicou Peter. — Você nunca arruma isto aqui? Esta torta está muito gostosa. O que é essa outra?

Charmain olhou para Desamparada, que estava sentada, melancólica, ao lado da torta de maçã.

— Maçã — disse ela. — E, se você a comer, tem de dar um pedaço para Desamparada também.

— Isso é uma regra? — perguntou Peter, engolindo a última mordida da torta de carne de porco.

— É — disse Charmain. — Desamparado a criou e ele... quero dizer, *ela*... é muito firme nesse sentido.

— Ela é mágica, então? — sugeriu Peter, apanhando a torta de maçã. Imediatamente, Desamparada começou a emitir leves ruídos expressivos e pôs-se a andar entre os bules de chá.

— Eu não sei — começou Charmain. Então, ela pensou na maneira como Desamparada parecia capaz de ir a qualquer lugar da casa e como a porta da frente se abria para ela mais cedo. — Sim — disse. — Tenho certeza de que é. *Muito* mágica.

Lenta e relutantemente, Peter quebrou um pedacinho da torta de maçã. A cauda esfiapada de Desamparada se agitou e seus olhos seguiram cada movimento dele. Ela parecia saber exatamente o que Peter estava fazendo, por mais que as bolhas se interpusessem no caminho.

— Entendo o que quer dizer — observou Peter, e passou o pedaço para Desamparada.

Ela o abocanhou delicadamente, pulou da mesa para a cadeira e então para o chão, e foi comer em algum lugar entre as sacolas de roupa suja.

— Que tal uma bebida quente? — sugeriu Peter.

Uma bebida quente era algo que Charmain estivera ansiando desde que caíra da encosta da montanha. Ela estremeceu e apertou o suéter em torno do corpo.

— Que ótima ideia! — exclamou. — Prepare uma se descobrir como.

Peter desviou as bolhas para um lado, a fim de examinar os bules sobre a mesa.

— *Alguém* deve ter feito todos esses bules de chá — afirmou ele.

— Só pode ter sido o tio-avô William — disse Charmain. — Não fui eu.

— Mas isso mostra que pode ser feito — observou Peter. — Não fique aí parada, parecendo frágil. Procure uma panela ou algo parecido.

— *Você* procura — retorquiu Charmain.

Peter lançou-lhe um olhar de desdém e atravessou a cozinha, desviando as bolhas para o lado enquanto avançava, até alcançar a pia entulhada. Ali, ele naturalmente fez as descobertas que Charmain fizera mais cedo.

— Não tem torneira! — exclamou, incrédulo. — E todas estas panelas estão sujas. Onde ele pega água?

— Tem uma bomba lá fora no quintal — disse Charmain, com aspereza.

Peter olhou em meio às bolhas para a janela, em cujas vidraças a chuva ainda escorria.

— Não tem um banheiro? — perguntou ele. E, antes que Charmain pudesse explicar como chegar a ele, acenou e abriu caminho aos tropeços pela cozinha em direção à outra porta, chegando à sala de estar. As bolhas se agitaram ao redor dele quando emergiu, furioso, de volta à cozinha. — Isso é uma piada? — perguntou, incrédulo. — Ele *não* pode ter só estes dois cômodos!

Charmain suspirou, apertando o suéter ainda mais em torno do corpo, e foi mostrar a ele.

— Abra a porta novamente e vire à esquerda — explicou ela, e então teve de agarrar Peter quando ele virava para a direita. — Não. Por aí você vai para um lugar muito estranho. A esquerda é para cá. Não sabe?

— Não — disse Peter. — Nunca sei dizer. Em geral, tenho de amarrar um pedaço de barbante no meu polegar.

Charmain revirou os olhos para o alto e o empurrou para a esquerda. Ambos chegaram ao corredor, onde a chuva golpeava ruidosamente a

janela na outra extremidade. Lentamente a luz inundou o lugar enquanto Peter ficava ali parado, olhando tudo à sua volta.

— *Agora* você pode virar à direita — disse Charmain, empurrando-o naquela direção. — O banheiro é esta porta aqui. Aquela sequência de portas são os quartos.

— Ah! — disse Peter, admirado. — Ele consegue dominar o espaço. Aí está algo que mal posso esperar para aprender. Obrigado — acrescentou, e entrou no banheiro. Sua voz flutuou até Charmain quando ela se dirigia na ponta dos pés para o estúdio. — Ah, ótimo! Torneiras! Água!

Charmain entrou rapidamente no estúdio do tio-avô William e fechou a porta enquanto a estranha lâmpada espiralada na mesa se acendia e ia se tornando mais clara. Quando ela alcançou a mesa, estava quase tão claro como o dia ali. Charmain empurrou para o lado *Das Zauberbuch* e pegou o feixe de cartas debaixo dele. Ela precisava verificar. Se Peter estava dizendo a verdade, uma das cartas solicitando a vaga de aprendiz do tio-avô William tinha de ser dele. Como havia apenas passado os olhos por elas, não tinha qualquer lembrança de que essa carta existisse, e se *não* existisse, ela estava lidando com um impostor, possivelmente outro luboque. Precisava saber.

Ah! Ali estava, na metade da pilha. Ela colocou os óculos e leu:

Estimado Mago Norland,

Sobre o início de minha instrução como seu aprendiz, seria conveniente se eu chegasse aí daqui a uma semana, e não no outono, como combinado? Minha mãe precisa viajar para Ingary e prefere me ver instalado antes de partir. A menos que ouça o contrário de sua parte, eu me apresentarei à sua casa no dia 13 deste mês.

Esperando que isso lhe seja conveniente,

Sinceramente,
Peter Regis

Então parece que está tudo certo!, pensou Charmain, metade aliviada e metade aborrecida. Quando, mais cedo, ela havia passado os olhos pelas cartas, devia ter enxergado a palavra *aprendiz* perto do alto da folha e a

palavra *esperando* perto do fim, e essas palavras estavam em *todas* as cartas. Então ela havia presumido que se tratava de mais uma carta de solicitação. E, aparentemente, o tio-avô William fizera o mesmo. Ou talvez estivesse doente demais para responder. O que quer que tenha acontecido, ela parecia estar presa com Peter. Droga! Pelo menos ele não é sinistro, pensou.

Nesse momento, ela foi interrompida pelos gritos aflitos de Peter a distância. Charmain apressou-se a enfiar as cartas debaixo de *Das Zauberbuch* novamente, tirou os óculos e disparou para o corredor.

O vapor jorrava do banheiro, misturando-se às bolhas que haviam se extraviado até lá e quase ocultando algo grande e branco que se avultava na direção de Charmain.

— O que você f... — ela começou.

Isso foi tudo que teve tempo de dizer antes que a enorme coisa branca pusesse uma gigantesca língua cor-de-rosa para fora e lambesse seu rosto. E também emitisse um estrondoso som de trombeta. Charmain cambaleou para trás. Era como ser lambida por uma toalha de banho molhada e ouvir o bramido de um elefante. Ela encostou-se à parede e ergueu a vista para os olhos enormes e suplicantes da criatura.

— Eu conheço esses olhos — disse Charmain. — O que foi que ele *fez* com você, Desamparada?

Peter surgiu do banheiro, arfando.

— Não sei o que deu errado — ele arquejou. — A água não saiu quente o suficiente para fazer um chá, então pensei em deixá-la mais quente com um feitiço de aumento.

— Bem, desfaça-o imediatamente — disse Charmain. — Desamparada está do tamanho de um elefante.

Peter lançou um olhar perturbado à imensa Desamparada.

— Só de um cavalo. Mas os canos estão incandescentes — disse ele. — O que você acha que eu devo fazer?

— Ah, *francamente*! — replicou Charmain. Ela empurrou a enorme Desamparada delicadamente para o lado e seguiu para o banheiro. Até onde podia ver em meio ao vapor, a água jorrava em ponto de fervura das quatro torneiras e no vaso sanitário, e os canos na parede de fato brilhavam incandescentes. — Tio-avô William! — ela gritou. — Como é que deixo a água do banheiro *fria*?

A voz gentil do tio-avô William falou em meio aos silvos e ruídos da água.

— Você vai encontrar instruções em algum lugar na valise, minha querida.

— *Isso não é nada bom!* — disse Charmain. Ela sabia que não havia tempo para ficar procurando em valises. Alguma coisa ia explodir logo logo. — *Esfrie!* — ela gritou para o vapor. — *Congelem!* Todos vocês, canos, esfriem *imediatamente!* — ela berrou, sacudindo os braços. — *Ordeno* que vocês esfriem!

Para seu espanto, funcionou. O vapor se reduziu a meras baforadas e então desapareceu por completo. A descarga do vaso sanitário cessou. Três torneiras gorgolejaram e a água parou de correr. Quase instantaneamente formou-se gelo na torneira que ainda estava aberta — a de água fria na pia — e um pingente de gelo surgiu na sua ponta. Outro apareceu nos canos que corriam ao longo da parede e deslizou, assobiando, para dentro da banheira.

— Assim está melhor — declarou Charmain, e fez meia-volta para olhar Desamparada, que lhe devolveu um olhar triste. Continuava enorme. — Desamparada — disse Charmain —, diminua. Agora. Eu lhe ordeno.

Desamparada abanou melancolicamente a ponta da cauda monstruosa e continuou do mesmo tamanho.

— Se ela é mágica — disse Peter —, provavelmente pode voltar ao tamanho anterior se quiser.

— Ah, cale a boca! — retrucou Charmain, ríspida. — O que você achou que estava fazendo? Ninguém consegue beber água fervendo.

Peter lançou-lhe um olhar furioso sob as pontas retorcidas e gotejantes de seu cabelo.

— Eu queria uma xícara de chá — disse ele. — Chá se faz com água fervendo.

Charmain nunca fizera chá em sua vida. Ela deu de ombros.

— É mesmo? — E voltou o rosto para o teto. — Tio-avô William — disse —, como conseguimos uma bebida quente neste lugar?

A voz bondosa voltou a falar.

— Na cozinha, bata na mesa e diga “chá”, minha querida. Na sala de estar, bata no carrinho de chá no canto e diga “chá da tarde”. No seu quarto...

Nem Peter nem Charmain esperaram para ouvir sobre o quarto. Eles se precipitaram e bateram a porta do banheiro, tornaram a abri-la — Charmain dando em Peter um forte empurrão para a esquerda — e se espremeram por ela, entrando na cozinha. Então, fizeram meia-volta, fecharam a porta, tornaram a abri-la e finalmente chegaram à sala de estar, onde olharam à sua volta, ansiosos, à procura do carrinho. Peter o avistou em um canto e o alcançou antes de Charmain.

— Chá da tarde! — ele gritou, batendo com força em sua superfície vazia e envidraçada. — Chá da tarde! Chá da tarde! Chá...

Quando Charmain o alcançou e agarrou o braço que se agitava no ar, o carrinho estava lotado com bules de chá, jarros de leite, açucareiros, xícaras, biscoitos, potes de creme, potes de geleia, pratos de torradas quentes com manteiga, pilhas de bolinhos e um bolo de chocolate. Uma gaveta deslizou, abrindo-se, em uma das extremidades do carrinho, cheia de facas, colheres e garfos. Charmain e Peter, de comum acordo, arrastaram o carrinho até o sofá bolorento e se acomodaram para comer e beber. Um minuto depois, Desamparada enfiou a cabeça pela porta, farejando. Vendo o carrinho, ela empurrou a porta e entrou na sala também, arrastando-se, tristonha e gigantesca, até o sofá, em cujo encosto pôs o enorme e peludo queixo, atrás de Charmain. Peter dirigiu-lhe um olhar distraído e lhe deu vários bolinhos, que ela comeu de uma só vez, com imensa polidez.

Uma boa meia hora depois, Peter recostou-se e esticou as pernas.

— Isso foi ótimo — disse ele. — Pelo menos não vamos morrer de fome. Mago Norland — acrescentou ele, experimentando —, como conseguimos almoço nesta casa?

Não houve resposta.

— Ele só responde a mim — disse Charmain, um tanto presunçosa. — E eu não vou perguntar agora. Tive de enfrentar um luboque antes de você chegar, e estou exausta. Vou para a cama.

— O que são luboques? — perguntou Peter. — Acho que um deles matou meu pai.

Charmain não estava com vontade de responder. Ela se levantou e dirigiu-se para a porta.

— Espere — pediu Peter. — Como nos livramos destas coisas no carrinho?

— Não tenho ideia — disse Charmain, e abriu a porta.

— Espere, espere, espere! — gritou Peter, correndo atrás dela. — Mostre o meu quarto primeiro.

Acho que vou ter de fazer isso, pensou Charmain. Ele não consegue distinguir a esquerda da direita. Ela suspirou. De má vontade, empurrou Peter entre as bolhas que ainda tomavam a cozinha, agora mais espessas, para que ele pudesse pegar a mochila, e então o girou para a esquerda, de volta pela porta, para onde ficavam os quartos.

— Fique no terceiro — disse ela. — Aquele ali é o meu e o primeiro é do tio-avô William. Mas tem quilômetros deles, se quiser um diferente. Boa noite — acrescentou ela, e entrou no banheiro.

Tudo ali estava congelado.

— Ora, pois bem — disse Charmain.

Quando chegou ao quarto e vestiu a camisola, que, por alguma razão, estava manchada de chá, Peter estava no corredor, gritando:

— Ei! Este banheiro está congelado!

Que azar!, pensou Charmain. Ela se deitou e adormeceu quase imediatamente.

Cerca de uma hora depois, sonhou que estava sendo esmagada por um mamute peludo.

— Desça, Desamparada — disse ela. — Você é grande demais.

Depois disso, sonhou que o mamute descia lentamente da cama, resmungando baixinho, antes que ela mergulhasse em outros sonhos mais profundos.



CAPÍTULO CINCO

No qual Charmain recebe sua mãe ansiosa

Quando Charmain acordou, descobriu que Desamparada plantara a imensa cabeça na cama, sobre suas pernas. O resto de Desamparada estava encolhido no chão em um monte branco e peludo que tomava conta da maior parte do quarto.

— Então você não consegue voltar ao seu tamanho por sua própria conta — disse Charmain. — Vou ter de pensar em alguma coisa.

A resposta de Desamparada foi uma série de gemidos gigantes, após o que ela aparentemente voltou a dormir. Charmain, com dificuldade, arrastou as pernas de debaixo da cabeça de Desamparada e contornou o corpo enorme, encontrando roupas limpas e vestindo-as. Quando foi arrumar o cabelo, descobriu que todos os grampos com os quais costumava prender os fios pareciam ter desaparecido, provavelmente durante seu mergulho do precipício. Tudo que lhe restava era uma fita. Mamãe sempre insistia que as garotas respeitáveis deveriam prender o cabelo em um coque caprichado no alto da cabeça. Charmain jamais usara o cabelo de outra forma.

— Ah, bem — disse ela para o reflexo no espelhinho. — Mamãe não está aqui, não é? — E arrumou o cabelo em uma trança grossa caída sobre um ombro e a prendeu com a fita. Pensou que assim seu reflexo parecia melhor do que de costume, com o rosto mais cheio e menos magra e mal-humorada. Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça para o reflexo e contornou Desamparada para chegar ao banheiro.

Para seu alívio, o banheiro se descongelara durante a noite. O cômodo estava cheio de suaves ruídos gotejantes da água que cobria todos os canos como um orvalho, mas nada mais parecia errado até Charmain tentar as torneiras. Das quatro, saía água fria como gelo, independentemente de quanto tempo a água corresse.

— Eu não queria mesmo tomar banho — disse Charmain, indo para o corredor.

Não havia o menor sinal de Peter. Ela se lembrou da mãe lhe dizendo que os meninos eram sempre difíceis de acordar pela manhã. Não deixou que isso a preocupasse. Abriu a porta e virou à esquerda, entrando na cozinha, em meio à densa espuma. Blocos de espuma e grandes bolhas isoladas passaram deslizando por ela, indo para o corredor.

— Maldição! — exclamou Charmain. Ela abaixou a cabeça, pôs os braços na frente e abriu caminho cômodo adentro. Estava tão quente ali quanto a cozinha de seu pai quando assava uma grande fornada. — Puxa!

— disse ela. — Suponho que uma barra de sabão leve *dias* para gastar. — Depois, ela não disse mais nada, pois sua boca se enchia de espuma de sabão quando a abria. As bolhas subiam por seu nariz, fazendo-a espirrar e provocando um pequeno turbilhão de espuma. Ela bateu de encontro à mesa e ouviu outra chaleira cair, mas continuou avançando até alcançar as sacolas de roupa suja e ouvir os pires chacoalhar em cima delas. Então soube onde estava. Tirou uma das mãos do rosto a fim de tatear, à procura da pia, e prosseguiu, ao longo da bancada, até sentir a porta dos fundos sob os dedos. Ela tateou em busca da maçaneta — por um momento, pensou que esta havia desaparecido no meio da noite, até se dar conta de que estava na outra extremidade da porta — e, por fim, abriu bruscamente a porta. Então ficou ali parada, respirando em arquejos fundos e ensaboados e piscando os olhos que lacrimejavam, irritados e cheios de sabão, diante de uma linda e amena manhã.

As bolhas passavam por ela voando em enormes aglomerados. À medida que seus olhos iam clareando, Charmain passou a admirar a forma como bolhas grandes e brilhantes captavam a luz do sol enquanto planavam contra as encostas verdes das montanhas. A maior parte, Charmain percebeu, parecia estourar quando alcançava o fim do quintal, como se houvesse uma barreira invisível ali, mas algumas continuavam a subir, cada vez mais, como se fossem durar para sempre. Charmain seguiu-as com os olhos, passando por penhascos marrons e verdes ondulações. Uma daquelas ondulações devia ser a campina onde ela havia encontrado o luboque, mas Charmain era incapaz de dizer qual. Deixou os olhos seguirem até o pálido céu azul acima dos picos. Era um dia verdadeiramente adorável.

A essa altura, havia uma torrente constante e tremeluzente de bolhas saindo da cozinha. Quando Charmain virou-se para olhar, a cozinha não mais era densa espuma, mas ainda havia bolhas por toda parte e mais e mais saindo da lareira. Charmain suspirou e voltou para dentro, até conseguir debruçar-se sobre a pia e abrir a janela também. Isso ajudou imensamente. Duas linhas de bolhas agora planavam a partir da casa, com mais rapidez do que antes, desenhando vários arco-íris no quintal. A cozinha esvaziou-se rapidamente. Logo logo estava claro bastante para que Charmain visse que agora havia *quatro* sacolas de roupa suja ao lado da pia, em vez das duas da véspera.

— Que chateação! — disse Charmain. — Tio-avô William, como é que consigo café da manhã?

Era bom ouvir a voz do tio-avô William em meio às bolhas.

— Basta bater na lateral da lareira e dizer “Café da manhã, por favor”, minha querida.

Charmain correu imediatamente para lá, faminta. E deu à ensaboada tinta ali uma impaciente batidinha.

— Café da manhã, por favor.

Então descobriu que precisava recuar, desviando-se de uma bandeja que flutuava, esbarrando nos óculos que pendiam em seu peito. No centro dessa bandeja, viam-se um prato crepitante de ovos com bacon, e, entulhados em torno dele, uma garrafa de café, uma xícara, uma porção de torradas, geleia, manteiga, leite, uma tigela de compota de ameixas, além de talheres em um guardanapo engomado.

— Ah, *maravilhoso*! — exclamou, e, antes que tudo ficasse ensaboadado, ela agarrou a bandeja e a carregou para a sala. Para sua surpresa, não havia nenhum sinal do banquete de chá que ela e Peter haviam tido na noite anterior, e o carrinho estava caprichosamente de volta ao canto; mas a sala estava muito bolorenta e havia algumas bolhas fugitivas à deriva no ar. Charmain prosseguiu e saiu pela porta da frente. Lembrou-se de que, enquanto apanhava as pétalas cor-de-rosa e azuis para o feitiço do *Livro de palimpsesto*, tinha visto uma mesa de jardim com bancos diante da janela do estúdio. Dobrou a esquina com a bandeja, à sua procura.

Ela a encontrou, no lugar onde o sol da manhã estava mais forte, e acima dela, sobre o arbusto rosa e azul, a janela do estúdio, embora não houvesse nenhum espaço na casa para o estúdio. A magia é interessante, ela pensou enquanto pousava a bandeja na mesa. Embora os arbustos à sua volta ainda estivessem gotejando a chuva da noite, o banco e a mesa estavam secos. Charmain sentou-se e tomou o café da manhã mais agradável que já tivera na vida, aquecida pelo sol e sentindo-se preguiçosa, voluptuosa e extremamente adulta. A única coisa que faltava era um croissant de chocolate, como o que papai faz, pensou ela, recostando-se para bebericar o café. Tenho de dizer isso ao tio-avô William quando ele voltar.

Tinha a impressão de que o tio-avô William devia sentar-se ali com frequência, desfrutando seu café da manhã. As flores nos arbustos de hortênsias à sua volta eram as mais belas no jardim, como se para agradá-

lo especialmente. Cada arbusto tinha flores de mais de uma cor. O que estava na frente dela tinha flores brancas, rosa-pálido e malva. O seguinte, ao lado do primeiro, começava azul do lado esquerdo e escurecia, tornando-se um intenso azul-esverdeado à direita. Charmain sentia-se bastante satisfeita por não ter permitido que o *kobold* cortasse esses arbustos, quando Peter enfiou a cabeça pela janela do estúdio. Isso destruiu em parte a felicidade de Charmain.

— Ei, onde você conseguiu esse café da manhã? — perguntou Peter.

Charmain explicou, e a cabeça dele desapareceu. Charmain ficou onde estava, na expectativa de que ele chegasse a qualquer instante e torcendo para que não chegasse. Mas nada aconteceu. Depois de tomar sol por mais algum tempo, ela pensou em ir pegar um livro para ler. Levou a bandeja para dentro da casa até a cozinha, parabenizando-se por ser tão organizada e eficiente. Peter obviamente estivera ali, pois fechara a porta dos fundos, deixando apenas a janela aberta, de modo que o cômodo estava mais uma vez cheio de bolhas flutuando gentilmente em direção à janela, por onde saíam rapidamente. Entre essas bolhas, avultava-se a grande forma branca de Desamparada. Quando Charmain chegou, Desamparada esticou a imensa cauda esfiapada e a abanou bruscamente de encontro ao consolo da lareira. Um potinho, com a quantidade de comida adequada a um cachorro muito pequeno, aterrissou entre as bolhas, à frente de suas enormes patas dianteiras. Desamparada o olhou com tristeza, baixou a imensa cabeça e engoliu a ração ruidosamente de uma só vez.

— Ah, pobre Desamparada! — disse Charmain.

A cadela levantou a cabeça e a viu. Sua cauda imensa começou a abanar, batendo na lareira. Um novo pote de comida de cachorro aparecia a cada abano. Em segundos, Desamparada estava cercada por pequenos potes espalhados por todo o chão.

— Não exagere, Desamparada — aconselhou Charmain, avançando entre os potes. Ela pousou a bandeja em cima de uma das duas novas sacolas de roupa suja e falou, dirigindo-se a Desamparada: — Estarei no estúdio, procurando um livro, se precisar de mim — e afastou-se com cuidado, seguindo naquela direção.

Desamparada estava ocupada, comendo, e não lhe deu atenção.

Peter estava no estúdio. A bandeja de seu café da manhã, já terminado, estava no chão ao lado da mesa e Peter se encontrava na cadeira, folheando um dos grandes livros de couro da fileira na borda mais distante da mesa.

Ele parecia bem mais respeitável hoje. Agora que o cabelo estava seco, apresentava-se em jeitosos cachos castanho-claros e Peter usava o que era obviamente sua segunda melhor roupa, que era de um bom *tweed* verde. Estava amarrotada, por causa da mochila, e tinha uma ou outra marca redonda molhada, onde bolhas haviam estourado, mas Charmain certamente a aprovava. Quando ela entrou, ele fechou o livro com um suspiro e o empurrou de volta ao lugar. Charmain notou que Peter tinha um pedaço de fio verde amarrado no polegar esquerdo. Então foi assim que ele conseguiu chegar aqui, ela pensou.

— Não estou entendendo nada — disse ele a ela. — *Deve* estar aqui em algum lugar, mas não consigo achar.

— O que você está procurando? — perguntou Charmain.

— Você disse algo ontem à noite sobre um luboque — afirmou Peter — e eu me dei conta de que, na verdade, não sei o que eles são. Estou tentando encontrá-los aqui. Ou você sabe tudo sobre eles?

— Na verdade, não... exceto que são apavorantes — confessou Charmain. — Gostaria de descobrir mais sobre eles também. Como podemos fazer isso?

Peter apontou o polegar com o fio verde para a fileira de livros.

— Aqui. Sei que estes livros são a enciclopédia de um mago, mas você precisa saber o que está procurando antes de encontrar o volume certo.

Charmain empurrou os óculos no nariz e inclinou-se para olhar os livros. Todos traziam as palavras *Res magica* em ouro, seguidas por um número e então um título. *Volume 3*, leu ela, *Girolóptica*; *volume 5*, *Panacticon*; depois, na outra extremidade, *volume 19*, *Seminal avançado*; *volume 27*, *Oniromancia terrestre*; *volume 28*, *Oniromancia cósmica*.

— Entendo o seu problema — disse ela.

— Estou dando uma olhada neles por ordem agora — disse Peter. — Acabei de olhar o 5. São só feitiços que não fazem o menor sentido para mim. — Ele puxou o volume 6, que se intitulava apenas *Hex*, e o abriu. — Você olha o próximo.

Charmain deu de ombros e puxou o volume 7, que se chamava *Potentes*, o que não ajudava em nada. Ela o levou até o peitoril da janela, onde havia espaço e luz, e o abriu não muito longe do início. Assim que o fez, soube que era aquele.

— Demônio: ser poderoso e às vezes perigoso — ela leu —, frequentemente confundido com um Elemental *q.v.* — e avançando mais

algumas páginas —, Diabo: uma criatura do inferno... — Depois disso, ela foi para: — Dom de Elfo: contém poderes agraciados por duendes *q.v.* para a segurança de um reino... — e então, algumas páginas depois: — Incubo: Diabo *q.v.* especializado, inimigo principalmente das mulheres... — Ela virou as páginas muito lenta e cuidadosamente depois disso, e vinte páginas depois, encontrou. — Luboque. Achei! — anunciou ela.

— Ótimo! — Peter fechou *Hex* com força. — Este aqui é praticamente só diagramas. O que diz aí? — Ele foi até a janela e se debruçou no parapeito ao lado de Charmain, e ambos leram o verbete.

“LUBOQUE: criatura, felizmente, rara. Um luboque é um ser semelhante a um inseto, de cor arroxeada, de qualquer tamanho entre um gafanhoto e algo maior que um ser humano. É muito perigoso, embora hoje felizmente só seja encontrado em áreas selvagens ou desabitadas. Um luboque ataca qualquer pessoa que veja, quer com seus apêndices semelhantes a tenazes, quer com sua formidável probóscide. Durante dez meses do ano, ele simplesmente despedaça a pessoa para se alimentar, mas nos meses de julho e agosto, sua estação de reprodução, torna-se especialmente perigoso, pois fica à espreita de viajantes humanos e, quando pega um, põe seus ovos no corpo daquele humano. Os ovos eclodem 12 meses depois, quando então o primeiro a eclodir devora os restantes, e então esse novo luboque abre caminho para sair do hospedeiro humano. Caso este seja um humano macho, morrerá. A fêmea humana dará à luz de maneira normal, e a cria assim nascida será um LUBOQUIM (veja abaixo). A fêmea humana, então, geralmente morre.”

Meu Deus, eu escapei por pouco!, pensou Charmain, e seus olhos, assim como os de Peter, correram para o verbete seguinte.

“LUBOQUIM: filho de um LUBOQUE *q.v.* com uma fêmea humana. Essas criaturas normalmente têm a aparência de uma criança humana, exceto pelo fato de que invariavelmente têm olhos violeta. Alguns têm também a pele púrpura, e podem até nascer com asas vestigiais. Uma parteira irá destruir na hora um luboquim facilmente identificável, mas em muitos casos os luboquins são criados equivocadamente como crianças humanas. Eles são quase invariavelmente maus, e como podem se reproduzir com humanos, sua natureza do mal não desaparece até que várias gerações se tenham passado. Diz-se que muitos habitantes de áreas remotas como a Alta Norlanda e Montalbino têm suas origens em um ancestral luboquim.”

Era difícil descrever o efeito que ler isso causou tanto em Charmain quanto em Peter. Ambos desejaram não ter lido aquilo. O ensolarado estúdio do tio-avô William de repente parecia totalmente inseguro, com estranhas sombras nos cantos. De fato, pensou Charmain, a casa toda lhe pareceu assim. Tanto ela quanto Peter se viram olhando ao redor, inquietos, e então voltando os olhos com urgência, pela janela, para o jardim. Ambos deram um pulo quando Desamparada deu um bocejo enorme em algum ponto do corredor. Charmain queria ir correndo até lá e se certificar de que a janela na extremidade dele estava muito, muito bem fechada. Mas primeiro precisava olhar para Peter com muito, muito cuidado, à procura de sinais púrpura nele. Afinal, ele disse que viera de Montalbino.

Peter ficara muito pálido. Isso destacava algumas sardas em seu nariz, mas eram sardas de um laranja pálido, e os escassos pelos que cresciam em seu queixo eram meio alaranjados também. Seus olhos eram de um marrom cor de ferrugem, em nada parecidos com o amarelo-esverdeado dos olhos da própria Charmain, mas tampouco eram púrpura. Ela podia ver tudo isso facilmente porque Peter a estava olhando com a mesma atenção. Ela sentia o rosto frio. Sabia que ele ficara tão branco quanto o de Peter. Por fim, os dois se manifestaram.

Charmain disse:

— Você é de Montalbino. A sua família é roxa?

Peter disse:

— Você esteve com um luboque. Ele colocou ovos em você?

Charmain respondeu:

— Não.

Peter disse:

— Minha mãe é *chamada* de Bruxa de Montalbino, mas, na verdade, ela é da Alta Norlanda. E *não* é roxa. Fale-me sobre esse luboque que você encontrou.

Charmain explicou como saíra pela janela e chegara ao pasto na montanha, onde o luboque estava escondido dentro da flor azul e...

— Mas ele *tocou* você? — interrompeu Peter.

— Não, porque caí do penhasco antes que ele tivesse chance — disse Charmain.

— Caiu do... Então por que não está morta? — perguntou Peter. Ele se afastou dela ligeiramente, como se pensasse que ela poderia ser uma

espécie de zumbi.

— Eu fiz um feitiço — disse-lhe Charmain alegremente, pois estava muito orgulhosa de ter feito magia de verdade. — Um feitiço para voar.

— Verdade? — replicou Peter, meio entusiasmado, meio desconfiado. — Qual feitiço? De onde?

— De um livro daqui — disse Charmain. — E, quando caí, comecei a flutuar e aterrissei em segurança no caminho do jardim. Não precisa parecer tão incrédulo. Havia um *kobold* chamado Rollo no jardim quando desci. Pergunte a ele, se não acredita em mim.

— Vou fazer isso — afirmou Peter. — Que livro era esse? Me mostre.

Charmain lançou a trança com altivez sobre o ombro e dirigiu-se à mesa. *O livro de palimpsesto* parecia estar tentando se esconder. Ele certamente não estava onde ela o deixara. Talvez Peter o tivesse tirado do lugar. Ela o encontrou na extremidade da mesa, espremido entre a fileira de *Res magica*, fingindo ser outro volume da enciclopédia.

— Ali — disse ela, deitando-o pesadamente em cima de *Hex*. — Como você ousa duvidar da minha palavra? Agora vou procurar um livro para ler.

Ela foi até uma das prateleiras, pegando alguns títulos. Nenhum dos livros parecia ser de histórias, o que Charmain teria preferido, mas alguns dos títulos eram bem interessantes. Que tal *O taumaturgo como artista*, por exemplo, ou *Memórias de um exorcista*? Por outro lado, *Teoria e prática de invocação coral* parecia decididamente seco, mas Charmain gostou bastante do que estava ao lado dele, chamado: *A varinha de doze ramos*.

Enquanto isso, Peter sentava-se à mesa e folheava avidamente *O livro de palimpsesto*. Charmain descobria que *O taumaturgo como artista* estava cheio de dizeres desconcertantes como “assim nosso mágico pequenino e feliz pode trazer a nossos ouvidos uma melodia doce e no estilo das fadas”, quando Peter disse irritado:

— Não tem nenhum feitiço para voar aqui. Já olhei tudo.

— Talvez eu o tenha gasto — sugeriu Charmain, vagamente. Ela deu uma olhadinha dentro de *A varinha de doze ramos* e descobriu ali uma leitura muito promissora.

— Os feitiços não funcionam assim — disse Peter. — Onde você o encontrou de fato?

— Aí. Eu já disse — respondeu Charmain. — E, se você não acredita em uma palavra do que eu digo, por que continua me fazendo perguntas?

— Ela tirou os óculos do nariz, fechou o livro com força e carregou uma pilha inteira de volumes promissores para o corredor, onde bateu a porta do estúdio na cara de Peter, recuando e depois seguindo pela porta do banheiro até alcançar a sala de estar. Foi ali, apesar do mofo, que ela decidiu ficar. Depois do verbete em *Res magica*, o jardim ensolarado lá fora não parecia mais um lugar seguro. Ela pensou no luboque erguendo-se acima das hortênsias e acomodou-se com firmeza no sofá.

Já havia mergulhado fundo em *A varinha de doze ramos*, começara inclusive a entender do que se tratava, quando soaram batidas secas e rápidas na porta da frente. Charmain pensou, como sempre fazia: Outra pessoa pode atender, e continuou a ler.

A porta se abriu com um estrépito impaciente e a voz de tia Semprônia soou:

— É óbvio que ela está bem, Berenice. Ela simplesmente está com o nariz enfiado em um livro, como de costume.

Charmain forçou-se a deixar o livro e tirou os óculos a tempo de ver sua mãe seguindo tia Semprônia e entrando na casa. Tia Semprônia, como sempre, estava muitíssimo exuberante, vestida em sedas. A Sra. Baker tinha a mais respeitável aparência, vestida de cinza, com colarinho e punhos de um branco brilhante, e usava seu mais respeitável chapéu cinza.

Que sorte eu ter vestido roupas limpas esta... Charmain estava começando a pensar quando lhe ocorreu que o restante da casa simplesmente não estava em condições de que nenhuma dessas duas senhoras visse. Não só a cozinha estava cheia de louça humana suja e louça canina suja, de bolhas, roupa suja e um imenso cachorro branco, como ainda havia Peter no estúdio. A mãe provavelmente só encontraria a cozinha, e isso já era ruim o bastante. Mas tia Semprônia era (com quase toda certeza) uma feiticeira, e encontraria o estúdio e Peter. Então mamãe iria querer saber o que um garoto desconhecido estava fazendo ali. E, quando a presença de Peter tivesse sido explicada, mamãe diria que, *nesse* caso, ele podia cuidar da casa do tio-avô William, e Charmain deveria fazer o que era respeitável e voltar para casa imediatamente. Tia Semprônia concordaria, e Charmain seria obrigada a ir. E, então, adeus paz e liberdade!

Charmain pôs-se de pé de um pulo e sorriu esplendidamente, um sorriso tão amplo e acolhedor que ela pensou que talvez tivesse dado um mau jeito no rosto.

— Ah, *olá!* — cumprimentou. — Eu não ouvi a porta.

— Você nunca ouve — disse tia Semprônia.

A Sra. Baker examinou Charmain, cheia de ansiedade.

— Você está bem, meu amor? Bem mesmo? Por que não arrumou o cabelo adequadamente?

— Gosto dele assim — disse Charmain, mudando de lugar, de modo a se colocar entre as duas senhoras e a porta da cozinha. — Não acha que combina comigo, tia Semprônia?

Tia Semprônia apoiou-se no guarda-sol e olhou para ela criticamente.

— Sim — disse. — Combina. Faz com que pareça mais jovem e rechonchuda. É assim que quer parecer?

— É, sim — respondeu Charmain, desafiadora.

A Sra. Baker suspirou.

— Querida, gostaria que você não falasse nesse tom atrevido. As pessoas não gostam disso, você sabe. Mas estou muito feliz de vê-la assim tão bem. Fiquei acordada metade da noite ouvindo a chuva e torcendo para que o telhado desta casa não tivesse goteiras.

— Não tem — disse Charmain.

— Ou com medo de que você pudesse ter deixado uma janela aberta — acrescentou a mãe.

Charmain estremeceu.

— Não, eu fechei a janela — disse, e imediatamente teve a certeza de que Peter naquele momento estava abrindo a janela que dava para a campina do luboque. — A senhora não precisa se preocupar com nada, mamãe — mentiu ela.

— Bem, para dizer a verdade, eu *estava* mesmo um pouco preocupada — disse a Sra. Baker. — É a sua primeira vez longe do ninho, você sabe. Conversei com seu pai a esse respeito. Ele disse que você podia não estar se alimentando adequadamente. — Ela ergueu a volumosa bolsa bordada que trazia. — Ele mandou mais um pouco de comida para você aqui. Vou deixá-la na cozinha, está bem? — perguntou ela, e passou por Charmain, indo na direção da porta interna.

Não! Socorro!, pensou Charmain. Ela segurou a bolsa bordada com o que esperava fossem modos gentis e civilizados, em vez de arrebatá-la como teve vontade de fazer, e disse:

— Não precisa se preocupar, mamãe. Em um instante eu a levo e trago a outra para você...

— Ah, por quê? Não é nenhum trabalho, meu amor — protestou a mãe, continuando a segurar a bolsa.

— ... porque primeiro tenho uma surpresa para você — disse Charmain mais do que depressa. — Vá e sente-se. Esse sofá é muito confortável, mãe. — E fica de costas para esta porta. — Por favor, sente-se, tia Semprônia...

— Mas não vai me levar mais do que um momento — insistiu a Sra. Baker. — Se eu a deixar na mesa da cozinha, onde você pode encontrá-la...

Charmain acenou a mão livre. A outra agarrava-se à bolsa, como se desta dependesse a sua vida.

— Tio-avô William! — gritou ela. — Café! Por favor!

Para seu imenso alívio, a bondosa voz do tio-avô William respondeu:

— Bata no carrinho de chá do canto, minha querida, e diga: “Café.”

A Sra. Baker arfou, assombrada, e olhou à sua volta para ver de onde vinha a voz. Tia Semprônia olhou primeiro interessada, depois zombeteira, e foi até o carrinho dar-lhe uma rápida batidinha com a sombrinha.

— Café? — disse ela.

Instantaneamente, a sala foi tomada por um aroma quente de café. Um bule de prata alto encontrava-se na bandeja, fumegando, acompanhado por pequeninas xícaras douradas, uma cremeira dourada, um açucareiro de prata e uma travessa de bolinhos açucarados. A Sra. Baker estava tão perplexa que soltou a bolsa bordada. Charmain rapidamente a colocou atrás da poltrona mais próxima.

— Magia muito elegante — disse tia Semprônia. — Berenice, venha e sente-se aqui e deixe Charmain trazer o carrinho para o lado deste sofá.

A Sra. Baker obedeceu, parecendo atordoada, e, para grande alívio de Charmain, a visita começou a se transformar em um elegante e respeitável café no meio da manhã. Tia Semprônia serviu o café, enquanto Charmain passava os bolinhos açucarados. Charmain estava de pé de frente para a porta da cozinha, estendendo a travessa para tia Semprônia, quando a porta se abriu e a imensa cara de Desamparada surgiu por ela, obviamente atraída pelo aroma dos bolinhos açucarados.

— Vá *embora*, Desamparada! — disse Charmain. — Xô! Estou falando sério! Você não pode entrar aqui, a menos que seja... que seja... que seja *respeitável*. Vá!

Desamparada fitou-a tristonha, suspirou ruidosamente e recuou. Quando a Sra. Baker e tia Semprônia, ambas segurando cuidadosamente

uma xicarazinha bem cheia de café, conseguiram se virar para ver com quem Charmain estava falando, Desamparada já tinha ido e a porta estava fechada novamente.

— O que foi isso? — perguntou a Sra. Baker.

— Nada — respondeu Charmain, tranquilizadora. — Apenas o cão de guarda do tio-avô William, você sabe. Ela é muito gulosa...

— Você tem um *cachorro* aqui! — interrompeu-a a Sra. Baker, alarmada. — Não sei se gosto disso, Charmain. Os cães são tão sujos. E você pode ser mordida! Espero que o mantenha na corrente.

— Não, não, não, ela é muito limpa. É obediente — disse Charmain, perguntando-se se isso era verdade. — É só que... é só que ela come demais. O tio-avô tenta mantê-la na dieta, por isso ela estava atrás de um desses bolinhos...

A porta da cozinha tornou a se abrir. Dessa vez, foi o rosto de Peter que apareceu atrás dela, com uma expressão que sugeria que tinha algo urgente para dizer. A expressão se transformou em horror quando ele percebeu o refinamento de tia Semprônia e a respeitabilidade da Sra. Baker.

— Aqui está ela outra vez — disse Charmain, um tanto desesperada. — Desamparada, vá embora!

Peter pegou a deixa e desapareceu, segundos antes que tia Semprônia se virasse novamente e o visse. A Sra. Baker parecia mais alarmada do que nunca.

— Você se preocupa demais, Berenice — disse tia Semprônia. — Admito que os cães são fedorentos, sujos e barulhentos, mas nada melhor do que um bom cão de guarda para proteger a casa. Você deveria ficar feliz por Charmain poder contar com um.

— Creio que sim — concordou a Sra. Baker, não parecendo nada convencida. — Mas... mas você não me disse que esta casa é protegida pelas... hã... pelas artes de magia de seu tio-avô?

— Sim, sim, é sim! — confirmou, ansiosa, Charmain. — O lugar é *duplamente* seguro!

— É óbvio que é — disse tia Semprônia. — Acredito que nada pode entrar aqui sem ser convidado.

Como se para provar que tia Semprônia estava completamente errada, um *kobold* de repente apareceu no chão ao lado do carrinho.

— Ora, vejam só! — disse ele, pequeno, azul e agressivo.

A Sra. Baker soltou um grito e agarrou a xícara junto ao peito. Tia Semprônia levantou a barra da saia, afastando-a dele com altivez. O *kobold* olhou-as, visivelmente confuso, e então olhou para Charmain. Aquele não era o *kobold* do jardim. Seu nariz era maior, seu traje azul era de um tecido mais fino, e ele parecia estar acostumado a dar ordens.

— Você é um *kobold* importante? — perguntou-lhe Charmain.

— Bem — disse o *kobold*, bastante surpreso —, pode-se dizer que sim. Sou o líder nestas bandas, e meu nome é Timminz. Estou no comando dessa delegação, e estamos todos muito aborrecidos. E agora nos dizem que o mago não está aqui, ou que não nos verá, ou...

Charmain podia ver que a fúria dele estava crescendo.

— É verdade — disse ela rapidamente. — Ele não está aqui. Está doente. Os elfos levaram-no para tratar dele, e eu estou cuidando da casa na sua ausência.

O *kobold* olhou-a, zangado, acima do grande nariz azul.

— Você está dizendo a verdade?

Parece que o dia todo há alguém me dizendo que estou mentindo!, pensou Charmain, furiosa.

— É a mais pura verdade — disse tia Semprônia. — William Norland não se encontra aqui no momento. Assim, você faria a gentileza de se retirar, meu bom *kobold*? Está assustando a pobre Sra. Baker.

O *kobold* fuzilou-a com o olhar e, em seguida, a Sra. Baker.

— Então — disse ele a Charmain —, não vejo nenhuma chance de resolvermos esta contenda, *jamaís*! — E se foi tão rapidamente quanto viera.

— Ah, meu Deus! — arquejou a Sra. Baker, segurando o peito. — Tão pequeno! Tão azul! Como foi que ele *entrou*? Não o deixe subir pela sua saia, Charmain!

— Era só um *kobold* — disse tia Semprônia. — Acalme-se, Berenice. Os *kobolds*, em regra, não se dão muito bem com humanos, portanto não tenho a menor ideia do que ele estava fazendo aqui. Mas suponho que o tio-avô William devia ter algum tipo de negócio com as criaturas. Nada surpreende quando se trata de magos.

— E eu derramei café... — gemeu a Sra. Baker, tentando limpar a saia.

Charmain pegou a pequena xícara e a encheu, tranquilizadora.

— Coma outro bolinho, mãe — disse, estendendo-lhe a travessa. — O tio-avô William tem um *kobold* trabalhando no jardim, e aquele também

estava zangado quando o encontrei...

— O que o jardineiro estava fazendo na *sala de estar*? — perguntou a Sra. Baker.

Como sempre acontecia, Charmain começou a se desesperar para fazer a mãe entender. Ela não é estúpida, simplesmente nunca relaxa a mente, pensou.

— Esse *kobold* era diferente — ela começou.

A porta da cozinha se abriu e Desamparada entrou. Estava do tamanho certo outra vez. O que significava que estava menor do que o *kobold* e muito satisfeita consigo mesma por ter encolhido. Ela trotou vivazmente até Charmain e ergueu o nariz, cobiçosa, na direção da travessa de bolinhos.

— Francamente, Desamparada! — disse Charmain. — Quando penso no quanto você comeu no café da manhã!

— É este o cão de guarda? — perguntou a Sra. Baker com a voz aguda.

— Se é de fato — opinou tia Semprônia —, seria o segundo melhor numa disputa com um camundongo. Quanto foi que você disse que ele comeu no café da manhã?

— Umas cinquenta tigelas de cachorro cheias — disse Charmain, sem pensar.

— *Cinquenta!* — exclamou a mãe.

— Eu estava exagerando — corrigiu Charmain.

Desamparada, ao perceber que todas a olhavam, sentou-se em posição de súplica, com as patas debaixo do queixo. Intencionalmente, ela parecia encantadora. Era a maneira como conseguia fazer uma orelha esfiapada cair que lhe dava essa aparência, concluiu Charmain.

— Ah, que cachorrinha mais fofa! — exclamou a Sra. Baker. — Tá com fominha, é? — Ela deu a Desamparada o restante do bolinho que estava comendo. Desamparada o apanhou educadamente, engoliu de uma só vez, e continuou a pedir. A Sra. Baker lhe deu um bolinho inteiro da travessa. Isso fez com que Desamparada pedisse com mais insistência do que nunca.

— Estou envergonhada — Charmain disse a Desamparada.

Tia Semprônia, indulgente, também estendeu um bolinho para Desamparada.

— Devo dizer — disse ela a Charmain — que, com esse grande cão para guardá-la, ninguém precisa se preocupar com sua segurança, embora

você possa acabar ficando com fome.

— Ela é boa para latir — disse Charmain. E não precisa ser sarcástica, tia Semprônia. Eu *sei* que ela não é um cão de guarda. Mal esse pensamento ocorreu a Charmain e ela se deu conta de que Desamparada estava sim, protegendo-a. Ela desviara completamente a atenção da mãe dos *kobolds*, e da cozinha, ou de quaisquer perigos para Charmain, e conseguira se reduzir ao tamanho certo para fazer isso. Charmain se viu tão grata que ela mesma deu um bolinho a Desamparada, que lhe agradeceu com muito charme, cutucando-lhe a mão com o nariz, e então voltou sua atenção expectante novamente para a Sra. Baker.

— Ah, ela é tão *doce*! — suspirou a Sra. Baker, e premiou Desamparada com um quinto bolinho.

Ela vai explodir, pensou Charmain. No entanto, graças a Desamparada, o restante da visita transcorreu em paz, até bem no fim, quando as senhoras se levantaram para ir.

— Ah, eu quase esqueci! — disse a Sra. Baker, tateando no bolso. — Chegou esta carta para você, querida. — Ela estendeu para Charmain um envelope comprido e rijo com um selo de cera vermelha na parte posterior. Estava endereçado à “Srta. Charmain Baker”, em uma letra elegante e trêmula.

Charmain olhou para a carta e percebeu que seu coração estava batendo nos ouvidos e seu peito parecia um ferreiro trabalhando numa bigorna. Os olhos perderam o foco. A mão tremia quando ela pegou a carta. O rei havia respondido. Ela sabia que era o rei. O endereço estava escrito na mesma letra trêmula que ela encontrara na carta no estúdio do tio-avô William.

— Ah, obrigada — disse ela, tentando parecer casual.

— Abra, querida — disse a mãe. — Parece muito solene. O que você acha que é?

— Ah, não é nada — replicou Charmain. — Apenas meu certificado de conclusão.

Foi um erro. A mãe exclamou:

— *O quê?* Mas seu pai está esperando que você fique na escola para estudar um pouco de *cultura*, querida!

— Sim, eu sei, mas eles sempre dão à pessoa um certificado no fim do décimo ano — inventou Charmain. — No caso de alguns quererem mesmo

sair, você sabe. Minha turma toda deve ter recebido um também. Não se preocupe.

Apesar dessa explicação, que Charmain considerou brilhante, a Sra. Baker estava preocupada, sim. Ela teria feito um alvoroço em relação ao assunto, não tivesse Desamparada de repente se colocado de pé sobre as patas traseiras e caminhado até a Sra. Baker, com o queixo apoiado encantadoramente sobre as patas dianteiras.

— Ah, *docinho*! — exclamou a Sra. Baker. — Charmain, se seu tio-avô lhe permitir levar essa cachorrinha adorável para casa quando ele estiver melhor, eu não vou me opor nem um pouco. Não vou mesmo.

Charmain conseguiu enfiar a carta do rei na cintura e beijar a mãe e tia Semprônia, despedindo-se delas, sem nenhuma das duas voltar ao assunto. Ela acenou alegremente para as duas ao longo do caminho entre as hortênsias e fechou a porta atrás delas com um arquejo de alívio.

— *Obrigada*, Desamparada! — exclamou. — Sua cachorrinha esperta!

Recostou-se na porta e começou a abrir a carta do rei — embora eu saiba de antemão que ele vai dizer não, disse a si mesma, tremendo de emoção. *Eu* diria não, se fosse ele!

Antes que tivesse conseguido abrir metade do envelope, a outra porta foi aberta por Peter.

— Elas já foram? — perguntou ele. — Finalmente! Preciso da sua ajuda. Estou sendo atacado por *kobolds* furiosos aqui dentro.



CAPÍTULO SEIS
Que diz respeito à cor azul

Charmain suspirou e enfiou a carta do rei no bolso. Não queria partilhar com Peter o que quer que estivesse escrito ali.

— Por quê? — perguntou ela. — Por que estão furiosos?

— Venha ver — chamou Peter. — Para mim, parece tudo ridículo. Eu disse a eles que você era a responsável e que eles tinham de esperar até que você tivesse terminado de ser educada com aquelas bruxas.

— Bruxas! — exclamou Charmain. — Uma delas é a minha mãe!

— Bem, a minha mãe é uma bruxa — disse Peter. — E basta olhar para a orgulhosa de seda para ver que ela é uma bruxa. Venha, entre.

Ele manteve a porta aberta para Charmain e ela passou, pensando que Peter provavelmente estava certo em relação à tia Semprônia. Ninguém na respeitável casa dos Baker jamais mencionava bruxaria, mas Charmain havia pensado durante anos que tia Semprônia era uma bruxa, sem jamais expressar isso para si mesma assim tão abertamente.

Ela esqueceu de tia Semprônia assim que entrou na cozinha. Havia *kobolds* por toda parte. Homenzinhos azuis com grandes narizes azuis de diferentes formatos espalhavam-se pelo chão, por qualquer espaço que não estivesse cheio de tigelas de cachorro ou chá derramado. Eles estavam na mesa entre os bules e na pia, equilibrados em pratos sujos. Havia pequenas mulheres azuis também, a maior parte delas empoleirada nas bolsas de roupa suja. As mulheres se distinguiam por seus narizes menores, mais delicados, e por suas muito elegantes saias azuis de babados. Gostaria de ter uma saia assim, pensou Charmain. Só que maior, é óbvio. Havia tantos *kobolds* que Charmain demorou um momento para perceber que as bolhas da lareira estavam quase extintas.

Todos os *kobolds* emitiram um grito estridente quando Charmain entrou.

— Parece que temos toda a tribo aqui — disse Peter.

Charmain pensou que ele devia estar certo.

— Muito bem — disse ela acima da gritaria. — Eu estou aqui. Qual é o problema?

A resposta foi tamanha tempestade de gritos que Charmain tapou os ouvidos com as mãos.

— Chega! — berrou ela. — Como posso entender uma única palavra do que vocês dizem quando estão todos gritando ao mesmo tempo? — Ela reconheceu o *kobold* que havia aparecido na sala, de pé numa cadeira, ao

lado de pelo menos outros seis. Seu nariz tinha um formato memorável. — *Você* fala. Qual era mesmo o seu nome?

Ele lhe dirigiu uma breve mesura.

— Timminz é o meu nome. Entendo que você é Charme Baker e que fala em nome do mago. Correto?

— Mais ou menos — disse Charmain. Não parecia haver muito sentido em discutir por causa do nome. Além disso, ela até gostava de ser chamada de Charme. — Eu lhe disse que o mago está doente. Ele foi levado daqui para se tratar.

— É o que você diz — respondeu Timminz. — Tem certeza de que ele não *fugiu*?

Isso provocou tantos gritos e vaias, vindos de todos os cantos da cozinha, que Charmain teve de gritar de novo para se fazer ouvir.

— Fiquem *quietos*! É óbvio que ele não fugiu. Eu estava aqui quando ele foi levado. Estava muito doente e os elfos tiveram de carregá-lo. Ele teria *morrido* se os elfos não o tivessem levado.

No quase silêncio que se seguiu a essas palavras, Timminz disse sombriamente:

— Se você diz, nós acreditamos. Nossa briga é com o mago, mas talvez você possa resolver. E eu lhe digo que não gostamos disso. É indecente.

— O quê? — perguntou Charmain.

Timminz estreitou os olhos e a encarou, descontente, por cima do nariz.

— Você não deve rir. O mago riu quando me queixei com ele.

— Eu prometo não rir — disse Charmain. — Então, o que é?

— Estávamos muito zangados — contou Timminz. — Nossas mulheres se recusavam a lavar a louça para ele e nós levamos as torneiras para que ele não pudesse lavá-la, mas tudo que ele fez foi sorrir, e dizer que não tinha forças para discutir...

— Bem, ele estava doente — disse Charmain. — Agora você sabe disso. Então, qual é o problema?

— O jardim dele — disse Timminz. — A queixa veio primeiro de Rollo, mas eu vim dar uma olhada e Rollo tem razão. O mago estava cultivando arbustos com flores azuis, que é a cor correta e sensata para as flores, mas por meio de sua magia ele deixou metade das flores dos

arbustos *cor-de-rosa*, e algumas até mesmo verdes ou brancas, o que é repulsivo e incorreto.

Aqui Peter não conseguiu se conter.

— Mas hortênsias são assim! — explodiu ele. — Eu expliquei isso para vocês! Qualquer jardineiro pode lhe dizer isso. Se você não colocar o pó azulante debaixo de todo o arbusto, algumas flores serão cor-de-rosa. Rollo é jardineiro. Ele devia saber disso.

Charmain olhou a cozinha apinhada, mas não viu Rollo em lugar nenhum entre os enxames de pessoas azuis.

— Provavelmente ele só se queixou disso porque gosta de cortar as coisas — afirmou ela. — Aposto que ele ficava pedindo ao mago para cortar as plantas e o mago dizia não. Ele me perguntou ontem à noite...

Nesse momento, Rollo surgiu ao lado de uma tigela de cachorro, quase aos pés de Charmain. Ela o reconheceu principalmente pela vozinha áspera quando ele gritou:

— E então eu perguntei mesmo a ela! E ela estava sentada lá no caminho, depois de descer flutuando do céu, como se fosse a coisa mais simples do mundo, e me disse que eu só queria me divertir. *Ela* é tão má quanto o mago!

Charmain olhou para ele, de cima, furiosa.

— Você é um monstrinho destruidor — acusou ela. — O que está querendo é criar problemas porque não consegue fazer as coisas do seu jeito!

Rollo esticou um braço.

— Vocês ouviram? Ouviram o que ela disse? Quem é errado aqui? Ela ou eu?

Um clamor estridente e terrível elevou-se por toda a cozinha. Timminz gritou, pedindo silêncio e, quando o clamor se transformou em murmúrios, ele disse a Charmain:

— Então você agora vai dar permissão para que esses malditos arbustos sejam podados?

— Não vou, não — disse Charmain. — Essas plantas são do tio-avô William e eu devo tomar conta de todas as coisas para ele. E Rollo só está criando confusão.

— Essa é a sua última palavra? — perguntou Timminz, estreitando os olhos.

— É, sim — disse Charmain.

— Então — replicou Timminz —, você está por sua própria conta. Nenhum *kobold* vai fazer nenhum trabalho para você a partir de agora.

E foram-se todos embora. De repente, a multidão azul desapareceu entre bules, tigelas de cachorro e louça suja, deixando uma leve brisa movimentando as últimas bolhas e o fogo que agora queimava vivamente na lareira.

— Isso foi estupidez sua — disse Peter.

— O que você quer dizer? — perguntou Charmain, indignada. — Foi você que disse que aquelas plantas deviam ser assim. E dava para ver que Rollo estava atiçando todos de propósito. Eu não podia deixar o tio-avô William voltar para casa e encontrar seu jardim todo depredado, podia?

— Não, mas podia ter tido mais tato — insistiu Peter. — Eu esperava que você dissesse que íamos fazer um feitiço azulante para tornar todas as flores azuis, ou algo assim.

— Ainda assim Rollo ia querer cortá-las — afirmou Charmain. — Ele me disse ontem à noite que eu era um estraga-prazeres por não lhe dar permissão.

— Você podia tê-los feito *ver* como ele é — disse Peter —, em vez de deixá-los ainda mais furiosos.

— Pelo menos eu não ri deles como fez o tio-avô William — retorquiu Charmain. — Foi *ele* que os deixou zangados, não eu!

— E olhe aonde isso o levou! — disse Peter. — Eles arrancaram as torneiras dele e deixaram toda a louça suja. Agora *nós* temos de lavar tudo isso sem ter nem água quente no banheiro.

Charmain deixou-se cair na cadeira e recomeçou, novamente, a abrir a carta do rei.

— Por que temos de fazer isso? — perguntou ela. — De qualquer forma, eu não tenho a menor ideia de como lavar louça.

Peter ficou escandalizado.

— Você não tem? Você *nunca* lavou louça?

Charmain abriu o envelope e tirou uma folha de papel duro, grande e bonita.

— Minha mãe me educou para ser respeitável — disse ela. — Nunca me deixou chegar perto da copa nem da cozinha.

— Não acredito nisso! — exclamou Peter. — Por que seria respeitável não saber como fazer as coisas? É respeitável acender a lareira com uma barra de sabão?

— Aquilo foi um acidente — disse Charmain com altivez. — Por favor, fique quieto e deixe-me ler minha carta. — Ela empurrou os óculos para o alto do nariz e desdobrou o grosso papel.

— “Cara Senhorita Baker” — começava.

— Bem, eu vou tentar — disse Peter. — Não vou me deixar intimidar por uma multidão de pessoinhas azuis. E eu pensei que você tivesse orgulho bastante para me ajudar a fazer isso.

— Cale a boca — disse Charmain e concentrou-se na carta.

Cara Senhorita Baker,

Que gentileza a sua em Nos oferecer seus serviços. Normalmente, Nós buscaríamos a ajuda de Nossa Filha, a princesa Hilda, suficiente para as nossas necessidades. Mas acontece que a princesa está prestes a receber Visitantes Importantes e se vê obrigada a abster-se de seu Trabalho na Biblioteca pelo tempo que durar a Visita. Portanto, Nós aceitamos agradecidos sua Gentil Oferta, em caráter temporário. Se tiver a Gentileza de se apresentar na Mansão Real na manhã desta próxima Quarta-feira, por volta das 10h30, será um prazer recebê-la em Nossa Biblioteca e instruí-la sobre Nosso Trabalho.

Seu Penhorado e Agradecido,
Adolphus Rex Norlandi Alti

O coração de Charmain pulava e saltava enquanto ela lia a carta, e foi só ao chegar ao fim da leitura que percebeu que o surpreendente, o improvável, o inacreditável havia acontecido: o rei havia concordado em deixá-la ajudá-lo na Biblioteca Real! Seus olhos se encheram de lágrimas, Charmain não sabia bem por quê, e teve de tirar os óculos. Seu coração martelava de felicidade. Depois de alarme. Hoje era quarta-feira? Ela havia perdido sua oportunidade?

Ouvira, sem prestar atenção, Peter batendo panelas e chutando tigelas de comida de cachorro, tirando-as do caminho, enquanto se dirigia para a porta interna. Agora o ouvia voltar.

— Que dia é hoje? — perguntou ela.

Peter colocou a panela grande que carregava, silvando, no fogo.

— Eu digo se você me disser onde ele guarda o sabão — disse ele.

— Que chato você! — replicou Charmain. — Está na despensa, em uma sacola com o rótulo de alguma coisa como Caninitis. Agora, que dia é hoje?

— Panos de prato — disse Peter. — Primeiro me diga onde ficam os panos de prato. Sabia que tem mais duas sacolas de roupa suja na despensa agora?

— Não sei onde tem panos de prato — afirmou Charmain. — Que dia é hoje?

— Primeiro os panos de prato — insistiu Peter. — Ele não me responde quando pergunto.

— Ele não sabia que você viria — disse Charmain. — Já é quarta-feira?

— Não vejo por que ele não saberia — observou Peter. — Ele recebeu minha carta. Pergunte pelos panos de prato.

Charmain suspirou.

— Tio-avô William — disse ela —, este garoto estúpido quer saber onde estão os panos de prato, por favor.

A voz gentil respondeu:

— Sabe, minha querida, eu quase esqueci dos panos de prato. Eles estão na gaveta da mesa.

— É terça-feira — disse Peter, puxando a gaveta com força, o que a fez abrir quase na barriga de Charmain. Enquanto pegava punhados de panos de prato, ele continuou: — Sei que deve ser terça porque saí de casa no sábado e levei três dias para andar até aqui. Satisfeita?

— Obrigada — disse Charmain. — É muita gentileza sua. Então receio que eu tenha de ir à cidade amanhã. Devo ficar fora o dia todo.

— Então não é uma sorte que eu esteja aqui para tomar conta da casa para você? — perguntou Peter. — Aonde você vai?

— O rei me pediu que fosse até lá ajudá-lo — informou Charmain, com grande dignidade. — Leia isto, se não acredita em mim.

Peter pegou a carta e a examinou.

— Entendo — disse ele. — Você combinou estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ótimo para você. Então você pode muito bem me ajudar a lavar esta louça *agora*, enquanto a água está quente.

— Por quê? Eu não a sujei — replicou Charmain, guardando a carta no bolso e se levantando. — Vou até o jardim.

— Não fui eu tampouco quem a sujou — disse Peter. — E foi o seu tio que deixou os *kobolds* chateados.

Charmain passou por ele em direção à sala de estar.

— Você não tem nada de respeitável! — gritou Peter atrás dela. — Você só é preguiçosa.

Charmain não lhe deu atenção e seguiu para a porta da frente. Desamparada a seguiu, alvoroçando-se em torno de seus tornozelos, mas Charmain estava aborrecida demais com Peter para se importar com Desamparada.

— Sempre criticando! — exclamou ela. — Ele não parou de fazer isso desde que chegou aqui. Como se *ele* fosse perfeito! — disse ela enquanto abria a porta da frente.

Ela arquejou. Os *kobolds* tinham andado ocupados. Muito ocupados e muito rápidos. Verdade seja dita, eles não haviam arrancado as plantas porque ela lhes dissera que não o fizessem, mas haviam cortado cada flor cor-de-rosa e a maior parte das cor de malva e brancas. O caminho estava coberto com cachos de flores de hortênsia cor-de-rosa e lilás, e ela podia ver que havia mais além dos arbustos. Charmain soltou um grito, afrontada, e correu para catá-las.

— Preguiçosa, eu? — murmurou ela enquanto recolhia os buquês de hortênsia em sua saia. — Ah, *pobre* tio-avô William! Que confusão! Ele *gostava* delas de todas as cores. Ah, aqueles *monstrinhos* azuis!

Foi despejar as flores colhidas na mesa diante da janela do estúdio e descobriu uma cesta encostada na parede. Ela a pegou e levou para o meio dos arbustos. Enquanto Desamparada saltitava, resfolegava e farejava à sua volta, Charmain recolhia os cachos de hortênsias arrancados, enchendo a cesta várias vezes. Ela riu um tanto maldosa ao descobrir que os *kobolds* nem sempre tinham certeza de quais eram azuis. Eles haviam deixado a maior parte das esverdeadas e algumas cor de lavanda, e aparentemente com um dos arbustos tiveram grande dificuldade, pois as flores em todos os cachos eram cor-de-rosa no meio e azuis na parte externa. A julgar pelo número de minúsculas pegadas em torno desse arbusto, tinham feito uma reunião sobre o assunto. No fim, haviam decepado as flores de metade do arbusto e deixado as outras.

— Estão vendo? Não é assim tão fácil — disse Charmain em voz alta, para o caso de haver algum *kobold* ali por perto. — E o que vocês fizeram foi vandalismo, e espero que estejam envergonhados.

Ela carregou a última cesta cheia de flores para a mesa, repetindo “Vândalos. Delinquentes. Monstrinhos”, na esperança de que Rollo pelo menos estivesse em algum lugar ouvindo.

Alguns dos cachos maiores tinham caules bastante longos. Charmain reuniu estes em um grande ramallete cor-de-rosa, malva e branco-esverdeado e espalhou o restante sobre a mesa para secar ao sol. Ela lembrou-se de ter lido em algum lugar que as hortênsias secas ao sol conservavam a cor e eram ótimas para usar na decoração no inverno. O tio-avô William ficaria feliz com estas, ela pensou.

— Então, como se vê, sentar-se e ler muito é útil! — anunciou ela para o ar. A essa altura, porém, sabia que estava tentando se justificar para o mundo... se não para Peter... porque havia ficado impressionadíssima consigo mesma por receber uma carta do rei. — Então, está bem — disse ela. — Venha, Desamparada.

Desamparada seguiu Charmain até a casa, mas recuou diante da porta da cozinha, tremendo. Charmain entendeu o porquê quando entrou na cozinha e Peter ergueu os olhos de sua panela fumegante. Ele encontrara um avental em algum lugar e arrumara toda a louça em pilhas organizadas pelo chão. Lançou um olhar de mágoa a Charmain.

— Muito próprio das mulheres — disse ele. — Eu peço a sua ajuda na limpeza e você vai colher flores!

— Não foi bem assim — replicou ela. — Aqueles abomináveis *kobolds* cortaram todas as flores cor-de-rosa.

— Cortaram? — espantou-se Peter. — Isso é péssimo! Seu tio vai ficar aborrecido quando voltar para casa, não é? Você pode pôr suas flores naquela travessa onde estão os ovos.

Charmain olhou para o prato de torta cheio de ovos apertado ao lado de uma grande sacola de sabão em pó, entre os bules de chá sobre a mesa.

— E onde colocamos os ovos? Só um momento. — Ela foi para o banheiro e colocou as hortênsias na cuba da pia. Estava sinistramente úmido e escorregadio ali, mas Charmain preferiu não pensar no assunto. Voltou à cozinha e disse: — Agora vou nutrir os arbustos de hortênsia esvaziando estes bules de chá neles.

— Bela tentativa — disse Peter. — Isso vai lhe tomar algumas horas. Acha que esta água já está quente?

— Só fumegante — respondeu Charmain. — Acho que precisa borbulhar. E não vai me tomar horas. Observe. — Ela escolheu duas

panelas grandes e começou a esvaziar os bules dentro delas. — Existem algumas vantagens em ser preguiçosa, você sabe — ela ia dizendo quando percebeu que, assim que esvaziava um bule e o colocava em cima da mesa, ele desaparecia.

— Deixe um para nós — pediu Peter, ansioso. — Eu gostaria de beber algo quente.

Charmain pensou nisso e, com cuidado, colocou o último bule na cadeira. Ele desapareceu também.

— Ah, puxa — disse Peter.

Como ele estava obviamente tentando não ser tão hostil, Charmain disse:

— Podemos tomar o chá da tarde na sala depois que eu tiver esvaziado estas panelas. E minha mãe trouxe outra bolsa de comida quando veio.

Peter animou-se visivelmente.

— Então podemos fazer uma refeição decente quando tivermos terminado a limpeza — disse ele. — Vamos terminar isto primeiro, não adianta reclamar.

E ele envolveu Charmain na tarefa, apesar dos protestos dela. Assim que ela voltou do jardim, Peter veio e tirou o livro de suas mãos e a presenteou com um pano para amarrar na cintura. Então a levou até a cozinha, onde o horrível e misterioso processo teve início. Peter enfiou outro pano em suas mãos.

— Você tira o resto da comida e eu lavo — disse Peter, erguendo a panela fumegante do fogo e despejando metade da água quente no sabão em pó salpicado dentro da pia. Em seguida, levantou um balde de água fria retirada com a bomba e também despejou metade na pia.

— Por que está fazendo isso? — perguntou Charmain.

— Para não me queimar — respondeu Peter, mergulhando facas e garfos na mistura, e logo depois uma pilha de pratos. — Você não sabe *nada*?

— Não — disse Charmain. Ela pensou com irritação que nem um único dos muitos livros que ela lera sequer mencionara lavagem de louças, muito menos explicara como fazê-lo. Ela ficou observando enquanto Peter limpava com um pano de prato restos muito, muito velhos de comida de um prato decorado. O prato surgiu limpo e brilhando na espuma de sabão. Charmain até gostou do desenho e estava quase inclinada a acreditar que

isso era magia. Observou Peter mergulhar o prato em outro balde para enxaguá-lo. Então ele o entregou a Charmain.

— O que eu faço com isso? — perguntou ela.

— Seque — disse ele. — Depois faça uma pilha sobre a mesa.

Charmain tentou. O negócio todo, que era horrível, levou séculos. O pano mal absorvia a água e o prato ficava escorregando de suas mãos o tempo todo. Ela era tão mais lenta em enxugar do que Peter em lavar que ele não demorou a ter uma pilha de pratos escorrendo ao lado da pia e começou a ficar impaciente. Naturalmente, a essa altura, o prato de desenho mais bonito escorregou das mãos de Charmain e caiu no chão. Diferentemente dos estranhos bules de chá, ele quebrou.

— Oh — disse Charmain, fitando os cacos. — Como se conserta isso?

Peter revirou os olhos.

— Não se conserta — disse ele. — Só tome cuidado para não deixar outro cair. — Ele recolheu os cacos do prato e os jogou dentro de outro balde. — *Eu* vou enxugar agora. Você tenta lavar, ou vamos ficar aqui o dia todo. — Deixou a água agora marrom escoar da pia, recolheu facas, garfos e colheres que estavam ali, e colocou-os no balde de enxágue. Para surpresa de Charmain, agora todos pareciam limpos e brilhantes.

Enquanto observava Peter encher a pia novamente com mais sabão e água quente, ela decidiu, mal-humorada mas muito racionalmente, que Peter escolhera a parte mais fácil do trabalho.

Logo descobriu que estava errada. Não era nada fácil. Ela levou séculos em cada peça de louça, e no processo encharcou a frente de sua roupa. E Peter ia devolvendo-lhe pratos e xícaras, pires e canecas, dizendo que ainda estavam sujos. Tampouco ele a deixou lavar qualquer das muitas tigelas de cachorro até que a louça humana estivesse limpa. Charmain achou que era muita maldade dele. Desamparada havia lambido cada uma delas tanto que Charmain sabia que seriam mais fáceis de lavar do que qualquer outra coisa. Então, para completar, ela ficou horrorizada ao ver que suas mãos estavam saindo da espuma de sabão vermelhas e cobertas por estranhas rugas.

— Eu devo estar doente! — exclamou ela. — Estou com uma terrível doença de pele!

Ela ficou aborrecida e ofendida quando Peter riu dela.

Mas finalmente o horrível trabalho chegou ao fim. Charmain, com a roupa molhada e as mãos enrugadas, dirigiu-se amuada para a sala, a fim

de ler *A varinha de doze ramos* à luz oblíqua do sol poente, deixando a Peter a tarefa de empilhar a louça limpa na despensa. A essa altura, sentia que poderia enlouquecer se não se sentasse e lesse um pouco. Eu mal li uma palavra durante todo o dia, ela pensou.

Peter a interrompeu cedo demais ao entrar na sala com um vaso que encontrara e enchera com as hortênsias, pousando-o na mesa diante dela.

— Onde está aquela comida que você disse que sua mãe trouxe? — perguntou ele.

— O quê? — perguntou Charmain, olhando-o por entre a folhagem.

— Eu disse *comida* — respondeu Peter.

Desamparada o apoiou encostando-se nas pernas de Charmain e gemendo.

— Ah — disse Charmain. — Sim. Comida. Você pode comer um pouco se prometer não sujar um só prato.

— Está tudo bem — disse Peter. — Estou com tanta fome que poderia lamber a comida no tapete.

Assim, relutante, Charmain parou de ler e arrastou a bolsa de comida de trás da poltrona, e os três comeram vários dos deliciosos pastéis do Sr. Baker, seguidos duas vezes pelo chá da tarde do carrinho. Durante essa enorme refeição, Charmain colocou o vaso de hortênsias no carrinho, para que ficasse fora do caminho. Quando tornou a olhar para lá, as flores haviam desaparecido.

— Para onde será que foram? — perguntou Peter.

— Você pode se sentar no carrinho e descobrir — sugeriu Charmain.

Mas Peter não estava disposto a ir tão longe, para decepção de Charmain. Enquanto ela comia, tentava pensar em meios de persuadir Peter a ir embora, a voltar para Montalbino. Não que ela desgostasse dele de todo. Era só irritante dividir a casa com ele. E ela sabia, tão nitidamente quanto se Peter lhe tivesse dito, que a próxima coisa que ele ia obrigá-la a fazer seria tirar as roupas sujas daquelas sacolas e lavá-las. A ideia de lavar mais coisas a fez estremecer.

Pelo menos, pensou, eu não vou estar aqui amanhã, então ele não pode me obrigar a fazer isso.

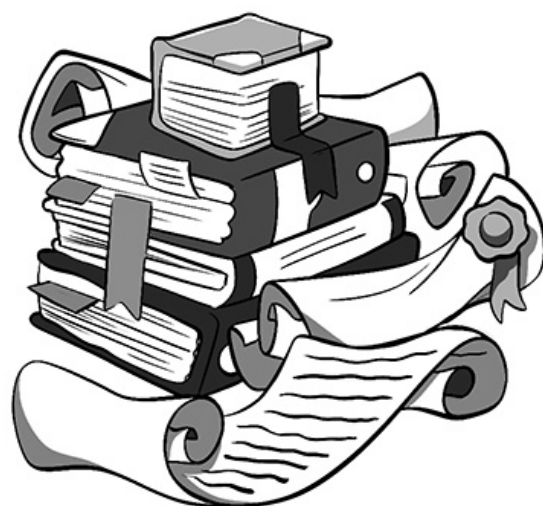
De repente, sentiu-se extremamente nervosa. Ela iria ver o rei. Fora totalmente insensata ao escrever para ele, e agora teria de ir vê-lo. Seu apetite desapareceu. Ela ergueu os olhos do último bolinho com creme e viu que já estava escuro lá fora. A iluminação mágica já fora acionada

dentro da casa, enchendo a sala com o que parecia uma luz do sol dourada, mas as janelas estavam escuras.

— Eu vou para a cama — anunciou ela. — Tenho um longo dia amanhã.

— Se esse seu rei tiver algum bom senso — disse Peter —, vai colocá-la para fora de lá assim que a vir. Então você pode voltar para cá e lavar a roupa.

Como essas duas coisas eram exatamente o que Charmain temia, ela não respondeu. Simplesmente apanhou *Memórias de um exorcista*, para uma leitura leve, caminhou com ele até a porta e virou à esquerda, para onde ficavam os quartos.



CAPÍTULO SETE

No qual várias pessoas chegam à Mansão Real

Charmain teve uma noite bastante agitada. Em parte, certamente por causa das *Memórias de um exorcista*, cujo autor havia se ocupado de muitas assombrações e aberrações, todas descritas por ele de uma forma prosaica que não deixava a Charmain qualquer dúvida de que os fantasmas eram de todo reais e, principalmente, muito desagradáveis. Ela passou grande parte da noite tremendo e desejando saber como acender a luz.

Parte da agitação também se devia a Desamparada, que estava certa de que tinha o direito de dormir no travesseiro de Charmain.

A maior parte da perturbação, porém, era nervosismo, puro e simples, e o fato de que Charmain não tinha como saber as horas. Ela ficava acordando, pensando: E se eu perder a hora? Acordou ao amanhecer, ouvindo pássaros gorjeando em algum lugar, e quase decidiu levantar-se então. Mas, de alguma forma, voltou a adormecer e, quando acordou, era já dia claro.

— Socorro! — ela gritou e jogou as cobertas para longe, acidentalmente atirando Desamparada no chão também. Cambaleou pelo quarto para encontrar as roupas que havia separado para a ocasião. Enquanto vestia sua melhor saia verde, finalmente lhe ocorreu a coisa sensata a fazer. — Tio-avô William — chamou ela —, como posso saber que *horas* são?

— Basta dar um tapinha em seu punho esquerdo — replicou a voz gentil — e dizer “horas”, minha querida. — Charmain percebeu que a voz estava mais incerta e fraca do que antes. Ela esperava que fosse porque o feitiço estivesse enfraquecendo, e não que o tio-avô William estivesse ficando, ele mesmo, mais fraco, onde quer que estivesse.

— Horas? — disse ela, dando o tapinha.

Esperava ouvir uma voz, ou mais provavelmente que um relógio aparecesse. As pessoas na Alta Norlanda eram loucas por relógios. Sua própria casa tinha 17 deles, inclusive um no banheiro. Ela ficara vagamente surpresa com o fato de que o tio-avô William aparentemente não tivesse um relógio cuco em nenhum lugar, mas percebeu a razão para isso quando o que aconteceu foi que ela simplesmente *soube* a hora. Oito horas.

— E vou levar pelo menos uma hora para andar até lá! — arquejou, enfiando os braços em sua melhor blusa de seda enquanto corria para o banheiro.

Estava mais nervosa do que nunca ao arrumar os cabelos. Seu reflexo — com água escorrendo por ele por algum motivo — parecia terrivelmente jovem com o cabelo preso em um rabo de cavalo cor de ferrugem caindo sobre o ombro. Ele vai saber que sou apenas uma estudante, ela pensou. Mas não havia tempo para ficar se preocupando com isso. Charmain saiu correndo do banheiro e passou pela mesma porta à esquerda, entrando apressada na cozinha quente e arrumada.

Havia agora cinco sacolas de roupa suja encostadas à pia, mas Charmain não perdeu tempo com isso. Desamparada veio correndo ao encontro dela, ganindo pateticamente, e correu de volta para a lareira, onde o fogo ainda queimava alegremente. Charmain estava prestes a dar uma batidinha no console e pedir o café da manhã quando percebeu o problema de Desamparada. A cadelinha era agora pequena demais para fazer com que a cauda batesse na lareira. Assim, Charmain bateu e disse “Comida de cachorro, por favor” antes de pedir o café da manhã para si mesma.

Sentada à mesa tomando, apressada, seu café da manhã, enquanto Desamparada limpava energicamente a tigela de cachorro aos seus pés, Charmain não podia deixar de pensar de má vontade que era muito melhor ter a cozinha limpa e arrumada. Suponho que Peter tenha sua utilidade, pensou ela, servindo-se de uma última xícara de café. Mas então sentiu que deveria dar uma batidinha no pulso outra vez. E soube que agora faltavam seis minutos para as nove. Assim, levantou-se de um salto, em pânico.

— Por que levei *tanto* tempo? — perguntou em voz alta, e correu de volta ao quarto para pegar o casaco.

Talvez porque estivesse vestindo o casaco enquanto corria, de alguma forma ela virou na direção errada ao passar pela porta e se viu em um lugar muito peculiar. Era uma sala comprida e estreita, com canos correndo por toda parte e, no meio, um tanque grande e gotejante, misteriosamente coberto por peles azuis.

— Ah, *droga*! — exclamou Charmain, e voltou pela porta.

Então, viu-se novamente na cozinha.

— Pelo menos daqui eu sei o caminho — disse, correndo para a sala e saindo em disparada pela porta da frente. Lá fora, ela quase tropeçou em um jarro de leite que devia destinar-se a Rollo. — E ele nem *merece*! — exclamou enquanto batia a porta da frente.

Atravessou o caminho correndo entre as hortênsias decapitadas e saiu pelo portão, que se fechou com um estrondo atrás dela. Então, Charmain desacelerou, porque era tolice correr as muitas milhas até a Mansão Real, mas seguiu pela estrada com passo enérgico, e acabara de chegar à primeira curva quando o portão do jardim se fechou novamente com um estrondo atrás dela. Charmain olhou para trás. Desamparada corria atrás dela, indo o mais rápido que suas perninhas lhe permitiam. Charmain suspirou e marchou de volta em direção a ela. Vendo-a voltar, Desamparada fazia piruetas, encantada, e emitia pequenos guinchos de prazer.

— Não, Desamparada — disse Charmain. — Você não pode vir. Volte para casa. — Apontou severamente na direção da casa do tio-avô William. — *Casa!*

Desamparada baixou ambas as orelhas, sentou-se e choramingou.

— Não! — ordenou Charmain, apontando novamente. — *Volte para casa!*

Desamparada jogou-se no chão e se transformou em um infeliz bolo de pelos brancos, abanando apenas a pontinha da cauda.

— Ah, *francamente!* — exclamou Charmain. E como Desamparada parecesse decidida a não arredar pé do meio da estrada, Charmain foi forçada a pegá-la no colo e correr para a casa do tio-avô William com ela. — Eu não posso levar você comigo — explicou, sem fôlego, enquanto prosseguiam. — Tenho de ir ver o rei, e as pessoas não *levam* cachorros para ver o rei. — Ela abriu o portão da frente e deixou Desamparada no caminho do jardim. — Pronto. Agora, *fique* aí!

Fechou o portão na cara acusadora de Desamparada e tomou a estrada novamente. Enquanto seguia, deu uma batidinha ansiosa no pulso e disse:

— Horas?

Mas estava fora dos domínios do tio-avô William e o feitiço não funcionou. Tudo que Charmain sabia era que estava ficando tarde. Pôs-se a andar com passo apressado.

Atrás dela, o portão bateu novamente. Charmain olhou para trás e viu Desamparada mais uma vez correndo atrás dela.

Charmain gemeu, fez meia-volta, correu ao encontro de Desamparada, pegou-a no colo e tornou a colocá-la atrás do portão.

— Agora seja uma boa cadelinha e *fique* aí! — arfou, afastando-se apressada de novo.

O portão bateu mais uma vez e Desamparada veio correndo de novo atrás dela.

— Eu vou gritar! — exclamou Charmain. Voltou e largou Desamparada atrás do portão pela terceira vez. — *Fique* aí, sua cachorrinha tola! — Dessa vez partiu na direção da cidade correndo.

Atrás dela, o portão bateu ainda outra vez. Minúsculos passinhos ressoavam na estrada.

Charmain fez meia-volta e correu na direção de Desamparada, gritando:

— Ah, diabos a levem, Desamparada! Eu vou chegar *atrasada*! — Dessa vez ela apanhou Desamparada e a carregou na direção da cidade, arquejando: — Muito bem. Você venceu. Vou ter de levar você porque senão vou chegar atrasada, mas eu não *quero* você! Não entende?

Desamparada estava encantada. Esticou-se e lambeu o queixo de Charmain.

— Pare com isso — disse Charmain. — Não estou feliz. Eu odeio você, que é um verdadeiro incômodo. Fique quieta ou largo você.

Desamparada aquietou-se nos braços de Charmain com um suspiro de contentamento.

— Grrr! — rosnou Charmain, enquanto corria pela estrada.

Ela tivera a intenção de, ao contornar o imenso bojo do precipício, olhar para o alto, para o caso de o luboque querer saltar sobre ela da campina acima, mas a essa altura estava tão apressada que se esqueceu por completo dele e simplesmente continuou em seu passo apressado. E, para sua grande surpresa, quando fez a curva, a cidade estava praticamente diante dela. Não se lembrava de que era tão perto assim. Havia casas e torres, rosadas e cintilantes no sol da manhã, apenas alguns metros adiante. Acho que a charrete de tia Semprônia esticou bastante a viagem, pensou Charmain quando alcançava as primeiras casas.

A estrada atravessava o rio e se tornava uma rua urbana. Charmain achava que se lembrava de que esta ponta da cidade era um tanto rústica e desagradável e continuou sua marcha apressada e nervosa. Mas, embora a maior parte das pessoas por quem passava aparentasse ser bem pobre, nenhuma delas pareceu notar Charmain particularmente — ou, se notavam, era apenas Desamparada, espiando tudo, animada, nos braços de Charmain.

— Que cachorro bonitinho — observou uma mulher carregando fieiras de cebolas para vender, quando Charmain passou por ela.

— *Monstrinho* bonitinho — replicou Charmain. A mulher a olhou, surpresa. Desamparada se contorceu, protestando. — Sim, você é sim — disse-lhe Charmain, no momento em que alcançaram uma área com ruas mais largas e casas mais elegantes. — Você é impertinente e chantagista, e, se eu chegar atrasada por sua causa, nunca vou perdoá-la.

Quando alcançaram o mercado, o grande relógio na prefeitura bateu 10 horas. E Charmain de repente se viu passando da situação de ter de correr à de se perguntar como ia esticar uma caminhada de dez minutos por meia hora. A Mansão Real ficava praticamente na outra esquina. Pelo menos ela poderia ir mais devagar e se refrescar. A essa altura, o sol já havia atravessado a névoa das montanhas e, com isso — e mais o calor do corpo de Desamparada —, Charmain sentia-se decididamente morrendo de calor. Ela tomou um desvio ao longo da esplanada que seguia acima do rio, correndo rápida e esbaforida em seu caminho para o grande vale além da cidade, e começou a passear. Três de suas livrarias prediletas ficavam nessa rua. Ela abriu caminho em meio a outras pessoas que também passeavam e olhou avidamente para as vitrines.

— Que gracinha de cachorro — várias pessoas diziam quando ela passava.

— Hum! — exclamou Charmain para Desamparada. — *Eles* não sabem de nada!

Chegou à Praça Real no instante em que o grande relógio que havia ali começava a soar a meia hora. Charmain estava satisfeita. Mas, ao cruzar a praça sob o repicar do relógio, por algum motivo, ela não se sentia mais satisfeita, nem sentia mais calor. Estava com frio e sentindo-se pequena e insignificante. Sabia que fora idiota em vir. Era uma tola. Eles poriam os olhos nela e a mandariam embora. O vislumbre das telhas douradas do telhado da Mansão Real desencorajou-a por completo. O que a reconfortou foi a língua pequena e quente de Desamparada lhe lambendo o queixo outra vez. Quando começou a subir os degraus em direção à pesada porta de entrada da Mansão, estava tão nervosa que quase deu meia-volta e saiu correndo.

Então, disse com firmeza a si mesma que isso era o que ela mais queria fazer no mundo — mesmo que eu não tenha certeza de que quero agora, ela pensou. E todo mundo *sabe* que aquelas telhas são apenas

estanho enfeitiçado para *parecer* ouro!, acrescentou, erguendo a enorme aldrava pintada de ouro, e corajosamente martelou a porta. Então seus joelhos ameaçaram vergar sob o corpo e ela se perguntou se *conseguiria* sair correndo. Ficou ali de pé tremendo e agarrando Desamparada com força.

A porta foi aberta por um criado muito, muito velho. Provavelmente o mordomo, pensou Charmain, perguntando-se onde já tinha visto aquele senhor. Devo ter passado por ele na cidade, a caminho da escola, pensou.

— Hã... — começou ela. — Eu sou Charmain Baker. O rei me mandou uma carta... — Liberou uma das mãos que segurava Desamparada para pegar a carta no bolso, mas, antes que pudesse alcançá-la, o velho mordomo abriu de todo a porta.

— Por favor, entre, Srta. Charme — disse ele numa voz velha e trêmula. — Sua Majestade a espera.

Charmain se viu entrando na Mansão Real com pernas que bamboleavam quase tanto quanto as do velho mordomo. Ele estava tão encurvado pela idade que seu rosto ficou nivelado com o de Desamparada quando Charmain passou, vacilante, por ele.

Ele a deteve com a mão trêmula.

— Por favor, segure bem o cachorrinho, senhorita. Não seria bom ele perambular por aqui.

Charmain pegou-se tagarelando.

— Eu espero sinceramente que não haja problema por eu tê-la trazido. Ela ficou me seguindo, sabe, e no fim eu tive de pegá-la e trazê-la ou teria ficado...

— Está tudo bem, senhorita — disse o mordomo, fechando a grande porta. — Sua Majestade gosta muito de cães. De fato, ele já foi mordido várias vezes tentando fazer amizade com... Bem, o fato, senhorita, é que o nosso cozinheiro *rajpuhti* tem um cão que não é absolutamente uma criatura simpática. Ele tem a fama de matar outros cães quando invadem seu território.

— Oh, céus — disse Charmain, debilmente.

— Precisamente — replicou o velho mordomo. — Queira, por gentileza, me seguir, senhorita.

Desamparada contorceu-se nos braços de Charmain porque esta a estava apertando muito enquanto seguia o mordomo por um amplo corredor de pedra. Era frio dentro da mansão e um tanto escuro. Charmain

ficou surpresa ao descobrir que não havia ornamentos em nenhuma parte e praticamente nenhum indício de grandeza real, a menos que se contassem um ou dois quadros grandes e pardos em molduras douradas sujas. Havia grandes quadrados pálidos nas paredes a certos intervalos, de onde quadros tinham sido retirados, mas Charmain, a essa altura, estava tão nervosa que nem pensou no assunto. Ela simplesmente foi ficando mais fria e mais magra e cada vez mais insignificante até que sentiu que devia estar do tamanho de Desamparada.

O mordomo parou e empurrou uma pesada porta de carvalho, que se abriu, rangendo.

— Vossa Majestade, a Srta. Charme Baker — anunciou ele. — E seu cão. — Então se afastou, trêmulo.

Charmain conseguiu entrar, tremendo, na sala. Os tremores devem ser contagiosos!, ela pensou, e não ousou fazer uma mesura, temendo que seus joelhos fraquejassem.

A sala era uma ampla biblioteca. Estantes de livros sombrias e encardidas estendiam-se em ambas as direções. O cheiro de livros antigos, que Charmain normalmente amava, era quase asfixiante. Diretamente à frente dela, estava uma imensa mesa de carvalho, com pilhas enormes de livros e documentos antigos e amarelados, e alguns mais novos, mais brancos, na extremidade mais próxima. Havia três grandes cadeiras entalhadas nessa mesma ponta, arrumadas em torno de um pequeno fogareiro a carvão em uma cesta de ferro. A cesta estava em uma espécie de bandeja de ferro, que, por sua vez, se encontrava sobre um tapete quase gasto. Duas pessoas idosas estavam sentadas em duas das cadeiras entalhadas. Uma era um homem velho e grande, com uma barba branca bem aparada e — Charmain notou quando ousou fitá-lo — olhos azuis enrugados e bondosos. Ela sabia que aquele deveria ser o rei.

— Venha aqui, minha querida — ele a chamou —, e sente-se. Ponha o cachorrinho no chão, perto da lareira.

Charmain conseguiu fazer o que o rei disse. Desamparada, para seu alívio, parecia dar-se conta de que deveria se comportar ali de maneira exemplar. Sentou-se, circunspecta, no tapete e abanou a cauda educadamente. Charmain sentou-se na ponta da poltrona entalhada, completamente trêmula.

— Deixe-me apresentar-lhe minha filha — disse o rei. — Princesa Hilda.

A Princesa Hilda também era velha. Se Charmain não soubesse que ela era a filha do rei, teria pensado que a princesa e o rei tinham a mesma idade. A principal diferença entre eles era que a princesa parecia duas vezes mais majestosa do que ele. Era corpulenta, como o pai, com cabelos grisalhos bem penteados e um terno de *tweed*, cor de *tweed*, tão sem enfeites que Charmain soube que se tratava de um traje altamente aristocrático. Seu único ornamento era um anel grande na mão envelhecida e coberta de veias.

— Que cachorrinha encantadora — disse ela, numa voz firme e franca.
— Qual o nome dela?

— Desamparada, Vossa Alteza — balbuciou Charmain.

— E você a tem há muito tempo? — perguntou a princesa.

Charmain percebeu que a princesa estava puxando assunto a fim de deixá-la à vontade, e isso a fez ficar mais nervosa ainda.

— Não... hã... é... — gaguejou. — A verdade é que ela é perdida. Ou... hã... o tio-avô William disse que era. E ele não deve tê-la há muito tempo, porque ele não sabia que ela era... hã... uma ca... hã... uma menina. William Norland, vocês sabem. O mago.

O rei e a princesa disseram ao mesmo tempo:

— Ah!

E o rei continuou:

— Quer dizer que você é parente do Mago Norland, minha querida?

— Um grande amigo nosso — acrescentou a princesa.

— Eu... hã... Na verdade, ele é tio-avô da minha tia Semprônia — confessou Charmain.

De alguma forma, a atmosfera tornou-se mais informal. O rei disse, um tanto saudoso:

— Suponho que você ainda não tenha notícias de como o Mago Norland está.

Charmain balançou a cabeça;

— Receio que não, Vossa Majestade, mas ele parecia mesmo muito doente quando os elfos o levaram.

— Não é de se estranhar — afirmou a princesa Hilda. — Pobre William. Agora, Srta. Baker...

— Ah... ah... por favor, me chame de Charmain — gaguejou ela.

— Muito bem — concordou a princesa. — Mas agora precisamos ir direto ao assunto, criança, pois terei de deixá-los em breve para cuidar do

meu primeiro convidado.

— Minha filha reservou cerca de uma hora — disse o rei — para lhe explicar o que fazemos aqui na biblioteca e qual a melhor forma de você nos ajudar. Isso porque deduzimos por sua letra que você não tinha muita idade... o que vemos que é o caso... e, portanto, provavelmente é inexperiente. — Ele dirigiu a Charmain o mais encantador dos sorrisos. — Estamos mesmo muito gratos a você por sua oferta de ajuda, minha querida. Ninguém jamais pensou na possibilidade de precisarmos de ajuda.

Charmain sentiu o rosto queimar. Ela sabia que estava enrubescendo horivelmente.

— É um prazer, Vossa... — foi o que conseguiu murmurar.

— Leve sua cadeira até a mesa — interrompeu a princesa Hilda — e vamos ao trabalho.

Enquanto Charmain se levantava e arrastava a pesada poltrona, o rei disse amavelmente:

— Esperamos que você não sinta muito calor aqui com o braseiro ao seu lado. Pode ser verão, mas nós, os velhos, sentimos frio.

Charmain ainda estava congelada com o nervosismo.

— Em absoluto, senhor — disse ela.

— E Desamparada pelo menos está feliz — disse o rei, apontando um dedo nodoso para ela.

Desamparada se deitara de costas com as quatro patas no ar e se aquecia no calor do braseiro. Parecia bem mais feliz do que Charmain.

— Ao trabalho, pai — disse a princesa severamente.

Pegou os óculos pendurados em uma corrente no pescoço e os apoiou em seu aristocrático nariz. O rei pegou um pincenê. Charmain apanhou seus próprios óculos. Se não estivesse tão nervosa, teria tido vontade de rir da maneira como todos eles tinham de fazer isso.

— Bem — disse a princesa —, temos nesta biblioteca livros, documentos e rolos de pergaminho. Depois de toda uma vida de trabalho, papai e eu conseguimos listar cerca de metade dos livros... por título e nome do autor... e atribuímos a cada um deles um número, junto a um breve relato do conteúdo de cada livro. Papai vai continuar fazendo isso, enquanto você se responsabiliza por minha principal tarefa, que é catalogar documentos e pergaminhos. Mas temo que eu mal tenha dado a partida aqui. Eis a minha lista. — Ela abriu uma pasta grande cheia de folhas de papel cobertas com uma caligrafia fina e elegante, e espalhou

uma série delas diante de Charmain. — Como você vê, tenho várias categorias: Cartas de Família, Contas Domésticas, Relatos Históricos, e assim por diante. Sua tarefa é examinar cada pilha de papel e determinar exatamente o que cada folha contém. Você então escreve uma descrição na categoria apropriada e, em seguida, põe o papel cuidadosamente em uma dessas caixas etiquetadas. Até aqui entendido?

Charmain, inclinando-se para a frente a fim de olhar as listas elegantemente escritas, temia parecer estúpida.

— O que eu faço — perguntou ela — se encontrar um papel que não se encaixe em nenhuma de suas categorias, senhora?

— Uma pergunta muito boa — disse a princesa Hilda. — Esperamos que você encontre um grande número de coisas que não se enquadram. Quando isso acontecer, consulte meu pai imediatamente, para o caso de o documento ser importante. Se não for, coloque-o na caixa etiquetada Miscelânea. Bem, aqui está seu primeiro maço de documentos. Vou ficar observando enquanto você os classifica para ver como se sai. Aqui está o papel para sua lista. A pena e a tinta estão aqui. Por favor, comece. — Ela empurrou para a frente de Charmain um pacote de cartas pardo e desgastado, atado com fita cor-de-rosa, e recostou-se para observar.

Nunca vi nada tão chato!, pensou Charmain. Trêmula, desfez o nó cor-de-rosa e tentou espalhar um pouco as cartas.

— Pegue cada uma pelos cantos opostos — disse a princesa Hilda. — Não empurre.

Ah, céus!, pensou Charmain. Olhou de lado para o rei, que havia apanhado um livro com capa de couro de aparência murcha e macia e o folheava com cuidado. Era o que eu esperava fazer, pensou. Então suspirou e cuidadosamente abriu a primeira carta amarelada e quebradiça.

— Minha querida, esplêndida, maravilhosa amada — ela leu. — Sinto sua falta tão terrivelmente... — Hã — disse para a princesa Hilda —, tem uma caixa específica para cartas de amor?

— Tem, de fato — disse a princesa. — Esta aqui. Registre a data e o nome da pessoa que a escreveu... Quem foi, por falar nisso?

Charmain olhou no fim da carta.

— Hum, aqui diz “Grande Golfinho”.

Tanto o rei quanto a princesa disseram “Ora!” e riram, o rei com mais entusiasmo.

— Então é do meu pai para a minha mãe — afirmou a princesa Hilda. — Minha mãe morreu faz muitos anos. Mas não ligue para isso. Registre na sua lista.

Charmain olhou para o estado amarelado e quebradiço do papel e pensou que devia ser de *muitos* anos atrás. Ficou surpresa que o rei não parecesse se importar que ela as lesse, mas nem ele nem a princesa pareciam preocupados com isso. Talvez as pessoas da realeza sejam diferentes, ela pensou, olhando a carta seguinte, que começava assim: “Querida fofinha e gorduchinha.” Ah, pois bem! Ela seguiu com sua tarefa.

Algun tempo depois, a princesa se levantou e empurrou a cadeira, arrumando-a junto à mesa.

— Parece bastante satisfatório — disse. — Eu preciso ir. Minha convidada vai chegar logo. Ainda lamento não ter chamado o marido dela também, pai.

— Fora de questão, minha querida — disse o rei, sem erguer os olhos das anotações que estava fazendo. — Invasão de propriedade. Ele é o mago real de outro reino.

— Ah, eu sei — disse a princesa Hilda. — Mas eu também sei que Ingary tem *dois* magos reais. E nosso pobre William está doente e pode até estar morrendo.

— A vida nunca é justa, minha querida — replicou o rei, ainda escrevendo sem parar com sua pena. — Além disso, William não teve mais êxito do que nós.

— Também estou ciente disso, pai — disse a princesa Hilda saindo da biblioteca. A porta fechou-se com um ruído surdo atrás dela.

Charmain curvou-se sobre sua próxima pilha de papéis, tentando fingir que não estivera ouvindo. Parecia um assunto particular. Essa pilha de papéis estava amarrada havia tanto tempo que cada folha havia grudado na seguinte, seca e escurecida, como o ninho de vespa que Charmain certa vez encontrara no sótão de casa. Ela teve muito trabalho tentando separar as camadas de papel.

— Hã-hã — disse o rei. Charmain ergueu os olhos e viu que ele estava sorrindo para ela, com a pena parada no ar, e deu uma piscadela de lado por cima dos óculos. — Vejo que você é uma jovem muito discreta — disse ele. — E deve ter deduzido da conversa que acabamos de ter que nós... e seu tio-avô junto conosco... estamos procurando coisas muito

importantes. Os tópicos da minha filha irão lhe dar algumas pistas do que procurar. Suas palavras-chave serão “tesouro”, “receitas”, “ouro” e “dom de elfo”. Se encontrar uma menção a qualquer uma delas, minha querida, por favor me informe imediatamente.

A ideia de procurar coisas tão importantes fez os dedos de Charmain ficar frios e desajeitados no papel frágil.

— Sim. Sim, naturalmente, Vossa Majestade — disse ela.

Para seu alívio, o maço de papéis nada mais era do que listas de mercadorias com o preço — todos parecendo surpreendentemente baixos.

— Por 5 quilos de velas de cera a 4 centavos o quilo, 20 centavos — ela leu. Bem, aquilo parecia datar de duzentos anos atrás. — Por 100 gramas de excelente açafrão, 30 centavos. Por nove galhos de macieira fragrante para aromatizar os aposentos principais, 1 vintém. — E assim por diante. A página seguinte estava cheia de coisas como “Por 40 metros de cortinas de linho, 44 xelins”. Charmain fez anotações cuidadosas, pôs aquelas páginas na caixa etiquetada Contas Domésticas e desgrudou a folha seguinte.

— Ah! — exclamou. A folha seguinte dizia: “Para o Mago Melicot, pelo encantamento de 100 pés quadrados de telhas para criar a aparência de um telhado de ouro, 200 guinéus.”

— O que foi, minha querida? — perguntou o rei, pondo um dedo no livro no ponto em que havia parado de ler.

Charmain leu para ele em voz alta a conta antiga. Ele deu uma risadinha e sacudiu um pouco a cabeça.

— Então, definitivamente, foi feito por mágica, não é? — disse ele. — Devo confessar que sempre torci para que acabasse sendo ouro de verdade, você não?

— Sim, mas seja como for, *parece* ouro — disse Charmain, consoladora.

— E é um feitiço muito bom, para durar duzentos anos — acrescentou o rei, assentindo com a cabeça. — E caro também. Duzentos guinéus era muito dinheiro naquela época. Ah, pois bem! Eu nunca esperei resolver nossos problemas financeiros dessa forma. Além disso, seria chocante se subíssemos até lá e arrancássemos todas as telhas. Continue procurando, minha querida.

Charmain continuou procurando, mas tudo que encontrou foi alguém cobrando 2 guinéus para plantar um jardim de rosas e outra pessoa

recebendo 10 guinéus para restaurar o tesouro — não, *não* outra pessoa, o mesmo Mago Melicot que fez o telhado!

— Melicot era um especialista, imagino — observou o rei, quando Charmain leu aquele pagamento em voz alta. — Para mim, parece um sujeito que se interessa por falsificar metais preciosos. O Tesouro Real certamente estava vazio àquela altura. Há anos sei que minha coroa é falsa. Deve ser obra desse tal Melicot. Você está ficando com fome, minha querida? Está com frio ou enrijecida? Não nos damos ao trabalho de parar para um almoço apropriado... minha filha não aprova isso... mas, em geral, peço ao mordomo que traga um lanche mais ou menos nesse horário. Por que não se levanta e estica as pernas enquanto toco o sino?

Charmain se levantou e começou a andar, fazendo Desamparada se erguer e observá-la, inquisidora, enquanto o rei mancava até a corda do sino ao lado da porta. Decididamente era um homem frágil, pensou Charmain, e muito alto. Era como se sua altura fosse demais para ele. Enquanto esperavam que alguém atendesse ao sino, Charmain aproveitou a oportunidade de olhar os volumes nas estantes. Pareciam livros sobre *tudo*, dispostos ali em desordem, livros de viagens ao lado de livros de álgebra e poemas ombro a ombro com geografia. Charmain acabara de abrir um chamado *Segredos do universo revelados*, quando a porta da biblioteca se abriu e um homem com chapéu alto de cozinheiro entrou carregando uma bandeja.

Para a surpresa de Charmain, o rei, ágil, saltou para trás da mesa.

— Minha querida, pegue o seu cachorro! — ele gritou, em tom de urgência.

Outro cão havia entrado, colado às pernas do cozinheiro, como se estivesse inseguro — um cachorro marrom de aspecto amargo com orelhas nodosas e cauda esfiapada. Ele grunhiu ao entrar. Charmain não teve a menor dúvida de que aquele era o cão que matava outros cães, e mergulhou no chão para pegar Desamparada.

A cadelinha, porém, de alguma forma escapuliu-lhe das mãos e seguiu rapidamente na direção do cão do cozinheiro. Os grunhidos do outro cachorro cresceram, tornando-se um rosnado. Os pelos eriçaram-se ao longo de suas costas desgrehadas. Ele parecia tão ameaçador que Charmain não ousou se aproximar. Desamparada, porém, não parecia sentir nenhum medo. Com seu jeito vivaz, foi direto até o cão que rosnava, apoiou-se nas minúsculas patas traseiras, e, atrevida, encostou seu nariz no

dele. O outro cão ficou tão surpreso que parou de rosnar. Então, empinou as orelhas caídas e, com muita cautela, cheirou de volta o nariz de Desamparada. Ela soltou um gritinho e pôs-se a saltar, eufórica. No instante seguinte, ambos estavam saltitando, encantados, por toda a biblioteca.

— Ora! — disse o rei. — Suponho que esteja tudo bem, então. O que significa isso, Jamal? Por que você está aqui no lugar de Sim?

Jamal — que tinha apenas um olho, Charmain percebeu — avançou e, com ar de quem pede desculpas, pôs a bandeja sobre a mesa.

— Nossa princesa levou Sim com ela para receber a convidada, senhor — ele explicou —, e não havia ninguém, exceto eu, para trazer a comida. E meu cão quis vir. Eu acho — ele acrescentou, observando os dois animais saltitantes — que ele nunca aproveitou a vida até agora. — Fez uma mesura na direção de Charmain. — Por favor, traga sempre seu cachorrinho branco aqui, Srta. Charme.

Ele assoviou para o seu cão, que fingiu não ouvir. Jamal foi até a porta e tornou a assoviar.

— Comida — disse ele. — Venha comer uma lula. — Dessa vez, ambos os cachorros foram. E, para surpresa e consternação de Charmain, Desamparada saiu pela porta andando ao lado do cão do cozinheiro, e a porta fechou-se atrás deles.

— Não se preocupe — disse o rei. — Eles parecem ser amigos. Jamal a trará de volta. Um sujeito muito confiável, Jamal. Se não fosse aquele cachorro dele, seria um cozinheiro perfeito. Vamos ver o que ele nos trouxe, que tal?

Jamal havia levado um jarro de limonada e uma travessa com uma porção de coisas marrons crocantes debaixo de um pano branco.

— Ah! — disse o rei, ao erguer avidamente o pano. — Coma enquanto está quente, minha querida.

E foi o que Charmain fez. Uma mordida foi o suficiente para lhe assegurar que Jamal era um cozinheiro ainda melhor do que seu pai — e o Sr. Baker tinha a reputação de melhor cozinheiro da cidade. As coisas marrons eram crocantes, mas ao mesmo tempo macias, com um sabor um tanto picante que Charmain jamais havia experimentado. Faziam com que você precisasse da limonada. Ela e o rei, juntos, limparam toda a travessa e beberam toda a limonada. Então voltaram ao trabalho.

A essa altura, eles já estavam bem à vontade. Agora Charmain não tinha timidez em perguntar ao rei tudo que queria saber.

— Por que eles precisariam de setenta litros de pétalas de rosa, senhor? — ela perguntou.

E o rei respondeu:

— Eles gostavam de tê-las sob os pés no salão de jantar naquela época. Hábito emporcalhado, na minha opinião. Ouça o que esse filósofo tem a dizer sobre camelos, minha querida. — E leu em voz alta uma página do livro que tinha nas mãos que fez com que os dois gargalhassem. O filósofo evidentemente não se dera bem com camelos.

Muito tempo depois, a porta da biblioteca se abriu e Desamparada entrou, faceira, parecendo muito satisfeita consigo mesma. Ela foi seguida por Jamal.

— Mensagem de nossa princesa, senhor — ele disse. — A senhora já se acomodou, e Sim está levando chá para o salão da frente.

— Ah — murmurou o rei. — Panquecas?

— E bolinhos também — disse Jamal, e se foi.

O rei fechou o livro e se levantou.

— É melhor eu ir cumprimentar nossa convidada — disse ele.

— Vou continuar examinando as contas, então — disse Charmain. — Vou fazer uma pilha daquelas sobre as quais eu tiver alguma pergunta.

— Não, não — disse o rei. — Você vem também, minha querida. Traga o cachorrinho. Ajuda a quebrar o gelo, você sabe. Essa senhora é amiga da minha filha. Eu mesmo nunca a encontrei.

Charmain imediatamente sentiu-se nervosíssima de novo. Ela havia achado a princesa Hilda muitíssimo intimidadora e ativa demais para que ficasse à vontade com ela, e qualquer amiga dela provavelmente seria parecida. Mas Charmain não podia recusar o convite, não quando o rei a esperava, segurando a porta aberta para que ela passasse. Desamparada já estava indo atrás dele. Charmain sentiu-se forçada a se levantar e segui-los.

O salão da frente era uma ampla sala cheia de sofás desbotados com braços ligeiramente puídos e franjas um tanto esfarrapadas. Havia mais quadrados desbotados nas paredes, onde antes devia haver quadros. O quadrado desbotado maior ficava acima da grandiosa lareira de mármore, onde, para alívio de Charmain, um alegre fogo queimava. O salão, como a

biblioteca, era frio, e Charmain tremia novamente por causa do nervosismo.

A princesa Hilda encontrava-se sentada ereta em um sofá ao lado da lareira, para onde Sim acabara de empurrar um carrinho de chá. Assim que viu Sim empurrando o carrinho, Charmain soube onde o vira antes. Fora quando ela se perdera ao lado da Sala de Conferência e vislumbrara o velho empurrando um carrinho ao longo do estranho corredor. Que estranho!, pensou ela. Sim colocava com a mão trêmula uma travessa de panquecas com manteiga diante da lareira. À vista das panquecas, o nariz de Desamparada tremeu e ela disparou naquela direção. Charmain mal teve tempo de pegá-la. Quando se levantou, segurando com firmeza nos braços a cachorrinha, que se contorcia, a princesa disse:

— Ah, meu pai, o rei.

Todos no salão se levantaram.

— Pai — disse a princesa —, permita-me apresentá-lo à minha grande amiga, a Sra. Pendragon.

O rei avançou mancando, com a mão estendida e fazendo a ampla sala parecer um pouco menor. Charmain não se dera conta antes do quanto ele era grande. Quase tão alto quanto aqueles elfos, ela pensou.

— Sra. Pendragon — disse ele —, encantado em conhecê-la. Os amigos de minha filha são meus amigos também.

A Sra. Pendragon surpreendeu Charmain. Era bastante jovem, muito mais que a princesa, e estava elegantemente vestida com um traje azul-pavão que realçava à perfeição seu cabelo louro-avermelhado e os olhos azul-esverdeados. Ela é *linda!*, pensou Charmain, com certa inveja. A Sra. Pendragon fez uma pequena mesura para o rei quando se cumprimentaram com um aperto de mãos e disse:

— Estou aqui para fazer o melhor que puder, senhor. É o que posso dizer.

— Muito bem, muito bem — replicou o rei. — Por favor, sente-se outra vez. Todos vocês. E vamos tomar um chá.

Todos se sentaram, e teve início um educado e afável zunzum de conversas, enquanto Sim cambaleava distribuindo xícaras de chá. Charmain sentia-se uma completa estranha. Certa de que não deveria estar ali, sentou-se no canto do sofá mais distante e tentou deduzir quem eram as outras pessoas. Enquanto isso, Desamparada acomodou-se sossegadamente no sofá ao lado de Charmain, com um ar de recato. Seus

olhos seguiam avidamente o cavaleiro que servia as panquecas. O homem era tão silencioso e inexpressivo que Charmain esqueceu-se de sua aparência assim que tirou os olhos dele e teve de voltar a olhá-lo para lembrar-se. O outro cavaleiro, cuja boca parecia fechada mesmo quando ele estava falando, ela concluiu que fosse o chanceler do rei. Parecia ter muitas coisas secretas para dizer à Sra. Pendragon, que ficava assentindo com a cabeça — e então piscando um pouco, como se o que o chanceler dizia a surpreendesse. A outra, uma senhora idosa, parecia ser a dama de companhia da princesa Hilda, e era muito boa em falar sobre o tempo.

— E eu não ficaria surpresa se chovesse novamente esta noite — ela ia dizendo, quando o cavaleiro inexpressivo parou ao lado de Charmain e lhe ofereceu uma panqueca. O nariz de Desamparada girou, seguindo com ansiedade a travessa.

— Ah, obrigada — disse Charmain, satisfeita por ele não a haver esquecido.

— Pegue duas — sugeriu o cavaleiro inexpressivo. — Sua Majestade certamente comerá as que sobrarem. — Naquele momento o rei comia dois bolinhos, um esborrachado em cima do outro, e observava as panquecas tão avidamente quanto Desamparada.

Charmain agradeceu novamente ao cavaleiro e pegou duas. Eram as panquecas mais amanteigadas que ela já havia provado. O nariz de Desamparada girou para cutucar delicadamente a mão de Charmain.

— Está bem, está bem — murmurou Charmain, tentando tirar um pedaço sem deixar pingar manteiga no sofá. A manteiga escorria por seus dedos e ameaçava cair em suas mangas. Ela estava tentando limpá-la com o lenço, quando a dama de companhia terminou de dizer tudo que se podia dizer sobre o tempo, e virou-se para a Sra. Pendragon.

— A princesa Hilda me disse que você tem um filhinho encantador — ela disse.

— Sim. Morgan — disse a Sra. Pendragon. Ela também parecia estar tendo problemas com a manteiga e limpava os dedos com o lenço, aparentemente confusa.

— Qual a idade de Morgan agora, Sophie? — perguntou a princesa Hilda. — Quando o vi, era apenas um bebezinho.

— Ah, quase dois — replicou a Sra. Pendragon, recolhendo uma grande gota dourada de manteiga antes que ela caísse em sua saia. — Eu o deixei com...

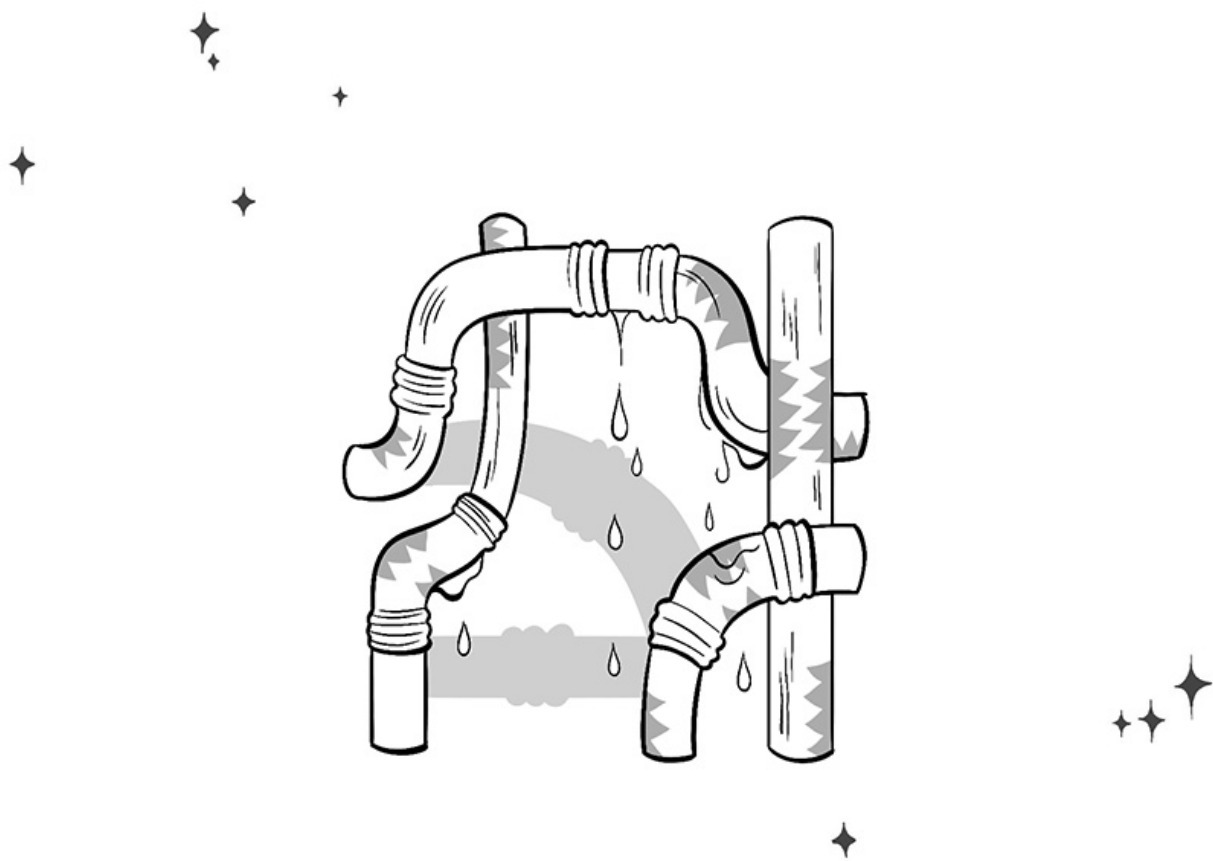
A porta do salão se abriu e por ela entrou um menininho gorducho com uma roupinha azul imunda e lágrimas escorrendo pelo rostinho.

— Ma-ma-mãe! — ele chorava ao entrar cambaleando na sala. Mas, assim que viu a Sra. Pendragon, seu rosto abriu-se em um sorriso ofuscante. Ele estendeu os bracinhos, correu para ela e enterrou o rosto em sua saia. — Mãe! — gritou.

Atrás dele, veio flutuando pela mesma porta uma criatura azul, no formato de uma lágrima comprida com um rosto na frente, que aparentava estar muito agitada. Parecia feita de chamas. Trouxe consigo uma onda de calor e provocou um arquejo em todos na sala. Uma criada ainda mais agitada entrou correndo atrás dela.

Seguindo a criada, veio outro garotinho, a criança mais angelical que Charmain já vira. Tinha uma massa de cachos louros reunida em torno do rosto rosado de anjo. Os olhos azuis eram grandes e tímidos. O queixinho delicado descansava em um babado de renda branquíssima, e o restante de seu gracioso corpinho estava vestido em um conjuntinho de veludo azul com grandes botões prateados. Sua boca em formato de botão de rosa abriu-se em um sorriso tímido quando ele entrou, mostrando uma encantadora covinha na bochecha delicada. Charmain não podia *entender* por que a Sra. Pendragon o olhava com tamanho horror. Ele era certamente uma criança encantadora. E com aqueles cílios longos e curvos!

— ... meu marido e seu demônio do fogo — concluiu a Sra. Pendragon. Seu rosto estava vermelho como o fogo, e ela fuzilava com o olhar o garotinho por cima da cabeça do menorzinho.



CAPÍTULO OITO

No qual Peter tem problemas com o encanamento

— Ah, senhora, senhor! — arquejou a criada. — Tive de deixá-los entrar. O pequenino estava tão aborrecido!

Ela disse isso para uma sala repleta de confusão. Todos se levantaram e alguém derrubou uma xícara de chá. Sim correu para resgatar a xícara e o rei correu, passando por ele, a fim de apanhar a travessa de panquecas. A Sra. Pendragon se levantou com Morgan nos braços, ainda lançando um olhar furioso ao outro menino, enquanto a criatura azul em forma de gota balançava-se diante de seu rosto.

— Não foi culpa minha, Sophie! — ela repetia, numa voz agitada e crepitante. — Juro que não foi culpa minha! Não conseguimos fazer Morgan parar de chorar chamando você.

A princesa Hilda pôs-se de pé, tranquilizadora.

— Você pode ir — disse ela à criada. — Não há motivo para ninguém ficar aborrecido. Sophie, querida, eu não fazia ideia de que você não tinha uma babá.

— Não, não tenho. E eu esperava ter um descanso — afirmou a Sra. Pendragon. — Esperava — acrescentou, fuzilando com o olhar o garotinho angelical — que um mago e um demônio do fogo pudessem, juntos, controlar um menininho.

— Homens! — disse a princesa. — Não tenho uma opinião muito favorável sobre a habilidade dos homens de controlar qualquer coisa. Naturalmente, Morgan e o outro garotinho serão nossos hóspedes também, agora que estão aqui. Que tipo de acomodação um demônio do fogo requer? — perguntou ela ao cavalheiro inexpressivo.

Ele parecia totalmente confuso.

— Eu agradeceria uma boa lareira com lenha queimando — crepitou o demônio do fogo. — Vejo que tem uma muito boa nesta sala. Isso é tudo de que preciso. A propósito, eu sou Calcifer, senhora.

Tanto a princesa quanto o cavalheiro inexpressivo pareceram aliviados.

— Sim, eu sei — respondeu a princesa. — Tivemos um breve encontro em Ingary, há dois anos.

— E quem é este outro amiguinho? — perguntou o rei jovialmente.

— *Fophie* é minha titia — respondeu o garotinho numa doce voz ceceante, erguendo o rosto angelical e os imensos olhos azuis para o rei.

A Sra. Pendragon parecia insultada.

— Prazer em conhecê-lo — disse o rei. — E qual é seu nome, meu homenzinho?

— Faísca — sussurrou o garotinho, abaixando timidamente a cabeça coberta de cachos louros.

— Coma uma panqueca, Faísca — disse o rei cordialmente, estendendo-lhe a travessa.

— Obrigado — replicou Faísca com gravidade, pegando uma panqueca.

Nisso, Morgan estendeu uma mãozinha gorducha e imperiosa e começou a gritar: “Eu, eu, *eu!*”, até o rei lhe dar uma panqueca também. A Sra. Pendragon sentou Morgan em um sofá para que ele comesse. Sim olhou ao redor e, engenhosamente, pegou no carrinho de chá um pano, que deu a ele. De imediato, o pano ficou encharcado de manteiga. Morgan dirigiu um sorriso radiante a Sim, à princesa, à dama de companhia e ao chanceler, com o rostinho todo gorduroso.

— Panqueca — disse ele. — Panqueca *gotosa*.

Enquanto isso se passava, Charmain notou que a Sra. Pendragon havia, de alguma forma, prendido o pequeno Faísca atrás do sofá no qual estava sentada. Charmain não pôde deixar de ouvir a Sra. Pendragon perguntar:

— O que acha que está fazendo, Howl? — Ela parecia tão furiosa que Desamparada pulou para o colo de Charmain e ficou encolhida ali.

— Eles *esqueferam* de me convidar — replicou a doce vozinha de Faísca. — Foi *tolife*. *Vofê* não pode resolver *efa* confusão *fozinha*, *Fophie*. *Vofê prefisa* de mim.

— Não, *não* preciso! — retorquiu Sophie. — E você *precisa* falar desse modo?

— *Fim* — disse Faísca.

— Dã! — exclamou Sophie. — Isso não é engraçado, Howl. E você arrastou Morgan até aqui...

— Estou lhe dizendo — Faísca a interrompeu — que Morgan não parou de chorar desde que *vofê* partiu. Pergunte a *Calfifer fe* não acredita em mim!

— Calcifer é tão ruim quanto você! — disse Sophie, exaltada. — Não acredito que vocês dois tenham sequer *tentado* fazê-lo parar. Tentaram? Vocês só estavam procurando uma desculpa para fazer essa... essa *encenação* diante da pobre princesa Hilda!

— Ela *prefisa* de nós, *Fophie* — disse Faísca gravemente.

Charmain estava fascinada com toda essa conversa, mas, infelizmente, Morgan procurou a mãe nesse exato momento e avistou Desamparada

tremendo no joelho de Charmain. Então, soltou um grito de “Cacholinho!”, desceu do sofá, pisando no pano enquanto andava, e correu para Desamparada com as mãos amanteigadas estendidas. Desamparada saltou, desesperada, para as costas do sofá, onde ficou latindo. E latia como uma versão esganiçada de alguém com uma tosse seca. Charmain foi forçada a pegá-la no colo e recuar, pondo-se fora do alcance de Morgan, de modo que tudo que ouviu do que se seguiu da estranha conversa atrás do sofá foi a Sra. Pendragon dizendo algo sobre mandar Faísca (ou seria o nome dele Howl?) para a cama sem jantar e Faísca desafiando-a “a *tentar* fazer isso”.

Quando Desamparada se aquietou, Faísca disse, melancólico:

— *Vofê* não acha nem que *fou* bonitinho?

Ouviu-se então um estranho estampido oco, como se a Sra. Pendragon tivesse esquecido as boas maneiras a ponto de bater os pés.

— Sim — Charmain ouviu-a dizer. — *Odiosamente* bonito!

— Bem — disse a princesa Hilda, perto da lareira, enquanto Charmain ainda recuava, afastando-se de Morgan —, as coisas certamente ficam *animadas* com crianças por perto. Sim, dê um bolinho a Morgan, *rápido*.

Morgan imediatamente mudou de direção e correu para Sim e os bolinhos. Charmain ouviu o próprio cabelo crepitar. Olhou à sua volta e descobriu o demônio do fogo flutuando ao lado de seu ombro, olhando-a com olhos cor de laranja flamejantes.

— Quem é você? — perguntou o demônio.

O coração de Charmain bateu um pouco mais forte, embora Desamparada parecesse perfeitamente calma. Se eu não tivesse acabado de encontrar um luboque, pensou Charmain, ficaria com muito medo desse Calcifer.

— Eu... hã... sou apenas a ajudante temporária na biblioteca — disse ela.

— Então vamos precisar falar com você mais tarde — crepitou Calcifer. — Você cheira a magia, sabia? Você e sua cadelinha.

— Ela não é minha. Pertence a um mago — disse Charmain.

— Esse tal Mago Norland, que parece ter atrapalhado as coisas? — perguntou Calcifer.

— Eu não acho que o tio-avô William tenha atrapalhado nada — replicou Charmain. — Ele é uma pessoa *boa*!

— Parece que ele procurou em todos os lugares errados — disse Calcifer. — Não é preciso ser ruim para atrapalhar as coisas. Olhe só Morgan. — E então sumiu. Ele tinha a capacidade, pensou Charmain, de desaparecer em um lugar e aparecer em outro, como uma libélula voejando em um lago.

O rei aproximou-se de Charmain, limpando as mãos jovialmente em um guardanapo grande e limpo.

— Melhor voltarmos ao trabalho, minha querida. Temos de arrumar as coisas para encerrar.

— Sim, senhor — concordou Charmain e seguiu-o em direção à porta.

Antes que alcançassem a saída, o angelical Faísca conseguiu escapar da zangada Sra. Pendragon e puxou a manga da dama de companhia.

— Por favor — pediu ele, encantador —, a *fenhora* tem algum brinquedo?

A senhora pareceu estupefata.

— Eu não tenho brinquedos, querido — disse ela.

Morgan captou a palavra.

— *Binquedo!* — gritou, acenando ambos os braços, com um bolinho amanteigado apertado em uma das mãos. — Binquedo, binquedo, binquedo!

Uma caixinha de surpresas pousou diante de Morgan, abrindo a tampa, e um boneco saltou com um *toimmm*. Uma grande casa de boneca aterrissou ao lado dele, seguida por uma chuva de velhos ursos de pelúcia. Um instante depois, um cavalinho de pau gasto surgiu perto do carrinho de chá. Morgan gritou, encantado.

— Acho melhor deixarmos minha filha cuidar de seus convidados — disse o rei, conduzindo Charmain e Desamparada para fora do salão. Ele fechou a porta no momento em que mais e mais brinquedos surgiam e o menino Faísca parecia muitíssimo sério, enquanto todos os outros corriam de um lado para o outro, numa grande confusão. — Os magos, com frequência, são hóspedes muito ativos — observou o rei no caminho de volta à biblioteca —, embora eu não tivesse a menor ideia de que comesçassem tão cedo. Um tanto difícil para as mães, imagino.

Meia hora depois, Charmain estava no caminho de volta para a casa do tio-avô William, com Desamparada seguindo-a, parecendo tão circunspecta quanto o menino Faísca.

— Puxa! — disse Charmain a ela. — Sabe, Desamparada, nunca vivi tanto em três dias, nunca! — Mesmo assim, ainda se sentia um tanto tristonha. Fazia sentido que o rei lhe passasse as contas e cartas de amor, mas Charmain queria tanto que pudessem alternar com os livros. Ela teria adorado passar parte do dia pelo menos folheando um volume encadernado em couro antigo e bolorento. Era o que esperara. Mas não tinha problema. Assim que chegasse à casa do tio-avô William, poderia isolar-se com *A varinha de doze ramos*, ou talvez *Memórias de um exorcista* fosse melhor, pois parecia o tipo de livro mais adequado para ler à luz do dia. Ou tentar um título totalmente diferente, quem sabe?

Ela aguardava tão ansiosa o momento de poder fazer uma boa leitura que mal percebeu a caminhada, exceto para voltar a pegar Desamparada quando ela começou a ofegar e andar com dificuldade. Com Desamparada nos braços, abriu o portão do tio-avô William com um chute e viu-se frente a frente com Rollo no meio do caminho, olhando mal-humorada seu pequeno rostinho azul.

— O que foi *agora*? — Charmain perguntou a ele, e seriamente considerou pegar Rollo também e jogá-lo em meio às hortênsias. Ele era pequeno o bastante para ser facilmente arremessado, mesmo ela estando com um braço ocupado com Desamparada.

— Aqueles cachos de flores que você espalhou pela mesa lá fora — disse Rollo. — Você espera que eu os cole de volta, ou algo assim?

— Não, é óbvio que não — disse Charmain. — Eles estão secando ao sol. Então eu os levarei para dentro.

— Hum! — exclamou Rollo. — Embelezando a casa, é? O que você pensa que o mago vai achar disso?

— Não é da sua conta — disse Charmain com insolência, e seguiu em frente, obrigando Rollo a pular fora do seu caminho. Ele gritou alguma coisa às costas dela, quando ela abria a porta da frente, mas Charmain não se deu ao trabalho de ouvir. Sabia que era algo grosseiro. Bateu a porta na cara dele.

Lá dentro, o cheiro na sala era mais do que de mofo. Parecia um lago estagnado. Charmain pôs Desamparada no chão e fungou, desconfiada. Desamparada fez o mesmo. Dedos marrons e compridos de alguma coisa escorriam por baixo da porta que dava para a cozinha. Desamparada foi até lá na pontinha dos pés, com cautela. Charmain, igualmente cautelosa,

esticou o pé e, com o dedo, cutucou o fio marrom mais próximo. Parecia que estava pisando em um pântano.

— Ah, o que foi que Peter fez agora? — perguntou-se Charmain. Então abriu a porta.

Cinco centímetros de água ondulavam sobre todo o chão da cozinha. Charmain podia ver a água encharcando as seis sacolas de roupas sujas ao lado da pia.

— *Dã!* — ela gritou. Então, fechou a porta rapidamente, tornou a abri-la e virou à esquerda.

O corredor também estava coberto de água. A luz do sol vinda da janela na extremidade cintilava na água de uma forma que sugeria uma forte corrente vindo do banheiro. Furiosa, Charmain chapinhou até lá. Tudo que eu queria era me sentar e ler um livro, pensou ela, e chego em casa e encontro uma inundação!

Quando alcançou o banheiro, com Desamparada patinando, infeliz, atrás dela, a porta se abriu e Peter saiu em disparada, com a frente da roupa molhada, parecendo totalmente atormentado. Estava descalço, com a calça enrolada até o joelho.

— Ah, que bom, você está de volta — disse ele, antes que Charmain pudesse falar. — Tem um buraco em um dos canos aqui. Já tentei seis feitiços diferentes para fazer cessar o vazamento, mas tudo que consegui foi mudá-lo de lugar. Eu estava indo desligar a água naquele tanque lanudo... ou pelo menos tentar... mas talvez você possa fazer outra coisa.

— Tanque lanudo? — perguntou Charmain. — Ah, você se refere àquela coisa coberta de peles azuis. O que o faz pensar que aquilo vai adiantar alguma coisa? Está tudo *inundado!*

— Foi a única coisa que eu não tentei — Peter resmungou. — A água tem de vir de lá, de alguma forma. Você pode ouvi-la gotejando. Pensei que poderia encontrar uma válvula de regulação...

— Ah, você é um *inútil!* — Charmain rosnou. — Deixe-me dar uma olhada. — Ela empurrou Peter para um lado e precipitou-se no banheiro, erguendo um lençol de água enquanto andava.

Havia de fato um buraco. Um dos canos entre a pia e a banheira tinha uma rachadura longitudinal, e a água jorrava dali como em uma alegre fonte. Aqui e ali, ao longo do cano, havia pedaços amorfos de massa cinza de aspecto mágico, que deviam ser os seis feitiços inúteis de Peter. E isso

tudo é culpa dele!, reclamou para si mesma. Foi ele que deixou os canos incandescentes. Ah, *francamente!*

Ela correu para a rachadura de onde a água vazava e, furiosa, plantou as duas mãos ali.

— Pare com isso! — ordenou. A água espirrou por baixo de suas mãos, atingindo-lhe o rosto. — Pare *agora mesmo!*

A única coisa que aconteceu foi a rachadura deslizar para o lado, escapando de seus dedos cerca de 15 centímetros, e borrifar água em seu rabo de cavalo e no ombro direito. Charmain juntou as mãos em concha para cobri-la novamente.

— Pare com isso! *Pare!*

A fenda moveu-se de lado outra vez.

— Então é assim, não é? — disse Charmain, e tornou a cobri-la. A rachadura afastou-se. Ela a seguiu com as mãos. Em questão de instantes ela a tinha encurralada acima da banheira, a água borrifando, inofensiva, na banheira e escoando pelo ralo. Ela a manteve ali, escorando no cano com uma das mãos, enquanto pensava no que fazer a seguir. É de admirar que Peter não tenha pensado nisso, pensou ela, em vez de ficar correndo por aí lançando feitiços inúteis. — Tio-avô William — chamou —, como faço o cano do banheiro parar de vazar?

Não houve resposta. Obviamente, isso não era algo que o tio-avô William pensasse que Charmain precisaria saber.

— Não creio que ele saiba muito sobre encanamento — disse Peter da porta. — Tampouco na valise há algo útil. Tirei tudo para ver.

— Ah, você *fez* isso? — perguntou Charmain, desdenhosa.

— É, algumas coisas que estão ali são interessantes de verdade — disse Peter. — Vou lhe mostrar se você...

— Fique *quieto* e me deixe *pensar!* — advertiu Charmain, rispidamente.

Peter pareceu perceber que Charmain talvez não estivesse de muito bom humor. Ele parou de falar e esperou enquanto ela se mantinha de pé na banheira, apoiada no cano, pensando. Era preciso atacar esse vazamento de duas formas, para que a rachadura não pudesse deslizar de novo. Primeiro fixá-lo em algum lugar e então o cobrir. Mas como? Rápido, antes que meus pés fiquem encharcados.

— Peter — disse ela —, vá e me traga alguns panos de prato. Pelo menos três.

— Para quê? — replicou Peter. — Você não acha...

— *Agora!* — ordenou Charmain.

Para seu alívio, Peter foi chapinhando, com raiva, resmungando sobre gente autoritária e mal-humorada. Charmain fingiu não ouvir. Enquanto isso, ela não ousava largar a rachadura, que continuava a espargir água, deixando-a cada vez mais molhada. Ah, *maldito* Peter! Ela colocou a outra mão na extremidade mais distante da fenda e começou a empurrar e deslizar as mãos juntas o mais forte que podia.

— Feche! — ordenou ao cano. — Pare de vaziar e feche! — A água jorrou, impertinente, em seu rosto. Ela podia sentir a rachadura tentando deslizar, mas se recusou a deixá-la. Charmain empurrou e empurrou. Eu posso fazer mágica!, ela dirigiu-se ao cano em pensamento. Eu fiz um feitiço. Posso *fazer* você fechar! — Então, *feche!*

E funcionou. Quando Peter voltou chapinhando com apenas dois panos de prato, dizendo que aqueles foram os que conseguira achar, Charmain estava encharcada até a roupa de baixo, mas o cano se encontrava novamente inteiro. Charmain pegou os panos de prato e os enrolou no cano, onde antes estivera a fenda. Então pegou a longa escova para as costas ao lado da banheira — esta era a única coisa remotamente semelhante ao bastão de um mago que ela conseguia ver — e bateu nos panos com ele.

— Fiquem aí. Não ousem sair do lugar! — disse aos panos, batendo na fenda remendada. — Fique fechada — ordenou — ou vai ser pior para você! — Depois disso, voltou a escova para os feitiços cinzentos e amorfos de Peter e bateu neles também. — Vão! — disse-lhes ela. — Vão embora! Vocês são *inúteis!* — E todos, obedientemente, desapareceram. Charmain, tomada por uma sensação de grande poder, bateu na torneira de água quente ao lado de seus joelhos. — Fique quente novamente — disse —, e vamos deixar de bobagens! *E* vocês — acrescentou ela, esticando-se para bater na torneira quente da pia. — Ambas quentes... mas não quente demais, ou eu vou lhes passar um sermão. Mas vocês continuem frias — ela instruiu às torneiras frias, batendo nelas. Por fim, Charmain saiu do banheiro espadanando na água e bateu com a escova no chão. — E você, vá! Ande, seque, escoe. Agora! Ou vai se ver comigo!

Peter avançou até a pia, abriu a torneira quente e manteve a mão debaixo dela.

— Está quente! — exclamou ele. — Você conseguiu! Que alívio! Obrigado.

— Hum! — disse Charmain, encharcada, com frio e rabugenta. — Agora vou vestir roupas secas e ler um livro.

— Você não vai me ajudar a enxugar o chão, então? — perguntou Peter, um tanto pateticamente.

Charmain não via por que deveria. Mas seus olhos caíram na pobre Desamparada, lutando para chegar até ela com a água batendo em sua barriga. Não parecia que a escova para as costas houvesse funcionado no chão.

— Muito bem — suspirou ela. — Mas eu já tive um dia de trabalho, você sabe.

— Eu também — disse Peter, sentido. — Corri o dia todo tentando parar o vazamento daquele cano. Vamos secar a cozinha, pelo menos.

Como o fogo ainda saltava e crepitava na lareira da cozinha, não estava muito diferente de um banho a vapor por lá. Charmain avançou em meio à água tépida e abriu a janela. Com exceção das sacolas de roupa suja que se multiplicavam misteriosamente e que estavam ensopadas, tudo, exceto o chão, estava seco. Inclusive a valise, aberta sobre a mesa.

Atrás de Charmain, Peter falava estranhas palavras e Desamparada choramingava.

Charmain deu meia-volta e deparou com Peter com os braços estendidos. Pequenas chamas bruxuleavam neles, dos dedos aos ombros.

— Sequem, ó águas no chão! — entoou ele.

As chamas começaram a arder em seus cabelos e na frente de seu corpo molhado também. Seu rosto mudou de presunçoso para alarmado.

— Oh, céus! — exclamou ele. Ao dizer isso, as chamas se espalharam por todo o seu corpo e ele começou a queimar com intensidade. A essa altura, ele estava visivelmente apavorado. — Está *quente*! Socorro!

Charmain correu para ele, agarrou um de seus braços em chamas, e o empurrou para a água no chão. Não adiantou nada. Charmain olhou a extraordinária visão de chamas bruxuleando debaixo d'água e bolhas que surgiam chiando ao redor de Peter, onde a água começava a ferver, e o puxou para cima de novo, rapidamente, num chuveiro de água quente e vapor.

— Cancele isso! — gritou ela, tirando as mãos da manga quente dele. — Que feitiço você usou?

— Eu não sei como! — gemeu Peter.

— Que feitiço? — Charmain berrou para ele.

— Foi o feitiço para deter inundações no *Livro de palimpsesto* — disse Peter —, e eu não tenho a menor ideia de como cancelá-lo.

— Ah, como você é estúpido! — gritou Charmain. Ela o agarrou por um ombro flamejante e o sacudiu. — Cancele, feitiço! — disse ela. — Ai! Feitiço, eu ordeno que você cancele imediatamente!

O feitiço obedeceu. Charmain ficou ali, sacudindo a mão chamuscada e vendo as chamas desaparecendo com um chiado, uma nuvem de vapor e um cheiro úmido, queimado. Peter estava todo cheio de fuligem e amarfanhado. Seu rosto e suas mãos tinham um tom cor-de-rosa brilhante e seu cabelo estava visivelmente mais curto.

— Obrigado! — disse ele, deixando-se cair com alívio.

Charmain o puxou, fazendo-o ficar de pé.

— Argh! Você cheira a cabelo queimado! Como *pode* ser tão estúpido? Que outros feitiços você anda fazendo?

— Nenhum — disse Peter, arrancando chumaços queimados de seus cabelos. Charmain tinha certeza de que ele estava mentindo, mas Peter não iria admitir. — E não foi assim tão estúpido — argumentou ele. — Olhe para o chão.

Charmain olhou para baixo e viu que quase toda a água havia desaparecido. O piso era mais uma vez apenas ladrilhos, molhados, brilhantes e fumegantes, mas não estavam mais cobertos pela água.

— Então você teve muita sorte — disse ela.

— Eu tenho, quase sempre — replicou Peter. — Minha mãe também diz isso, sempre que lanço um feitiço que dá errado. Acho que vou ter de trocar de roupa.

— Eu também — disse Charmain.

Eles passaram pela porta interna, onde Peter tentou virar à direita e Charmain o empurrou para a esquerda, de modo que seguiram em frente e chegaram à sala de estar. Os rastros molhados no carpete ali estavam evaporando e secando rapidamente, mas a sala ainda tinha um cheiro horrível. Charmain bufou, fez Peter dar meia-volta e o empurrou para a esquerda, atravessando novamente a porta. Ali o corredor estava úmido, mas não mais cheio de água.

— Vê? — perguntou Peter, seguindo para o quarto. — Funcionou.

— Hum! — disse Charmain, entrando em seu quarto. Imagino o que *mais* ele fez. Não confio nem um pouco nele. Suas melhores roupas estavam bagunçadas e molhadas. Charmain as tirou com tristeza e as pendurou pelo quarto para que secassem. E nada iria tirar a grande marca de chamuscado na frente de seu melhor casaco. Ela teria de usar roupas comuns no dia seguinte, quando fosse para a Mansão Real. E vou arriscar deixar Peter sozinho aqui?, perguntou-se. Aposto que ele vai passar o tempo fazendo experiências com feitiços. Eu sei que eu passaria. Ela deu de ombros levemente, ao perceber que, na realidade, não era em nada melhor do que Peter. Ela tampouco fora capaz de resistir aos feitiços do *Livro de palimpsesto*.

Sentia-se muito mais indulgente em relação a Peter quando voltou à cozinha, novamente seca, exceto pelos cabelos, e usando roupas mais velhas e chinelos.

— Descubra como pedir o jantar — disse Peter enquanto Charmain colocava os sapatos molhados para secar na lareira. — Estou morrendo de fome. — Ele parecia muito mais confortável no velho conjunto azul com que chegara ali.

— Tem comida na bolsa que mamãe trouxe ontem — disse Charmain, ocupada em arrumar os sapatos no melhor lugar.

— Não, não tem — disse Peter. — Eu comi tudo no almoço.

Charmain parou de se sentir indulgente em relação a ele.

— Esganado — disse ela, batendo na lareira para conseguir comida para Desamparada. Esta, apesar de todas as panquecas que havia comido na Mansão Real, ficou encantada ao ver a tigelinha de cachorro. — Você é um esganado — repetiu Charmain, esperando que Desamparada comesse. — Onde põe tudo isso? Tio-avô William, como conseguir o jantar?

A voz bondosa agora estava muito tênue.

— Basta bater à porta da despensa e dizer “Jantar”, minha querida.

Peter chegou à despensa primeiro.

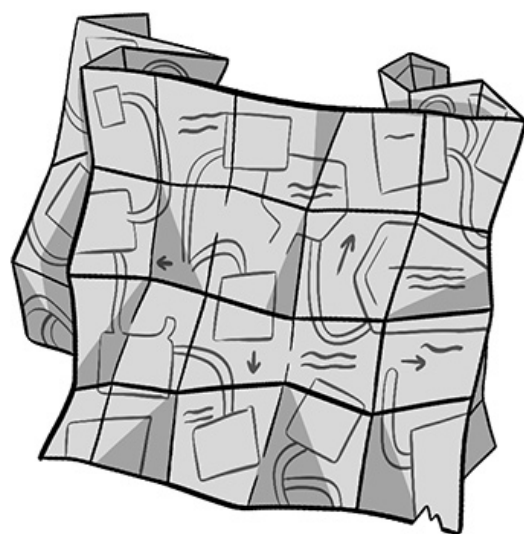
— Jantar! — gritou ele, batendo com força na porta.

Ouviu-se um som pesado vindo da mesa. Ambos voltaram-se naquela direção. Ali, ao lado da valise aberta, havia uma pequena costela de cordeiro, duas cebolas e um nabo. Charmain e Peter fitaram aquelas coisas.

— Tudo cru! — exclamou Peter, perplexo.

— E pouco — observou Charmain. — Você sabe cozinhar isso?

— Não — disse Peter. — Minha mãe é quem cozinha lá em casa.
— Ah! — disse Charmain. — *Francamente!*



CAPÍTULO NOVE

Como a casa do tio-avô William provou ter muitos caminhos

Então, Peter e Charmain naturalmente correram para a lareira. Desamparada saiu rapidamente do caminho, enquanto, um após o outro, eles batiam no console da lareira e gritavam:

— Café da manhã!

Mas aparentemente esse feitiço só funcionava pela manhã.

— Eu ficaria feliz até com peixe defumado — disse Charmain, examinando, infeliz, as duas bandejas. Ali havia pães, mel e suco de laranja, nada mais.

— Eu sei cozinhar ovos — disse Peter. — Será que Desamparada come essa costela de cordeiro?

— Ela come praticamente qualquer coisa — respondeu Charmain. — Está tão mal quanto... a gente. O nabo, porém, eu não creio que ela vá comer. Eu não comeria.

O jantar nesse dia foi um tanto insatisfatório. Os ovos que Peter cozinhou ficaram... bem... duros. A fim de desviar a atenção de Charmain deles, Peter lhe perguntou sobre o dia na Mansão Real. Ela contou, querendo desviar a atenção de ambos do modo como ovos cozidos duros não se misturavam com mel. Peter ficou muito intrigado pela maneira como o rei parecia estar à procura de ouro, e ainda mais intrigado com a chegada de Morgan e Faísca.

— E um demônio do fogo? — perguntou ele. — Duas criancinhas com poderes mágicos e um demônio do fogo! Aposto que a princesa está ocupadíssima. Quanto tempo eles vão ficar?

— Não sei. Ninguém falou — respondeu Charmain.

— Então aposto com você dois chás da tarde e um café da manhã como a princesa os põe para fora antes do fim de semana — disse Peter. — Já terminou de comer? Então quero que dê uma olhada na valise do seu tio-avô.

— Mas eu quero ler um *livro*! — protestou Charmain.

— Não, não quer — disse Peter. — Você pode fazer isso outra hora. A valise está cheia de coisas que você precisa saber. Vou mostrar. — Ele empurrou as bandejas de café da manhã para um lado e puxou a valise para perto dela. Charmain suspirou e colocou os óculos.

A valise estava cheia de papel até a borda. Em cima de tudo havia um bilhete escrito na letra bonita mas trêmula do tio-avô William. “Para Charmain”, dizia. “Chave da casa.” Debaixo dele, ela encontrou uma grande folha de papel com o desenho de um emaranhado de linhas

desordenadas. Em cima delas, espaçadamente, desenhos de caixas etiquetadas, e cada linha terminava em uma seta na borda da página, com a palavra “inexplorado” escrita ao lado.

— Isso aqui é a consulta rápida — disse Peter quando Charmain pegou o papel. — O restante do material na valise é o mapa propriamente dito. Ele se desdobra. Olhe. — Ele pegou a próxima folha de papel e puxou, e ela se ergueu com a folha seguinte unida a ela, e então a seguinte, dobradas para cima e para baixo, para se encaixar na valise. Sobre a mesa, agora estava um imenso zigue-zague. Charmain olhou para aquilo, indignada. Cada folha mostrava quartos e corredores cuidadosamente desenhados e havia anotações esmeradas ao lado de cada detalhe. As anotações diziam coisas como “Vire à esquerda duas vezes aqui” e “Dois passos para a direita e um para a esquerda aqui”. Os quartos tinham blocos de texto neles, alguns simples, como “cozinha”, e outros mais eloquentes, como o que dizia “Meu depósito de suprimentos mágicos, mantidos constantemente abastecidos por um feitiço de consumo do qual tenho muito orgulho. Por favor, observe que os ingredientes na parede da esquerda são todos altamente perigosos e devem ser manuseados com grande cuidado.” E algumas das folhas ligadas pareciam corredores entrecruzados identificados como: “Para a inexplorada Seção Norte”, “Para *Kobolds*”, “Para a Cisterna Principal” ou “Para o Salão de Baile: duvido que algum dia encontremos uma utilidade para isso”.

— Eu tinha razão em manter essa valise fechada — disse Charmain. — É o mapa mais confuso que já vi na vida! *Não* pode ser tudo dessa casa!

— Mas é. Ela é enorme — disse Peter. — E, se você olhar, verá que a forma como o mapa está dobrado é uma pista para o acesso a diferentes partes dela. Veja, aqui está a sala de estar no alto da página, mas, se você passar para a página seguinte, não vê nem o estúdio nem os quartos, porque estes estão dobrados para trás. O que temos aqui é a cozinha, porque ela está dobrada da mesma maneira...

A cabeça de Charmain começou a rodar, ela fechou os ouvidos para as entusiásticas explicações de Peter e olhou para as linhas desordenadas no pedaço de papel que tinha nas mãos. Quase parecia mais fácil. Pelo menos, ela pôde ver a “Cozinha” bem no meio de tudo, e “Quartos” e “Piscina” e “Estúdio”. Piscina? Não devia ser de verdade, certamente. Uma interessante espiral levava para a direita, debaixo dessas caixas, em um

emaranhado contendo outra caixa etiquetada “Sala de Conferência”. Uma seta saía dessa caixa com a legenda “Para a Mansão Real”.

— Ah! — exclamou ela. — Daqui se pode chegar à casa do rei!

— ... saindo para uma campina na montanha onde se lê “Estábulo”, mas eu não consigo ver ainda como se chega lá saindo desta oficina — expôs Peter, desdobrando mais um zigue-zague. — E aqui está o “Depósito de Alimentos”. A legenda diz “operado pelo Feitiço de Estase”. Gostaria de saber como suspendê-lo. Mas o que me interessa de fato são os lugares como este aqui, onde ele escreveu: “Espaço de Armazenagem. Só lixo? Preciso investigar um dia.” Você acha que ele criou esse espaço alterado sozinho? Ou já o encontrou lá quando se mudou?

— Ele o encontrou — disse Charmain. — Por essas setas que dizem “Inexplorado”, dá para ver que ele não sabe o que há mais adiante.

— Você pode ter razão — observou Peter, prudente. — Ele só usa o que está no meio, não é? Podemos lhe fazer um favor explorando mais.

— Você pode, se quiser — disse Charmain. — Eu vou ler o meu livro. — Ela dobrou o papel com as linhas emaranhadas e o guardou no bolso. Isso poderia lhe poupar uma caminhada pela manhã.

De manhã, as roupas boas de Charmain ainda estavam úmidas. Ela teve de deixá-las penduradas pelo quarto, numa cena deprimente, e vestir seu segundo melhor traje, enquanto se perguntava se conseguiria deixar Desamparada para trás com Peter. Talvez não. E se Peter tentasse outro feitiço e acabasse virando Desamparada pelo avesso ou algo parecido?

Desamparada, naturalmente, seguiu Charmain para a cozinha, ansiosa. Charmain deu uma batidinha na lareira pedindo comida de cachorro, e então, um pouco desconfiada, seu próprio café da manhã. Podia ser que ela e Peter tivessem destruído o feitiço ao pedir café da manhã à noite.

Mas não. Nessa manhã, ela ganhou uma bandeja cheia, com a opção de chá ou café, torrada, um prato com algo feito de peixe e arroz, e um pêssego para acompanhar. Acho que o feitiço está se desculpando, ela pensou. Não gostou muito da coisa com o peixe, e então deu a maior parte para Desamparada, que gostou daquilo como gostava de qualquer comida. Depois, cheirava um tantinho a peixe ao seguir Charmain quando a menina desdobrou seu intrincado mapa, pronta para partir para a Mansão Real.

Olhar para todas aquelas voltas confundia Charmain. Ela percebeu que ficara ainda mais confusa com o gráfico na valise. Dobrar o papel para a

frente e para trás para tentar reproduzir o que estava na valise também não ajudou em nada. Após várias voltas para a esquerda e para a direita, ela se viu entrando em um local amplo e bem iluminado por grandes janelas que davam para o rio. Era uma linda vista da cidade do outro lado do rio, de onde, frustradíssima, podia ver o telhado dourado da Mansão Real cintilando à luz do sol.

— Mas eu estou tentando chegar *lá*, não *aqui*! — disse, olhando ao redor.

Havia compridas mesas de madeira sob as janelas, cobertas por estranhos utensílios, e mais utensílios amontoados no meio da sala. As outras paredes eram cheias de prateleiras em que se empilhavam jarros, latas e vidros de formatos estranhos. Charmain sentiu ali o cheiro de madeira nova, encoberto pelo mesmo aroma de tempestade e tempero que havia percebido no estúdio do tio-avô William. O cheiro de magia fresca, ela pensou. Esta deve ser a oficina dele. A julgar pela forma como perambulava contente por ali, Desamparada conhecia bem o local.

— Venha, Desamparada — chamou Charmain, parando para olhar no alto dos estranhos utensílios no meio da sala um pedaço de papel que dizia: “Por favor, não toque.” — Vamos voltar para a cozinha e recomeçar.

Não foi o que aconteceu. Uma virada à esquerda na porta da oficina levou-as a um lugar bem quente, ao ar livre, onde uma pequena piscina azul ondulava em um ambiente de pedra branca. O lugar era cercado por treliças também de pedra branca, por onde subiam roseiras, e havia cadeiras reclináveis brancas ao lado das rosas, sobre as quais se viam empilhadas toalhas grandes e macias. Prontas para quem acabasse de nadar, supôs Charmain. Mas a pobre Desamparada estava aterrorizada ali. Ela se encolheu de encontro ao portão, ganindo e tremendo.

Charmain pegou-a no colo.

— Alguém tentou afogar você, Desamparada? Você foi um cachorrinho que alguém não quis. Está tudo bem. Eu também não vou chegar perto da água. Não tenho a menor ideia de como se nada. — Quando ela dobrou à esquerda no portão, ocorreu-lhe que nadar era apenas uma entre um número muito grande de coisas que ela não tinha ideia de como fazer. Peter tinha razão ao censurar sua ignorância. — Mas não é que eu seja preguiçosa... — ela explicou para Desamparada quando chegavam ao que parecia ser o estábulo — ... ou estúpida. Só não me dei ao trabalho de olhar além do modo de mamãe fazer as coisas, sabe?

O estábulo era um tanto malcheiroso. Charmain ficou aliviada ao ver que os cavalos que deviam ficar ali se encontravam em uma campina além da cerca. Cavalos eram outra coisa sobre a qual ela nada sabia. Pelo menos Desamparada não parecia assustada ali.

Charmain suspirou, colocou Desamparada no chão, pôs os óculos no rosto e examinou o confuso gráfico novamente. O “estábulo” ficava aqui, em algum ponto subindo a montanha. Ela precisava dobrar duas vezes à direita para chegar à cozinha outra vez. Então dobrou duas vezes à direita, com Desamparada seguindo-a ruidosamente, e se viu na quase escuridão diante do que parecia uma grande caverna cheia de *kobolds* azuis correndo de um lado para o outro. Cada um deles voltou-se e lançou um olhar furioso para Charmain. Ela apressou-se em dobrar à direita de novo. E, dessa vez, viu-se em um depósito de xícaras, pratos e bules. Desamparada ganiu. Charmain olhou para várias centenas de bules, enfileirados em prateleiras, de todas as cores e tamanhos possíveis, e começou a entrar em pânico. Estava ficando tarde. Pior do que isso, quando ela voltou a colocar os óculos e consultou o mapa, descobriu que estava em algum ponto perto da base esquerda dos emaranhados, onde a seta apontando para a margem trazia uma anotação que dizia: “Um grupo de luboquins vive nessa estrada. É preciso ter cuidado.”

— Ah! — exclamou Charmain. — Isto é *ridículo*! Venha, Desamparada. — Ela abriu a porta pela qual haviam acabado de passar e dobrou à direita novamente.

Dessa vez, mergulharam na completa escuridão. Charmain podia sentir Desamparada focinhando ansiosamente seus tornozelos. Ambas fungaram, tentando identificar o cheiro no ar, e Charmain exclamou:

— Ah!

O lugar tinha cheiro de pedra úmida. Ela se lembrava de ter sentido esse odor no dia em que chegara à casa.

— Tio-avô William — perguntou ela —, como volto daqui para a cozinha?

Para seu grande alívio, a voz gentil respondeu. Soava muito fraca e distante agora.

— Se está aí, minha querida, está perdida, sem dúvida, portanto ouça com atenção: faça uma volta no sentido horário...

Charmain não precisou ouvir mais. Em vez de fazer a volta completa, descreveu cuidadosamente uma meia-volta e então espiou o espaço à

frente. De fato, havia um corredor de pedra adiante na penumbra, cruzando aquele em que aparentemente ela se encontrava. Charmain caminhou agradecida naquela direção, com Desamparada andando atrás dela, e entrou no corredor. Ela sabia que agora estava na Mansão Real. Era o mesmo corredor onde vira Sim empurrando um carrinho em seu primeiro dia na casa do tio-avô William. Não só ela identificou o cheiro — leves aromas culinários acima do cheiro de pedra úmida —, como as paredes tinham a típica aparência da Mansão Real, com quadrados e formas oblongas mais claros nos pontos em que os quadros haviam sido retirados. O único problema era que ela não tinha a menor ideia do lugar em que se encontrava na Mansão. Desamparada não era de grande valia. Ela simplesmente se mantinha colada nos tornozelos de Charmain, tremendo.

Charmain a pegou no colo e pôs-se a andar pelo corredor, esperando encontrar alguém conhecido. Dobrou duas esquinas inexpressivo fosse vista e então quase colidiu com o cavalheiro inexpressivo que distribuía as panquecas no dia anterior. Ele deu um pulo para trás, assustado.

— Meu Deus! — exclamou, examinando Charmain de perto na penumbra. — Eu não sabia que já havia chegado, Srta.... hã... Charme, não é? Está perdida? Posso ajudá-la?

— Sim, por favor — disse Charmain, improvisando. — Eu fui ao... ao... hã... é... o senhor sabe, para as damas... e devo ter saído no lado errado. O senhor pode me indicar o caminho de volta para a biblioteca?

— Posso fazer melhor do que isso — disse o cavalheiro inexpressivo. — Vou *levá-la*. Basta me seguir.

Ele fez meia-volta e a conduziu pelo caminho de onde viera, ao longo de outro corredor sombrio e através de um saguão amplo e frio, onde um lance de escada de pedra conduzia ao andar de cima. A cauda de Desamparada começou a abanar levemente, como se ela achasse essa parte da casa familiar. Mas a cauda se imobilizou quando passaram diante da escada. A voz de Morgan desceu ribombando do topo dos degraus.

— Não *quelo*! Não *quelo*! Não QUELO!

A voz de Faísca, estridente, juntou-se à dele.

— Não *pofo ufar ifo*! Quero a minha de listras!

A voz de Sophie Pendragon também ecoou escada abaixo.

— Fiquem quietos, os dois! Ou vou fazer algo terrível, estou avisando vocês! Minha paciência se esgotou.

O cavalheiro inexpressivo estremeceu. Ele disse a Charmain:

— Criancinhas trazem tanta vida a uma casa, não é?

Charmain ergueu os olhos para ele, com a intenção de assentir e sorrir. Mas algo a fez estremecer. Ela não sabia por quê. Conseguiu assentir levemente e só, antes de seguir o cavaleiro através de uma arcada, onde os berros de Morgan e os gritos de Faísca desapareceram na distância.

Outra esquina depois, o cavaleiro inexpressivo abriu uma porta que Charmain reconheceu como a da biblioteca.

— A Srta. Charme chegou, senhor — disse ele, fazendo uma reverência.

— Ah, ótimo — disse o rei, erguendo os olhos de uma pilha de finos livros de couro. — Venha e sente-se, minha querida. Encontrei uma pilha de documentos para você ontem à noite. Eu não fazia a menor ideia de que tínhamos tantos.

Charmain teve a sensação de que nunca saíra dali. Desamparada acomodou-se, virando-se de barriga para cima no calor do braseiro. Charmain também se acomodou diante de uma pilha oscilante de documentos de diferentes tamanhos, encontrou papel e caneta, e começou, sentindo-se muito bem.

Passado algum tempo, o rei disse:

— Esse meu antepassado, que escreveu estes diários, imaginava-se um poeta. O que acha deste? Destinado à amada dele, é evidente.

*“Você dança com a graça de uma cabra, meu amor,
E canta com a voz suave de uma vaca nas montanhas.”*

— Você chamaria isso de romântico, minha querida?

Charmain riu.

— É terrível. Espero que ela tenha desistido dele. Hã... Vossa Majestade, quem é o cavaleiro inex... hã... que me trouxe aqui ainda há pouco?

— Você se refere ao meu camareiro? — perguntou o rei. — Sabe, ele está conosco há anos e anos e anos... e eu nunca consigo lembrar o nome do pobrezinho. Você vai ter de perguntar à princesa, minha querida. Ela se lembra de coisas assim.

Ah, bem, pensou Charmain. Vou ter de pensar nele como o cavaleiro inexpressivo, então.

O dia transcorreu pacificamente. Para Charmain, era uma agradável mudança após um início tão agitado. Ela classificou, tomando notas, contas de duzentos anos atrás, contas de cem anos atrás e contas de apenas quarenta anos atrás. Estranhamente, porém, as contas antigas envolviam quantias muito mais altas do que as mais recentes. Era como se a Mansão Real viesse gastando cada vez menos. Charmain também classificou cartas de quatrocentos anos antes e relatórios mais recentes de embaixadores de Estrângia, Ingary e até mesmo Rajpuht. Alguns embaixadores enviaram poemas. Charmain leu os piores em voz alta para o rei. Mais embaixo na pilha, ela encontrou recibos. Documentos que diziam coisas como “Em pagamento pelo retrato de uma senhora, supostamente de um grande mestre, 200 guinéus” começaram a surgir cada vez com mais frequência, todos dos últimos sessenta anos. Parecia a Charmain que a Mansão Real estivera vendendo seus quadros durante a maior parte do reinado do rei. Ela decidiu não perguntar ao rei sobre isso.

O almoço chegou, mais pratos deliciosos e picantes de Jamal. Quando Sim o trouxe, Desamparada levantou-se de um pulo, abanando a cauda, parou, pareceu desapontada e saiu da biblioteca. Charmain não tinha a menor ideia se era o cachorro do cozinheiro ou o almoço que Desamparada queria. Almoço, provavelmente.

Quando Sim colocou a travessa na mesa, o rei perguntou, jovialmente:

— Como estão as coisas lá fora agora, Sim?

— Um pouco barulhentas, senhor — replicou Sim. — Acabamos de receber nosso sexto cavaleiro de pau. Parece que o senhor Morgan pediu um macaco vivo, que, sinto-me feliz em relatar, a Sra. Pendragon não concordou em lhe conceder. Isso resultou em certo tumulto. Além disso, o senhor Faísca parece convencido de que alguém está lhe negando um par de calças listradas. Ele está fazendo muito barulho por causa disso a manhã inteira, senhor. E o demônio do fogo adotou a lareira no salão da frente como seu lugar de descanso preferido. Vai tomar o chá conosco naquele salão hoje, senhor?

— Acho que não — respondeu o rei. — Não tenho nada contra o demônio do fogo, mas fica um pouco cheio por lá, com todos aqueles cavaleiros de pau. Tenha a bondade de nos trazer algumas panquecas aqui na biblioteca, está bem, Sim?

— Certamente, senhor — concordou Sim, saindo vacilante da sala.

Quando a porta se fechou, o rei disse à Charmain:

— O problema não são os cavalinhos de pau, na verdade. E eu até gosto do barulho. Mas isso tudo me faz pensar o quanto eu teria gostado de ser avô. Uma pena, isso.

— Hã... — começou Charmain — ...as pessoas na cidade sempre comentam que a princesa Hilda teve uma decepção amorosa. Por isso ela nunca se casou?

O rei pareceu surpreso.

— Não que eu saiba — disse ele. — Durante anos, quando era mais jovem, ela teve príncipes e duques fazendo fila para se casar com ela. No entanto, ela não é do tipo feito para o casamento. A ideia nunca lhe agradou, é o que ela me diz. Prefere a vida aqui, me ajudando. Mas é uma pena. Assim, meu herdeiro terá de ser o príncipe Ludovic, o tolo filho de um primo meu. Você o conhecerá em breve, se pudermos tirar pelo menos um cavalinho de pau do caminho... ou talvez usemos o Grande Salão. Mas o que eu lamento de verdade é que não haja mais gente jovem na Mansão nos dias atuais. Sinto falta disso.

O rei não parecia muito infeliz. Falava com um tom mais trivial do que pesaroso, mas Charmain percebeu que, na verdade, a Mansão Real era mesmo um lugar triste. Imenso, vazio e triste.

— Eu compreendo, Vossa Majestade — disse ela.

O rei sorriu e deu uma mordida numa das delícias de Jamal.

— Sei que compreende — disse ele. — Você é uma jovem muito inteligente. Um dia, será motivo de grande honra para o seu tio-avô William.

Charmain piscou um pouco diante dessa descrição. Mas, antes que pudesse se sentir muito constrangida pelo elogio, percebeu o que o rei omitira. Posso ser inteligente, ela pensou, com certa tristeza, mas não sou nem um pouco gentil ou compreensiva. Acho até que talvez seja insensível. Olhe o modo como eu trato Peter.

Ficou remoendo esses pensamentos pelo restante da tarde. O resultado foi que, quando chegou a hora de encerrar o trabalho do dia e Sim reapareceu com Desamparada andando atrás dele, Charmain se ergueu e disse:

— Obrigada por ser tão bom para mim, Vossa Majestade.

O rei pareceu surpreso e lhe disse que não via motivos para agradecer. Mas eu *vejo*, pensou Charmain. Ele é tão generoso que devia servir de exemplo para mim. Enquanto acompanhava o andar lento e cambaleante

de Sim, com Desamparada, que parecia muito sonolenta e gorda, arrastando-se atrás deles, Charmain tomou a resolução de ser gentil com Peter quando chegasse à casa do tio-avô William.

Sim havia quase alcançado a porta da frente quando Faísca veio correndo de algum lugar, girando uma grande argola vigorosamente. Foi seguido em grande velocidade por Morgan, que erguia os braços e gritava: “Upa, *upa*, UPA!” Sim cambaleou para um lado. Charmain tentou colar-se à parede quando Faísca passou por eles. Houve um instante em que ela pensou que Faísca lhe dirigiu um olhar estranho e inquisidor, ao passar em disparada, mas um ganido de Desamparada a fez correr para o resgate e ela não pensou mais no assunto. Desamparada fora derrubada de pernas para o ar e estava muito aborrecida. Charmain a pegou no colo e quase deu um encontrão em Sophie Pendragon correndo atrás de Morgan.

— Por onde foram? — arquejou Sophie.

Charmain apontou. Sophie ergueu a saia e saiu correndo, resmungando algo sobre enforçar um enquanto corria.

A princesa Hilda apareceu e parou para ajudar Sim a se levantar.

— Peço sinceras desculpas, Srta. Charme — disse ela quando Charmain se aproximou. — Aquela criança é como uma enguia... bem, ambos são, na verdade. Preciso tomar alguma providência, ou a pobre Sophie não vai poder dar nenhuma atenção aos *nossos* problemas. Está bem agora, Sim?

— Perfeitamente, senhora — respondeu Sim. Ele fez uma mesura para Charmain e abriu a porta, deixando-a passar para a clara luz da tarde como se nada houvesse acontecido.

Se algum dia eu me casar, pensou Charmain, atravessando a Praça Real com Desamparada nos braços, nunca vou ter filhos. Eles me fariam ser cruel e insensível em uma semana. Talvez eu seja como a princesa Hilda e nunca me case. Assim, quem sabe eu tenha a chance de aprender a ser gentil. Seja como for, vou praticar com Peter, porque ele é de fato um caso desafiador.

Ela estava cheia de uma inflexível resolução de ser gentil quando chegou à casa do tio-avô William. Ajudou o fato de, ao subir o caminho entre as fileiras de hortênsias azuis, não haver nenhum sinal de Rollo. Ser gentil com Rollo era algo que Charmain tinha certeza que nunca poderia fazer.

— Isso é humanamente impossível — observou para si mesma enquanto colocava Desamparada no tapete da sala de estar. A sala chamou sua atenção por estar atipicamente limpa e arrumada. Estava tudo em ordem, da valise escondida atrás de uma das poltronas ao vaso de hortênsias de cores variadas na mesinha de centro. Charmain franziu a testa ao ver aquele vaso. Era com certeza um dos que haviam desaparecido ao ser colocados no carrinho de chá. Talvez Peter tenha pedido o café da manhã e o vaso tenha vindo junto, ela pensou um tanto vagamente, pois, de súbito, lembrou-se de que deixara roupas úmidas espalhadas pelo quarto todo e roupas de cama arrastando no chão. Droga! Preciso arrumar.

Ela se deteve de repente à porta de seu quarto. Alguém fizera sua cama. As roupas, agora secas, estavam bem dobradas no tampo da cômoda. Era um ultraje. Sentindo-se tudo, menos agradecida, Charmain dirigiu-se furiosa para a cozinha.

Peter estava sentado à mesa, parecendo tão inocente que Charmain soube que estivera aprontando alguma. Atrás dele, no fogo, uma grande panela preta borbulhava aromas estranhos, leves e apetitosos.

— O que significa você ter arrumado meu quarto? — perguntou ela.

Peter pareceu magoado, embora Charmain pudesse ver que ele estava cheio de pensamentos emocionantes e secretos.

— Pensei que você ficaria feliz — disse ele.

— Bem, *não* fiquei! — replicou Charmain, surpreendendo-se ao perceber que estava à beira das lágrimas. — Eu estava apenas começando a aprender que, se eu deixar alguma coisa cair no chão, essa coisa *fica* no chão, a menos que eu a pegue, e que, se eu fizer bagunça, *eu* tenho de arrumar, pois a bagunça não se desfaz sozinha, e então você vai e arruma *para* mim! Você é tão ruim quanto minha mãe!

— Preciso fazer *alguma coisa* enquanto fico aqui sozinho o dia todo — protestou Peter. — Ou você espera que eu simplesmente fique aqui sentado?

— Você pode fazer o que quiser — gritou Charmain. — Dançar. Plantar bananeira. Fazer careta para Rollo. Mas não arruíne meu processo de aprendizado!

— Fique à vontade para aprender — retorquiu Peter. — Você tem muito pela frente. Não vou tocar no seu quarto de novo. Está interessada em algumas das coisas que aprendi hoje? Ou você é totalmente egocêntrica?

Charmain engoliu em seco.

— Eu tinha a intenção de ser gentil com você esta noite, mas você torna as coisas muito difíceis.

— Minha mãe diz que as dificuldades ajudam a aprender — disse Peter. — Você deveria ficar feliz. Vou lhe dizer só uma coisa que aprendi hoje: como conseguir comida suficiente para o jantar. — Ele apontou o polegar para a panela borbulhante. O dedo tinha um pedaço de cordão verde amarrado nele. O outro polegar tinha um cordão vermelho e um dos outros dedos estava amarrado com cordão azul.

Ele está tentando ir em três direções ao mesmo tempo, pensou Charmain. Esforçando-se imensamente para soar amigável, disse:

— Como é que se consegue comida suficiente para o jantar, então?

— Fiquei batendo à porta da despensa — disse Peter — até que uma quantidade suficiente de coisas caiu sobre a mesa. Então eu as coloquei na panela para cozinhar.

Charmain olhou para a panela.

— Que coisas?

— Fígado e bacon — disse Peter. — Repolho. Mais nabos e um pedaço de coelho. Cebolas, mais duas costeletas e um alho-poró. Foi fácil, na verdade.

Eca!, pensou Charmain. Mas, para não dizer nada muito rude, fez meia-volta para ir à sala de estar.

— Não quer saber como consegui recuperar aquele vaso de flores? — perguntou Peter às suas costas.

— Você se sentou no carrinho — disse Charmain com frieza, e foi ler *A varinha de doze ramos*.

Mas não adiantou. Ela ficava erguendo os olhos e vendo aquele vaso de hortênsias e então olhando o carrinho e se perguntando se Peter havia de fato se sentado ali e desaparecido com um chá da tarde. E se perguntava como ele havia voltado. E, cada vez que olhava, tinha mais consciência de que sua resolução em ser gentil com Peter tinha dado em nada. Ela aguentou por quase uma hora e então voltou para a cozinha.

— Quero pedir desculpas — disse. — *Como* você conseguiu as flores de volta?

Peter mexia a panela com uma colher.

— Acho que ainda não está pronto — disse ele. — Esta colher não está conseguindo entrar nos pedaços.

— Ande, vamos — disse Charmain. — Estou sendo educada.

— Vou lhe contar durante o jantar — disse Peter.

E cumpriu o prometido, para irritação de Charmain. Durante uma hora, ele mal disse uma palavra, até que o conteúdo da panela tivesse sido dividido em duas tigelas. Dividir a comida não foi tarefa fácil, pois Peter não se dera ao trabalho de descascar ou cortar nada antes de colocar na panela. Tiveram de partir o repolho com duas colheres. Tampouco Peter se lembrara de que um ensopado precisa de sal. Todas as coisas — o bacon branco e encharcado, o pedaço de coelho, nabos inteiros e as cebolas molengas — flutuavam em um caldo ralo. A comida estava horrível, para dizer o mínimo. Esforçando-se o máximo para ser gentil, Charmain não verbalizou sua opinião.

A única coisa boa foi que Desamparada gostou. Quer dizer: ela lambeu a água rala e depois cuidadosamente comeu os pedaços de carne, separando-os do repolho. Charmain fez quase o mesmo e tentou não estremecer. Ficou feliz de desviar a atenção daquilo ouvindo o que Peter tinha a dizer.

— Você sabia... — começou ele, bastante pomposo, na opinião de Charmain. Mas dava para ver que tinha tudo arquitetado na mente como uma história e que ia contá-la exatamente como tinha planejado. — ... você sabia que, quando as coisas desaparecem do carrinho, elas voltam para o passado?

— Bem, suponho que o passado seja uma lixeira bastante boa — disse Charmain. — Desde que você se certifique de que é mesmo passado e que as coisas não reapareçam todas mofadas...

— Você quer ouvir ou não? — perguntou Peter.

Seja gentil, Charmain disse a si mesma, comendo outro pedaço do horrível repolho e assentindo.

— E que algumas partes desta casa também estão no passado? — continuou Peter. — Eu não me sentei no carrinho, você sabe. Só saí explorando com uma lista dos caminhos pelos quais precisava seguir, e descobri por acaso. Devo ter tomado o caminho errado uma ou duas vezes.

Não me surpreendo, pensou Charmain.

— De qualquer forma — disse Peter —, cheguei a um lugar onde existem centenas de mulheres *kobold*, todas lavando bules e empilhando comida em bandejas de cafés da manhã, chás e outras coisas. Eu fiquei um pouquinho nervoso com elas, por causa da maneira como você as irritou

no caso das hortênsias, mas tentei parecer agradável ao passar e cumprimentei, sorri e tudo mais. E fiquei surpreso quando todas me cumprimentaram e sorriram de volta e me desejaram um bom dia de forma perfeitamente amigável. Assim, segui cumprimentando e sorrindo e andando até que cheguei a uma sala na qual não estivera antes. Logo que abri a porta, a primeira coisa que vi foi o vaso de flores em uma mesa muito, muito comprida. A *segunda* coisa que vi foi o Mago Norland sentado atrás da mesa...

— Santo Deus! — exclamou Charmain.

— Eu também fiquei surpreso — admitiu Peter. — Fiquei lá parado, com o olhar fixo, para dizer a verdade. Ele parecia bastante saudável... sabe, forte e corado, e tinha muito mais cabelo do que eu me lembrava... e estava ocupado trabalhando no gráfico que está na valise. Ele tinha tudo espalhado sobre a mesa e só havia preenchido cerca de um quarto dele. Acho que isso me deu uma pista. De qualquer forma, ele ergueu os olhos e disse, muito educado: “Você se importa de fechar a porta? Tem uma corrente de ar aqui.” E, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele levantou os olhos outra vez e perguntou: “Quem é *você*?”

“Respondi: ‘Eu sou Peter Regis.’

“Isso o fez franzir a testa. Ele perguntou: ‘Regis, Regis? Tem algum parentesco com a Bruxa de Montalbino?’

“‘Ela é minha mãe’, respondi.

“E ele: ‘Não achei que ela tivesse filhos.’

“‘Só tem a mim’, afirmei. ‘Meu pai morreu em uma grande avalanche em Transmontanha, logo depois de eu nascer.’

“Ele franziu um pouco mais a testa e disse: ‘Mas essa avalanche foi agora, no mês passado, meu jovem. Estão dizendo que foi um luboque que a provocou e certamente ela matou muita gente... ou estamos falando da avalanche de quarenta anos atrás?’ E ele me olhou muito severo e incrédulo.

“Eu me perguntava como poderia fazê-lo acreditar no que acontecera. Então disse: ‘Eu juro que é verdade. Parte da sua casa deve voltar no tempo. É onde os chás da tarde desaparecem. E isto deve servir de prova: nós colocamos aquele vaso de flores no carrinho de chá no outro dia e ele voltou aqui para você.’ Ele olhou para o vaso, mas não disse nada. Eu continuei: ‘Vim aqui para sua casa porque minha mãe combinou com você que eu seria seu aprendiz.’

“Ele disse: ‘Foi mesmo? Então eu devia estar querendo muito retribuir um favor a ela. Você não me parece ter um talento extraordinário.’

“‘Eu posso fazer magia’, informei, ‘mas minha mãe consegue qualquer coisa quando quer.’

“Ele disse: ‘Verdade. Ela tem uma personalidade extraordinariamente convincente. O que foi que eu disse quando você se apresentou?’

“‘Não disse’, respondi. ‘O senhor não estava lá. Uma garota chamada Charmain Baker estava cuidando da sua casa — ou era o que deveria fazer, mas ela foi trabalhar para o rei e encontrou um demônio do fogo...

“Ele então me interrompeu, parecendo chocado. ‘Um demônio do fogo? Meu jovem, esses seres são muito perigosos. Você está me dizendo que a Bruxa das Terras Desoladas estará na Alta Norlanda daqui a pouco tempo?’

“‘Não, não’, respondi. ‘Um dos magos reais de Ingary cuidou da Bruxa das Terras Desoladas faz quase três anos agora. Esse demônio do fogo tinha algo a ver com o rei, foi o que Charmain disse. Suponho que ela seja apenas uma recém-nascida do seu ponto de vista, mas contou que o senhor estava doente e que os elfos o levaram para curá-lo, e que a tia Semprônia combinou que Charmain tomasse conta da casa enquanto o senhor estivesse fora.’

“Ele pareceu bem perturbado com essa informação. Recostou-se na cadeira e piscou um pouco. ‘Tenho uma sobrinha-neta chamada Semprônia’, confirmou ele, um tanto lenta e pensativamente. ‘Isso *poderia* ser verdade. Semprônia casou-se com alguém de uma família muito respeitável, eu creio...’

“‘Ah, eles são sim!’, eu disse. ‘O senhor deveria ver a mãe de Charmain. Ela é tão respeitável que não deixa Charmain fazer nada.’”

Muito obrigada, Peter!, pensou Charmain. Agora ele acha que eu sou uma completa inútil!

— Mas ele não estava muito interessado — prosseguiu Peter. — Queria saber o que o deixara doente e eu não soube dizer. *Você* sabe? — ele perguntou a Charmain. Ela abanou a cabeça. Peter deu de ombros e contou: — Então ele suspirou e disse que supunha que aquilo não tivesse importância, pois parecia ter sido inevitável. Mas, depois disse um tanto patético e perplexo: ‘Mas eu não conheço nenhum elfo!’

“Eu expliquei: ‘Charmain contou que foi o rei que mandou os elfos.’

“‘Ah’, disse ele, parecendo bem mais feliz. ‘É óbvio que sim! A família real tem sangue de elfo — vários deles casaram-se com elfos e estes mantêm a conexão, eu creio.’ Então ele olhou para mim e disse: ‘Essa história começa a fazer sentido.’”

“Eu respondi: ‘Deveria mesmo. É tudo verdade. Mas o que não entendo é o que o senhor fez para deixar os *kobolds* tão zangados.’”

“‘Nada, eu lhe asseguro’, afirmou ele. ‘Os *kobolds* são meus amigos, e assim é há anos. Eles executam muitas tarefas para mim. Eu não irritaria um *kobold* mais do que irritaria meu amigo, o rei.’”

“Ele pareceu tão chateado com isso que achei que era melhor mudar de assunto. Então eu disse: ‘Posso lhe perguntar sobre esta casa? O senhor a construiu ou a encontrou?’”

“‘Ah, encontrei’, respondeu ele. ‘Ou melhor, eu a comprei quando era um mago ainda jovem e no início de carreira, porque parecia pequena e barata. Então descobri que era um labirinto de muitos caminhos. Foi uma descoberta maravilhosa, posso lhe assegurar. Parece que já pertenceu ao Mago Melicot, o mesmo homem que fez o telhado da Mansão Real parecer feito de ouro. Sempre esperei que, em algum lugar dentro desta casa, estivesse escondido o verdadeiro ouro que fazia parte do Tesouro Real naquele tempo. O rei procura esse ouro há anos, você sabe.’”

“‘E você pode imaginar como isso me fez ficar alerta’”, disse Peter. “‘Mas não consegui perguntar mais nada, pois ele disse, olhando o vaso sobre a mesa: ‘Então essas são mesmo flores do futuro? Você pode me dizer de que tipo são?’”

“‘Fiquei assombrado que ele não soubesse. Disse-lhe que eram hortênsias de seu próprio jardim. ‘As coloridas que os *kobolds* cortam’, eu disse. Ele olhou para elas e murmurou que eram magníficas, particularmente pelo fato de terem tantas cores diferentes. ‘Vou ter de começar a cultivá-las’, disse ele. ‘São mais coloridas do que as rosas.’”

“‘Elas podem ser azuis também’, eu disse. ‘Minha mãe usa um feitiço com pó de cobre nas nossas.’ E, enquanto ele murmurava algo a esse respeito, perguntei-lhe se podia levá-las comigo, para que pudesse provar a você que o havia encontrado.”

“‘Sim, sim’, disse ele. ‘Elas estão no caminho aqui. E diga à sua jovem dama que conhece o demônio do fogo que espero ter meu diagrama da casa concluído quando ela for grande o bastante para precisar dele.’”

“Assim”, disse Peter, “peguei as flores e voltei. Não foi extraordinário?”

— Muito — respondeu Charmain. — Ele não teria cultivado as hortênsias se os *kobolds* não as tivessem cortado e eu não as tivesse recolhido e você não se tivesse perdido... Isso me deixa tonta. — Ela empurrou para o lado a tigela de repolho e nabo. Eu vou ser simpática com ele. Eu vou, eu vou! — Peter, que tal se eu fizesse uma visita ao meu pai na volta para casa amanhã e pegasse um livro de receitas com ele? Papai deve ter centenas. É o melhor cozinheiro da cidade.

Peter pareceu extremamente aliviado.

— Boa ideia — disse ele. — Minha mãe nunca me falou muito de cozinha. É ela sempre quem cozinha.

E não vou censurar o fato de ele ter dado ao tio-avô William uma imagem ruim de mim, jurou Charmain. Serei gentil. Mas se ele fizer isso de novo...



CAPÍTULO DEZ

No qual Faísca sobe no telhado

Durante a noite, um pensamento preocupante sobreveio a Charmain. Se era possível viajar no tempo na casa do tio-avô William, o que a impediria de chegar à Mansão Real dez anos atrás e descobrir que o rei não a estava esperando? Ou dez anos no futuro, e descobrir que o príncipe Ludovic agora estava no poder? Isso foi o suficiente para fazê-la decidir andar até a Mansão da maneira tradicional.

Assim, na manhã seguinte, Charmain partiu pela estrada, com Desamparada andando rapidamente atrás dela, até chegarem ao penhasco onde ficava a campina do luboque, quando Desamparada ficou tão sem fôlego e em estado tão lamentável que Charmain a pegou no colo. Como sempre, pensou Charmain. Sinto-me como uma garota crescida e trabalhadora, acrescentou para si mesma enquanto seguia para a cidade com Desamparada, feliz, tentando lambe o seu queixo.

Chovera novamente a noite toda, mas essa era uma daquelas manhãs de céu azul-pálido e imensas nuvens brancas. As montanhas exibiam tons azuis e verdes aveludados e, na cidade, o sol cintilava nas pedras molhadas do calçamento e refulgia no rio. Charmain estava muito contente. Esperava, até mesmo com ansiedade, passar um dia classificando documentos e conversando com o rei.

Enquanto cruzava a Praça Real, o sol brilhava tanto no telhado dourado da Mansão Real que Charmain foi obrigada a olhar para as pedras do calçamento. Desamparada piscou e encolheu-se, e então pulou quando um grito agudo veio da Mansão.

— Olhem para mim! *Olhem para mim!*

Charmain olhou, os olhos encheram-se de lágrimas, ofuscados pela luz, e ela tornou a olhar protegendo os olhos com uma das mãos que soltou de Desamparada. O menino Faísca estava sentado no cume do telhado dourado, escanchado, a mais de 30 metros de altura, acenando alegremente para ela. Ele quase perdeu o equilíbrio ao fazê-lo. Diante da visão, Charmain esqueceu-se de todos os pensamentos duros que tivera em relação a crianças no dia anterior. Deixou Desamparada no chão e correu para a porta da Mansão, onde bateu com estrondo a grande aldrava e tocou a campainha furiosamente.

— O garotinho! — arquejou ela para Sim quando ele abriu lentamente a porta que rangia. — Faísca. Ele está sentado no telhado! Alguém *tem* de tirá-lo de lá!

— Verdade? — perguntou Sim. Ele cambaleou até os degraus. Charmain teve de esperar enquanto ele descia, vacilante, até um ponto em que podia ver o telhado, e esticava o pescoço, trêmulo, olhando para cima. — Está mesmo, senhorita — concordou ele. — Diabinho. Vai cair. Esse telhado é escorregadio como gelo.

A essa altura, Charmain estava quase pulando de impaciência.

— Mande alguém pegá-lo! Rápido!

— Não sei quem — disse Sim lentamente. — Ninguém nesta mansão escala muito bem. Eu podia mandar Jamal, suponho, mas com um olho só seu equilíbrio não é dos melhores.

Desamparada se empinava, latindo para que a levassem até o topo da escada. Charmain a ignorou.

— Então mande a *mim* — disse ela. — Basta me dizer como chegar lá. Agora. Antes que ele escorregue.

— Boa ideia — concordou Sim. — Suba a escada no fim do corredor, senhorita, e continue subindo. O último lance é de madeira, e a senhorita vai encontrar uma portinha...

Charmain não esperou mais nada. Deixando Desamparada por sua própria conta, ela atravessou em disparada o úmido corredor de pedra até chegar ao saguão com a escada de pedra. Ali ela começou a subir desesperadamente, os óculos batendo no peito e os passos ecoando pelas paredes. E para cima ela foi, dois longos lances de degraus, a mente cheia de pensamentos horríveis de um corpinho despencando e caindo nas pedras com... bem... um *plunc*, exatamente onde ela havia deixado Desamparada. Ofegante, galgou um terceiro lance, mais estreito. Parecia interminável. Então alcançou uma escada de madeira e subiu ruidosamente, quase sem fôlego, também aquela, que parecia igualmente interminável. Por fim, ela alcançou uma portinhola de madeira. Rezando para que não fosse tarde demais, Charmain abriu a porta para uma labareda de sol e ouro.

— *Penfei* que não *fofe* chegar nunca — disse Faísca do meio do telhado. Ele usava um conjuntinho de veludo azul-bebê e seus cabelos dourados brilhavam tanto quanto o telhado. Parecia perfeitamente calmo, mais como um anjo extraviado do que um garotinho em apuros num telhado.

— Você está muito assustado? — arquejou Charmain, ansiosa. — Segure-se firme e não se mexa e eu vou me arrastar até aí para buscá-lo.

— Por favor, *fafa ifo* — disse Faísca educadamente.

Ele não sabe o perigo que está correndo!, pensou Charmain. Tenho de manter toda a calma. Com muita cautela, ela saiu pela porta de madeira e deslizou até ficar sentada, escanchada no telhado, como Faísca. Era muitíssimo desconfortável. Charmain não sabia o que era pior: o fato de as telhas de estanho estarem quentes, molhadas, afiadas e escorregadias, ou a maneira como o telhado parecia estar cortando-a em duas. Quando lançou um olhar de soslaio para a Praça Real, muito, muito abaixo, teve de se lembrar, com muita seriedade, de que havia apenas três dias lançara um feitiço que a salvara do luboque e *provado* que podia voar. Talvez conseguisse agarrar Faísca pela cintura e descer flutuando com ele.

Nesse momento, percebeu que Faísca estava recuando, afastando-se dela, enquanto ela tentava se aproximar dele.

— Pare com isso! — disse ela. — Não sabe o quanto isso é perigoso?

— É óbvio que *fei* — replicou Faísca. — A altura me *afusta* muito. Mas este é o único lugar em que *pofo* falar com *vofê fem* ninguém nos ouvir. Basta vir aqui, até o meio do telhado, onde eu não terei de gritar. E *feja* rápida. A *prinfsa* Hilda contratou uma babá para Morgan e para mim. A infeliz garota vai *aparefer* a qualquer instante.

Isso soou tão adulto que Charmain piscou e o fitou. Faísca lhe ofereceu um sorriso ofuscante, que incluía os olhos azuis imensos e os lábios rosados e encantadores.

— Você é um geniozinho ou algo assim? — perguntou ela.

— Bem, é o que *fou* agora — disse Faísca. — Quando eu tinha *feis* anos de verdade, eu era mediano, acho. Com um forte dom para a magia, é evidente. *Aprofime-se*, ande.

— Estou tentando. — Charmain pôs-se a deslizar ao longo do telhado, até estar a uns trinta centímetros da criança. — Então, sobre o que deveríamos falar? — ela perguntou diretamente.

— O Mago Norland primeiro — respondeu Faísca. — Me *diferam* que *vofê* o *conhefe*.

— Para falar a verdade, não — disse Charmain. — Ele é tio-avô da minha tia-avó emprestada. Estou cuidando da casa dele enquanto ele está doente. — Ela não teve vontade de mencionar Peter.

— E como é a casa dele? — perguntou Faísca, acrescentando, tagarela: — Eu mesmo moro em um castelo animado, que *fe* move. A casa de Norland *fe* move?

— Não — disse Charmain. — Mas tem uma porta no meio que leva você para uns cem cômodos diferentes. Dizem que foi o Mago Melicot que a construiu.

— Ah. Melicot — repetiu Faísca, parecendo muito satisfeito. — Então eu provavelmente *prefisarei* ir até lá para vê-la, diga *Calfifer* o que quiser. Tudo bem?

— Creio que sim — respondeu Charmain. — Por quê?

— Porque *Fophie*, *Calfifer* e eu fomos contratados para descobrir o que *aconteceu* com o ouro do tesouro do rei — explicou Faísca. — Pelo menos, nós achamos que é *ifo* que eles querem, mas não estão *fendo* muito explícitos. Metade do tempo, eles *parefem* dizer que o que perderam é algo chamado dom de Elfo e ninguém sabe o que é isso. E a *Prinfesa* pediu a *Fophie* que *descobri*se o que está *acontefendo* com o dinheiro dos impostos. E *ifo* também *parefe* *fer* algo diferente. Eles venderam muitos quadros e outras coisas, e ainda estão tão pobres quanto ratos de igreja, *vofê* deve ter *perfebido*.

Charmain assentiu.

— Percebi. Eles não poderiam cobrar novos impostos?

— Ou vender parte da biblioteca — sugeriu Faísca. Então deu de ombros. Isso o fez oscilar tão preguiçosamente que Charmain fechou os olhos. — *Calfifer* quase foi *expulfo* na noite *pafada* quando *fugeri*u vender alguns livros. E quanto a impostos, o rei diz que o povo da Alta Norlanda é próspero e feliz, e qualquer dinheiro de impostos extras provavelmente também desapareceria. Portanto, não adianta nada. O que eu quero que *vofê* *fafa*...

Ouviu-se um grito à distância. Charmain abriu os olhos e olhou de lado. Um número considerável de pessoas se reunira na praça, todos protegendo os olhos e apontando para o telhado.

— Apresse-se — disse ela. — Vão chamar os bombeiros a qualquer minuto agora.

— Eles têm *ifo*? — perguntou Faísca. — Vocês *fão* *fivilizados* por aqui. — Ele lhe dirigiu outro de seus sorrisos resplandecentes. — O que *prefisamos* que *vofê* *fafa*...

— Vocês dois estão felizes aí fora? — perguntou uma voz às costas de Charmain. Estava tão perto e foi tão súbita que Charmain deu um pulo e quase perdeu o equilíbrio.

— *Cuidado, Fophie!* — exclamou Faísca aflito. — *Vofê* quase a derrubou.

— Isso só serve para mostrar que plano inconsequente foi esse, mesmo para você — disse Sophie. Pelo som, ela estava se inclinando para fora da porta de madeira, mas Charmain não ousou se virar para olhar.

— Fez a mágica que eu lhe dei? — perguntou Faísca, inclinando-se de lado para vê-la por trás de Charmain.

— Sim, fiz — disse Sophie. — Está todo mundo correndo pela Mansão fazendo um alvoroço, Calcifer está tentando conter aquela babá tola e histérica e alguém lá fora acabou de chamar os bombeiros. Consegui entrar furtivamente na biblioteca no meio da confusão com seu feitiço. Satisfeito?

— Perfeitamente. — Faísca deu outro sorriso angelical. — Agora *vofê* vê o quanto meu plano foi astuto. — Ele inclinou-se na direção de Charmain. — O que eu fiz — disse a ela — foi *lanfar* um *feitifo* que faz com que todos os livros ou *pedafo* de papel que tenham a mais leve *referênfia* aos problemas do rei se iluminem com uma luz que *fomente vofê* pode ver. Quando avistar um iluminado, quero que anote o que é e o que diz. *Fecretamente*, sim? Aqui há *defididamente* algo errado, e não queremos que ninguém *faiba* o que *vofê* está fazendo, para não chegar à *pefoa* que está causando o problema. Pode fazer *ifo* por nós?

— Creio que sim — disse Charmain. Parecia bastante fácil, embora ela não gostasse da ideia de manter segredo para o rei. — Quando você quer minhas anotações?

— Esta noite, por favor, antes que aquele herdeiro principesco chegue — disse Sophie atrás de Charmain. — Não tem necessidade de *ele* se envolver nisso. E estamos muito gratos e isso é muito importante. É a razão por que estamos aqui. Agora, pelo amor de Deus, entrem, vocês dois, antes que comecem a trazer escadas.

— Está *ferto* — disse Faísca. — Lá vamos nós. Mas, *atenfão*, talvez eu chegue em duas metades.

— Seria bem feito — replicou Sophie.

O telhado começou a corcovear e ondular sob Charmain. Ela quase gritou. Mas agarrou-se com ambas as mãos, lembrando a si mesma que podia voar. Não podia? E o telhado sacudia e ondulava para trás, na direção de onde ela saíra, enquanto, diante dela, Faísca bamboleva-se para a frente também. Em segundos, Charmain sentiu Sophie segurá-la

debaixo dos braços e puxá-la para trás, com algum esforço, para o interior da Mansão Real outra vez. Sophie então inclinou-se e agarrou Faísca e o depositou no chão, ao lado de Charmain.

Faísca ergueu os olhos, sentido, para Charmain.

— De volta à *infância* outra vez — disse ele, suspirando. — *Você* não vai me *denunciar*, vai?

— Ah, deixe de bobagens — disse Sophie. — Está tudo bem com Charmain. — Então disse à garota: — O nome verdadeiro dele é Howl, e ele está se divertindo muito, vergonhosamente, tendo essa segunda infância. Venha, meu homenzinho. — Ela levantou Faísca, colocando-o debaixo do braço, e o levou escadas abaixo. Houve muitos chutes e gritos.

Charmain os seguiu, sacudindo a cabeça.

No patamar principal, a meio caminho do térreo, todos na Mansão pareciam reunidos — inclusive algumas pessoas que Charmain não vira antes —, com Calcifer saltitando aqui e ali entre elas. Até mesmo o rei estava ali, carregando Desamparada. A princesa Hilda empurrou para o lado uma jovem gorda que segurava Morgan e soluçava e apertou a mão de Charmain.

— Minha querida Srta. Charme, muitíssimo obrigada. Estávamos em grande estado de pânico. Sim, vá e diga aos bombeiros que não precisamos das escadas e que *certamente* não precisamos das mangueiras.

Charmain mal podia ouvi-la. Desamparada tinha visto Charmain e prontamente saltou dos braços do rei, ganindo com alívio histérico pelo fato de Charmain estar *em segurança*. De algum ponto lá atrás, o cachorro de Jamal respondeu com uivos melancólicos. A babá gorda continuava a chorar. Morgan berrava “*Ai! Ai!*” e todos os outros tagarelavam. A distância, Faísca gritava: “Eu não *fou* um menino mau! Eu estava com muito medo, de verdade!”

Charmain reduziu um pouco do ruído pegando Desamparada no colo. A princesa Hilda silenciou os remanescentes batendo palmas e dizendo:

— De volta ao trabalho, todo mundo. Nancy, leve Morgan daqui antes que ele nos ensurdeça a todos e explique que ele *não* vai ao telhado também. Sophie, querida, consegue silenciar Faísca?

Todos se foram. Faísca recomeçou “Eu não *fou* um menino...” e então parou, como se uma mão houvesse coberto sua boca. Quase imediatamente, Charmain se viu descendo o restante dos degraus com o

rei, a caminho da biblioteca, com Desamparada, em êxtase, tentando lambar o seu queixo.

— Fui transportado ao passado — observou o rei. — Subi no telhado várias vezes quando era garoto. E isso sempre provocava um pânico tolo. Os bombeiros, uma vez, quase usaram a mangueira comigo por engano. Meninos são meninos, minha querida. Está pronta para se lançar ao trabalho ou quer se sentar e se recuperar um pouco?

— Não, estou bem — assegurou-lhe Charmain.

Hoje, ela se sentia completamente à vontade ao se acomodar em seu lugar na biblioteca, cercada pelo cheiro de livros antigos, com Desamparada torrando a barriga no calor do braseiro e o rei sentado à sua frente, investigando uma pilha irregular de diários velhos. O dia estava tão tranquilo que Charmain quase esqueceu do feitiço de Faísca. Ela se concentrou em separar uma pilha úmida de velhas cartas. Eram todas de um príncipe de muito tempo atrás que estava criando cavalos e queria que a mãe persuadisse o rei a lhe dar mais dinheiro. O príncipe estava justamente descrevendo, de forma comovente, as belezas do potro que sua melhor égua dera à luz, quando Charmain ergueu os olhos e viu o demônio do fogo bruxuleando lentamente de um lado para o outro na biblioteca.

O rei também levantou a cabeça.

— Bom dia, Calcifer — cumprimentou ele, amavelmente. — Precisa de alguma coisa?

— Só estou explorando — respondeu Calcifer em sua vozinha crepitante. — Agora entendo por que o senhor não quer vender estes livros.

— De fato — disse o rei. — Diga-me, os demônios do fogo leem muito?

— Em geral, não — replicou Calcifer. — Sophie lê para mim com frequência. Gosto de histórias com enigmas, nas quais você tem de adivinhar quem é o assassino. O senhor tem alguma dessas aqui?

— Provavelmente não — respondeu o rei. — Mas minha filha aprecia histórias de mistério também. Talvez você devesse perguntar a ela.

— Obrigado. Farei isso — disse Calcifer, e desapareceu.

O rei sacudiu a cabeça e voltou aos seus diários. E, como se Calcifer houvesse dado um empurrãozinho no feitiço de Faísca, Charmain instantaneamente percebeu que o diário pelo qual o rei passava os olhos brilhava em um tom de verde-pálido. O mesmo acontecia com o primeiro

item de sua própria pilha, que era um rolo de pergaminho bastante amassado, amarrado com uma fita dourada fosca.

Charmain respirou fundo e perguntou:

— Alguma coisa interessante nesse diário, senhor?

— Bem — disse o rei —, é bastante ruim, na verdade. Trata-se do diário de uma das damas de companhia da minha bisavó. Cheio de fofocas. Agora mesmo, ela está terrivelmente chocada porque a irmã do rei morreu ao dar à luz um filho, e a parteira aparentemente matou o bebê. Disse que era roxo e que a assustou. Vão levar a pobre e tola alma a julgamento por assassinato.

A mente de Charmain voou para a imagem de si mesma e Peter procurando “luboque” na enciclopédia do tio-avô William.

— Suponho que ela tenha pensado que o bebê era um luboquim — disse ela.

— Sim, muito supersticiosa e ignorante — observou o rei. — Ninguém mais acredita em luboquins nos dias de hoje. — E voltou à sua leitura.

Charmain perguntou-se se deveria dizer que aquela antiga parteira poderia estar com a razão. Os luboques existiam. Por que não também os luboquins? Mas Charmain tinha certeza de que o rei não acreditaria nela, e então apenas fez uma anotação rapidamente. Em seguida, apanhou o pergaminho amassado. Mas, antes de desenrolá-lo, ocorreu-lhe olhar ao longo da fileira de caixas onde colocara os documentos que já havia lido, para o caso de brilharem também. Apenas um brilhou, bem de leve. Quando Charmain o puxou, descobriu que era a nota de cobrança do Mago Melicot por fazer o telhado parecer de ouro. Era intrigante, e Charmain anotou isso também, antes de finalmente desamarrar a fita dourada e fosca e abrir o pergaminho.

Era uma árvore genealógica dos reis da Alta Norlanda, bastante descuidada e apressada, como se fosse apenas o rascunho de uma cópia mais cuidadosa. Charmain teve dificuldades para lê-la. Estava cheia de rasuras e pequenas setas levando a acréscimos esboçados e círculos assimétricos com observações dentro deles.

— Senhor — disse ela —, pode explicar isso para mim?

— Vamos ver. — O rei pegou o pergaminho e o abriu sobre a mesa. — Ah — disse ele. — Temos a cópia final disso pendurada na sala do trono. Faz anos que eu não a olho devidamente, mas sei que é bem mais simples do que esta árvore genealógica... só nomes de governantes e com quem se

casaram, coisas assim. Esta parece ter anotações, feitas por várias pessoas, ao que parece. Veja. Aqui está meu antepassado, Adolphus I. A anotação ao lado do nome dele foi feita numa caligrafia muito antiga. Diz que... hã... “Ergueu muros para a cidade por causa do dom de Elfo.” Não há muitos sinais desses muros hoje, não é mesmo? Mas dizem que a Rua do Aterro, ao lado do rio, é parte das antigas muralhas...

— Desculpe-me, senhor — interrompeu Charmain —, mas o que é o dom de Elfo?

— Não faço ideia, minha querida — disse o Rei. — Quisera eu saber. Diziam que trazia prosperidade e proteção ao reino, o que quer que fosse, mas parece que desapareceu há muito tempo. Hum. Isso é *fascinante*. — O rei corria o dedo de uma anotação para outra. — Aqui, ao lado da esposa do meu antepassado, diz: “Era chamada Mulher-elfo.” Sempre me disseram que a rainha Matilda era apenas metade elfo, mas aqui está seu filho, Hans Nicholas, descrito como “Criança-elfo”, e talvez seja esse o motivo de ele nunca ter chegado a rei. Ninguém confia de fato nos elfos. Um grande erro, na minha opinião. Eles coroaram o filho de Hans Nicholas, em seu lugar, uma pessoa muito maçante chamada Adolphus II, que nunca fez muita coisa. É o único rei neste pergaminho que não tem uma anotação ao lado do nome. Isso diz alguma coisa. Mas seu filho... aqui está ele... Hans Peter Adolphus, este traz a seguinte anotação: “Reafirmou a segurança do reino em parceria com o dom de Elfo”, o que quer que isso signifique. Minha querida, isso é muito interessante. Você poderia fazer uma boa cópia legível dos nomes de todas essas pessoas e das anotações ao lado deles? Pode deixar de fora primos e outros, se não tiverem anotações. Você se importa?

— Em absoluto, senhor — respondeu Charmain. Ela estivera se perguntando como poderia escrever tudo aquilo secretamente para Sophie e Faísca, e ali estava a resposta.

Passou o resto do dia fazendo duas cópias do pergaminho. Uma era um confuso primeiro rascunho, para o qual constantemente tinha de perguntar ao rei sobre esta ou aquela anotação, e a segunda cópia era em sua melhor caligrafia para o rei. Ficou tão interessada no documento quanto o rei. Por que o sobrinho de Hans Peter III se dedicara ao “banditismo nos morros”? O que fez da rainha Gertrude “uma feiticeira a ser temida”? E por que sua filha, a princesa Isolla, estava assinalada como “amante do homem azul”?

O rei não sabia responder a essas perguntas, mas disse que tinha uma boa ideia do porquê de o príncipe Nicholas Adolphus estar rotulado como “beberrão”. Por acaso Charmain havia visto a anotação que dizia que o pai do príncipe, Peter Hans IV, era chamado de “tirano sombrio e, ainda por cima, mago”?

— Alguns dos meus antepassados não eram pessoas boas — disse ele. — Aposto que este maltratou o pobre Nicholas horivelmente. Dizem que é isso que pode acontecer quando o sangue de elfo azeda, mas acho simplesmente que as pessoas são assim, de verdade.

Já bem avançado o dia, quando Charmain estava perto do fim do pergaminho, em que quase todo regente parecia chamar-se Adolphus, ou Adolphus Nicholas, ou Ludovic Adolphus, ela ficou fascinada ao encontrar uma princesa Moina que “se casara com um grande lorde de Estrângia, mas morreu dando à luz um abominável luboquim”. Charmain tinha certeza de que Moina era aquela do diário da dama de companhia. Parecia que *alguém* havia acreditado na história da parteira. Charmain decidiu não mencionar isso ao rei.

Três linhas abaixo, deparou com o próprio rei, “perdido em meio aos seus livros”, e a princesa Hilda, “que recusou casamento com um rei, três lordes e um mago”. Eles estavam um tanto espremidos de um lado para abrir espaço aos descendentes do tio do rei, Nicholas Peter, que parecia ter tido muitos filhos. Os filhos desses filhos enchiam toda a fileira de baixo. Como era possível eles se lembrarem de quem era quem?, Charmain se perguntou. Metade das meninas se chamava Matilda e a outra metade Isolla, enquanto os garotos eram, em sua maioria, Hans ou Hans Adolphus. Só era possível distingui-los pelas minúsculas anotações, referindo-se a um Hans como “um grande idiota, morreu afogado” e outro “morto por acidente” e outro ainda “morto no exterior”. As mulheres eram piores. Uma Matilda era “uma garota orgulhosa e enfadonha”, a outra “deveria ser temida como a R. Gertrude”, e uma terceira “de natureza nada boa”. As Isollas eram todas ou “corruptas” ou “de modos perversos”. O herdeiro do rei, Ludovic Nicholas, destacava-se entre o que Charmain estava começando a ver como uma família verdadeiramente pavorosa, por não ter qualquer nota ao seu lado, como o insípido Adolphus de tanto tempo atrás.

Ela copiou tudo, nomes, anotações, tudo. No fim da tarde, seu dedo indicador direito estava totalmente anestesiado e azul de tinta.

— Obrigado, minha querida — disse o rei quando Charmain lhe entregou a cópia boa. Ele começou a lê-la tão avidamente que Charmain pôde facilmente reunir sua cópia apressada e suas outras anotações e metê-las nos bolsos, sem que o rei visse. Quando ela se levantou, o rei ergueu os olhos para dizer:

— Espero que me perdoe, minha querida. Não vou precisar de você nos próximos dois dias. A princesa insiste para que eu saia da biblioteca e banque o anfitrião para o jovem príncipe Ludovic este fim de semana. Ela não é muito hábil com visitantes do sexo masculino, você sabe. Mas eu a verei novamente na segunda-feira, espero.

— Sim, pode deixar — disse Charmain.

Ela recolheu Desamparada, que veio da cozinha marchando lentamente em sua direção, e seguiu para a porta da frente, perguntando-se o que fazer com sua cópia do pergaminho. Não tinha muita certeza se confiava em Faísca. Seria possível confiar em alguém que parecia um garotinho, mas que obviamente não era isso? E ainda havia o que Peter contara que o tio-avô William dissera sobre demônios do fogo. Dá para confiar em alguém assim tão perigoso?, pensou ela, prosseguindo, infeliz.

Então, viu-se cara a cara com Sophie.

— Como foi? Encontrou alguma coisa? — perguntou Sophie, sorrindo.

Era um sorriso tão amigável que Charmain decidiu que podia confiar em Sophie. Assim esperava.

— Tenho algumas coisas — disse, puxando os papéis dos bolsos.

Sophie pegou-os ainda mais ávida e agradecida do que o rei ao pegar sua cópia.

— Maravilhoso! — disse ela. — Isso deve pelo menos nos dar uma pista. Estamos totalmente sem saber de nada no momento. Howl... quer dizer, Faísca... diz que feitiços de adivinhação simplesmente não parecem funcionar aqui. E isso é estranho, porque eu não creio que nem o rei nem a princesa façam magia, você não acha? O suficiente para bloquear um feitiço de adivinhação, quero dizer.

— Não — disse Charmain. — Mas muitos dos antepassados deles faziam. E há mais em relação ao rei do que os olhos podem ver.

— Você está certa — disse Sophie. — Você pode ficar e examinar essas anotações conosco?

— Posso responder às suas perguntas na segunda — disse-lhe Charmain. — Tenho de ir ver meu pai antes que a padaria dele feche.



CAPÍTULO ONZE

No qual Charmain se ajoelha em um bolo

A loja estava fechada quando Charmain chegou, mas ela pôde ver indistintamente pela vidraça alguém se movimentando lá dentro, limpando. Charmain bateu à porta e, quando isso não surtiu efeito, encostou o rosto na vidraça e gritou:

— *Ei, me deixe entrar!*

A pessoa lá dentro, por fim, se dirigiu à porta, arrastando os pés, e abriu o suficiente para colocar a cara no vão. Vinha a ser um aprendiz mais ou menos da idade de Peter e que Charmain nunca vira.

— Estamos fechados — ele avisou. Seus olhos pousaram em Desamparada, no colo de Charmain. A porta aberta deixou passar uma rajada de aromas frescos de rosca doce, e Desamparada enfiou o nariz ali, farejando, extasiada. — E não permitimos a entrada de cães.

— Preciso ver meu pai — disse Charmain.

— Você não pode ver ninguém — disse o aprendiz. — A sala dos fornos ainda está em atividade.

— Meu pai é o Sr. Baker — disse-lhe Charmain —, e eu sei que ele me receberá. Deixe-me entrar.

— Como vou saber se está falando a verdade? — perguntou, desconfiado, o aprendiz. — Isso pode custar o meu emprego...

Charmain sabia que esse era o tipo de ocasião em que precisava ser educada e diplomática, mas perdeu a paciência, exatamente como acontecera com os *kobolds*.

— Ah, seu garoto tolo! — ela o interrompeu. — Se meu pai soubesse que você não quer me deixar entrar, ele o demitiria na mesma hora! Vá buscá-lo se não acredita em mim!

— Insolente! — disse o aprendiz. Mas recuou, afastando-se da porta, dizendo: — Entre, então, mas deixe o cachorro do lado de fora, entendeu?

— Não, não deixo — insistiu Charmain. — Ela pode ser roubada. Trata-se de uma cadelinha mágica altamente valiosa, fique sabendo, e até mesmo o *rei* lhe permite a entrada. Se *ele* pode, então você também pode.

O aprendiz a olhou com desdém.

— Diga isso ao luboque nas colinas — disse ele.

As coisas poderiam ter ficado muito complicadas se Belle, uma das senhoras que servia na loja, não tivesse entrado pela porta da sala do forno naquele momento. Ela estava amarrando o lenço e dizendo “Estou indo embora agora, Timmy. Não se esqueça de lavar todo o...” quando viu Charmain.

— Ah, olá, Charmain. Veio ver o seu pai, não é?

— Olá, Belle. Vim, sim — disse Charmain. — Mas ele não quer me deixar entrar com Desamparada.

Belle olhou para Desamparada. Seu rosto dissolveu-se em um sorriso.

— Que coisinha mais doce! Mas você sabe o que o seu pai pensa de cachorros entrando aqui. Melhor deixá-la na loja para que Timmy cuide dela. Você vai tomar conta dela, não vai, Timmy?

O aprendiz deu um resmungo e olhou furioso para Charmain.

— Mas eu já vou avisando, Charmain — prosseguiu Belle, em sua habitual tagarelice —, que eles estão muito ocupados lá atrás. Temos a encomenda de um bolo especial. Assim, você não vai ficar muito tempo, não é? Deixe seu cachorrinho aqui e ele vai ficar em segurança. E, Timmy, quero aquelas prateleiras *devidamente* limpas dessa vez, ou vou ter algo a lhe dizer amanhã. Boa noite!

Belle saiu da loja e Charmain passou por ela, entrando. Charmain, de fato, pensou em seguir para a sala do forno com Desamparada, mas sabia que o histórico da cachorrinha com comida não era nada bom. Assim, pousou Desamparada ao lado do balcão, dirigiu a Timmy um frio aceno de cabeça — ele vai me odiar para o resto da vida, pensou — e seguiu resoluta e sozinha pelas caixas de vidro vazias, as frias prateleiras de mármore e os grupos de mesas e cadeiras brancas nas quais os cidadãos da Alta Norlanda costumavam sentar-se para tomar café com bolos deliciosos. Desamparada deixou escapar um ganido desesperado quando Charmain abriu a porta da sala do forno, mas Charmain endureceu o coração e fechou a porta atrás de si.

Lá dentro estava tão agitado quanto uma colmeia, e quente como um país tropical, e cheio de aromas que certamente teriam enlouquecido Desamparada de gula. Havia o cheiro de massa crua e de massa assando, o aroma doce de pãezinhos, tortinhas e *waffles*, sobreposto por odores saborosos de pastéis e quiches, que, por sua vez, eram todos sobrepostos por cheiros fortes de cremes e coberturas para o imenso bolo de muitas camadas que várias pessoas estavam decorando sobre a mesa perto da porta. Água de rosas!, pensou Charmain, inspirando aqueles aromas. Limão, morango, amêndoas do sul de Ingary, cerejas e pêssegos!

O Sr. Baker, em passadas largas, ia de funcionário em funcionário, instruindo, incentivando e inspecionando.

— Jake, você precisa fazer força para sovar essa massa — Charmain ouviu-o dizer ao entrar. E um instante depois: — E você, mão leve nessa massa, Nancy. Não a *soque*, ou vai ficar parecendo pedra. — Um momento depois ele se dirigia aos fornos na outra extremidade, dizendo ao jovem que trabalhava lá que forno usar. E aonde ele fosse, obtinha atenção e obediência imediata.

Seu pai, Charmain sabia, era um rei em sua padaria — mais rei do que o próprio rei na Mansão Real, ela pensou. O chapéu branco pousava em sua cabeça como uma coroa. E caía-lhe bem, pensou Charmain. Seu rosto era fino e o cabelo louro-avermelhado, assim como o dela, embora fosse mais sardento.

Ela o seguiu até perto dos fogões, onde ele provava um saboroso recheio de carne e dizia à garota que o preparava que estava temperado demais.

— Mas está gostoso! — protestou a garota.

— Pode ser — disse o Sr. Baker —, mas existe um mundo de diferença entre estar gostoso e estar perfeito, Lorna. Vá ajudá-los com o bolo, ou eles vão levar a noite toda, e eu vou tentar recuperar este recheio. — Ele tirou a panela do fogo enquanto Lorna se afastava, apressada, parecendo muitíssimo aliviada.

Ele se virou com a panela e viu Charmain.

— Olá, querida! Eu não estava esperando *você*! — Uma leve dúvida lhe sobreveio. — Foi sua mãe que a mandou?

— Não — disse Charmain. — Eu vim sozinha. Estou cuidando da casa do tio-avô William, lembra-se?

— Ah, está mesmo — disse o pai. — O que posso fazer por você?

— Hã... — murmurou Charmain. Era difícil falar agora que fora lembrada de o quanto seu pai era um expert no que fazia.

— Só um instante — pediu ele, e virou-se para esquadrinhar fileiras de ervas e temperos em pó em uma prateleira perto dos fogões. Selecionou um frasco, destampou-o e polvilhou um pouquinho na panela. Misturou, provou e fez um gesto afirmativo com a cabeça. — Agora está bom — disse, pondo a panela para esfriar. Então olhou interrogativamente para Charmain.

— Eu não sei cozinhar, papai — ela declarou —, e a comida à noite vem crua na casa do tio-avô William. Por acaso você não tem instruções por escrito, tem? Para aprendizes ou algo assim?

O Sr. Baker levou a mão muito limpa ao queixo sardento, pensando.

— Eu sempre disse à sua mãe que você precisava saber *algumas* dessas coisas — contou ele. — Respeitável ou não. Vamos ver. A maior parte do que eu tenho será um pouco avançado para você. *Pâtisserie* e molhos *gourmet* e tal. Atualmente espero que meus aprendizes já cheguem sabendo o básico. Mas acho que talvez ainda tenha algumas das anotações elementares e simples de quando comecei. Vamos ver, está bem?

Ele a conduziu até a parede oposta, atravessando a sala dos fornos entre a multidão de cozinheiros ocupados. Havia ali algumas prateleiras que pareciam prestes a desabar, com pilhas desordenadas de cadernos, pedaços de papel com manchas de geleia e grossas pastas cobertas por impressões digitais marcadas na farinha.

— Espere um momento — disse o Sr. Baker, fazendo uma pausa diante da mesa de sobras ao lado dessas prateleiras. — É melhor eu lhe dar alguma comida para levar enquanto você lê sobre o assunto, não é?

Charmain conhecia muito bem essa mesa. Desamparada a teria adorado. Ali havia alguns itens que não tinham ficado perfeitos: tortas quebradas, pãezinhos tortos e pastéis rachados, ao lado de todos os itens da padaria que não tinham sido vendidos naquele dia. Os funcionários tinham permissão para levá-los para casa se quisessem. O Sr. Baker pegou uma das sacolas que os funcionários usavam e começou a enchê-la rapidamente. Um bolo de creme inteiro foi colocado no fundo, seguido por uma camada de pastéis, depois pãezinhos, roscas doces e finalmente uma grande quiche de queijo. Ele deixou a volumosa sacola sobre a mesa enquanto esquadrinhava as prateleiras.

— Aqui está — disse, puxando um caderno marrom molenga, escurecido com gordura velha. — Eu *sabia* que ainda o tinha! Isso foi de quando comecei ainda rapazinho no restaurante na Praça do Mercado. Eu era então tão ignorante quanto você, portanto deve ser exatamente o que você precisa. Quer os feitiços que acompanham as receitas?

— *Feitiços!* — exclamou Charmain. — Mas, papai...!

Charmain nunca tinha visto o Sr. Baker com uma expressão tão culpada. Suas sardas, por um momento, desapareceram na vermelhidão.

— Eu sei, eu sei, Charmain. Sua mãe teria setenta ataques. Ela insiste que a magia é coisa reles e vulgar. Mas eu nasci um praticante de magia e não posso evitar, não quando estou cozinhando. Usamos a magia o tempo todo aqui na padaria. Seja uma garota boazinha e não deixe sua mãe saber,

por favor. — Ele puxou um caderninho fino amarelo da prateleira e o agitou no ar, melancólico. — Estes aqui são feitiços simples que funcionam. Você os quer?

— Sim, *por favor!* — respondeu Charmain. — E é óbvio que não vou dizer nem uma palavra para mamãe. Eu sei como ela é tanto quanto você.

— Boa menina! — disse o Sr. Baker. Ele rapidamente enfiou os dois cadernos na sacola, ao lado da quiche de queijo, e entregou a sacola à Charmain. Eles trocaram um sorriso de conspiradores. — Boas refeições — desejou o Sr. Baker. — E boa sorte.

— Para o senhor também — replicou Charmain. — E *obrigada*, papai! — Ela se esticou e o beijou na bochecha sardenta suja de farinha, logo abaixo do chapéu de cozinheiro, e então saiu da sala dos fornos.

— Sua sortuda! — gritou Lorna quando Charmain abria a porta. — Eu estava de olho naquele bolo de creme que ele lhe deu.

— Eram dois — respondeu Charmain sobre o ombro, passando à padaria.

Lá, para sua surpresa, encontrou Timmy sentado no balcão de vidro e mármore com Desamparada nos braços. Ele explicou, na defensiva:

— Ela ficou aborrecida de verdade quando você a deixou. Começou a uivar feito louca.

Talvez não sejamos inimigos para a vida toda afinal!, pensou Charmain quando Desamparada saltou do colo de Timmy, ganindo de felicidade. Ela começou a dançar em torno dos tornozelos de Charmain e fez tanto barulho que Timmy evidentemente não ouviu Charmain lhe agradecer. Ela fez questão de lhe dirigir um grande sorriso e um aceno com a cabeça ao sair para a rua, com Desamparada saltitando e guinchando aos seus pés.

A padaria ficava do lado oposto àquele em que o rio e o aterro atravessavam a cidade. Charmain poderia ter cortado caminho até lá, mas era mais rápido — com Desamparada tendo de andar, pois Charmain estava carregando a volumosa sacola — seguir pela Rua Alta, que, embora fosse uma das principais ruas, estava longe de parecer isso. Era uma rua sinuosa e estreita, sem calçadas, mas as lojas de ambos os lados estavam entre as melhores. Charmain seguia lentamente, olhando as lojas para dar tempo de Desamparada a acompanhar, esquivando-se de fregueses tardios e gente passeando antes do jantar, e pensando. Seus pensamentos estavam divididos entre a satisfação — Peter agora não tem *desculpa* para fazer nenhuma comida horrível — e a perplexidade. Papai é um *praticante de*

magia! Sempre foi. Até então, Charmain sentira um bocado de culpa pela maneira como havia experimentado com *O livro de palimpsesto*, mas agora percebeu que isso havia acabado. Acho que posso ter herdado a magia do papai! Ah, que *maravilha!* Então eu sei que *posso* fazer feitiços. Mas por que papai sempre faz o que a mamãe diz? Ele insiste que eu seja respeitável tanto quanto ela. Francamente, *pais!* Charmain descobriu que, no fim das contas, estava muito feliz com isso.

De repente, ouviu-se um tremendo tropel de cavalos aproximando-se por trás dela, misturado a estrépitos e gritos graves de “Abram caminho! Abram caminho!”.

Charmain olhou à sua volta e viu cavaleiros de uniforme tomando a rua, aproximando-se tão rápido que já estavam quase em cima dela. Os pedestres espremiavam-se contra as lojas e paredes de ambos os lados da rua. Ao fazer meia-volta para pegar Desamparada, Charmain tropeçou na soleira de uma porta e caiu meio ajoelhada em cima da sacola de comida, mas conseguiu pegar Desamparada sem deixar cair a sacola. Segurando a cachorrinha e a sacola nos braços, ela recuou até a parede mais próxima, enquanto patas de cavalos e pés humanos em estribos avançavam pesadamente diante de seu nariz. Eles foram seguidos por uma série de cavalos galopantes, animais pretos e brilhantes presos em longos tirantes de couro, com um chicote estalando em seus flancos. Em seguida, uma grande carruagem colorida passou trovejando, cintilando com ouro, vidro e escudos pintados, com dois homens de chapéu de plumas balançando-se na traseira dela. Esta foi seguida ainda por mais homens uniformizados montados em cavalos, galopando com um ruído ensurdecedor.

Então se foram, descendo a rua e desaparecendo na curva seguinte. Desamparada choramingava. Charmain desabou contra a parede.

— O que foi aquilo? — perguntou à pessoa que se espremia na parede ao seu lado.

— Aquilo — disse a mulher — era o príncipe da Coroa Ludovic. A caminho de sua visita ao rei, suponho.

Era uma mulher clara e de aparência ligeiramente severa, que fazia com que Charmain lembrasse um pouco de Sophie Pendragon. Segurava um garotinho, que teria lembrado Morgan a Charmain, não fosse o fato de não estar fazendo nenhum barulho. Ele parecia branco de susto, exatamente como Charmain se sentia.

— Ele não devia seguir com tanta velocidade por uma rua estreita como esta! — disse Charmain, zangada. — Alguém poderia ter se machucado! — Ela olhou a sacola e viu que o flã se partira ao meio e se dobrara, o que a deixou ainda mais furiosa. — Por que ele não foi pelo aterro, onde o caminho é mais largo? — perguntou. — Ele não se importa?

— Não muito — respondeu a mulher.

— Então estremeço só de pensar como vai ser quando for rei! — exclamou Charmain. — Vai ser *horrível*!

A mulher lhe dirigiu um olhar estranho e significativo.

— Eu não a ouvi dizer isso — afirmou ela.

— Por quê? — indagou Charmain.

— Ludovic não gosta de críticas — disse a mulher. — Ele tem luboquins para reforçar suas opiniões. *Luboquins*, ouviu, garota? Vamos torcer para que eu tenha sido a única que ouviu o que você disse. — Então ergueu o garotinho nos braços e se afastou.

Charmain pensou naquilo enquanto atravessava a cidade com Desamparada debaixo de um braço e a sacola pesando do outro. Viu-se torcendo para que seu rei, Adolphus X, continuasse vivo por muito tempo. Ou terei de começar uma revolução, ela pensou. Meu Deus, hoje o caminho para a casa do tio-avô William parece muito longo!

Por fim, ela chegou e, agradecida, pousou Desamparada no caminho do jardim. Ao entrar, encontrou Peter na cozinha, sentado em uma das dez sacolas de roupa suja, olhando desalentado para um grande naco de carne vermelha sobre a mesa. Ao lado dele, havia três cebolas e duas cenouras.

— Não sei como cozinhar isto — disse ele.

— Não precisa — replicou Charmain, descarregando a sacola sobre a mesa. — Fui ver meu pai esta tarde. E aqui — ela acrescentou, pegando os dois cadernos — estão as receitas e os feitiços que as acompanham. — Ambos os cadernos estavam em péssimas condições por causa da quiche. Charmain os limpou na saia e os entregou a Peter, que se animou imensamente e levantou-se de um pulo da sacola de roupa suja.

— Isso é muito útil! — disse ele. — E uma sacola de comida é ainda melhor.

Charmain desembulhou a quiche dobrada, os pastéis quebrados e os pãezinhos amassados. O bolo de creme no fundo tinha uma marca na forma de joelho e o recheio havia vazado em alguns pastéis. Isso a deixou

furiosa com o príncipe Ludovic outra vez. Ela contou todo o episódio a Peter enquanto tentava rearrumar os pastéis.

— É, minha mãe diz que ele tem o potencial de um verdadeiro tirano — disse Peter, um pouco ausente, pois estava folheando os cadernos. — Ela diz que é por isso que deixou o país. Esses feitiços devem ser feitos enquanto preparo a comida, antes ou depois? Você sabe?

— Papai não disse. Você vai ter de descobrir — disse Charmain e se dirigiu ao estúdio do tio-avô William, em busca de um livro relaxante para ler. *A varinha de doze ramos* era interessante, mas lhe dava a impressão de que sua mente se havia partido em mil pedaços. Cada galho da varinha tinha mais dozes galhos saindo dele, e doze mais de cada um desses. Mais um pouco e eu me transformaria em uma árvore, pensou Charmain enquanto examinava as prateleiras. Escolheu um livro intitulado *A jornada do mágico*, que ela esperava fosse uma narrativa de aventura. E era, de certa forma, mas Charmain logo percebeu que também era um relato passo a passo de como um mágico aprendera suas habilidades.

Isso a fez pensar novamente em como o pai viera a ser um praticante de magia. E eu sei que herdei esse dom, ela pensou. Aprendi a voar e consertei os canos no banheiro, tudo muito rápido. Mas preciso aprender a fazer isso suave e silenciosamente, em vez de gritar e intimidar as coisas. Ela ainda estava sentada, ponderando a questão, quando Peter gritou, chamando-a para comer.

— Usei os feitiços — disse ele, muito orgulhoso de si mesmo. Havia aquecido os pastéis e preparado uma mistura verdadeiramente saborosa com as cebolas e as cenouras. — E — acrescentou ele — estou muito cansado após um dia explorando.

— Procurando ouro? — perguntou Charmain.

— É a coisa natural a fazer — respondeu Peter. — Sabemos que está em algum lugar desta casa. Mas o que encontrei foi o lugar onde vivem os *kobolds*. É como uma imensa caverna, e estavam todos lá fazendo coisas. Relógios cuco na maioria, mas alguns faziam bules de chá, e outros construíam algo semelhante a um sofá perto da entrada. Eu não falei com eles... não sabia se estavam no passado ou no presente, portanto apenas sorri e observei. Não queria que ficassem zangados de novo. O que você fez hoje?

— Ah, céus! — exclamou Charmain. — Foi um dia e tanto. Começou com Faísca subindo no telhado. Eu fiquei apavorada! — E ela lhe contou

todo o resto.

Peter franziu a testa.

— Esse Faísca — disse ele — e essa Sophie... você tem certeza de que eles não estão tramando alguma coisa sinistra? O Mago Norland disse que demônios do fogo são seres perigosos, você sabe.

— Pensei nisso — admitiu Charmain. — Mas acho que está tudo certo com eles. Parece mesmo que a princesa Hilda os chamou para ajudar. Quisera eu saber como encontrar o que o rei está procurando. Ele ficou tão animado quando encontrei aquela árvore genealógica! Você sabia que o príncipe Ludovic tinha oito primos em segundo grau, a maioria chamada Hans e Isolla, e quase todos tiveram mortes horríveis?

— Porque eram todos boas biscoas — retrucou Peter. — Minha mãe conta que Hans, o cruel, foi envenenado por Isolla, a assassina, que, por sua vez, foi morta por Hans, o bêbado, quando ele estava embriagado. Então *esse* Hans caiu da escada e quebrou o pescoço. Sua irmã Isolla foi enforcada em Estrângia por tentar matar o lorde com quem se casou por lá... De quantos eu já dei conta?

— Cinco — disse Charmain, fascinada. — Faltam três.

— São duas Matildas e outro Hans — disse Peter. — Esse era Hans Nicholas, e eu não sei como ele morreu, exceto que estava no exterior quando isso aconteceu. Uma das Matildas morreu queimada quando sua mansão pegou fogo, e dizem que a outra é uma bruxa tão perigosa que o príncipe Ludovic a mantém encarcerada em um sótão no Castel Joie. Ninguém ousa se aproximar dela, nem mesmo o príncipe Ludovic. Ela mata as pessoas só com o olhar. Fiz bem em ter dado aquele pedaço de carne a Desamparada?

— Provavelmente — disse Charmain —, se ela não engasgou. Como é que você sabe tudo sobre esses primos? Eu nunca tinha ouvido falar deles até hoje.

— É porque venho de Montalbino — explicou Peter. — Todo mundo na minha escola sabe tudo sobre os Oito Primos Maus da Alta Norlanda. Mas suponho que neste país nem o rei nem o príncipe Ludovic queiram que se espalhe que seus parentes são tão perversos. Dizem que o príncipe Ludovic é tão ruim quanto os outros.

— E nosso país é um lugar tão bom, de verdade! — protestou Charmain. Ela sentia-se triste com o fato de que a Alta Norlanda tivesse dado à luz oito pessoas tão terríveis. Parecia cruel com o rei também.



CAPÍTULO DOZE

Que diz respeito a roupa suja e ovos de luboque

Charmain acordou cedo no dia seguinte, porque Desamparada enfiou o focinho minúsculo em seu ouvido, obviamente pensando que precisavam ir para a Mansão Real, como de hábito.

— Não, eu *não* preciso ir! — disse Charmain, mal-humorada. — O rei tem de cuidar do príncipe Ludovic hoje. Vá embora, Desamparada, ou eu posso me transformar em uma Isolla e envenenar você! Ou em uma Matilda e fazer magia das trevas com você. Vá *embora*!

Desamparada se afastou tristemente, mas a essa altura Charmain já havia despertado. Dali a pouco ela se levantou, abrandando seu mau humor ao prometer a si mesma que passaria um dia agradável e ocioso lendo *A jornada do mágico*.

Peter estava acordado também e tinha outras ideias.

— Vamos lavar um pouco desta roupa hoje — disse ele. — Você já percebeu que agora tem dez sacolas de roupa suja aqui e mais dez no quarto do Mago Norland? Creio que deva ter outras dez na despensa também.

Charmain lançou um olhar feroz para as sacolas de roupa suja. Não podia negar que já estavam ocupando toda a cozinha.

— Não vamos nos preocupar — disse ela. — Isso deve ser coisa daqueles *kobolds*.

— Não, não é — disse Peter. — Minha mãe diz que roupa suja se multiplica se você não a lavar.

— Temos uma lavadeira em casa — afirmou Charmain. — Não sei como lavar coisas.

— Eu mostro a você — disse Peter. — Pare de se esconder atrás de sua ignorância.

Perguntando-se, irritada, como Peter sempre conseguia colocá-la para trabalhar, Charmain logo se viu acionando com força a bomba no quintal, enchendo baldes de água para Peter carregar até a lavadeira e despejar na grande caldeira de cobre. Depois do décimo balde, aproximadamente, Peter voltou, dizendo:

— Precisamos acender o fogo debaixo da caldeira agora, mas não consigo encontrar nenhum combustível. Onde você acha que ele o guarda?

Charmain afastou o cabelo suado do rosto com a mão, exausta.

— Deve funcionar como a lareira na cozinha — disse ela. — Vou até lá ver. — Seguiu até o abrigo, pensando: E se não funcionar, podemos parar

de tentar. Ótimo. — Precisamos só de uma coisa que queime — disse a Peter.

Ele olhou, confuso, à sua volta. Dentro do abrigo não havia nada a não ser uma pilha de tubos de madeira e uma caixa de sabão em pó. Charmain examinou o fundo da caldeira. Estava preto de antigos fogos. Ela examinou os tubos. Grandes demais. Ela olhou o sabão em pó e resolveu não correr o risco de outra tempestade de bolhas. Tornou a sair do abrigo e arrancou um galho da árvore doente. Enfiando-o na lareira escurecida, deu um tapa na lateral da caldeira e disse: “Fogo!” E teve de saltar rapidamente para trás, quando as chamas surgiram ruidosamente debaixo do recipiente de cobre.

— Aí está — ela disse a Peter.

— Ótimo — replicou ele. — De volta à bomba. Precisamos da caldeira cheia agora.

— *Por quê?* — indagou ela.

— Porque há trinta sacolas de roupa para lavar, é óbvio — disse Peter.

— Vamos precisar colocar água quente em algumas dessas tinas para deixar as sedas de molho e lavar as lãs. E depois vamos precisar de água para enxaguar. Baldes e mais baldes.

— Eu não *acredito* nisso! — resmungou Charmain para Desamparada, que perambulava por ali, observando. Ela suspirou e voltou a bombear.

Enquanto isso, Peter buscou uma cadeira na cozinha e a levou para o abrigo. Então, para indignação de Charmain, ele arrumou as tinas em uma fileira e começou a despejar os baldes de sua suada água fria neles.

— Pensei que esta água fosse para a caldeira! — protestou ela.

Peter subiu na cadeira e começou a lançar punhados de sabão em pó na caldeira, que agora fumegava e chiava, fervendo.

— Pare de discutir e continue bombeando — disse ele. — Está quase quente o bastante para a roupa branca agora. Mais quatro baldes devem ser suficientes, e então você pode começar a colocar camisas e outras coisas aqui dentro.

Ele desceu da cadeira e se dirigiu à casa. Quando voltou, arrastava duas sacolas de roupa suja, as quais deixou escoradas no abrigo enquanto ia buscar mais. Charmain bombeava e arfava, furiosa, e subiu na cadeira para despejar seus quatro baldes cheios nas nuvens de vapor e sabão que se erguiam da caldeira. Então, feliz por fazer outra coisa, desamarrou as cordas que mantinham fechada a primeira sacola de roupas. Ali dentro

havia meias e um manto vermelho de mago, duas calças, camisas e roupas de baixo — todos cheirando a mofo da inundação do banheiro de Peter. Por mais estranho que fosse, quando Charmain desamarrou a segunda sacola, havia as mesmas coisas — era tudo idêntico dentro dela.

— Era de se esperar que a lavagem de roupa de um mago fosse peculiar — disse Charmain. Pegou uma braçada de roupa, subiu na cadeira e jogou as roupas na caldeira.

— Não, não, não! *Pare!* — gritou Peter, no momento em que Charmain esvaziava a segunda sacola ali dentro.

Ele veio correndo pela grama, arrastando mais oito sacolas, amarradas umas às outras.

— Mas foi você que disse para fazer isso! — protestou Charmain.

— Não antes de termos separado as roupas, sua tola! — disse Peter. — Só se ferver as peças brancas!

— Eu não sabia — disse Charmain, amuada.

Ela passou o resto da manhã separando roupas em pilhas na grama, enquanto Peter lançava camisas na água fervendo e enchia as tinas de água com sabão para mergulhar roupões e meias e vinte calças de mago.

Por fim, ele disse:

— Acho que as camisas já ferveram o bastante — e puxou para a frente uma tina de água fria. — Você apaga o fogo enquanto eu escorro a água quente.

Charmain não tinha a menor ideia de como apagar um fogo mágico. Experimentando, ela bateu na lateral da caldeira. Queimou a mão.

— *Ai! Fogo, apague!* — ordenou numa espécie de grito. E o fogo, obedientemente, extinguiu-se e desapareceu. Ela chupou os dedos queimados e viu Peter abrir o tampão no fundo da caldeira e mandar a água cor-de-rosa espumante e fumegante ralo abaixo. Charmain espiou através do vapor enquanto a água escoava.

— Eu não sabia que o sabão era cor-de-rosa — disse ela.

— E não era — replicou Peter. — Oh, céus! Olhe o que você fez *agora!* — Ele subiu correndo na cadeira e começou a tirar camisas fumegantes com a vareta bifurcada que servia a esse propósito. Cada uma delas, ao mergulhar na água fria, tinha uma brilhante tonalidade de cereja. Depois das camisas, ele fisionou 15 meias encolhidas, todas pequenas demais até mesmo para Morgan, e uma calça de mago em um tamanho que serviria a um bebê. Por fim, ele fisionou um manto vermelho muito pequeno

e o segurou no ar acusadoramente, pingando e fumegando, para que Charmain visse. — Foi isso que você fez — disse ele. — *Nunca* se põe lã vermelha com camisas brancas. A tinta mancha. *E* ficou quase tudo pequeno demais até mesmo para um *kobold*. Você é uma tola completa!

— Como eu ia saber? — perguntou Charmain com ardor. — Vivi uma vida protegida! Mamãe nunca me deixa chegar perto de nossa lavanderia.

— Porque não é respeitável, eu sei — disse Peter, irritado. — Suponho que você ache que eu deveria ter pena de você! Bem, não tenho. Não vou confiar que você nem sequer chegue perto da máquina de passar. Deus sabe o que você faria com ela! Vou tentar um feitiço branqueador enquanto passo as roupas. Você vai e pega o varal e aquele pote de pregadores na despensa e pendura tudo para que seque. Posso confiar que você não vai se enforcar ou algo no gênero enquanto faz isso?

— Eu não sou uma tola — disse Charmain com altivez.

Uma hora depois aproximadamente, quando Peter e Charmain, ambos exaustos e úmidos de vapor, comiam frugalmente na cozinha os restos dos quitutes do dia anterior, Charmain não pôde deixar de pensar que seus esforços com o varal foram mais bem-sucedidos do que Peter com a máquina de passar e o feitiço branqueador. O varal ziguezagueava dez vezes de um lado para o outro do quintal. Mas se *mantinha no ar*. As camisas que agora se agitavam pendendo dos pregadores não eram brancas. Algumas exibiam veios vermelhos. Outras tinham curiosos arabescos cor-de-rosa e algumas apresentavam um delicado tom azulado. A maior parte dos mantos tinha faixas brancas em algum ponto. As meias e calças eram todas em tom branco-amarelado. Charmain pensou que era muito diplomático da parte dela não observar para Peter que o elfo, que estava se abaixando e se esquivando entre os zigue-zagues de roupa lavada, estivesse fitando tudo aquilo com grave perplexidade.

— Tem um *elfo* lá fora! — exclamou Peter com a boca cheia.

Charmain engoliu o restante de sua comida e abriu a porta dos fundos para ver o que o elfo queria.

O elfo inclinou a cabeça alta e clara para passar pela porta e caminhou resolutamente até o meio da cozinha, onde pousou em cima da mesa a caixa de vidro que carregava. Dentro da caixa havia três coisas brancas arredondadas do tamanho de bolas de tênis. Peter e Charmain fitaram-nas e depois ao elfo, que simplesmente ficou ali parado sem dizer nada.

— O que é isso? — perguntou Peter afinal.

O elfo curvou-se muito levemente.

— Estes — disse ele — são os três ovos de luboque que extraímos do Mago William Norland. Foi uma operação muito difícil, mas nós a realizamos com sucesso.

— *Ovos de luboque!* — exclamaram Peter e Charmain, quase ao mesmo tempo. Charmain sentiu o rosto empalidecer e desejou não ter comido aqueles pastéis. As sardas de Peter se destacaram sobre o rosto branco. Desamparada, que estivera implorando comida embaixo da mesa, começou a ganir freneticamente.

— Por que... por que você trouxe os ovos para cá? — Charmain conseguiu perguntar.

— Porque descobrimos que é impossível destruí-los — respondeu calmamente o elfo. — Eles derrotaram todos os nossos esforços, mágicos e físicos. Por fim concluímos que somente um demônio do fogo é capaz de destruí-los. O Mago Norland nos disse que a Srta. Charme, a essa altura, terá tido contato com um demônio do fogo.

— O Mago Norland está *vivo*? Você consegue falar com ele? — perguntou Peter, ansioso.

— Certamente — disse o elfo. — Ele está se recuperando bem e deve estar apto a voltar para cá em três ou quatro dias no máximo.

— Ah, estou tão feliz! — exclamou Charmain. — Então eram ovos de luboque que o estavam deixando doente?

— Isso mesmo — concordou o elfo. — Parece que o mago encontrou um luboque há alguns meses ao caminhar por uma campina na montanha. O fato de ele ser um mago fez com que os ovos absorvessem sua magia e se tornassem quase impossíveis de destruir. Eu lhes previno para que não toquem nos ovos nem tentem abrir esta caixa em que se encontram. Eles são extremamente perigosos. Eu os aconselho a obter os serviços do demônio do fogo assim que possível.

Enquanto Peter e Charmain engoliam em seco e fitavam aqueles três ovos brancos na caixa, o elfo fez outra leve mesura e se foi, passando pela porta interna. Peter se recobrou e correu atrás dele, gritando que queria saber mais. Mas, ao chegar à sala de estar, viu a porta da frente já se fechando. Quando, seguido por Charmain, seguida, por sua vez, por Desamparada, saiu correndo no jardim da frente, não havia mais sinal do elfo. Charmain avistou Rollo espiando escondido atrás do caule de uma hortênsia, mas o elfo havia desaparecido por completo.

Ela apanhou Desamparada no chão e a plantou no colo de Peter.

— Peter — disse ela —, mantenha Desamparada *aqui*. Vou buscar Calcifer imediatamente. — E saiu correndo pelo caminho no jardim.

— Seja rápida! — gritou Peter. — Seja *muito* rápida!

Charmain não precisava que Peter lhe dissesse isso. Ela correu, seguida pelos uivos desesperados e esganiçados de Desamparada, e correu, e continuou correndo, até ter circundado o grande penhasco e poder ver a cidade à sua frente. Lá ela teve de reduzir para uma caminhada acelerada, segurando a lateral do corpo no ponto em que sentia uma pontada, mas continuou o mais rápido que podia. A imagem daqueles ovos brancos arredondados na mesa da cozinha foi suficiente para fazê-la disparar em um trote assim que recuperou o fôlego. E se os ovos eclodissem antes que ela encontrasse Calcifer? E se Peter fizesse algo estúpido, como tentar lançar um feitiço sobre eles? E se... Ela tentou desviar a mente de todas as outras terríveis possibilidades, arquejando para si mesma:

— Eu sou *fã*o estúpida! Podia ter perguntado àquele elfo o que é o dom de Elfo! Mas me esqueci totalmente. Eu *devia* ter lembrado. Como sou *estúpida*!

Mas seu coração não estava voltado para aquilo de verdade. Tudo em que ela conseguia pensar era Peter murmurando feitiços sobre a caixa de vidro. Seria bem típico dele tentar.

Começou a chover quando ela entrou na cidade. Charmain ficou contente. Isso deveria afastar a mente de Peter dos ovos de luboque. Ele teria de correr lá fora e recolher a roupa lavada antes que ficasse encharcada novamente. Desde que ele não tivesse feito nada estúpido antes disso...

Ela chegou à Mansão Real ensopada e quase sem fôlego, bateu na porta com a aldrava e tocou o sino ainda mais freneticamente do que quando Faísca subira no telhado. Pareceu passar-se um século antes que Sim abrisse a porta.

— Ah, Sim — arquejou ela. — Preciso ver Calcifer imediatamente! Pode me dizer onde ele está?

— Certamente, senhorita — replicou Sim, nem um pouco desconcertado pelos cabelos encharcados e roupas gotejantes de Charmain. — Sir Calcifer neste momento encontra-se no Grande Saguão. Permita-me mostrar-lhe o caminho.

Ele fechou a porta e pôs-se a caminhar pesadamente, e Charmain o seguiu, gotejando todo o caminho atrás dele, atravessando o longo e úmido vestíbulo, passando pela escada de pedra até uma porta grandiosa em algum lugar já nos fundos da mansão, onde Charmain nunca estivera antes.

— Aqui, senhorita — disse ele, abrindo a porta formidável mas em mau estado.

Charmain entrou, em meio a um estardalhaço de vozes e um grupo de pessoas elegantemente vestidas, que pareciam estar todas gritando umas com as outras enquanto perambulavam por ali comendo bolos em finos pratinhos. O bolo foi a primeira coisa que ela reconheceu. Erguia-se, grandioso, em uma mesa especial no meio da sala. Embora agora restasse apenas metade dele, decididamente era o mesmo bolo em que os cozinheiros de seu pai estiveram trabalhando na tarde de ontem. Era como ver um velho amigo entre todos aqueles estranhos ricamente vestidos. O homem mais próximo, vestido de veludo azul-petróleo e brocado azul-escuro, virou-se, fitou Charmain com desdém e então trocou olhares de repulsa com a dama ao lado dele. Esta vestia — não exatamente um vestido de baile, não na *hora do chá!*, pensou Charmain — sedas e cetins tão suntuosos que teriam feito tia Semprônia parecer maltrapilha, estivesse ela ali. Tia Semprônia não estava lá, mas o senhor Prefeito sim, assim como sua senhora e assim como todas as pessoas mais importantes da cidade.

— Sim — chamou o homem de azul-petróleo —, quem é esta pequena plebeia molhada?

— Lady Charme é a nova assistente de Sua Majestade, Vossa Alteza — replicou Sim. Então voltou-se para Charmain: — Permita-me apresentá-la à Sua Alteza, o príncipe da Coroa Ludovic, senhorita. — Ele deu um passo atrás e fechou-se do lado de fora da sala.

Charmain pensou que o chão lhe faria um favor caso se abrisse sob seus pés encharcados e a lançasse aos porões. Ela esquecera completamente a visita do príncipe da Coroa Ludovic. Obviamente a princesa Hilda havia convidado todas as Melhores Pessoas da Alta Norlanda para a reunião com o príncipe. E ela, a simples Charmain Baker, havia entrado de penetra na reunião.

— Prazer em conhecê-lo, Vossa Alteza — tentou dizer, mas as palavras saíram como um sussurro assustado.

O príncipe Ludovic provavelmente não ouviu. Ele riu e disse:

— Lady Charme é um apelido por que o rei a chama, garotinha? — Ele apontou com o garfo do bolo para a dama com o vestido não exatamente para a tarde. — Eu, por exemplo, chamo minha assistente de Lady Ricaça. Ela me custa uma fortuna, como pode ver.

Charmain abriu a boca para explicar qual era seu nome de verdade, mas a mulher do vestido não exatamente para a tarde falou primeiro:

— Você não tem motivos para falar isso! — disse ela, zangada. — Seu maldoso!

O príncipe Ludovic deu uma gargalhada e afastou-se para conversar com o cavalheiro inexpressivo, que se aproximava em um conjunto de seda cinza também inexpressivo. Charmain teria se afastado imediatamente em busca de Calcifer, não fosse o fato de, quando o príncipe se virou, a luz do grande candelabro iluminou em cheio a lateral de seu rosto. O olho que ela podia ver fulgurava em um tom de roxo profundo.

Charmain ficou ali parada, como uma fria estátua de horror. O príncipe Ludovic era um luboquim. Por um momento, ela não conseguiu se mexer, sabendo que estava mostrando seu horror, sabendo que as pessoas veriam o quanto ela estava horrorizada e que se perguntariam por quê. O cavalheiro inexpressivo já estava olhando para ela, a curiosidade estampada em seus suaves olhos cor de malva. Oh, céus! *Ele* era um luboquim também. Fora isso que a intrigara antes, quando o encontrara perto da cozinha.

Felizmente, o senhor Prefeito afastou-se da mesa de bolo naquele exato momento, para fazer uma profunda mesura ao rei, e permitiu a Charmain ver de relance um cavalinho de pau — não, eram muitos cavaleiros de pau, Charmain percebeu. Isso a distraiu de seu horror. Por alguma razão, vários cavaleiros de pau estavam alinhados ao longo das paredes da suntuosa sala. Faísca estava sentado no que se encontrava mais próximo da grande lareira de mármore, olhando para ela com gravidade. Charmain podia ver que ele sabia que ela sofrera um choque de algum tipo e queria que ela lhe dissesse o que o tinha causado.

Ela começou a avançar lentamente até a lareira. Isso lhe deu uma visão de Morgan, sentado ao lado do guarda-fogo de mármore brincando com uma caixa de blocos de montar. Sophie estava em pé ao lado dele. Apesar do vestido azul-pavão de Sophie e de seu ar de quem fazia parte do chá,

Charmain viu por um momento Sophie como uma imensa leoa com os dentes à mostra, vigiando de perto seu pequeno filhote.

— Ah, olá, Charme — disse a princesa Hilda, mais ou menos no ouvido de Charmain. — Quer um pedaço de bolo, já que está aqui?

Charmain lançou um olhar de tristeza para o bolo e inspirou seu aroma exuberante.

— Não, obrigada, senhora — disse ela. — Eu só vim trazer uma mensagem para... hã... a Sra. Pendragon, sabe? — Onde *estava* Calcifer?

— Bem, ali está ela, logo ali — disse a princesa Hilda, apontando. — Devo dizer que as crianças estão muito bem-comportadas por enquanto. Que isso dure bastante!

Ela se afastou, farfalhando, para oferecer a outra pessoa ricamente vestida um pedaço de bolo. Apesar de todo o ruje-ruje, seu vestido não era nem de perto tão fino quanto os das outras damas na sala. Estava desbotado, quase branco, em alguns lugares e lembrava a Charmain a roupa que haviam lavado depois que Peter lançara seu feitiço branqueador. Ah, por favor, não deixe Peter tentar nenhum feitiço com aqueles ovos de luboque!, rezava Charmain enquanto se encaminhava para onde estava Sophie.

— Olá — disse Sophie, sorrindo de forma bastante tensa.

Um pouco à frente dela, Faísca se balançava no cavaleiro de pau, fazendo *creque-creque-creeeque*, de forma muito irritante. A babá estava sentada ao lado dele dizendo:

— Senhor Faísca, por favor, desça daí. Está fazendo muito barulho, senhor Faísca. Senhor Faísca, eu não quero ter de repetir isso! — Uma vez atrás da outra, o que se tornava ainda mais irritante.

Sophie ajoelhou-se e entregou a Morgan um bloco vermelho. Morgan, por sua vez, o estendeu para Charmain.

— Boco zu — disse ele.

Charmain também se ajoelhou

— Não, não é azul — disse ela. — Tente de novo.

Sophie murmurou pela lateral da boca:

— Estou feliz em vê-la. Não gosto nada desse príncipe. E você? Nem daquela perua espalhafatosa com ele.

— Oxo? — tentou Morgan, estendendo o bloco de novo.

— Eu não a culpo — sussurrou Charmain para Sophie. — Não, não é roxo, é vermelho. Mas o príncipe é roxo, ou pelo menos seus olhos são.

Ele é um luboquim.

— Um o quê? — perguntou Sophie, perplexa.

— Emelo? — perguntou Morgan, olhando para seu bloco, incrédulo.

Creque-creeeque, fazia o cavalinho de pau.

— Isso mesmo. Vermelho — disse Charmain. — Não posso explicar aqui. Diga-me onde está Calcifer... eu explico a ele e depois ele explica a vocês. Preciso de Calcifer com urgência.

— Aqui estou eu — manifestou-se Calcifer. — Para que você precisa de mim?

Charmain olhou à sua volta. Calcifer estava empoleirado em meio à lenha em chamas na lareira, mesclando suas chamas azuis com as laranja da lenha e parecendo tão em paz que Charmain não o vira até ele falar.

— Ah, graças a Deus! — exclamou ela. — Você pode vir comigo imediatamente à casa do Mago Norland? Temos uma emergência lá que só um demônio do fogo pode resolver. Por favor!



CAPÍTULO TREZE

No qual Calcifer está muito ativo

Os olhos cor de laranja de Calcifer voltaram-se para Sophie.

— Você ainda me quer para montar guarda aqui? — perguntou ele. — Ou só vocês dois dão conta do recado?

Sophie lançou um olhar preocupado para a multidão bem-vestida e tagarela.

— Não creio que ninguém vá tentar nada agora — disse ela. — Mas não demore. Estou com um horrível pressentimento. Não confio naquele sujeito de olhos cor de malva nem um pouco. Nem tampouco nesse príncipe asqueroso.

— Está bem. Será rápido — crepitou Calcifer. — De pé, jovem Charme. Eu vou ficar em suas mãos.

Charmain se levantou, esperando ser queimada — ou pelo menos chamuscada — a qualquer momento. Morgan opôs-se à sua partida acenando com um bloco amarelo em sua direção e dando um ribombante grito de “Vede, vede, *vede!*”.

— Psiu! — disseram Sophie e Faísca ao mesmo tempo, e a babá acrescentou: — Sr. Morgan, não podemos gritar, não aqui diante do *rei*.

— É amarelo — disse Charmain, esperando que todos os olhares se desviassem. Ela estava começando a ver que nenhum dos refinados convidados sabia que Calcifer era parte do fogo, e que ele queria que continuasse assim.

Assim que todos perderam o interesse e voltaram às suas conversas, Calcifer saltou do fogo e pousou ligeiramente acima dos dedos nervosos de Charmain, assumindo a aparência de um prato de bolo. Não doía nem um pouco. Na verdade, Charmain mal podia senti-lo.

— Esperto — disse ela.

— Finja que está me segurando — replicou Calcifer — e saia da sala comigo.

Charmain dobrou os dedos em torno do falso prato de bolo e caminhou na direção da porta. O príncipe Ludovic, para seu alívio, se afastara, mas o rei veio em sua direção. Ele acenou com a cabeça e sorriu para Charmain.

— Pegou um pedaço de bolo, estou vendo — disse ele. — Gostoso, não é? Queria saber por que temos todos esses cavalinhos de pau. Por acaso você sabe?

Charmain sacudiu a cabeça, e o rei se afastou, ainda sorrindo.

— Por quê? — perguntou Charmain. — Por que temos todos esses cavalinhos de pau?

— Proteção — disse o prato de bolo. — Abra a porta e vamos dar o fora daqui.

Charmain tirou uma das mãos do falso prato, abriu a porta e deslizou para o corredor úmido e cheio de ecos.

— Mas quem está sendo protegido e de quê? — indagou ela, fechando a porta o mais silenciosamente possível.

— Morgan — disse o prato de bolo. — Sophie recebeu um bilhete anônimo hoje de manhã. Dizia: “Pare sua investigação e saia da Alta Norlanda, ou seu filho vai sofrer.” Mas nós não podemos partir, porque Sophie prometeu à princesa que vai ficar até descobrirmos aonde todo o dinheiro foi parar. Amanhã vamos fingir ir...

Calcifer foi interrompido por um latido estridente. Desamparada dobrou correndo a esquina e se atirou, feliz, nos tornozelos de Charmain. Calcifer saltou e flutuou livre em sua verdadeira forma, como uma abasadora lágrima azul pairando perto do ombro de Charmain, que se abaixou e tomou Desamparada no colo.

— Como você...? — ela começou, tentando manter o rosto fora do caminho da ávida língua de Desamparada. Então se deu conta de que a cachorrinha não estava nada molhada. — Ah, Calcifer, ela deve ter vindo pelo caminho rápido da casa! Você consegue encontrar a Sala de Conferência? Posso nos tirar daqui por lá.

— Fácil. — Calcifer partiu como um cometa azul, tão rápido que Charmain teve dificuldade em acompanhá-lo. Ele dobrou rodopiando várias esquinas e alcançou o corredor onde pairavam os aromas da cozinha. Não demorou para que Charmain se visse com as costas voltadas para a porta da Sala de Conferência, com Desamparada nos braços e Calcifer flutuando à altura de seu ombro, enquanto ela tentava lembrar o que fazer a partir dali. Calcifer disse: — É por *aqui*. — E saiu ziguezagueando na frente dela. Charmain fez o melhor que pôde para segui-lo até chegarem ao corredor onde ficavam os quartos. O sol ardia na janela além do estúdio do tio-avô William. Peter veio correndo ao encontro deles, parecendo pálido e aflito.

— Ah, boa menina, Desamparada! — disse ele. — Eu a mandei buscar você. Venha dar uma olhada *nisto*!

Ele se virou e correu de volta à outra extremidade do corredor, onde apontou, trêmulo, para a vista diante da janela.

Lá na campina da montanha, a chuva acabava de passar em grandes nuvens cinza-escuro que se liquefaziam e que obviamente ainda se derramavam sobre a cidade. Um arco-íris curvava-se sobre as montanhas, vívido na frente das nuvens e pálido e impreciso do outro lado da campina. A grama resplandecia e faiscava tanto com a umidade tocada pelo sol que Charmain ficou deslumbrada por um momento e não pôde ver o que Peter apontava.

— Aquele é o luboque — disse Peter, com a voz rouca. — Certo?

Lá estava o luboque, erguendo-se imenso e roxo no meio da campina. Ele se curvava ligeiramente para ouvir um *kobold*, que pulava sem parar, apontando o arco-íris e evidentemente gritando com o luboque.

— É o luboque, sim — disse Charmain, estremecendo. — E aquele é Rollo.

Nesse momento, o luboque riu e revirou os feixes de olhos de inseto na direção do arco-íris. Ele recuou cuidadosamente até que as listras do impreciso arco-íris parecessem estar bem ao lado de seus pés de inseto. Ali ele se curvou e arrastou um pequeno pote de cerâmica da relva. Rollo saltitava de um lado para o outro.

— Aquele deve ser o pote de ouro no fim do arco-íris! — disse Peter, assombrado.

Eles observaram o luboque passar o pote para Rollo, que o tomou nos braços. Era nitidamente pesado. Rollo parou de saltitar e cambaleou com a cabeça lançada para trás em gananciosa felicidade. Então virou-se para se afastar, vacilante. Não viu que o luboque astutamente estendeu a longa e púrpura probóscide atrás dele. Não pareceu notar quando a probóscide golpeou suas costas. Ele apenas embrenhou-se cada vez mais na grama da campina, ainda agarrando o pote e rindo. O luboque também riu, de pé no meio da campina, acenando com seus braços de inseto.

— Ele acabou de botar seus ovos em Rollo — sussurrou Charmain —, que nem percebeu! — Ela sentiu-se mal. O mesmo não acontecera com ela por um triz. Peter parecia meio verde e Desamparada estava tremendo. — Sabem — disse ela —, acho que o luboque pode ter prometido a Rollo um pote de ouro para criar problemas entre os *kobolds* e o tio-avô William.

— Tenho certeza que sim — afirmou Peter. — Antes de vocês chegarem, ouvi Rollo gritar que precisava receber seu pagamento.

Ele abriu a janela para ouvir, pensou Charmain. O tolo.

— Tenho de declarar guerra — disse Calcifer, que ficara fino e pálido. Ele acrescentou num leve silvo que tremia ligeiramente: — Preciso lutar contra aquele luboque ou não serei merecedor da vida que Sophie me deu. Um instante. — Ele parou de falar e pairou no ar, comprido e rígido, com os olhos laranja fechados.

— Você é o demônio do fogo? — indagou Peter. — Nunca vi um ant...

— Quietos — disse Calcifer. — Estou me concentrando. Isso tem de ser exato.

Ouviu-se um leve ribombo vindo de algum lugar. Em seguida, no céu e através da janela atrás deles, viram o que Charmain, a princípio, tomou por uma nuvem de tempestade. Uma sombra grande, escura e comprida lançou-se ao longo da campina e muito rapidamente alcançou o luboque, que se regozijava. Este olhou à sua volta, à medida que a sombra ia caindo sobre ele, e ficou paralisado por um instante. Então começou a correr. A essa altura, a elevada sombra fora seguida pelo castelo que a produzia, um castelo alto e negro construído sobre imensos blocos de pedra preta, com torres nos quatro cantos. Eles podiam ver as grandes pedras com que era feito sacudindo e rangendo enquanto a construção se movia, perseguindo o luboque com mais velocidade.

O luboque esquivou-se. O castelo então deu uma guinada, seguindo-o. O luboque estendeu as asas pequenas e penugentas para ganhar mais velocidade e se lançou em passadas furiosas em direção às pedras altas na extremidade da campina. Assim que as alcançou, fez meia-volta e veio correndo no sentido contrário, na direção da janela. Ele devia esperar que o castelo se espatifasse nas pedras, mas a estranha construção apenas virou na direção oposta sem nenhuma dificuldade e voltou a segui-lo mais rápido ainda. Grandes baforadas de fumaça negra jorravam das torres do castelo e se espalhavam pelo ar, atravessando o arco-íris que desbotava. O luboque girou um de seus múltiplos olhos enquanto corria, então baixou a cabeça de inseto e se lançou, as antenas se agitando, as asas batendo, em uma grande curva ao longo da borda do penhasco. Embora suas asas fossem agora borrões púrpura, ele parecia totalmente incapaz de voar com elas. Charmain compreendeu por que ele não tentara segui-la na queda do penhasco: não teria conseguido voar de volta. Em vez de saltar do penhasco para escapar, o luboque simplesmente continuou correndo, atijando o castelo a segui-lo e cair no precipício.

E o castelo de fato o seguiu. Veio fumegando e bufando e rangendo em alta velocidade ao longo do penhasco, parecendo perfeitamente equilibrado apesar da maneira como metade dele pendia da borda. O luboque emituiu um grito desesperador, mudou novamente de direção e correu para o centro da campina. Ali, ele apostou sua última ficha e diminuiu de tamanho. Encolheu-se até se transformar em um minúsculo inseto roxo e mergulhou entre a grama e as flores.

O castelo alcançou aquele ponto em instantes. E parou, estremeando, sobre o local onde o luboque havia desaparecido, e permaneceu flutuando ali. Chamas começaram a sair de debaixo dele, chamas amarelas a princípio, depois laranja, então de um vermelho furioso, e finalmente um brilho branco resplandecente demais para olhos humanos. As chamas e a fumaça espessa lambeiram suas paredes laterais e se juntaram à fumaça escura expelida por suas torres. A campina se encheu de uma neblina escura e quente. Pelo que pareceram horas, mas que provavelmente foram apenas minutos, o castelo era uma forma indistinta pairando sobre um brilho fumacento, como o sol visto através das nuvens. Eles podiam ouvir o rugido do fogo queimando mesmo por trás da janela mágica.

— Certo — disse Calcifer. — Acho que está tudo resolvido. — Ele virou-se para Charmain, e ela notou que seus olhos agora eram de um estranho prata cintilante. — Pode abrir a janela, por favor? Preciso ir até lá me certificar.

Quando Charmain virou o trinco e abriu a janela, o castelo ergueu-se e deslizou para o lado. Todas as fumaças se juntaram em uma só lufada grande e escura, que rolou pela borda do penhasco, descendo para o vale, onde se esfiapou até desaparecer. Quando Calcifer avançou e flutuou até a campina, o castelo erguia-se recatadamente, com apenas um fiapo de fumaça saindo de cada torre, ao lado de um grande quadrado de terra escura. Um cheiro horrível entrou pela janela.

— Argh! — disse Charmain. — O que é isso?

— Luboque assado, espero — disse Peter.

Eles observaram Calcifer flutuar até o quadrado queimado. Ali ele se tornou um risco azul e ativo, girando para lá e para cá pelo denso nevoeiro escuro, até ter coberto cada pedacinho dele.

Então voltou flutuando com os olhos no tom laranja normal novamente.

— É isso — disse ele alegremente. — Ele se foi.

E também uma porção de flores, pensou Charmain, mas não parecia educado dizer isso. O importante é que o luboque havia desaparecido, definitivamente.

— As flores crescerão de novo no ano que vem — disse-lhe Calcifer.
— Para que você foi me buscar? Por causa desse luboque?

— Não. Os ovos do luboque — disseram Peter e Charmain, em uníssono. Eles explicaram sobre o elfo e o que ele dissera.

— Me mostrem — disse Calcifer.

Dirigiram-se à cozinha, todos, exceto Desamparada, que gania e se recusava a entrar lá. Ali Charmain teve uma bela e ensolarada visão do quintal pela janela, cheia de roupa cor-de-rosa, branca e vermelha gotejando no varal. Peter obviamente não havia se dado ao trabalho de recolhê-la. Ela se perguntou o que ele *estivera* fazendo.

A caixa de vidro ainda estava sobre a mesa, ainda com os ovos dentro dela, mas, de alguma forma, havia afundado na mesa, de modo que apenas parte dela estava visível.

— O que a fez ficar assim? — perguntou Charmain. — A magia nos ovos?

Peter pareceu um pouco constrangido.

— Não exatamente — disse ele. — Isso aconteceu quando lancei meu feitiço de segurança sobre ela. Eu estava voltando ao estúdio para procurar outro feitiço quando vi Rollo conversando com o luboque.

Não é *típico* dele?, pensou Charmain. Esse tolo sempre pensa que sabe mais!

— Os feitiços dos elfos teriam sido suficientes — disse Calcifer, pairando acima da caixa de vidro engastada.

— Mas ele disse que eram perigosos! — protestou Peter.

— Você os tornou ainda mais perigosos — replicou Calcifer. — Nenhum dos dois chegue perto. Ninguém agora pode tocar a caixa. Algum de vocês conhece uma boa e robusta camada de pedra onde eu possa destruir esses ovos?

Peter tentou não parecer que estava sendo repreendido. Charmain lembrou-se de sua queda do penhasco e como ela havia quase despencado sobre grandes pedras quando começou a voar. Ela fez o melhor possível para descrever a Calcifer onde ficavam aqueles rochedos.

— Debaixo do penhasco. Entendo — disse Calcifer. — Um de vocês, por favor, abra a porta dos fundos e então saia do caminho.

Peter correu para abrir a porta. Charmain podia ver que ele estava bastante envergonhado pelo que fizera à caixa de vidro. Mas isso não vai impedi-lo de fazer algo igualmente tolo de uma próxima vez, ela pensou. Gostaria que ele *aprendesse*!

Calcifer pairou acima da caixa de vidro por um instante e então disparou na direção da porta aberta. Já quase transpondo a soleira, ele pareceu empacar, sacudindo-se e tremendo, até que, em um movimento brusco, dobrou-se como um grande girino azul, e então sacudiu-se, recuperando o controle, e disparou adiante, passando pelas roupas coloridas no varal. A caixa de vidro se soltou com um ruído áspero e o som de alguém jogando tábuas de madeira para um lado e para o outro e disparou atrás dele. Flutuou acima do quintal, com ovos e tudo, seguindo a pequena forma de lágrima azul de Calcifer. Peter e Charmain foram para a porta e viram a caixa de vidro subir e atravessar lampejando a verde encosta na direção da campina do luboque, até sair de seu campo de visão.

— Ah! — exclamou Charmain. — Esqueci de dizer a ele que o príncipe Ludovic é um luboquim!

— Ele é? De verdade? — perguntou Peter ao fechar a porta. — Isso deve explicar por que minha mãe saiu do país, então.

Charmain nunca tivera muito interesse pela mãe de Peter. Ela afastou-se, impaciente, e viu que a mesa estava plana novamente. Isso foi um alívio. Estivera se perguntando o que fazer com uma mesa com um buraco quadrado no meio.

— Que feitiço de segurança você usou? — perguntou ela.

— Vou lhe mostrar — disse Peter. — Quero ver outra vez aquele castelo, de qualquer jeito. Você acha que podemos nos arriscar a abrir a janela e nos aproximar dele?

— Não — respondeu Charmain.

— Mas o luboque está morto de vez — disse Peter. — Não pode haver nenhum perigo nisso.

Charmain teve a forte sensação de que Peter estava procurando encrenca.

— Como você sabe que só havia um luboque? — perguntou ela.

— A enciclopédia *disse* — argumentou Peter. — Os luboques são solitários.

Eles discutiram acaloradamente até a porta interna e dobraram à esquerda, chegando ao corredor. Ali Peter disparou, desafiador, na direção

da janela. Charmain disparou atrás dele e o segurou pelo casaco. Desamparada disparou atrás dos dois, ganindo de aflição, e conseguiu emaranhar-se nos pés de Peter, de modo que ele caiu para a frente, com ambas as mãos na janela. Charmain lançou um olhar nervoso para a campina, que brilhava pacificamente à luz laranja do pôr do sol, o castelo ainda acorado ali ao lado do trecho queimado. Era uma das construções mais estranhas que ela já vira.

De repente, houve um lampejo de luz tão brilhante que os cegou.

Instantes depois veio o estampido de uma explosão tão ruidosa quanto a luz foi brilhante. O chão debaixo deles tremeu e a moldura da janela se desfocou. Todas as coisas se sacudiram. Através de lágrimas provocadas pela luz intensa misturadas a pontos de cegueira, Charmain pensou ter visto todo o castelo vibrar. Com os ouvidos zumbindo e ensurdecidos, ela pensou ouvir rochas rachar, se despedaçar e rolar.

Sábia Desamparada!, ela pensou. Se Peter estivesse lá fora, poderia estar morto agora.

— O que você acha que foi isso? — perguntou Peter quando já quase voltavam a ouvir normalmente.

— Calcifer destruindo os ovos de luboque, é evidente — disse Charmain. — As rochas às quais ele se dirigiu ficam diretamente abaixo da campina.

Ambos piscaram várias vezes, tentando se livrar das ofuscantes manchas de azul, cinza e amarelo que continuavam a flutuar no interior de seus olhos. Ambos perscrutavam e perscrutavam a distância. Era difícil acreditar, mas agora quase metade da campina havia desaparecido. Um pedaço curvo, como uma imensa mordida, sumira do espaço verde em declive. Abaixo dali devia ter havido um considerável deslizamento de terra.

— Humm — disse Peter. — Você não acha que ele se destruiu também, acha?

— Espero que *não*! — replicou Charmain.

Eles ficaram esperando e observando. Os sons voltaram aos seus ouvidos, quase como antes, exceto por um leve zumbido. Os pontos cegos gradualmente desapareceram de seus olhos. Um pouco depois, ambos perceberam que o castelo estava deslizando com o vento, parecendo triste e perdido pela campina, indo em direção às pedras na outra extremidade. Ficaram esperando e observando até que ele flutuou acima das pedras,

saindo do seu campo de visão, seguindo a encosta da montanha. Ainda não havia sinal de Calcifer.

— Ele deve ter voltado para a cozinha — sugeriu Peter.

Seguiram para lá. Abriram a porta dos fundos e espiaram entre a roupa no varal, mas não havia o menor sinal, em nenhuma parte, de uma lágrima azul flutuante. Atravessaram a sala de estar e abriram a porta da frente. Mas o único azul que viam lá fora era o das hortênsias.

— Demônios de fogo morrem? — perguntou Peter.

— Não tenho a menor ideia — respondeu Charmain. Como sempre, em momentos de dificuldade, ela sabia o que queria fazer. — Vou ler um livro — anunciou. Sentou-se no sofá mais próximo, pôs os óculos e apanhou *A jornada do mágico*, que estava caído no chão. Peter deixou escapar um suspiro zangado e se foi.

Mas não adiantava. Charmain não conseguia se concentrar. Ficava pensando em Sophie, e também em Morgan. Estava óbvio para ela que Calcifer era, por mais estranho que fosse, parte da família de Sophie.

— Seria ainda pior do que perder *você* — ela disse a Desamparada, que viera sentar-se em seus sapatos.

Perguntou-se se deveria ir até a Mansão Real e contar a Sophie o que acontecera. Mas agora estava escuro. Sophie provavelmente estaria participando de um jantar formal, sentada à frente do príncipe luboquim, com velas e tudo mais. Charmain não pensou que tivesse a ousadia de interromper outro evento na Mansão. Além disso, Sophie já estava doente de preocupação com a ameaça a Morgan. Charmain não queria preocupá-la ainda mais. E talvez Calcifer ainda aparecesse pela manhã. Ele era feito de fogo, afinal. Por outro lado, a explosão fora suficiente para reduzir qualquer coisa a pedaços. Charmain pensou em faíscas de chama azul espalhadas no meio de um deslizamento de terra...

Peter voltou à sala.

— Eu sei o que devíamos fazer — disse ele.

— Sim? — perguntou Charmain, ansiosa.

— Devíamos ir contar aos *kobolds* sobre Rollo — disse Peter.

Charmain o fitou. Tirou os óculos e o olhou com mais nitidez.

— O que os *kobolds* têm a ver com Calcifer?

— Nada — respondeu Peter, um tanto perplexo. — Mas podemos provar que o luboque pagou a Rollo para causar problemas.

Charmain se perguntou se seria o caso de se levantar e acertá-lo na cabeça com *A jornada do mágico*. *Danem-se os kobolds!*

— Precisamos ir agora — começou Peter, persuasivo —, antes...

— De manhã — disse Charmain, firme e decididamente. — De manhã, depois de termos ido às pedras ver o que aconteceu com Calcifer.

— Mas... — começou Peter.

— Porque — disse Charmain, rapidamente pensando em motivos — Rollo vai estar em algum lugar escondendo seu pote de ouro. Ele precisa estar lá quando você o acusar.

Para sua surpresa, Peter pensou em suas palavras e concordou.

— E nós precisamos arrumar o quarto do Mago Norland — lembrou ele —, para o caso de o trazerem de volta amanhã.

— Você faz isso — disse Charmain. Antes que eu atire meu livro em você, ela pensou, e provavelmente o vaso de flores em seguida!



CAPÍTULO CATORZE
Que é cheio de kobolds outra vez

Charmain ainda estava pensando em Calcifer quando se levantou na manhã seguinte. Ao sair do banheiro, viu que Peter estava ocupado trocando os lençóis da cama do tio-avô William e pondo os anteriores em uma sacola. Charmain suspirou. Mais trabalho.

— No entanto — ela disse a Desamparada quando lhe dava a tigelinha de comida de cachorro de costume —, isso vai mantê-lo ocupado e feliz enquanto eu procuro Calcifer. Você vai comigo até aquelas pedras?

Desamparada, como sempre, ficou mais do que satisfeita em ir aonde quer que Charmain fosse. Depois do café da manhã, seguiu, ávida, atrás de Charmain pela sala até a porta da frente. No entanto, elas não chegaram às pedras. Quando Charmain pôs a mão na maçaneta, Desamparada saiu correndo de trás dela e jogou-se contra a porta, abrindo-a. E lá estava Rollo na entrada, no ato de estender a mãozinha azul para pegar seu jarro diário de leite. Emitindo minúsculos rosnados, Desamparada saltou sobre ele, abocanhou-lhe o pescoço e o prendeu no chão.

— Peter! — gritou Charmain, de pé numa poça de leite derramado. — Venha, rápido! Precisamos de uma sacola! — Ela colocou um pé sobre Rollo para mantê-lo no lugar. — Sacola! Sacola! — gritou.

Rollo esperneava, enlouquecido, e se debatia debaixo do sapato dela, enquanto Desamparada o soltava para poder latir. Rollo somava ao alarido gritando num uivo forte e áspero:

— Socorro! Assassinato! *Assalto!*

Peter, justiça seja feita, chegou correndo. Deu uma olhada na cena ainda na porta, pegou uma das sacolas de comida bordadas da Sra. Baker e conseguiu passá-la sobre as pernas de Rollo, que se debatiam, antes que Charmain pudesse reunir fôlego para explicar. No segundo seguinte, Peter tinha Rollo totalmente dentro da sacola, que se arqueava, retorcia e gotejava leite, e a ergueu enquanto tentava alcançar um de seus bolsos.

— Bom trabalho! — disse ele. — Pegue um pedaço de cordão nesse bolso, está bem? Não queremos que ele escape. — E quando Charmain conseguiu pegar um pedaço de cordão roxo no bolso, ele acrescentou: — Você já tomou café? Ótimo. Amarre a boca da sacola bem apertado. Depois pegue-a e segure bem enquanto eu me apronto. Então poderemos ir direto lá.

— *Hluph, hluruther!* — gritou a sacola quando Peter a entregou a Charmain.

— Cale a boca — disse Charmain e a segurou com ambas as mãos acima do cordão roxo. A sacola se retorcia para lá e para cá, enquanto Charmain observava Peter puxar pedaços de cordão colorido dos bolsos de seu casaco. Ele amarrou cordão vermelho no polegar esquerdo e verde no direito, em seguida roxo, amarelo e cor-de-rosa em torno dos três primeiros dedos da mão direita, seguidos por preto, branco e azul em torno dos três primeiros dedos da mão esquerda. Desamparada continuava parada na entrada, as orelhas esfiapadas em pé, observando o processo com interesse. — Nós vamos procurar o fim do arco-íris ou algo do gênero? — perguntou Charmain.

— Não, mas foi assim que decorei o caminho até os *kobolds* — explicou Peter. — Certo. Feche a porta da frente e vamos.

— *Harrabluph!* — gritou a sacola.

— E o mesmo para você! — disse Peter, liderando o grupo na direção da porta interna. Desamparada o seguia e Charmain também, levando a bolsa que se contorcia.

Eles viraram à direita ao passar pela porta. Charmain estava preocupada demais para dizer que achava que aquele era o caminho para a Sala de Conferência. Estava se lembrando da facilidade com que todos os *kobolds* haviam desaparecido e reaparecido, e como o próprio Rollo sumira no solo na campina da montanha. Parecia-lhe que era apenas uma questão de tempo até que Rollo desaparecesse pelo fundo da sacola bordada. Ela mantinha uma das mãos debaixo dela, mas tinha certeza que isso não seria suficiente. Com leite pingando entre seus dedos, ela tentou manter Rollo ali dentro com um feitiço. O problema era que não tinha a menor ideia de como fazer isso. A única coisa que lhe ocorreu foi usar o método com que lidara com os feitiços de Peter nos canos com vazamento. *Fique aí dentro! Fique aí DENTRO!*, ela pensou, como se falasse com Rollo, massageando o fundo da sacola. Cada movimento de massagem produzia outro grito abafado na sacola, o que a deixava mais certa do que nunca de que Rollo estava escapando. Assim, ela simplesmente seguiu Peter enquanto ele dobrava ora aqui ora ali e não percebeu como se chegava aos *kobolds*. Só percebeu quando estavam lá.

Encontravam-se diante de uma caverna grande e bem iluminada, cheia de pessoinhas azuis correndo para lá e para cá. Era difícil ver o que a maioria delas fazia porque a visão estava parcialmente bloqueada por um objeto muito estranho na entrada. Esse objeto parecia um pouco um dos

trenós puxados a cavalo que as pessoas usavam na Alta Norlanda quando, no inverno, nevava e tornava-se impossível usar uma carroça ou carruagem — exceto que essa coisa não tinha como ser atrelada a um cavalo. Em vez disso, tinha uma imensa alça curva na parte posterior. E tinha partes curvas e espirais por toda ela. Dezenas de *kobolds* trabalhavam no objeto, subindo por aqui e por ali o tempo todo. Alguns acolchoavam e forravam a parte interna com pele de carneiro, outros martelavam e entalhavam, enquanto outros ainda pintavam o lado de fora com flores azuis rendadas sobre um fundo dourado. Ficaria magnífico quando estivesse terminado, fosse lá o que fosse.

— Posso confiar que você será cortês desta vez? — Peter perguntou a Charmain. — Pode lembrar-se de ser diplomática, pelo menos?

— Posso tentar — disse Charmain. — Depende.

— Então deixe que eu falo — decidiu Peter e deu um tapinha nas costas da atarefada *kobold* mais próxima. — Com licença. Pode me dizer onde posso encontrar Timminz, por favor?

— No meio da caverna — respondeu a *kobold*, apontando com seu pincel. — Trabalhando no relógio cuco. Por que você o está procurando?

— Temos algo muito importante para lhe dizer — informou Peter.

Isso atraiu a atenção da maioria dos *kobolds* que trabalhavam no objeto. Alguns se viraram e olharam com apreensão para Desamparada. Esta imediatamente pareceu alegre, recatada e adorável. Os demais fitaram Charmain e a sacola bordada se contorcendo.

— Quem está aí dentro? — um deles perguntou a Charmain.

— Rollo — respondeu ela.

A maior parte deles assentiu, sem parecer nem um pouco surpresos. Quando Peter perguntou: “Tudo bem se entrarmos para falar com Timminz?”, todos tornaram a assentir e lhe disseram:

— Vá em frente.

Charmain teve a sensação de que ninguém gostava muito de Rollo, que parecia saber disso, porque parou de se contorcer e não fez nenhum tipo de barulho enquanto Peter avançava, passando por estranhos objetos, e Charmain o seguia, segurando a bolsa de lado, de modo a não sujá-la de tinta.

— O que vocês estão fazendo? — ela perguntou aos *kobolds* mais próximos enquanto seguiam.

— Encomenda dos elfos — um deles respondeu.

— Vai custar muito — outro acrescentou.

— Os elfos sempre pagam bem — disse um terceiro.

Charmain entrou na caverna sentindo-se nem um pouco prudente. O lugar era imenso, e havia minúsculas crianças *kobold* correndo de um lado para o outro entre os atarefados adultos. A maior parte delas gritava e saía correndo ao ver Desamparada. Os pais, em sua maioria, davam a volta prudentemente e punham-se atrás do que quer que estivessem trabalhando, e continuavam pintando, polindo ou esculpindo. Peter seguia na frente, passando por cavalinhos de pau, casas de boneca, cadeirinhas de bebê, relógios de pêndulo, bancos de madeira, e bonecas de corda, até chegarem a um relógio cuco. Era inconfundível. Era enorme. Sua gigantesca caixa de madeira erguia-se até o teto magicamente iluminado; o imenso visor estava apoiado separadamente, ocupando a maior parte da parede ao lado da caixa; e o cuco, que um grupo de *kobolds* diligentemente cobria com penas, era de fato maior do que Charmain e Peter juntos. Charmain se perguntou quem poderia querer um relógio de cuco daquele tamanho.

Timminz subia no maciço mecanismo carregando uma minúscula chave inglesa.

— Lá está ele — disse Peter, reconhecendo-o pelo nariz. Então foi até a engrenagem gigante e pigarreou. — Me dê licença. Hã-hã. Nos dê licença.

Timminz girou em torno de uma enorme bobina de metal e olhou-os, mal-humorado.

— Ah, são vocês. — Seus olhos pousaram na sacola. — Agora estão sequestrando as pessoas, é?

Rollo deve ter ouvido a voz de Timminz e sentiu que estava entre amigos.

— *Hrluphuph! Hlrewafaphauph!* — berrou a sacola.

— É Rollo que está aí — disse Timminz, acusador.

— Isso mesmo — confirmou Peter. — Nós o trouxemos aqui para confessar diante de vocês. O luboque na montanha pagou para que ele criasse problemas entre vocês e o Mago Norland.

— *Hipughphy hlephy-phiph!* — gritou a sacola.

Mas Timminz havia ficado azul-prateado de horror.

— O *luboque*? — perguntou.

— Isso mesmo — disse Peter. — Nós vimos Rollo ontem pedindo sua recompensa ao luboque. E este lhe deu o pote de ouro no fim do arco-íris.

— *Hiphiphuph!* — negou a sacola em voz alta. — *Hlephlyiph!*

— Nós dois vimos — disse Peter.

— Deixe-o sair — determinou Timminz. — Deixe-o falar.

Peter fez sinal com a cabeça para Charmain. Ela tirou a mão do fundo da sacola e parou de fazer o que esperava fosse seu feitiço. Instantaneamente Rollo caiu no chão, onde ficou sentado cuspidando pontas de lã de bordado encharcadas de leite e migalhas velhas e fuzilando Peter com os olhos.

Eu fiz mesmo uma mágica! Eu o mantive ali!, pensou Charmain.

— Estão vendo como eles são? — perguntou Rollo, furioso. — Ensacam a pessoa e encham-lhe a boca com algodão mofado para que ela não possa se defender enquanto contam mentiras sobre ela!

— Você pode se defender agora — disse Timminz. — Você recebeu um pote de ouro do luboque por nos jogar contra o mago?

— Como eu poderia ter feito isso? — perguntou Rollo, com inocência. — Nenhum *kobold*, nem morto, falaria com um luboque. Vocês todos sabem disso!

Uma multidão considerável de *kobolds* encontrava-se em torno deles agora — a uma distância segura de Desamparada — e Rollo agitava os braços dramaticamente em sua direção.

— Vocês são testemunhas! — clamou ele. — Estou sendo vítima de um monte de mentiras!

— Vão e deem uma busca na gruta dele, alguns de vocês — ordenou Timminz.

Vários *kobolds* partiram imediatamente. Rollo se pôs de pé num salto.

— Eu vou com vocês! — gritou ele. — Vou *provar* que não tem nada lá!

Rollo tinha dado três passos quando Desamparada o agarrou pelas costas do casaco azul e o largou no chão novamente. Ela ficou ali, os dentes no casaco de Rollo, a cauda peluda abanando, com uma orelha erguida na direção de Charmain, como se dissesse: “Eu não agi bem?”

— Você agiu maravilhosamente bem — disse-lhe Charmain. — Boa menina.

— Pare com isso! — gritou Rollo. — Minhas costas estão doendo!

— Não. Você fica aí até eles voltarem da busca em sua gruta — disse Charmain. Rollo cruzou os braços e ficou ali, parecendo ofendido e abatido. Charmain voltou-se para Timminz. — Está tudo bem se eu

perguntar quem quer um relógio tão grande assim? Enquanto esperamos — explicou ela, vendo Peter sacudir a cabeça para ela.

Timminz olhou as imensas peças do relógio.

— O príncipe da Coroa Ludovic — disse ele, com um misto de orgulho e tristeza. — Ele queria algo excepcional para o Castel Joie. — A tristeza venceu p orgulho. — Ainda não nos pagou um centavo sequer. Ele nunca paga. Quando se pensa no quanto é rico...

Foi interrompido pelos *kobolds* voltando em disparada.

— Aqui está! — eles gritaram. — É isto? Estava debaixo da cama dele!

O *kobold* da frente vinha carregando o pote nos braços. Parecia um pote de cerâmica comum, do tipo que alguém usaria para fazer um cozido no forno, exceto pelo fato de que tinha uma espécie de brilho desmaiado à sua volta, nas cores do arco-íris.

— É esse mesmo — disse Peter.

— Então o que você acha que ele fez com o ouro? — perguntou o *kobold*.

— O que quer dizer com o que eu fiz com o ouro? — perguntou Rollo. — Aquele pote estava cheio até a bor... — Ele se interrompeu ao perceber que estava se entregando.

— Não está mais. Dê uma olhada se não acredita em mim — retorquiu o outro *kobold*. Ele largou o pote entre as pernas esticadas de Rollo. — Foi assim que o encontramos.

Rollo inclinou-se para olhar dentro do pote e soltou um grito de desgosto. Enfiou a mão lá dentro e a retirou com um punhado de folhas amarelas e secas. Então, tirou mais um punhado, e mais outro, até ter ambas as mãos dentro do pote vazio e estar cercado de folhas mortas.

— Sumiu! — uivou ele. — Transformou-se em folhas mortas! Aquele luboque me *enganou*!

— Então você admite que o luboque lhe pagou para criar problemas? — perguntou Timminz.

Rollo lançou um olhar mal-humorado e enviesado para Timminz.

— Eu não admito nada, exceto que fui roubado.

Peter tossiu.

— Hã-hã. Receio que o luboque o tenha enganado com mais do que isso. Ele botou seus ovos nele assim que Rollo virou as costas.

Ouviram-se arquejos de toda parte. Rostos de *kobolds* com grandes narizes fitavam Rollo, azul-pálidos de horror, narizes e tudo, e então voltaram-se para Peter.

— É verdade. Nós dois vimos — afirmou Peter.

Charmain assentiu quando eles a olharam.

— Verdade — confirmou.

— É mentira! — gritou Rollo. — Vocês estão zombando de mim!

— Não estamos, *não*! — disse Charmain. — O luboque esticou seu ferrão poedeiro e o picou nas costas antes de você desaparecer na terra. Você não disse agora mesmo que suas costas estão doendo?

Os olhos de Rollo arregalaram-se. Ele acreditou em Charmain. Sua boca escancarou-se. Desamparada afastou-se mais do que depressa quando ele começou a gritar. Atirou o pote para um lado, bateu os pés, criando uma tempestade de folhas secas, e berrou até seu rosto ficar azul-marinho.

— Estou *condenado*! — chorou ele. — Sou um morto-vivo! Tem *coisas* crescendo dentro de mim! *Socorro*! Ah, por favor, alguém me *ajude*!

Ninguém o ajudou. Todos os *kobolds* recuaram, ainda fitando-o, horrorizados. Peter olhava enojado. Uma senhora *kobold* disse: “Que exibição *vergonhosa*!” e isso pareceu a Charmain tão injusto que ela não pôde deixar de sentir pena de Rollo.

— Os elfos podem ajudá-lo — ela disse a Timminz.

— O que você disse? — Timminz estalou os dedos. Fez-se um silêncio repentino. Embora Rollo continuasse a sapatear e a abrir e fechar a boca, ninguém podia ouvir o barulho. — *O que* você disse? — perguntou Timminz a Charmain.

— Os elfos — ela repetiu. — Eles sabem como extrair ovos de luboque de uma pessoa.

— É, eles sabem — concordou Peter. — O Mago Norland estava com ovos de luboque. Foi por isso que o levaram para curá-lo. Um elfo veio ontem com os ovos que tiraram dele.

— Os elfos cobram muito caro — observou um *kobold* perto do joelho direito de Charmain, parecendo muito impressionado.

— Acho que foi o rei quem pagou — disse Charmain.

— Silêncio! — A sobrançelha de Timminz estava franzida, quase chegando ao nariz. Ele suspirou. — Suponho — disse ele — que podemos dar aos elfos sua cadeira-trenó de graça, em troca da cura de Rollo.

Maldição! Agora são *duas* encomendas pelas quais não receberemos! Ponham Rollo na cama, alguns de vocês, e eu vou falar com os elfos. E previno todos vocês *de novo* para que não se aproximem daquela campina.

— Ah, agora está tudo bem — disse Peter alegremente. — O luboque está morto. O demônio do fogo o matou.

— *O quê?* — gritaram todos os *kobolds*. — *Morto?* — clamaram. — *De verdade?* Você se refere ao demônio do fogo que está visitando o rei? Ele o *matou* mesmo?

— É, de verdade — gritou Peter acima do barulho. — Ele matou o luboque e então destruiu os ovos que o elfo trouxe.

— E achamos que destruiu a si mesmo também — acrescentou Charmain, mas estava quase certa de que nenhum dos *kobolds* a ouvira. Estavam todos ocupados demais dançando, dando vivas e atirando os chapeuzinhos azuis para o alto.

Depois que o barulho diminuiu um pouco e quatro *kobolds* robustos levaram Rollo embora, ainda esperneando e gritando continuamente, Timminz disse com gravidade a Peter:

— Aquele luboque inspirava medo a todos nós, principalmente ele sendo pai do príncipe da Coroa. O que você acha que podemos dar ao demônio do fogo para mostrar nossa gratidão?

— Colocar as torneiras do Mago Norland de volta — disse Peter prontamente.

— Isso nem é preciso dizer — replicou ele. — Elas foram retiradas por causa de Rollo. O que quero dizer é: o que simples *kobolds* podem fazer por um demônio do fogo que ele não possa fazer por si mesmo?

— Eu sei — disse Charmain. Todos puseram-se respeitosamente quietos enquanto ela continuava: — Calcifer e sua... hã... família estavam tentando descobrir para onde está indo todo o dinheiro desaparecido do rei. Vocês podem ajudá-los com isso?

Em toda a volta dos joelhos de Charmain, houve murmúrios de: “Esta é fácil!” e “Isso não é problema!” e uma considerável onda de risos, como se Charmain tivesse feito uma pergunta idiota. Timminz ficou tão aliviado que sua sobrelha desfranziu-se por completo, deixando seu nariz — e todo o rosto — duas vezes mais compridos.

— Isso é fácil fazer — disse ele — e não custa nada. — Olhou para o outro lado da caverna, onde estavam pendurados pelo menos sessenta relógios cuco, todos balançando os pêndulos em sessenta ritmos

diferentes. — Se vierem comigo agora, acho que chegaremos a tempo de ver o dinheiro indo embora. Você tem certeza de que o demônio do fogo ficaria agradecido por isso?

— Certamente — disse Charmain.

— Então me sigam, por favor — chamou Timminz, guiando-os em direção ao fundo da caverna.

Aonde quer que estivessem indo, aquela veio a ser uma caminhada e tanto. Chairman ficou tão confusa quanto ficara no caminho para a caverna dos *kobolds*. Eles seguiram na semiescuridão todo o tempo, e o trajeto era repleto de curvas, desvios abruptos e esquinas súbitas. De vez em quando Timminz dizia: “Três passos curtos e vire à direita” ou “Conte oito passos de humanos e vire à esquerda, em seguida à direita e então novamente à esquerda”, e foi assim por tanto tempo que Desamparada ficou cansada e ganiu para que alguém a levasse. Charmain carregou-a pelo que pareceu mais da metade do caminho.

— Devo explicar que os *kobolds* daqui pertencem a um clã diferente — informou Timminz, quando finalmente pareceu surgir um pouco de luz do dia à frente deles. — Gosto de pensar que meu clã teria agido melhor do que eles. — Então, antes que Charmain pudesse perguntar do que ele estava falando, Timminz seguiu por uma rápida sequência de direitas fechadas e esquerdas arrastadas, com uns dois zigue-zagues no meio, e se viu na extremidade de uma passagem subterrânea, à luz verde e fria do dia. Uma escadaria de mármore esverdeada pelo bolor levava a alguns arbustos. Estes, um dia, deviam ter sido plantados ladeando a escada, mas haviam crescido e ocupado o espaço inteiramente.

Desamparada começou a rosnar, e seu rosnado soava como o de um cachorro com o dobro de seu tamanho.

— Psiu! — sussurrou Timminz. — Absolutamente nenhum ruído daqui para a frente.

Desamparada parou de rosnar imediatamente, mas Charmain podia sentir seu corpinho quente pulsando com rosnados abafados. Charmain voltou-se para Peter, querendo ter certeza de que ele teria o bom senso de se manter calado também.

Peter não estava lá. Eram apenas ela, Desamparada e Timminz.

Charmain, exasperada, sabia exatamente o que havia acontecido. Em algum ponto ao longo do confuso caminho, quando Timminz dissera “Dobre à esquerda”, Peter havia dobrado à direita. Ou vice-versa.

Charmain não tinha a menor ideia da altura em que isso acontecera, mas sabia que fora isso.

Não tem problema, ela pensou. Ele tem fios coloridos nos dedos suficientes para encontrar o caminho de ida e volta a Ingary. Provavelmente vai chegar à casa do tio-avô William muito antes de mim. Assim, esqueceu Peter e concentrou-se em andar na ponta dos pés pelos degraus mofados e escorregadios, e então em espiar de trás dos arbustos sem mexer sequer uma folha.

A luz do sol era resplandecente adiante, reluzindo em um gramado muito verde, muito bem tratado, com um caminho ofuscantemente branco além dele. O caminho seguia por entre árvores que haviam sido esculpidas em forma de esfera, triângulos, cones e discos, como uma aula de geometria, até um pequeno palácio de contos de fadas — que tinha muitas torrinhas pontudas com pequenos telhados azuis. Charmain o reconheceu como o Castel Joie, onde o príncipe da Coroa Ludovic morava. Sentiu-se ligeiramente envergonhada ao perceber que era naquela construção que ela sempre pensava quando qualquer livro que estivesse lendo mencionava um palácio.

Devo ser muito sem imaginação, pensou. Então: Não. Nas caixas dos biscoitos amanteigados que seu pai fazia para vender no Dia do Trabalho, havia sempre um desenho do Castel Joie na tampa. O Castel Joie era, afinal, o orgulho da Alta Norlanda. Não era de se admirar que fosse uma caminhada tão longa!, ela pensou. Devemos estar no meio do Vale da Norlanda! E essa ainda é a minha ideia de um palácio perfeito, e pronto!

Passos soaram no caminho branco e quente e o príncipe Ludovic em pessoa surgiu, magnífico em seda branca e azul, caminhando em direção ao palácio. Pouco antes de alcançar o arbusto em que Charmain estava, ele parou e virou-se.

— Andem logo vocês! — disse, zangado. — Mexam-se!

— Estamos tentando, Alteza! — disse uma vozinha ofegante.

Uma fila de *kobolds* surgiu andando com dificuldade, cada um deles encurvado debaixo de um saco de couro abaulado. Eram todos mais verde-acinzentados do que azuis e pareciam mais infelizes. Parte da infelicidade talvez se devesse ao sol — os *kobolds* preferiam viver no escuro —, mas Charmain pensou que a cor deles parecia mais de saúde ruim. Suas pernas vacilavam. Um ou dois tossiam terrivelmente. O último na fila estava tão

indisposto que tropeçou e caiu, derrubando o saco, que derramou um punhado de moedas de ouro sobre o resplandecente caminho branco.

Com isso, o cavaleiro inexpressivo apareceu. Avançou até o *kobold* caído e começou a chutá-lo. Não o fazia com muita força, nem parecia particularmente cruel: era mais como se estivesse tentando fazer uma máquina funcionar novamente. O *kobold* apressou-se a se mexer sob os chutes, recolhendo desesperadamente as moedas de ouro até tê-las todas de volta no saco, e conseguiu cambalear e pôr-se de pé novamente. O cavaleiro inexpressivo parou de chutá-lo e foi andar ao lado do príncipe Ludovic.

— Não é exatamente um carregamento pesado — disse ao príncipe. — Provavelmente é o último. Eles não têm mais nenhum dinheiro, a menos que o rei venda seus livros.

O príncipe Ludovic riu.

— Ele preferiria morrer... o que também me serve, naturalmente. Mas teremos de pensar em outra maneira de conseguir dinheiro. É tão dispendioso administrar o Castel Joie. — Ele olhou para trás, para os *kobolds* que andavam penosamente, cambaleando. — Andem logo, vocês! Preciso retornar à Mansão Real para o chá.

O cavaleiro inexpressivo assentiu e voltou até os *kobolds*, pronto para recomeçar a chutar, e o príncipe esperou por ele, dizendo:

— Olhe, se eu nunca mais vir uma panqueca na vida, ainda assim será cedo demais para mim!

Os *kobolds* viram o cavaleiro inexpressivo vindo em sua direção e fizeram todo o possível para se apressar. Mesmo assim, para Charmain pareceu uma vida até que a procissão estivesse fora do seu campo de visão e ela não conseguisse mais ouvir o som de seus passos. Ela mantinha os braços apertados em torno da palpitante Desamparada, que parecia querer saltar para o chão e perseguir a procissão, e baixou os olhos, em meio às folhas, para Timminz.

— Por que vocês não contaram a ninguém sobre isso? Por que não contaram pelo menos ao Mago Norland?

— Ninguém nunca perguntou — respondeu Timminz, parecendo magoado.

Não, é óbvio que ninguém perguntou!, pensou Charmain. Era esse o motivo de Rollo ser pago para deixar os *kobolds* zangados com o tio-avô William! Ele teria acabado perguntando a eles, se não tivesse ficado

doente. Ela pensou que era bem feito que o luboque estivesse morto. Se era pai do príncipe Ludovic, como Timminz dissera, então ele provavelmente tivera a intenção de matar o príncipe da Coroa e governar o país no lugar dele. Era mais ou menos o que tinha lhe dito, afinal. Mas ainda precisavam lidar com o príncipe Ludovic, ela pensou. Eu *tenho de* contar ao rei sobre ele.

— Parece que aqueles *kobolds* levam uma vida muito difícil — disse ela a Timminz.

— Verdade — concordou ele. — Mas eles ainda não pediram ajuda.

E, naturalmente, nunca lhe ocorreu ajudá-los sem que pedissem, não é?, pensou Charmain. Francamente! Eu desisto!

— Pode me mostrar o caminho de casa? — pediu.

Timminz hesitou.

— Você acha que o demônio do fogo vai ficar feliz em saber que o dinheiro vai para o Castel Joie? — perguntou ele.

— Sim — disse Charmain. — Ou pelo menos sua família.



CAPÍTULO QUINZE

No qual o menino Faísca é sequestrado

Timminz, um tanto de má vontade, conduziu Charmain pelo longo e confuso caminho de volta à caverna dos *kobolds*. Lá, ele disse alegremente:

— Daqui em diante, você conhece o caminho. — E desapareceu dentro da caverna, deixando Charmain sozinha com Desamparada.

Charmain não conhecia o caminho a partir dali. Ficou parada ao lado do objeto que Timminz chamara de cadeira-trenó por vários minutos, perguntando-se o que fazer e observando *kobolds* pintar, esculpir e estofar o objeto, sem dirigir para Charmain um único olhar. Por fim, ocorreu-lhe colocar Desamparada no chão.

— Mostre o caminho para a casa do tio-avô William, Desamparada — pediu ela. — Seja esperta.

Desamparada partiu, resoluta, mas Charmain logo começou a duvidar seriamente de que ela estivesse sendo esperta. Desamparada caminhava, e Charmain a seguia, e viravam à esquerda, e depois à direita, e novamente à direita, pelo que pareceram horas. Charmain estava tão ocupada pensando no que descobrira que, várias vezes, perdeu o momento em que Desamparada virara à esquerda ou à direita e teve de esperar, de pé na semiescuridão, gritando: “Desamparada! *Desamparada!*” até a cachorrinha voltar e encontrá-la. Muito provavelmente, Charmain acabou duplicando a distância com isso. Desamparada começou a se arrastar e arfar, com a língua pendendo cada vez mais. Charmain, porém, não ousou pegá-la no colo, temendo que nunca mais chegassem em casa. Em vez disso, começou a conversar com Desamparada, a fim de animar as duas.

— Desamparada, eu *preciso* contar a Sophie o que aconteceu. A essa altura, ela já deve estar preocupada com Calcifer. E eu também preciso contar ao rei sobre o dinheiro. Mas, se eu for para a Mansão Real assim que chegar em casa, o horrível príncipe Ludovic estará lá, fingindo gostar de panquecas. *Por que* será que ele não gosta delas? Panquecas são tão gostosas. Porque ele é um luboquim, suponho. Eu não tenho coragem de contar ao rei na frente dele. Vamos ter de esperar até amanhã, acho. Quando você acha que o príncipe Ludovic pretende partir? Hoje à noite? O rei me disse que voltasse em dois dias, então Ludovic já *deve* ter ido embora. Se eu chegar lá cedo, posso falar com Sophie primeiro... Oh, céus! Acabo de me lembrar. Calcifer disse que eles fingiriam que iam embora, portanto talvez não encontremos Sophie lá. Ah, Desamparada, quisera eu saber o que fazer!

Quanto mais Charmain falava no assunto, menos ela sabia o que fazer. No fim, estava cansada demais para falar, e simplesmente cambaleava atrás da forma pálida, manca e arquejante de Desamparada, que se arrastava na sua frente. Até que finalmente Desamparada empurrou uma porta e elas se viram na sala de estar do tio-avô William, onde Desamparada soltou um gemido e caiu de lado, respirando em centenas de rápidos e breves arquejos. Charmain olhou pelas janelas as hortênsias rosa e púrpura à luz do pôr do sol. Levamos o dia inteiro, ela pensou. Não é de espantar que Desamparada esteja tão cansada! Nem que meus pés estejam doendo! Pelo menos Peter deve estar em casa a essa altura, e espero que ele esteja com o jantar pronto.

— *Peter!* — ela gritou.

Quando não houve resposta, Charmain pegou Desamparada no colo e seguiu para a cozinha. Desamparada lambeu debilmente a mão de Charmain em gratidão por não ter de dar mais um único passo. Ali a luz do pôr do sol caía sobre os zigue-zagues de roupas cor-de-rosa e brancas, que ainda pendiam balançando-se suavemente lá fora. Não havia qualquer sinal de Peter.

— Peter? — chamou Charmain.

Nenhuma resposta. Ela suspirou. Evidentemente, Peter se perdera por completo, ainda pior do que ela, e não havia como saber quando ele tornaria a aparecer.

— Pedacos de cordão colorido em excesso! — Charmain murmurou para Desamparada enquanto batia na lareira para obter comida de cachorro. — Garoto estúpido!

Estava cansada demais para cozinhar qualquer coisa que fosse. Depois de Desamparada comer duas tigelinhas de comida e beber a água que Charmain buscara no banheiro, esta cambaleou até a sala de estar e tomou o chá da tarde. Depois de pensar um pouco, tomou o chá da tarde pela segunda vez. Em seguida, tomou o café do meio da manhã. Então pensou em ir à cozinha tomar o café da manhã, mas percebeu que estava cansada demais e, em vez disso, pegou um livro.

Muito tempo depois, Desamparada acordou ao subir no sofá ao seu lado.

— Ah, que droga! — exclamou Charmain. E foi para a cama sem nem tentar se lavar, adormecendo com os óculos ainda no nariz.

Quando acordou na manhã seguinte, pôde perceber que Peter estava de volta. Havia ruídos no banheiro e som de passos e de portas se abrindo e fechando. Ele parece muito animado, pensou Charmain. Quisera eu. Mas sabia que precisava ir à Mansão Real hoje, então gemeu e se levantou. Pegou sua última muda de roupas limpas e tomou tanto cuidado lavando o rosto e arrumando o cabelo que Desamparada veio, ansiosa, de algum lugar buscá-la.

— Certo. O café da manhã. Está bem. Eu sei — disse Charmain. — O problema é — ela admitiu, ao pegar Desamparada no chão — que estou com medo daquele cavalheiro inexpressivo. Acho que ele é ainda pior do que o príncipe. — Ela abriu a porta com um pé, virou-se e dobrou à esquerda, entrando na cozinha, onde parou bruscamente, o olhar fixo.

Uma mulher desconhecida estava sentada à mesa da cozinha calmamente tomando o café da manhã. Era o tipo de mulher que você sabe de imediato que é totalmente eficiente. A eficiência estava estampada em seu rosto estreito, curtido pelo sol, e a competência mostrava-se em suas mãos fortes e finas. Aquelas mãos ocupavam-se, eficientemente, de cobrir uma grande pilha de panquecas com xarope e fatiar um monte de bacon crocante ao lado dela.

Charmain ficou olhando, tanto as panquecas quanto as roupas em estilo cigano da mulher. Ela usava babados murchos de cores brilhantes e uma colorida echarpe sobre os cabelos desbotados. A mulher virou-se e lhe devolveu o olhar.

— Quem é você? — perguntaram ambas ao mesmo tempo, a mulher com a boca cheia.

— Eu sou Charmain Baker — respondeu Charmain. — Estou aqui para cuidar da casa do tio-avô William enquanto ele está fora, sendo tratado pelos elfos.

A mulher engoliu a comida que estava em sua boca.

— Ótimo — disse ela. — Fico feliz em saber que ele tenha deixado *alguém* cuidando de tudo. Não me agradava pensar em Peter aqui sozinho com a cachorrinha. Ela já foi alimentada, por falar nisso. Peter não é uma pessoa que goste muito de cães. Ele ainda está dormindo?

— Hã... — começou Charmain. — Não tenho certeza. Ele não voltou na noite passada.

A mulher suspirou.

— Ele *sempre* desaparece assim que eu viro as costas — disse ela. — Sei que ele deve ter chegado aqui em segurança. — Ela apontou um garfo cheio de panqueca e bacon na direção da janela. — Aquela roupa lá fora é toda a cara de Peter.

Charmain sentiu o rosto ficar quente e vermelho.

— Em parte foi culpa minha — admitiu ela. — Fervi um manto. Por que acha que foi Peter?

— Porque ele nunca conseguiu fazer um feitiço certo na vida — disse ela. — Eu sei. Sou a mãe dele.

Charmain sentiu-se perturbada ao se dar conta de que estava falando com a Bruxa de Montalbino. Estava impressionada. É óbvio que a mãe de Peter é hipereficiente, ela pensou. Mas o que ela está fazendo *aqui*?

— Pensei que tivesse ido para Ingary — observou ela.

— E fui — replicou a bruxa. — Cheguei até Estrângia, quando a rainha Beatriz me disse que o Mago Howl tinha vindo para a Alta Norlanda. Então voltei pelas montanhas e dei uma parada na residência dos elfos, onde eles me disseram que o Mago Norland estava com eles. Fiquei muitíssimo alarmada, pois percebi que Peter provavelmente estava sozinho aqui. Eu o havia mandado para cá para que ficasse em segurança, veja você. Então vim imediatamente.

— Acho que Peter estava em segurança — disse Charmain. — Pelo menos até se perder ontem.

— Vai ficar seguro agora que estou aqui — afirmou a bruxa. — Posso sentir que ele está em algum lugar por perto. — Ela suspirou. — Creio que tenho de ir procurá-lo. Ele não consegue distinguir a direita da esquerda, sabe?

— Sei — disse Charmain. — Ele usa cordões coloridos para isso. E é bastante eficiente, de verdade. — Mas, enquanto falava, pensou que, para alguém tão supereficiente quanto a Bruxa de Montalbino, Peter estava fadado a parecer tão inútil quanto ele pensava que Charmain fosse. Pais!, ela pensou. Colocou Desamparada no chão e disse educadamente: — Desculpe-me perguntar, mas como conseguiu que o feitiço do café da manhã lhe mandasse essas panquecas?

— Dando a ordem correta, naturalmente — disse a bruxa. — Quer um pouco?

Charmain assentiu. A Bruxa estalou dedos eficientes na direção da lareira.

— Café da manhã — ordenou ela —, com panquecas, bacon, suco e café. — A bandeja carregada apareceu de imediato, tendo no centro uma pilha mais do que satisfatória de panquecas escorrendo xarope. — Está vendo? — perguntou a Bruxa.

— Obrigada — disse Charmain, pegando a bandeja, agradecida.

O nariz de Desamparada inclinou-se para o alto com o cheiro, e ela correu em pequenos círculos, ganindo. Era evidente que, para Desamparada, a comida que a bruxa lhe dera não contava como um café da manhã adequado. Charmain pôs a bandeja na mesa e deu a Desamparada o pedaço de bacon mais crocante.

— É uma cachorrinha encantada, essa que você tem aí — observou a bruxa, voltando ao seu café da manhã.

— Ela é mesmo muito doce — admitiu Charmain, pensando que ela queria dizer “encantadora”, enquanto se sentava e começava a saborear as panquecas.

— Não, eu não me referia a isso — disse a bruxa, impaciente. — Eu nunca perco tempo com elogios inúteis. Eu me referia ao que ela é: um cão encantado. — Comeu mais panqueca e acrescentou com a boca cheia: — Cães encantados são bastante raros e muito mágicos. Ela está lhe conferindo uma grande honra ao adotá-la como sua humana. Suponho que ela tenha até trocado de sexo para combinar com o seu. Espero que você a aprecie como deveria.

— Sim — disse Charmain. — Eu aprecio. — E quase prefiro tomar o café da manhã com a princesa Hilda, pensou. Por que ela tem de ser tão severa? Prosseguiu tomando seu café da manhã, lembrando-se de que o tio-avô William parecia pensar que Desamparada fosse um cãozinho do sexo masculino. Desamparada *parecera* ser do sexo masculino a princípio. Então, Peter a pegara no colo e dissera que era uma menina. — Tenho certeza de que está com a razão — acrescentou Charmain, com educação. — Por que Peter não está seguro aqui sozinho? Ele tem a minha idade, e *eu* estou.

— Imagino que a sua magia funcione melhor do que a de Peter — disse a bruxa secamente. Ela terminou as panquecas e passou para a torrada. — Se houver um jeito de Peter desandar um feitiço, ele fará — afirmou ela, passando manteiga na torrada. — Não me diga, porque eu não vou acreditar em você — disse ela, dando uma mordida grande e crocante

—, que sua magia não faz exatamente o que você deseja, independentemente de como você a faça.

Charmain pensou no feitiço do voo e no do encanamento, e então em Rollo na sacola, e disse “Sim” com a boca cheia de panqueca.

— Eu suponho que...

— Ao passo que Peter — interrompeu a bruxa — é exatamente o oposto. O método dele é sempre perfeito, mas o feitiço sempre falha. Uma das minhas razões para mandá-lo para o Mago Norland era que eu tinha esperança de que o mago pudesse melhorar a magia de Peter. William Norland tem *O livro de palimpsesto*, você sabe.

Charmain sentiu o rosto ficando quente outra vez.

— Hã... — disse ela, passando meia panqueca a Desamparada — ... o que *O livro de palimpsesto* faz?

— Essa cachorra vai ficar tão gorda que não vai conseguir andar se você continuar dando comida a ela assim — disse a bruxa. — *O livro de palimpsesto* dá à pessoa a liberdade de usar todas as magias da terra, do ar, do fogo e da água. Só dá o fogo se a pessoa for digna de confiança. E naturalmente, em primeiro lugar, a pessoa tem de ter habilidade para a magia. — Seu rosto severo mostrou um leve traço de ansiedade. — Eu acho que Peter *tem* a habilidade.

Charmain pensou: Fogo. Eu apaguei o fogo em Peter. Então sou digna de confiança?

— Ele deve ter a habilidade, sim — disse ela à bruxa. — Você não pode fazer um feitiço dar errado se não puder fazer mágica, para começar. Que outras razões a fez mandar Peter para cá?

— Inimigos — disse a bruxa, bebericando sombriamente seu café. — Eu tenho inimigos. Eles mataram o pai de Peter, você sabe.

— A senhora se refere aos luboques? — perguntou Charmain. Ela colocou tudo de volta na bandeja e bebeu um último gole de café, preparando-se para se levantar e partir.

— Só existe um luboque, até onde eu sei — disse a bruxa. — Parece que ele matou todos os seus rivais. Mas, sim, foi o luboque que provocou a avalanche. Eu vi.

— Então a senhora pode parar de se preocupar — assegurou-lhe Charmain, pondo-se de pé. — O luboque está morto. Calcifer o destruiu anteontem.

A bruxa ficou atônita.

— Me conte! — pediu, ávida.

Embora estivesse ansiosa para partir para a Mansão Real, Charmain viu que tinha de se sentar, servir-se de outra xícara de café e contar à bruxa a história toda, não só sobre o luboque e os ovos do luboque, mas também sobre Rollo e o príncipe. E isto é uso injusto da magia, ela pensou ao se ver contando à bruxa como Calcifer estava aparentemente desaparecido.

— Então o que você está fazendo sentada aqui? — perguntou a bruxa. — Corra para a Mansão Real e conte a Sophie imediatamente! A pobre mulher deve estar ensandecida de preocupação a essa altura! Apresse-se, garota!

E nem mesmo um obrigada por me contar, pensou Charmain, azeda. Prefiro a *minha* mãe à de Peter. E *decididamente* prefiro tomar café da manhã com a princesa Hilda!

Ela se levantou e disse um até logo cortês. Então, com Desamparada correndo a seus pés, atravessou apressada a sala de estar e o jardim, alcançando a estrada. Felizmente eu não lhe contei sobre o caminho da Sala de Conferência, pensou ela, avançando pesadamente com os óculos balançando no peito. Ou ela me faria ir por aquele caminho, e eu nunca teria a oportunidade de procurar Calcifer.

Pouco antes de a estrada fazer a curva, ela alcançou o lugar onde Calcifer havia explodido os ovos do luboque. Um imenso pedaço do penhasco tinha despencado ali, criando um morro de pedras que quase chegava à estrada. Várias pessoas que pareciam pastores escalavam o monte, procurando ovelhas soterradas e coçando a cabeça como se perguntassem o que causara aquele estrago. Charmain hesitou. Se Calcifer estivesse ali, a essa altura aquelas pessoas já o teriam encontrado. Ela reduziu o passo e olhou com cuidado a pilha de pedras quebradas enquanto passava. Não parecia haver um só traço de azul entre as pedras, ou sinal de uma chama em algum lugar.

Decidiu fazer uma busca minuciosa mais tarde e voltou a correr, mal percebendo que o céu agora exibia um azul mais claro e que havia uma névoa fina azulada sobre as montanhas. Aquele seria um dos raros dias abrasadores da Alta Norlanda. O único efeito que isso exercia sobre Charmain era que Desamparada logo começou a parecer seriamente superaquecida, ofegante, deixando a língua rosada pender a ponto de quase roçar a estrada.

— Ah, você! Suponho que tenha sido aquela panqueca — disse Charmain, pegando-a no colo e continuando a correr. — Queria que a bruxa não tivesse dito aquilo sobre você — ela confessou enquanto corria. — Me deixa preocupada sobre gostar tanto de você.

Quando chegou à cidade, Charmain estava tão acalorada quanto Desamparada, tanto que quase desejava ter uma língua para pendurar como Desamparada fazia. Ela teve de reduzir o ritmo para uma caminhada rápida, e embora tenha tomado o caminho mais curto, ainda lhe pareceu levar uma vida até chegar à Praça Real. Finalmente dobrou a esquina, alcançando a praça, e deparou com o caminho bloqueado por uma multidão expectante. Metade dos cidadãos da Alta Norlanda parecia reunida ali para olhar o novo prédio que se erguia a poucos metros da Mansão Real. Era quase tão alto quanto a Mansão, comprido e escuro, parecendo feito de carvão, e tinha uma torre em cada canto. Era o castelo que Charmain vira da última vez flutuando vaga e tristemente pelas montanhas. Ela o fitou quase tão perplexa quanto todas as outras pessoas na praça.

— Como ele chegou aqui? — as pessoas perguntavam umas às outras, enquanto Charmain tentava abrir caminho naquela direção. — Como foi que ele *coube*?

Charmain olhou para as quatro ruas que davam na Praça Real e perguntou-se a mesma coisa. Nenhuma delas tinha sequer metade da largura do castelo. Mas lá estava ele, sólido e alto, como se tivesse sido construído na praça da noite para o dia. Charmain caminhou às cotoveladas em sua direção, com curiosidade crescente.

Quando se aproximava de suas paredes, um fogo azul saltou de uma das torres e mergulhou em sua direção. Charmain esquivou-se. Desamparada contorceu-se. Alguém gritou. Todos na multidão recuaram apressadamente e deixaram Charmain ali parada, sozinha, encarando uma lágrima azul de fogo que pairava no mesmo nível de seu rosto. A cauda esfiapada de Desamparada batia no braço de Charmain, abanando uma saudação.

— Se você vai para a Mansão — Calcifer crepitou para ela —, diga a eles que se apressem. Não posso manter o castelo aqui a manhã toda.

Charmain estava quase encantada demais para falar.

— Pensei que você estivesse morto! — ela conseguiu dizer. — O que *aconteceu*?

Calcifer saltitou no ar e pareceu um bocadinho envergonhado.

— Eu devo ter caído — confessou ele. — De alguma forma me vi debaixo de uma pilha de pedras. Levei todo o dia de ontem para conseguir sair. Quando finalmente me vi livre, eu tinha de encontrar o castelo. Ele havia flutuado à deriva por quilômetros. Acabei de trazê-lo para cá, na verdade. Diga a Sophie. Ela devia fingir que ia embora hoje. E diga-lhe que estou quase sem lenha para queimar. Isso deve trazê-la para cá.

— Eu vou — prometeu Charmain. — Tem *certeza* de que está bem?

— Só com fome — respondeu Calcifer. — Lenha. Lembre-se.

— Lenha — concordou Charmain e subiu os degraus até a porta da Mansão, sentindo subitamente que a vida era muito melhor e mais feliz e mais livre do que parecia antes.

Sim abriu a porta enorme para ela com surpreendente rapidez. Ele olhou para o castelo e para a multidão que o observava e sacudiu a cabeça.

— Ah, Srta. Charme — disse. — Esta certamente está se tornando uma manhã bastante difícil. Não tenho certeza de que Sua Majestade já esteja pronto para começar o trabalho na biblioteca. Mas, por favor, queira entrar.

— Obrigada — disse Charmain, colocando Desamparada no chão. — Não me importo de esperar. De qualquer forma, tenho de falar primeiro com Sophie.

— Sophie... hã... quer dizer, a Sra. Pendragon — disse Sim enquanto fechava a porta — parece ser uma das dificuldades desta manhã. A princesa está muitíssimo irritada e... Mas venha por aqui e a senhorita verá o que estou querendo dizer.

Ele pôs-se a caminhar arrastando os pés pelo corredor úmido, fazendo sinal para que Charmain o seguisse. Antes mesmo de alcançarem a esquina, para chegar ao local de onde subia a escada de pedra, Charmain pôde ouvir a voz de Jamal, o cozinheiro:

— E como uma pessoa vai saber o que cozinhar quando os convidados estão sempre indo e vindo e então indo novamente, eu lhe pergunto! — A isso, seguiram-se os rosnados expressivos do cão de Jamal e um considerável coro de outras vozes.

Sophie estava de pé no espaço debaixo da escada, com Morgan nos braços e Faísca agarrando-se ansiosa e angelicalmente em sua saia, enquanto a babá ficava de lado parecendo inútil como sempre. A princesa Hilda estava ao lado da escada, mais intensamente régia e altiva do que

Charmain jamais a vira. E o rei também estava ali, com o rosto vermelho e obviamente tomado por genuína fúria real. Um olhar na expressão de todos e Charmain soube que não havia sentido em mencionar lenha aqui por enquanto. O príncipe Ludovic estava recostado no fim do corrimão, com seu ar de superioridade, parecendo divertir-se. A esposa estava a seu lado, com ar desdenhoso, no que quase parecia um vestido de baile, e, para consternação de Charmain, o cavalheiro inexpressivo estava lá também, parado respeitosamente ao lado do príncipe.

Ninguém pensaria que ele acabara de roubar todo o dinheiro do rei, o monstro!, pensou Charmain.

— Eu considero isso um completo abuso da hospitalidade de minha filha! — o rei ia dizendo. — Você não tinha o direito de fazer promessas que não pretendia cumprir. Se fosse um de nossos súditos, nós a proibiríamos de ir embora.

— Pretendo manter a minha promessa, senhor, mas não pode esperar que eu fique quando meu filho está sendo ameaçado — disse Sophie, tentando parecer digna. — Se me permitir levá-lo primeiro para um lugar seguro, então estarei livre para fazer o que a princesa Hilda quer.

Charmain compreendeu o problema de Sophie. Com o príncipe Ludovic e o cavalheiro inexpressivo ali parados, ela não podia dizer que estava apenas fingindo partir. E precisava manter Morgan seguro, de alguma forma.

— Não nos faça mais promessas falsas, jovem! — disse o rei, zangado.

Aos pés de Charmain, Desamparada de repente começou a rosnar. Atrás do rei, o príncipe Ludovic riu e estalou os dedos. O que se seguiu tomou a todos de surpresa. Os trajes tanto da babá quanto da jovem esposa do príncipe romperam-se. A babá transformou-se em uma pessoa roxa e corpulenta, com músculos brilhantes e pés descalços com garras. O vestido de baile da esposa do príncipe fez-se em pedaços, revelando um corpo pesado cor de malva em uma malha preta que tinha buracos nas costas para dar lugar a um par de pequenas asas roxas que pareciam inúteis. Ambos os luboquins avançaram sobre Sophie com grandes mãos roxas estendidas.

Sophie gritou algo e girou Morgan, afastando-o das garras. Morgan também gritou, de surpresa e terror. Tudo o mais foi abafado pelo latido estridente de Desamparada e os imensos rosnados enlouquecidos do cão de Jamal, que corria atrás da esposa do príncipe. Antes que o cão conseguisse

se aproximar de qualquer um dos luboquins, a esposa do príncipe, cujas asinhas vibravam, mergulhou sobre Faísca e o agarrou, erguendo-o. Este gritou, agitando pernas de veludo azul. A babá luboquim pôs-se na frente de Sophie, a fim de impedi-la de resgatar Faísca.

— Como vê — disse o príncipe Ludovic —, você *vai* partir, ou seu filho sofre.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Que é cheio de fugas e descobertas

— Isto — começou a princesa Hilda — é uma afronta...

Nesse momento, de alguma forma Faísca conseguiu fugir. Ele escapou dos braços roxos do luboquim e subiu correndo a escada, gritando:

— *Focorro! Focorro!* Não deixem que elas me toquem!

Ambos os luboquins empurraram a princesa Hilda para um lado e subiram correndo atrás dele. A princesa Hilda cambaleou até o corrimão e agarrou-se a ele, o rosto vermelho, de repente muito longe da altivez. Charmain se viu correndo degraus acima, atrás dos luboquins, gritando:

— Deixem o menino em *paz!* Como vocês *ousam!*

Mais tarde, ela pensou que fora a visão da princesa Hilda parecendo uma pessoa comum que a fez agir assim.

Lá embaixo, Sophie hesitou um instante e então enfiou Morgan nos braços do rei.

— Mantenha-o em segurança! — ela arfou para o rei. Então, suspendeu as saias e correu degraus acima atrás de Charmain, gritando: — Vocês parem com isso! Estão ouvindo?

O fiel Jamal avançou penosamente atrás deles, gritando “Pare... ladrão! Pare... ladrão!” e arfando imensamente. Atrás dele, subia seu cão, leal a seu mestre, emitindo rosnados profundos e ásperos, enquanto Desamparada corria de um lado para o outro na base da escada, criando uma tempestade aguda de latidos.

O príncipe Ludovic debruçava-se sobre o corrimão do lado oposto ao da princesa Hilda e ria de todos.

Os dois luboquins alcançaram Faísca quase no topo da escada, em uma visão indistinta de asas batendo inutilmente e músculos cor de malva reluzindo. Faísca esperneava com violência. Por um momento, suas pernas de veludo azul pareceram pernas grandes e fortes, do tamanho de um homem. Uma delas acertou com força a barriga da babá luboquim. A outra desceu alguns degraus e o firmou no momento em que o punho direito de Faísca aterrissava no nariz da segunda luboquim com um substancial estalo, próprio de um homem. Deixando ambas as luboquins empilhadas no patamar, Faísca disparou agilmente para cima. Charmain o viu lançar um olhar ansioso para trás e para baixo, enquanto subia o lance de escadas seguinte, certificando-se de que ela e Sophie e Jamal ainda o estivessem seguindo.

Eles continuaram, pois as duas luboquins levantaram-se com incrível velocidade e subiram correndo atrás de Faísca. Charmain e Sophie corriam

também, e Jamal e o cão arrastavam-se mais atrás.

No meio do lance de degraus seguinte, as luboquins tornaram a pegar Faísca. Mais uma vez, ouviram-se pesados sons de tapas e Faísca se livrou delas, e mais uma vez disparou escadaria acima, alcançando o terceiro lance de degraus. Ele quase chegou ao fim antes que as luboquins o alcançassem e se lançassem em cima dele. Os três caíram em uma pilha de pernas, braços e asas roxas que se batiam, retorciam e adejavam.

A essa altura, Charmain e Sophie estavam exaustas e quase sem fôlego. Charmain viu distintamente o rostinho angelical de Faísca emergir do emaranhado de corpos e observá-las com atenção. Quando Charmain havia transposto o patamar, arrastando-se, e começara a subir o mesmo lance, seguida por Sophie, que segurava a lateral do corpo, sentindo pontadas, o feixe de corpos de repente se desfez. Os corpos púrpura rolaram para um lado e Faísca, novamente livre, disparou pelo último lance de degraus de madeira. Quando as luboquins se levantaram e partiram atrás dele, Charmain e Sophie não estavam muito atrás. Jamal e o cão estavam bem mais na retaguarda.

E lá se foram eles, os cinco primeiros, subindo ruidosamente a escadaria de madeira. Faísca agora subia bem mais devagar. Charmain tinha quase certeza de que ele estava representando. Mas as luboquins davam gritos de triunfo e aumentaram a velocidade.

— Ah, não! De novo, não! — gemeu Sophie quando Faísca empurrou a porta no alto, abrindo-a, e disparou pelo telhado. As luboquins foram atrás dele. Quando Charmain e Sophie arrastaram-se até lá e olharam pela porta aberta, ao mesmo tempo em que tentavam recuperar o fôlego, viram as duas luboquins sentadas com as pernas escanchadas no telhado dourado. Elas já estavam na metade do telhado, com cara de quem queria estar em algum outro lugar, mas não havia o menor sinal de Faísca.

— O que ele está aprontando *agora*? — perguntou Sophie.

Quase no mesmo instante em que ela perguntou, Faísca apareceu na porta, animado e dando risadinhas angelicais, com seus cachinhos dourados soprados pelo vento formando um halo em torno de sua cabeça.

— Venham ver o que eu encontrei! — disse ele, feliz. — Me *figam*.

Sophie continuava segurando a lateral do corpo e apontou para o telhado.

— E quanto àquelas duas? — arfou ela. — Só torcemos para que caiam?

Faísca sorriu encantadoramente.

— Espere e *vofê* verá! — Ele inclinou a cabeça dourada, escutando. Lá embaixo, os rosnados e o barulho das unhas do cão do cozinheiro nos degraus soavam mais alto. Ele havia alcançado o dono e agora subia ruidosamente os degraus de madeira, arquejando de forma horrível. Faísca assentiu e virou-se na direção do telhado. Fez um pequeno gesto e murmurou uma palavra. As duas luboquins empoleiradas ali de repente encolheram, com um desagradável ruído, e transformaram-se em duas coisinhas roxas e molengas, sacudindo-se na aresta do telhado dourado.

— O quê...? — começou Charmain.

O sorriso de Faísca tornou-se, se isso era possível, ainda mais angelical.

— Lula — disse ele alegremente. — O cão do cozinheiro é capaz de vender a alma em troca de uma lula.

— Hã? — perguntou Sophie. — Ah, lulas. Entendi.

Enquanto ela falava, o cão do cozinheiro chegou, com as pernas parecendo pistões e a baba pendendo dos maxilares salientes. Ele disparou pela porta e ao longo do telhado como uma risca marrom. No meio do caminho, seus maxilares produziram um estalo, seguido por outro, e lá se foram as lulas. Só então o cachorro pareceu perceber onde estava. Ele parou, com duas pernas de um lado do telhado e duas enrijecidas do outro, e começou a ganir pateticamente.

— Ah, pobrezinho! — disse Charmain.

— O cozinheiro vai resgatá-lo — disse Faísca. — *Vofês* duas me *figam* de perto. *Vofês* têm de dobrar à esquerda por esta porta antes que *feus* pés toquem o telhado. — Ele passou pela porta, virando à esquerda, e desapareceu.

Ah, acho que entendi!, pensou Charmain. Era como as portas na casa do tio-avô William, exceto pelo fato de que esta era enervantemente alta. Ela deixou Sophie passar primeiro, de modo que pudesse segurar a saia de Sophie se esta desse um passo em falso. Sophie, no entanto, estava mais acostumada à magia do que Charmain. Ela deu um passo para a esquerda e sumiu sem nenhum problema. Charmain hesitou por um momento antes de ter coragem de seguir. Então fechou os olhos e saiu. Mas seus olhos se abriram por sua própria vontade quando ela deu o passo, e viu de soslaio o telhado dourado passando loucamente por ela. Antes que decidisse gritar

“Ylf!” para invocar o feitiço do voo, viu-se em outro lugar, num espaço triangular e quente, com caibros no telhado.

Sophie disse um palavrão. À pouca luz, tinha dado uma topada com o dedo do pé em um dos muitos tijolos empoeirados empilhados no local.

— Menina da boca *fuja* — disse Faísca.

— Ah, cale a boca! — disse Sophie, apoiando-se em uma só perna para segurar o dedo. — Por que você não cresce?

— Ainda não. Eu lhe *dife* — respondeu Faísca. — Ainda temos o *príncipe* Ludovic para enganar. Ah, olhem! *Ifo aconteceu* também quando eu estava aqui, ainda agorinha.

Uma luz dourada se espalhava sobre a maior das pilhas de tijolos. Estes captaram a luz e brilharam dourados mesmo sob a poeira. Charmain se deu conta de que não eram tijolos em absoluto, e sim lingotes de ouro sólido. Para deixar isso bem explícito, surgiu uma faixa dourada, flutuando diante dos lingotes. Nela, letras antiquadas diziam:

Falve o Mago Melicot, que escondeu o ouro do rei.

— Hã! — bufou Sophie, soltando o dedo do pé. — Melicot devia ter a língua presa como você. Que almas gêmeas você e ele teriam sido! Mesmo tamanho das cabeças vaidosas. Ele não podia resistir ver o próprio nome em um letreiro, não é?

— Eu não *prefiso* ter meu nome em um letreiro — disse Faísca, com grande dignidade.

— Dã! — exclamou Sophie.

— Onde estamos? — perguntou Charmain rapidamente, pois parecia que Sophie ia apanhar um tijolo de ouro e acertar a cabeça de Faísca com ele. — Este é o Tesouro Real?

— Não, estamos debaixo do telhado dourado — disse Faísca. — Astuto, não? Todo mundo *fabe* que o telhado não é de ouro de verdade, *afim* ninguém *penfa* em procurar o ouro aqui. — Ele pôs de pé um tijolo de ouro, bateu-o no chão para tirar a poeira, e o pôs nas mãos de Charmain. Era tão pesado que ela quase o deixou cair. — *Vofê* leva a evidência — disse ele. — Acho que o rei vai ficar muito feliz de ver *ifo*.

Sophie, que parecia ter recuperado um pouco o controle, disse:

— Essa língua presa está me enlouquecendo! Acho que a odeio mais do que odeio esses cachinhos dourados!

— Mas *penfe* em como *fão* úteis — disse Faísca. — O asqueroso do Ludovic tentou sequestrar a mim, e *esquefeu*-se totalmente de Morgan. — Ele voltou os olhos azuis grandes e profundos para Charmain. — Tive uma *infância* infeliz. Ninguém me amava. Acho que tenho o direito de tentar de novo, *parefendo* mais bonitinho *defa* vez, não acha?

— Não dê ouvidos a ele — disse Sophie. — É tudo fingimento. Howl, como saímos daqui? Deixei Morgan com o rei, e Ludovic está lá embaixo também. Se não voltarmos rapidamente, Ludovic a qualquer momento vai começar a pensar em pegar Morgan.

— E Calcifer me pediu que lhe dissesse que fossem rápidos — acrescentou Charmain. — O castelo está esperando na Praça Real. Na verdade, eu vim para dizer...

Antes que ela pudesse terminar a frase, Faísca fez algo que pôs o sótão poeirento girando em torno deles, de modo que se viram mais uma vez de pé ao lado da porta aberta para o telhado. Além da porta, Jamal se encontrava deitado de bruços sobre a aresta do telhado, tremendo-se todo, com uma das mãos estendida, agarrando a perna esquerda traseira do seu cão, que rosnava horrendamente. Ele odiava que alguém segurasse sua perna e odiava o telhado, mas o medo de cair era tão grande que não conseguia se mover.

— Howl, ele só tem um olho e não tem muito equilíbrio — disse Sophie.

— Eu *fei* — replicou Faísca. — Eu *fei*, eu *fei*!

Ele agitou uma das mãos e Jamal veio deslizando para trás, em direção à porta, rebocando o cão, que continuava a rosnar.

— Devo ter morrido! — arquejou Jamal, quando os dois caíram numa pilha aos pés de Faísca. — Por que não estamos mortos?

— Deus *fabe* — respondeu Faísca. — Com *lifenfa*. *Prefisamos* falar com o rei *fobre* um tijolo de ouro.

E lá se foi ele descendo ruidosamente a escada. Sophie correu atrás dele e Charmain a seguiu, com mais dificuldade por causa do peso do lingote de ouro. Desceram correndo um lance, e outro, e mais outro, até que dobraram a esquina no topo do último lance de degraus. Chegaram lá no momento exato em que o príncipe Ludovic dava um safanão na princesa Hilda, jogando-a para um lado, passava rudemente por Sim e arrancava Morgan dos braços do rei.

— Homem malvado! — berrou Morgan, agarrando os belos cachos do cabelo do príncipe Ludovic e puxando. O cabelo saiu, deixando a cabeça do príncipe lisa, careca e roxa.

— Eu lhe disse! — gritou Sophie e pareceu criar asas. Ela e Faísca desceram os degraus em disparada, lado a lado.

O príncipe olhou para eles no alto e para Desamparada, que, no chão, tentava morder seu tornozelo, e quis tirar sua peruca das mãos de Morgan. O menino batia no rosto de Ludovic com ela, ainda gritando: “HOMEM MALVADO!” O cavalheiro inexpressivo berrou: “Por aqui, Alteza!” e os dois luboquins correram para a porta mais próxima.

— *Na biblioteca, não!* — gritaram o rei e a princesa em uníssono.

Eles falaram tão a sério e foram tão autoritários que o cavalheiro inexpressivo de fato parou, virou-se e conduziu o príncipe em outra direção. Isso deu a Faísca tempo para alcançar o príncipe Ludovic e agarrar-se à sua manga de seda esvoaçante. Morgan deu um grito de alegria e atirou a peruca no rosto de Faísca, cegando-o temporariamente. Faísca foi arrastado, indefeso, para a porta mais próxima, com o cavalheiro inexpressivo correndo à frente e Desamparada perseguindo-os, os latidos parecendo uma tempestade aguda, e Sophie logo atrás de Desamparada, gritando: “*Ponha-o no CHÃO ou eu MATO você!*” Atrás dela, o rei e a princesa também juntaram-se à perseguição.

— Olhe, isto é um pouco demais! — gritou o rei.

A princesa simplesmente ordenou:

— Parem!

O príncipe e o cavalheiro inexpressivo tentaram se atirar contra a porta com as crianças e batê-la na cara de Sophie e do rei. Mas, no momento em que a porta se fechou, Desamparada conseguiu de alguma forma abri-la novamente e a perseguição continuou.

Charmain foi a última, acompanhada por Sim. A essa altura, seus braços doíam.

— Pode segurar isto? — ela perguntou a Sim. — É uma prova.

Passou o tijolo de ouro a Sim, enquanto ele ainda dizia: “Certamente, senhorita.” Os braços e as mãos dele despencaram com o peso. Charmain deixou-o tentando se virar com o lingote e entrou apressadamente no que vinha a ser o salão com os cavaleiros de pau alinhados ao longo das paredes. O príncipe Ludovic estava parado no meio, muito estranho, com a cabeça careca e roxa. Ele agora segurava Morgan com um braço em torno

do pescoço do menino e Desamparada pulava e dançava em torno de seus pés, tentando alcançar Morgan. A peruca jazia caída no tapete como um animal morto.

— Vocês vão fazer o que eu digo — ia dizendo o príncipe — ou esta criança vai pagar.

O olho de Charmain foi atraído por um súbito lampejo azul que mergulhou na lareira. Ela olhou e viu que era Calcifer, que devia ter descido pela chaminé em busca de lenha. Ele se acomodou entre as achas apagadas ali com um suspiro de prazer. Quando viu que Charmain o olhava, piscou um olho laranja para ela.

— Vai pagar, estou dizendo! — avisou o príncipe Ludovic, dramático.

Sophie olhou para Morgan, que esperneava nos braços do príncipe, e então para Faísca, no chão, parado ali olhando os dedos, como se nunca os tivesse visto antes. Ela lançou um olhar para Calcifer e parecia estar se controlando para não rir. Sua voz saiu vacilante quando disse:

— Vossa Alteza, eu o advirto que está cometendo um grande erro.

— Certamente que sim — concordou o rei, arfando e com o rosto vermelho por causa da corrida. — Aqui na Alta Norlanda, como regra, não costumamos realizar julgamentos por traição, mas teremos grande prazer em fazer o *seu*.

— De que forma? — perguntou o príncipe. — Não sou um de seus súditos. Sou um luboquim.

— Então não pode, por lei, ser o sucessor do meu pai — afirmou a princesa Hilda. Diferentemente do rei, ela estava outra vez bem calma e parecia muito digna.

— Ah, não posso? — perguntou o príncipe. — Meu pai, o luboque, diz que eu serei o rei. Ele pretende governar o país por meu intermédio. Livrou-se do mago para que nada se interponha em nosso caminho. Vocês devem me coroar rei imediatamente, ou esta criança irá pagar. Vou mantê-la como refém. Afora isso, o que foi que eu fiz de errado?

— Roubou todo o dinheiro deles! — gritou Charmain. — Eu os vi... *ambos* os luboquins... fazendo os *kobolds* carregarem todo o dinheiro dos impostos para Castel Joie! E é melhor soltar esse garotinho antes que o estrangule! — O rosto de Morgan estava vermelho-vivo a essa altura, e ele esperneava freneticamente. Não creio que luboquins tenham qualquer sentimento, ela pensou. Não entendo por que Sophie está achando isso tão engraçado!

— Meu Deus! — disse o rei. — Então é para lá que todo o dinheiro vai, Hilda! Bem, pelo menos um enigma foi resolvido. *Obrigado*, minha querida.

— Por que está tão satisfeito? — perguntou o príncipe Ludovic, com expressão de nojo. — Não me *ouviu*? — Então voltou-se para o cavalheiro inexpressivo. — Daqui a pouco ele vai nos oferecer panquecas! Ande, lance seu feitiço. Tire-me logo daqui.

O cavalheiro inexpressivo assentiu e estendeu as mãos de um roxo pálido à frente do corpo. E foi nesse momento que Sim entrou, andando com dificuldade, trazendo o tijolo de ouro nos braços. Ele arrastou os pés rapidamente até o cavalheiro inexpressivo e deixou cair o tijolo de ouro no pé dele.

Em seguida, um monte de coisas aconteceu muito rápido.

Enquanto o cavalheiro, agora roxo de agonia, pulava de um lado para o outro gritando, Morgan pareceu chegar ao seu limite. Seus braços agitaram-se com um padrão estranho, convulsivo. E o príncipe Ludovic se viu tentando carregar um homem adulto e alto, vestido com um elegante terno de cetim azul. Ele deixou cair o homem, que prontamente se virou e deu um soco no rosto do príncipe.

— Como *ousa*?! — gritou o príncipe. — Não estou *acostumado* a isso!

— Azar — disse o Mago Howl, tornando a atingi-lo. Dessa vez o príncipe Ludovic prendeu o pé na peruca e caiu sentado, com um baque surdo. — Essa é a única língua que um luboquim entende — observou o mago sobre o ombro para o rei. — Já chega, Ludy, meu velho?

Simultaneamente, Morgan, que parecia estar usando o conjunto de veludo azul de Faísca, muito embolado e grande demais para ele, correu para o mago, radiante:

— Papai... Papai... PAPAI!

Ah, entendi!, pensou Charmain. De alguma forma, eles trocaram de lugar. É uma magia muito boa. Gostaria de aprender a fazer isso. Ela se perguntou, enquanto observava o mago tomando cuidado para manter Morgan longe do príncipe, por que Howl tinha querido ficar mais bonito do que era. Ele era a imagem do que, para a maioria das pessoas, era um homem muito bonito, embora, ela pensou, seu cabelo fosse um pouco irreal, caindo-lhe sobre os ombros cobertos de cetim azul em belos e improváveis cachos louros.

Ao mesmo tempo, Sim recuou — enquanto o cavalheiro inexpressivo pulava de um lado para o outro diante dele —, parecendo tentar fazer algum tipo de anúncio formal. Morgan, porém, estava fazendo tamanho alarido e Desamparada latia com tanta veemência que tudo que qualquer um ali podia ouvir era “Vossa Majestade” e “Alteza Real”.

Enquanto Sim falava, o Mago Howl olhou para a lareira e assentiu. Algo aconteceu então, entre o mago e Calcifer, que não foi exatamente um lampejo de luz, tampouco um lampejo de luz invisível. Enquanto Charmain ainda estava tentando descrever o ocorrido para si mesma, o príncipe Ludovic arqueou-se e encolheu, desaparecendo. O mesmo aconteceu com o cavalheiro inexpressivo. Em seus lugares, agora estavam dois coelhos.

O Mago Howl olhou para eles e então para Calcifer.

— Por que coelhos? — perguntou, erguendo Morgan nos braços. O menino parou imediatamente de gritar e houve um momento de silêncio.

— Todos aqueles pulos para lá e para cá — disse Calcifer — me deram a ideia de coelhos.

O cavalheiro inexpressivo ainda saltitava de um lado para o outro, mas agora como um grande coelho branco com olhos púrpura salientes. O príncipe Ludovic, que era um pálido coelho castanho com olhos púrpura ainda maiores, parecia atônito demais para se mover. Ele contraía as orelhas e tremia o nariz...

Foi então que Desamparada atacou.

Enquanto isso, os visitantes que Sim estivera tentando anunciar já estavam no salão. Desamparada matou o coelho castanho quase debaixo dos patins da cadeira-trenó pintada pelos *kobolds*, que estava sendo empurrada pela Bruxa de Montalbino. O tio-avô William, bastante pálido e magro, mas evidentemente muito melhor, recostava-se em uma pilha de almofadas azuis dentro da cadeira. Ele, a bruxa e Timminz, que estava de pé sobre as almofadas, todos se inclinaram sobre a lateral azul da cadeira para ver Desamparada dar um minúsculo rosnado e atirar o coelho castanho de lado pelo pescoço e então, com outro minúsculo rosnado, lançá-lo para trás, fazendo-o aterrissar com um baque surdo, morto, no tapete.

— Céus! — exclamaram o Mago Norland, o rei, Sophie e Charmain.
— Eu podia jurar que Desamparada era pequena demais para *fazer* isso!

A princesa Hilda esperou que o coelho aterrissasse e dirigiu-se rapidamente para a cadeira-trenó, ignorando, em grande parte, o frenético alvoroço de Desamparada perseguindo o coelho branco pelo salão.

— Minha querida princesa Matilda — disse a princesa, estendendo ambas as mãos para a mãe de Peter. — Há quanto tempo não a vemos por aqui! Espero que pretenda nos fazer uma longa visita.

— Isso depende — disse a bruxa secamente.

— Ela é prima em segundo grau da minha filha — o rei explicou para Charmain e Sophie. — Normalmente prefere ser chamada de Bruxa de Sei Lá Onde. Sempre fica irritada se alguém a chama de princesa Matilda. Minha filha faz questão de fazer isso, naturalmente. Hilda não aprova esnobismo às avessas.

A essa altura, o Mago Howl havia colocado Morgan nos ombros, de modo que ambos pudessem ver Desamparada encurralando o coelho branco atrás do quinto cavaleiro de pau a partir de onde estavam. Houve mais alguns minutos rosados. Logo o cadáver do coelho branco veio voando sobre os cavaleiros de pau, flácido e sem vida.

— Viva! — gritou Morgan, batendo as mãozinhas fechadas na cabeça loura do pai.

Mais que depressa Howl tirou Morgan dos ombros e o passou à Sophie.

— Você já contou a eles sobre o ouro? — perguntou a ela.

— Ainda não. A prova caiu no pé de alguém — disse Sophie, segurando Morgan com firmeza.

— Conte agora — disse Howl. — Tem mais coisas estranhas aqui.

Ele se abaixou e pegou Desamparada quando ela voltava para Charmain. Desamparada se contorceu e ganiu e esticou-se e fez tudo que pôde para não deixar dúvidas de que era para *Charmain* que ela queria ir.

— Já, já — disse Howl, revirando-a com curiosidade. Por fim, levou-a até a cadeira-trenó, onde o rei jovialmente apertava a mão do Mago Norland, enquanto Sophie lhes mostrava o lingote de ouro. A bruxa, Timminz e a princesa Hilda, todos cercaram Sophie, atentos e querendo saber onde Sophie encontrara o ouro.

Charmain ficou parada no meio do salão, sentindo-se um tanto excluída. Sei que não estou sendo racional, ela pensou. Sou apenas aquela que sempre fui. Mas quero Desamparada *de volta*. Quero levá-la comigo quando me mandarem de volta para casa e para mamãe. Estava óbvio para

ela que a mãe de Peter ia cuidar do tio-avô William agora, e onde ficaria Charmain nessa história?

De súbito, ouviu-se o terrível estrondo de algo se quebrando.

As paredes sacudiram-se, fazendo Calcifer sair em disparada da lareira e pairar acima da cabeça de Charmain. Então, muito lentamente, um grande buraco se abriu na parede ao lado da lareira. Primeiro, o papel de parede se soltou, seguido pelo gesso debaixo dele. Depois as pedras escuras atrás do gesso desmoronaram e desapareceram, até que nada restasse, a não ser um buraco escuro. Por fim, mas não em câmera lenta, Peter saiu de costas do buraco e caiu deitado diante de Charmain.

— Bulaco! — gritou Morgan, apontando.

— Acho que você tem razão — concordou Calcifer.

Peter não parecia nem um pouco desconcertado. Olhou para Calcifer e disse:

— Então você não está morto. Eu *sabia* que ela estava fazendo um estardalhaço à toa. Ela nunca é sensata com as coisas.

— Ah, obrigada, Peter! — exclamou Charmain. — E quando é que *você* foi sensato? Onde você *estava*?

— É, de fato — disse a Bruxa de Montalbino. — Eu também gostaria de saber isso. — Ela empurrou a cadeira-trenó até Peter, de modo que o tio-avô William e Timminz estavam ambos fitando Peter de cima, assim como todos os outros, exceto a princesa Hilda. Esta olhava, pesarosa, o buraco na parede.

Peter não parecia nem um pouco preocupado. Ele se sentou.

— Olá, mamãe — cumprimentou alegremente. — Por que a senhora não está em Ingary?

— Porque o Mago Howl está aqui — informou a mãe. — E você?

— Eu estava na oficina do Mago Norland — informou Peter. — Fui para lá assim que escapei de Charmain. — Ele agitou as mãos com o arco-íris de cordões amarrados nos dedos para mostrar como havia chegado lá. Mas dirigiu ao Mago Norland um olhar ligeiramente ansioso. — Tomei muito cuidado lá, senhor. De verdade.

— Mesmo? — perguntou o tio-avô William, olhando o buraco na parede, que parecia estar aos poucos se refazendo. As pedras escuras foram se fechando lentamente em direção ao centro e o gesso foi se formando após as pedras. — E o que você estava fazendo lá durante um dia e uma noite inteiros, posso saber?

— Feitiços de adivinhação — explicou Peter. — Eles tomam muito tempo. Foi uma sorte o senhor ter todos aqueles feitiços culinários lá, ou a essa altura eu estaria morto de fome. E usei sua cama de acampamento. Espero que não se importe. — Pela expressão do tio-avô William, estava na cara que ele se importava. Peter apressou-se a acrescentar: — Mas os feitiços funcionaram, senhor. O Tesouro Real deve estar aqui, onde todos estamos, porque pedi ao feitiço que me levasse aonde ele estava.

— E está mesmo — disse sua mãe. — O Mago Howl já o encontrou.

— Ah — murmurou Peter, parecendo muito abatido. Mas logo em seguida se animou. — Então eu fiz um feitiço que funcionou!

Todos olharam para o buraco que se fechava aos poucos. O papel de parede agora ia cobrindo suavemente o gesso, mas era óbvio que a parede nunca mais seria a mesma. Tinha um aspecto úmido e enrugado.

— Estou certa de que isso é um grande conforto para você, jovem — disse a princesa Hilda, com amargura. Peter a olhou sem expressão, obviamente perguntando-se quem era ela.

Sua mãe suspirou.

— Peter, esta é Sua Alteza, a princesa Hilda, da Alta Norlanda. Talvez você possa ser um bom menino e se levantar para fazer uma mesura para ela e seu pai, o rei. Afinal, eles são nossos parentes próximos.

— Como pode? — perguntou Peter. Mas conseguiu se pôr de pé e fez uma mesura com grande educação.

— Meu filho, Peter — apresentou a bruxa —, que agora, muito provavelmente, é o herdeiro de seu trono, senhor.

— Prazer em conhecê-lo, meu garoto — saudou o rei. — Isso tudo está muito confuso. Será que alguém pode me dar uma explicação?

— Eu vou explicar, senhor — disse a bruxa.

— Talvez devêssemos todos nos sentar — sugeriu a princesa. — Sim, tenha a gentileza de remover estes dois... hã... coelhos mortos, por favor.

— Muito bem, senhora — disse Sim, movimentando-se rapidamente pela sala e juntando os dois corpos. Estava tão ansioso em não perder o que quer que fosse que a bruxa estava prestes a dizer que Charmain tinha certeza de que ele havia simplesmente jogado os coelhos do outro lado da porta. No momento em que voltou apressado para o salão, todos tinham se acomodado nos sofás grandiosos porém desbotados, exceto o tio-avô William, que se recostava em suas almofadas, magro e cansado, e Timminz, que se sentou em uma almofada ao lado da orelha do tio-avô

William. Calcifer voltou a empoleirar-se na lareira. Sophie pôs Morgan sobre os joelhos, onde ele levou o polegar à boca e adormeceu. E o Mago Howl finalmente entregou Desamparada a Charmain. Ele o fez com um sorriso de desculpas tão deslumbrante que Charmain sentiu-se perturbada.

Gosto muito mais dele como adulto, ela pensou. Não é de admirar que Sophie estivesse tão irritada com Faísca! Desamparada, enquanto isso, guinchava e saltava, pondo as patas nos óculos pendurados de Charmain a fim de lambar o queixo da menina. Charmain esfregou as orelhas de Desamparada e acariciou o pelo esfiapado no alto de sua cabecinha enquanto ouvia o que a mãe de Peter tinha a contar.

— Como vocês devem saber — começou a bruxa —, eu me casei com meu primo Hans Nicholas, que, naquela ocasião, era o terceiro na linha sucessória ao trono da Alta Norlanda. Eu era a quinta, mas, como mulher, não contava, e além disso, a única coisa que eu queria no mundo era me tornar uma bruxa profissional. Hans tampouco estava interessado em ser rei. Sua paixão era escalar montanhas e explorar cavernas e novas passagens entre geleiras. Estávamos bem felizes em deixar que nosso primo Ludovic fosse o herdeiro do trono. Nenhum de nós *gostava* dele, e Hans sempre disse que Ludovic era a pessoa mais egoísta e insensível que ele conhecia, mas nós dois acreditávamos que, se fôssemos para longe e mostrássemos que não tínhamos nenhum interesse no trono, ele não nos importunaria.

“Assim, mudamos para Montalbino, onde me estabeleci como bruxa e Hans tornou-se guia nas montanhas; e vivemos muito felizes até pouco depois de Peter nascer, quando ficou horivelmente óbvio que nossos outros primos estavam morrendo como moscas. E não só morrendo, mas também sendo rotulados de perversos e morrendo por causa de sua perversidade. Quando nossa prima Isolla Matilda, que era a mais generosa e gentil das garotas, foi morta enquanto aparentemente tentava matar alguém, Hans teve certeza de que era Ludovic quem estava fazendo aquilo tudo. ‘Eliminando sistematicamente todos os outros herdeiros ao trono’, disse ele. ‘E nos dando uma má reputação ao fazê-lo.’

“Fiquei simplesmente apavorada por causa de Hans e de Peter. A essa altura, Hans era o herdeiro seguinte a Ludovic e Peter vinha depois dele. Assim, peguei minha vassoura, pus Peter nas costas preso por uma faixa, e voei até Ingary para me consultar com a Sra. Pentstemmon, que me

treinou como feiticeira. Creio — disse a bruxa, voltando-se para Howl — que ela o treinou também, Mago Howl.

Howl dirigiu-lhe um de seus sorrisos cintilantes.

— Isso foi bem mais tarde. Eu fui seu último aluno.

— Então você sabe que ela era a melhor — disse a Bruxa de Montalbino. — Concorda?

Howl assentiu e a bruxa continuou.

— Ela sempre *acertava*.

Sophie também assentiu com essas palavras, um tanto pesarosa.

— Mas, quando a consultei — disse a bruxa —, ela não estava certa de que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer, exceto pegar Peter e ir para bem longe. Inhico, ela pensou. Eu disse: “Mas e Hans?” e ela concordou que eu tinha razão em estar preocupada. “Dê-me meio dia”, pediu, “para encontrar uma resposta para você”, e se trancou em sua sala de trabalho. Menos de meio dia depois, ela saiu quase em pânico. Eu nunca a tinha visto tão perturbada antes. “Minha querida”, disse ela, “seu primo Ludovic é uma espécie de criatura vil chamada luboquim, filho de um luboque que vaga pelas colinas entre a Alta Norlanda e Montalbino, e está fazendo exatamente o que seu Hans suspeita que ele esteja fazendo, sem dúvida com a ajuda daquele luboque. Você deve apressar-se e ir para casa em Montalbino imediatamente! Vamos rezar para que você chegue lá a tempo. E, em hipótese nenhuma, conte a alguém quem é este seu rapazinho... nem a ele nem a ninguém mais, ou o luboque tentará matá-lo também!”

— Ah, por isso você nunca me contou nada? — perguntou Peter. — Você devia ter me contado. Eu posso cuidar de mim mesmo.

— Isso é exatamente o que o pobre Hans pensava também — disse a mãe. — Eu devia tê-lo feito ir para Ingary com a gente. Não interrompa, Peter. Você quase me fez esquecer a última coisa que a Sra. Pentstemmon me disse, que foi: “Existe uma resposta, minha querida. Em sua terra nativa, existe, ou existiu, algo chamado dom de Elfo, que pertence à família real, e que tem o poder de manter o rei seguro e todo o país com ele. Vá e peça ao rei da Alta Norlanda que empreste esse dom de Elfo a Peter. Isso o manterá em segurança.” Assim, agradei a ela e, pus Peter novamente nas costas e voei o mais rápido que pude para Montalbino. Pretendia chamar Hans para que fosse comigo à Alta Norlanda pedir o dom de Elfo, mas, quando cheguei em casa, disseram-me que Hans estava

nas Gretterhorns com a equipe de resgate nas montanhas. Tive então a mais horrível premonição. Voei direto para lá, com Peter ainda nas costas. A essa altura, ele chorava de fome, mas eu não ousei parar. E cheguei a tempo de ver o luboque provocar a avalanche que matou Hans.

A bruxa parou aqui, como se não suportasse mais continuar. Todos esperaram respeitosamente enquanto ela engolia em seco e enxugava os olhos com um lenço multicolorido. Em seguida, ela, muito eficiente, sacudiu os ombros e disse:

— Pus proteções em torno de Peter imediatamente, é óbvio, as mais fortes possíveis. Elas nunca o deixaram. Fiz com que ele crescesse secretamente e não me importei em absoluto quando Ludovic começou a dizer às pessoas que eu era uma prisioneira louca em Castel Joie. Isso significava que ninguém sabia sobre Peter, afinal. E no dia seguinte à avalanche, deixei Peter com uma vizinha e fui para a Alta Norlanda. Vocês provavelmente se lembram da minha visita, não lembram? — ela perguntou ao rei.

— Sim, eu me lembro — disse o rei. — Mas você não falou nada sobre Peter, ou Hans, e eu não tinha a menor ideia de que fosse tudo tão triste e urgente. E, naturalmente, eu não havia recebido o dom de Elfo. Não sabia nem que aparência ele tinha. Tudo que você fez foi despertar meu interesse para procurar, junto com meu bom amigo Mago Norland aqui, o dom de Elfo. Estamos à procura dele há treze anos. E não fomos muito longe, não é, William?

— Não fomos a lugar nenhum — concordou o tio-avô William na cadeira-trenó, dando uma risadinha. — Mas as pessoas vão continuar pensando que sou um especialista em dom de Elfo. Alguns até dizem que eu sou o dom de Elfo e que protejo o rei. De fato, eu tento protegê-lo, mas não como um dom de Elfo protegeria.

— Esse é um dos motivos por que mandei Peter para você — disse a bruxa. — Existia sempre a possibilidade de que os rumores fossem verdadeiros. E eu sabia que você podia manter Peter em segurança de alguma forma. Eu mesma estou procurando esse dom de Elfo há anos, porque pensei que ele provavelmente pudesse acabar com Ludovic. Beatriz de Estrângia me disse que o Mago Howl, de Ingary, era melhor em adivinhação do que qualquer outro mago no mundo, assim fui para Ingary para lhe pedir que o encontrasse para mim.

O Mago Howl jogou a cabeça loura para trás e começou a rir.

— E você tem de admitir que eu de fato o encontrei! — exclamou ele.
— Da forma mais inesperada. Lá está ele, sentado no colo da Srta. Charme!

— O que... *Desamparada*? — perguntou Charmain.

Desamparada abanou a cauda e fez um ar de recato.

Howl assentiu.

— Isso mesmo. Sua cachorrinha encantada. — Ele voltou-se para o rei:
— Aqueles seus registros não falam de um cachorro em algum ponto?

— Com frequência — disse o rei. — Mas eu não tinha a menor ideia... Meu bisavô celebrou um funeral com honras de Estado para seu cão quando ele morreu, e eu simplesmente me perguntei o motivo de todo aquele espalhafato!

A princesa Hilda tossiu delicadamente.

— É sabido que a maioria de nossas pinturas a óleo foi vendida — disse ela —, mas eu me recordo de que muitos de nossos antigos reis eram pintados com um cão ao lado. No entanto, em geral, eles tinham uma aparência um pouco mais... hã... nobre do que Desamparada.

— Imagino que eles venham em todos os tamanhos e formatos — observou o tio-avô William. — Parece-me que o dom de Elfo é algo que certos cães herdam, mas os últimos reis esqueceram-se de cruzá-los adequadamente. Agora, por exemplo, quando Desamparada tiver seus filhotinhos um pouco mais para o fim do ano...

— *O quê?* — exclamou Charmain. — *Filhotinhos!*

Desamparada tornou a abanar a cauda e pareceu ainda mais recatada. Charmain ergueu o queixo de Desamparada e a fitou acusadoramente nos olhos.

— O cão do cozinheiro? — perguntou ela.

Desamparada piscou timidamente.

— Ah, Desamparada! — lamentou-se Charmain. — Deus *sabe* que aparência eles vão ter!

— Devemos esperar e ter esperanças — disse o tio-avô William. — Um desses filhotes irá herdar o dom de Elfo. Mas tem outro aspecto importante nisso tudo, minha querida. Desamparada a adotou, e isso a torna a Guardiã do dom de Elfo da Alta Norlanda. Além disso, como a Bruxa de Montalbino aqui me diz que *O livro de palimpsesto* também adotou você... Adotou, não foi?

— Eu... hã... é... Ele de fato me fez fazer feitiços contidos ali — admitiu Charmain.

— Isso resolve a questão — disse o tio-avô William, feliz, aconchegando-se novamente em suas almofadas. — Você vem morar comigo como minha aprendiz de agora em diante. Precisa aprender como ajudar Desamparada a proteger o país apropriadamente.

— Sim... ah... mas... — balbuciou Charmain — ... minha mãe não vai permitir... Ela diz que a magia não é respeitável. Meu pai não vai se opor, provavelmente — acrescentou ela. — Mas minha mãe...

— Eu resolvo com ela — disse o tio-avô William. — Se for necessário, peço sua tia Semprônia para falar com ela.

— Melhor ainda — disse o rei. — Vou tornar essa decisão um decreto real. Sua mãe vai ficar impressionada com isso. Como você vê, precisamos de você, minha querida.

— Sim, mas eu quero ajudá-lo com os *livros*! — exclamou Charmain.

A princesa Hilda teve outra de suas tosses delicadas.

— Eu vou estar bastante ocupada redecorando e reformando esta Mansão — disse ela, olhando o lingote de ouro caído no tapete aos seus pés e o cutucando suavemente com o sapato. — Agora temos dinheiro outra vez — disse ela, feliz. — Sugiro que você me substitua na biblioteca com meu pai duas vezes por semana, se o Mago Norland cedê-la.

— Ah, *obrigada*! — disse Charmain.

— E quanto a Peter... — começou a princesa.

— Não há necessidade de se preocupar com Peter — interrompeu a bruxa. — Vou ficar com ele e Charmain para cuidar da casa pelo menos até que o Mago Norland esteja restabelecido. Talvez eu me mude para lá permanentemente.

Charmain, Peter e o tio-avô William trocaram olhares apavorados. Entendo por que ela se tornou tão eficiente, tendo ficado sozinha com a tarefa de proteger Peter, pensou Charmain. Mas, se ela ficar naquela casa, volto para morar com mamãe!

— Bobagem, Matilda — disse a princesa Hilda. — Peter é preocupação nossa, sim, agora que está entendido que ele é nosso príncipe da Coroa. Peter vai morar *aqui* e frequentar a casa do Mago Norland para ter aulas de magia. Você deve voltar para Montalbino, Matilda. Eles precisam de você lá.

— E nós, *kobolds*, vamos continuar cuidando da casa, como sempre fizemos — interveio Timminz.

Ah, ótimo, pensou Charmain. Não creio que eu esteja treinada para cuidar de uma casa... e Peter certamente não está!

— Abençoado, Timminz. Abençoada, Hilda — murmurou o tio-avô William. — A ideia de toda essa eficiência em minha casa...

— Eu vou ficar bem, mãe — disse Peter. — Você não precisa mais me proteger.

— Se você tem certeza — disse a bruxa. — Parece-me que...

— Agora — interrompeu a princesa Hilda, tão eficientemente quanto a bruxa — só nos resta nos despedir de nossos generosos, prestativos, ainda que um tanto excêntricos, hóspedes, e acompanhá-los até seu castelo. Venham, todos vocês.

— Opa! — exclamou Calcifer e disparou chaminé acima.

Sophie se levantou, deslocando o polegar de Morgan de sua boca. O menino acordou, olhou à sua volta, viu que o pai estava lá, e olhou à sua volta mais uma vez. Seu rosto se enrugou.

— *Faíca* — ele disse. — Cadê *Faíca*? — E começou a chorar.

— Agora, olhe o que você arranhou! — disse Sophie a Howl.

— Eu posso me transformar em Faísca de novo — sugeriu Howl.

— Nem ouse! — replicou Sophie, marchando para o corredor úmido atrás de Sim.

Cinco minutos depois, estavam todos reunidos nos degraus da entrada da Mansão para ver Sophie e Howl carregando Morgan, esperneando e chorando, pela porta do castelo. Quando a porta se fechou atrás dos gritos de “*Faíca, Faíca, Faíca!*” de Morgan, Charmain curvou-se e murmurou para Desamparada, em seus braços:

— Você protegeu de verdade o país, não foi? E eu nem percebi!

A essa altura, metade dos habitantes da Alta Norlanda estava reunida na Praça Real para observar o castelo. Todos viram, incrédulos, quando ele se ergueu ligeiramente no ar e deslizou em direção à rua que levava para o sul. Na verdade, era pouco mais do que uma viela. “Não vai caber!”, as pessoas disseram. Mas o castelo, de alguma forma, se comprimiu o suficiente para deslizar ao longo dela e desaparecer de vista.

Os cidadãos da Alta Norlanda davam-lhe vivas à medida que o castelo se afastava.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S.A.

A casa dos muitos caminhos

Wikipédia da autora:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Diana_Wynne_Jones

Livros da autora:

<https://www.record.com.br/autores/diana-wynne-jones/>

Goodreads da autora:

https://www.goodreads.com/author/show/4260.Diana_Wynne_Jones

ÍNDICE

O CASTELO ANIMADO

Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Capítulo vinte e um

O CASTELO NO AR

Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
Capítulo um
Capítulo dois

Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Capítulo vinte e um

A CASA DOS MUITOS CAMINHOS

Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze

Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis

Colofão
Saiba mais

Do autor da série Feios

SCOTT WESTERFELD



TUDO PODER TEM UM PREÇO

Zeróis

Westerfeld, Scott

9788501114839

462 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro volume da série Zeróis, do mesmo autor da **trilogia Feios**. Os X-men encontram Heroes nesta trama sobre **adolescentes com poderes especiais**: Treta (sua **voz interior** sabe tudo o que você deseja ouvir); Caos (se é **eletrônico**, ela domina); Pestana (pode ver através dos olhos de qualquer um, menos dos próprios); Anônimo (longe dos olhos, longe do coração); Líder Glorioso (direciona a **energia** de uma sala) e Motim (uma menina que faz uso da energia da multidão). Preso como **suspeito** de um **crime**, Treta precisa da **ajuda** dos outros Zeróis, que não são os melhores amigos no momento. Cabe a Nate, o Líder Glorioso, o **manipulador** em pessoa, **convencer** o grupo a se **arriscar** pelo garoto. Mas, quando o **plano** de resgate dá errado, os Zeróis acabam jogados em meio aos mais **perigosos** criminosos: mafiosos, traficantes, agiotas, a lista não tem fim.

[Compre agora e leia](#)



Box O povo do ar

Black, Holly

9786559810130

1268 páginas

[Compre agora e leia](#)

Os três volumes da série *O povo do ar* e o spin-off reunidos pela primeira vez em um box com conteúdos especiais. O conto inédito "As irmãs perdidas", o mapa de Elfhame atualizado no verso das capas, uma capa nova para *O canto mais escuro da floresta*, e brindes como uma cinta em formato de coroa de papel, marcadores, pôster exclusivo com uma *fan art* da Arda Arts e uma flâmula.

Na série *O povo do ar*, a autora best-seller Holly Black transporta os leitores para Reino das Fadas. Não aquelas dos contos clássicos, fadas que podem ser cruéis e mortais, especialmente se motivadas pelo poder. Uma aventura que mistura magia, intrigas palacianas e romance.

O canto mais escuro da floresta

Hazel e seu irmão, Ben, moram em uma cidade onde humanos e fadas convivem. A magia aparentemente inofensiva desses seres atrai turistas de todas as partes, que querem ver de perto as maravilhas do lugar e, principalmente, o garoto de chifres e orelhas pontudas que descansa em um caixão de vidro. Hazel e Ben eram fascinados pelo garoto quando crianças. Mas, eles sabem que o garoto de chifres nunca acordará... Até que um dia ele acorda. Agora, os irmãos precisam se tornar os heróis que fingiam ser e desvendar os mistérios que envolvem aquele príncipe com chifres.

O príncipe cruel

Jude tinha 7 anos quando seus pais foram assassinados e foi forçada a viver no Reino das Fadas. Dez anos depois, tudo o que ela quer é ser como eles – lindos e imortais – e realmente pertencer ao Reino das Fadas, apesar de sua mortalidade. Para ganhar um lugar na Alta Corte, ela deve desafiar o Príncipe Cardan, o filho mais bonito e mais cruel do Grande Rei... e enfrentar as consequências.

O rei perverso

Jude achou que, depois de enganar Cardan para que ele jurasse obedecê-la por um ano e um dia, sua vida se tornaria mais fácil. Mas ter qualquer influência sobre o Grande Rei de Elfhame parece uma tarefa impossível, principalmente quando ele faz de tudo em seu poder para humilhá-la e prejudicá-la, mesmo que seu fascínio pela garota humana permaneça intacto.

A rainha do nada

Jude carrega o outrora impensável título de Grande Rainha de Elfhame, mas as condições são longe de ser ideais. Exilada por Cardan no mundo mortal, Jude se encontra impotente e frustrada enquanto planeja reivindicar tudo que Cardan tomou dela.

[Compre agora e leia](#)

SARAH J. MAAS

Autora de Trono de vidro

CORTE DE ESPINHOS E ROSAS

Ela roubou uma vida.
Agora deve pagar com o coração.

Galera

Corte de espinhos e rosas - Corte de espinhos e rosas - vol. 1

J. Maas, Sarah

9788501107114

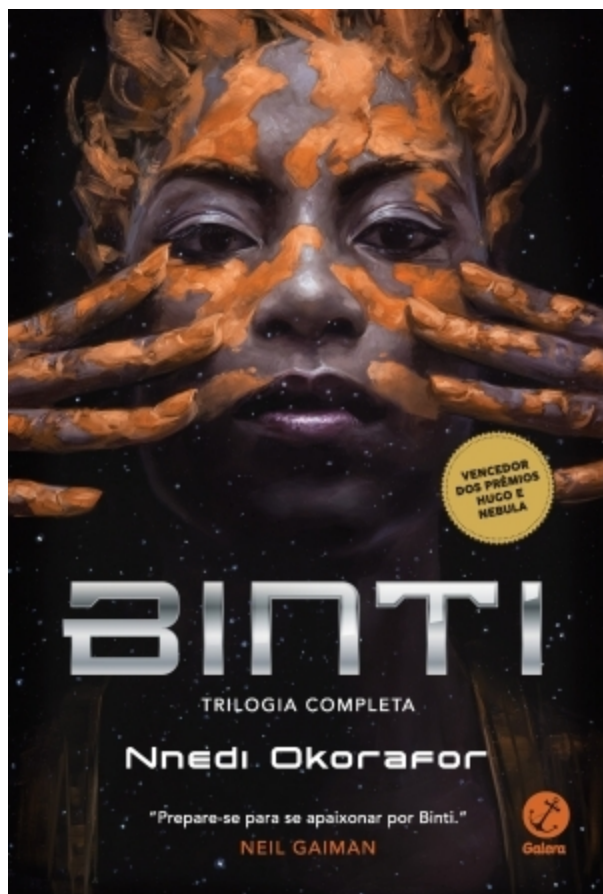
434 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ela roubou uma vida. Agora deve pagar com o coração.

Nesse misto de A Bela e A Fera e Game of Thrones, Sarah J. Maas cria um universo repleto de ação, intrigas e romance. Depois de anos sendo escravizados pelas fadas, os humanos conseguiram se libertar e coexistem com os seres místicos. Cerca de cinco séculos após a guerra que definiu o futuro das espécies, Feyre, filha de um casal de mercadores, é forçada a se tornar uma caçadora para ajudar a família. Após matar uma fada zoomórfica transformada em lobo, uma criatura bestial surge exigindo uma reparação. Arrastada para uma terra mágica e traiçoeira — que ela só conhecia através de lendas —, a jovem descobre que seu captor não é um animal, mas Tamlin, senhor da Corte Feérica da Primavera. À medida que ela descobre mais sobre este mundo onde a magia impera, seus sentimentos por Tamlin passam da mais pura hostilidade até uma paixão avassaladora. Enquanto isso, uma sinistra e antiga sombra avança sobre o mundo das fadas e Feyre deve provar seu amor para detê-la... ou Tamlin e seu povo estarão condenados.

[Compre agora e leia](#)



Binti

Okorafor, Nnedi

9786559810192

378 páginas

[Compre agora e leia](#)

Prepare-se para conhecer Binti, vencedor dos prêmios Nebula e Hugo e finalista do British Science Fiction Association Award. A extraordinária trajetória de uma menina de sua casa até a longínqua Universidade de Oomza, fora dos limites da Terra. A pré-venda acompanha um marcador de páginas exclusivo.

Seu nome é Binti, e ela é a primeira de seu povo a ser aceita pela Universidade de Oomza, a instituição superior mais prestigiada da galáxia. Sua aptidão em matemática e habilidade com astrolábios fazem dela a candidata perfeita para empreender esse desafio interestelar. É, realmente, uma oportunidade imperdível. Mas se decidir partir para explorar as estrelas, passará a viver entre estranhos, pessoas que desconhecem completamente as tradições e os costumes himba – e, principalmente, desistirá de seu lugar entre a família.

No entanto, conhecimento tem um custo, e Binti está disposta a pagar o preço. Mas sua jornada não será fácil. Ela precisará deixar a proteção da vida familiar em sua casa, atravessar as estrelas, afastar-se das fronteiras da Terra, mas isso não é tudo: o mundo que deseja entrar está há muito tempo infestado por Medusas – uma raça alienígena que se tornou seu maior pesadelo. A Universidade de Oomza desonrou as criaturas de uma forma inacreditável, e a viagem estelar de Binti a deixará ao alcance da rainha Medusa.

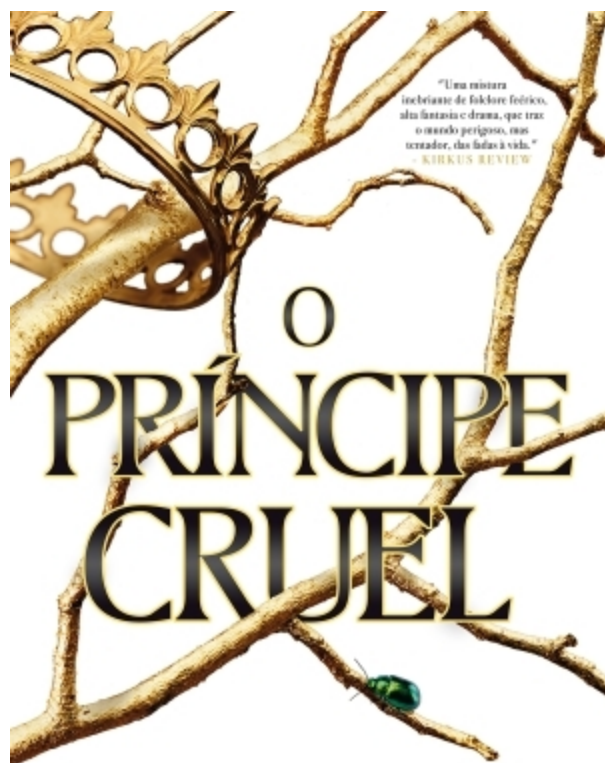
Se Binti quiser sobreviver ao legado de uma guerra não causada por ela, precisará unir os dons e a sabedoria de seu povo à sabedoria dos decanos da Universidade – mas, primeiro, ela precisa chegar viva ao planeta.

A edição brasileira de Binti conta os três volumes da trilogia reunidos em um único volume. Da mesma autora de Bruxa Akata, a série é a primeiro de Nnedi Okorafor ambientado no espaço.

"Há mais imaginação em uma página do trabalho de Okorafor do que em épicos de fantasia." - Ursula K. Le Guin

"Binti é uma leitura esplêndida sobre uma ousada afropolitana no espaço. Uma combinação maravilhosa de aventura extraterrestre e diplomacia africana milenar. Inesquecível!" – Wanuri Kahlu, diretora premiada por trás dos filmes Pumzi e From a Whisper.

[Compre agora e leia](#)



HOLLY BLACK



O príncipe cruel

Black, Holly

9788501101952

322 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro livro da mais nova série de Holly Black. Conheça a impressionante história de uma garota mortal que se vê presa em uma teia de intrigas reais. Jude tinha 7 anos quando seus pais foram assassinados e foi forçada a viver no Reino das Fadas. Dez anos depois, tudo o que ela quer é ser como eles – lindos e imortais – e realmente pertencer ao Reino das Fadas, apesar de sua mortalidade. Mas muitos do povo das Fadas desprezam os humanos. Especialmente o Príncipe Cardan, o filho mais jovem, mais bonito e mais cruel do Grande Rei. Para ganhar um lugar na Alta Corte, ela deve desafiá-lo... e enfrentar as consequências. Envolvida em intrigas e traições do palácio, Jude descobre sua própria capacidade para truques e derramamento de sangue. Mas, com a ameaça de uma guerra civil e o Reino das Fadas por um fio, Jude precisará arriscar sua vida em uma perigosa aliança para salvar suas irmãs, e o próprio Reino. Com personagens únicos, reviravoltas inesperadas, e uma traição de tirar o fôlego, este livro vai deixar o leitor pedindo bis – querendo mergulhar de cabeça na continuação deste universo.

[Compre agora e leia](#)